ROSAMUNDE PILCHER



# Setembro

AUTORA DE
OS CATADORES DE CONCHAS

Contracapa: Quando Os Catadores de Conchas foi publicado, ele entrou de imediato na lista dos best sellers. com mais de quatro milhões de exemplares vendidos nos Estados Unidos e no Canadá, e perto de seis milhões em todo o mundo, tornou-se um fenómeno editorial, permanecendo na lista dos mais vendidos durante dois anos consecutivos.

Os Catadores de Conchas encantou seus leitores, que não resistiram ao charme de Penelope Keeling, filha do pintor Lawrence Stern, autor do quadro que deu nome ao livro, e mãe de três filhos completamente diferentes entre si. Um deles, Noel Keeling, volta agora no novo romance de Rosamunde Pilcher - Setembro.

Rico e envolvente, Setembro trata de personagens de caráter memorável e acima de tudo humanos. O cenário é a Escócia, ambiente nativo de Rosamunde Pilcher. A história

começa em maio, com um convite para uma festa em setembro. Setembro é um mês extraordinário na Escócia, quando um verão passageiro, porém glorioso, finda, e o inverno

longo e cinza ainda não começou. É uma época de grande agitação, com muitas festas, encontros, hóspedes e danças. Setembro é o mês em que são feitas as propostas de casamento e também quando eles são rompidos, quando até os circunspectos escoceses, londrinos e americanos bebem um pouco mais, dançam até mais tarde, fazem-se

promessas, partem-se corações, e segredos de família há muito enterrados são trazidos à baila.

com uma habilidade extraordinária, Rosamunde Pilcher traça mais de uma dúzia de personagens de Londres, Nova York, Escócia e Espanha, reunindo-os em Strathcroy.

A ocasião é o aniversário de vinte e um anos de Katy Steynton, e, à medida que maio cede a junho e o verão inicia, o leitor é arrastado para o destino inexorável dos personagens de Pilcher e para os seus sempre surpreendentes

destinos. Entre eles estão Pandora, Virgínia e Edmund, Violet, Edie, Henry, Lorde Balmerino, Lucilla,

Conrad Tucker... e até mesmo Lotti.

Setembro é um livro para ser sentido e apreciado não somente em setembro, mas em qualquer mês do ano.

ROSAMUNDE PiLCHER e seu esposo Graham vivem em Dindee, Escócia, numa fazenda da família de Graham. Quando não está escrevendo, dedica-se a outra paixão da sua vida,

a jardinagem, e cuida também de vários hóspedes, crianças e animais (fim da contracapa).

# SETEMBRO

## Da mesma autora:

O Carrossel

A Casa Vazia

Os Catadores de Conchas

com Todo Amor

O Dia da Tempestade

O Fim do Verão

Flores na Chuva

O Quarto Azul

O Regresso

Sob o Signo de Gémeos

Solstício de Inverno

O Tigre Adormecido

Um Encontro Inesperado

Victoria

Vozes no Verão

# ROSAMUNDE PILCHER

# SETEMBRO

16a EDIÇÃO

Tradução Angela do Nascimento Machado BERTRAND BRASIL

Copyright (c) 1990 by Robin Pilcher, Mark Pilcher, Fiona Pilcher and Philippa Imde.

Título original: September

Capa: projeto gráfico de Felipe Taborda

2006

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Pilcher, Rosamunde, 1924-

Todos os direitos reservados pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 - 1? andar - São Cristóvão

20921-380 - Rio de Janeiro - RJ

TeL (OXX21) 2585-2070 Fax: (OXX21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendemos pelo Reembolso Postal.

# MAIO

## Terça-feira, 3

No princípio de maio, o verão chegou finalmente à Escócia. O inverno agarrara-se à paisagem, com dedos de aço, por tempo demais, recusando-se a afrouxar suas garras cruéis. Durante todo o mês de abril sopraram ventos cortantes vindos do Noroeste, arrancando as primeiras flores dos geynes selvagens e marcando de marrom as flores amarelas dos narcisos que haviam desabrochado mais cedo. A neve congelara os cumes das colinas e penetrara profundamente os circos, e os fazendeiros, desistindo de esperar que as pastagens brotassem, levavam nos tratores o que lhes restara de ração até os campos nus onde o gado, mugindo, se encolhia ao abrigo dos muros de pedra.

Até mesmo os gansos selvagens, que geralmente se iam lá pelo fim de março, tardavam a voltar a seu habitat no Ártico. Os últimos bandos já haviam desaparecido lá pelos meados de abril, grasnando em direção ao Norte e ao céu desconhecido, voando tão alto em formações semelhantes a pontas de flechas, que pareciam tão irreais quanto teias de aranha flutuando ao vento.

E então, da noite para o dia, o clima caprichoso das Terras Altas amenizou-se. O

vento desviou-se para o Sul, trazendo o bálsamo da brisa e a temperatura amena que o resto do país já gozava há semanas, junto com a fragrância da terra úmida e da natureza desabrochando. O campo cobriu-se de uma doçura verdejante, as cerejeiras brancas e selvagens recuperaram-se do flagelo do inverno, alegraram-se e espalharam os ramos numa neblina de pétalas que pareciam flocos de neve. De repente, os jardins dos chalés desabrocharam em cores: o amarelo dos jasmins que florescem no inverno, o púrpura do açafrão e o azul profundo dos jacintos. Pássaros cantavam, e o sol, pela primeira vez desde o outono, aqueceu aterra.

Escavações circulares nas encostas de montanhas. (N.T.) A cada manhã, durante toda a sua vida, chovesse ou fizessse sol, Violet Aird caminhava até a aldeia para comprar, no supermercado da Sra Ishak, dois litros de leite,

o Times e alguns outros pequenos artigos e mantimentos necessários ao sustento de uma velha senhora que vive sozinha. Só algumas vezes, no auge do inverno, quando a neve se amontoava no caminho e andar sobre o gelo tornava-se perigoso, é que ela evitava esse exercício, obedecendo ao princípio de que a discreção é a melhor faceta da coragem.

Não era uma caminhada fácil. Uma descida de duzentos metros pela estrada íngreme, entre campos que haviam sido antes o parque de Croy, a propriedade de Archie Balmerino,

e depois outros duzentos metros de subida difícil até chegar em casa. Ela tinha

carro e poderia perfeitamente ter guiado até a aldeia, mas estava convicta de que, à medida que se envelhece e se começa a usar o carro para pequenas distâncias, se corre o grave risco de perder a flexibilidade das pernas.

Durante todos os longos meses de inverno, tivera de envolver o corpo em montanhas de roupas para essa expedição. Botas pesadas, suéteres, capa de chuva, cachecol, luvas e um chapéu de lã que lhe cobria a cabeça até as orelhas. Naquela manhã usava uma saia de tweede. um casaco leve, e não cobrira a cabeça. O sol levantava-lhe o ânimo, fazendo-a sentir-se cheia de energia e jovem novamente, e o fato de sentir-se livre de tantos agasalhos fazia-a lembrar-se da alegria da infância, quando

as compridas meias pretas de lã não eram mais necessárias e podia-se sentir o ar fresco e agradável nas pernas nuas.

Naquela manhã, o supermercado estava cheio, e ela teve de esperar algum tempo para ser servida. Para ela isso não tinha importância, porque assim tinha tempo de conversar com outros fregueses, cujos rostos lhe eram familiares, de se maravilhar com o tempo, de perguntar como ia passando a mãe de algum dos outros fregueses, de observar um menino pequeno escolher, deliberada e quase dolorosamente, um pacote de balas Dolly, que

ele resolveu pagar com seu próprio dinheiro. O garoto não tinha pressa. A Sra Ishak esperou com paciência enquanto ele se decidia. Quando isso aconteceu, colocou as balas Dolly num pequeno saco de papel e pegou o dinheiro da mão do menino.

- Você não deve comer todas de uma vez só ou perderá todos os dentes - aconselhou ela. - Bom-dia, Srª Aird.

- Bom-dia, Srª Ishak. Que lindo dia está fazendo, não?

-Quase não pude acreditar quando vi o sol brilhando.-Geralmente a Srª Ishak, que viera do sol implacável do Malávi para aquele clima do Norte, envolvia-se em vários casacos e mantinha um aquecedor à parafina atrás do balcão, perto do qual se enrodilhava sempre que tinha um momento de descanso.

Naquela

manhã, entretanto, parecia muito mais feliz. - Espero que não vá esfriar novamente.

- Acho que não. Chegou o verão. Oh, obrigada, meu leite e meu jornal. Edie está querendo um lustra-móveis e um rolo de toalha de papel. E acho que é melhor levar também meia dúzia de ovos.

- Se a cesta estiver muito pesada, posso mandar o Sr. Ishak levá-la de carro.

- Não, eu mesma levo, muito obrigada.

- A senhora vai ter de caminhar muito. Violet sorriu.

- Mas pense em como isso me faz bem.

Mais uma vez ela partiu, carregada, na direção de casa, na direção de Pennyburn. Lá se foi pela calçada, passou pela fileira de chalés baixos com janelas piscando ao refletir a luz do sol e as portas abertas para deixar entrar o ar quente e fresco; depois passou pelos portões de Croy e subiu a colina novamente. Aquela era uma estrada particular, a entrada de trás da mansão, e Pennyburn ficava a meio caminho, um pouco de lado, cercada de escarpas.

Chegava-se até lá por uma alameda bem cuidada, cercada de faias podadas, e era sempre com alívio que se fazia a curva, sabendo que não se tinha de subir mais.

Violet passou a cesta, que estava ficando pesada, de uma das mãos para a outra e começou a planejar como seria o resto do seu dia. Aquela era uma das manhãs em que Edie vinha ajudá-la, o que queria dizer que poderia deixar a casa por conta dela e ocupar-se com o jardim. Ultimamente, o frio em demasia impedira Violet de trabalhar no jardim, que ficara um tanto abandonado. A grama parecia murcha e cheia de musgo depois do longo inverno. Talvez ela precisasse correr o ancinho pelo gramado e revolvê-lo um pouco. Depois levaria num carrinho-de-mão uma grande quantidade de esterco e o espalharia sobre o novo canteiro de rosas. Tal perspectiva enchia-a de satisfação. Mal podia esperar para lançar-se ao trabalho.

Apressou o passo. Mas, então, quase ao mesmo tempo, viu o carro desconhecido estacionado à porta da frente e compreendeu que, por um tempo, o jardim teria de esperar.

Um visitante. Que aborrecimento! Quem seria? com quem Violet teria de sentar-se e conversar, em vez de ter o direito de dedicar-se à jardinagem?

Era um pequeno Renault bem cuidado, que não deixava pistas quanto ao seu proprietário. Violet entrou pela porta da cozinha e deu com Edie enchendo a chaleira de

água.

Depositou a cesta em cima da mesa.

10

- Quem está aí? - murmurou, apontando com o indicador. Edie também respondeu baixinho:

-A Srª Steynton. De Corriehill.

-Já chegou há muito tempo?

-Chegou há pouco. Pedi que esperasse. Está na sala de visitas. Quer dar uma palavrinha com a senhora. - Edie voltou ao seu tom de voz normal.-Estou fazendo café

para vocês duas. Levo quando estiver pronto.

Sem ter nenhuma desculpa ou meios de escapar, Violet foi ao encontro da visitante.

Verena Steynton estava parada à janela da ensolarada sala de visitas, observando o jardim de Violet. Virou-se quando ela entrou.

- Oh, Violet, desculpe-me. Estou tão sem jeito. Disse a Edie que voltaria uma outra hora, mas ela jurou que você retornaria da aldeia em poucos minutos.

Era uma mulher alta e esguia, de cerca de quarenta anos, sempre muito bem cuidada e elegantemente vestida. O que, imediatamente, a diferenciava das demais senhoras do lugar, na maioria mulheres acostumadas ao campo, sempre ocupadas, sem tempo nem inclinação para se preocupar muito com a aparência. Verena e o marido, Angus, eram considerados recém-chegados naquela vizinhança, pois moravam em Corriehill há apenas dez anos. Antes disso, Angus trabalhara como corretor da Bolsa em Londres, mas, tendo conseguido sua independência financeira e cansado daquela competitividade inescrupulosa, comprara Corriehill, que ficava a vinte quilómetros de Atrathcroy,

mudara-se para lá com a mulher e a filha Katy, e começara a procurar, nas imediações, uma outra e menos exigente ocupação-assim ele esperava. Acabara por assumir

o controle de um ramo de comércio madeireiro quase arruinado, em Relkirk, e, ao longo dos anos, conseguira transformá-lo num negócio próspero e lucrativo.

Verena também tinha a sua ocupação, pois participava ativamente de uma organização chamada Excursões pelo Interior da Escócia. Durante os meses de verão, essa companhia

espalhava visitantes americanos por todos os lados e conseguia alojá-los, pagando, naturalmente, em casas particulares muito bem selecionadas. Isobel Balmerino fora convidada e aceitara participar desse empreendimento-o que lhe dava muito trabalho.

Violet não conseguia imaginar outra maneira mais cansativa de se ganhar algum dinheiro.

Entretanto, do ponto de vista social, a família Steynton provara ser uma grande aquisição para a comunidade, pois eram cordiais e despretensiosos, anfitriões generosos,

e sempre dispostos a dispender tempo e esforço na organização de festas, gincanas e vários outros eventos destinados a angariar fundos.

11

Mesmo assim, Violet não podia imaginar por que Verena a fora procurar.

- Fico contente que você me tenha esperado. Sentiria muito se nos desencontrássemos. Edie está fazendo um pouco de café para nós.

- Eu devia ter telefonado, mas, como estava a caminho de Relkirk, pensei, de repente, que seria melhor dar uma passadinha aqui e ver se encontrava você em casa.

Foi assim, de repente. Você não se importa, não é?

- De jeito nenhum - mentiu Violet com toda ênfase. - Venha, sente-se. Creio que o fogo ainda não foi aceso, mas...

- Oh, céus, quem precisa acender a lareira num dia como este? Não é uma verdadeira bênção poder ver o sol?

Sentou-se no sofá e cruzou as pernas longas e elegantes. Violet, sem tanta graça, deixou-se cair na sua cadeira larga e confortável.

Decidiu ir direto ao assunto.

- Edie disse que você queria trocar uma palavrinha comigo.

- De repente, pensei... você seria a pessoa apropriada para ajudar.

O coração de Violet desmoronou, prevendo algum bazar, inauguração de jardim ou concerto de caridade, para os quais solicitariam que ela tricotasse alguns casaquinhos, declarasse aberto à visitação ou vendesse ingressos.

-Ajudar? - disse com voz fraca.

- Não. Não tanto ajudar, mas aconselhar. Sabe, estou pensando em dar uma festa dançante.

- Uma festa dançante!

- É. Para Katy. Ela vai fazer vinte e um anos.

- Mas como é que eu posso aconselhar você? Não consigo me lembrar de ter feito alguma coisa assim há muitos anos. Acho melhor você consultar alguém mais atualizado.

Por que não Peggy Ferguson-Crombie, ou Isobel?

- É que eu pensei... você tem tanta experiência. Mora aqui há mais tempo do que qualquer outra pessoa que conheço. Queria observar como você reagiria à ideia.

Violet ficou surpresa. Quando estava procurando algo para dizer, viu com alegria que Edie entrava com a bandeja de café e a depositava sobre o banquinho ao pé da lareira.

- Querem biscoito? - perguntou.

- Não, Edie, acho que assim já está muito bem. Muito obrigada. Edie saiu. Poucos instantes depois, podia-se ouvir o aspirador de pó rugindo no andar de cima. Violet serviu o café.

- Em que tipo de festa você está pensando?

- Oh, você sabe. Danças escocesas e campestres. Violet pensou que, de fato, conhecia.

- Você quer dizer fitas no aparelho de som e quatro casais dançando no vestíbulo?

- Não, nada desse tipo. Uma grande festa dançante. com estilo. com um toldo sobre o gramado...

- Espero que Angus esteja se sentindo um homem rico. Verena ignorou a interrupção.

-... E com uma orquestra adequada ao tipo de música. Usaremos o saguão, é claro, mas só para quem for apenas assistir. E também a sala de visitas. Estou certa de que Katy vai querer música de discoteca para seus amigos de Londres, parece que é o correto. Talvez a sala de jantar. Poderíamos transformá-la numa caverna ou numa gruta...

"Cavernas e grutas", pensou Violet. Verena realmente andara se aprimorando. Mas ela era mesmo uma excelente organizadora. Violet disse suavemente:

- Você anda mesmo fazendo muitos planos.

- E Katy poderá convidar todos os seus amigos do Sul... Teremos que achar acomodações para eles, é claro...

- Você já falou com Katy sobre a sua ideia?

- Não, já disse a você que não. Você é a primeira pessoa a saber.

- Talvez ela não queira uma festa dançante.

- Mas é claro que ela vai querer. Ela sempre adorou festas. Violet, que conhecia Katy, concluiu que provavelmente isso era

verdade. - E quando é que vai ser?

- Eu pensei em fazer em setembro. É a época mais óbvia. Dezenas de pessoas que vêm para a temporada de caça, e todos ainda em férias. Poderia ser no dia dezesseis, porque, nessa época, a maioria das crianças menores já terá voltado a seus colégios.

- Estamos apenas em maio. Setembro ainda está muito longe.

- Eu sei, mas nunca é cedo para se marcar uma data e começar a fazer os preparativos. Terei que reservar o toldo, contratar os fornecedores, mandar imprimir os convites...

- E apresentou outra sugestão agradável: - E, Violet, que tal lanternas japonesas por todo o caminho do portão até a entrada da casa?

Tudo isso parecia terrivelmente ambicioso.

- Vai ser muito trabalho para você.

-Não, na verdade, não. A invasão dos turistas já terá acabado, porque os hóspedes pagantes só chegam até o final de agosto. Terei tempo de concentrar-me na organização

da festa. Admita, Violet, é uma boa ideia. E

' No original, reel: dança escocesa vibrante, geralmente para dois casais. (N.T.) "

No original, eightsomes-. dança escocesa vibrante para oito dançarinos. (N.T.) 13

pense só no número de pessoas que poderei riscar da minha lista de obrigações sociais. Poderemos riscar todo mundo numa investida só. Incluindo - acrescentou -

os

Barwells. -Acho que não conheço os Barwells.

- Não, nem poderia. São do mesmo ramo de negócio de Angus. Jantamos duas vezes com eles. Duas noites de bocejos e tédio. E nunca retribuímos o convite, simplesmente porque não conseguimos pensar em ninguém que pudéssemos convidar para suportar passar uma noite em companhia tão terrivelmente maçante. E ainda há muitos outros-lembrou

com satisfação. - Quando eu falar sobre eles com Angus, ele não vai botar nenhuma dificuldade em assinar alguns cheques.

Violet sentiu um pouco de pena de Angus.

- Quem mais você vai convidar?

- Oh, todo mundo. Os Millburns, os Ferguson-Crombies, os Buchanan-Wrights, a velha Lady Westerdale, e os Brandos. E os Staffords. Os filhos de todos eles já estão crescidos, portanto, também poderão ser convidados. E os Middletons já deverão ter vindo de Hampshire, e os Luards, de Gloucestershire. Faremos uma lista. vou prender uma folha de papel no quadro de avisos da cozinha e toda vez que pensar em alguém mais tomarei nota. E você também, Violet, é claro. E Edmund, e Virgínia, e Alexa.

E os Balmerinos. Isobel vai oferecer-me um jantar, tenho certeza...

De repente, tudo pareceu muito engraçado. O pensamento de Violet voltou ao passado, a ocasiões esquecidas e agora relembradas. Uma recordação levou à outra. Disse sem pensar:

- Você devia mandar um convite para Pandora. - E, depois, não conseguiu imaginar por que fizera essa sugestão impulsiva.

- Pandora?

-A irmã de Archie Balmerino. Quando se pensa em festas, pensa-se automaticamente em Pandora. Mas é claro que você não teve ocasião de conhecê-la.

- Mas já ouvi falar dela. Por alguma razão o nome dela parece sempre surgir durante a conversa nos jantares aonde vou. Você acha que ela viria? É

verdade que ela não visita a família há mais de vinte anos?

- É verdade. Foi uma sugestão tola. Mas, por que não tentar? Que choque seria para o pobre Archie. E, se alguma coisa pudesse trazer essa criatura errante de volta a Croy, seria a atração de um baile animado.

- com que, então, você está do meu lado, hein, Violet? Acha que eu devo ir em frente e organizar a festa?

- Sim, acho. Se você tem a energia e os recursos, acho que é uma ideia maravilhosa e generosa. Teremos todos algo esplêndido para aguardar com ansiedade.

- Não diga nada até eu ter dobrado Angus.

- Nem uma palavra.

Verena sorriu satisfeita. E, então, ocorreu-lhe outro pensamento agradável.

-Terei uma boa desculpa-disse-para comprar um vestido novo. Mas Violet não tinha esse problema.

- Eu - disse a Verena - vou usar meu vestido de veludo preto.

15

Quinta-feira, 12

A noite foi curta e ele não dormiu. Logo amanheceria.

Pensara que, pelo menos daquela vez, conseguiria dormir, pois estava cansado, exausto. Esgotado por três dias passados numa Nova York estranhamente quente para aquela

época do ano; dias repletos de reuniões durante o café da manhã, almoços de negócios, tardes compridas passadas em debates e discussões; Coca-Cola e café em

excesso,

recepções em demasia, noites de pouco sono, e uma total falta de exercício e de ar puro.

Finalmente, obtivera sucesso, embora não com tanta facilidade. Harvey Klein era um osso duro de roer, e fora necessário persuadi-lo de que aquele era o melhor e, na verdade, o único caminho para fisgar o mercado inglês. Acampanha criativa que Noel trouxera para Nova York, abrangendo datas, layouts e fotografias, fora totalmente

aprovada. com o contrato assegurado, Noel podia voltar para Londres. Arrumar a mala, dar um último telefonema, encher a pasta com documentos e a calculadora, receber

outro telefonema (Harvey Klein desejando-lhe boa viagem), descer, fechar a conta do hotel, fazer sinal para um táxi e rumar para o Aeroporto John Kennedy.

Ao brilho das luzes noturnas, Manhattan, como sempre, parecia um lugar milagroso-torres luminosas erguendo-se em direção ao brilho que se espalhava pelo céu, e as ruas e avenidas movendo-se em rios de faróis. Ali estava uma cidade que oferecia, de maneira aberta e atrevida, todas as formas de prazer imagináveis.

Em visitas anteriores, aproveitara ao máximo todos esses prazeres, mas, dessa vez, não tivera oportunidade de desfrutar de nenhum deles, e lamentou partir assim, como se tivesse sido arrancado de uma festa maravilhosa muito antes de começar a divertir-se.

Quando chegaram ao aeroporto, o táxi deixou-o no terminal da British Airways.

Entrou na fila, apresentou a passagem no balcão, livrou-se da mala, entrou novamente

na fila para passar pela Segurança e, finalmente, 16

dirigiu-se à sala de espera. Comprou uma garrafa de uísque nofreeshop, uma Newsweeke, uma AdvertisingAgena banca de jornais. Esparramou-se numa

cadeira, cansado,

aguardando que anunciassem seu voo.

Por cortesia da Wenborn & Weinburg, estava viajando na classe executiva; assim, pelo menos, haveria espaço para as suas pernas compridas, e pedira um assento perto da janela. Tirou o paletó, sentou-se, sentiu vontade de beber alguma coisa.

Ocorreu-lhe que seria uma sorte se ninguém se sentasse a seu lado, mas essa ténue esperança

morreu quase que de imediato, quando um indivíduo corpulento, num terno listrado azul-marinho, tomou posse do lugar, empilhou várias malas e embrulhos no compartimento

de bagagens, e, finalmente, desabou, esparramando-se, a seu lado.

O homem ocupava um bocado de espaço. Estava fresco dentro do avião, mas seu vizinho sentia calor. Tirou um lenço de seda do bolso e enxugou a testa, soergueu-se e arqueou-se, procurou o cinto de segurança e acabou dando uma cotovelada quase dolorosa em Noel.

- Desculpe. Parece que o avião está superlotado.

Noel não queria conversar. Sorriu, balançou a cabeça e abriu sua Newsweek incisivamente.

O avião levantou voo. Serviram-se os coquetéis e, depois, o jantar. Não estava com fome, mas comeu, porque ajudava a passar o tempo e não havia mais nada para fazer.

O enorme 747 zumbia, sobrevoando o Atlântico. O jantar acabou, e passou-se ao filme. Noel já o vira em Londres; assim, pediu à aeromoça que lhe trouxesse um uísque

com soda; bebeu-o devagar, balançando o copo, fazendo-o durar. Apagaram-se as luzes da cabine, e os passageiros pegaram os travesseiros e cobertores. O homem gordo cruzou as mãos sobre o estômago e pôs-se a roncar

portentosamente. Noel fechou os olhos, mas, quando o fez, sentiu como se estivessem cheios de areia, então abriu-os de novo. Sua mente disparou. Estivera trabalhando a todo vapor durante três dias e, agora, recusava-se a parar. Desaparecia, assim, qualquer possibilidade de esquecimento.

Ficou imaginando porque não se sentia um vencedor, pois conseguira a preciosa conta e estava voltando para casa com tudo devidamente alinhavado. Uma metáfora adequada para Saddlebags. Saddlebags. Uma dessas palavras que, quanto mais você a pronuncia, mais ridícula soa. Mas não era ridícula. Era importantíssima não só para Noel Keeling, mas também para Wenborn & Weinburg.

Saddlebags. Uma companhia com raízes no Colorado, onde surgira há alguns anos, fabricando objetos de couro de alta classe para fazendeiros. Selas, freios, correias,

rédeas e botas, todos com a prestigiosa marca de uma ferradura cercando a letra S.

Desse modesto começo, a reputação e as vendas da companhia 17

expandiram-se por todo o país, ultrapassando todas as rivais. Passaram a fabricar outros artigos. Malas, bolsas, acessórios da moda, sapatos, botas Tudo do mais fino couro, cozido à mão e também com acabamento à mão. O logotipo da Saddlebags tornou-se um símbolo de status, rivalizando com Gucci ou Ferragamo, e com preços à altura. Sua reputação espalhou-se, de modo que todos que iam aos Estados Unidos e queriam voltar para casa com um artigo que realmente impressionasse, escolhiam uma sacola ou um cinto feito à mão, com fivela dourada, da Saddlebags.

E, então, correu o boato de que estavam entrando no mercado britânico por meio de uma ou duas lojas de Londres cuidadosamente escolhidas. Charles Weinburg, o diretor-presidente

de Noel, ficou sabendo disso por um comentário casual ouvido num jantar, em Londres. Na manhã seguinte, Noel, como primeiro vice-presidente e diretor de criação,

foi chamado para ouvir suas instruções.

-Quero essa conta, Noel. Até o momento, poucas pessoas neste país ouviram falar da Saddlebags, e eles vão precisar de uma campanha de primeira linha. Já temos um bom começo e, se manobrarmos bem, sei que obteremos sucesso. Por isso liguei para Nova York ontem à noite e falei com o presidente da Saddlebags, Harvey Klein. Ele concorda com uma reunião, mas quer uma apresentação completa: layouts, cobertura na mídia, slogans, serviço completo. Material de primeira, anúncios em cores de página inteira. Você tem duas semanas. Ponha o departamento de arte para funcionar e tente bolar alguma coisa. E, pelo amor de Deus, encontre um fotógrafo que faça um modelo masculino parecer um homem e não um manequim de vitrina. Se for necessário, contrate um jogador de pólo de verdade. Se ele concordar em posar, não me importo

com o que tenhamos de pagar...

Há nove anos Noel Keeling trabalhava para a Wenborn & Weinburg. No mercado publicitário, considera-se nove anos muito tempo para um homem permanecer na mesma firma,

e, de vez em quando, surpreendia-se com seu progresso ininterrupto. Outros contemporâneos seus que haviam começado junto com ele já tinham saído - para outras agências

ou, até mesmo, como alguns colegas, para abrir suas próprias agências. Mas Noel permanecera.

As razões para tal constância fundamentavam-se, basicamente, na sua vida pessoal.

Na verdade, depois de um ano ou dois na firma, considerara seriamente a possibilidade

de sair. Sentia-se inquieto, insatisfeito e não muito interessado no trabalho.

Sonhava com campos mais verdes: estabelecer-se

por conta própria, abandonar completamente o ramo publicitário, mudar-se para o mercado imobiliário ou o comércio. Sonhando com planos para ganhar um milhão, sabia que o que o impedia de realizá-los era, simplesmente, a falta do capital necessário. Mas não tinha capital, e a frustração das oportunidades perdidas levou-o quase

à loucura.

E, então, há quatro anos, as coisas haviam mudado dramaticamente. Estava com trinta anos, solteiro, e manobrando, ainda resolutamente, uma penca de namoradas, sem

suspeitar de que aquele estado de coisas irresponsável não iria durar para sempre.

Mas sua mãe morreu de repente, e, pela primeira vez na vida, Noel sentiu-se um homem sem recursos.

A morte dela foi tão inesperada, que, por algum tempo, ele ficou chocado a ponto de achar quase impossível aceitar o fato de que ela se fora para sempre. Sempre a amara, de um modo desligado e pouco sentimental, mas, basicamente, pensara nela como sua fonte permanente de comida, bebida, roupas limpas, camas quentes e, quando assim solicitasse, apoio moral. Em contrapartida, respeitara não só o espírito independente dela, mas, também, o fato de que nunca interferira, de nenhum modo, em sua vida particular. Ao mesmo tempo, muitas de suas atitudes tolas haviam-no irritado. A pior de todas era o hábito de cercar-se dos mais miseráveis e necessitados

agregados. Todos eram seus amigos. Chamava-os todos de amigos. Noel chamava-os um banco de malditos parasitas. Ela não levava em consideração essa atitude cínica

- solteironas desamparadas, viúvas solitárias, artistas sem um tostão e atores desempregados sentiam-se atraídos por ela como mariposas pela chama de uma vela.

Ele

achava a generosidade dela, para com qualquer desprotegido da sorte, irresponsável e egoísta, pois parecia que nunca sobrava dinheiro para as coisas que ele acreditava

serem primordiais.

Quando morreu, seu testamento refletiu essa bondade irresponsável. Um legado polpudo para um rapaz - ninguém ligado à família -, que ela resolvera tomar sob sua proteção e a quem, por alguma razão, quisera ajudar.

Foi um duro golpe para Noel. Seus sentimentos - e seu bolso foram profundamente atingidos, e ele, consumido por um ressentimento totalmente impotente. Não adiantava

ficar com raiva; ela se fora. Dela não podia cobrar nada, acusá-la de deslealdade nem lhe perguntar que diabo ela pensava estar fazendo. A mãe estava fora do seu alcance. Imaginava-a a salvo da ira dele, além de algum abismo ou rio que não podia ser atravessado,

cercada de sol, campos, árvores, do que quer que fizesse parte da concepção dela de Céu. Provavelmente estava rindo do filho com seu jeito suave, os olhos escuros e brilhantes cheios de malícia, imperturbável, como sempre, diante das exigências e das censuras dele.

Como só tinha duas irmãs a quem infernizar, deu as costas à família 19

e concentrou-se no único elemento estável que lhe restara na vida: o trabalho. Para surpresa sua -, e de seus superiores -, descobriu, bem a tempo, não só que estava interessado no ramo publicitário, mas também que era muito bom naquilo. Quando terminou o inventário da mãe, e a parte dele foi devidamente depositada no banco, as fantasias juvenis de negócios vultosos e lucros rápidos desapareceram para sempre. Noel compreendeu também que fazer dinheiro com a fortuna hipotética de outra

pessoa era muito diferente de separar-se da sua. Sentiu que precisava proteger seu saldo bancário como se esse fosse uma criança e não estava

disposto a arriscá-lo por qualquer coisa. Em vez disso, e de maneira modesta, comprou um carro novo e começou, timidamente, a informar-se sobre um novo lugar para morar...

A vida prosseguiu. Mas a juventude se fora, e era uma vida diferente. Pouco a pouco, Noel aceitou o fato e, ao mesmo tempo, descobriu que era incapaz de conservar

a últimaqueixa contra a mãe. Alimentar ressentimentos inúteis era cansativo demais. E, no final, teve de admitir que não se saíra mal daquilo tudo.

Também

sentia falta dela. Nos últimos anos vira-a pouco

- ela estava sempre enfurnada nas profundezas de Gloucestershire -, mas, ainda assim, estava lá-do outro lado do telefone ou no final de uma longa viagem de carro,

quando se sente que não se pode mais suportar as ruas quentes do verão londrino por

nem mais um momento. Não importava se estava sozinho ou se levava meia dúzia de amigos para o fim de semana. Havia sempre espaço, uma acolhida tranquila, comida deliciosa, tudo ou nada para fazer. O fogo crepitando, flores perfumadas, banhos quentes; camas quentes e confortáveis, vinhos finos e conversa fácil.

Fora-se tudo. A casa e o jardim vendidos para estranhos. O cheiro quente da cozinha e a sensação agradável de que alguém mais estava no comando, e de que você não tinha que tomar uma única decisão. E fora-se a única pessoa no mundo para quem não se tinha de representar ou fingir. A vida sem ela, mesmo sendo ela uma pessoa difícil e caprichosa, era como viver com um buraco esfarrapado no meio do peito, e levaria tempo, lembrava-se ele amargamente, para acostumar-se.

Suspirou. Tudo parecia ter acontecido muito tempo atrás. Um outro mundo. Terminou seu uísque e ficou sentado, olhando a escuridão lá fora. Lembrou-

se de que tinha quatro anos quando teve sarampo e de como as noites febris pareciam tão longas quanto o tempo de uma vida, cada minuto durava uma hora, e a aurora, tão distante quanto a eternidade.

Agora, trinta anos depois, ele observava o amanhecer. O céu iluminou-se, e o sol deslizou detrás do falso horizonte de nuvens, e tudo se coloriu de rosa, e a luminosidade

ofuscava a vista. Contemplou a aurora e sentiu-se agradecido porque ela espantara a noite; agora, já era o dia seguinte, e ele não precisava mais tentar dormir.

À sua volta, as pessoas



despertavam. As comissárias de bordo serviram suco de laranja e distribuíram toalhas de rosto escaldantes. Ele enxugou o rosto e sentiu a barba despontando no queixo.

Outros saíram do torpor matinal, procuraram suas bolsas com artigos de toalete, dirigiram-se ao lavatório para fazer a barba. Noel ficou onde estava. Faria a barba quando chegasse em casa.

O que se deu três horas mais tarde. Sujo, cansado e desgrenhado, saltou do táxi e pagou a corrida. O ar da manhã estava frio, abençoadamente frio depois de Nova York, e caía uma chuva fria, uma garoa úmida. Na Praça Pembroke, as árvores verdejavam, as calçadas estavam molhadas. Aspirou o frescor da manhã e, quando o táxi

partiu, parou por um momento e pensou em passar aquele dia sozinho, recuperando-se.

Tirando uma soneca, dando uma longa caminhada. Mas isso não era possível. Havia muito trabalho a ser feito. O escritório e o diretor-presidente o esperavam. Noel apanhou a mala e a pasta, desceu os degraus da entrada e abriu a porta de casa.

Era chamado de apartamento com jardim, porque, nos fundos, portas de correr abriam-se para um pequeno pátio, sua fatia do jardim maior da casa de paredes altas.

À tardinha batia sol, mas àquela hora matinal só havia sombras, e, no andar de cima, o gato estava confortavelmente acomodado numa de suas cadeiras de lona, tendo,

aparentemente, passado a noite ali.

Não era um apartamento grande, mas os cómodos eram espaçosos. Uma sala de estar e um quarto, uma cozinha pequena e um banheiro. As visitas tinham que dormir no sofá, uma peça enganadora que, se manejada com determinação, transformava-se numa segunda cama de casal. A Srª Muspratt, a faxineira, andara por ali enquanto ele estivera fora, e, portanto, estava tudo limpo e arrumado, mas sem ar e abafado.

Abriu as portas do fundo e enxotou o gato. No quarto, abriu a mala e tirou a bolsa com seus artigos de toalete. Despiu-se e deixou as roupas sujas e amarrotadas no chão. No banheiro, escovou os dentes, tomou uma ducha quente, fez a barba.

Agora, mais do que de tudo, precisava de um café. Só de roupão e descalço, foi até à cozinha, encheu a chaleira e acendeu o fogo, derramou o pó na cafeteira francesa.

O cheiro era animador e delicioso. Enquanto o café coava, apanhou a correspondência,

sentou-se à mesa da cozinha e passou os olhos pelos envelopes. Nenhum parecia muito urgente. Havia, entretanto, um cartão-postal supercolorido de Gibraltar. Virou-o do outro lado. Fora expedido de Londres e era da esposa de Hugh Pennington, um velho colega de escola que morava na Rua Ovington.

Noel, tenho ligado para você, mas ninguém atende. A menos que nos avise, estamos esperando você para jantar no dia treze. Entre 730h e 8h. Não é a rigor. Beijos, Delia

Suspirou. Essa noite. A menos que nos avise. Oh, bom, até lá provavelmente teria recuperado o fôlego. E seria mais interessante do que ficar assistindo à televisão.

Deixou o cartão-postal em cima da mesa, levantou-se e foi tomar o café.

Fechado no escritório, em reunião a maior parte do dia, Noel perdeu completamente a noção do que estava acontecendo lá fora. Finalmente saiu e pegou o carro para voltar à casa na hora do rush, quando o trânsito não avançava, mas, ao contrário, movia-se ao passo de uma tartaruga artrítica; viu que a chuva da manhã dispersara a brisa e fazia uma noite perfeita de maio. Naquele momento, atingira o estado além da exaustão, quando tudo se torna leve, claro e estranhamente incorpóreo, e a perspectiva do sono parece tão remota quanto a morte. Em vez disso, outra ducha, uma troca de roupa e uma bebida. E, depois, não tiraria o carro; caminharia até a Rua Ovington. O ar fresco e o exercício serviriam para abrir o apetite, preparando-o para a deliciosa refeição que, ele esperava, o estaria aguardando. Mal podia

lembrar-se de quando fora a última vez em que se sentara à mesa para comer algo que não fosse um sanduíche.

Fora uma boa ideia caminhar. Passou por ruas transversais arborizadas, residências com terraços e jardins onde magnólias se abriam e glicínias agarravam-se às paredes das casas ricas de Londres. Saindo da Brompton Road, atravessou pelo Edifício Michelin e virou na Rua Walton. Ali diminuiu o passo e parou para olhar as sofisticadas

vitrinas, as lojas de decoração e a galeria de arte, que vendia pinturas de temas esportivos, cenas de caçadas, e pinturas a óleo de fiéis cães labrador pulando na neve com faisões na boca. Havia um Thorburn que ele cobiçou. Ficou ali parado mais tempo do que pretendia, olhando o quadro. Talvez ligasse para a galeria no dia seguinte e descobrisse o preço. Instantes depois, prosseguiu caminho.

Quando chegou à Rua Ovington, eram vinte e cinco para as oito. As calçadas estavam tomadas pelos carros dos moradores e algumas crianças maiores andavam de bicicleta no meio da rua. A casa dos Penningtons

ficava a meio caminho do terraço. Quando se aproximou, uma moça saiu da calçada e veio na direção dele. Trazia um pequeno terrier escocês branco na coleira e, aparentemente,

dirigia-se à caixa do correio, pois levava uma carta na mão. Olhou-a; usava jeans e um suéter cinza, e seu cabelo era da cor do melhor tipo de marmelada; não era alta nem particularmente esguia. Na verdade, não era nem um pouco o tipo de Noel.

E, no entanto, quando ela passou por ele, olhou-a duas vezes, pois havia nela algo familiar, mas era difícil dizer onde se poderiam ter conhecido. Em alguma festa, talvez. O cabelo era inesquecível...

A caminhada cansara-o e percebeu, quase dolorosamente, que precisava de um drinque.

Como tinha coisas mais importantes em que pensar, tratou de tirar a garota da cabeça; subiu os degraus e apertou firmemente a campainha. Girou a maçaneta da porta, pronto para saudar os amigos. Oi, Delia, sou eu. Cheguei.

Mas nada aconteceu. A porta continuou fechada, o que era estranho e fora dos hábitos deles. Sabendo que ele estava a caminho, Delia certamente teria deixado a porta

destrancada. Tocou de novo a campainha. E aguardou.

Mais silêncio. Disse a si mesmo que eles tinham de estar lá dentro, mas já sabia, com horrível certeza, que ninguém iria atender e que os Penningtons, diabos os levassem, não estavam em casa.

- Olá.

Deu as costas à porta pouco hospitaleira. Na calçada embaixo estava a moça baixinha e gordinha com o cachorro, de volta depois de ter posto a carta no correio.

- Oi.

- Está procurando os Penningtons?

- Eles deviam estar-me esperando para jantar.

- Eles saíram. Vi-os saírem de carro.

Noel digeriu, num silêncio soturno, essa confirmação desagradável do que já sabia.

Desapontado e decepcionado, sentiu má vontade em relação à garota, como geralmente nos sentimos quando alguém nos diz alguma coisa absolutamente desagradável.

Ocorreu-lhe que não deveria ter sido muito divertido estar na pele de um mensageiro medieval.

Havia muitas chances de se ficar sem a cabeça ou, então, de ser usado como bala humana para alguma monstruosa catapulta.

Esperou que ela fosse embora. Não foi. Pensou: merda. E então, resignado, botou as mãos no bolso e desceu para perto dela.

Ela mordeu os lábios.

- Que pena. É tão chato quando acontece uma coisa assim.

- Não posso imaginar o que houve.

- O pior - disse-lhe ela, no tom de alguém decidido a ver o lado bom da coisa - é quando você chega na noite errada e não é você que estão esperando. Já me aconteceu isso uma vez, e foi terrivelmente embaraçoso. Confundi as datas.

Isso não ajudava muito.

-Acho que você pensa que confundi as datas.

-É muito comum.

- Não desta vez. Só recebi o cartão-postal hoje de manhã. Dia 13.

Ela disse:

-Mas hoje é dia 12.

- Não, não é. - Ele estava seguro. - É dia 13.

-Lamento muito, mas é dia 12. Quinta-feira, 12 de maio. - Falou em tom de desculpa, como se a confusão fosse culpa dela. - Amanhã é que é dia 13!

Devagar, seu cérebro encharcado de bebida registrou o fato. Terça, quarta... que o diabo a carregue, ela estava certa. Os dias haviam-se atropelado, e, em algum ponto, perdera a conta. Sentiu-se vergonhosamente tolo e, por causa disso, começou de repente a desculpar-se pela própria burrice.

-Tenho trabalhado muito. Viajado. Estive em Nova York. Voltei hoje de manhã. O fuso horário mexe muito com a cabeça da gente.

Ela adotou uma expressão simpática. O cachorro cheirou suas calças e ele se afastou, não querendo que o animal fizesse xixi nele. O cabelo dela era surpreendente

ao sol da tardinha. Tinha olhos cinzas, salpicados de verde, e pele leitosa, aveludada como um pêssego.

Em algum lugar. Mas onde?

Franziu a testa.

- Será que já não nos encontramos antes? Ela sorriu.

- Bem, na verdade, sim. Há cerca de seis meses. No coquetel dos Hathaways, na Rua Lincoln. Mas havia um milhão de pessoas, não vejo por que você deveria lembrar-se.

Não, ele não deveria. Porque ela não era o tipo de garota que ele notaria, de que gostaria de estar perto ou, mesmo, de conversar. Além disso, fora àquela

festa com Vanessa e passara a maior parte do tempo tentando localizá-la e impedindo-a de achar outro homem que a convidasse para jantar.

- Imagine. Sinto muito. E como é que você se lembrou de mim... - disse.

- Na verdade, houve uma outra ocasião. - O coração dele desmoronou, temendo ter que se confrontar com outra gafe social. - Você trabalha na Wenborn & Weinburg, não é? Eu trabalhei como cozinheira num almoço para a diretoria há umas seis semanas.

Mas você não me teria



notado, porque eu estava usando um macacão branco e servindo os pratos. Ninguém olha para cozinheiras ou garçonetes. É uma sensação estranha, como se você fosse invisível.

Achou que isso era verdade. Agora que já se sentia mais receptivo, perguntou-lhe o nome.

- Alexa Aird.

- Noel Keeling.

-Eu sei. Lembro-me da festa dos Hathaways e, depois, do tal almoço. Tive de fazer uma substituição e escrever os nomes nos cartões.

Noel voltou àquele dia e lembrou-se com detalhes do delicioso almoço que ela preparara. Salmão defumado, bife de filé-mignon grelhado à perfeição, salada de agrião

e sorvete de limão. Só em pensar nessas delícias ficou com água na boca. O que o fez lembrar que estava morrendo de fome.

- Para quem você trabalha?

- Para mim mesma. Sou free-lancer- disse com orgulho. Noel torceu para que ela não resolvesse contar a história de sua carreira. Não se sentia com forças

para ficar ali parado ouvindo. Precisava de comida, porém, mais ainda, de um drinque. Devia arranjar alguma desculpa, ir embora, livrar-se dela. Abriu a boca, mas ela falou primeiro.

- Você gostaria de tomar um drinque comigo?

O convite foi tão inesperado, que ele não respondeu de imediato. Olhou-a e encontrou seu olhar ansioso, e percebeu que, na verdade, ela era extremamente tímida e

que fazer tal pergunta lhe exigira muita coragem. Também não tinha certeza se ela o estava convidando para o bar mais próximo ou para algum sótão em forma de gruta compartilhado com várias colegas, uma das quais, sem dúvida, teria acabado de lavar os cabelos. Não havia razão para comprometer-se. Foi cauteloso.

- Onde?

- Moro a duas casas dos Penningtons. E você parece que está precisando de um drinque.

Parou de ser cauteloso.

- Estou.

- Não há nada pior do que ir ao lugar errado na hora errada, e sabendo que é tudo culpa sua.

O que poderia ter sido dito com mais tato. Mas ela era gentil.

- Você é muito gentil. - Decidiu-se. - Gostaria muito.

A casa era idêntica a dos Penningtons, mas a porta da frente não era preta; era azul-escuro, e do lado havia um loureiro num vaso. Ela foi na frente, abriu com a chave; ele a seguiu. Ela fechou a porta e depois inclinou-se para soltar a coleira do cãozinho. Imediatamente, o animal foi beber sofregamente a água de uma tigela redonda, bem à mão, perto da escada. Na tigela estava escrito CACHORRO.

- Ele sempre faz isso quando chega. Acho que pensa que fez uma caminhada muito longa - ela disse.

- Qual é o nome dele?

- Larry.

O cachorro bebia, fazendo grande ruído e enchendo o silêncio, porque, pela primeira vez na vida, Noel Keeling não sabia o que falar. Fora apanhado desprevenido.

Não tinha certeza do que esperara, mas, certamente, não era aquilo: uma impressão instantânea de calor e opulência, marcada por evidências de riqueza e bom gosto.

Era uma grande residência londrina, só que em miniatura. Observou o vestíbulo estreito, a escada íngreme, o corrimão lustrado. Um carpete cor de mel, espesso, de uma parede a outra; um console antigo com um vaso de azaléias em cima; um espelho oval com moldura decorada. E, também, e foi o que mais lhe chamou a atenção, o aroma. Dolorosamente familiar. Cera, maçãs, uma sugestão de café fresco. Uma mistura de pétalas de rosa e especiarias, talvez, e de flores de verão. O aroma da nostalgia,

da juventude. O aroma das casas onde sua mãe havia criado os filhos.

Quem seria o responsável por aquele assalto à sua memória? E quem era Alexa Aird?

Era uma ocasião para falar de trivialidades, mas Noel não conseguia pensar em nada para dizer. Talvez fosse melhor. Ficou esperando para ver o que acontecia, esperando que ela o levasse para o andar de cima, para algum apartamentinho conjugado

alugado ou para um pequeno sótão. Mas ela colocou a coleira do cachorro em cima da mesa e disse, como uma verdadeira anfitriã:

- Por favor, entre. - E levou-o para a sala.

A sala, estreita e comprida, estendia-se da frente aos fundos da casa. A sala de visitas - grandiosa demais para ser chamada de estar - dava para o final da rua; o outro lado havia sido transformado em sala de estar. Ali, portas envidraçadas abriam-se para um balcão trabalhado em ferro, iluminado por gerânios em vasos de cerâmica.

Tudo era rosa e dourado. Cortinas, grossas como edredons, pendiam em pregas e dobras. Sofás e cadeiras forrados frouxamente com todos os tipos de chita, e espalhados

ao acaso junto com almofadas bordadas. Prateleiras em recessos nas paredes, cheias de porcelanas azuis e brancas, e uma escrivaninha bombé cheia e aberta, repleta de cartas e papéis de uma dona muito atarefada.

Era tudo muito elegante e adulto, e não condizia de modo nenhum com aquela garota comum e não muito atraente usando jeans e suéter. Noel pigarreou.

- Que sala encantadora.

-É, é bonita, não é? Você deve estar exausto. -Agora, que se sentia segura em seu próprio território, não parecia tão tímida. - Essa mudança de fuso horário mata.

Quando meu pai vem de Nova York, costuma vir de Concorde, porque ele detesta esses voos noturnos.

- vou melhorar.

- O que você gostaria de beber?

- Você tem uísque?

- Claro. Grouse ou Haig's? Ele mal podia acreditar.

- Grouse!

- Gelo?

- Se tiver.

- vou lá embaixo na cozinha apanhar. Se você quiser ir servindo... tem copos... tem tudo ali. Não demoro...

Ela saiu. Ouviu-a falando com o cachorrinho e, depois, o som de passos leves descendo a escada até o porão. Ficou tudo quieto. Provavelmente o cachorro fora com ela. Um drinque. Dirigiu-se à outra extremidade da sala, onde havia um aparador invejável com garrafas de vários tamanhos.

Na parede em frente havia encantadoras pinturas a óleo, naturezas mortas e cenas campestres. Seus olhos, observando, avaliando, fixaram-se no faisão prateado no centro da mesa oval, nos belos veleiros georgianos. Foi até a janela e ficou olhando o jardim - um pequeno pátio cimentado com rosas subindo pelo muro de tijolos

e um canteiro suspenso de goivos. Havia uma mesa branca de ferro trabalhado com quatro cadeiras combinando, despertando visões de refeições ao ar livre, ceias no verão, vinho gelado.

Um drinque. Havia seis copos grandes e pesados, devidamente 26

alinhados sobre o aparador. Pegou a garrafa grouse, serviu uma dose, acrescentou soda e voltou. Sozinho e ainda curioso como um gato, começou a vagar pela sala.

Levantou a fina cortina de renda e olhou a rua, foi até as prateleiras de livros, correu os olhos pelos títulos, tentando encontrar uma pista que o levasse à personalidade

da dona daquela deliciosa casa. Romances, biografias, um livro sobre jardinagem, um outro sobre o cultivo de rosas.

Parou para meditar. Somando dois mais dois, chegou à conclusão óbvia. Aquele apartamento pertencia aos pais de Alexa. O pai trabalhando em algum ramo de negócio,

com prestígio suficiente para viajar, tranquilamente, de Concorde e, além do mais, levar a esposa. Imaginou que naquele momento deviam estar em Nova York.

Provavelmente,

quando acabassem o trabalho duro e as conferências, voariam para Barbados ou para as Ilhas Virgens a fim de repousar por uma semana ao sol. Tudo se encaixava.

Quanto a Alexa, estava apenas tomando conta da casa, afastando os ladrões. Isso explicava por que estava sozinha e era tão generosa com o uísque do pai. Quando os dois voltassem, bronzeados e cheios de presentes, ela voltaria para a própria casa.

Um apartamento dividido com alguma amiga ou um chalé com terraço em Wandsworth ou Clapham.

com tudo isso resolvido na cabeça, Noel sentiu-se melhor e com força suficiente para prosseguir na avaliação da sala. As porcelanas azuis e brancas eram de Dresden.

No chão, junto a uma das poltronas, havia uma cesta cheia até em cima de novelos de lã brilhantes e uma tapeçaria semi-acabada. Havia algumas fotografias em cima da escrivaninha. Pessoas casando, segurando bebés, fazendo piquenique com garrafas térmicas e cachorros. Ninguém conhecido. Uma das fotografias chamou-lhe a atenção; pegou-a para examinar. Uma enorme e sólida mansão eduardiana sufocada por uma trepadeira da Virgínia. Uma estufa sobressaía em um dos lados; havia janelas de caixilho,

e alguns degraus levavam à porta da frente aberta, e, no alto, dois majestosos spaniels saltadores posavam obedientes. Ao fundo, árvores, a torre de uma igreja e uma colina. A casa de campo da família.

Ela estava voltando. Ouviu os passos leves subindo a escada; colocou a fotografia no lugar com cuidado e virou-se. Alexa entrou carregando uma bandeja com um balde de gelo, um copo de vinho, uma garrafa aberta de vinho branco e um prato com nozes americanas.

-Ah, bem, você já está bebendo.-Pôs a bandeja sobre a mesa atrás do sofá, afastando algumas revistas. O pequeno terrier, aparentemente muito devotado a ela, seguia-a de perto.-Lamento ter encontrado só um pouco de nozes...

- Por agora - ele ergueu o copo - isto é tudo do que preciso.

- Pobrezinho. - fisgou alguns cubos de gelo e colocou-os no copo dele.

- Fiquei aqui tentando convencer-me de que fiz papel de bobo. disse Noel.

- Oh, não seja tolo. - Serviu o vinho. - Podia ter acontecido com qualquer um. E, pense bem, agora você pode esperar a festa encantadora de amanhã à noite. Hoje vai dormir bem e amanhã será a alegria da festa. Por que não se senta? Esta cadeira aqui é a melhor, é grande e confortável...

Era. E era uma bênção poder finalmente descansar os pés doloridos, recostar-se em almofadas macias, ainda mais com um drinque na mão. Alexa sentou-se em frente, de costas para a janela. O cachorro imediatamente saltou-lhe no colo, aninhou-se e dormiu.

- Quanto tempo esteve em Nova York?

- Três dias.

- Gosta de lá?

- Geralmente gosto. Voltar é que é cansativo.

- O que estava fazendo lá?

Contou-lhe. Falou sobre a Saddlebags e Harvey Klein. Ela ficou impressionada.

- Tenho um cinto Saddlebags. Meu pai trouxe para mim no ano passado. É lindo.

Grosso, macio, lindo.

- Bem, breve você vai poder comprar um em Londres. Se não se importar em pagar uma fortuna.

- Quem planeja a campanha publicitária?

- Eu. É meu trabalho. Sou diretor de criação.

- Parece um cargo terrivelmente importante. Você deve ser muito competente. Gosta do trabalho? Noel pensou um pouco.

- Se não gostasse não seria competente.

- É verdade. Não há nada pior do que trabalhar numa coisa que se deteste.

- Você gosta de cozinhar?

- Oh, gosto. Posso fazer todos os tipos de pratos exóticos.

- Sempre trabalhou por conta própria?

-Não, comecei numa agência. Depois trabalhamos em duplas. Mas é mais divertido trabalhar sozinha. Já tenho um negócio bem estabelecido. Não são só almoços para diretorias;

também faço jantares particulares, recepções de casamento ou encarrego-me apenas de abastecer freezers. Tenho uma caminhonetezinha. Coloco tudo dentro.

- Você cozinha aqui mesmo?

-Geralmente. Jantares particulares são um pouco mais complicados,

porque você tem que trabalhar na cozinha dos outros. E a cozinha de outra pessoa é um enigma completo. Sempre levo minhas facas afiadas.

- com intenções sangrentas? Ela riu.

- Para cortar legumes e verduras, nunca para matar a anfitriã. Seu copo está vazio.

Quer outro drinque?

Noel percebeu que o copo estava realmente vazio e aceitou, mas, antes que se levantasse, Alexa ergueu-se, deixando o cachorrinho deslizar suavemente

até o chão.

Tomou-lhe o copo e deu-lhe as costas. Ouviu o som reconfortante dos cubos de gelo.

Um esguicho de soda. Tudo muito tranquilo. A brisa da tardinha, entrando pela janela, agitava as cortinas transparentes de renda. Lá fora um carro deu a partida e afastou-se, mas as crianças que estavam andando de bicicleta provavelmente haviam sido chamadas para dentro; hora de dormir. O jantar fracassado já não tinha mais importância, e Noel sentiu-se um pouco como um homem que, vagando por um deserto árido, depara-se inadvertidamente com um oásis luxuriante, cercado de palmeiras.

Sentiu o copo frio de novo entre as mãos.

- Sempre achei que essa era uma das ruas mais agradáveis de Londres - disse.

Alexa voltou à sua cadeira e enroscou os pés sob o corpo.

- Onde é que você mora?

- Em Pembroke Gardens.

- Oh, mas é um lugar encantador. Você mora sozinho?

Foi pego de surpresa, mas divertiu-se com a objetividade dela. Alexa provavelmente lembrava-se da festa dos Hathaways e de como ele seguira fielmente a sensacional Vanessa. Sorriu.

- A maior parte do tempo. A resposta evasiva intrigou-a. -Você tem um apartamento?

- Tenho. No porão; não bate muito sol. Mas não fico muito tempo em casa, portanto, não tem importância. E, geralmente, não passo os fins de semana em Londres.

- Vai para a casa da família?

- Não. Mas tenho amigos prestativos. -Você tem irmãos?

- Duas irmãs. Uma mora em Londres, e outra em Gloucestershire.

- Espero que você, de vez em quando, visite a de Gloucestershire.

- Não, se posso evitar. - Já chegava. Já respondera a muitas perguntas. Era hora de virar o jogo.-E você? Vai para a casa de sua família nos fins de semana?

- Não. Geralmente estou trabalhando. As pessoas costumam dar jantares aos sábados à noite ou almoços nos domingos. Além disso, não vale a pena ir até a Escócia só por um fim de semana. Escócia.

- Você quer dizer... você mora na Escócia?

- Não, eu moro aqui. Mas minha família mora em Relkirkshire. Eu moro aqui.

- Mas pensei que seu pai... - Parou, porque o que pensara fora pura conjetura.

Seria possível que se tivesse equivocado tanto?-... Desculpe, mas tive a impressão...

- Ele trabalha em Edimburg. Para a Companhia Sanford Cubben. Dirige o escritório da Escócia.

Sanford Cubben, a poderosa multinacional. Noel reconsiderou.

- Entendo. Que bobagem a minha. Pensei que trabalhasse em Londres.

- Oh, você quer dizer aquilo sobre Nova York. Aquilo não é nada. Ele viaja pelo mundo todo. Tóquio, Hong Kong. Não fica muito tempo aqui.

- Então você não o vê muito?

-As vezes, quando ele passa por Londres. Ele não fica aqui, vai para o apartamento da Companhia, mas geralmente telefona, e, se tem tempo,

convida-me para jantar no Connaught ou no Claridges. É muito divertido. Aprendo uma porção de pratos novos.

- Acho que é uma razão tão boa quanto outra qualquer para ir ao Claridges, mas... -

Ele não fica aqui. -... de quem é essa casa?

Alexa sorriu inocentemente.

- Minha. - disse.

- Oh... - Era impossível disfarçar a descrença. O cachorro voltara para o colo dela. Ela lhe acariciou a cabeça, brincou com suas orelhas peludas.

- Há quanto tempo você mora aqui?

- Há cerca de cinco anos. Era de minha avó. A mãe de minha mãe. Éramos muito

unidas. Costumava passar boa parte das férias escolares com ela. Na época que vim para

Londres fazer o curso de culinária, ela já era viúva e sozinha. Por isso vim ficar com ela. Ano passado ela morreu e deixou a casa para mim.

- Devia gostar muito de você.

- Eu gostava imensamente dela. Isso causou um certo mal-estar na família. Quero dizer, o fato de eu morar com ela. Meu pai achava que não era uma boa ideia. Ele gostava muito dela, mas achava que eu devia ser mais independente. Ter amigos da mesma idade, morar num apartamento com outra garota. Mas não era isso o que eu queria.

Sou muito preguiçosa para essas coisas, e vovó Cheriton... - Parou de repente. Seus olhos

cruzaram-se. Noel nada disse, e depois de uma pausa, ela prosseguiu, falando casualmente, como se aquilo não tivesse importância. - ... ela estava

envelhecendo.

Não seria correto abandoná-la.

Outro silêncio. Então, Noel disse:

-Cheriton?

Alexa suspirou.

-Sim. - Parecia estar confessando um crime hediondo.

- Um nome fora do comum. -É.

- Sir Rodney Cheriton?

- Meu avô. Não queria contar para você. O nome escapou.

Então era isso. O quebra-cabeças estava resolvido. Isso explicava o dinheiro, a opulência, os objetos de valor. Sir Rodney Cheriton, já falecido, fundador de um império financeiro que se estendia pelo mundo inteiro, que, durante os anos sessenta e setenta, adquirira tantas outras companhias e se associara a tantos conglomerados

que seu nome dificilmente saía das páginas do Financial Times. Aquela fora a casa de Lady Cheriton, e a pequena cozinheira de rosto suave e sem nenhuma sofisticação que se enroscara na cadeira como uma colegial era sua neta.

Ele estava espantado.

- Mas quem imaginaria...

- Geralmente não conto nada disso a ninguém, porque é uma coisa . de que não me orgulho nem um pouco.

- Você devia sentir-se orgulhosa. Seu avô era um grande homem. - Não é que eu não gostasse dele. Ele sempre foi muito meigo

comigo. É só que eu não aprovo o fato de companhias assumirem o controle de outras e tornarem-se cada vez maiores. Preferia que se tornassem cada vez menores. Gosto de lojas de esquina e de açougues onde o açougueiro simpático sabe o seu nome. Não gosto de pensar que as pessoas estão sendo engolidas ou que se sentem perdidas, ou que se tornaram inúteis.

- Dificilmente retrocederemos.

-Eu sei. É o que meu pai vive dizendo. Mas meu coração dói quando uma pequena fileira de casas é demolida, e tudo o que surge no lugar é mais um edifício comercial

horrível, com janelas de vidros fumê, como se fosse um aviário moderno onde se engordam galinhas. É isso que eu amo na Escócia. Strathcroy, a aldeia onde moramos, parece que não muda nunca. Embora a Srª McTaggart, proprietária da lojinha de jornais e revistas, tenha decidido que não podia mais ficar tanto tempo de pé e se aposentado, e a loja tenha sido comprada por paquistaneses. Chamam-se Ishak, são muito simpáticos, e as mulheres usam lindas roupas de seda brilhante. Já esteve alguma vez na Escócia?

- Estive em Sutherland, para pescar no Oykel.

- Gostaria de ver uma fotografia da nossa casa?

Ele não deixou que ela percebesse que já dera uma boa olhada.

- Gostaria muito.

Mais uma vez Alexa pôs o terrier no chão e levantou-se. O cachorro, aborrecido com tanta movimentação, sentou-se sobre o tapete junto à lareira e adotou um ar de enfado. Ela apanhou a fotografia e entregou-a a Noel.

Depois da pausa apropriada, ele disse:

- Parece muito confortável.

- É encantadora. Esses são os cães de meu pai.

- Como é o nome de seu pai?

- Edmund. Edmund Aird. - Recolocou a fotografia no lugar. Virando-se, deu com o relógio dourado em cima do mármore da lareira. Disse:

- São quase oito e dez.

- Deus do céu! - Verificou a hora no próprio relógio. - É mesmo. Preciso ir.

- Não, não precisa. Quero dizer, posso cozinhar alguma coisa, oferecer-lhe uma ceia.

A sugestão era tão maravilhosa e tão tentadora, que Noel se sentiu inclinado a emitir pequenos sons à guisa de recusa.

- Você é gentil demais, mas...

-Tenho certeza de que você não tem nada para comer em Pembroke Gardens. Acabou de voltar de Nova York. E não dá trabalho nenhum. Gostaria muito.- Ele podia perceber pela expressão que ela estava ansiosa para que ele ficasse. Além disso, estava morrendo de fome. - Tenho algumas costeletas de carneiro.

Isso o decidiu.

- Não consigo pensar em coisa melhor.

O rosto de Alexa iluminou-se. Ela era transparente como uma fonte de água límpida.

- Ótimo. Seria pouco hospitaleiro deixar você ir sem comer alguma coisa. Prefere ficar aqui ou descer até a cozinha enquanto preparo o jantar?

Se ficasse naquela cadeira acabaria adormecendo. Também queria conhecer melhor a casa. Ergueu-se com dificuldade.

- vou com você.

A cozinha combinava com ela, nem um pouco moderna, bastante simples e arrumada ao acaso, como se não tivesse sido planejada, como se tudo ali

tivesse sido adquirido ao longo dos anos. O piso era de pedra com um ou dois capachos aqui e ali, e armários de pinho. Uma pia funda



de cerâmica ficava de frente para a janela e a pequena área por onde se subia até a rua. Atrás da pia erguiam-se ladrilhos holandeses azuis e brancos, que também cobriam as paredes entre os armários. Os utensílios estavam bem à vista: uma tábua grossa de cortar, uma fileira de panelas de cobre, uma prancha de mármore para esticar massas. Havia prateleiras com ervas e réstias de cebola e salsa fresca num jarro.

Ela pegou um avental de açougueiro azul e branco e amarrou-o na cintura. Colocado por cima da suéter grossa, fazia-a parecer ainda mais sem formas e acentuava-lhe o traseiro redondo metido nojeans.

Noel perguntou se podia ajudar em alguma coisa.

- Não, realmente não. - Já estava ocupada acendendo a grelha, abrindo gavetas. - A não ser que você queira ir abrindo uma garrafa de vinho. Gostaria de tomar um pouco de vinho?

- Onde está a garrafa?

- Há uma prateleira daquele lado... - Indicou com a cabeça, as mãos estavam ocupadas.-No chão. Não tenho adega, esse é o lugar mais fresco da casa.

Noel foi olhar. Na parte de trás da cozinha uma passagem em arco levava ao que provavelmente fora uma pequena copa. O chão também era de pedra, e havia ali um número

de eletrodomésticos de um branco brilhante: uma máquina de lavar louça, uma máquina de lavar roupa, uma geladeira grande e umfreezer enorme. Ao fundo, uma porta parcialmente

envidraçada conduzia diretamente ao pequeno jardim. Junto à porta, à maneira do campo, havia um par de botas de borracha e um tonel de madeira

cheio de ferramentas de jardinagem. Uma capa de chuva velha e um chapéu de feltro amassado pendiam de um cabide.

Encontrou a prateleira de vinhos atrás do freezer. Agachou-se e inspecionou algumas garrafas. Era uma excelente seleção. Escolheu um Beaujolais e voltou à cozinha.

- Que tal este?

Ela deu uma olhada.

- Perfeito. É de uma boa safra. Se você abrir agora ele poderá evolar-se. Há um saca-rolhas naquela gaveta.

Encontrou-o e retirou a rolha, que saiu suave e inteira. Colocou a garrafa aberta sobre a mesa. Como não tinha mais nada para fazer, puxou uma cadeira, sentou-se à mesa para saborear o resto do uísque.

Ela tirara as costeletas da geladeira, juntara os ingredientes da salada; apanhou uma bisnaga. Agora ajeitava as costeletas na frigideira e apanhava um pote de rosmaninho.

Fazia tudo com agilidade e economia de movimentos, e Noel pensou que, trabalhando, ela se comportava com segurança e autoconfiança, provavelmente porque estava fazendo

o que sabia e fazia bem.

34

-Você tem um ar muito competente.

- Eu sou muito profissional.

- Você também se dedica à jardinagem?

- Por que pergunta?

-Por causa de todas aquelas ferramentas perto da porta dos fundos.

- Entendo. É, eu também cuido do jardim, mas é tão pequenininho que não se trata propriamente de jardinagem. Em Balnaid, o jardim é enorme, e há sempre alguma coisa por fazer.

- Balnaid?

- O nome da nossa casa na Escócia.

- Minha mãe tinha mania de jardinagem. - Depois de dizer isso, Noel não conseguia pensar por que mencionara o fato. Geralmente não falava da mãe a menos que alguém perguntasse diretamente. - Sempre cavando ou transportando montanhas de esterco.

- Não pratica mais jardinagem?

- Morreu. Morreu há quatro anos.

- Lamento. Onde era o jardim?

- Em Gloucestershire. Comprou uma casa com uns dois acres de mato. Quando morreu, deixou-o transformado em algo muito especial. Você sabe... o tipo de jardim onde as pessoas gostam de passear depois do almoço.

Alexa sorriu.

- Ela se parece com a minha outra avó, Vi. Ela mora em Strathcroy. O nome dela é Violet Aird, mas nós a chamamos de Vi. - As costeletas estavam grelhando, o pão foi posto para tostar, os pratos, para aquecer. Minha mãe também já morreu. Num acidente de automóvel, quando eu tinha seis anos.

- Lamento muito.

- É claro que me lembro dela, mas não muito bem. Lembro-me de que vinha sempre me dizer boa-noite antes de sair para algum jantar. Lindos vestidos esvoaçantes, peles e perfume.

- Seis anos é muito cedo para ficar sem a mãe.

- Poderia ter sido pior. Eu tinha uma babá muito querida, chamada Edie Findhorn.

Depois que mamãe morreu, voltamos para a Escócia e fomos morar com Vi em Balnaid.

Tive mais sorte do que a maioria das outras crianças.

- Seu pai casou de novo.

-Casou. Há dez anos. Ela se chama Virgínia. Não é muito mais velha do que eu.

- Uma madrasta malvada?

-Não, ela é um amor. Parece minha irmã. Muito bonita. E tenho um meio-irmão, Henry.

Tem quase oito anos.

35

- Agora preparava a salada. Cortou e retalhou, com uma faca afiada, tomates e aipo, cogumelos pequenos e frescos. As mãos eram morenas e ágeis, as unhas, curtas e sem esmalte. Pareciam competentes e tranquilizadoras.

Tentou lembrar-se da última vez em que ficara sentado, assim, ligeiramente tonto por fome e bebida, sentindo-se em paz, enquanto uma mulher preparava uma refeição para ele. Não conseguiu.

O problema é que nunca se envolvera com mulheres do tipo doméstico. Suas namoradas

geralmente eram modelos ou jovens aspirantes à carreira de atriz com uma imensa ambição e pouca inteligência. Tudo o que tinham em comum era a aparência física: preferia-as muito jovens e muito magras, com seios minúsculos e pernas longas e esguias. O que era ótimo para seu prazer e satisfação pessoal, mas que não servia de muito quando se tratava de cuidar da casa. Além disso, quase todas, apesar de esqueléticas, estavam sempre

fazendo algum tipo de regime e, embora fossem capazes de devorar enormes refeições em restaurantes caros, não se interessavam em preparar nem o mais simples dos pratos em seus próprios apartamentos ou no de Noel.

"Oh, querido, é tão aborrecido. Além disso, não estou com fome. Coma uma maçã."

De vez em quando, surgia na vida de Noel uma garota tão apaixonada que a única coisa que queria era passar o resto de seus dias com ele. Então esforçava-se muito-até

demais. Jantares íntimos à luz da lareira, e convites para fins de semana amorosos no campo. Mas Noel, sempre fugindo a um envolvimento mais sério, desestimulava-as, e as garotas em questão, depois de um doloroso período de telefonemas fracassados e acusações lacrimosas, encontravam outros homens e casavam-se com eles. Assim, chegara aos trinta e quatro anos ainda solteiro. Pensando nisso com o copo vazio na mão, Noel não conseguia decidir se isso o fazia sentir-se vitorioso ou derrotado.

- Pronto. - A salada estava pronta. Começou a temperá-la com azeite e vinagre branco. Misturou várias ervas e temperos, e o cheiro deu-lhe água na boca. Depois ela

começou a pôr a mesa. Uma toalha de xadrez vermelha e branca, copos de vinho, recipientes de madeira para pimenta e sal, uma manteigueira de cerâmica. Tirou garfos

e facas de uma gaveta e passou-os a Noel, que os colocou nos lugares. Parecia o momento apropriado para servir o vinho; entregou um copo a Alexa.

Ela aceitou. Ainda de avental, metida no suéter largo, e com as maçãs do rosto brilhando pelo calor do fogo, disse:

- Um brinde à Saddlebags.

Por alguma razão, sentiu-se emocionado.

- À sua saúde, Alexa. E obrigado.

36

Foi uma refeição simples, mas excelente, correspondendo às expectativas mais vorazes de Noel. As costeletas estavam tenras, a salada fresca; pão quente para passar

nos sumos e molhos, e tudo regado a um vinho fino. Pouco depois, o estômago parou de roncar e sentiu-se infinitamente melhor.

- Não me lembro de ter comido nada tão gostoso assim antes.

- Não é nada de muito especial.

- Mas é perfeito. - Serviu-se de mais salada. - Quando precisar de uma recomendação, avise-me.

- Você não costuma cozinhar?

-Não. Sei fritar bacone com ovos, mas, se tenho pressa, acabo comprando pratos de gourmetno Marks and Spencer e, simplesmente, aqueço-os. De vez em quando, se me sinto desesperado, vou para a casa de Olivia, minha irmã de Londres, mas ela é tão desajeitada na cozinha quanto eu, e geralmente acabamos comendo alguma coisa esquisita,

como ovos de codorna ou caviar. Divertido, mas não enche o estômago.

- Ela é casada?

-Não. É do tipo que prefere o trabalho.

- O que é que ela faz?

- É editora-chefe da Vénus.

-Meu Deus! - Sorriu. - Que parentes ilustres nós temos!

Embora tivesse devorado tudo o que havia sobre a mesa, Noel ainda sentiu vontade de beliscar alguma coisa, e Alexa trouxe queijo e um cacho de uvas brancas sem sementes.

E, assim, terminaram o vinho. Alexa sugeriu café.

Já estava escurecendo. Acenderam as luzes da rua, mergulhada numa penumbra azul. O

brilho penetrava a cozinha do porão, mas a maior parte estava na escuridão. De

repente, Noel deu um enorme bocejo. Quando acabou, desculpou-se:

- Desculpe-me, preciso ir para casa.

-Primeiro beba um pouco de café. Vai mantê-lo acordado até chegar em casa. Digo-lhe mais: por que não sobe e relaxa, e eu levo o café depois? E telefono chamando um táxi.

Pareceu-lhe uma ideia muito sensata.

- Está bem.

Mas teve de esforçar-se muito para dizer isso. Tinha consciência de ter posicionado língua e lábios para emitir o som apropriado, mas sentiu que estava bêbado ou a ponto de desmaiar por falta de sono. O café era 37

uma excelente ideia. Apoiou-se na mesa e ergueu-se com esforço. Subiu as escadas, dirigiu-se à sala de visitas; outro sacrifício. A meio caminho tropeçou, mas de algum modo conseguiu manter o equilíbrio e não cair de cara no chão.

Lá em cima, a sala vazia aguardava-o, silenciosa ao crepúsculo florescente. A única iluminação vinha das lâmpadas da rua, que se refletiam dos pára-choques dos carros sobre as facetas do lustre de cristal que pendia do teto. Seria uma pena dispersar o crepúsculo cheio de paz acendendo a luz, e ele não o fez. O cachorro estava dormindo na cadeira que Noel ocupara, assim, afundou-se num canto do sofá. O

cachorro, assim perturbado, acordou, levantou a cabeça e olhou para Noel. Ele retribuiu

o olhar. O animal transformou-se em dois. Estava bêbado. Não dormia há uma eternidade. Não iria dormir agora. Não estava dormindo.

Cochilou. Dormindo e acordado ao mesmo tempo. Estava no 747, zumbindo sobre o Atlântico, com o homem gordo roncando ao lado. O diretor-presidente mandava-o ir a Edimburg para vender a Saddlebags a um homem chamado Edmund Aird. Ouviu vozes chamando e gritando; as crianças brincando na rua de bicicleta. Não, não estavam na rua, estavam num jardim. Estava num quarto abafado e de teto pontiagudo, espiando por uma fresta na janela. As madressilvas batiam na vidraça. Seu antigo quarto, na casa da mãe, em Gloucestershire. No gramado, jogavam alguma coisa. Crianças e adultos jogavam críquete. Ou seria rounders1 Ou beisebol' Olharam para cima e viram seu rosto na janela. "Desça", disseram. "Venha jogar." Ficou satisfeito que o chamassem. Era bom estar em casa. Saiu do quarto e desceu as escadas; dirigiu-se ao jardim, mas o jogo de críquete já terminara, e todos haviam desaparecido. Não se importou. Deitou-se na grama e olhou para o céu luminoso, e sentiu-se bem. Não acontecera

nada de mau, nada mudara. Estava só, mas logo alguém viria.

Podia esperar.

Outro som. O tique-taque de um relógio. Abriu os olhos. As lâmpadas da rua já não brilhavam, e a escuridão desaparecera. Não estava no jardim da mãe, nem na casa da mãe, mas sim num quarto estranho. Não tinha ideia de onde estava. Estava deitado de costas num sofá, coberto com uma manta. A franja da manta roçava-lhe o queixo; empurrou-a para o lado. Olhando para cima, viu os pingentes brilhantes do lustre, e lembrou-se. Virando a cabeça, divisou a poltrona, com as costas para a janela; uma moça estava sentada ali, o cabelo brilhante como uma auréola contra a luz da manhã que entrava pela janela sem cortina. Mexeu-se. Ela permaneceu em silêncio.

Disse o nome dela:

-Alexa?

1. Esporte inglês semelhante ao beisebol. (N-T.) 38

- Sim. - Estava acordada.

- Que horas são?

- Passa um pouco das sete.

- Sete da manhã?

-É.

- Passei a noite aqui. - Esticou as pernas compridas. - Peguei no sono.

- Você já estava dormindo quando subi com o café. Pensei em acordá-lo, mas preferi não fazê-lo.

Ele piscou, espantando o sono dos olhos. Viu que ela não estava mais usando ojeans e o suéter, mas um roupão branco firmemente fechado. Enrolara-se num cobertor, mas as pernas e os pés descobertos estavam nus.

- Você passou a noite aí?

- Passei.

- Devia ter ido para a cama.

- Não quis deixar você sozinho. Não quis que você acordasse e achasse que tinha que ir embora, e não fosse capaz de encontrar um táxi no meio da noite. Fiz a cama sobressalente, mas depois pensei, para quê? Deixei você dormir.

Conseguiu lembrar-se do final do sonho antes do esquecimento total, Estava deitado no jardim da mãe em Gloucestershire, e sabia que alguém estava para chegar. Não era sua mãe. Penelope estava morta. Uma outra pessoa. Então o sonho desapareceu de vez, deixando-o com Alexa.

Sentiu-se surpreendentemente bem, cheio de energia e revigorado. Decidido.

- Preciso ir para casa.

- Quer que chame um táxi?

- Não, prefiro caminhar. Vai fazer-me bem.

- A manhã está linda. Quer comer alguma coisa antes de ir?

-Não, estou bem. -Afastou a manta e sentou-se, alisando o cabelo para trás e passando a mão no queixo barbado. - Preciso ir. - Pôs-se de pé.

Alexa não fez nenhum esforço para persuadi-lo a ficar; simplesmente foi com ele até o saguão, abriu a porta para uma manhã perolada e primitiva de maio. O ruído do trânsito distante já podia ser ouvido, embora um passarinho cantasse em alguma árvore e o ar estivesse fresco. Imaginou sentir o perfume de lilases.

- Adeus, Noel. Virou-se para ela.

- Eu telefono.

- Não precisa.



- Não?

-Você não me deve nada.

- Você é um amor. - Inclinou-se e beijou o rosto de pêssego. -

Obrigado.

- Gostei muito.

Deixou-a. Desceu os degraus e partiu num passo rápido pela calçada. No final da rua virou-se e olhou para trás. Ela já tinha entrado, e a porta azul já estava fechada.

Mas a casa com o loureiro tinha um ar todo especial.

Sorriu e continuou andando.

# JUNHO

## Terça-feira, 7

Isobel Balmerino percorreu no microônibus os vinte quilómetros que a separavam de Corriehill. Eram quase quatro horas da tarde de um começo de junho, e, embora as árvores estivessem cobertas de folhas e os campos verdes com as plantações crescendo, o verão ainda não chegara. O tempo não estava exatamente frio, mas úmido, sempre

chuviscando, e, desde Croy, os limpadores de pára-brisa estavam trabalhando. Nuvens cobriam as colinas, e tudo estava mergulhado num véu cinza. Sentiu pena dos visitantes

estrangeiros, vindos de tão longe para ver as glórias da Escócia, apenas para as encontrar envoltas na escuridão, quase invisíveis.

Não que isso a perturbasse. Já fizera essa viagem complicada, cortando o campo por estradas secundárias, tantas vezes antes, que até pensava que, se despachasse o microônibus sozinho, ele chegaria muito bem em Corriehill e voltaria sem nenhuma ajuda humana, confiável como um cavalo fiel.

Agora chegara ao cruzamento tão familiar; estava perto. Mudou de marcha e levou o microônibus por uma trilha única ladeada de espinheiros. A trilha subia pela colina e, enquanto guiava, a névoa adensou-se; resolveu acender os faróis. À direita surgiu o muro alto de pedra que marcava os limites da propriedade Corriehill.

Outros

duzentos metros e alcançaria os grandes portões de entrada, os dois alojamentos.

Contornou-os e seguiu, aos solavancos, pelo caminho cheio de sulcos, ladeado por faias antigas e tufos de grama árida, que, na primavera, se

dourava de narcisos.

Agora, já haviam fenecido, e as flores murchas e folhas secas era tudo o que restara

de sua glória antiga. Algum dia desses o empregado de Verena eliminaria os tufos com o cortador de grama, e esse seria o fim dos narcisos. Até a próxima primavera.

Ocorreu-lhe com tristeza, e não pela primeira vez, que à medida que se envelhece torna-se cada vez mais ocupada, e o tempo passa cada vez mais depressa, os meses atropelando-se, os anos escorregando do calendário para o passado. Antes, havia tempo. Tempo para ficar de pé ou sentar, ou só para olhar os narcisos. Ou para largar

o serviço doméstico, num rompante, sair pela porta dos fundos e subir a colina, em direção à vastidão plena do canto da cotovia numa manhã de verão. Ou tirar um dia para satisfação própria, em Relkirk, comprando frivolidades, almoçando com uma amiga, o bar quente, cheio de pessoas conversando, cheirando a café e a um tipo de comida que nunca se faz para si mesma.

Todas as coisas boas que, por muitas razões, parecem não acontecer mais.

O caminho nivelou-se. As rodas do microônibus comprimiam o cascalho. A casa surgiu em meio à neblina. Não havia outros carros, o que queria dizer que provavelmente todas as outras anfitriãs já tinham vindo apanhar seus hóspedes e já haviam partido. Portanto, Verena devia estar aguardando-a. Isobel esperava que não estivesse

impaciente.

Parou, desligou o motor e desceu sob o chuvisco macio. A porta principal estava aberta, dando para um largo pórtico calçado, com uma janela envidraçada mais adiante.

Uma grande quantidade de malas de luxo enchia o pórtico. Isobel desanimou, porque as malas pareciam ainda mais caras do que de costume. Malas

enormes, malas-armários para vestidos, frasqueiras, sacos de golfe, caixas e embrulhos e suportes para malas, todos com etiquetas de lojas famosas. Tinham feito muitas compras, com certeza.

E todos com a marca amarela bem à vista: EXCURSÕES PELO INTERIOR DA ESCÓCIA.

com a atenção desviada, parou para ler os nomes nas etiquetas: Sr. Joe Hardwicke, Sr. Arnold Franco, Sra. Myra Hardwicke, Sra. Susan Franco. As malas portavam pesados

monogramas, e os sacos de golfe traziam etiquetas de clubes de prestígio penduradas nas alças.

Suspirou. Lá vamos nós de novo. Abriu a porta que dava para o interior.

- Verena!

O saguão de Corriehill era imenso, com uma escadaria de carvalho esculpido elevando-se até os andares de cima, e muito revestimento em madeira. Tapetes espalhavam-se

pelo chão, alguns bastante comuns, outros provavelmente sem preço, e, no meio, uma mesa com uma coleção de objetos variados: um vaso com gerânios, uma coleira de cachorro, uma bandeja de bronze para cartas, um pesado livro para visitantes encadernado em couro.

- Verena?

Ao longe, uma porta fechou-se. Soaram passos vindos do corredor, da direção da cozinha. Logo apareceu Verena Steynton, alta, esguia, imperturbável e bem arrumada, como sempre. Era uma dessas mulheres que, de maneira enlouquecedora, parecem estar sempre elegantes, como

se passassem muito tempo escolhendo e comprando roupas. Esta saia, esta blusa; aquele casaco de cashmere, estes sapatos. Mesmo quando o tempo estava úmido, arruinando

o penteado da maioria das mulheres sensatas, o de Verena não desmanchava, nunca murchava, mesmo nas circunstâncias mais adversas, e estava sempre arrumado e glamoroso,

como se ela tivesse acabado de sair do secador. Isobel não se iludia com a própria

aparência. Forte e atarracada como um pónei escocês, a pele rosada e brilhante, as mãos ásperas do trabalho, há muito tempo deixara de se importar com a aparência.

Mas, vendo Verena, desejou ter tido tempo de trocar as calças rústicas e o colete acolchoado cor de terra, que era o seu amigo mais antigo, por roupas mais adequadas.

- Isobel.

- Espero não estar atrasada.

- Não, você é a última, mas não está atrasada. Seus hóspedes estão prontos e esperando-a na sala de visitas. O Sr. e a Sra. Hardwicke, e o Sr. e a Sra. Franco.

Pela

aparência, um pouco mais fortes do que os clientes habituais. - Isobel sentiu-se aliviada. Talvez os homens fossem capazes de carregar os próprios sacos de golfe.

- Onde está Archie? Você está sozinha?

- Ele teve que ir a uma reunião na igreja, em Balnaid.

- Vai conseguir arranjar-se sozinha?

- Claro.

-Bem, olhe, antes de você os arrebanhar, quero dizer-lhe que houve uma pequena modificação nos nossos planos.

Isobel seguiu-a obedientemente, preparada para receber ordens. A biblioteca de Corriehill era agradável, menor do que a maioria dos outros cómodos, e tinha um confortável

cheiro masculino - de fumaça de cachimbo e de madeira queimando, de livros e de cachorros velhos. O cheiro de cachorro velho vinha de um labrador que tirava uma soneca sobre uma almofada junto às cinzas da lareira. Levantou a cabeça, viu as duas senhoras, piscou com um jeito superior e voltou a dormir.

- O problema é que... - começou Verena, e logo o telefone da escrivaninha começou a tocar. - Droga. Desculpe, não me demoro. - E foi atender. - Alo, é Verena Steynton...

Sim. - A voz mudou. - SrAbberley. Obrigada por telefonar. - Puxou a cadeira da escrivaninha e sentou-se, apanhou a caneta esferográfica e um bloco. Parecia estar-se

preparando para uma conversa longa, e o coração de Isobel deu um baque, porque ela queria voltar para casa.

- Sim. Oh, esplêndido. Agora vamos precisar de um toldo grande, o maior que o senhor tiver e, acho, com revestimento amarelo-claro e branco. E um estrado para dançar.

- Isobel aguçou o ouvido, parou de se sentir impaciente e resolveu escutar a conversa sem nenhuma vergonha.

acho que será melhor o senhor vir aqui, e, então, conversaremos. Na próxima semana seria ótimo. Quarta-feira de manhã. Certo. Até lá, então. Adeus, Sr. Abberley.-

Desligou

e recostou-se na cadeira, com a expressão satisfeita do dever cumprido.- Bem, é a primeira coisa que está resolvida.

- Pelo amor de Deus, o que é que você está planejando agora?

- Bem, Angus e eu vínhamos conversando há muito tempo e, finalmente, decidimos arriscar. Katy vai fazer vinte e um anos, e vamos dar uma festa dançante para ela.

- Pelo amor de Deus, vocês devem estar-se sentindo muito ricos.

- Não, na verdade, não, mas será realmente um acontecimento, e, como temos que retribuir convites de um milhão de pessoas, então vamos reuni-las todas de uma vez só.

- Mas setembro está muito longe, estamos apenas no começo de junho.

- Eu sei, mas nunca é cedo para começar. Você sabe como é em setembro.

Isobel realmente sabia. A estação escocesa, com um êxodo maciço do sul para o norte, para a estação de caça ao galo silvestre. Todas as mansões agitavam-se com festas

de salão, danças, jogos e críquete, jogos típicos escoceses, e toda sorte de atividade social, culminando com uma exaustiva semana de bailes para comemorar a caçada.

- Temos que encomendar um toldo, porque realmente não há espaço para dançar dentro

de casa, mas Katy insiste em que arrumemos algum canto da casa para parecer uma boate a fim de que seus amigos yuppies de Londres se sintam à vontade. Depois, tenho de encontrar um conjunto que toque realmente bem danças campestres e um fornecedor

competente. Mas, pelo menos, consegui o toldo. Vocês todos vão receber convites, é claro. - Lançou um olhar severo a Isobel.-Espero que Lucilla venha.

Era difícil não sentir um pouco de inveja de Verena, sentada ali, planejando uma festa para a filha, sabendo que ela ajudaria e colaboraria, e apreciaria todos os momentos da festa em sua homenagem. Sua filha Lucilla e Katy Steynton haviam sido colegas de escola e amigas ao modo um tanto sem

entusiasmo das crianças unidas pela amizade dos pais. Lucilla era dois anos mais nova do que Katy e tinha uma personalidade muito diferente; logo que deixaram a escola, separaram-se.

Katy, o sonho de qualquer mãe, adaptara-se às normas. Um ano na Suíça, depois um curso de secretariado em Londres. Quando se formou, encontrou logo um emprego condizente-algo

a ver com o levantamento de fundos para obras de caridade -, e foi dividir uma casa pequena em Wandsworth com três amigas inteiramente adequadas à sua posição social.

Em pouco tempo estaria comprometida com um excelente rapaz - chamado Nigel, ou Jeremy, ou Christopher, suas feições impecáveis apareceriam na página de rosto da Country Life, e o casamento seria tradicional, como se previra, com vestido branco, um grande número de pequenas damas-dehonra e "Louve Minha Alma o Senhor do Céu".

Isobel não queria que Lucilla fosse como Katy, mas, às vezes, como agora, não podia deixar de desejar que sua querida e sonhadora filha se tornasse um pouco mais comum. Mas, mesmo quando criança, Lucilla já mostrara sinais de individualidade e de uma doce rebeldia. Suas tendências políticas eram nitidamente de esquerda e, por dá cá aquela palha, envolvia-se com muita paixão em qualquer causa que lhe chamasse a atenção. Era contra a energia nuclear, a caça à raposa, a caça aos bebés focas, o corte às verbas para os estudantes, e o plantio de horríveis coníferas para permitir o abatimento no imposto de renda de astros pop. Ao mesmo tempo, protestava

muito contra a situação dos sem-teto, dos desassistidos, dos viciados em drogas e dos pobres infelizes que estavam morrendo de AIDS.

Desde a mais tenra idade, fora sempre muito criativa e com pendores artísticos, e, depois de seis meses em Paris, trabalhando como dama de companhia, foi aceita na Faculdade de Belas Artes de Edimburg. Lá, fez amizade com as pessoas mais estranhas, que, de tempos em tempos, trazia para passar uns dias em Croy. Eram uns tipos

esquisitos, mas não mais esquisitos do que Lucilla, que se vestia na Oxfam e achava natural usar um vestido de noite de renda com um paletó de homem de tweede um par de botas eduardianas atadas.

Terminada a Escola de Belas Artes, não foi capaz de encontrar uma maneira de ganhar o próprio sustento. Ninguém parecia inclinado a comprar seus quadros incompreensíveis,

e nenhuma galeria queria exibilos. Morando num sótão na Rua índia, tinha de trabalhar como faxineira para se manter. Essa atividade provou ser estranhamente lucrativa,

e, logo que economizou o suficiente para pagar a passagem e atravessar o Canal da Mancha, partiu para a França com uma mochila e seu material de pintura. Na última vez em que dera notícias, estava em Paris, hospedada na casa de um casal que conhecera durante a viagem. Tudo isso causava muita preocupação.

Será que voltaria para casa? É claro que Isobel podia escrever para o endereço da Posta Restante que ela lhe dera. Querida Lucilla, esteja aqui em setembro, porque você foi convidada para a festa de Katy Steynton. Mas dificilmente Lucilla daria atenção a uma carta assim. Jamais gostara de festas formais e não conseguia pensar em nada para dizer aos rapazes bem relacionados que encontrava. Mamãe, são terrivelmente caretas.

Ela era impossível. E também doce, gentil, divertida e amorosa. Isobel sentia muitas saudades dela.

- Não sei. Acho que não - disse, suspirando.

-Oh, minha querida. -Verena foi simpática, o que não melhorava as coisas. - Bem, não importa, vou mandar um convite para ela. Kat adoraria vê-la de novo.

Isobel duvidava muito.

-Sua festa ainda é segredo ou já posso falar com outras pessoas?- perguntou.

- Não, é claro que não é segredo. Quanto mais pessoas souberem, melhor. Talvez resolvam, por seu lado, oferecer alguns jantares.

- Eu vou oferecer um jantar.

- Você é uma santa. - Poderiam ter ficado ali fazendo planos por toda a eternidade se Verena, de repente, não se lembrasse do assunto de que falavam antes. - Deus do céu, esqueci-me dos pobres americanos, Devem estar imaginando o que nos aconteceu. Agora, veja... o negócio

- remexeu na escrivaninha e surgiu com duas folhas de instruções, datilografadas-que os dois homens têm passado a maior parte do tempo jogando golfe e também querem jogar amanhã; assim, vão dispensar a excursão a Glamis. Em vez disso, arranjei um carro para vir apanhá-los em Croy, amanhã de manhã às nove horas, e levá-los a Gleneagles. E o mesmo carro irá trazê-los de volta à tarde, quando terminarem o jogo. Mas as senhoras querem ir a Glamis, portanto, se você as pudesse trazer aqui mais ou menos às dez horas, poderiam juntar-se aos outros no ônibus.

Isobel concordou, esperando não se esquecer de nada. Verena era tão eficiente, e, para todos os efeitos, era a chefe de Isobel. As Excursões pelo Interior da Escócia eram dirigidas do escritório central em Edimburgo, mas Verena era o agente de coordenação local. Era Verena quem telefonava para Isobel todas as semanas para informá-la

quantos hóspedes ela deveria esperar (seis era o máximo, pois não havia lugar para mais) e também quem a punha a par das pequenas idiossincrasias ou problemas de personalidade dos seus hóspedes.

As excursões começavam em maio e iam até agosto. Cada uma durava uma semana e seguia um roteiro preestabelecido. O grupo, tendo embarcado no Aeroporto John Kennedy,

começava a viagem por Edimburgo, onde passava dois dias visitando os pontos turísticos das cercanias e da própria cidade. Na terça-feira, o ônibus trazia-o a Relkirk,

onde era devidamente levado a visitar o Auld Kirk, o castelo local, e um parque nacional. Depois era transportado até Corriehill, onde era recepcionado e separado em subgrupos por Verena. Em Corriehill eram apanhados pelas várias anfitriãs.

Quarta-feira era o dia do Castelo Glamis e de uma visita panorâmica a Pitlochry, e, na quinta-feira, partiam novamente de ônibus para visitar as Terras Altas, Deeside e inverness. Na sexta, voltavam a bulnouigo e, no sábado, voavam para casa, de volta ao Aeroporto John Kennedy e às paisagens do Oeste.

Isobel tinha certeza de que, no sábado, deviam estar todos em estado de completa exaustão.

Fora Verena que, há cinco anos, atraíra Isobel para aquele empreendimento. Explicou o que se requeria dela e deu-lhe o folheto da firma para ler. Era muito efusivo.

"Hospede-se numa casa particular. Experimente por você mesmo a hospitalidade e a grandeza histórica de al gumas das casas da Escócia mais encantadoras, e faça amizade

com as famílias antigas que nelas vivem..."

Essa hipérbole merecia ser explicada.

-Não somos uma família antiga - ponderou com Verena.

- Suficientemente antiga.

-E Croy não é exatamente um lugar histórico.

-Parte de Croy é. E você tem muitos quartos. Isso é o que realmente importa. E

pense em todo esse maravilhoso dinheiro...

Fora isso que fizera Isobel finalmente decidir-se. A proposta de Verena veio numa época em que as fortunas dos Balmerinos, em todos os sentidos da

palavra, estavam em baixa. O pai de Archie, o segundo Lorde Balmerino, e o mais encantador e menos prático dos homens, morrera deixando os negócios da família desorganizados. Sua morte inesperada pegou Archie e a maioria das outras pessoas de surpresa, e, por

causa disso, uma quantidade enorme de taxas funerárias engoliu a maior parte da herança da família. com os dois filhos, Lucilla e Hamish, ainda estudando, aquela casa enorme e dispendiosa para manter, e as terras para serem administradas com alguma ordem, os jovens Balmerinos viram-se abraços com certos problemas. Archie, naquela época, ainda estava no exército. Fora servir no Queen's Loyal Highlanders com dezenove anos, simplesmente porque não conseguia pensar em outra coisa que desejasse muito fazer e, embora tivesse gostado bastante dos anos que passara no regimento,

não fora abençoado com a ambição do sucesso e sabia que nunca chegaria a general.

Manter Croy, viver ali, nos bons e nos maus momentos, tornou-se prioritário para eles. Otimistas, fizeram muitos planos. Archie passaria para a reserva e, enquanto a idade o permitisse, trabalharia em algum outro emprego. Mas antes que tal acontecesse, foi destacado para uma última missão com seu regimento e partiu para a Irlanda

do Norte.

O regimento voltou quatro meses depois, mas passaram-se oito meses até que Archie voltasse para Croy, e Isobel levou oito dias para compreender que não havia possibilidade, por enquanto, de ele arranjar qualquer tipo de trabalho. Um tanto desesperada, pensava na situação deles, nas longas noites sem dormir.

Mas tinham amigos, especialmente Edmund Aird. Percebendo a gravidade da situação, Edmund resolvera assumir o controle. Fora ele quem encontrara um inquilino para a casa da fazenda e assumira a responsabilidade pela charneca de caça ao galo silvestre. Junto com Gordon Gillock, o responsável pela caça, providenciara a queima

da urze, mas mantendo os cepos das árvores, e, depois, passara a responsabilidade a um sindicato de negociantes do sul, conservando uma espingarda de cano longo para ele e uma de cano curto para Archie.

Para Isobel, já era um alívio enorme ver-se livre de pelo menos algumas de suas ansiedades, mas o dinheiro ainda era um problema que preocupava. Ainda havia uma parte da herança, mas estava em forma de títulos e ações, e era tudo o que Archie tinha para deixar aos filhos. Isobel possuía algum dinheiro, mas, mesmo juntando à pensão do exército de Archie e à gratificação de sessenta por cento por invalidez, não chegava a muito. As despesas do dia a dia, para manter a casa funcionando

e a família vestida e alimentada, continuavam a ser uma fonte de constante preocupação, de modo que a sugestão de Verena, a princípio amedrontadora, foi, na verdade,

a resposta às suas orações.

- Oh, vamos lá, Isobel, você poderá fazer isso brincando.

E Isobel percebera que poderia. Afinal, estava acostumada a administrar aquela casa enorme e a ter hóspedes. Quando o pai de Archie era vivo, havia sempre grupos organizados para a caçada, e festas em setembro. Nas férias escolares, Croy enchia-se de amigos das crianças, e o Natal e a Páscoa nunca passavam sem que famílias inteiras viessem compartilhar com eles da alegria dessas festas.

Comparada a tudo isso, a proposta de Verena não parecia tão trabalhosa. Só tomaria dois dias da semana durante os quatro meses do verão. Certamente não seria muito cansativo. E - pensamento agradável - seria um estímulo para Archie, pessoas entrando e saindo. Ajudar a entretê-los faria com que tivesse um interesse novo na vida

e levantaria o seu moral, que estava precisando muito de um empurrão.

O que ela não imaginara e aprendera depois, de maneira dolorosa, é que entreter hóspedes pagantes era completamente diferente de receber os próprios amigos. Não se podia discutir com eles; também não se podia

simplesmente sentar a seu lado num silêncio amigável. Nem se podia permitir que dessem um pulinho na cozinha para descascar batatas ou preparar uma salada. O problema é que eles estavam pagando.

Isso colocava a hospitalidade num nível inteiramente diferente, porque queria dizer que tudo tinha de ser perfeito. A excursão não era barata e, como Verena sempre insistia, os clientes deviam receber tratamento condizente com o

preço.

Havia algumas instruções fornecidas num folheto especial para as anfitriãs. Todos os quartos deviam ter banheiro próprio, de preferência formando uma suíte. As camas deviam ter cobertores elétricos, e todos os cómodos deviam ter aquecimento central.

Se possível, também devia haver aquecimento suplementar, de preferência a lenha, mas, na falta disso, aquecimento elétrico ou a gás. Devia haver sempre flores frescas nos quartos.

Ao ler isso, Isobel ficara aborrecida. Quem é que eles pensavam que eram? Nunca, na vida, colocara um hóspede num quarto sem flores frescas sobre a penteadeira.

E havia mais regras sobre o café da manhã e o jantar. O café da manhã devia ser reforçado e substancial. Suco de laranja, café, chá, tudo sempre à disposição. Ao cair da noite, deviam-se oferecer coquetéis, e vinho no jantar, necessariamente servido de maneira formal, com velas, cristais e prataria, consistindo de três pratos

pelo menos, seguidos de café e batepapo. Outras distrações, mesmo que insólitas, também podiam ser oferecidas. Um pouco de música... talvez gaita-de-foles...?

Os hóspedes estrangeiros estavam aguardando na sala de visitas de Verena, que abriu a porta:

- Desculpem, demoramos muito. Uma ou duas coisinhas que precisavam ser acertadas -

disse-lhes com o melhor tom de voz de reunião de comité, que não admitia nem perguntas,

nem discussões. - Aqui estamos, e esta é a anfitriã que os vai levar para Croy.

A sala de visitas de Corriehill era grande e clara, decorada em tons pastéis e pouco usada. Naquele dia, entretanto, devido ao tempo inclemente, um fogo modesto tremeluzia na lareira e, à sua volta, em poltronas e sofás, sentavam-se os quatro americanos. Haviam ligado a televisão para passar o tempo e estavam assistindo, com um ar atoleimado, a um jogo de críquete. Importunados pela entrada delas, ergueram-se sorrindo, e um dos homens inclinou-se e educadamente desligou a televisão.

-Agora as apresentações: Sr. e Sra. Hardwicke, e Sr. e Sra. Franco, esta é sua anfitriã nos próximos dois dias - Lady Balmerino.

Ao apertar-lhes a mão, Isobel entendeu o que Verena quisera dizer quando descrevera os hóspedes daquela semana como sendo ligeiramente mais fortes do que os de costume.

As Excursões pelo Interior da Escócia pareciam, por alguma razão, atrair clientes de idade bastante avançada

que, às vezes, pareciam não só pacientes geriátricos como, também, pessoas em precário estado de saúde - com falta de ar e dificuldade para caminhar. Aqueles dois

casais, no entanto, passavam pouco da meia-idade De cabelos brancos, é verdade, mas aparentemente esbanjando energia, e todos bronzeados de fazer inveja. Os Francos eram baixos, e o Sr. Franco, careca, mas os Hardwickes eram altos, musculosos e esguios, e pareciam haver passado a vida ao ar livre e fazendo muito exercício.

- Receio estar atrasada - Isobel deu-se conta dizendo, embora soubesse perfeitamente que não estava. - Mas poderemos ir quando estiverem prontos.

Já estavam. As senhoras pegaram as bolsas e as belas capas de chuva da Burberry, e o pequeno grupo marchou pelo saguão até o pórtico. Isobel foi abrir as portas traseiras do microônibus, e logo os homens estavam-se inclinando e levando as malas enormes pelo cascalho, ajudando-a depois a colocá-las no microônibus. Isso também era novidade. Ela e Verena geralmente tinham de fazer o trabalho sozinhas. Quando estavam todas guardadas, fechou e trancou as portas. Os Hardwickes e os Francos despediam-se de Verena.

- Mas - disse ela - vou ver as senhoras amanhã. E espero que o golfe seja um sucesso. Vão adorar Gleneagles.

Abriu as portas e todos subiram. Isobel tomou seu lugar ao volante, colocou o cinto de segurança, ligou o motor e lá se foram.

51

- Peço desculpas pelo tempo que está fazendo. Ainda não tivemos verão este ano.

- Oh, mas isso não nos tem incomodado nem um pouco. Lamentamos que a senhora tenha

tido que sair num dia como o de hoje para nos buscar. Esperamos que não tenha sido muito desagradável.

- Não, de modo nenhum. É meu trabalho.

- Estamos ainda muito longe de sua casa, lady Balmerino?

-Cerca de vinte quilómetros. E gostaria que me chamassem de Isobel. -Ora, obrigada.

Eu sou Susan, e meu marido chama-se Arnold, e os Hardwickes são Joe e Myra.

- Dez milhas - disse um dos homens. - É um bocado longe.

-É, sim. Na verdade, meu marido geralmente vem comigo. Mas teve que ir a uma reunião. Estará em casa à hora do chá e, então, vocês poderão conhecê-lo.

- Lorde Balmerino dirige algum negócio?

-Não. Não, não é uma reunião de negócios. É uma reunião na igreja.

A igreja da nossa aldeia. Precisamos levantar fundos. Trata-se de pouco dinheiro, mas o avô de meu marido mandou construir a igreja, e ele sente uma espécie de responsabilidade

de família.

Estava chovendo novamente. Os limpadores do pára-brisa movimentavam-se de um lado para o outro. Talvez a conversa desviasse-lhes a atenção do mau tempo.

-É a primeira visita que fazem à Escócia?

As duas senhoras, harmonizadas como um duo vocal, contaram-lhe: Os homens já haviam estado ali antes, para jogar golfe, mas aquela era a primeira vez que as mulheres os acompanhavam. E estavam adorando tudo, as lojas em Edimburg eram de enlouquecer.

Chovia, é claro, mas isso não as incomodava. Tinham as novas capas da Burberry, e ambas achavam que a chuva fazia Edimburg parecer tão histórica e romântica, que conseguiam visualizar Mary Stuart e Bothwell cavalgando pela Royal Mile.

Quando se calaram, Isobel perguntou de que parte dos Estados Unidos vinham.

-Do Estado de Nova York. -Fica perto do mar?

- Oh, claro. Nossos filhos saem para velejar todo fim de semana. Isobel podia imaginar. Podia imaginar os filhos, bronzeados e com o cabelo agitado

pelo vento, explodindo

de vitaminas, suco de laranja gelado saúde, deslizando sobre o mar azul-anil, debaixo da curva da vela imaculadamente branca da embarcação. E sol. Céu azul e sol.

Dia após dia, podiam-se planejar jogos de ténis, piqueniques e churrascos à noitinha, com a certeza de que não ia chover no dia seguinte.

Era assim que ela se lembrava dos verões. Os verões sem fim, sem preocupação da infância. O que acontecera com aqueles dias compridos, claros, suaves, com o perfume

das rosas, quando se entrava em casa apenas para comer e, às vezes, nem mesmo para isso? Nadar no rio, deitar no jardim, jogar ténis, tomar chá à sombra de uma árvore porque fazia muito calor em qualquer outro lugar. Lembrava-se de piqueniques em charnecas que ardiam à luz do sol, a urze seca para fazer uma fogueira e as cotovias

voando alto. O que acontecera com seu mundo? Que desastre cósmico transformara aqueles dias iluminados em semanas e semanas de uma melancolia sombria e úmida?

Não era só o tempo; era que o tempo tornava tudo muito pior. Como o fato de Archie ter perdido a perna por causa de um tiro, e ter que ser agradável com pessoas que não conhecia porque estavam pagando para dormir nos quartos vagos de sua própria casa. E sentir-se cansada o tempo todo, nunca comprar roupas novas, preocupar-se

com as mensalidades escolares de Hamish, e sentir saudades de Lucilla. Ouviu-se dizendo com certa ênfase:

- Oh!

Por um instante, talvez surpresos com o seu desabafo, nenhum deles comentou nada.

Então, uma das senhoras falou:

- Desculpe, mas o que quis dizer com isso?

- Sinto muito. Quis referir-me à chuva. Ficamos cansados de tanta chuva. Quis referir-me a esses verões horríveis.

A Igreja Presbiteriana de Strathcroy, a Igreja oficial da Escócia, erguia-se, imponente, antiga e venerável, na margem sul do Rio Croy. Chegava-se lá pela

estrada

principal que atravessava a aldeia, passando-se por uma ponte de pedra em curva, e seu aspecto era idílico. Campos estendiam-se à beira do rio, um gramado onde, todo mês de setembro, se realizavam os Jogos de Strathcroy. O cemitério de grama verde, à sombra de uma faia gigante, estava coberto de túmulos inclinados, envelhecidos

pelo tempo, e uma alameda verdejante levava aos portões do Presbitério. Esse também era sólido e imponente, construído para abrigar famílias numerosas de antigos ministros, e exibia um jardim invejável repleto de árvores frutíferas nodosas, mas férteis, e de rosas antigas, que floresciam sob a proteção de um muro alto de pedra. Tudo isso, disposto de um modo tão encantador, exalava um ar de segurança doméstica, para além de todo o tempo, e uma piedade temente a Deus.

Contrastando, a pequena igreja episcopal, como um parente pobre, agachava-se logo do outro lado da ponte, totalmente à sombra, literal e metaforicamente, de sua rival. A estrada principal passava perto, e, entre a igreja e a estrada, havia uma faixa de grama, que o ministro, o reverendo Julian Gloxby, podava ele mesmo toda semana. Uma pequena alameda levava a uma encosta nos fundos da igreja e à residência do ministro, na parte de trás. As duas eram modestas em tamanho e caiadas de

branco. A igreja possuía uma pequena torre com um único sino, e um pórtico de madeira que escondia a porta principal. O interior era igualmente despretensioso.

Nada

de bancos trabalhados, nada de lajes no chão, nada de relíquias históricas. Uma passadeira gasta levava ao altar, e uma harmonia fazia as vezes de órgão. Pairava sempre um ligeiro cheiro de mofo.

Tanto a igreja quanto a residência haviam sido construídas na virada do século pelo primeiro Lorde Balmerino e entregues à Diocese junto com uma pequena doação para sua manutenção. Os rendimentos dessa doação há muito se haviam esgotado, a congregação era pequena, e a Sacristia, tentando equilibraras despesas, estava sempre

em dificuldades financeiras.



Quando se descobriu que a fiação elétrica estava não só defeituosa, mas que se tornara um perigo, foi a gota d'água. Mas Archie Balmerino reuniu suas reduzidas tropas,

presidiu vários comités, visitou o bispo e conseguiu levantar alguns recursos.

Mesmo assim, ainda seria necessário levantar fundos. Apresentaram-se várias sugestões,

que foram discutidas e, no final, rejeitadas. Finalmente, decidiu-se pela velha fórmula eficaz: uma quermesse. Seria em julho, no Auditório da aldeia. Haveria uma barraca de artigos de segunda mão, uma barraca de plantas, legumes e verduras, uma barraca de prendas e artesanato, e, é claro, barracas de chá.

Foi designado um comité, que se reuniu naquela tarde úmida e cinza de junho em torno da mesa de jantar de Balnaid, a casa de Virgínia e Edmund Aird. A reunião terminou

às quatro e meia, tendo chegado a conclusões satisfatórias e tendo feito planos modestos. Esses incluíam a impressão de cartazes que atraíssem a atenção, pedir emprestado

algumas mesas de cavalete e organizar uma rifa.

O ministro Gloxby e a esposa, e Toddy Buchanan, dono da hospedaria Strathcroy Arms, já haviam partido em seus carros. Dermot Honeycombe, muito ocupado em sua loja de antiguidades, não pudera comparecer. Mesmo ausente, foi-lhe dada a incumbência de tomar conta da barraca de prendas.

Só três pessoas haviam ficado. Virgínia e a sogra, Violet, sentavam-se numa das extremidades da mesa comprida de mogno, e Archie Balmerino na outra. Logo que os outros foram embora, Virgínia foi até a cozinha para fazer chá, que trouxe numa bandeja, sem cerimónia. Três canecas, um bule marrom, uma jarra de leite e um açucareiro.

O chá era reconfortante e bem-vindo, e servia para relaxar após as intensas

discussões da tarde e para estimular a conversa, quando se aprecia melhor a companhia

da família e dos velhos amigos.

Ainda estavam pensando sobre a quermesse.

-Espero que Dermot não se importe de ficar encarregado da barraca. de prendas.

Talvez fosse bom telefonar e dar-lhe a oportunidade de dizer que não quer. - Archie era sempre muito suscetível aos sentimentos dos outros, sempre com medo de que pensassem que estava tentando impor sua vontade.

Violet foi contra a ideia.

-É claro que não se importa. Ele nunca se importa de trabalhar duro, meu caro.

Provavelmente ficaria muito mais aborrecido se tivéssemos dado o trabalho a outra pessoa. Afinal, ele sabe o valor das prendas...

Era uma senhora alta, de setenta e tantos anos, grande, vestindo um casaco e uma saia surrados, e usando sapatos rústicos de couro cru. O cabelo era

grisalho e em tufos, preso atrás num pequeno coque, e o rosto, com o lábio superior acentuado e os olhos muito separados, lembrava o



de uma ovelha mansa. E, no entanto, não era feia nem deselegante. O porte maravilhosamente ereto tinha presença, e os olhos eram, ao mesmo tempo, alegres e inteligentes,

sem nenhuma sugestão de arrogância. Naquele momento piscavam divertidos.

-Até mesmo de cachorrinhos de cerâmica com ossinhos na boca e de abajures feitos de garrafas velhas de uísque enfeitadas com conchas.

Virgínia riu.

- Ele provavelmente vai arrematar alguma coisa maravilhosa por vinte e cinco pence e vendê-la por um preço inacreditável no dia seguinte na sua loja.

Recostou-se na cadeira e espreguiçou-se como uma garotinha. Virgínia Aird, aos trinta e poucos anos, era ainda tão loura e esguia quanto no dia em que se casara com Edmund. Naquele dia, sem fazer concessões à formalidade da ocasião, usava seu uniforme do dia-a-dia-.jeans, uma suéter azul-marinho da Guemsey e mocassins de couro. Era bonita, de um modo atrevido e felino, mas tornava-se bela por causa dos olhos, enormes e de um brilhante azul-safira. A pele era delicada, sem maquilagem, no tom marrom de casca de ovo. Linhas finas surgiam nos cantos dos olhos, e só elas lhe traíam a idade.

Flexionou os dedos longos e envolveu os pulsos, como se praticasse um exercício de ginástica.

- E Isobel será a responsável pelo chá. - Parou e espreguiçou-se.

- Por que ela não veio hoje, Archie?

- Eu já lhe disse... ou talvez você não estivesse na sala. Ela teve que ir a Corriehill apanhar o bando de visitantes dessa semana.

- Sim, é claro, que bobagem a minha. Desculpe...

- Isso me faz lembrar uma coisa. - Violet estendeu a caneca. Sirva-me um pouco mais de chá, sim, minha querida? Eu posso beber até vazar pelos ouvidos... Encontrei Verena Steynton ontem em Relkirk, e ela disse que eu não precisava mais guardar segredo. Ela e Angus vão dar uma festa para Katy em setembro.

Virgínia franziu as sobrancelhas.

- O que é que você quer dizer com guardar segredo?

- Bem, ela me contou há algumas semanas, mas disse para eu não falar com ninguém até que ela tivesse conversado com Angus. Parece que finalmente conseguiu persuadi-lo.

- Meu Deus, que trabalheira! Um baileco ou uma festa em grande estilo?

- Oh, em grande estilo. Toldos e lanternas japonesas e convites em placas de cobre e todo mundo com a melhor roupa.

- Mas vai ser muito divertida - Virgínia ficou entusiasmada, como Violet previra. -

É ótimo quando as pessoas resolvem dar festas, porque 58

você não tem que pagar ingresso. E ainda tem uma boa desculpa para comprar um vestido novo. Temos de reunir o maior número de pessoas e fazê-las permanecerem por aqui até o dia da festa. Terei de certificar-me de que Edmund não estará em Tóquio

na ocasião.

- Onde é que ele está agora? - perguntou a mãe de Edmund.

- Oh, em Edimburg. Vai voltar lá pelas seis horas.

- E Henry? O que houve com Henry? Já não devia ter voltado da escola?

- Não. Ele ia parar no caminho para tomar chá com Edie.

- Isso é bom para ela.

Virgínia franziu as sobrancelhas, como era de esperar. Geralmente dava-se o contrário: era Edie quem animava as outras pessoas. - O que aconteceu?

Violet olhou para Archie.

-Você se lembra daquela prima de Edie, Lottie Carstairs? Trabalhava como arrumadeira em Strathcroy quando você casou com Isobel.

- Se eu me lembro dela? - Sua expressão era de horror. - Mulher horrível.

Completamente louca. Quebrou quase todo o aparelho de chá de Rockingham, e estava sempre

esgueirando-se pelos lugares mais imprevisíveis da casa. Nunca soube o que fez minha mãe contratá-la.

-Acho que foi em desespero de causa. Foi um verão muito atarefado, e ela precisava muito de ajuda. De qualquer maneira, Lottie só ficou por quatro meses; depois voltou para Tullochard, para morar com os pais já idosos. Nunca se casou...

- Não é de admirar...

-... e depois eles morreram, é claro, e ela ficou sozinha, aparentemente mais perturbada a cada dia. Finalmente passou dos limites e foi internada na casa de saúde

mais próxima. Edie é a parente mais chegada. Tem visitado a pobre criatura todas as semanas. E agora o médico disse que ela já está bem e pode ter alta, mas é claro que não tem condições de morar sozinha. Pelo menos, não por enquanto.

- Não me diga que Edie vai ficar com ela?

- Ela diz que terá que ficar. A pobre não tem mais ninguém. E você sabe como Edie é generosa... Ela sempre teve um grande senso de responsabilidade em relação à família. A voz do sangue e coisas assim.

- Só que o sangue às vezes é ruim - comentou Archie secamente.

- Lottie Carstairs. Não consigo pensar em nada pior. Quando é que ela virá para cá?

Violet deu de ombros.

- Não sei. Mês que vem, talvez. Ou em agosto. Virgínia estava horrorizada.

- Mas ela não vai morar com Edie, vai?



-Esperemos que não. Esperemos que seja só uma coisa temporária.

- E onde é que, pelo amor de Deus, Edie vai alojá-la? O chalezinho dela só tem dois quartos.

- Não perguntei.

- Quando é que ela lhe disse isso?

- Hoje de manhã. Quando estava passando o aspirador de pó no tapete da sala de jantar. Achei que ela estava um pouco desanimada, então perguntei o que havia

- Oh, pobre Edie. Tenho tanta pena dela...

- Edie é uma santa - disse Archie.

-Realmente é.-Violet acabou de beber o chá, olhou para o relógio e começou a apanhar suas coisas. A bolsa grande, os papéis, os óculos. Estava muito gostoso, minha

querida. Reconfortante. Mas agora preciso ir para casa.

- Eu também - disse Archie. - De volta a Croy para tomar mais chá com os americanos.

-Você vai encharcar-se com tanto chá. Quem são os hóspedes dessa semana?

-Não faço ideia. Só espero que não sejam muito velhos. Na semana passada pensei que um deles ia morrer de angina bem ali, no meio do jantar. Mas, misericordiosamente, conseguiu sobreviver.

- É uma responsabilidade tão grande.

- Não, na verdade não é. Os piores são os que fizeram alguma promessa de não beber.

Batistas bíblicos. Suco de laranja só enseja conversas pegajosas. Você veio de carro, Vi, ou quer uma carona?

-Vim andando, mas gostaria de uma carona para subir aquela colina.

- Então levarei você.

Também recolheu seus papéis e pôs-se de pé. Parou por um instante e, quando conseguiu se equilibrar, atravessou toda a extensão da sala atapetada. Mancava ligeiramente,

o que era um milagre, porque a perna direita, a não ser por um coto de coxa, era feita de alumínio.

Viera para a reunião logo depois de cuidar do jardim e pediu desculpas pelos trajes, mas ninguém prestou muita atenção porque aquela era a sua maneira habitual de

vestir. Calças de veludo já sem forma, uma camisa de xadrez com o colarinho remendado, e um paletó gasto de tweed, que ele chamava de casaco de jardinagem, embora,

na verdade, nenhum jardineiro que se respeitasse quisesse nem mesmo ser enterrado com ele.

Virgínia empurrou a cadeira e levantou-se, e Violet fez o mesmo, mas muito mais devagar, sincronizando os movimentos com o andar penoso de Archie. Não estava com pressa de sair, mas, mesmo que estivesse, não o demonstraria, pois se sentia solidária e ferozmente protetora em relação a ele. Afinal conhecera-o a vida toda.

Lembrava-se

dele desde menino,



como um rapaz audacioso, como soldado. Sempre rindo, e com um entusiasmo - quase uma sede de viver-que era tão contagioso quanto sarampo. Lembrava-se dele sempre em atividade. Jogando ténis; dançando no Baile do Regimento, rodopiando com seu par a ponto de quase erguê-lo do chão; liderando um batalhão de infantaria colina acima, atrás de Croy, as pernas compridas avançando pela urze com um passo rápido que deixava os outros todos para trás.

Naquela época, ele era Archie Blair. Agora, era Lorde Balmerino. Lorde e Senhor de Terras. Títulos pomposos para um homem magro como um caniço, e com uma perna mecânica.

O cabelo preto estava agora salpicado de branco, a pele do rosto, vincada de rugas, os olhos escuros, encovados e sombreados pelas sobrancelhas salientes.

Alcançou-a e sorriu.

- Pronta, Vi?

- Tudo pronto.

- Nesse caso, podemos ir... - E então parou de novo. - Oh, meu Deus, lembrei-me agora. Virgínia, Edmund deixou com você um envelope para me entregar? Falei com ele ontem à noite. É um tanto urgente. Algum documento da Comissão Florestal?

Isso levantou imediatamente as suspeitas de Violet.

- Você não vai começar a plantar coníferas, vai?

- Não, é sobre uma estrada de acesso que estão querendo construir à margem da charneca.

Virgínia balançou a cabeça.

- Ele não me disse nada sobre isso. Talvez tenha esquecido. Vamos dar uma olhada na escrivaninha dele na biblioteca. com certeza está lá...

- Certo. Gostaria de levá-lo comigo, se puder.

Saíram devagar da sala de jantar e passaram ao saguão. Esse era ainda maior, revestido de pinho, com uma escadaria maciça de corrimão pesado, erguendo-se em três

lances curtos até o andar de cima. Várias peças pouco discerníveis estavam espalhadas por ali. Uma arca de carvalho trabalhada, uma mesa desdobrável, e uma chaise

longue que já vira dias melhores. Esta última era quase sempre ocupada pelos cachorros, mas, no momento, não.

- Não vou procurar documentos da Comissão Florestal-anunciou Violet. - Vou-me sentar aqui até que vocês os encontrem. - E sentou-se majestosamente na cama dos cachorros

para esperar.

Deixaram-na ali.

-É só um instante. -Viu-os percorrerem o largo corredor que levava à biblioteca e, depois, à sala de visitas, e ainda mais adiante, passando por portas envidraçadas, à estufa.

Depois que os outros saíram, Violet saboreou o momento de solidão, cercada pela velha casa. Conhecia-a tão bem, conhecera-a a vida toda. Sua

própria atmosfera era-lhe confortavelmente familiar. Cada ranger da escada, cada aroma evocativo. O saguão era cheio de correntes de ar, mas que não a aborreciam.

Não era mais a casa de Violet, mas de Virgínia. Mas ainda parecia a mesma, como se, ao longo dos anos, tivesse adquirido uma força de caráter própria. Talvez porque ali tivessem acontecido tantas coisas. Talvez porque tivesse sido o refúgio e o marco de uma única família.

Não que Balnaid fosse uma casa muito velha. Na verdade era mais nova do que Violet alguns anos, construída pelo pai, Sir Hector Akenside, um homem de recursos consideráveis.

Ela sempre achara que Balnaid era um pouco como Sir Hector. Grande, gentil, pródiga e totalmente despretensiosa. Numa época em que os novos-ricos construíam para si enormes monumentos ao seu orgulho, de uma feiúra surpreendente, em forma de castelo e cheios de torreões, Sir Hector concentrara a mente sagaz em formas menos glamorosas mas infinitamente mais importantes.

Aquecimento central, encanamentos eficientes, muitos banheiros, e cozinhas ensolaradas, para que os criados (e havia muitos) trabalhassem num ambiente agradável.

E desde o dia em que terminara a construção, Balnaid nunca parecera deslocada.

Construída com pedras do lugar, da margem sul do Croy, dando as costas para a aldeia

e o rio, a frente da casa sorria para uma paisagem ao mesmo tempo doméstica e grandiosa.

O jardim era grande, cheio de arbustos e árvores frondosas. Tinha sido a paixão de Sir Hector, que o planejara ele próprio, para que os gramados bem aparados se derramassem em tufos de grama selvagem, narcisos e

campânulas. Azaléias, rosadas e amarelas, cresciam em amontoados perfumados, e alamedas bem cuidadas serpenteavam, convidativamente, entre altos arbustos de rododendros rosas e escarlates em flor.

Para além do jardim, e dele separado por um muro aguçado que deixava ver a casa, havia um acre ou mais de parque, que servia de pastagem para os póneis das colinas; e, mais além, campos cercados por rnuretas de pedra pertencentes aos criadores de ovelhas da vizinhança. Depois, na distância, as colinas. Inflavam-se até o céu, dramáticas como peças teatrais. Permanentes, e, no entanto, em contínua mutação, como a luz e as estações do ano: cobertas de neve, púrpuras pela urze, verdes pelas samambaias, varridas pelos ventos - de qualquer modo. Eram sempre belas.

Sempre foram belas.

Violet sabia de tudo isso porque Balnaid fora a casa de sua infância e, portanto, seu mundo. Crescera entre aqueles muros, brincara sozinha naquele jardim mágico, pescara trutas no rio, cavalgara seu pónei Shetland atrevido pela aldeia e nele subira até as colinas solitárias de Croy. Aos vinte e dois anos, saíra de Balnaid casada.

Lembrava-se da viagem de carro de Balnaid até a igreja episcopal no 62

banco traseiro do majestoso Rolls-Royce do pai, Sir Hector, de cartola, a seu lado.

O Rolls fora retirado da garagem para a ocasião e enfeitado de fitas brancas.

Essas, de algum modo, diminuíram-lhe a imponência, e pareciam quase tão incongruentes quanto Violet, com a silhueta generosa metida num vestido de seda creme horrivelmente

desconfortável e envolta num véu de renda Limerick herdado, que escondia suas feições pouco atraentes. Lembrava-se de ter voltado a Balnaid no mesmo carro opulento,

mas, nessa viagem, até o espartilho apertado não tinha mais importância, porque ela era, finalmente, a esposa triunfante de Geordie Aird.

Morava em Balnaid, com pequenos períodos de afastamento, desde então e só se mudara definitivamente dez anos atrás, quando Edmund se casara com Virginia. Ele trouxera Virgínia para morar em Balnaid, e Violet compreendeu, então, que chegara a hora de se retirar e permitir que a velha casa recebesse sua nova e jovem dona. Passou a propriedade para o nome de Edmund, comprou um velho chalé de jardineiro pertencente a Archie Balmerino. A casa chamava-se Pennyburn e ali, entre os muros majestosos

de Croy, fez um lar. A restauração e a limpeza da pequena casa fizeram-na feliz durante um ano inteiro, e ainda não acabara de ajeitar o jardim a seu gosto.

Disse a si mesma que era uma mulher de sorte.

Sentada ali, na chaise longue cheirando a cachorro, Violet olhou à sua volta. Viu o tapete turco gasto, várias peças da mobília que tanto conhecera. Quando se despedira

de Balnaid, nunca imaginara que tão pouco ali mudaria. A nova esposa de Edmund, concluiu, seria como uma vassoura nova que vem para varrer todas as velhas tradições

poeirentas, e estava realmente interessada em ver o que Virginia - jovem e vital, como uma rajada de ar fresco - conseguiria fazer. Mas, além de renovar completamente

o quarto principal, passar uma camada de tinta na sala de visitas e transformar uma velha despensa num quarto de despejo, que zumbia com os motores dosfreezers, das máquinas de lavar roupa, secadoras e outros luxos utilitários, Virginia não fez mais nada. Violet aceitou, mas achou estranho. Afinal, não era por falta de dinheiro,

e parecia-lhe estranho que Virginia se contentasse em viver cercada de tapetes gastos, cortinas de veludo desbotadas e do velho papel de parede eduardiano.

Talvez tivesse qualquer coisa a ver com a chegada de Henry. Porque depois que Henry nasceu, Virginia abandonou todos os seus outros interesses e

dedicou-se somente ao bebé. Isso era ótimo, mas foi um choque para Violet. Não tinha ideia de que sua nora fosse tão maternal. com Edmund fora tanto tempo, e mãe e filho sozinhos, Violet tinha algumas reservas, que guardava para si, sobre essa dedicação sufocante, e era com surpresa que via que, apesar do mundo como fora criado, Henry crescera

e se tornara um menininho encantador. Um pouco dependente demais da 63

mãe, talvez, mas, ainda assim, não era mimado-uma criança encantadora. Talvez...

- Desculpe, Vi. Fiz você esperar.

Levou um susto. Virou-se e viu Archie e Virgínia vindo em sua direção, Archie segurando o envelope pardo grande como se fosse um estandarte conquistado com dificuldade...

- Deu um pouco de trabalho para encontrar. Agora vamos, deixo você em casa.

64

Henry Aird, de oito anos, bateu com jeito importante na porta de Edie Findhorn, usando a aldraba em forma de duende. A casa fazia parte de uma fileira de chalés de um único pavimento paralela à rua principal de Strathcroy, mas o de Edie era mais bonito do que os outros, porque tinha o telhado coberto de palha cheia de musgo

e porque os miosótis cresciam na pequena faixa de terra entre a calçada e o muro.

Parado ali, ouviu-lhe os passos; ela destrancou a porta e a abriu.

- Ora, aí está você.

Ela estava sempre rindo. Ele a amava, e, quando as pessoas perguntavam quem eram seus melhores amigos, Edie encabeçava a lista. Ela não era apenas alegre, mas também

gorda, grisalha, de faces rosadas, e apetitosa como um bolo saído do forno.

- Teve um dia agradável?

Ela sempre perguntava isso, apesar de vê-lo diariamente à hora do almoço, pois era ela quem servia o jantar na escola e também a refeição do meio-dia. Era muito conveniente que Edie fosse a encarregada, porque reduzia as porções dos pratos de que ele não gostava, como carne moída muito temperada e mingau muito grosso, e

era liberal com puré de batatas e pudim de chocolate.

- Sim, tive - Entrou na sala de estar, jogou o casaco e a sacola da escola no divã.

- Tivemos aula de desenho. Tivemos que desenhar uma coisa.

- O que é que vocês tiveram que desenhar?

- Tivemos que desenhar uma canção. - Começou a desafivelar a sacola. Estava com um problema e achava que provavelmente Edie poderia ajudá-lo a resolver. - Cantamos

"Voe Meu Lindo Barco como um Pássaro entre o Mar e o Céu" e tivemos que fazer um desenho sobre essa canção. E todos os outros desenharam barcos a remo e ilhas, e eu desenhei isto. Mostrou o desenho, ligeiramente amassado pelo contato com o ténis e a caixa de lápis de cor. - E o Sr. McLintock riu, e eu não sei por quê.



- Ele riu? - Ela pegou o papel da mão dele, foi procurar os óculos e colocou-os. -

E ele não disse por que riu?

- Não. A campainha tocou e acabou a aula.

Edie sentou-se no divã, e ele, ao seu lado. Juntos olharam em silêncio para o trabalho. Ele considerava aquele um de seus melhores desenhos. Um belo barco a motor

deslizando sobre o mar azul, a espuma branca envolvendo-lhe a proa e uma esteira, também branca como a neve, na popa. Havia gaivotas no céu, e, à frente do barco, um bebé envolvido num xale. Fora difícil desenhar o bebé, porque os bebés têm rostos engraçados. Não possuem nariz nem queixo. E também aquele bebé parecia estar meio desequilibrado, como se, a qualquer momento, fosse escorregar do barco para dentro d'água. Mas, ainda assim, estava ali.

Edie não disse nada. Henry explicou:

- É um barco a motor. E esse é o recém-nascido.

- Sim, estou vendo.

- Mas por que o Sr. McLintock riu? Não é engraçado.

-Não, não é engraçado. É um lindo desenho. É só que... bem, voar, na canção, nada tem a ver com um barco a motor. Quer dizer apenas que o barco corta as águas muito rápido, mas não é um barco a motor. E o bebé que nasceu para ser rei foi o Lindo Príncipe Charlie, e já estava crescido quando subiu ao trono.

Agora estava tudo explicado.

- Oh - disse Henry. - Compreendo. Ela lhe devolveu o desenho.

-Mas, mesmo assim, é um bom desenho, e acho que o Sr. McLintock não devia ter rido.

Coloque-o na sua sacola e leve-o para casa, para sua mãe ver, e Edie vai fazer chá para você.

Enquanto ele guardava, ela se pôs de pé, colocou os óculos sobre o suporte da lareira e saiu da sala por uma porta que dava para a cozinha e o banheiro. Estes últimos

eram acréscimos modernos à casa, pois, quando Edie era criança, o chalé consistia apenas de dois cómodos. Era uma casinha com um pequeno anexo. A sala, que servia também de cozinha, e o quarto. Não tinha água encanada, apenas uma privada de madeira no final do jardim. O mais surpreendente era que Edie tivera quatro irmãos e que, assim, sete pessoas haviam morado nos dois cómodos. Os pais dormiam

' No original, "Speed Bonnle Boat Like a Bird on the Wing over the Sea to Skye"

(nome da canção). Speed significa velocidade, e barco a motor, em inglês, é speedboat.

Daí a confusão do menino. (N.T.)

' No original, Bonnie Prince Charlie. Bonnie significa lindo. Na canção, Bonníe Boat é Barco). No segundo caso, é uma espécie de apelido dado ao príncipe destinado a reinar. (N.T.)



numa cama na cozinha, com uma prateleira na parede, para o bebé, e as outras crianças amontoavam-se no outro cómodo. Para conseguir água, a Sra. Findhorn caminhava

todos os dias até a cisterna da aldeia, e só se tomava banho uma vez por semana, numa banheira de zinco colocada em frente à lareira da cozinha.

- Mas como é que vocês cinco cabiam no quarto, Edie? - Henry perguntava, fascinado pelo problema do espaço. Só com a cama de Edie e o guarda-roupa, já parecia

incrivelmente

pequeno.

-Oh, veja, não ficávamos lá dentro todos ao mesmo tempo. Quando nasceu o mais novo, meu irmão mais velho já estava trabalhando na lavoura e morava numa cabana com os outros empregados. E, depois, quando as meninas já

tinham idade, foram trabalhar em casas de famílias ricas. Era como se tirassem um pedaço de nós quando tínhamos de partir, choro para todo lado, mas não havia espaço para todos, e eram muitas bocas para comer, e minha mãe precisava daquele dinheiro extra.

Ela também lhe contava outras coisas. Como, nas noites de inverno, alimentavam o fogo com cascas de batata e se sentavam em volta, ouvindo o pai ler em voz alta as histórias de Rudyard Kipling ou Pilgrim's Progress. As meninas menores tricotavam meias para os homens. E, quando chegava o momento de tricotar o calcanhar, passavam

o trabalho para uma irmã mais velha ou para a mãe, porque aquela parte era complicada demais para elas. A vida era muito modesta, mas bastante aconchegante.

Olhando

em volta, Henry achava difícil imaginar o chalé de Edie do jeito que fora naqueles dias. Agora era luminoso e alegre, fora-se a cama e havia lindos tapetes pelo chão. O antigo espaço para o fogo na cozinha fora-se também e em seu lugar havia uma bela lareira de ladrilhos verdes, bem como cortinas floridas, uma televisão e lindos bibelôs de porcelana.

Depois de guardar o desenho, afivelou a sacola de novo. SpeedBonnie Boat (Voe Meu Lindo Barco). Entendera tudo errado. Isso costumava acontecer. Havia uma outra canção que lhes haviam ensinado na escola. "Oh, Oh, Minha Garota de Pele Morena".

Henry, cantando alegremente com o resto da turma, podia imaginar a garota. Uma pequena paquistanesa, como Kedejah Ishak, de pele escura e rabo-de-cavalo brilhante, remando feito louca num lago batido pelo vento.

A mãe tivera de explicar-lhe também essa canção. Geralmente, também as palavras comuns pareciam-lhe confusas. pessoas falavam com ele, e ele ouvia, mas tomava as palavras pelo som. - a palavra, ou a imagem que surgia da palavra, grudavam-lhe na mente. Os adultos iam passar as férias em "Meu Yorker" ou "PortjiggaT. Ou "Grease"

(Graxa). "Grease" parecia um lugar horrível. Edie, certa vez, contara-lhe o caso de uma senhora que estava sofrendo muito porque a filha se casara com um irresponsável (fly-by-nighi) que não estava à altura dela. A

Pobre senhora, sofrendo muito (cup up) - para ele, cortada em pedaços (cut up) -

aparecia sempre em seus pesadelos.

Um dia, depois da aula, fora tomar chá com a avó em Pennyburn. Soprava uma ventania, e as rajadas uivavam em torno da pequena casa. Sentada ao pé do fogo, Vi exclamara

qualquer coisa, aborrecida, levantara-se e fora apanhar em algum lugar uma tela dobrável, que colocou em frente à porta envidraçada que dava para o jardim. Henry perguntou-lhe por que estava fazendo aquilo e, quando ela lhe contou, ficou tão horrorizado que mal conseguiu falar durante o resto da tarde. Quando a mãe veio apanhá-lo,

ficou felicíssimo ao vê-la e quase não podia esperar para vestir o casaco e sair daquela casa, quase esquecendo-se de agradecer a Vi pelo chá.

Fora horrível. Sentiu que nunca mais ia querer voltar a Pennyburn, e, no entanto, sabia que devia, pelo menos para proteger Vi. Todas as vezes em que a mãe sugeria outra visita, ele arranjava alguma desculpa ou dizia que preferia visitar Edie.

Finalmente, uma noite, quando estava tomando banho, a mãe entrou, sentou-se na privada

e começou a conversar com ele; conduziu a conversa delicadamente para o assunto e, no final, perguntou-lhe diretamente se havia alguma razão para que não quisesse mais visitar Vi.

-Você sempre adorou ir lá. O que aconteceu?

Era um alívio poder falar finalmente sobre aquilo.

-Tenho medo.

- Querido, do que você tem medo?

- Entra pela casa adentro, vindo do jardim, e entra na sala de estar. Vi pôs uma

tela na frente, mas ela vai conseguir derrubá-la. Ela pode machucar Vi. Eu acho que Vi não vai mais poder morar lá.

- Pelo amor de Deus! O que é que entra pela casa adentro?

Ele podia ver. com as pernas compridas cheias de manchas, um pescoço comprido e fino também cheio de manchas, grandes dentes amarelos, os lábios recurvados, prestes

a dar o bote ou a morder.

- Uma girafa horrível. A mãe ficou confusa.

- Henry, você ficou maluco? Só existem girafas na África ou nos Zoológicos. Não existem girafas em Strathcroy.

- Existem! - gritou ele diante da ignorância da mãe. - Ela me disse que havia uma girafa horrível entrando pelo jardim, passando Pela porta e entrando na sala de estar. Ela disse isso.

Houve um longo silêncio. Ele olhou para a mãe, e ela para ele com os luminosos olhos azuis, mas não sorriu. Finalmente falou:

- Ela não estava dizendo que havia uma girafa, Henry. Ela estava 68

dizendo que havia uma corrente de ar. Você sabe, uma corrente de ar horrível, enregelante.

Uma corrente de ar. Não uma girafa, mas uma corrente de ar. Toda essa confusão por causa de uma estúpida corrente de ar. Fizera papel de bobo, mas estava tão aliviado por saber que a avó estava salva dos monstros, que não se importou.

- Não conte para ninguém - pediu.

- Terei de explicar para Vi. Mas ela não contará nada.

- Está certo. Pode contar para Vi. Mas para mais ninguém.

E a mãe prometera, e ele pulara do banho, todo molhado, e ela abraçara-o e envolvera-o numa grande e macia toalha e dissera que ia comê-lo vivo e que o amava, e

os dois cantaram "Camptown Races", e Henry comeu macarrão e queijo no jantar.

Edie cozinhara linguiça para o lanche e fizera bolinhos de batata, e abrira uma lata de feijão cozido. Enquanto ele comia tudo isso sentado à mesa da cozinha, Edie,

do outro lado, tomava uma xícara de chá. Comeria mais tarde.

Enquanto mastigava, observava que ela estava mais quieta do que de costume.

Geralmente, nessas ocasiões, não paravam de conversar, e ele ouvia atentamente todos

os mexericos da aldeia. Quem morrera e quanto dinheiro deixara; quem abandonara o pai sozinho na fazenda e partira para Relkirk para trabalhar numa garagem; quem engravidara e, por isso, encontrava-se numa situação difícil. Mas hoje, nem mesmo essas informaçõezinhas eram-lhe passadas. Em vez disso, Edie sentava-se com os cotovelos cheios de covinhas sobre a mesa e contemplava o jardim estreito e comprido dos fundos.

Ele disse:

-Dou um doce pelo que você está pensando, Edie-que era o que ela sempre lhe dizia quando ele tinha algum pensamento na cabeça.

Ela suspirou profundamente.

- Oh, Henry, não sei, não sei mesmo.

O que não esclarecia nada. Entretanto, quando ele a pressionou, ela explicou a situação. Tinha uma prima que morava em Tullochard. Chamava-se Lottie Carstairs e nunca fora muito inteligente. Nunca se casara. Fora trabalhar como empregada doméstica, mas nunca conseguira fazer nada direito. Morara com os pais até que os dois

velhos morreram; depois,

' No original draught. O menino confundiu essa palavra com giraffe (girafa), embora a pronúncia das duas não seja muito semelhante. (N.T.) 69

começara a adotar atitudes muito estranhas e acabara sendo internada. Edie disse que fora um colapso nervoso. Mas estava recUPerando-se, e um dia desses iria deixar o hospital e viria morar com Edie, porque a pobre alma não tinha nenhum outro lugar

para onde ir.

Henry achou uma péssima ideia. Gostava de ter Edie só para ele.

- Mas você não tem um quarto disponível.

- Ela vai ter que ficar no meu quarto. Ele ficou indignado.

- Mas onde é que você vai dormir?

- No sofá-cama na sala de estar. Ela era gorda demais para dormir no sofá-cama.

- Por que você não põe Dotty para dormir ali?

- Porque ela vai ser minha hóspede, e o nome dela é Lottie.

- Ela vai ficar muito tempo?

- Vamos ver. Henry ficou pensando.

- Você vai continuar a ser a encarregada do jantar da escola e a ajudar mamãe e Vi em Pennyburn?

- Pelo amor de Deus, Henry, Lottie não está inválida-

- Será que eu vou gostar dela? - Isso era importante. Edie ficou sem palavras.

-Oh, Henry, não sei. Ela é uma criatura muito triste. Completamente louca, meu pai costumava dizer. Ficava "uma fera" quando via um homem, e completamente desajeitada!

Há alguns anos, trabalhou por muito tempo para a velha lady Balmerino, em Croy, mas quebrou tanta porcelana que a mandaram embora. Depois disso, nunca mais trabalhou-Henry estava horrorizado.

- Você não deve deixá-la lavar a louça ou ela irá quebrar todas as suas coisas bonitas.

- Não são só meus bibelôs que ela vai quebrar... - profetizou Edie tristemente, mas antes que Henry pudesse seguir aquela interessante linha de pensamento, ela se controlou, adotou uma expressão mais atenta e, propositalmente, mudou de assunto. -

Você quer mais um bolinho de batata ou prefere a sua barra de chocolate?



Saindo, junto com Archie e Virgínia, pela porta da frente de Balnaid e descendo os degraus até a entrada de cascalho, Violet viu que a chuva parara. Ainda estava úmido, mas já muito mais quente, e, levantando a cabeça, sentiu a brisa no rosto, soprando do oeste. Nuvens baixas caminhavam vagarosamente pelo céu, revelando aqui e ali um pedacinho de azul e um raio de sol penetrante, bíblico. Seria uma bela noite de verão mas não adiantaria muito para ninguém.

O velho Land Rover de Archie esperava por eles. Despediram-se de Virginia; Violet beijou a nora no rosto.

- Beijos em Edmund.

- Darei.

Entraram no Land Rover, ambos com algum esforço, Violet porque estava velha, e Archie por causa da perna mecânica. Fechadas as portas, Archie deu a partida e lá se foram eles, descendo o caminho em curva até o portão, pela alameda estreita, passando pela igreja presbiteriana e atravessando a ponte. Na estrada principal, Archie esperou, mas não havia muito tráfego e dirigiu-se à rua que atravessava Strathcroy de um extremo a outro.

Surgiu a pequena e humilde igreja episcopal. O ministro Globy estava cortando a grama.

-Ele trabalha tanto-observou Archie.-Espero sinceramente que consigamos levantar algum dinheiro com a quermesse. Foi bom você ter vindo hoje, Vi. Tenho certeza de que teria preferido ficar cuidando do jardim.

- Estava fazendo um tempo tão desanimador que não senti vontade nenhuma de ficar arrancando ervas daninhas - respondeu. - Assim, pode-se bem passar o dia fazendo alguma coisa útil. - Pensou um pouco nisso.-Como quando se está preocupadíssima com um filho ou um neto, mas não se pode fazer nada, e, então, resolve-se esfregar o chão da copa. No fim do dia, você ainda está preocupadíssima, mas pelo menos a copa está limpa.



- Você não está preocupada com a família, está, Vi? O que poderia estar preocupando você?

-Todas as mulheres preocupam-se com a família-afirmou-lhe Vi enfaticamente.

O Land Rover rolou estrada abaixo, passou pelo posto de gasolina, que antes fora a

forja do ferreiro, e pelo supermercado dos Ishak. Adiante, abriram-se os portões da entrada dos fundos de Croy. Archie mudou de marcha e atravessou-os, e começaram a subir. Há algum tempo, não muito, as terras em volta da casa haviam sido um parque, pastagens verdes para gado de raça, mas aqueles campos haviam sido arados para diversas colheitas,

cevada, nabos. Só haviam restado algumas árvores de folhas largas, testemunhas do esplendor de antigamente.

- Por que você está preocupada?

Violet hesitou. Sabia que podia confiar em Archie. Conhecera-o a vida toda, vira-o crescer. Na verdade, gostava dele como se fosse seu filho, pois, embora ele tivesse cinco anos menos do que Edmund, os dois haviam crescido juntos, estavam sempre juntos, e eram grandes amigos.

Se Edmund não estava em Croy, Archie estava em Balnaid; e, se não estavam em nenhuma das duas casas, é porque estavam caminhando pelas colinas, armados e seguidos

pelos cachorros, ajudando Gordon Gillock a queimar a urze e a conservar a vegetação. Ou, então, estavam andando de barco no lago, ou pescando trutas nas partes escuras

e mais fundas do Croy, ou jogando ténis, ou patinando nas águas geladas.

Inseparáveis, diziam todos. Como irmãos.

Mas não eram irmãos e separaram-se. Edmund era inteligente. Duas vezes mais inteligente do que seus pais, que não o eram pouco. Archie, por outro lado, não era do

tipo intelectual.

Edmund, que fez a faculdade sem nenhum esforço, saiu de Cambridge com honras, um diploma de economia e foi imediatamente contratado por um prestigioso banco mercantil

de City.

Archie, incapaz de pensar em qualquer outra carreira que pudesse seguir, decidiu ingressar no Exército. Compareceu a uma Junta de Recrutamento e Seleção e conseguiu,

com esperteza, passar pela entrevista, pois os quatro oficiais graduados, aparentemente, decidiram que um boletim escolar modesto podia ser compensado pela personalidade

empreendedora e afável de Archie, e por seu enorme entusiasmo pela vida.

Passou pela Academia de Sandhurst, juntou-se ao Regimento e foi enviado à Alemanha.

Edmund ficou em Londres. Como todos imaginavam, Edmund fez uma carreira bem-sucedida

e, em cinco anos, foi descoberto Pela Sanford Cubben, e contratado. No tempo apropriado, casou-se, mas até esse acontecimento romântico serviu para abrilhantar ainda

mais sua imagem. Violet recordava-se de como percorrera a longa nave de Santa 72

Margaret, na Abadia de Westminster, de braço dado com Sir Rodney Cheriton, pensando, no fundo do seu coração, que Edmund estava casando com Caroline porque a amava

verdadeiramente, e não porque fora seduzido pela aura de riqueza que a cercava.

E, agora, o destino completara sua volta, e os dois homens retornavam a Strathcroy.

Archie, em Croy, e Edmund, em Balnaid. Homens adultos, na meia-idade, ainda amigos, mas não mais íntimos. Aconteceram coisas demais a ambos, e nem todas boas. Haviam-se passado muitos anos, como a água debaixo de uma ponte. Eram pessoas diferentes: um era um homem muito rico, o outro lutava com dificuldades financeiras. Mas não era por causa disso que havia uma certa polidez entre eles.

Não eram mais unidos como irmãos.

Ela suspirou profundamente. Archie sorriu.

- Oh, vamos lá, Vi, não pode ser nada tão ruim assim.

- É claro que não. - Ele já tinha muitos problemas. Ela ia procurar diminuir os seus. - Mas realmente preocupo-me com Alexa, porque ela parece tão sozinha. Sei que está trabalhando no que gosta, e que mora naquela casinha encantadora, e que Lady Cheriton deixou-lhe o suficiente para sentir-se segura pelo resto da vida. Mas

receio que a vida social dela seja um desastre. Acho que realmente se acha feia, sem graça e pouco atraente aos homens. Não tem confiança em si mesma. Quando ela foi para Londres, esperei que construísse uma vida agradável, que fizesse amigos da mesma idade. Mas foi morar com a avó na Rua Ovington, como uma espécie de dama de companhia. Se pelo menos tivesse conhecido algum homem gentil que se casasse com ela... Já devia ter marido e filhos para cuidar. Alexa nasceu para ser mãe.

Archie ouviu tudo isso com simpatia. Também gostava muito de Alexa.

- Perder a mãe tão cedo... talvez tenha sido uma experiência mais traumática do que se tenha pensado. Talvez tenha-a feito sentir-se diferente das outras meninas.

De certo modo, incompleta - disse.

Violet pensou nisso.

- Sim, talvez. Apesar de Caroline nunca ter sido uma mãe muito carinhosa ou amorosa. Nunca passava muito tempo com Alexa. Foi Edie quem lhe deu segurança e afeição.

Edie estava sempre por perto.

- Mas você gostava de Caroline.

- Oh, sim, gostava. Não havia como não gostar. Tínhamos um bom relacionamento, e acho que ela foi uma boa esposa para Edmund. Mas era uma moça estranhamente reservada.

Às vezes eu ia até o sul, para passar uns dias com eles em Londres. Caroline costumava convidar-me, de um modo muito encantador, sabendo como eu gostava de ficar

com Alexa e Edie. E é claro que eu gostava, mas nunca me senti totalmente em casa.



Detesto cidades grandes. Ruas, casas e tráfego fazem-me sentir encurralada.

Claustrófoba. Mas, além disso, Caroline nunca foi uma anfitriã que deixasse as pessoas

à vontade. Sempre me senti um pouco deslocada, e era impossível conversar com ela.

Quando ficava sozinha com ela, tinha de esforçarme, muitas vezes, para manter a conversa, e você sabe perfeitamente bem que, se preciso, consigo conversar até com um muro de pedra. Mas havia muitas pausas e silêncios que não eram como os que ocorrem entre amigos. E eu tentava preencher esses silêncios bordando furiosamente minha tapeçaria.-Olhou para Archie.- Isso parece ridículo ou você compreende o que estou tentando dizer?

-Sim, compreendo. Conheci pouco Caroline, mas, nas poucas vezes em que a encontrei, sempre me senti desajeitado.

Mas até mesmo essa pequena tentativa de amenizar o problema não fez Violet sorrir, preocupada como estava com os problemas de Alexa. Ficou em silêncio, pensando na neta.

Agora já haviam subido parte da colina que levava a Croy e aproximavam-se da curva de Pennyburn. Não havia portões, só uma abertura na cerca, àesquerda da estrada.

OLandRoveratravessou-a, e Archie percorreu as cem jardas ou mais da alameda pavimentada, ladeada por grama aparada e cercas de faias cuidadosamente podadas. Ao final,

a alameda abria-se em um pátio de bom tamanho, com uma casinha branca de um dos lados e uma garagem para dois carros do outro. As portas da garagem estavam abertas,

mostrando o carro de Violet, o carrinho de mão, o cortador de grama e uma variada coleção de ferramentas de jardinagem. Entre a garagem e a cerca de faias, estava o varal de roupas. Estivera lavando roupa naquela manhã e uma das cordas agitava-se à brisa crescente, balançando as peças. Vasos com hortênsias rosadas flanqueavam a entrada da casa, e uma cerca de alfazemas crescia junto às paredes.

Archie freou e desligou o motor, mas Violet não fez menção de descer. Tendo começado o assunto, não tinha intenção de calar-se antes de terminá-lo.

- Assim, eu não acredito realmente que perder a mãe daquela maneira trágica seja a razão da falta de autoconfiança de Alexa. Nem o fato de que Edmund se tenha casado de novo e presenteado a filha com uma madrasta. Ninguém poderia ter sido mais doce ou mais compreensiva do que Virgínia, e a chegada de Henry só trouxe alegria.

Nem um resquício da velha rivalidade entre irmãos. - À menção do nome de Henry,

Violet lembrou-se ainda de outra preocupação cansativa. - E agora estou preocupada demais com Henry. Porque receio que Edmund vai insistir em mandá-lo para Templehall como interno. E acho que ele ainda não está Preparado para isso. E, se ele for realmente, fico ansiosa por causa de Virgínia, porque Henry é toda a sua vida, e, se ela se separar dele contra



sua vontade, receio que ela e Edmund fiquem estremecidos. Ele está sempre viajando.

Às vezes fica em Edimburg, uma semana inteira; às vezes do outro lado do mundo.

Isso não é bom para nenhum casamento.

- Mas, quando Virgínia se casou com Edmund, sabia como seria. Não fique tão preocupada assim, Vi. Templehall é uma boa escola, e Colin Henderson é um diretor compreensivo.

Tenho ótima impressão do lugar. Hamish adorou estudar lá, aproveitou muito.

- Sim, mas o seu Hamish é muito diferente de Henry. Aos oito anos, Hamish já era perfeitamente capaz de tomar conta de si próprio.

- Sim - teve de admitir Archie, não sem um certo orgulho. - Ele é mesmo um garoto sensacional.

Outro pensamento terrível passou pela cabeça de Violet.

- Archie, eles não batem nos meninos, batem? Não batem neles, batem?

- Céus, não! O pior castigo é ter de ficar sentado numa cadeira no vestíbulo. Por alguma razão, tal castigo incute pavor até no mais recalcitrante dos garotos.

- Bem, pelo menos é só isso. É tão desumano bater em crianças pequenas. E tão idiota. Quando você apanha de alguém que detesta só faz você sentir mais ódio e medo.

Mas, quando um homem que você respeita e até mesmo gosta o faz sentar-se numa cadeira dura, já é uma coisa infinitamente mais sensata.

- Hamish passou a maior parte do primeiro ano sentado nessa cadeira.

- Garoto levado. Oh, meu Deus, não dá nem para imaginar uma coisa dessas. E Edie também não suportaria pensar nisso. Agora temos que nos preocupar com Edie, amarrada a essa horrível prima lunática. Há tanto tempo dependemos de Edie que nos esquecemos de que ela não é mais jovem. Eu só espero que não seja trabalho demais para ela.

- Bem, a coisa ainda não aconteceu. Talvez acabe não acontecendo.

-Não vamos querer que a pobre Lottie Carstairs morra, o que parece ser a única alternativa.

Olhou para Archie e viu, com alguma surpresa, que ele estava quase rindo. - Sabe de uma coisa, Vi? Você está me deprimindo.

-Oh, desculpe-me.-Deu-lhe uma palmadinha amigável no joelho.

- Que velha mais tagarela que eu sou. Não ligue. Diga-me, têm notícias de Lucilla?

- Na última vez que soubemos, estava empoleirada em alguma água-furtada em Paris.

- Sempre ouvi dizer que os filhos são uma alegria. Mas, às vezes, podem-se transformar nas piores dores de cabeça. Agora preciso deixar 75

você ir para casa, e não ficar tagarelando aqui. Isobel deve estar esperando que chegue.

- Você não gostaria de ir até Croy e tomar um pouco mais de chá? Falou sem muita convicção. - Ajudar a entreter os americanos?

O coração de Violet comprimiu-se a tal perspectiva.

-Archie, acho que não me sinto capaz disso. Você acha que eu sou egoísta?

-Nem um pouco. Foi só uma ideia. Às vezes acho todo esse negócio de latir e abanar o rabo bastante assustador. Mas não é nada em comparação com o que a pobre Isobel tem que suportar.

-Deve ser um trabalho pesadíssimo. Apanhar os hóspedes, levá-los, cozinhar, pôr a mesa, fazer as camas. E ainda ter de estimular a conversação. Eu sei que são só duas noites por semana, mas será que vocês não poderiam desistir disso e encontrar algum outro meio de ganhar dinheiro?

- Será que você poderia?

-Não de imediato. Mas gostaria que as coisas fossem diferentes para vocês dois. Sei que o tempo não volta atrás, mas às vezes acho que seria melhor que nada tivesse

mudado em Croy. Se seus pais maravilhosos pudessem estar vivos, e todos vocês pudessem ser novamente jovens. Gente entrando e saindo, carros chegando e partindo, e muitas vozes. E riso.

Voltou-se para Archie, mas o rosto dele estava virado para o outro lado.

Contemplava o varal, como se as toalhas de mesa e as fronhas, e os sutiãs bojudos e as calças

de seda fossem a visão mais interessante do mundo.

Ela pensou: "E você e eEdmund eram tão Amigos...", mas não disse nada.

- E Pandora também. Aquela criança tão levada e tão querida. Sempre achei que quando ela se foi, levou muito da alegria da casa com ela.

Archie permaneceu em silêncio. Depois disse:

- Sim. - Mais nada.

Pairou um certo constrangimento entre eleS. Para dissipá-lo, Violet começou a juntar suas coisas.-Não devo fazer você se demorar mais. Abriu a porta e saltou do velho e pesado veículo.

- Obrigada pela carona, Archie.

- Foi um prazer, Vi.

- Beijos em Isobel.

- É claro. Até breve.

Ela esperou enquanto ele dava a volta com o Land Rover e o observou distanciar-se pela alameda, e depois subir a colina. Sentiu-se culpada, Porque achava que devia ter ido com ele tomar chá com Isobel e ajudar a

entreter os americanos desconhecidos. Mas, agora, era tarde demais, já fora embora.

Procurou a chave na bolsa e entrou em casa.

Archie continuou sozinho em seu caminho. A estrada tornou-se mais íngreme. Agora surgiam árvores à frente, pinheiros da Escócia e faias altas. Para além, o contorno das colinas erguia-se em direção ao céu, rochedos e seixos, brotos de tojo e de samambaia, e arbustos eretos de bétulas prateadas. Alcançou as árvores e a estrada, tendo subido o mais que podia, fazia uma curva à esquerda e nivelava-se. Mais à frente, a avenida de faias levava até a casa. Um riacho descia do alto da colina formando uma série de pequenos lagos e quedas d'água, e passava sob uma ponte de pedra em forma de arco. O riacho chamava-se Pennyburn e serpenteava pela encosta, atravessando o jardim de Violet Aird.

Debaixo das faias, havia muita sombra, a luz era difusa, clara e esverdeada. Os ramos cobertos de folhas arqueavam-se no alto, e parecia estar-se dirigindo o carro pela nave central de uma enorme catedral. E depois, abruptamente, a avenida ficou para trás, e a casa apareceu, quadrangular, no cume da colina, com a aldeia espalhando-se

a seus pés. A brisa da tardinha fizera o seu trabalho, transformando as nuvens em frangalhos, dispersando o nevoeiro. As colinas distantes, os acres tranquilos de terras cultivadas estavam banhados pela dourada luz do sol.

De repente, sentiu que era fundamental que tivesse um momento ou dois só para si.

Isso era egoísmo. Já estava atrasado, e Isobel o aguardava precisando do seu apoio moral. Mas ignorou o sentimento de culpa, distanciou-se da casa e desligou o motor.

Estava tudo quieto, só se ouvia o assobiar do vento nas árvores, o grito dos maçaricos. Escutou o silêncio; de algum campo distante veio o balir de

ovelhas. E a voz de Violet: E se todos vocês pudessem ser novamente jovens. Entrando e saindo...

E Pandora também...

Ela não devia ter dito aquilo. Não queria que lhe reavivassem as lembranças. Não queria consumir-se com aquela saudade, com aquela nostalgia.

E todos vocês jovens novamente.

Pensou em como fora Croy nos velhos tempos. Pensou em como voltava, ainda garoto de colégio, e depois como soldado de licença. Roncando colina acima em seu carro esporte superpossante, com a capota arriada e o vento queimando-lhe o rosto.

Sabendo, com aquela certeza da juventude, que tudo estaria exatamente como deixara.

Parando com o ranger dos freios à porta da casa; os cachorros da família derramando-se



pela porta aberta, latindo, saudando-o, e o barulho alertando o resto da família, de modo que, quando conseguisse entrar, já estariam todos correndo em sua direção.

A mãe e o pai, Harris, o mordomo, e a Sra. Harris, a cozinheira, e todas as outras arrumadeiras ou diaristas que estivessem ajudando no serviço doméstico na ocasião.

- Archie! Oh, querido, seja bem-vindo!

E também Pandora. Sempre achei que quando ela se foi levou muito da alegria da casa com ela. Sua irmã mais moça. Em sua lembrança, ela tinha cerca de treze anos e já era linda. Via-a descer correndo as escadas com as longas pernas e pular para os braços dele. Via-a, com sua boca cheia e bem traçada, e os olhos provocantes, oblíquos de mulher. Ainda sentia a leveza

de seu corpo quando rodopiava com ela, levantando-a do chão. Ouvia a voz dela:

-Você está de volta, seu brutamontes, e veio num carro novo. Vi da janela do quarto das crianças. Leve-me para dar uma volta, Archie. Vamos a cem milhas por hora.

Pandora. Sentiu que sorria. Sempre, desde criança, ela fora entusiasmada pela vida, injetara vitalidade e riso mesmo nas ocasiões mais difíceis. Ele nunca conseguira descobrir de onde ela surgira. Nascera e fora criada no lar dos Blair, e, no entanto, era tão diferente do resto da família que parecia ter sido trocada na maternidade.

Lembrava-se dela quando bebé, quando era uma garotinha, quando se tornou uma adolescente de pernas compridas, deliciosa, pois nunca passara pela fase de menina gordinha,

cheia de espinhas ou insegura. Aos dezesseis anos, parecia ter vinte e um. Todos os amigos que ele trazia para casa ficavam, se não apaixonados, pelo menos hipnotizados.

A vida fervilhava de atividade para os jovens Blairs. Festas nas casas da vizinhança, festas para comemorar caçadas, ténis no verão, piqueniques ao sol em agosto,

nas colinas púrpuras pela urze.

Lembrou-se de um determinado piquenique em que Pandora, queixando-se do calor, tirara toda a roupa e mergulhara, nua, sem se preocupar com os espantados espectadores,

no lago. Lembrava-se dos bailes e de Pandora num vestido de chiffon branco, os braços morenos nus, rodopiando nos braços dos rapazes, ao som de "Strip the Willow"

e "The Duke ofPerth".

Mas ela fora embora. Fora-se há mais de vinte anos. Aos dezoito, POUCOS meses depois do casamento de Archie, fugira com um americano, marido de alguma outra mulher,

que ficara conhecendo lá mesmo na Escócia durante o verão. Voou para a Califórnia com esse homem e, no devido tempo, casaram-se. O condado fora assolado por uma onda de choque e horror, mas os Balmerinos eram tão amados e respeitados que todos os trataram com muita simpatia e compreensão. Talvez, diziam as 78

pessoas esperançosamente, ela volte. Mas Pandora não voltou. Não voltou nem mesmo para o enterro dos pais. Em vez disso, como se ainda dançasse ao som de um eterno

"Strip the Willow", lançou-se, impulsivamente como sempre, em um caso amoroso desastroso após outro. Divorciou-se do marido americano, mudou-se para Nova York e depois para a França, tendo vivido alguns anos em Paris. Manteve-se em contato com Archie por meio de raros e esporádicos cartões-postais, onde costumava rabiscar um endereço, algumas informações a seu respeito e uma cruz como despedida. Agora parecia ter-se fixado numa quinta em Maiorca. Só Deus sabia quem poderia ser seu companheiro atual.

Há muito tempo Archie e Isobel haviam perdido as esperanças de revê-la e, no entanto, de tempos em tempos, ele se pegava sentindo mais saudades dela do que de qualquer

outra pessoa. Fora-se a juventude, e a família dispersara-se. Harris e a mulher haviam-se aposentado há muito, e os empregados domésticos também tinham ido embora, restando apenas Agnes Cooper, que, duas vezes por semana, subia a colina, vinda da aldeia, para ajudar Isobel na cozinha.

Quanto à propriedade, as coisas também não estavam nada melhores; Gordon Gillock, o

guarda florestal, ainda ficara morando na pequena casa de pedra com os canis no fundo, mas a charneca para a caça ao galo silvestre fora alugada a um sindicato, e Edmund Aird pagava seu salário. A fazenda também fora vendida, e o parque, arado para o plantio. O velho jardineiro - um homem

magro como um graveto, batido pelas intempéries, que fora uma parte importante da infância de Archie - finalmente morrera, e não fora substituído. Seu precioso jardim murado transformou-se em mero gramado; podados, os rododendros cresceram fortes, e a quadra de ténis ficou coberta

de musgo. Archie agora era, oficialmente, o jardineiro, com a ajuda esporádica de Willy Snoddy, que morava num chalé imundo do outro lado da aldeia, caçava coelhos e pescava furtivamente salmões, e que, de vez em quando, gostava de ganhar um dinheirinho extra para pagar a bebida.

E ele? Archie avaliou. Um ex-tenente-coronel no Queen's Loyal Highlanders, inválido, com uma perna mecânica, uma pensão de sessenta por cento por invalidez, e pesadelos

demais. Mas, ainda assim, graças a Isobel, de posse de sua herança. Croy ainda era dele e, se Deus o permitisse, pertenceria a Hamish. Aleijado, lutando para sobreviver,

ainda era um Balmerino de Croy.

De repente, soou engraçado. Balmerino de Croy. Um título que soava tão bem, e uma situação tão ridícula. Não adiantava tentar entender por que as coisas haviam saído tão erradas, pois não havia muito o que ele pudesse fazer a esse respeito. Não adiantava pensar no que já passara. O dever chamava, e Lady Balmerino aguardava-o.

Por alguma razão obscura, sentiu-se mais animado. Ligou o motor e guiou o carro pela pequena distância, sobre o cascalho, até a porta da casa.

Chuviscara quase o dia inteiro, mas agora o tempo estava bom; assim, depois do chá, Henry fora com Edie para o jardim que descia até o rio, e o varal de roupas erguia-se

entre duas macieiras. Ele a ajudou a tirar a roupa da corda e colocá-la na cesta de vime, e dobraram juntos os lençóis entre estalos e estrépitos, para deixá-los sem marcas de dobras. Feito isso, entraram em casa, e Edie armou a tábua de passar roupa e começou a passar fronhas, um avental e uma blusa.

Henry observava; gostava do cheiro e do modo como o ferro alisava a roupa úmida e amassada, deixando-a brilhando, crespa.

- Você passa muito bem-disse.

- Era de esperar, depois de todos esses anos.

- Quantos anos, Edie?

-Bem...-Pousou o ferro e dobrou a fronha com as mãos vermelhas cobertas de covinhas.-Eu tenho sessenta e oito anos e estava com dezoito quando fui trabalhar para

a Sra. Aird. Calcule você mesmo.

Até Henry podia fazer esse cálculo.

- Cinquenta anos.

- CinqQenta anos é muito tempo para se esperar futuro, mas, quando se olha para trás, parece que foi ontem. Faz pensar em para que serve a vida.

- Fale-me sobre Alexa e Londres. - Henry nunca fora a Londres, mas Edie já morara algum tempo lá.

- Oh, Henry, já contei todas essas histórias mil vezes.

- Gostaria de ouvi-las de novo.

- Bem... - Alisou uma dobra, ágil como o gume de uma faca. Quando seu pai era muito mais novo, casou-se com uma moça chamada Caroline. Casaram-se em Londres, na Igreja de Santa Margaret, em Westminster, e todos daqui compareceram à cerimónia e hospedaram-se num hotel chamado Berkeley. E que casamento! Dez lindas damas de honra, todas de branco, como um bando de cisnes. E, depois do casamento, todos foram para um hotel muito grande chamado Ritz, e havia garçons de casaca 80

e tão imponentes que você achava que eram os convidados. E havia champanha e tanta comida que não se sabia por onde começar.

- Havia também gelatinas?

- Gelatinas de todas as cores. Amarelas, vermelhas e verdes. E havia salmão frio e sanduíches pequeninos que cabiam entre os dedos, e uvas geladas cobertas de açúcar.

E Caroline usava um vestido de seda com uma longa cauda, e, na cabeça, uma tiara de brilhantes que o pai lhe dera como presente de casamento, e parecia uma rainha.

- Ela era bonita?

- Oh, Henry, todas as noivas são bonitas.

- Ela era bonita como a minha mãe?

Mas Edie não era assim tão facilmente convencida.

- Era bonita, só que de um modo diferente. Era muito alta, com um lindo cabelo negro.

- Você gostava dela?

- É claro que gostava. Não teria ido para Londres para cuidar de Alexa se não gostasse.

-Fale-me sobre esse pedaço.

Edie pôs de lado as fronhas e começou a passar uma toalha de mesa de xadrez azul e branco.

-Bem, foi logo depois que seu avô Geordie morreu. Eu ainda morava em Balnaid, e trabalhava para sua avó Vi. Éramos só nós duas na casa, fazendo companhia uma à outra.

Sabíamos que Alexa estava a caminho porque Edmund viera para o enterro do pai e nos contou. "Caroline está esperando um bebé", disse-nos ele. E foi uma compensação muito grande para sua avó Vi saber que, se Geordie não estava mais com ela, havia uma vida nova a caminho. E depois soubemos

que Caroline estava procurando uma babá para tomar conta do bebé. Sua avó Vi estava muito preocupada. A verdade é que não podia aceitar que uma brutamontes desinformada cuidasse de sua neta, enchendo-lhe a cabecinha de ideias erradas, sem lhe dispensar o tempo necessário para uma boa conversa todos os dias e ler um pouco para ela. Nunca pensei em ir até que sua avó Vi me pediu. Eu não queria sair de Balnaid e de Strathcroy. Mas... conversamos muito e, no final, decidimos que não havia mais nada que se pudesse fazer pela criança.

Assim, fui para Londres...

- Aposto que papai ficou contente em ver você.

-Oh, sim, ficou muito contente. E, afinal, minha ida foi uma bênção. Alexa nasceu forte e saudável, mas depois do parto Caroline ficou muito, muito doente.

- Ela teve sarampo?

- Não, não foi sarampo.

- Coqueluche?



-Não. Não era esse tipo de doença. Era mais uma doença dos nervos, depressão pós-parto, chamava-se, e é uma coisa horrível de se ver. Teve que ir para o hospital para tratar-se e, quando pôde voltar para casa, não conseguia fazer nada, quanto menos cuidar de um bebé. Porém, depois de algum tempo, conseguiu recuperar-se um pouquinho, e a mãe dela, lady Cheriton, levou-a num cruzeiro para uma ilha encantadora chamada Madeira. E depois de um mês ou dois ela ficou melhor.

- Você ficou sozinha em Londres?

-Não completamente sozinha. Havia uma senhora muito gentil que vinha todos os dias para fazer a limpeza, e depois seu pai estava sempre entrando e saindo.

-Por que você não voltou para a Escócia e foi morar de novo com Vi?

-Houve uma época em que pensamos que isso poderia acontecer. Mas só para uma visita. Foi na semana em que Lorde e Lady Balmerino se casaram... Só que naquela época

ele ainda era Archie Blair, e era um oficial tão jovem e bonito... Caroline ainda estava na ilha da Madeira e Edmund dizia que todos nós viríamos juntos para o norte por ocasião do casamento e ficaríamos em Balnaid. Sua avó Vi ficou tão entusiasmada quando soube dessa notícia... Desceu o berço do sótão, lavou os cobertores de bebé e espanou o carrinho de passeio. E logo começaram a nascer os primeiros dentinhos de Alexa... Ela era muito pequenininha e como sofreu, coitadinha. Chorava a noite toda e nada conseguia fazer com que se aquietasse. Acho que passei duas semanas sem dormir direito por nem uma noite e, afinal, Edmund disse que achava que

a longa viagem ao norte seria demais para nós duas. Ele estava certo, é claro, mas quase chorei de tão decepcionada.

- E Vi deve ter ficado decepcionada também.

- Sim, acho que ficou.

- Papai veio para o casamento?

-Oh, sim, veio. Ele e Archie eram velhos amigos, velhos amigos. Ele tinha de comparecer. Mas veio sozinho.

Acabara de passar a toalha de mesa. Agora estava passando sua melhor blusa, introduzindo a ponta do ferro na parte amarrotada do ombro, "só parecia mais difícil

do que passar fronhas.

- Fale-me sobre a casa de Londres.

- Oh, Henry, você não se cansa de todas essas velhas histórias?

- Gosto de ouvir falar sobre a casa.

- Está bem. Era em Kensington, parte de uma fileira de casas iguais. Alta e estreita, e que beleza! As cozinhas ficavam no porão e o quarto do bebé bem no alto.

Parecia que eu não ia nunca parar de subir e descer escadas. Mas era uma linda casa, cheia de objetos de valor. E havia sempre Movimento - visitas, jantares, pessoas

entrando pela porta da frente



vestindo suas melhores roupas. Alexa e eu costumávamos sentar-nos na curva da escadaria e ficar olhando por entre o corrimão.

- Mas ninguém via vocês.

- Não, ninguém nos via. Era como brincar de esconder.

- E vocês costumavam ir passear perto do Palácio de Buckingham.

- Sim, para ver a troca da guarda. E, às vezes, tomávamos um táxi para o Jardim Zoológico de Regent e ficávamos olhando os leões. E quando Alexa já estava mais crescidinha,

íamos caminhando até a escola e a aula de balê. Algumas das outras crianças eram Lordes e Ladies, e como as babás delas eram emproadas!

Pequenos Lordes e Ladies, e uma casa cheia de objetos de valor. Edie, concluiu Henry, tivera algumas experiências maravilhosas.

- Você ficou triste quando deixou Londres?

- Oh, Henry, fiquei triste porque era uma ocasião para tristeza, e a razão disso é que partir é sempre triste. Uma tragédia. Pense só, um homem dirigindo o carro em alta velocidade, sem pensar que ninguém possa também estar passando por aquela rua, e, num momento, Edmund perdia a esposa, e Alexa, a mãe. E a pobre Lady Cheriton

sua única filha. Morta.

Morta. Era uma palavra terrível. Como o ruído de uma tesoura cortando um barbante em dois, sabendo que você nunca, nunca poderia unir o barbante de novo.

- Alexa importou-se com a morte da mãe?

- "Importou-se" não é a palavra apropriada para uma perda dessas.

- Mas isso queria dizer que vocês podiam voltar para a Escócia. -Sim.-Edie suspirou e dobrou a blusa.-Sim, voltamos. Voltamos todos. Seu pai, para trabalhar em Edimburg,

e Alexa e eu, para morar em Balnaid. E, aos poucos, as coisas foram melhorando. O

sofrimento é engraçado, porque você não tem que carregá-lo pelo resto da vida.

Depois de algum tempo, você o deixa no meio do caminho e prossegue em frente.

Quanto a Alexa, era uma vida nova para ela. Foi para a Escola Primária de Strathcroy,

exatamente como você, e fez muitas amizades entre as crianças da aldeia. E sua avó Vi deu-lhe uma bicicleta e um pequeno pónei Shetland. E, no entanto, na época das férias, quando já tinha idade para viajar sozinha, ia passar algum tempo com Lady Cheriton. Era o mínimo que podíamos fazer pela pobre senhora.

Acabou de passar toda a roupa. Desligou o ferro e colocou-o na lareira apagada para esfriar; depois, dobrou a tábua de passar. Mas Henry não queria que aquela conversa

fascinante acabasse.

- Antes de Alexa, você cuidou de papai, não foi?

- Foi exatamente o que eu fiz. Até o dia em que ele fez oito anos e foi para o colégio interno.

- Eu não quero ir para o colégio interno - disse Henry.



- Ora, vamos. - A voz de Edie soou um tanto brusca. Não estava disposta a escutar lamúrias bobas. - E por que não? Centenas de outros meninos da sua idade vão, e você poderá jogar futebol, críquete e fazer muita bagunça.

- Eu não conheço ninguém lá. Não vou ter nenhum amigo- E não vou poder levar Moo comigo.

Edie sabia quem era Moo. Era um pedaço de cetim e lã, restos de um cobertor de quando Henry era bebé. Estava sempre debaixo do travesseiro dele e ajudava-o a dormir

à noite. Sem Moo, ele não dormia. Moo era muito importante para ele.

- Não - admitiu ela.-Você não vai poder levar Moo, isso é certo. Mas ninguém vai-se opor se você levar um ursinho de pelúcia.

- Ursinho de pelúcia não serve. E Hamish Blair diz que só os bebés têm ursinhos de pelúcia.

- Hamish Blair diz muita bobagem.

- E você não vai estar lá para dar meu jantar.

Edie parou de falar com uma certa brusquidão. Despenteou o cabelo do menino com a mão.

-Seu homenzinho. Todos temos de crescer, de mudar de ambiente. O mundo pararia se todos permanecêssemos sempre no mesmo lugar. Agora-olhou para o relógio-está na hora de você ir para casa. prometi à sua mãe que você estaria de volta às seis.

Você vai bem sozinho ou quer que eu acompanhe você até um pedaço do caminho?

- Não - disse ele. - vou bem sozinho.

84

Edmund Aird estava com quase quarenta anos quando se casara pela segunda vez, e sua nova esposa, Virgínia, tinha vinte e três. Ela não era da Escócia, mas sim de Devon, filha de um oficial do Regimento de Devon e Dorset, que se reformara a fim de administrar uma fazenda que herdara, um pedaço de terra considerável entre Dartmoor

e o mar. Ela crescera em Devon, mas a mãe era americana, e sempre, no verão, ela e Virginia atravessavam o Atlântico para passar os meses quentes de julho e agosto na velha casa da família da mãe. Essa ficava em Leesport, no lado sul de Long Island, uma cidade às margens das águas azuis da Baía do Grande Sul, perto das dunas

da Ilha do Fogo.

A casa dos avós era velha, cheia de calhas para a chuva, grande e arejada. A brisa marítima soprava pela casa, agitando as cortinas finas e trazendo o perfume do jardim. Esse era espaçoso e separado da rua tranquila, sombreada pelas árvores, por uma cerca branca de estacas. Havia avarandados com móveis próprios para a vida ao ar livre, e pórticos largos com portas de tela para manter a casa fresca e afastar os insetos. Mas seu maior encanto era ser vizinha do Country Club, esse centro

de atividade social, com restaurantes e bares, campos de golfe, quadras de ténis, e enormes piscinas azuis.

Era outro mundo, diferente do ambiente úmido e enevoado de Devon, e aquela experiência anual dava à jovem Virginia uma sofisticação que a distinguia das meninas

inglesas da sua idade. Suas roupas, compradas nos shopping centers gigantes da Quinta Avenida, eram ao mesmo tempo macias e elegantes. A voz

lembrava um pouco o falar arrastado e encantador da mãe, e quando voltava para a escola com o cabelo comprido sempre arrumado e as longas e esguias pernas de americana, tornava-se o centro de muita admiração e comentários e, inevitavelmente, o receptáculo de muita inveja e malícia.

Mais tarde, aprendeu a lidar com isso.

Sem muita vocação intelectual, sua paixão eram as atividades ao ar livre. Em Long Island, jogava ténis, velejava e nadava. Em Devon, cavalgava, 85

caçava todos os invernos com os cães farejadores. Quando cresceu, os rapazes gravitavam ao seu redor, encantados com a visão dela em traje de caça, montada em algum

cavalo digno de inveja, ou voando pela quadra de ténis com uma saia branca que mal lhe cobria o traseiro. No Natal, na época dos bailes, aglomeravam-se em volta dela como abelhas em volta do clássico pote de mel. Quando estava em casa, o telefone não parava de tocar, sempre para ela. O pai queixava-se, mas, no fundo, sentia-se

orgulhoso. Até que parou de queixar-se e instalou um segundo telefone.

Quando terminou o Segundo Grau, foi para Londres aprender a trabalhar com máquina de escrever elétrica. As aulas eram extremamente maçantes, mas, como ela não tinha nenhum talento especial nem ambição determinada, parecia ser a única coisa a fazer.

Dividia um apartamento em Fullham e fazia trabalhos esporádicos para quem a contratasse,

porque, dessa maneira, ficava livre para aceitar qualquer convite agradável que aparecesse. Os homens ainda a seguiam, mas eram homens diferentes: mais velhos, mais

ricos e, às vezes, casados. Ela permitia que gastassem enormes quantias com ela, que a levassem para jantar e que lhe dessem presentes caros. E, depois, quando estavam

loucos por ela, cheios de desejo e dedicação, sem esperar retribuição, ela desaparecia de Londres sem avisar -passava outro verão abençoado com os avós ou com um

grupo grande em Ibiza, ou num iate na costa oeste da Escócia, ou o Natal em Devon.

Numa dessas impetuosas excursões, conheceu Edmund Aird. Foi em setembro, numa festa particular em Relkirkshire-o baile para comemorar a caçada -, onde estava hospedada com a família de uma garota com quem cursara o colégio. Antes do baile, houve um pródigo jantar, e todos os convidados - os que estavam hospedados na casa e outros

- reuniram-se na grande biblioteca.

Virgínia foi a última a entrar. Usava um vestido de um verde tão claro que parecia quase branco, sem alças mas preso num dos ombros com um ramo de hera, as folhas escuras feitas de cetim brilhante.

Viu-o logo. Estava de costas para a lareira, e era alto. Seus olhos encontraram-se e fixaram-se. Ele tinha cabelo preto, salpicado de branco, como o pêlo da raposa prateada. Ela estava acostumada com homens usando o traje glorioso das Terras Altas, mas nunca vira um parecer tão à vontade e tão elegante, com as meias de xadrez

e o kilt, e o casaco verde-garrafa escuro brilhando com os botões prateados.

-...Virgínia querida, aí está você. - Era a anfitriã.-Agora, diga-me, quem você conhece e quem não conhece?-Rostos desconhecidos, nomes novos. Mal os ouviu.

Afinal...

- E este é Edmund Aird. Edmund, esta é Virgínia, que está aqui hospedada conosco.

Veio de Devon. E você não Poderá conversar com ela agora, porque os coloquei um ao lado do outro à mesa, e lá, então, você vai poder conversar

com ela...

86

Ela nunca antes se sentira tão perdidamente apaixonada como naquele instante. É

claro que tivera alguns relacionamentos, paixões loucas nos velhos e alegres dias do Country Club de Leesport, mas nunca nenhum deles durara mais do que algumas semanas. Naquela noite, entretanto, era diferente, e Virgínia soube, sem sombra de dúvida, que acabara de conhecer o único homem com quem desejaria passar o resto da vida. Não levou muito tempo para perceber que aquele milagre inacreditável estava acontecendo e que Edmund sentia o mesmo em relação a ela.

O mundo tornou-se brilhante e bonito. Nada podia dar errado. Tonta de felicidade, estava pronta para tentar a sorte com Edmund, abandonar o bom senso ou qualquer outro princípio cansativo. Entregar sua vida a ele e Viver afastada de tudo e todos, se necessário; no topo de uma montanha, em pecado. Não importava. Nada

importava.

Mas Edmund, embora apaixonado, mantivera a cabeça fria. Deu-se ao trabalho de explicar bem sua situação. Afinal, era o chefe do escritório da Sanford Cubben na Escócia,

um homem de alguma projeção e muito visado pela mídia. Edimburg era uma cidade pequena, e ele tinha muitos amigos e colegas do mesmo ramo de negócios de quem ele prezava o respeito e a confiança. Sair demais da linha e acabar com o nome espalhado pelas colunas de mexericos seria não só tolo, mas possivelmente também desastroso.

Também tinha de levar em consideração a família.

- Família?

- Sim, família. Já fui casado.

-Acharia estranho que não tivesse sido.

- Minha mulher morreu num acidente de automóvel. Mas tenho Alexa. Tem dez anos.

Mora com minha mãe em Strathcroy.

- Gosto de menininhas. Cuidarei muito bem dela. Mas ainda havia outros obstáculos para superar.

-Virginia, sou dezessete anos mais velho do que você. Um homem de quarenta anos parece muito decrépito? -A idade não importa.

- Você teria que morar nas selvas de Relkirkshire.

-Eu enrolaria lã escocesa em volta do corpo e usaria um chapéu de penas.

Ele riu, mas com um riso pouco efusivo.

- Infelizmente, setembro não dura o ano todo. Todos os nossos amigos vivem a milhas de distância, e os invernos são longos e sombrios. Todo mundo hiberna. Tenho tanto medo de que você ache tudo muito sem graça..

- Edmund, parece um pouco como se você tivesse pensado melhor e estivesse tentando fazer-me desistir.

87£

- Não é isso. De modo nenhum. Mas você tem que estar a par de tudo. Nada de ilusões. Você é tão jovem, e tão bonita, tão vital, e tem a vida toda pela frente...

- Para estar com você.

- Também existe outra coisa. Meu trabalho. Exige muito de mim. Viajo muito. Sempre no estrangeiro, às vezes por duas ou três semanas de cada vez.

- Mas você voltará sempre para mim.

Ela estava inflexível, e ele a adorava. Suspirou.

- Desejaria, para o nosso bem, que as coisas fossem diferentes. Queria ser jovem de novo, e sem responsabilidades. Livre para agir como quisesse. Então, poderíamos viver juntos e ter tempo para nos conhecer melhor. E estarmos totalmente seguros.

- Eu estou totalmente segura.

E estava. Nada lhe poderia mudar a opinião. Tomou-a nos braços e disse:

- Então não há mais nada a fazer. Terei de me casar com você. -Pobrezinho.

- Será que você vai ser feliz? Quero tanto fazer você feliz... - Oh, Edmund, querido Edmund. Como poderia não o ser? Casaram-se dois meses depois, no final de novembro,

em Devon. Foi um casamento tranquilo numa pequena igreja, onde Virgínia fora batizada.

O fim do começo. Sem remorsos. Os relacionamentos casuais, indiscriminados haviam-se acabado, e ela nem pensou em olhar para trás. Agora era a Sra. Edmund Aird.

Depois da lua-de-mel, viajaram para o norte, para Balnaid. O novo lar de Virgínia, e sua nova e já pronta família: Violet, Edie e Alexa. A vida na Escócia seria uma experiência nova e muito diferente das que Virgínia já tivera antes, mas esforçou-se muito para ajustar-se à nova vida, quanto mais não fosse porque os outros,

é claro, também estavam fazendo o mesmo. Violet já resolvera mudar-se, e com muita firmeza, e fora-se para Pennyburn. Provou ser perita em não interferir na vida dela. Edie era igualmente cheia de tato. Chegara a hora, anunciou ela, também de partir e ir morar no chalé na aldeia, onde crescera, e que herdara da mãe. Ia-se aposentar do serviço doméstico, mas continuaria como diarista, dividindo o tempo

entre Virgínia e Violet.

Naqueles primeiros tempos, Edie foi um grande apoio, uma fonte de excelentes conselhos e de mexericos divertidos. Foi ela quem, pelo bem 88

de Alexa, forneceu a Virgínia alguns detalhes sobre o casamento anterior de Edmund, mas, feito isso, não mencionou mais tal assunto. Estava terminado, acabado. Águas passadas. Virgínia sentiu-se agradecida. Edie, a velha empregada que vira e ouvira tudo, poderia ter posto mais lenha na fogueira. Em vez disso, tornou-se uma das melhores amigas de Virgínia.

Conquistar Alexa levou mais tempo. De natureza doce e reprimida, tendia à timidez e ao afastamento dos outros. Não era uma criança bonita, era gordinha e baixinha, cabelo vermelho claro, com a pele muito branca que acompanha esse tipo; a princípio, sentiu-se insegura quanto à sua posição na família, mas estava quase sempre

comovedoramente ansiosa em agradar. Virgínia correspondia da melhor maneira que podia. Afinal, a garotinha era filha de Edmund, e um componente importante no casamento

deles. Não poderia ser a mãe, mas poderia ser a irmã. Sem fazer alarde, foi tirando Alexa da concha, conversando com ela como se fossem da mesma idade, tomando muito cuidado para não a magoar. Interessava-se muito pelas brincadeiras de Alexa, por seus desenhos e bonecas, incluía-a sempre em todas as atividades e acontecimentos da família. Isso nem sempre era conveniente, mas o mais importante era que Alexa não se sentisse abandonada.

Levou quase seis meses, mas valeu a pena. Foi recompensada pelas confidências espontâneas de Alexa e por sua comovente admiração e dedicação.

Estava, assim, formada a família. Mas ainda havia os amigos. Todos a receberam muito bem, gostando dela pela juventude, por sua afeição por Edmund, pelo fato de que ele se casara com ela. Principalmente os Balmerinos, mas os outros também.

Virgínia era uma moça gregária, que não cultivava a solidão e que logo se descobriu cercada por pessoas que pareciam gostar dela. Quando Edmund

viajava a negócios, o que aconteceu desde o começo do casamento, e com muita frequência, todos se comportavam

com enorme gentileza e consideração, convidando-a para sair, telefonando sempre para certificar-se de que ela não estava se sentindo só nem infeliz.

E ela não se sentia. Secretamente quase gostava das constantes ausências de Edmund, porque, de algum estranho modo, serviam para tornar as coisas mais excitantes: ele partia, mas ela sabia que voltaria para ela, e a cada vez que voltava, tinha a sensação de que estar casada com ele era cada vez melhor. Sempre ocupada com Alexa, com a casa nova, com os novos amigos, enchia os dias vazios e contava as horas que faltavam para Edmund voltar para ela. De Hong Kong. De Frankfurt. Certa vez ela o acompanhara a Nova York e depois tiraram uma semana de folga. Foram para Leesport, e ela se lembrava desse período como um dos melhores de sua vida.



E depois, Henry.

Henry mudara tudo, mas para melhor, se isso fosse possível. Depois de Henry, não teve mais vontade de viajar. Nunca imaginara ser capaz de sentir um amor assim tão desprendido. Era diferente do amor que sentia por Edmund, muito mais precioso, porque era totalmente inesperado. Nunca se achara do tipo maternal e nunca analisara

o verdadeiro significado da palavra. Mas aquele pequenino ser humano, aquela pequena vida reduzira-a a um encantamento que não podia ser expresso em palavras.

Todos caçoavam dela, mas não se importava. Compartilhava o filho com Violet, Edie e Alexa, e regozijava-se nisso porque, ao fim de cada dia, Henry pertencia somente a ela. Observava-o crescer e apreciava cada momento desse progresso. Ele tropeçava, caminhava, balbuciava palavras, e ela se sentia encantada. Brincava com ele, desenhava com ele, observava Alexa empurrá-lo pelo gramado no seu velho carrinho de boneca. Ficavam deitados na grama observando as formigas, desciam até o rio e atiravam

pedrinhas na corrente escura. Sentavam-se ao pé do fogo no inverno e liam livros infantis ilustrados.

Ele fez dois anos. Fez três. Fez cinco. Levou-o para o primeiro dia na Escola Primária de Strathcroy e ficou parada no portão observando-o caminhar até a porta da

escola. Havia muitas crianças, mas nenhuma prestou atenção nele. Pareceu naquele momento muito pequeno e vulnerável, e ela mal podia suportar vê-lo afastar-se.

Três anos mais tarde ele ainda parecia pequeno e vulnerável, e ela sentia-se cada vez mais protetora em relação a ele. E essa fora a causa da nuvem que se formara sobre seu horizonte pessoal. Tinha muito medo.

De vez em quando vinha à baila o futuro de Henry, mas ela evitava o assunto, evitava discuti-lo com Edmund. Ele, no entanto, sabia a opinião dela. Ultimamente nada

fora dito sobre isso. Ela achava melhor assim, obedecendo ao princípio de que é melhor não se mexer em casa de marimbondo. Não queria brigar com Edmund. Nunca o enfrentara antes Porque sempre preferira deixar que ele tomasse as decisões importantes. Afinal, ele era mais velho, mais sábio e infinitamente mais competente.

Mas agora era diferente. Tratava-se de Henry.

Quem sabe se ela fingisse não ver, se não prestasse atenção o Problema desaparecesse.

Quando Archie e Violet partiram no velho e gasto Land Rover, Virgínia deixou-se ficar onde estava, defronte da casa, sentindo-se sem objetivo e sem saber o que fazer.

A reunião da igreja partira o dia ao meio, e ainda 90

era muito cedo para entrar e começar a pensar no jantar. O tempo estava melhorando, e o sol, quase aparecendo. Talvez devesse tentar cuidar um

pouco do jardim. Pensou nisso, mas depois rejeitou a ideia. Acabou entrando, apanhou as canecas que estavam sobre a mesa da sala de jantar e levou-as para a cozinha. Os spaniels de Edmund estavam cochilando debaixo da mesa, cada um em sua cesta. Entretanto, logo que ouviram os passos dela, acordaram e levantaram-se, ansiosos por um pouco de exercício.

- vou só colocar isso na máquina de lavar pratos - disse-lhes - e vamos já caminhar lá fora um pouco. - Sempre falava alto com os cachorros e, às vezes, como agora, era confortador ouvir o som da própria voz. As pessoas velhas e loucas falavam sozinhas. Às vezes não era difícil compreender por quê.

Na cozinha dos fundos, com os cachorros todos em volta, apanhou um casaco velho do cabide e enfiou as botas de borracha. Depois partiram, os cachorros correndo na frente, descendo a alameda arborizada que ladeava a margem sul do rio. Quatro quilómetros adiante, havia uma outra ponte que levava à estrada principal e daí até a aldeia. Seguiu adiante até onde as árvores desapareciam e começava a charneca, milhas de urze, grama e samambaias, subindo em direção às colinas. À distância, as ovelhas pastavam. Só se ouvia o som da água correndo.

Alcançou a barragem do rio, olhou para o local mais fundo que ficava mais adiante.

Aquele era o local preferido por Henry para nadar. Sentou-se na margem onde, no verão, faziam piqueniques. Os cachorros adoravam o rio. Tinham mergulhado até os joelhos e bebiam da água do rio como se não bebessem nada há meses. Quando acabaram,

saíram e sacudiram-se alegremente, respingando água em cima dela. O sol da tarde estava quente. Tirou o casaco e teria sentado sobre ele para aquecer-se ao sol se, inevitavelmente, os mosquitos não tivessem aparecido em bandos e começado a picar; preferiu levantar-se, assobiou para os cachorros e voltou para casa.

Estava na cozinha fazendo o jantar quando Edmund chegou. Preparava galinha assada e raspava côdeas de pão para fazer um molho.

Ouviu o carro, olhou para o relógio, surpresa, e viu que eram apenas cinco e meia.

Ele estava chegando cedo. Quando vinha dirigindo de Edimburg, não costumava chegar em Balnaid antes das sete ou ainda mais tarde. O que poderia ter acontecido?

Especulando sobre isso, e esperando que não tivesse acontecido nada de errado, acabou de raspar as côdeas de pão e colocou-as na frigideira com o leite, a cebola e o cravo. Agitou-se. Ouviu os passos dele no longo corredor, vindos do saguão. A

porta abriu-se e ela se virou, sorrindo mas levemente ansiosa.

- Estou de volta - anunciou ele desnecessariamente.

A aparência viril do marido, como sempre, enchia Virgínia de satisfação. Usava um terno azul-marinho listrado, uma camisa azul-clara de colarinho branco, e uma gravata

de seda Christian Dior que ela lhe dera no Natal. Carregava a pasta de papéis e parecia um pouco amarrotado, como ficaria certamente depois de um dia de trabalho e de guiar por muito tempo, mas não aparentava cansaço. Nunca parecia nem se queixava de estar cansado. A mãe dele jurava que ele não sabia o que era isso.

Alto, a silhueta jovem como sempre, o rosto bonito de olhos tranquilos e velados, quase sem rugas; só o cabelo mudara. Fora preto, agora era prateado, mas ainda espesso e macio. Por alguma razão, o rosto sem idade, junto com o cabelo branco, tornava-o mais distinto e atraente do que nunca.

- Por que tão cedo? - disse.

- Por várias razões. Explico depois. - Beijou-a; olhou para a frigideira. - Cheiro bom. Molho de côdea de pão. Galinha assada?

- Claro.

Pôs a pasta sobre a mesa da cozinha.

- Onde está Henry?

- com Edie. Só vai voltar depois das seis. Foi tomar chá com ela.

- Ótimo.

Ela franziu as sobrancelhas.

- Por que ótimo?

- Quero conversar com você. Vamos até a biblioteca. Deixe isso, poderá cozinhar depois...

Já estava saindo da cozinha. Intrigada e apreensiva, Virgínia pôs a frigideira de lado e recolocou a tampa. Depois seguiu-o. Encontrou-o na biblioteca, agachado junto à lareira, pondo fogo nos jornais e nos gravetos.

Sentiu-se um pouco na defensiva, como se ele a estivesse criticando.

- Edmund, eu ia acender o fogo depois de fazer o molho e de descascar as batatas.

Mas hoje foi um dia difícil. Passamos a tarde toda na sala de jantar, na reunião da igreja. Não entramos aqui...

- Não tem importância.

O jornal pegara fogo, os gravetos estalavam. Levantou-se limpando as mãos e ficou observando as chamas que se erguiam. Seu perfil não revelava nada.

-Você sabe, vamos fazer essa quermesse em julho. - Sentou-se no braço de uma das cadeiras. - Fiquei com o pior trabalho, reunir as quinquilharias. E Archie estava querendo um envelope da Comissão Florestal... disse que você sabia o que era.

Encontramos em cima da sua escrivaninha.

- Sim, é isso mesmo. Pretendia entregá-lo a você.

-... Oh, e uma coisa extremamente excitante. Os Steyntons vão dar uma festa para Katy em setembro...

- Eu sei.

- Você sabe?

- Almocei com Angus Steynton no New Club hoje. Ele me disse.

- Vão fazer um serviço completo. Toldos, conjuntos musicais, fornecedores, tudo.

vou comprar um vestido absolutamente sensacional...

Virou a cabeça e olhou para ela - e ela se calou. Ficou imaginando se ele estivera ouvindo. Depois de um instante perguntou:

- O que foi que houve?

- Voltei cedo porque não estive no escritório esta tarde. Vim de Templehall. Estive com Colin Henderson - disse.

Templehall. Colin Henderson. Sentiu o coração despencar para o estômago e a boca de repente ficou seca.

- Por que, Edmund?

- Queria resolver as coisas. Ainda não tinha tomado uma decisão sobre Henry, mas agora tenho certeza de que é o melhor a fazer.

- O que é o melhor a fazer?

- Mandá-lo para lá em setembro.

- Como interno?

- Não poderia frequentar Templehall se não fosse assim. Fora-se a apreensão, substituída por uma raiva surda que a consumia.

Nunca sentira raiva assim de Edmund. Também estava chocada. Sabia que ele era autoritário e ditatorial, mas não enganador e astuto. Agora parecia que a traíra pelas

costas. Sentiu-se traída, sem defesas, destruída e derrotada antes de ter tempo de disparar um único tiro.

- Você não tinha esse direito. - Era sua voz, mas não parecia a mesma Virgínia de antes. - Edmund. Você não tinha esse direito.

Ele ergueu as sobrancelhas.

- Não tinha?

- Não tinha o direito de ir sem mim. Não tinha o direito de ir sem me dizer. Eu devia ter ido, para resolver as coisas, como você disse. Henry é tão meu filho quanto

seu. Como é que você ousa agir como um estranho e organizar tudo pelas minhas costas, sem dizer uma palavra?

- Não agi como um estranho e estou dizendo agora.

- Sim, como um fato consumado. Não gosto de ser tratada como uma pessoa sem importância, que não tem o direito de opinar. Por que é que você sempre toma todas as

decisões?

- Acho que é porque sempre tomei.

- Você agiu como um traidor. - Levantou-se, os braços cruzados fortemente sobre os seios, como se essa fosse a única maneira de evitar bater no marido. Sempre tão submissa, agora era como uma leoa, lutando

pela cria. - Você sabe, você sempre soube que eu não quero que Henry vá para Templehall. Ele é muito pequeno. É muito menino. Eu sei que você foi para o colégio interno quando tinha oito anos, eu sei que Hamish Blair está lá, mas por que isso tem que ser uma tradição tão rígida a ponto de todos terem de segui-la? É uma coisa arcaica, da época vitoriana, antiquada, mandar crianças pequenas para longe de casa. E o pior é que isso não tem forçosamente que acontecer. Henry pode perfeitamente

ficarem Strathcroy até os doze anos. E então ele poderá ir para um colégio interno.

Isso sim é mais sensato. Mas não antes, Edmund. Não agora. Olhou para ela perplexo.

- Por que é que você quer que Henry seja diferente dos outros meninos? Por que ele deveria ser considerado um garoto estranho, que fica morando em casa até os doze anos? Talvez você esteja confundindo Henry com as crianças americanas, que parecem mandar na família até se tornarem adultos...

Virgínia espumou de raiva.

- Não tem nada a ver com a América. Como é que você pode dizer uma coisa dessas?

Tem a ver com o que qualquer mãe sensata, normal sente por um filho. É você que está errado, Edmund. Mas você nunca pensa que pode estar errado. Você está se comportando como um pai vitoriano. Antiquado, teimoso e chauvinista.

Ele não reagiu ao seu desabafo. Sua expressão não mudou. Nessas ocasiões, o rosto dele ficava inescrutável, os olhos semicerrados e a boca sem sorrir. Ela preferia que ele se comportasse com naturalidade, reagisse, perdesse a cabeça, erguesse a voz. Mas esse não era o jeito de Edmund Aird. Nos negócios, agia sempre com muita frieza. Sem se emocionar, controlado, sem aceitar provocações.

- Você está pensando em você mesma - disse.

- Estou pensando em Henry.

-Não. Você quer mantê-lo perto de você. E você quer que as coisas sejam feitas do seu jeito. A vida tem sido boa para você. Você sempre fez o que quis, mimada e paparicada por seus pais. E talvez eu tenha continuado onde eles param. Mas chega uma hora em que todos temos de crescer. Sugiro que você comece a crescer agora.

Henry não é um objeto seu e você deve deixá-lo partir.

Ela mal podia acreditar que ele estava dizendo tudo aquilo para ela.

- Eu não considero Henry um objeto meu. Essa é a pior de todas as acusações. Ele é uma pessoa independente, e eu o fiz assim. Mas ele só tem oito anos. Ainda é muito pequeno. Precisa de sua casa. Precisa de nós. Precisa da segurança dos lugares que conheceu a vida toda, e precisa do seu Moo debaixo do travesseiro. Não pode ir para longe. Não quero que ele vá para longe.



- Eu sei.

- Ele é muito pequeno.

- É por isso que precisa crescer. Vai crescer longe de mim.

Edmund não fez comentários sobre isso. Sua raiva insuportável passou e sentiu-se magoada e derrotada, quase em lágrimas. Para escondê-las, deu-lhe as costas e foi até a janela, e encostou a testa no vidro frio. Ficou olhando o jardim, com os olhos ardendo, sem ver.

Houve um longo silêncio. E então, sensato como sempre, Edmund começou a falar de novo.

- Templehall é uma boa escola, Virgínia, e Colin Henderson é um bom diretor. Os meninos não são obrigados a nada, mas aprendem a trabalhar. A vida vai ser dura para

Henry. Vai ser dura para todos os jovens e crianças. Competitiva e dura. Quanto mais cedo eles encararem isso, e aprenderem a aceitar o difícil e o fácil juntos, melhor. Aceite esta situação. Em consideração a mim. Tente ver a coisa do meu ponto de vista. Henry depende demais de você.

- Sou a mãe dele.

-Você o sufoca. - Dizendo isso, saiu calmamente da sala.

95

Na tarde dourada, Henry voltou a pé para casa. Havia poucas pessoas nas ruas, porque já se aproximavam as seis horas da tarde, e as pessoas a essa hora costumavam

já estar em casa tomando seu chá. Ele pensou nessa refeição tão reconfortante.

Sopa, depois talvez haddock ou costeletas de porco, e sobremesa de bolos e biscoitos,

todos servidos com chá forte e escaldante. Particularmente preferia salsichas, mas, talvez, antes de ir para cama, houvesse tempo para uma caneca de chocolate.

Atravessou a ponte em curva que cobria o Croy entre as duas igrejas. No ponto mais alto parou e olhou por cima do antigo parapeito de pedra para observar o rio.

Havia chovido bastante, demais até para os fazendeiros, e ainda continuava chovendo, a enxurrada levando fragmentos errantes de folhas de jornal. Galhos de árvores

e pedaços de palha. Certa vez tinha visto um pobre cordeiro morto debaixo da ponte.

Mais abaixo no vale a terra se nivelava, e o Croy mudava de aparência, alargando-se e insinuando-se nas pastagens, entre os campos onde o gado

pacífico vinha à tardinha beber água. Mas aqui ele corria forte, pulando entre as pedras numa sucessão

de quedas d'água em miniatura e poços profundos.

Os sons do Croy eram uma das recordações mais antigas de Henry. Â noite ele o podia ouvir pela janela aberta do seu quarto e acordava todas as manhãs com o seu ruído.

Mais acima ficava o poço onde Alexa o havia ensinado a nadar. com os amigos do colégio ele tinha brincado nas suas margens, construindo diques e montando acampamentos.

Atrás de Henry, o grande relógio na torre da igreja presbiteriana tocou seis badaladas solenes. Relutante, ele se afastou do parapeito e voltou a caminhar pela passagem

que margeava o lado sul do rio. Olmos altos cobriam sua cabeça, e nos galhos mais altos um bando de gralhas crocitava ruidosamente.

Vendo os portões abertos de Balnaid e de repente ansioso para chegar a casa, começou a correr, a mochila batendo em sua coxa. Quando se aProximou, viu o BMW

azul-escuro

do pai estacionado no cascalho. Sentiu uma alegria esplêndida e inesperada. Seu pai geralmente chegava quando



já estava deitado, mas agora ele os encontraria na cozinha, conversando animadamente, trocando as novidades do dia, enquanto sua mãe preparava o jantar e o pai tomava

uma xícara de chá.

Mas não estavam na cozinha. Soube disso assim que entrou porque ouviu suas vozes por trás da porta fechada da biblioteca. Somente as vozes e a

porta fechada. Então, por que aquele sentimento de que alguma coisa estava errada, de que havia algo fora do comum?

Sentiu a boca seca. Na ponta dos pés, atravessou o corredor e parou atrás da porta.

Pensara em entrar de repente e fazer uma surpresa, mas parou para ouvir.

-... Ainda é muito pequeno. Precisa da sua casa. Precisa de nós. Sua mãe falava num tom de voz que ele nunca tinha ouvido antes, agudo, como se fosse romper em lágrimas.

- ... Não pode ir para longe. Não quero que ele vá para longe.

- Eu sei. - Era o seu pai falando.

- Ele é muito pequeno.

- É por isso que precisa crescer.

- Vai crescer longe de mim.

Discutiam. Uma briga. O inacreditável estava acontecendo: seu pai e sua mãe estavam discutindo. Paralisado pelo horror, Henry esperou o que aconteceria depois. Após um momento, seu pai falou novamente:

- Templehall é uma boa escola, Virgínia, e Colin Henderson é um bom diretor. Os meninos não são obrigados a nada, mas aprendem a trabalhar. A vida será dura para Henry...

Então era este o motivo da discussão. Eles o iriam mandar para Templehall. Para um internato.

-... e aprenderem a aceitar o difícil e o fácil juntos, melhor.

Longe dos seus amigos, de Strathcroy, de Balnaid, de Edie e Vi. Pensou em Hamish Blair, tão mais velho, tão superior, tão cruel. Só bebés têm ursinhos de pelúcia.

-... Henry depende demais de você.

Ele não aguentou ouvir mais. Todos os medos ainda desconhecidos caíram sobre Henry.

Afastou-se da porta e, chegando à segurança do saguão, virou-se e correu. Subiu as escadas e foi para o seu quarto. A porta bateu com estrondo. Tirou a mochila, rasgando-a, e jogou-se sobre a cama, enrolando-se no edredão. Procurou Moo debaixo do travesseiro.

Henry depende demais de você.

Então ele seria mandado para longe.

Colocando o dedo na boca, apertando Moo contra o rosto, sentiu-se seguro por um momento. Confortado, não precisaria chorar. Fechou os olhos.

97

A sala de visitas de Croy, usada somente para as ocasiões formais, era enorme. O

teto alto, e as cornijas em arabesco eram brancas, as paredes revestidas com damasco

rosa-pálido, no chão um tapete persa, poído em alguns pontos, mas ainda quente e colorido. Havia sofás e cadeiras, algumas com a forração frouxa, outras com o tecido

original em veludo. Nenhuma delas combinava. Pequenas mesas espalhadas entre caixas do Battersea, fotografias em molduras de prata, pilhas de números antigos da Country Life. Havia várias pinturas escuras a óleo, retratos e arranjos de flores, e na mesa atrás do sofá um jarro de porcelana chinesa com flores e rododendros perfumados.

Por trás da grade de proteção da lareira, queimava um toro de madeira. O tapete próximo à lareira era peludo e branco, e quando os cachorros molhados se sentavam nele, subia um cheiro forte de carneiro. A lareira era

revestida de mármore, e sobre ela, no aparador, havia um par de candelabros dourados e esmaltados, duas figuras

de Dresden e um florido relógio vitoriano.

Esse relógio era um carrilhão, e naquele momento tocou onze vezes.

Foi uma surpresa para todos. A Sra. Franco, brilhando nas calças de seda preta e na blusa de crepe creme, anunciou que não acreditava que já fosse tão tarde. Tinham conversado tanto que a noite passara rápido. Ela deveria ir para cama, e o marido também, pois ele queria estar bem para jogar golfe em Gleneagles no dia seguinte.

Por isso os Francos se levantaram e deram boa-noite. O mesmo fez a Sra. Hardwicke.

- Foi perfeito, um jantar muito elegante... Obrigada a ambos pela hospitalidade...

Deram boa-noite. Isobel, no seu melhor vestido de seda verde, que já tinha dois anos, conduziu-os da sala de visitas até vê-los em segurança no andar de cima.

Depois

fechou a porta e não voltou à sala. Archie ficou com Joe Hardwicke, esse aparentemente sem vontade de se retirar tão

' Bairro londrino na margem direita do Tamisa. (N.T.) 98

cedo. Recostou-se novamente na cadeira e se acomodou para mais algumas horas.

Archie não se incomodou, e ficou contente de estar na companhia de Joe. Joe Hardwicke era um dos seus melhores convidados, um homem inteligente, com uma visão liberal

e um senso de humor sarcástico. No jantar... geralmente um momento trabalhoso...

tinha feito a sua parte para manter a conversa; contara, contra o seu hábito, uma ou duas histórias bem divertidas, e Joe mostrou-se um conhecedor bem informado de vinhos. Uma discussão sobre a adega herdada por Archie tinha tomado a maior parte do tempo após o jantar.

Archie serviu o último cálice da noite, que o americano aceitou com prazer. Encheu um copo para si mesmo, colocou mais alguns galhos no fogo e afundou na sua cadeira, com os pés sobre o tapete de pele de carneiro. Joe Hardwicke começou a fazer perguntas sobre Croy. Achava esses lugares antigos fascinantes. Há quanto tempo a sua

família morava ali? De onde vinha o nome da casa? Qual a história da casa?

Ele não era curioso, mas interessado, e Archie respondeu com alegria às suas perguntas. Seu avô, o primeiro Lorde Balmerino, tinha sido um industrial de renome, que fizera fortuna com a indústria têxtil pesada. Conseguira com isso o seu título de nobreza, e comprara Croy e suas terras no final do século dezenove.

- Não havia outras casas aqui naquela época. Somente uma torre fortificada do século dezesseis. Meu avô construiu a casa, incorporando a torre original.

Portanto,

embora algumas partes dos fundos sejam antigas ela é basicamente vitoriana.

- Parece grande.

- Sim. Eles viviam em grande estilo naquela época.

- E a propriedade...

- A maior parte está alugada. O sindicato alugou o pântano para a caça das aves.

Tenho um amigo, Edmund Aird, que controla isso, mas participo do sindicato, e vou com eles quando saem. Mantive algumas áreas de caça, mas só para os amigos. A fazenda está arrendada. - Ele sorriu.

- Como você vê, não tenho outras responsabilidades.

- Então, o que você faz?

- Ajudo Isobel. Dou comida aos cachorros e os exercito quando posso. Cuido da madeira, mantenho a casa bem suprida de achas. Temos uma serra circular num dos anexos,

e um dos moradores da aldeia vem uma vez ou outra me dar uma mão. Cuido da grama. -

Ele parou. Não era uma boa resposta, mas não podia pensar em mais o que dizer.

- Você pesca?

- Sim. Tenho um barco no Croy, cerca de duas milhas acima da aldeia, e há um lago nas montanhas. É um lugar de muita paz. No inverno, 99

quando anoitece às quatro horas, vou para a oficina no porão. Há sempre alguma coisa precisando de reparo. Conserto portões, renovo as forrações, monto guarda-louças

para Isobel, faço prateleiras. E outras coisas. Gosto de trabalhar com madeira. É

básico, uma boa terapia. Talvez no lugar do exército eu devesse ter sido

marceneiro.

-Você esteve em algum regimento escocês?

- Eu servi no Loyal Highlander da Rainha por quinze anos. Desses, dois eu passei em Berlim, junto com as forças americanas...

A conversa passou de Berlim para o bloco oriental, depois para a política e para os problemas internacionais. Tomaram outra dose, perdidos nos caminhos do tempo.

Quando, finalmente, decidiram-se a pôr um fim na conversa era quase uma hora da manhã.

- Eu prendi você demais -Joe Hardwicke foi enfático.

- Nem tanto - Archie pegou os copos vazios para colocá-los na bandeja sobre o piano de cauda. - Não costumo dormir muito. Quanto menor a noite, melhor.

-Eu... -Joe hesitou.-Não quero que pense que sou impertinente, mas vi que tem um problema na perna. Foi um acidente?

- Não. Fui ferido na Irlanda do Norte.

- A sua perna é artificial?

- É. Alumínio. Uma peça maravilhosa de engenharia. Mas, a que horas quer o seu desejum? Oito e quinze estaria bom? Isso lhe dará tempo antes que o ônibus venha pegar

vocês e os Gleneagles. Devo chamá-lo de manhã?

- Se for possível, gostaria. Em torno das oito. Durmo pesado neste ar puro da montanha.

Archie andou até a porta para abri-la. Mas Joe Hardwicke se ofereceu para levar a bandeja com os copos. Poderia ir até a cozinha com ela. Archie agradeceu, mas foi firme. - Não, de jeito nenhum. Regra da casa. Você é convidado. Não deve mover nenhum dedo.

Foram até o saguão.

-Muito obrigado-disse Joe Hardwicke, parando no pé da escada.

- Obrigado. Boa-noite. Durma bem.

Ele ficou parado na escada até que o americano desapareceu e Archie ouviu-o abrir e fechar a porta do quarto. Então voltou para a sala, avivou o fogo, colocou a grade de proteção e afastou as cortinas. Lá fora o jardim estava

iluminado pela lua. Uma coruja piou. Saiu da sala, deixando a bandeja onde estava, e apagou as luzes. Atravessou o saguão e foi para a sala de jantar. A mesa tinha sido limpa dos sinais do jantar, e já estava pronta Para o café da manhã. Sentiu-se culpado, pois isso era, por tradição, tarefa sua, e Isobel fizera tudo na Cozinha enquanto ele conversava.

Foi até a cozinha. Novamente, tudo limpo e em ordem. As duas cadelas 100

labrador dormitavam em suas cestas redondas perto do aquecedor Aga.

Acordadas pelo barulho, levantaram a cabeça. Tumb, tumb, as caudas bateram no chão.

- Vocês foram lá fora? - ele perguntou. - Isobel saiu com vocês antes de se deitar?

Tumb, tumb. Elas estavam contentes e bem cuidadas. Não havia nada para ele fazer.

Cama. De repente descobriu que estava cansado. Subiu as escadas, apagando as luzes pelo caminho. No quarto de vestir, tirou as roupas. O dinnerjacket, a gravata borboleta, a camisa branca com as abotoaduras. Os sapatos e as meias. As calças eram o mais complicado, mas ele tinha aperfeiçoado a rotina para tirá-las. O

espelho

comprido no guarda-roupa refletiu a sua imagem, mas fazia questão de não olhar, porque detestava se ver sem roupa; o coto lívido da sua coxa, o metal brilhante da perna, os parafusos e as dobradiças, as tiras e as correias que a mantinham no lugar

- tudo revelado, sem vergonha e também sem ser obsceno.

Rápido, pegou o pijama e vestiu-o. Foi até o banheiro ao lado e escovou os dentes.

No grande quarto não havia luzes acesas, mas a claridade do luar entrava pela janela sem cortinas. Deitada no seu lado da cama de casal, Isobel

dormia. Mas quando ele andou, ela se mexeu e acordou.

-Archie?

Ele se sentou no seu lado da cama.

- Sim.

- Que horas são?

- Uma e vinte.

Ela pensou por um momento.

- Estavam conversando?

- Sim. Sinto muito. Eu a deveria ter ajudado.

- Não tem importância. Eles são simpáticos.

Ele abriu as presilhas, separando com delicadeza o enchimento da perna mecânica do coto. Quando ficou todo solto, ele se inclinou para colocar o aparelho no chão ao lado da cama, com as tiras esticadas para que, de manhã, pudesse colocá-lo da melhor maneira. Sem ele, sentia-se inclinado para um lado, sem peso, com o coto descoberto e dolorido. Tinha sido um dia comprido.

Deitou-se ao lado de Isobel e puxou as cobertas até os ombros.

- Você está bem?-A voz dela era sonolenta.

- Estou.

- Você sabia que Venera Steynton vai dar uma festa dançante para Katy? Em setembro.

- Sabia, Violet me disse.

- Terei que comprar um vestido novo.

- É.

- Não tenho nada que possa usar na festa. Ela se virou para continuar a dormir. "

Logo que começou, ele já sabia o que ia acontecer. Era sempre a mesma coisa. Ruas vazias, abandonadas, cheias de graffittí nas paredes. Céu escuro e chuvoso. Usava uma jaqueta militar e dirigia um dos Land Rovers blindados, mas havia alguma coisa errada, pois devia ter um companheiro e estava só.

Tudo o que tinha a fazer era chegar às barracas em segurança. As barracas eram um posto policial confiscado do Ulster Constabulary, fortificadas até o teto e repletas

de armas. Se conseguisse chegar lá, sem que eles se aproximassem, estaria a salvo.

Mas eles estavam lá. Vinham sempre. Quatro, espalhados na estrada, na sua frente, envolvidos pela chuva. Não tinham rosto, somente capuzes pretos, as armas levantadas para ele. Procurou o seu rifle, mas não o encontrou. O Land Rover. Ele não se

lembrava de tê-lo parado. A porta se abriu e eles estavam em cima dele, arrastando-o para fora. Quem sabe dessa vez batessem nele até a morte. Mas foi a mesma coisa.

A bomba. Parecia um embrulho de papel marrom, mas era uma bomba, e eles a colocaram atrás no Land Rover. Ele ficou parado, observando-os. Então, estava atrás do volante e o pesadelo começava realmente. Porque ele iria dirigir o carro, atravessaria o portão do acampamento, explodiria e mataria todos os homens que ali estavam.

Ele dirigia como um lunático e ainda por cima chovia; não via nada, mas logo chegaria. Tudo o que tinha a fazer era atravessar o portão, dirigir o veículo explosivo

para o local das bombas e dar um jeito de sair e correr como um louco antes que a bomba explodisse.

O pânico o estava esmagando, e seus ouvidos trovejavam com a própria respiração. Os portões balançavam; ele os atravessou, desceu pela rampa na direção das bombas.

As paredes de concreto elevaram-se ao seu lado, cortando a claridade. Escapar.

Puxou com força a maçaneta, mas ela estava emperrada. A porta não se abria, ele estava

preso, a bomba soando como um relógio letal e mortífero, e ele estava preso.

Gritou. Ninguém sabia que ele estava lá. Continuou a gritar...

Acordou, gritando como uma mulher, a boca aberta, o suor escorrendo pelo rosto... o exército o pegara...

-Archíe.

Ela estava ali, segurando-o. Depois de um momento, empurrou-o 102

gentilmente de encontro aos travesseiros... Confortou-o como a uma criança, ninando-o. Beijou-lhe os olhos.-Está tudo bem. Foi só um sonho. Você está aqui. Eu estou

com você. Tudo já passou. Você está acordado. Seu coração batia como um martelo e o suor continuava a brotar. Ficou quieto nos braços dela, e aos poucos a respiração acalmou. Desejou um copo d'água, mas ela já se havia antecipado e amparou-o para que bebesse, colocando-o na mesa ao lado quando ele terminou.

Assim que se acalmou, ela falou, com uma sobra de sorriso na voz: -Espero que ninguém tenha acordado. Eles achariam que eu o estava matando.

- Eu sei. Desculpe.

- Foi o... de sempre?

- Sim. Sempre a mesma coisa. A chuva, e os capuzes e a bomba e aquele maldito acampamento. Por que tenho pesadelos com coisas que nunca me aconteceram?

- Não sei, Archie.

- Gostaria que parassem.

- Eu também.

Ele virou a cabeça, enterrando a face em seu ombro.

- Se eles parassem de acontecer, talvez eu conseguisse fazer amor novamente com você.

# AGOSTO

## 105

Segunda-feira, 15

A chegada do correio em Croy era uma festa que não tinha um momento certo de acontecer. tom Drystone, o carteiro, percorria durante o dia com o seu furgão uma área

enorme. As estradas compridas, retas, cheias de vento, levavam aos vales estreitos e profundos, às fazendas remotas de carneiros e chácaras distantes. Viúvas jovens, isoladas, com os filhos pequenos, aguardavam sua chegada enquanto penduravam as roupas lavadas para secar no vento frio. Os mais velhos, vivendo sós, dependiam dele

para receber as receitas médicas, para uma conversa, e até para pedir que se sentasse e tomasse um chá com eles. No inverno, ele trocava o furgão por um Land Rover,

e somente as piores nevascas o impediam de sair para entregar aquela carta tão esperada vinda da Austrália, ou uma blusa nova pedida pelo catálogo da Little-Woods,

e, quando os ventos fortes do noroeste uivavam e danificavam as linhas telefónicas e os cabos de força, ele muitas vezes era a única fonte de comunicação com o mundo.

Por isso, mesmo que fosse um homem de cara amarrada, que não gostasse de conversas e tivesse uma língua afiada, a visita diária de tom era sempre bem-vinda. Mas ele era muito agradável, nascido e criado em Tullochard, e não se incomodava com o que a zona mais agreste ou os elementos da natureza pudessem trazer para ele.

Além disso, quando não estava trabalhando, era muito admirado pela habilidade com que tocava acordeão, sendo uma figura-chave nas festas locais quando ia para o palco, com um copo de cerveja no chão ao seu lado, animando a todos numa rodada sem fim de jigs e reels.** A música cativante estava dentro dele, por isso, enquanto entregava a correspondência, assoviava sem parar.

*Música bem animada. (N.T.)

* Dança escocesa. (N.T.)

106

Agora era meados de agosto. Segunda-feira. Um dia ventoso e com muitas nuvens. Não estava quente, mas, pelo menos, não chovia. Isobel Balmerino, protegida por um avental, sentou-se numa ponta da mesa da cozinha e depenou três casais de tetrazes.

Tinham sido caçadas na sexta-feira, mas ela queria ficar livre daquela tarefa e guardar as aves no freezer antes que o próximo grupo de americanos chegasse.

A cozinha era grande, tipicamente vitoriana, repleta de evidências da sua vida atarefada. Um aparador entulhado com a louça do jantar, um quadro de avisos cheio de cartões e endereços pregados, lembretes rabiscados para telefonar para o bombeiro. As cestas dos cães ficavam próximas ao forno Aga, e havia vários maços de flores

secas pendurados nos ganchos do teto, também usados para defumar presuntos. Por cima do forno havia uma prateleira para secar roupa, com uma roldana, onde os

tweeds

encharcados eram içados após um dia nas montanhas, ou o linho passado, ainda não totalmente seco, era colocado para apanhar um pouco de ar. Aquela não era uma arrumação

satisfatória, porque se tivessem salmão defumado para o café da manhã, as fronhas ficariam com um leve odor de peixe, mas, como Isobel não tinha um guarda-louças ventilado, não havia nada que pudesse ser feito.

Uma vez, há muito tempo, na época da antiga Lady Balmerino, essa roldana tinha sido fonte de uma piada familiar. A Sra. Harris era então a cozinheira residente, uma cozinheira maravilhosa, mas que não se importava com pequenos detalhes de limpeza. Tinha por hábito manter sobre o Aga uma panela enorme de ferro preto em fogo

lento com ossos e restos de todos os vegetais que ela raspava dos pratos. com isso fazia sopas famosas. Uma vez, um grupo de convidados ficou na casa para caçar.

O tempo estava horroroso, e a prateleira sobre o fogão vivia repleta, pingando sem parar com jaquetas encharcadas, calças de montaria, suéteres e meias peludas.

A sopa daquela quinzena estava cada vez melhor, mais saborosa. Os convidados queriam a receita. "Qual o segredo, Sra. Harris? Que sabor! Delicioso!" Mas a Sra.

Harris

simplesmente se encolhia e elegantemente dizia que era uma aptidão que havia herdado da mãe. A semana terminou, e os convidados se foram deixando boas gorjetas nas

mãos vermelhas e quentes da Sra. Harris quando saíram. A panela ficou finalmente vazia e pôde ser limpa. No fundo dela estava uma meia de feltro não muito limpa"

usada durante uma caçada.

' Tipo de galináceo. (N.T.)

Quatro tetrazes já depenadas e duas ainda por fazer. Penas voavam por todos os lados; Isobel juntou-as com cuidado, enrolando-as num jornal,

acondicionando-as num saco preto de lixo. Ao espalhar novos jornais para começar a número cinco, ela ouviu o assobio.

A porta dos fundos se abriu e tom Drystone entrou alegremente. A corrente de ar levantou uma nuvem de penas. Isobel deixou escapar um lamento, e ele apressadamente bateu a porta.

- Vejo que o patrão a está mantendo ocupada. - As penas se acomodaram novamente.

Isobel fungou. tom largou a pilha de correspondência sobre o aparador. - A senhora não quer que o pequeno Hamish lhe dê uma ajuda?

- Ele está fora. Foi para Argyll passar uma semana com um amigo do colégio.

- Como foi a sexta-feira em Croy?

- Receio que frustrante.

- Em Glenshandra eles conseguiram quarenta e três casais.

-Provavelmente eram todos nossos, que voaram sobre a cerca para visitar os amigos.

Você quer uma xícara de café?

- Não, hoje não. Tenho muito trabalho à minha espera. Circular do Conselho. Bem, já vou indo...

Ele saiu, assoviando antes mesmo de fechar a porta às suas costas.

Isobel continuou a arrancar as penas das tetrazes. Gostaria de ir olhar as cartas, ver se havia alguma novidade, mas ficou firme. Primeiro terminaria de tratar as aves. Depois limparia todas as penas, lavaria as mãos e pegaria a correspondência.

Então se dedicaria à tarefa sangrenta de estripá-las.

O furgão partiu. Ela ouviu passos se aproximando, vindos do saguão. Dolorosos e desiguais. Passos pesados, compassados. A porta se abriu e seu marido entrou.

- Era o tom?

- Você ouviu o assovio?

- Estou esperando a carta da Forestry Commission.

- Ainda não olhei.

-Por que você não me disse que ia tratar das tetrazes?-O tom de Archie era mais acusador do que de culpa. - Eu teria vindo ajudar.

-Talvez você as possa estripar para mim.

A expressão no rosto dele foi de desprazer. Podia caçar as aves, torcer o pescoço.

Podia, se pressionado, depená-las. Mas ficava enjoado de abri-las para retirar as vísceras. Isso era sempre um motivo de atrito entre ele e Isobel, por isso mudou rapidamente de assunto.

- Onde está a correspondência?

- Ele a colocou sobre o aparador.



Archie mancou até lá, pegou as cartas e sentou-se na outra extremidade da mesa, longe da sujeira. Olhou uma por uma.

- com os diabos. Não está aqui. Gostaria que eles andassem de patins. Mas tem uma de Lucilla...

- Oh, que bom, desejei tanto isso...

- ... e uma bem grande, grossa e rígida, que bem pode ser uma intimação da rainha.

- DeVerena?

- Pode ser.

- É o nosso convite.

- E mais duas iguais, para serem reendereçadas. Uma para Lucilla e outra para - ele hesitou - Pandora.

As mãos de Isobel se imobilizaram. Sobre a mesa cheia de penas, seus olhos se cruzaram. - Pandora? Eles convidaram Pandora? -Aparentemente, sim. -É surpresa para mim.Verena não me disse que iria chamar Pandora.

- Não há nenhuma razão para isso.

-Teremos que mandar o convite para ela. Abra o nosso para ver o que diz.

Sr a. Angus Steynton o aguarda

Em sua Residência

Para festejar Katy

Sexta-feira, 16 de setembro de 1988

Danças às 22 horas

Archie abriu.

-Muito elegante.-Levantou as sobrancelhas. Em relevo, chapa de cobre e bordos dourados. Dezesseis de setembro. Verena demorou um pouco para mandá-lo, não acha?

Isto

é, temos menos de um mês.

- Houve um erro de impressão. Fizeram a primeira no lado errado do papel. Ela teve que enviá-los de volta para que fizessem tudo novamente.

- Como ela soube que era o lado errado?

-Verena conhece essas coisas. É perfeccionista. Quais são os dizeres?

-Diz: Lorde e Lady BaLlmerino. Sra. Angus Steynton. Em sua residência. Para festejar Katy. Etcétera, etcétera. Danças às 22 horas. Ele segurou o convite. -

Surpresa?

Sem os óculos, Isobel apertou os olhos para ver.



- Muito. Não esperava um convite tão elegante. Ficará esplêndido sobre a lareira.

Os americanos pensarão que fomos convidados para uma cerimónia real. Agora, leia para mim a carta de Lucilla. É muito mais importante.

Archie abriu o envelope fino, com selo e carimbo da França; e desdobrou duas folhas de papel barato, pautado e bem fino.

- Parece que ela escreveu em papel higiénico.

- Leia.

-Paris. Seis de agosto. Queridos papai e mamãe. Desculpem-me por demorar tanto a escrever. Não tive tempo para contar as novidades. Estou de saída para outras viagens.

Daqui a alguns dias deixarei Paris para ir para o sul. Irei de ônibus, por isso não precisam se preocupar com as caronas. vou com um australiano chamado Jeff Howland.

Não é nenhum estudante de arte, mas um criador de carneiros de Queensland, que resolveu dedicar um ano a andar pela Europa. Tem amigos em Ibiza, e por isso talvez iremos até lá. Não sei o que faremos quando chegar, mas se houver oportunidade de ir até Maiorca, vocês querem que eu vá procurar Pandora? Se quiserem, mandem o endereço porque eu o perdi. Estou com pouco dinheiro. Será que vocês podem me enviar algum até a chegada da próxima mesada? Mandem para a/c Hans Bergdorf, PO Box

73, Ibiza. Paris tem sido um céu, mas agora restam só turistas. Todos foram para as praias ou para as montanhas. Estive outro dia numa belíssima exposição de Matisse.

Muito amor, meus queridos. E NADA DE PREOCUPAÇÃO. Lucilla. PS: Não esqueçam o dinheiro.

Ele dobrou a carta e a colocou de volta no envelope. .?

Isobel disse:

- Um australiano.

- Criador de carneiros.

- Que está passeando na Europa.

- Pelo menos vão de ônibus.

- Podia ser pior. Mas, essa possibilidade de ela estar com Pandora... não é extraordinário? Não falamos de Pandora há meses, e de repente ela surge em vários assuntos.

Ibiza é longe de Maiorca?

- Não muito.

- Gostaria que Lucilla voltasse para casa.

- Isobel, ela está aproveitando a vida.

- Não gosto de saber que está com pouco dinheiro.

- Mandarei um cheque.

- Sinto tanto a falta dela.

- Eu sei.

110

Ela terminou de depenar as tetrazes, recolheu todas as penas e depois colocou-as no saco preto do lixo. Os seis pequenos corpos estavam pateticamente em fila, as cabeças torcidas, as patas afiadas esticadas como dançarinas. Isobel aproximou-se com a sua faca afiada e, sem pressa, cortou o primeiro corpo flácido. Depois colocou

a faca sobre a mesa e enfiou a mão na ave. Retirou-a, vermelha de sangue, trazendo uma longa fileira de entranhas cinzas, peroladas, que se acumularam em profusão sobre o jornal. O cheiro era opressivo.

Archie pulou da cadeira.

- vou fazer o cheque. - Reuniu as cartas. - Antes que eu me esqueça. - Rumou para o escritório, fechando firmemente atrás de si a porta da cozinha, afastando-se da cena de sacrifício doméstico.

Na sua escrivaninha, ele segurou o envelope de Pandora por alguns momentos. Pensou em escrever para ela. Anexar uma carta sua ao convite de Verena. É uma festa, diria. Será divertido. Por que não vir e ficar conosco em Croy? Adoraríamos ver você. Por favor, Pandora, por favor.

Mas ele já tinha escrito isso antes, e ela nem se incomodara em responder. Não foi agradável. Soltou um suspiro e reendereçou o envelope. Colocou outros selos por segurança, um especial para via aérea e depois deixou-o de lado.

Fez um cheque pagável a Lucilla Blair de cento e cinquenta libras. Então escreveu uma carta para a filha.

Croy, 15 de agosto

Minha querida Lucilla,

Obrigado pelo seu bilhete, que recebemos hoje

pela manhã. Espero que tenha feito uma boa viagem pelo sul da França e conseguido dinheiro suficiente para chegar a Ibiza, pois estou enviando o cheque para lá, como você pediu. Quanto a Pandora, tenho certeza de

que gostará muito de vê-la, mas sugiro que telefone antes de fazer qualquer plano para que ela possa saber da sua intenção de visitá-la.

O endereço dela é Casa Rosa, Puerto del Fuego, Maiorca. Não tenho o número do telefone, mas você o encontrará na lista telefónica de Palma.

Estou enviando junto um convite para uma festa



que os Steyntons estão preparando para Katy. Será daqui a um mês, e talvez você tenha outras coisas melhores para fazer, mas sua mãe ficaria feliz se pudesse vir.

£

O dia da caçada foi muito bom. Eles foram de autocarro, por isso eu me juntei aos caçadores somente pela manhã. Todos foram muito gentis e cederam para mim o primeiro

alvo. Hamish ficou comigo para carregar a espingarda e a bolsa, e ajudou esse seu velho pai a subir a montanha. Edmund Aird atirou excepcionalmente bem, mas no final do dia havia somente vinte e um casais e meio e duas lebres. Hamish viajou ontem para passar uma semana em Argyll com um amigo do colégio. Levou sua vara de pescar trutas, mas espera conseguir peixes de águas mais profundas.

Todo o meu amor para você, minha filha.

Papai.

Leu a carta toda novamente e dobrou-a com cuidado. Achou um envelope pardo grande onde colocou o cheque, a carta e o convite de Verena. Fechou e selou, e escreveu o endereço de Lucilla em Ibiza, que ela havia mencionado na carta.. Levou dois envelopes para o saguão e deixou-os sobre a arca ao lado da porta. Na próxima vez que alguém fosse à aldeia eles seriam enviados.

112

Quarta-feira, 7

O convite dos Steyntons foi remetido para Ovington Street na quarta-feira daquela semana. Era cedo, de manhã. Alexa, com os pés descalços e enrolada no roupão, aguardava

na cozinha que a chaleira fervesse. A porta para o jardim estava aberta, e Lany se encontrava lá, fungando como de costume. Algumas vezes sentia o cheiro de algum gato e ficava excitado. Era uma manhã cinzenta. Talvez mais tarde o sol saísse e expulsasse a neblina. Ela ouviu o barulho na caixa do correio e, olhando pela janela,

viu as pernas do carteiro afastando-se na calçada.

Pegou uma bandeja e colocou os saquinhos de chá no bule. A chaleira já havia fervido. Fez o chá e depois, deixando o cachorro entregue aos seus afazeres, subiu as

escadas com a bandeja. As cartas estavam lá. Equilibrando-se, parou para pegá-las e colocá-las no bolso grande do roupão. Sentiu o tapete macio sob os pés descalços.

A porta do quarto estava aberta, as cortinas já tinham sido afastadas. Não era um quarto grande, quase todo tomado pela cama que Alexa havia herdado da avó. Era uma cama imponente, ampla e macia, com a armação de metal. Colocou a bandeja no chão e se enfiou entre os lençóis. Disse:

-Você já acordou? Eu lhe trouxe uma xícara de chá.

O "amontoado de lençol" do outro lado da cama não respondeu de imediato à intimação. Depois resmungou e suspirou. Um braço marrom surgiu das cobertas e Noel virou-se

para olhá-la.

- Que horas são? - Seu cabelo escuro, contrastando com a fronha de linho, estava em desordem, e o queixo áspero pela barba por fazer.

- Quinze para as oito.

Resmungou novamente, passando os dedos pelo cabelo. Ela disse: -bom dia- e inclinou-se para beijar a bochecha áspera. Ele colocou a mão atrás da sua cabeça e puxou-a para perto. Falou, murmurando: -Que cheiro gostoso. - Xampu de limão.

- Não, não é o xampu. É você.

Ele tirou a mão. Livre do seu abraço, ela o beijou novamente e dedicou-se à tarefa doméstica de coar o chá. Ele ajeitou o travesseiro, soergueu-se para cair novamente sobre ele. Estava sem roupas, o tronco queimado como se tivesse voltado de algum feriado tropical. Ela estendeu para ele a caneca Wedgwood fumegante.

Bebeu devagar, em silêncio. Levava muito tempo para sair do sono e entrar na manhã, e raramente dizia alguma coisa antes do café. Era uma particularidade que ela havia descoberto sobre ele, uma das suas pequenas rotinas de vida. Assim como a maneira que fazia café ou limpava os sapatos, ou misturava um martini seco. À

noite,

esvaziava os bolsos, deixando tudo arrumado em fila na penteadeira, sempre na mesma ordem. A carteira, os cartões de crédito, o canivete, notas de pequeno valor

e as moedas empilhadas em ordem. O melhor era ficar na cama observando-o; depois tirava as roupas e ela esperava que ele se aprontasse para vir para ela.

Cada dia trazia uma novidade, a cada noite descobertas doces. Todas as coisas boas se acumulavam a cada momento, e cada hora era melhor do que o momento e a hora anteriores. A vida com Noel, o partilhar dessa mistura feliz de domesticidade e paixão fazia-a compreender, pela primeira vez, por que as pessoas queriam se casar.

Deveria ser assim para sempre.

Uma vez... há apenas três meses... ela pensara que estava totalmente satisfeita.

Sozinha na casa, somente com Lany por companhia, ocupada com o seu trabalho, a sua pequena rotina, saídas noturnas ocasionais ou visita aos amigos. Nada mais do que uma vida pela metade. Como ela suportava aquilo?

Você não sente falta do que não teve. A voz de Edie veio alta e clara. Pensando nela, Alexa sorriu. Fez a sua caneca de chá, colocou-a ao seu lado, e procurou no bolso as cartas. Espalhou-as sobre o edredão. Uma conta de Peter Jones, uma circular para fazer sinteco, um cartão postal de uma mulher que morou em Barnes e queria

algumas gulodices para o seu freezer, e finalmente o envelope branco, grande e rígido.

Olhou para ele. Selo da Escócia. Um convite? Talvez para um casamento...

Rasgou-o com o polegar e tirou o cartão. Disse:

- Meu Deus.

- O que é?

- Um convite para um baile. Você deve ir ao baile, disse a fada-madrinha para Cinderela.

Noel se aproximou e pegou-o das suas mãos.

- Quem é a Sra. Angus Steynton?

- Eles moram perto de nós na Escócia. Cerca de dez milhas.

- E quem é Katy?

114

-A filha deles, naturalmente. Ela trabalha em Londres. Talvez você a tenha encontrado... -Alexa pensou sobre isso e depois mudou de ideia. Não, acho que não.

Ela

gosta de sair com homens jovens e fardados..

gosta dos encontros nas corridas de cavalo. - Dezesseis de setembro. Você irá?

-Acho que não.

- Porquê?

- Porque não quero ir sem você.

- Não fui convidado.

- Pois. -Você poderia dizer: só irei se puder levar o meu namorado.

- Ninguém sabe que tenho um.

-Você ainda não falou com a sua família que eu estou vivendo com você?

-Ainda não.

-Alguma razão em particular para isso?

- Oh, Noel, eu não sei... - Mas sabia. Queria mantê-lo só para si. com ele, habitava um mundo mágico e secreto de amor e descoberta, e receava que, se deixasse alguém

entrar nele, tudo se dissolvesse e ficasse de alguma maneira contaminado.

Além disso... tinha que admitir que era patético... não tinha coragem moral. Estava com vinte e um anos, mas isso não ajudava porque ainda se sentia interiormente como se tivesse quinze e continuava ansiando por agradar os outros. Pensou nas possíveis reações da família com uma tensão angustiante. Imaginou a desaprovação do pai, a surpresa terrível de Vi e a apreensão de Virgínia. E também as perguntas.

Quem é ele? Onde o conheceu? Estão vivendo juntos? Na Ovington Street? Porque ele é o primeiro de que temos notícia? O que ele faz? Qual o nome dele? , E Edie. Lady Cheriton deve estar dando voltas na sepultura.

Não que não fossem compreender. Nem que tivessem uma mentalidade estreita ou que fossem hipócritas. Não porque não a amassem - Alexa não conseguia pensar em um só deles que fosse perder o controle.

Bebeu mais um pouco de chá.

Noel disse:

-Você não é mais uma menininha.

-Eu sei disso. Já sou adulta. Só gostaria que eu não fosse uma adulta tão acomodada.

-Tem vergonha da nossa relação pecaminosa?

- Não tenho vergonha de nada. É só... a família. Não gostaria de magoá-los.



- Minha querida, eles ficariam muito mais magoados se soubessem sobre nós por outros meios antes que nós mesmos contássemos.

Alexa sabia que era verdade.

- Mas como poderiam descobrir? - perguntou.

- Estamos em Londres. Todos falam de todos. Estou surpreso por seu pai ainda não ter mencionado uma palavra sobre esse assunto. Aceite o meu conselho e seja corajosa.

- Devolveu a ela a caneca vazia e deu um beijo rápido no seu rosto. Pegando o roupão, jogou as pernas para fora da cama. -E, então, você poderá escrever à Sra.

Stiffden,

ou qualquer que seja o nome dela, e dizer sim, que você adoraria comparecer ao baile e que levará o Príncipe Encantado junto com você.

Apesar de tudo, Alexa sorriu.

-Você iria?

- Provavelmente, não. Danças tribais não me atraem. - com isso, dirigiu-se para o banheiro. Logo em seguida Alexa ouviu o chuveiro.

Então, por que toda a discussão? Alexa pegou o convite e olhou para ele franzindo as sobrancelhas. Gostaria que não tivesse chegado, pensou. Uma fonte de problemas.



Segunda-feira, 22

Naquele agosto toda a ilha ferveu lentamente sob uma forte onda de calor. As manhãs começavam quentes, e por volta do meio-dia a temperatura subia a alturas inimagináveis,

mantendo todas as pessoas com algum bom-senso dentro de casa pela tarde inteira, jogadas na cama sem ar ou sonolentas num terraço bem sombreado.

A torre antiga, nas colinas, dormitava silenciosamente durante as horas da siesta. As ruas ficavam vazias, e as lojas fechavam.

Mas, no porto, a história era diferente. Havia muitas pessoas e muito dinheiro a ser gasto para que se respeitasse esse costume antigo. Os turistas não queriam saber

de siestas. Não queriam perder um momento das suas férias caras, dormindo. E, durante o dia, eles não tinham outro lugar para ir. Por isso se espalhavam em grupos,

vermelhos e suados, nos cafés nas calçadas, ou perambulavam sem destino nas galerias com ar-condicionado. A praia exibia uma profusão de guarda-sóis e corpos ressequidos

seminus, e a marina abrigava embarcações de todos os tipos. Somente os tripulantes pareciam saber o que era bom para eles. Em geral alvoroçados pela atividade, os iates e as lanchas estavam agora ancorados preguiçosamente nas ondas da água oleosa, e nas sobras das velas os corpos estirados de costas, cor de mogno, nem se mexiam,

como se estivessem mortos.

Pandora acordou tarde. Tinha se mexido e virado na cama durante toda a noite para, finalmente, às quatro da manhã, tomar uma pílula para dormir e cair pelo menos num sono pesado e cheio de sonhos. Ela teria dormido mais se os barulhos de Serafina na cozinha não a tivessem despertado. Os ruídos perturbaram o sonho, e, relutantemente,

após uns minutos, ela abriu os olhos.

O sonho tinha sido com chuva, rios escuros e cheiro do frio úmido, barulho de vento. Sonhara com os lagos profundos da Escócia e com montanhas escuras, de caminhos pantanosos, que levavam aos cumes cobertos de neve. Mas o mais importante era a chuva. Não caía reta, e nem

era tropical e cheia de trovões como a daqui, mas calma e com muita névoa.

Vinha com as nuvens, insinuante como fumaça...

Ela se mexeu. As imagens se dissolveram, foram embora. Por que ela sonhava com a Escócia? Por que, após todos esses anos, essas memórias tolas voltavam para lhe tirar a tranquilidade? Talvez fosse por causa do calor desse agosto cruel, os dias intermináveisi com um sol inclemente, a poeira e a secura, as sombras escuras bem nítidas do meio-dia. As pessoas ansiavam por uma névoa perfumada, calma.

Ela virou a cabeça no travesseiro e viu, por trás da porta envidraçada que tinha ficado aberta a noite toda, o corrimão do terraço, o brilho colorido dos gerânios, o céu. Azul, sem nuvens, já opressor pelo calor.

Apoiou-se no cotovelo e passou por cima da cama larga e vazia, para alcançar o relógio na mesinha de cabeceira. Nove horas. Mais barulho na cozinha. O ruído da lavadora

de pratos. Serafina fazia questão de mostrar a sua presença. E, se ela já havia chegado, significava que Mário - seu marido e jardineiro de Pandora - já estava no jardim com a sua enxada arcaica. O que dificultava um pouco a possibilidade de um mergulho matinal. Mário e Serafina moravam na cidade velha e vinham trabalhar todas as manhãs na lambreta cansada, barulhenta e abarrotada de Mário, resfolegando colina acima. Serafina empoleirava-se por trás dele, cavalgando modestamente, com seus

braços fortes em torno da cintura do marido. Era de admirar que o ataque diário e barulhento que proclamava a chegada deles não tivesse acordado Pandora, mas as pílulas eram muito fortes.

Estava muito quente para ficar deitada na cama amassada e desfeita. Já ficara ali o suficiente. Pandora afastou o lençol fino e, descalça e sem roupas, atravessou o chão de mármore e entrou no banheiro. Botou o biquini-nada mais do que duas tiras formadas por lenços e nós-voltou Para o quarto, saiu para o terraço e desceu a escada que levava à piscina.

Mergulhou. Estava fria, mas não a ponto de refrescar. Depois nadou. pensou como era nadar no lago de Croy e vir à tona gritando em agonia Porque o frio invadia cada poro do corpo; era um frio paralisante, que cortava a

respiração. Como podia ter nadado numa água que era quase gelo? Como ela e Archie e todos os outros se permitiam

prazeres masoquistas como aqueles?Mas fora divertido. Depois saíam, lutando para entrar molhados nas suéteres, acendendo um fogo no chão de cascalhos em volta do lago e cozinhando a melhor truta do mundo sobre as brasas enfumaçadas.



Desde então nenhuma outra truta fora tão deliciosa quanto aquelas dos acampamentos improvisados.

Ela nadou de novo. Para um lado e para o outro da piscina. Outra vez a Escócia. Não mais sonhos, mas memórias conscientes. Ela as deixou fluírem. As memórias deixaram o lago pelo córrego acidentado que seguia o seu curso saltando e girando abaixo na montanha para finalmente chegar a Croy. Águas turvas e com muita espuma, como cerveja, girando sobre as pedras e caindo em lagos profundos onde as trutas espreitavam nas sombras. Por séculos esse regato tinha rasgado um pequeno vale de elevações

verdejantes acariciadas pelo vento norte, e brilhantes com as flores silvestres.

Cresciam a murugem, a dedaleira, samambaias verdes e cardos púrpura. Havia um ponto especial. Eles o chamavam de Corrie, um lugar próprio para muitos piqueniques na primavera e no inverno, quando os ventos do norte estavam muito frios para permitir acampar perto do lago.

O Corrie. Ela não permitiu que as memórias se detivessem ali. Afastou-as. O rio ficava íngreme, entre grandes formações de rocha, penhascos de granito mais velhos do que o tempo. Um volteio final e o vale se alargava bem abaixo, ensolarado, cheio das sombras das nuvens, revelado em toda a sua beleza pastoril. O Croy, um fio borbulhante, as duas pontes em arco visíveis entre as árvores, a aldeia reduzida pela distância a um brinquedo de criança jogado no tapete do quarto.

Uma pausa para contemplações. Depois, novamente a memória. O córrego ficava raso.

Mais à frente a cerca e o portão alto. Visíveis agora, as primeiras árvores.

Pinheiros

escoceses, e por trás deles, o verde dos vidoeiros. Depois a casa dos Gillock, com o varal da Sra. Gillock cheio de roupas esvoaçantes como bandeiras, e os cães de caça, correndo, explodindo numa cacofonia de latidos frenéticos vindos do canil.

Próximo de casa. O córrego era o próprio caminho, Tarmacked, correndo entre as casas da fazenda, as construções de pedra, os celeiros e os estábulos. O cheiro era de gado e esterco. Outro portão, e surgiam a casa da fazenda, com o chalé no jardim e a sua parede de pedra coberta de madressilva. A cerca do gado. A fila de rododendros

ao lado da estrada-

Croy.

Chega. Pandora empurrou a memória de volta como se fosse coisa de criança. Não queria continuar com isso. Basta de auto-indulgência! Chega da Escócia. Atravessou a piscina nadando mais uma vez, subiu os degraus baixos e saiu. As pedras embaixo dos seus pés descalços já estavam quentes. Pingando, ela entrou na casa. No banheiro,

tomou banho, lavou os cabelos, colocou um vestido leve, solto e sem mangas, o mais fresco que tinha. Deixou o quarto, atravessou o saguão e entrou na cozinha.

- Serafina!



Serafina virou-se da pia onde estava ocupada, esfregando um balde com mexilhões.

Era uma mulher pequena, troncuda, escura, com as pernas musculosas metidas numa espadrile, com os cabelos escuros puxados para trás e amarrados na nuca. Usava sempre preto porque vivia de luto. Assim que se livrava do luto por um parente mais velho ou distante, outra pessoa da família morria, e ela voltava ao preto. Os vestidos pareciam exatamente iguais, mas, como se fosse para espantar aquela escuridão

toda, seus aventais eram muito coloridos e exemplares.

Serafina veio direto com a Casa Rosa. anteriormente havia trabalhado quinze anos para o casal inglês que originalmente construíra a vila. Quando, há dois anos, por pressões familiares e uma saúde incerta, eles relutantemente voltaram para a Inglaterra, Pandora, que estava procurando um lugar para morar, comprara a casa. Ao fazer isso, descobrira que havia herdado Serafina e Mário. A princípio Serafina não sabia se queria trabalhar ou não para Pandora, e Pandora ainda não tinha decidido o que fazer com ela. Serafina não era exatamente uma figura atraente e muitas vezes ficava emburrada. Mas juntas, tentaram por um mês, depois por três, um ano, e o acordo, bom para ambas, estabeleceu-se sem que nada precisasse ser dito.

- Senora. Buenos dias. Já acordou!

Após quinze anos de convívio com os antigos patrões, Serafina falava um inglês razoável. Pandora era grata por essa bênção. O seu francês era fluente, mas o espanhol

continuava um enigma. As pessoas diziam que era fácil, por causa do latim dado no colégio, mas Pandora não passara por isso e não estava disposta a começar a aprender

agora.

-Tem café?

- Está na mesa. Trarei café quente.

A mesa estava posta no terraço, que ficava voltado para a estrada. Era bem sombreado e fresco pelas aragens que vinham do mar. Ao atravessar a sala

de visitas o

olhar de Pandora foi desviado para um livro que estava sobre a mesa. Era um volume grande e luxuoso, enviado de presente por Archie pelo seu aniversário. A Arte da Carroceria na Escócia. Ela sabia por que ele o havia escolhido. Ele não parava nunca

com a sua maneira transparente tentando atraí-la de volta ao lar. E, por isso mesmo, ela nem havia folheado o livro. Mas agora parou, a atenção presa. A Arte da carroceria na Escócia. Novamente a Escócia. Será que seria um dia dedicado à nostalgia? Riu baixinho dessa fraqueza que, de repente, caía sobre ela. Por que não?

Parou, apanhou o livro e foi com ele para o terraço. Abriu-o sobre a mesa enquanto descascava uma laranja.

Era realmente um livro para se ter numa sala de estar, para ser olheado. Desenhos a bico-de-pena, mapas esplendidamente desenhados e Um texto simples. Fotos coloridas em todas as páginas. As areias prateadas



de Morar. Vorlich. As Cachoeiras de Dochart. Os nomes antigos soaram bem, como um rufar de tambores.

Começou a chupar a laranja. O suco espirrou nas páginas e ela as enxugou, mas ficaram as marcas. Serafina trouxe o café, mas ela não percebeu de tão absorta que estava.

Aqui o rio, após uma longa e tranquila viagem, de repente irrompe numa raiva furiosa, descendo em cataratas turbulentas de espuma branca junto a um canal largo e

rochoso, numa disposição memorável de águas agitadas. O fluxo rápido é interrompido por ilhas cheias de vegetação, uma das quais era o cemitério do clã MacNab e abrigo de árvores belíssimas valorizadas por um cenário de rara beleza...

Ela se serviu de café, virou uma página e continuou.

A Arte da Carroceria na Escócia prendeu-a por todo o dia. Levou-o da mesa do café para uma espreguiçadeira junto da piscina e depois do almoço carregou-o para a cama. Por volta das cinco horas ela o havia lido de ponta a ponta. Fechou-o e deixou-o escorregar para o chão.

Agora estava mais fresco, mas por um momento sentiu calor. Saiu da cama, foi para a piscina e nadou outra vez, depois vestiu uma calça branca de algodão e uma blusa azul e branca. Penteou os cabelos, pintou os olhos, colocou brincos e um bracelete dourado. Sandálias brancas. Um pouco de perfume. O frasco estava quase vazio.

Teria que comprar outro. A perspectiva dessa compra encheu-a de prazer.

Despediu-se de Serafina e saiu pela porta da frente, descendo as escadas até a garagem onde o seu carro estava estacionado. Deu a partida, descendo a colina até a estrada larga que levava ao porto. Estacionou-o no pátio do correio e entrou para pegar a correspondência. Colocou-a dentro da bolsa de tiras de couro e então, deixando o carro, andou lentamente pelas ruas ainda cheias de pessoas, parando para olhar as vitrines, ver um vestido, conferir o preço de um encantador xale de renda. Na perfumaria ela entrou e comprou um frasco de Poison, depois saiu e andou em direção ao mar. Chegou à avenida cheia de palmeiras que corre paralela à praiaNo final do dia. ainda havia muito movimento, pessoas na areia e algumas nadando. Mais distantes os windsurfers esperavam a brisa da tarde, abrindo as asas como pássaros sobre a superfície da água.

Foi para um café onde havia algumas mesas vazias na calçada. O garçom se aproximou.

Ela pediu café e conhaque. Depois, recostando-se na cadeira desconfortável de ferro, equilibrou os óculos escuros no alto da" cabeça e meteu a mão na bolsa à procura das cartas. Uma de Paris. Uma

do advogado em Nova York. Um cartão-postal de Veneza. Ela o virou. Emilly Richter, ainda no Cipriani. Um envelope grande e rígido, endereçado a Croy e reendereçado com a letra de Archie. Ela o abriu e leu, com incredulidade e depois com alguma alegria, o convite de Verena.

Em sua Residência Para festejar Katy

Extraordinário. Era como se estivesse recebendo uma intimação de outra época, outro mundo. Um mundo no qual, por uma estranha coincidência, querendo ou não, ela havia estado o dia inteiro. Ficou um pouco apreensiva. Seria um presságio? Devia ficar atenta? E, se fosse, devia acreditar?

Em sua Residência Para festejar Katy. Lembrou-se de outros convites, ela e Archie os chamavam de "cadáveres" presos no aparador da lareira da biblioteca de Croy.

Convites para festas ao ar livre, partidas de críquete, danças. Danças as mais variadas. Houve uma semana em setembro em que pouco se dormiu, sobrevivendo somente com cochilos roubados na parte traseira dos carros, ou com uma soneca sob o sol enquanto os outros jogavam ténis. Lembrava-se de um guarda-roupa cheio de vestidos de baile e ela se queixando sempre com a mãe de que não tinha nada que pudesse

usar. Todos já conheciam o de cetim azul-claro porque ela o havia usado nos Northern

Meetings, e também uns rapazes haviam respingado champanha na parte da frente e o cetim estava manchado. E o cor-de-rosa? A bainha estava rasgada e uma das alças ficara frouxa. Mas sua mãe, a mais indulgente e paciente das mulheres, em vez de sugerir que Pandora pegasse uma agulha e linha para arrumar o cor-de-rosa, colocava a filha no carro e dirigia até Relkirk ou Edinburg e lá sofria com os caprichos de Pandora, arrastando-se de loja em loja até finalmente encontrar o vestido mais bonito -e inevitavelmente o mais caro - que havia sobre a terra.

Como Pandora tinha sido mimada, adorada, acarinhada. E pelo seu lado...

Ela baixou o convite e olhou o mar. O garçom veio com o café e o conhaque numa pequena bandeja. Agradeceu e pagou enquanto bebia o café amargo, forte e escaldante.

Pandora observou os windsurfers e o fluxo

dos transeuntes. O sol poente deixou o céu e o mar ficou dourado.

Ela nunca havia voltado. Decisão sua. De mais ninguém. Eles não ficaram atrás dela, acossando-a, mas nunca perderam o contato. Sempre escreviam cartas cheias de amor. Depois que seus pais morreram, ela pensou que acabariam os comentários sobre os falatórios da aldeia. Sempre terminava da mesma 122

maneira. "Sentimos a sua falta. Por que não vem até aqui por alguns dias? Há muito tempo não nos vemos."

Um iate saiu da marina, o motor funcionando baixo até estar longe da praia para poder enfunar as velas. com preguiça ela observou a sua passagem. Ela o viu, mas seus olhos interiores estavam repletos de imagens de Croy. Seus pensamentos, mais uma vez, voaram, e dessa vez ela não os prendeu. Deixou-os irem. Para a casa.

Subindo

os degraus da porta da frente. Ela estava aberta. Nada que a impedisse. Ela poderia ir...

Colocou a xícara sobre o pires com algum esforço. Qual era o problema? O passado era sempre dourado porque lembrávamos somente das coisas boas. Mas, e o lado escuro da memória? Acontecimentos que melhor seria deixar onde estavam, trancados, como memoriais tristes gravados num tronco, as pálpebras fechadas, a chave virada na porta. Além disso, o passado era formado de pessoas, não de lugares. Lugares sem pessoas eram como estações de trem sem trens. Tenho trinta e nove anos. A nostalgia acaba com a energia do presente, e estou muito velha para sentir nostalgia.

Ela apanhou o conhaque. Uma sombra surgiu entre ela e o sol, atravessada na mesa.

Espantada, olhou para o rosto do homem que parara ao seu lado. Ele fez uma pequena mesura.

- Pandora.

- Oh, Carlos. Que está fazendo, insinuando-se na minha frente?

- Estive na Casa Rosa e não encontrei ninguém lá. Portanto, como você vê, se você não vem a mim, eu vou a você.

- Sinto muito.

- Por isso tentei o porto. Pensei que a encontraria em algum lugar aqui.

- Fui fazer compras.

- Posso me sentar?

- Claro!

Ele afastou uma cadeira e sentou-se de frente para ela. Era um homem alto, nos seus quarenta anos, formalmente vestido, com colarinho e gravata e um paletó leve.

O cabelo era preto, assim como os olhos, e mesmo numa tarde abafada como aquela, sua aparência era fresca e agradável. Falava um inglês impecável e parecia, Pandora sempre pensava nisso, um francês. Mas era, na verdade, espanhol.

Era também muito atraente. Ela sorriu.

-vou pedir um conhaque para você - disse.

Quarta-feira, 24

Virgínia Aird abriu caminho com os ombros e saiu pela porta giratória da Harrods.

Parou na calçada. Dentro da loja o calor ficara opressivo. Do lado de fora estava um pouco melhor. O dia estava úmido, o ar pesado pelos escapamentos dos automóveis

e havia uma sensação de claustrofobia vinda das ondas de pessoas que passavam.

Brompton Road parecia sólida com o trânsito, as calçadas aprisionadas por um rio de gente que corria lento. Ela não se lembrava mais como as ruas das cidades podiam conter tantas pessoas ao mesmo tempo. Supunha-se que algumas eram londrinas, na sua faina diária. mas a impressão geral era de que havia uma imigração global de todos os países próximos. Turistas e visitantes. Mais visitantes do que seria possível acreditar. Estudantes louros passavam com a mochila nas costas. Famílias inteiras

de italianos ou, talvez, espanhóis, duas indianas enroladas em saris brilhantes. E, naturalmente, americanos. Meus compatriotas, pensou Virgínia relutante. Eram instantaneamente reconhecíveis pelas roupas e pelas inúmeras câmeras pendentes do pescoço. Um homem enorme usava um boné espalhafatoso.

Eram quatro e meia da tarde. Tinha feito compras o dia inteiro e estava agora carregada de sacolas e pacotes. Os pés doíam. Mas não se mexia porque ainda não havia

decidido o que faria em seguida.

Havia duas alternativas.

Poderia voltar dali, de ônibus, táxi ou metro, o que estivesse mais Próximo, para Cadgewith Mews, onde poderia descansar com sua amiga city Crowe. Tinha a chave; por isso, mesmo que a casa estivesse vazia se Felicity tivesse saído para fazer compras ou levado o seu bassê para uma volta -, poderia entrar, tirar os sapatos, fazer um chá e cair, tonta de exaustão, na cama. A perspectiva foi imensamente tentadora.

Ou poderia ir até a Ovington Street e correr o risco de não encontrar Alexa. Isso é o que ela deveria fazer. Alexa não estava exatamente nos seus planos, mas não havia como voltar para a Escócia sem tentar um contato 124

com a enteada. Já havia até tentado uma vez, telefonando da casa de Felicity a noite passada, mas ninguém respondera à chamada e finalmente recolocara o fone no gancho, concluindo que Alexa saíra pelo menos uma vez para se divertir um pouco.

Tentara novamente essa manhã, do salão do cabeleireiro, enquanto aguentava o calor do secador; havia saído, e depois na hora do almoço. Ninguém atendera. Será que Alexa não se encontrava em Londres?

Nesse momento, um japonês, olhando na direção oposta, chocou-se com ela e derrubou um dos seus pacotes. Desculpou-se profusamente, na polida maneira japonesa, pegou o pacote do chão, limpou-o e o devolveu para ela; em seguida, inclinou-se, sorriu, levantou o chapéu e seguiu em frente. Era o suficiente. Um táxi parou para deixar um passageiro e, antes que alguém se decidisse, Virgínia se adiantou.

- Para onde, madame?

-Ovington Street. - Se Alexa não estivesse em casa, ela continuaria no táxi e iria para a casa de Felicity. Sentiu-se melhor depois de ter tomado a pequena decisão.

Abriu a janela, recostou-se e avaliou a ideia de tirar os sapatos.

Foi uma viagem curta. Quando o táxi entrou na Ovington Street, ela se aprumou, procurando o carro de Alexa. Se ele estivesse estacionado, com toda certeza ela estaria

em casa. Era um minifurgão branco com uma listra vermelha - e estava estacionado na calçada em frente à porta azul. Sensação de alívio. Orientou o motorista e ele subiu pelo meio da rua.

- O senhor pode esperar um minuto? Quero ter certeza de que tem gente em casa.

- Tudo bem, madame.

Ela juntou as sacolas das compras e saiu do carro, subiu os degraus e tocou a campainha. Ouviu os latidos de Larry, em seguida a voz de Alexa dizendo-lhe que ficasse

quieto. Depositou, então, os embrulhos na soleira da porta e, abrindo a bolsa, voltou-se para pagar o táxi.

Alexa estava na cozinha, enfrentando bravamente os restos do seu dia de trabalho, todos trazidos de Chiswick na traseira do furgão. Molheiras, recipientes de plástico,

tigelas de madeira para salada, facas, batedores de ovos e um engradado de garrafas

de vinho cheio de copos usados. Quando tudo estivesse limpo, seco e guardado, planejava subir, tirar a blusa amassada e a saia, tomar uma chuveirada e colocar roupas limpas. Depois, faria uma xícara de chá... Lapsang Souchong, com uma fatia de limão- para então levar Larry para dar uma volta e mais tarde pensar no jantar.

# NO

# 125

caminho de volta de Chiswick, parara no peixeiro para comprar uma truta arco-íris, a favorita de Noel. Talvez grelhada com amêndoas. E talvez...

Ouviu o táxi aproximar-se lentamente pela rua. Atrás da pia a visibilidade era limitada. O táxi parou. Uma voz de mulher. Barulho de passos com sapatos altos atravessando

a calçada. Alexa, lavando um copo de vinho, permaneceu atrás da pia esperando, ouvindo. Então a campainha da porta soou.

Larry detestava a campainha e iniciou uma série de latidos. Alexa, muito ocupada, não gostou da interrupção e partilhou do seu mau humor. Quem poderia ser àquela hora? "Fique quieto." Depositou o copo com cuidado, desamarrou o avental e subiu as escadas. com certeza, ninguém importante. Abriu a porta para uma pilha de pacotes de luxo. O táxi fez uma curva em U e foi embora. Então...

Ela abriu uma fresta. Sua madrasta. Vestida para vir a Londres, mas mesmo assim instantaneamente reconhecível. Usava um vestido preto e um paletó vermelho, um escarpim

fino e o cabelo bem penteado por algum cabeleireiro de renome num estilo atual, preso para trás num arco largo, de veludo preto.

Sua madrasta. Era maravilhoso, mas ela não avisara, uma visita totalmente inesperada. As implicações disso fizeram todos os pensamentos de Alexa afastarem-se da

sua mente, exceto um.

Noel.

- Virgínia.

-Não se assuste tanto. Pedi ao táxi que aguardasse porque não sabia se você estava em casa.-Beijou-a.-Estive fazendo compras-explicou desnecessariamente, e abaixou-se para apanhar as sacolas. Alexa fez um esforço para ajudá-la.

- Mas eu nem soube que você viria a Londres.

- Só por um ou dois dias. - Elas colocaram tudo sobre a mesa do saguão. - E não diga que não lhe telefonei porque tentei várias vezes. Pensei que estivesse fora.

- Não. - Alexa fechou a porta. - Saí para jantar fora ontem à noite e hoje trabalhei o dia inteiro... Estava acabando de lavar a louça. Por isso a minha aparência

não deve ser das melhores.

- Você está ótima. - Virginia olhou-a de cima abaixo. - Perdeu alguns quilos?

- Não sei. Não me peso nunca. - Qual foi a encomenda?

- Um almoço para o aniversário de noventa anos de um senhor. Em niswick. Uma bela casa, sobre o rio. Vinte convidados, fora os parentes.

- O que serviu?



- Salmão frio e champanha. Foi o que ele pediu. E um bolo de aniversário. Mas você ainda não disse o motivo da sua visita.

- Não é nada de especial. Um impulso de momento. Quis sair por uns dias. Hoje fiz compras.

- É, vi pelas sacolas. E adorei o seu penteado. Você deve estar exausta. Entre para descansar.

- É tudo o que quero fazer... - Tirando o paletó, Virgínia entrou, atirou-o sobre uma cadeira, procurou a melhor poltrona e desabou sobre ela-, tirou os sapatos e colocou os pés num banquinho. - Que maravilha!

Alexa parou e olhou-a.

- Por quanto tempo planeja ficar? Por que...? Por que não ficar hospedada comigo? -

Graças aos céus, ela não iria ficar, mas era uma pergunta que não podia deixar de fazer.

-Eu me teria convidado, naturalmente, mas prometi a Felicity Crowe que na próxima

vez que viesse a Londres ficaria com ela. Você sabe, ela é minha amiga de infância.

Teria sido minha dama-de-honra, se eu tivesse tido alguma. E não nos vemos muito, por isso, quando estamos juntas, falamos sem parar.

Então estava tudo sob controle.

- Onde ela mora?

- Numa casa pequenina e bonita em Cadgewith Mews. Mas devo dizer que não é tão bonita quanto esta.

-Você... gostaria de uma xícara de chá?

- Não, não se incomode. Uma bebida gelada ficaria bem. -Tenho uma lata de coca-cola na geladeira.

- Perfeito.

- vou buscá-la.

Ela desceu as escadas até a cozinha. Abriu a geladeira e apanhou a lata de refrigerante. Virginia estava aqui, e era preciso ser fria e objetiva. Ser fria e

objetiva

não era o forte de Alexa. No andar de baixo as evidências de Noel estavam espalhadas. Uma jaqueta e uma capa de ttueed. O Financial Times no quarto. Só isso.

Mas

no andar superior era diferente. Seus pertences pessoais eram inúmeros, e a cama, obviamente, com lençóis para duas pessoas. Não haveria como esconder. Se Virginia resolvesse subir as escadas...

Descobriu-se esmagada pela indecisão. Por um lado, talvez fosse a melhor oportunidade para resolver o assunto. Não havia planejado nada, simplesmente acontecera,

e Virginia estava ali. Além do mais era jovem e, afinal, não era realmente um membro da família. Compreenderia, talvez até aprovasse. A própria Virginia tinha tido

vários homens em sua vida antes de casar com seu pai. Ela poderia ser a advogada de Alexa, a melhor pessoa para levar as notícias de que a tímida Alexa finalmente encontrara

un parceiro ao qual dera o seu coração e partilhava o seu lar, vivendo abertamente com ele.

Por outro lado, se fizesse isso, o segredo acabaria, e Alexa teria que apresentar Noel. Falar sobre ele, deixar que os outros o conhecessem, imaginou o pai vindo a Londres: "Gostaria de levar os dois para jantar comigo no Claridges." A perspectiva causou-lhe calafrios, mas no íntimo sabia que poderia enfrentar a situação.

A pergunta que não tinha resposta era qual seria a reação de Noel. Será que se sentiria pressionado? O que soaria como um desastre porque, após três meses de convivência

com ele, aprendendo os caprichosos meandros da sua mente, Alexa sabia que era um aspecto que ele não suportaria.

Perdida, totalmente fora da sua normalidade, ela fez um tremendo esforço para ser racional. Não há nada que você possa fazer, disse para si mesma no tom de voz de Edie. Precisa enfrentar as coisas como elas são. O pensamento de Edie fê-la sentir-se com mais forças. Fechou a porta da geladeira, encontrou um copo e subiu as escadas.

- Desculpe a demora. - Virgínia fumava um cigarro. - Pensei que tivesse parado de fumar.

- Eu parei, mas voltei novamente. Não comente com seu pai. Alexa abriu a lata, serviu o refrigerante e estendeu o copo para Virgínia.

- Oh, que ótimo. Delicioso. Pensei que fosse morrer de sede. Por que as lojas estão tão quentes? Por que há tantas pessoas nas ruas?

Alexa se acomodou, enrolada em si mesma, no canto do sofá.

- Visitantes. Levei horas para voltar de Chiswick. E os seus sapatos não são próprios para sair às compras. Deveria usar um trainer.

- Eu sei. Pareço meio inconsequente. Vestir-me toda para vir a Londres. Acho que é o hábito.

- O que comprou?

- Roupas. Basicamente para a festa dos Steyntons... Vejo que você recebeu um convite.

- Ainda não respondi se irei ou não.

- Mas naturalmente irá.

- Não sei... estarei muito ocupada.

- Deveria ir. Eles estão contando com você.

Alexa desviou a conversa.

- Que tipo de roupa comprou para a festa?

- Algo bem sonhador. Um tipo de vestido, branco, em camadas, com tons pretos salpicados. Sapatos de tirinhas finas. Quero mostrar o meu bronzeado.

- Como o conseguiu?

-com o "Caroline Charles". Eu lhe mostrarei antes de ir. Mas, Alexa, 128

faça um esforço para ir. Será em setembro, e todos estarão lá, será um grande encontro.

- Verei o que posso fazer. Como está papai?

- Está bem. - Virgínia virou-se para apagar o cigarro no cinzeiro. Alexa esperou que fizesse mais algum comentário, mas ela não disse mais nada.

- E Henry?

- Ele também está ótimo.

- Ambos a estão esperando em casa?

- Não. Esta semana Edmund está no apartamento em Edinburg, e Henry pegou o seu travesseiro e foi para Pennyburn ficar com Vi. Levei-o para Devon nessas férias de verão. Passamos três semanas. Foi um sucesso. Andou a cavalo pela primeira vez na sua vida, gostou de todos os animais da fazenda e adorou sair para pescar com o pai. - Outra pausa. Não estava à vontade, ou seria imaginação de Alexa? Virgínia resolveu continuar. Eu gostaria de tê-lo levado para os Estados Unidos. Minha vontade

era ter ido para Leesport e Long Island, mas os avós dele viajaram num cruzeiro; portanto, não havia muita razão em ir.

-Suponho que não.-Ouviram o barulho de um carro sendo ligado e, depois, disparar pela rua.

- Como vão as coisas em casa?

- Nada de novo. Tivemos o bazar da igreja em julho para levantar fundos para os reparos na parte elétrica. Deu muito mais trabalho do que possa imaginar, mas terminamos

com quase quatrocentas libras. Acho que não valeu o esforço, porém Archie e o pároco ficaram satisfeitos. Henry tirou uma garrafa de vinho de ruibarbo na rifa.

Vai

dá-la a Vi de aniversário.

- Ela vai ficar feliz. Como estão ela e Edie?

- Oh, Edie. Esta está realmente com um problema. Você não soube? Soou como um desastre.

- Soube o quê?

- Ela trouxe a prima doente para morar com ela. Chegou há uma semana, e Edie já mostra os sinais dessa convivência.

A ideia de Edie doente foi suficiente para encher o coração de Alexa de desânimo.

Qualprima doente?

Virginia contou, com detalhes, a saga de Lottie Carstairs. Alexa ficou horrorizada.

-Lembro-me dos Carstairs. Eram muito idosos e moravam num sítio no topo da colina de Tullochard. Em alguns domingos eles costumavam ir a Starthcroy para lanchar com Edie.

- Esses mesmos.

- Tinham um carro pequeno e barulhento. O casal vinha na frente, e a filha, atrás.

129

- Os dois morreram, e a filha não tem mais ninguém. Isso sem falar nOs outros problemas.

Alexa estava indignada.

- Mas por que Edie tem que ser responsável por ela? Ela já tem preocupações

suficientes para assumir mais essa responsabilidade.

-Todos nós dissemos isso, mas ela não quis ouvir. Diz que a pobre alma não tem outro lugar para ir. Na semana passada ela chegou na ambulância e está com Edie desde

então.

-Mas não deve ser para sempre? Certamente voltará para a casa dela.

- Esperemos que sim.

- Você a viu?

- Se a vi? Ela anda por toda a aldeia, falando com todos que passam. E não somente na aldeia. Outro dia levei os cães até a represa. Tinha acabado de me sentar numa das margens quando senti um arrepio. Virei-me e lá estava Lottie andando furtivamente atrás de mim.

- Parece assombração.

- Esse é o termo certo - assombração. Edie não tem como controlá-la. E não é só isso. Ela sai também à noite e vagueia sem rumo. Acho que não oferece perigo, mas só o pensamento de nos depararmos com ela olhando fixamente por uma janela dá medo.

- Como é a sua aparência?

- Ela não parece louca. Só um pouco estranha. A pele do rosto é muito branca, e os olhos são como botões. E está sempre sorrindo, o que a faz parecer mais ainda com uma assombração. Insinuante. Edmund e Archie Balmerino dizem que ela sempre foi assim. Trabalhou em Croy um ano como arrumadeira. Acho que Lady Balmerino não conseguiu uma outra. Vi comentou que foi no ano em que Archie e Isobel se casaram.

Archie jura que todas as vezes que ele abria uma porta se deparava com Lottie espreitando. Ela quebrou tanta louça que Lady Balmerino teve que despedi-la. A moça é realmente um problema.

O telefone tocou.

- Que aborrecimento. - Alexa se envolvera com o drama de Strathcroy e não gostou da interrupção. Relutante, levantou-se e foi até a mesa para atender.

- Alo.

- Alexa Aird?

- Sim, é ela.

- Você não deve se lembrar de mim - Moira Bradford - mas fui uma das convidadas na festa dos Thomsons na semana passada... e gostaria...

Trabalho. Alexa sentou-se, puxou o bloco de anotações, a caneta e a sua agenda.



- ... é somente em outubro, mas acredito que seja melhor marcar desde já.

Quatro pratos, doze pessoas. Talvez, a Sra. Bradford sugeriu delicadamente, Alexa pudesse dar alguma ideia do custo.

Alexa ouviu, respondeu as perguntas, fez anotações. Por trás dela, sentiu que Virgínia se levantara e encaminhava-se para a porta. Ela se virou. Virgínia

fez alguns

gestos e, abrindo a boca, sem produzir os sons, disse:

- vou até o banheiro... E, antes que Alexa tivesse a oportunidade de dizer-lhe que usasse o do vestíbulo, ela já subira.

-... naturalmente o meu marido cuidará do vinho...

- Desculpe, mas não ouvi.

- Eu disse que o meu marido cuidará do vinho.

- Ah, sim... naturalmente Eu lhe telefonarei outro dia para confirmarmos tudo.

- Mas não podemos decidir tudo agora? Prefiro assim. Outro ponto será servir. Você trabalha com alguém ou você mesma serve?

Virgínia havia subido as escadas. Veria tudo, tiraria as conclusões óbvias. com alguma estranheza, Alexa sentiu um tipo de resignação. Não havia outra coisa a sentir

porque era muito tarde para tentar uma saída.

Respirou fundo. Esforçando-se para manter um tom calmo na voz, respondeu:

- Eu trabalho sozinha. Mas não se preocupe, porque darei conta de todos os detalhes.

Virgínia, só de meias, subiu as escadas pensando, como fazia sempre, que essa era uma das casas pequenas mais bonitas de Londres. Bem conservada no papel de parede

e na pintura branca. Confortável, com tapetes grossos e cortinas generosas. No final do lance da escada, as portas do quarto e do banheiro estavam abertas. Foi até

o banheiro e viu que Alexa havia trocado as cortinas, dessa vez um chintz acolchoado com folhas e pássaros. Gostou delas, e procurou outras inovações.

Não havia, mas alguns objetos inesperados chamaram sua atenção, de tal maneira que ela se concentrou neles. Duas escovas de dente penduradas. Um aparelho de barbear, uma tigela arredondada de madeira com sabão e um pincel de barba. Um frasco com loção após a barba Antaes, de Chanel - o mesmo que Edmund usava. Ao lado da banheira

uma grande esponja turca, e da pia pendia uma bola de sabonete numa corda. Dos ganchos atrás da porta pendiam dois roupões, um grande de listras azuis e brancas, e outro menor, branco.



Agora já havia esquecido o motivo que a levara ao segundo andar. Saiu do banheiro e foi até o patamar da escada. Lá embaixo, o silêncio. Aparentemente o telefonema terminara, e a voz de Alexa silenciara. Ela olhou para a porta do quarto e, colocando a mão na maçaneta, abriu-a inteiramente. Viu a cama, com os dois travesseiros,

a camisola de Alexa de um lado, um pijama masculino azul-celeste do outro. Na mesinha de cabeceira um relógio de viagem de pele de porco tiquetaqueava suavemente.

Esse relógio não era de Alexa. Seus olhos percorreram o quarto. Escovas de prata sobre a penteadeira, meias de seda jogadas sobre o espelho. Uma fila de sapatos masculinos. Uma das portas do armário, talvez com algum defeito, permanecia aberta.

Viu os ternos nos cabides e, nas gavetas, uma pilha de camisas imaculadamente passadas.

Ouviu um passo às suas costas. Virou-se. Alexa estava parada, com as roupas amarfanhadas, com a aparência que sempre tivera. Embora dessa vez diferente. "Você emagreceu",

Virgínia havia dito ao entrar, mas agora sabia que não era uma dieta a responsável pelo brilho indefinível de Alexa que havia notado assim que entrara.

Seus olhos se encontraram e Alexa ficou rígida. Não baixou o olhar. Não havia culpa, nem vergonha, e Virgínia ficou contente por ela. Alexa tinha vinte e um anos.

Já tinha idade suficiente, e agora parecia que finalmente crescera.

Parada ali, lembrou-se de Alexa quando criança, quando a conheceu, tão tímida, tão insegura, tão ansiosa em agradar. Naquela época, a Virgínia recém-casada tinha o maior cuidado, escolhendo as palavras, sempre dolorosamente consciente dos momentos em que dizia ou fazia alguma coisa errada.

Agora a situação se repetia.

Por fim Alexa falou primeiro.

- Eu ia lhe dizer que usasse o lá de baixo.

- Eu sinto muito. Não tive a intenção de me intrometer.

- Eu sei que não agiria dessa forma. E, além do mais, está muito óbvio.

-Você se importa que eu saiba?

- Não. Algum dia você descobriria.

- Quer falar sobre o assunto?

- Se você quiser.

Virgínia saiu do quarto e fechou a porta. Alexa convidou:

- Vamos descer para conversar lá embaixo. - Eu ainda não fui ao banheiro.

E, de repente, ambas começaram a rir.

- O nome dele é Noel Keeling. Eu o conheci na rua. Ele veio para Jantar com um casal chamado Pennington-eles moram a umas duas casas daqui-mas veio na noite errada,

e estava desorientado.

- Foi nesse momento que o viu pela primeira vez?

- Oh, não. Tínhamos nos encontrado antes, mas não foi nada de especial. Num

coquetel, e depois fiz um almoço para a diretoria da firma onde ele trabalha.

- O que ele faz?

-Trabalha em propaganda. Wenborn Weinburg.

- Quantos anos tem? -Trinta e quatro.

O rosto de Alexa se iluminou, o retrato de uma menina falando sobre o homem que ama.

- Ele é... não consigo descrevê-lo. Nunca fui boa em descrever pessoas.

Fez uma pausa. Virgínia esperou. Então, num esforço para trazer Alexa de volta, disse:

- Então ele veio para um jantar na Ovington Street na noite errada. -É. Estava cansado. Dava para perceber. Tinha vindo de Nova York e não tivera tempo para dormir.

Parecia exausto, e eu o convidei para entrar. Tomamos um drinque e depois comemos costeletas. Ele adormeceu no sofá.

-Sua conversa não foi muito animada.

-Oh, Virgínia. Eu lhe disse. Ele estava muito cansado.

-Tinha esquecido. Prossiga.

- Por isso, a noite seguinte é que era a da reunião. Ele passou por aqui antes e me trouxe um ramo de rosas. Um tipo de muito obrigado. Dois dias mais tarde saímos para jantar... Depois... você já sabe como são essas coisas.

Virgínia pensou no "você já sabe como são essas coisas" e na palavra apropriada para a situação. Mas respondeu:

- É, já conheço.

- Em seguida, no fim de semana saímos de carro para passar o dia fora. O dia estava quente, com céu azul, e levamos Larry para passear nas colinas, jantamos no caminho de volta a Londres e depois fomos para o apartamento dele para tomar um café. Já era... muito tarde... e...

- Você passou a noite com ele.

- Foi.



Virgínia procurou um cigarro e o acendeu. Fechando o isqueiro, disse:

- E, na manhã seguinte, sentiu-se culpada?

- Não. Nenhuma culpa.

- Foi... a primeira vez para você?

- Foi. Mas você não precisava perguntar isso.

- Oh, querida, eu a conheço bem.

- Causou-me um pouco de constrangimento no início. Porque eu não queria que ele simplesmente descobrisse esse detalhe. Eu não podia fingir. Seria como fingir que eu soubesse nadar muito bem, mergulhasse num poço fundo e afundasse. Eu não queria afundar. Por isso contei a ele. Tinha certeza de que ele pensaria que eu era terrivelmente

infantil ou boba. Sabe o que ele respondeu? Disse que era como receber um presente esplêndido e realmente inesperado. Na manhã seguinte fui acordada com ele abrindo uma garrafa de champanha, fazendo a rolha voar longe. Sentamos juntos na cama para beber. Depois...

Fez uma pausa. Parecia que as palavras e o fôlego haviam desaparecido.

-Mais "coisas que eu já conheço"... ?

-É, acho que sim. Estamos sempre juntos, isto é, quando não estamos trabalhando.

Depois de algum tempo ficou ridículo, no final da noite, irmos para casas diferentes

ou tendo que comprar uma escova de dentes nova para cada noite. Conversamos. Ele tem um apartamento muito jeitoso em Pembroke Gardens e eu teria ficado feliz em ir para lá, mas não podia deixar esta casa fechada, tão cheia de preciosidades deixadas por vovó Cheriton. E pela mesma razão não gostaria de sair daqui. Foi um dilema, mas Noel encontrou um casal de amigos que havia acabado de se casar e que estava procurando um apartamento para alugar até encontrar um para comprar. Por isso cedeu o seu apartamento a eles e mudou-se para cá.

- Há quanto tempo já está aqui?

- Dois meses.

- E você não nos contou nada.

Não porque me sentisse envergonhada ou que preferisse guardar segredo. Era tão incrivelmente maravilhoso que queria manter só para nós dois. De algum modo fazia parte da mágica.

- Ele tem família?

Seus pais já morreram, mas ele tem duas irmãs. Uma é casada e vive em Gloucestershire, a outra em Londres.

- Você as conhece?

- Não, e não tenho nenhuma vontade. Uma é bem mais velha do qUe Noel e me parece um tanto assustadora. A outra é editora da Vénus, wrrivelmente poderosa.

- Quando eu chegar a casa você quer que eu fale a respeito disso?



- Você é quem sabe. Virgínia considerou a situação.

- Certamente será melhor Edmund saber por mim do que ouvir de outra pessoa. Ele está sempre em Londres e você sabe como as pessoas comentam. Principalmente os homens.

- É isso que Noel diz. Você se importaria de contar a papai E a Vi? Vê alguma dificuldade nisso?

- Não, nenhuma. Vi é sempre surpreendente. Encara tudo à sua maneira. Quanto a seu pai, no momento eu não estou preocupada com o que direi a ele.

Alexa franziu as sobrancelhas.

- O que quer dizer com isso?

Virgínia encolheu os ombros. Depois franziu as sobrancelhas. Quando fazia isso, todas as linhas finas de seu rosto se expandiam em alívio, e sua aparência não era mais tão jovem.

- Acho que você também deve saber. Não estamos nos nossos melhores momentos agora.

Temos um ponto pendente entre nós, sem discussões ásperas, somente uma certa delicadeza

fria.

- Mas ... - Noel fora esquecido e Alexa encheu-se de apreensão. Nunca tinha ouvido Virgínia referir-se a seu pai naquele tom frio e nem se lembrava de tê-los visto discutir algum dia. Virgínia o adorava, aceitava todos os planos dele, concordava com todas as sugestões. Nunca houvera outra coisa senão uma harmonia amorosa, evidências

de afeição física e sempre-mesmo por trás das portas fechadas-muita alegria e conversas quando estavam juntos. Pareciam nunca esgotar os assuntos, e a estabilidade

do seu casamento era uma das razões pelas quais Alexa voltava a Balnaid sempre que conseguia uma folga. Gostava de estar com eles. O simples pensamento de vê-los afastados, sem amor, era insuportável. Talvez não voltassem a se dar bem. Talvez se divorciassem...

- Não posso acreditar. O que aconteceu?

Virgínia, ao ver a alegria sumir da face de Alexa, sentiu-se culpada e soube que havia falado demais. A conversa sobre Noel a tinha feito esquecer que Alexa era sua enteada, e permitiu-se falar tão abrupta e friamente sobre os seus problemas, como se os confiasse a uma amiga íntima e muito antiga. Uma contemporânea. Mas Alexa não era nada disso-Disse rapidamente:

- Não fique tão preocupada. Não é nada de tão sério. Edmund está insistindo em mandar Henry para um internato, e eu não quero. Ele só tem oito anos, e acho que é muito pequeno. Edmund sempre soube as minhas ideias sobre esse assunto, mas decidiu tudo sem me consultar, o que me magoou muito. Chegou a um ponto que não é possível conversar sobre o problema. Não se menciona mais o colégio. Simplesmente o ignoramos-Essa é uma das razões pelas quais levei Henry para Devon. Ele sabe que estamos brigados. Tento brincar com ele e fazer as coisas como sempre fiz. E nem penso em falar uma palavra contra Edmund. Você sabe como ele adora o pai, mas não está fácil.

- Pobre Henry.

- Pensei que um dia ou dois com Vi seria bom para ele. Sabe como são ligados. Por isso dei a desculpa de que precisava comprar um vestido novo

e queria ver você, e vim para Londres para passar alguns dias. Não preciso realmente de vestido novo, mas foi muito bom estar com você e saber dessas novidades.

-Mas você terá que voltar a Balnaid.

- Sim, mas talvez as coisas já estejam melhores até lá.

-Eu sinto muito, mas compreendo. Sei como papai é quando decide alguma coisa. É

como uma parede de tijolos. É uma característica dele. Acredito que essa seja uma das razões do seu sucesso. Mas não é fácil para quem está do outro lado tentando defender o seu ponto de vista.

-É isso mesmo. Algumas vezes acho que ele poderia ser um pouco mais humano se, somente uma vez na vida, fizesse uma retrospectiva. Talvez então pudesse admitir a possibilidade de ter errado. Mas ele nunca faz e nunca está errado.

Concordando, as duas se olharam carrancudas. Então Alexa disse, sem muita convicção:

-Talvez Henry goste do colégio.

- Eu realmente espero que sim. Será melhor para todos. Particularmente para Henry, e ficarei feliz em constatar o meu erro. Mas receio muito que ele deteste.

- E você...? Oh, Virgínia, não consigo imaginá-la sem o Henry.

- Esse é que é o problema. Nem eu.

Ela procurou um cigarro e Alexa concluiu que era o momento de fazer alguma coisa.

- Vamos tomar um drinque. Depois de toda essa conversa ambas merecemos um. O que prefere? Um scotch?

Virgínia olhou o relógio.

-Já estou na minha hora. Felicity me espera para o jantar.

-Ainda temos muito tempo. Quero que fique para conhecer Noel. não se demorará muito. Agora que sabe sobre ele, fique. E será mais fácil contara papai depois de tê-lo

conhecido. Poderá dizer o quanto gostou dele.

Virgínia sorriu. Alexa tinha vinte e um anos e agora era uma mulher com alguma experiência, mas ainda tremendamente ingénua.

- Está bem. Mas não o faça muito forte.

136

Noel havia comprado flores num vendedor próximo ao escritório. Cravos e ervilhas-de-cheiro, pontilhados com gipsófila. Não pretendia comprá-las quando as viu, mas lembrou-se de Alexa e voltou para olhá-las de novo. O vendedor estava ansioso para ir para casa e ofereceu dois molhos pelo preço de um. Dois molhos faziam um belo ramalhete.

Atualmente, morando na Ovington Street, ele voltava a pé do escritório todas as tardes. Dava-lhe oportunidade de esticar as pernas e não chegava a cansá-lo após o dia de trabalho, pois a distância não era muita. Era agradável virar no final da rua e saber que agora pertencia àquele lugar.

Tinha descoberto que a vida doméstica com Alexa trazia várias vantagens, pois ela se mostrara não somente uma amante encantadora e submissa como também uma companheira

que não fazia grandes exigências. A princípio Noel temera que ela se tornasse possessiva e ciumenta dos momentos que ele não estivesse com ela. Passara por isso antes, e sentira-se com uma enorme pedra atada ao seu pescoço. Mas Alexa era diferente, generosa e compreensiva em relação às noites em que tinha compromissos de

jantar com clientes estrangeiros e com o squash duas vezes por semana no clube.

Agora ele sabia que ao abrir a porta azul da frente, ela estaria à sua espera, aguardando o som da chave rodando na fechadura, subindo as escadas para recebê-lo.

Ele poderia relaxar, tomar um drinque, depois uma chuveirada, e teria um excelente jantar; mais tarde ouviria o noticiário e talvez um pouco de música. Por fim levaria

Alexa para a cama.

Apressou o passo. Os passos eram largos, equilibrando as flores para alcançar a chave do trinco no bolso traseiro. A porta, bem oleada, abriu lentamente para

dentro,

e ele ouviu de imediato as vozes além da porta aberta da sala de visitas.

Aparentemente Alexa recebera visitas. O que era incomum, pois desde que Noel se mudara

para a Ovington Street ela mantivera todos os visitantes afastados.

-... Gostaria que ficasse para o jantar-estava dizendo. Ele fechou a porta com cuidado para não fazer nenhum barulho. - Não pode ligar para Felicity e dar uma desculpa?

A mesa do saguão estava coberta de embrulhos caros. Ele colocou sua pasta no chão.

- Não, seria muito indelicado.

A visita era feminina. Parou por um momento para conferir a sua aparência, dobrou os joelhos em frente ao espelho oval e passou a mão pelos cabelos.

Temos truta grelhada com amêndoas...

Ele entrou pela porta aberta. Alexa estava no sofá de costas para ele, mas a visita o viu de imediato, e seus olhos se cruzaram na sala. Ela era dona dos olhos azuis mais surpreendentes que já conhecera, e a sua aparência, fria como um desafio.

Ela disse:

-Alo, como vai?

Alexa levantou-se atenta.

- Noel. Nunca o ouço entrar. - Parecia corada e com as roupas amarrotadas, mas muito doce. Ele lhe deu as flores e inclinou-se para beijar-lhe o alto da cabeça.

-Vocês estavam conversando-disse, e voltou-se para a visita que agora já se encontrava de pé: uma loura alta e atordoante, num escasso vestido preto e um imenso

arco de veludo preto na cabeça. - Como está? Sou Noel Keeling.

- Virgínia Aird. - O aperto de mão dela era firme e amigável, e ocorreu a ele que deveria variar com o brilho dos olhos. Soube então que trocavam confidências e que aquela criatura estava inteiramente au fato da situação deles. Cabia a ele continuar o diálogo.

- Você é...?

-Minha madrasta, Noel. -Alexa falou rápido, o que significava que estava um pouco agitada e de alguma maneira sentia-se desconfortável. - Ela acabou de chegar da Escócia e fez algumas compras. Eu não a esperava. Foi uma ótima surpresa. Que flores lindas! Você é maravilhoso.-Enterrou o nariz no buquê e aspirou ruidosamente.

Por que os cravos sempre me fazem lembrar de condimentos?

Noel sorriu para Virgínia.

- A mente dela percorre sempre o mesmo caminho. Comida.

-vou colocá-las na água. Tomávamos um drinque, Noel.

- Estou vendo. - Você quer beber?

- Claro, mas não se preocupe. Eu mesmo me sirvo.

Ela os deixou, levando o buquê direto para a cozinha. A sós com Vírginia, Noel virou-se para ela.

- Por favor, fique à vontade. Eu não pretendia incomodá-las. - Ela se acomodou, cruzando as pernas com graça. - Diga-me quando chegou a Londres e quanto tempo espera

ficar?

Ela explicou. Uma decisão de momento, um convite de uma velha amiga. Sua voz era baixa, com um traço atraente do sotaque americano, tentara entrar em contato com Alexa por telefone, mas não conseguira. Simmente viera e pegara Alexa de surpresa.



Enquanto ela falava, Noel preparou seu drinque e voltou para sentar-se defronte dela. Tinha, ele notou, pernas excepcionais.

- E quando voltará para a Escócia?

- Talvez amanhã. Ou depois de amanhã.

- Eu ouvi Alexa convidando-a para ficar para o jantar. Gostaria que ficasse.

-É muito gentil da sua parte, mas tenho um compromisso. Já deveria ter ido, mas Alexa pediu-me para ficar até você chegar.-Seus olhos eram claros como safiras e não pestanejavam. - Queria que eu o conhecesse.

- Era terrivelmente direta, sem rodeios. Decidiu enfrentar o desafio de cabeça erguida.

- Imagino que tenha explicado toda a situação.

- Sim. Estou a par de tudo.

- Fico feliz. Tudo ficará mais fácil para todos nós.

- Tem havido dificuldades?

- Nenhuma. Porém, acho que a consciência dela estava em apuros.

- A consciência sempre a colocou em apuros.

- Estava preocupada com a família.

-A família tem muito significado para ela. Teve uma criação estranha. Em alguns aspectos deixou-a bem amadurecida, em outros, como uma criança.

Noel perguntou-se por que ela mencionara aquilo. Certamente sabia que ele já tinha feito a descoberta por si mesmo. Disse:

- Ela não queria magoar ninguém.

- Pediu-me que contasse ao pai.

-Acho uma ideia ótima. Tenho insistido com ela sobre isso.-Sorriu.

- Você acha que ele aparecerá em nossa porta com um chicote?

-Acredito que não. -Virgínia alcançou sua bolsa, pegou um cigarro e acendeu-o com um isqueiro dourado.-Ele não é homem que dê vazão às suas emoções. Mas acho que, assim que for possível, você deverá procurar um contato.

- Não fui eu quem criou os obstáculos.

Ela o observou através da fumaça do cigarro.

-Penso que seria conveniente vocês irem a Balnaid. Estaremos todos juntos e Alexa se sentiria mais apoiada.

Ele compreendeu que estava sendo convidado a ir. Aquela antiga e sólida casa eduardiana com os cães, a estufa, o terreno. Alexa falara sobre ela com entusiasmo e,

até certo ponto, sobre as alegrias de Balnaid. O jardim, os piqueniques, o irmão menor, a avó, a velha babá. Ele mostrara um interesse gentil, nada além disso. Não parecia um lugar onde acontecessem coisas divertidas, e o maior horror de Noel era sentir-se aprisionado, um convidado na casa de alguém, totalmente enfastiado.



Mas agora, face a face com Virgínia, via os seus preconceitos fazerem uma volta e desaparecerem. Essa mulher elegante e sofisticada, com olhos mesmerizantes e uma sugestão encantadora com um sotaque transatlântico, nunca poderia ser entediante.

Perspicaz o suficiente para lhe deixar entregue ao The Times, se esse fosse o seu desejo, o tipo de anfitriã que, no calor do momento, pensaria num novo entretenimento ou numa festa para divertir os convidados e em drinques improvisados. Sua imaginação

levou-o para outras delícias. Provavelmente pescarias. E caçadas. Embora não fizesse o seu género e nunca tivesse caçado antes. Contudo...

- Muito gentil convidar-me - disse.

-Seria melhor se mantivéssemos de maneira casual... embora vocês realmente devessem ir. - Ela pensou um pouco e sua face iluminou-se com uma inspiração. - A festa dos Steyntons. Não poderia haver uma ocasião mais natural do que essa. Sei que Alexa ainda não se decidiu, mas...

- Disse que não iria sem mim, e eu não fui convidado.

- Isso não é problema. Falarei com Verena Steynton. Nunca há convidados do sexo masculino nessas horas. Ela ficará encantada.

- Talvez tenha que persuadir Alexa.

Quando disse isso, Alexa chegou de volta à sala trazendo um jarro rosa e branco com as flores dadas por Noel.

- Falavam de mim na minha ausência? - Colocou o vaso na mesa atrás do sofá.-Não são lindas? É muito gentil, Noel. Faz-me sentir especial trazendo-me flores.-Ela brincou com um dos cravos, afastou-se e voltou para o seu lugar no sofá. -

Persuadir Alexa a fazer o quê?

- Ir à festa dos Steyntons - disse Virgínia - e levar Noel junto. Arranjarei um convite para ele. E ficarão conosco em Balnaid.

-Talvez Noel não queira ir.

- Nunca disse que não iria.

-Disse, sim-Alexa ficou indignada.-Quando o convite chegou, disse que danças tribais não eram o seu forte. Pensei que fosse o ponto final no assunto.

- Nós realmente não discutimos sobre ele.

- Você irá?

- Se você quiser, sim.

Alexa balançou a cabeça, descrente.

- Mas Noel, serão danças tribais. Reles e outras do género. Conseguirá suportá-las?

Não é divertido quando não as sabemos dançar.

- Não sou totalmente inexperiente. No ano em que pesquei em utherland tivemos um hooley no hotel uma noite, e todos ficamos em roda, como selvagens, e pelo que me lembro, pulei tanto quanto o melhor deles. Só preciso de alguns uísques para perder a inibição. Virgínia riu.

- Bem, se for demais para o pobre homem, certamente haverá uma discoteca ou algum lugar onde ele poderá ir para descansar.-Ela apagou o cigarro. - O que me diz, Alexa?

-Acho que não me resta muita coisa a dizer. Entre vocês dois já está tudo acertado.

- Nesse caso o nosso pequeno dilema fica resolvido. - Qual pequeno dilema?

- O encontro de Noel com Edmund.

- Ah, sim.

- Não fique tão infeliz. É um plano perfeito. - Ela olhou para o relógio e colocou o copo na mesa. - Tenho que ir.

Noel levantou-se.

- Posso levá-la?

-Não, você é muito gentil, mas se puder chamar um táxi, será ótimo...

Enquanto ele tomava as providências, Virgínia colocou os sapatos, conferiu o penteado e pegou a jaqueta vermelha. Abotoando-a, percebeu o olhar ansioso de Alexa e sorriu, encorajando-a.

-Não se preocupe. Eu prepararei tudo para vocês antes que cheguem.

- E quanto a você e papai. Continuarão brigados? Não conseguirei suportar se houver uma atmosfera de briga entre os dois.

-Claro que não. Esqueça isso. Não devia ter contado. Teremos bons momentos. E a sua visita me alegrará após a ida de Henry para o colégio.

- Coitado do Henry. Não gosto nem de pensar.

- Eu também não. Mas parece não haver nada que possamos fazer sobre isso.
- Elas se beijaram. - Obrigada pelo drinque.

- Obrigada por ter vindo. E por ser tão maravilhosa. Você... o ama, não é, Virginia?

-Acho que ele me desapontou. Responderá logo ao convite? -vou fazê-lo agora.

- E, Alexa, compre um vestido novo e deslumbrante.

141

Quinta-feira, 25

Edmund Aird entrou com o seu BMW no estacionamento do aeroporto de Edimburg exatamente ao mesmo tempo em que o voo de Londres com chegada prevista para as sete horas

saía das nuvens e tomava a direção para pousar. Sem pressa, procurou uma vaga, estacionou, trancou a porta enquanto observava o avião se aproximando. Havia programado

tudo com exatidão, o que lhe satisfez. Esperar alguém ou qualquer coisa deixava-o impaciente. Cada momento era precioso, e até cinco minutos jogados fora sem fazer alguma coisa provocavam frustração e ansiedade.

Cruzou o estacionamento, atravessou a estrada e entrou no terminal. O voo que trazia Virgínia tinha pousado. Várias pessoas esperavam amigos ou parentes. Era um grupo heterogéneo onde alguns mostravam excitação, e outros, total desinteresse.

Uma mãe bem jovem, com três filhos à sua volta, perdeu a paciência e deu um tapa num deles. A criança gritou com indignação. O carrossel começara a girar. Edmund parou procurando moedas no bolso da calça.

- Edmund.

Ele se voltou e viu um homem com o qual se encontrara várias vezes almoçando no New Club.

- Olá.

- Quem você está esperando? - Virgínia.

- Vim para pegar minha filha e seus dois filhos. Estão vindo para Passar uma semana. Haverá um casamento e as meninas serão as damas de honra. Pelo menos o avião

está dentro do horário. Na semana passada Peguei o de três horas em Heathrow e não descemos antes das cinco e meia.

- Eu conheço isto. É muito desagradável.

As portas no topo da escada se abriram e o primeiro grupo de Passageiros surgiu.

Alguns procuravam a pessoa que os estaria esperando, 142

outros pareciam perdidos e ansiosos, vergados pela bagagem de mão em excesso. Havia o número usual de homens de negócio de volta das conferências e encontros em Londres com suas pastas, guarda-chuvas e jornais dobrados. Um deles, meio desligado do ambiente, trazia um ramo de rosas vermelhas.

Edmund os observou enquanto aguardava Virgínia. Sua aparência, alto e elegantemente trajado, seu comportamento, os olhos semicerrados e gestos sem expressão nada transpareciam, e um observador não perceberia nenhum gesto que expressasse suas incertezas interiores. A verdade era que Edmund não tinha certeza da recepção que daria a Virgínia e nem qual seria a reação dela ao vê-lo ali.

O relacionamento entre eles desde aquela tarde em que ele revelara seus planos de enviar Henry para o internato se havia restringido dolorosamente. Nunca acontecera um desentendimento antes, nunca haviam discutido, e embora ele fosse do tipo de homem que vive bem sem precisar da aprovação

dos outros, ficara aborrecido com o fato, ansiando que a fria polidez que se instalara entre os dois realmente chegasse ao fim.

Não tinha muitas esperanças. Assim que a escola de Strathcroy entrara nas férias de verão, Virgínia levara Henry para Devon a fim de ficar com os avós por três longas semanas. Edmund esperou que essa separação prolongada pudesse de alguma forma sarar as feridas e resolver o mau humor de Virginia, mas o tempo passado junto com o filho muito amado só servira para endurecer mais a sua atitude, e ela voltou a Balnaid mais fria do que quando saíra.

Por algum tempo Edmund conseguiu lidar com a situação, mas sabia que a atmosfera gélida existente entre eles não passara desapercebida por Henry. Ele se fechou, ficou propenso às lágrimas e cada vez mais dependente do seu inseparável Moo.

Edmund odiava Moo. Achava ofensiva a incapacidade do seu filho de adormecer sem a companhia

daquele velho brinquedo de bebé. Meses a fio sugeriu a Virginia que ajudasse Henry a se desapegar de Moo, mas ela pareceu ignorar o seu conselho. Agora, faltando poucas semanas para o filho ir para Templehall, ela teria que enfrentar a tarefa.

Após o degelo das férias em Devon e frustrado com a resolução de Virginia de manter-se afastada, Edmund considerara a ideia de outra alteração com a esposa ao trazer

o assunto novamente à baila. Mas depois concluiu que isso só serviria para piorar a situação. No estado atual, ela seria bem capaz de fazer as malas e rumar para Leesport, Long Island, para ficar com os seus devotados avós, que já deveriam ter retornado do cruzeiro. Lá ela seria mimada e agradada como sempre fora, o que reforçaria

a idéia de que estava certa e de que Edmund era um monstro de coração gelado a ponto de considerar a hipótese do afastamento de Henry da mãe.

por isso Edmund resolvera manter o bom senso e decidira sobreviver à tempestade emocional. Não tinha mudado de ideia e nem feito alguma promessa. No final, isso caberia a Virgínia.

Quando ela anunciou que iria a Londres passar alguns dias, Edmund sentiu-se grato com uma sensação de alívio. Se alguns dias de divertimento e de compras não conseguissem

fazê-la mudar de ideia, nada mais conseguiria. Henry, dissera ela, ficara com Vi.

Ele poderia fazer tudo o que quisesse. Ele levara os cães para o canil de Gordon Gillock, perto de Balnaid, e passara uma semana em Moray Place.

O tempo a sós não lhe foi pesado. Simplesmente limpou a mente dos problemas domésticos e permitiu-se absorver pelo trabalho, e ficou feliz com os dias produtivos

passados no escritório. A novidade de que Edmund Aird estava sozinho na cidade correu suavemente. Homems muito atraentes tinham a cabeça a prémio, e os convites para jantar choveram. Durante a ausência de Virgínia ele não ficara em casa uma única noite.

Mas a verdade era que ele amava a esposa e ressentia-se com aquele constrangimento que já durava demais, como um pântano fétido entre eles dois. Esperando que ela surgisse na escada, ansiou que o tempo passado em Londres lhe tivesse devolvido o bom senso.

Seria melhor para Virgínia, porque ele não tinha imtenções de viver sob as nuvens da sua desaprovação e ressentimento por nem mais um dia, e já tomara a decisão de ficar em Edinburg e de não voltar a Balnaid se ela não cedesse.

Virgínia foi uma das últimas a surgir. Atravessou a porta e desceu a escada. Ele a viu de imediato. O cabelo estava diferente e as roupas que usava não lhe eram familiares, obviamente novas. Calças pretas e uma blusa azul-safira, e uma capa de chuva imensamente comprida que lhe chegava aos tornozelos. Trazia, além da bolsa, várias caixas brilhantes de aparência

extravagante; era a figura de uma mulher elegante, recém-chegada de um gigantesco dia de compras. Parecia sensacionalmente encantadora e remoçada dez anos.

E era a sua esposa. A despeito de tudo, compreendeu num relance quanto sentira a sua falta. Não se moveu de onde estava, mas podia sentir as batidas fortes do coração.

Ela o viu e parou. Seus olhos se encontraram. Os olhos dela azuis e brilhantes, inconfundíveis. Por um longo momento, eles somente se olharam. Depois, ela sorriu e veio em sua direção.

Edmund respirou lenta e profundamente, com uma sensação onde se misturavam alívio, alegria e uma onda de bem-estar juvenil. Londres deve ter exercido o seu fascínio.

Tudo ficaria bem. Sentiu sua face abrir num sorriso franco, incessante, e foi recebê-la.

144-145

Dez minutos mais tarde, já no carro, a bagagem de Virgínia encontrava-se na mala, as portas estavam fechadas e os cintos ajustados. Estavam juntos e a sós.

Edmund procurou as chaves e segurou-as na mão.

- Onde gostaria de ir? - perguntou.

- Qual a sua sugestão?

- Poderíamos ir direto para Balnaid. Ou ficar no apartamento. Ou ir jantar em Edinburg e depois ir para Balnaid. Henry está com Vi, por isso estamos completamente

livres.

- Gostaria de ir jantar e depois para casa.

- Então é isso que faremos. - Ele colocou a chave na ignição e deu a partida no carro. -Tenho uma mesa reservada no Rafaelll's. -Manobrou no estacionamento apinhado

e dirigiu-se para a saída. Após pagar, saíram para a estrada.

- Como estava Londres?

- Quente e superlotada. Mas divertida. Estive com muitos amigos, fui a quatro festas e Felicity comprou entradas para o Fantasma da Ópera. Gastei tanto dinheiro que você não vai aguentar quando as contas começarem a chegar.

- Comprou algum vestido para a festa dos Steyntons?

- Naturalmente. Na Caroline Charles. Um modelo dos sonhos. E cortei o cabelo.

- Eu notei.

- Gostou?

- Muito elegante. E o casaco também.

-Senti-me uma interiorana malvestída quando cheguei em Londres, e não gostei. É

italiano. Não terá muita utilidade em Strathcroy, mas não pude resistir.

Ele riu. Era a sua Virgínia bem-humorada. Sentiu uma grande satisfação e jurou para si mesmo que lembraria daquele momento quando a inevitável conta do American Express chegasse. Ela disse:

- Acho que deverei ir a Londres com mais frequência.

- Esteve com Alexa?

- Sim, e tenho muitas novidades para lhe contar, mas esperarei até o momento em que estivermos sentados para jantar. Como está Henry? -

Telefonei há umas duas noites. Como sempre, a temporada estava ótima. Vi pediu a Kedejah Ishak que fosse tomar chá em Pennyburn, e ela



e Henry fizeram uma represa na clareira e colocaram barcos de papel para navegar.

Henry ficou contente de ficar mais uma noite com Vi.

- E você, o que tem feito?

- Trabalhado. Saído para jantar. Tive uma semana voltada para o lado social.

Ela o olhou de esguelha.

- Creio que se divertiu bastante - disse sem rancor.

Ele dirigiu pela antiga estrada de Glasgow, e quando se aproximaram a Cidade Velha estava impressionante, gravada como uma cena romântica, tendo por fundo um céu de aço. As ruas amplas eram frescas sob as árvores frondosas, o horizonte pontilhado de cones e torres, e o Castelo bordado em pedra sobrepujando com a bandeira

hasteada no mastro principal. Indo para a Cidade Nova, passaram pelos subúrbios graciosamente distribuídos de terraços georgianos e crescentes espaçosos. Todos eram

revestidos de arenito, e as construções com suas janelas e pórticos clássicos e as clarabóias pareciam cor de mel à luz do sol poente.

com a atenção voltada para as ruas de mão única, Edmund atravessou um labirinto de travessas escondidas e virou na última para entrar numa rua estreita e em curva, e estacionou na calçada em frente ao restaurante italiano. No lado oposto estava uma das igrejas mais bonitas de Edinburg. No alto da sua torre, bem acima da passagem

em arco da porta, os braços do relógio dourado mostravam que eram quase nove horas, e quando eles saltaram do carro, o carrilhão soou acima dos

telhados. Bandos de pombos voaram de seus poleiros e explodiram numa revoada ascendente. Quando a última badalada soou, eles voltaram para as soleiras e para os parapeitos, arrulhando

para si mesmos, encolhendo as asas, como se nada tivesse acontecido, envergonhados da sua agitação boba.

- Parece - disse Virgínia - que eles se acostumaram ao estrondo. Ficaram blasés.

- Eu nunca encontrei um pombo blasé. Você já?

- Pensando bem, não.

Ele lhe tomou o braço e a ajudou a andar pela calçada e entrar na casa. Do lado de dentro, O restaurante era pequeno, pouco

iluminado, cheirava a café e alho e a deliciosas comidas do Mediterrâneo. O lugar era

agradavelmente agitado, e a maioria das mesas estava ocupada, mas o garçon, quando os viu, atravessou a sala para recebê-los.

- Boa-noite, Sr. Aird. Boa noite, madame.

Boa-noite, Luigi.

Sua mesa está pronta, aguardando-os.

A mesa pedida por Edmund se encolhia num canto, sob a janela. A toalha era de damasco rosa engomado, como os guardanapos; uma única 146

rosa no jarro. Atraente, íntima, sedutora. O ambiente perfeito para acabar com a animosidade.

- Perfeito, Luigi. Muito obrigado. E conseguiu a Moèt et Chandon?

- Claro, Sr. Aird. Está no gelo.

Eles tomaram o champanha na temperatura certa. Virgínia prendeu-se aos detalhes das suas atividades sociais, às galerias de arte que tinha visitado, ao concerto

no Wigmore Hall.

Fizeram um pedido diferente dos normais. Evitaram o ravioli e o tagliatelli e preferiram o patê de pato e um salmão Tay frio.

-Por que lhe trago a um restaurante italiano e você pede um salmão Tay que poderia comer em casa?

-Porque não existe nada mais delicioso no mundo, e depois do meu giro por Londres, preenchi a minha quota de comidas típicas.

- Não devo perguntar com quem saiu para jantar. Ela sorriu.

- E nem eu a você.

Sem pressa, deliciaram-se com a refeição perfeita, terminando com framboesas frescas cobertas por um creme espesso e um Brie com a consistência exatamente correta.

Ela falou sobre a exposição na Burlington House, sobre os planos de Felicity de comprar um chalé em Dorset, e tentou explicar, com uma profusão de detalhes confusos,

o roteiro do Fantasma da Ópera. Edmund, que o conhecia, ouviu-a com um interesse absorto, simplesmente porque era maravilhoso tê-la de volta, ouvir a sua voz, dividir

com ela os momentos felizes.

Finalmente, terminaram. Veio o café, forte e perfumado, fervendo nas xícaras pequenas. Acompanhado de discos de chocolate com menta finos como biscoitos.

Agora a maioria das mesas se encontrava vazia. Os fregueses já se haviam recolhido para suas casas. Restavam somente alguns casais, como eles,

bebericando um brandy.

Um homem fumava um charuto.

A Moêt et Chandon terminara, mas permanecia mergulhada no balde de gelo.

- Você gostaria de um brandy?-Edmund perguntou.

- Não, nada mais.

- Eu gostaria, mas terei que dirigir.

- Eu poderia dirigir no seu lugar. Ele balançou a cabeça.

-Não preciso do brandy.-Recostou-se no espaldar da cadeira. - Você me contou várias novidades, mas não falou sobre Alexa.

- Estava guardando para o final.

- Isso significa que é uma novidade boa?

- Eu acho que sim. Mas não sei qual será a sua opinião.

- Tente.

-A sua moral não é vitoriana. -Acho que nunca foi.

- Porque Alexa tem um companheiro. Eles estão vivendo juntos. Moram na casa da Ovington Street.

Edmund não respondeu logo. Depois, com muita calma, perguntou:

- Quando tudo começou?

- Acho que foi em junho. Ela não nos contou porque receou que não aprovássemos.

- Ela achou que nós não gostaríamos dele?

-Não. Acho que ela pensou que gostaríamos muito. A preocupação dela era sobre a sua reação. Por isso encarregou-me de contar.

-Você o conheceu?

- Sim. Tomamos um drinque juntos. Tive que sair em seguida.

- Gostou dele?

- Gostei. É bonito, muito atraente. Chama-se Noel Keeling.

A xícara de Edmund estava vazia. com os olhos ele pediu uma outra a Luigi. Sorveu a bebida pensativo, com os olhos baixos. Seus gestos nada denunciavam.

- Em que pensa tanto?-Virgínia perguntou. Ele levantou os olhos para ela e sorriu.

- Penso que pensava que isso nunca fosse acontecer. -Agrada-lhe que tenha acontecido?

-Agrada-me saber que Alexa encontrou alguém que tenha se envolvido o suficiente com ela para desejar estar com ela. Seria mais fácil para todos se as decisões fossem sempre levadas para um lado menos dramático. Suponho que hoje em dia seja inevitável que eles vivam juntos por um tempo e se dêem uma oportunidade antes de tomar

qualquer decisão momentânea.-Sorveu o café escaldante e colocou a xícara de volta

sobre o pires. - Ela é uma criança extraordinariamente aberta.

- Ela não é mais uma criança, Edmund.

- É difícil pensar nela de maneira diferente.

-Temos que tentar.

- Eu compreendo.

- Ela estava preocupada sobre como eu lhe diria. Pediu-me que lhe dissesse, mas ao mesmo tempo, receava partilhar o segredo.

- O que acha que devo fazer?

- Não tem que fazer nada. Ela o trará para Balnaid em setembro no fim de semana da festa dos Steyntons. E nós nos comportaremos como se fosse inteiramente casual...

como se ele fosse um amigo íntimo de infância ou da escola. Não há nada mais que devamos fazer. O resto é com eles.

- Ideia sua ou de Alexa?



- Minha. - Virginia falou não sem uma ponta de orgulho. -Você é muito engenhosa.

-Contei a ela outras novidades também, Edmund. Disse-lhe que nas últimas semanas nós estivemos um pouco afastados.

- Deve ser a novidade do ano. Ela o olhou diretamente.

- Não mudei de ideia. Nem de atitude. Não quero que Henry vá. Acho que ele é muito pequeno e que você está cometendo um tremendo engano. Mas sei também que Henry está sendo afetado pelos nossos sentimentos, e decidi que devemos parar de pensar em nós mesmos para pensar nele. Pensar sobre Henry e Alexa. Porque Alexa disse que se nós continuarmos a nos enfrentar, ela não virá com Noel porque não conseguirá suportar a ideia de uma atmosfera pesada entre nós. - Fez uma pausa, à espera

de algum comentário de Edmund. Como ele não disse nada, continuou: - Tenho pensado muito. Tentei imaginar a minha volta para Leesport para encontrar meus avós vociferando

um com o outro, e não consegui. Não podemos fazer o mesmo com Alexa e Henry. Não estou desistindo, Edmund. Não concordarei nunca com a sua maneira de pensar. O que não pode ser remediado deve ser tolerado. Além

disso, senti a sua falta. Não gostei de ficar sozinha. O tempo que fiquei em Londres gostaria de tê-lo ao meu lado.

- Colocou os cotovelos sobre a mesa, e segurou o queixo entre as mãos. - Eu o amo, Edmund.

Após algum tempo Edmund respondeu:

- Sinto muito.

- Sente por eu o amar? Ele balançou a cabeça.

- Não. Por eu ter ido a Templehall e combinado tudo com Colin Henderson sem a consultar. Deveria ter tido mais consideração com você. Acho que passei dos limites.

- Nunca o vi antes admitindo que tivesse errado.

- Espero que não tenha que ver uma outra vez. É muito doloroso. -Estendeu o braço sobre a mesa e procurou a mão dela.-Vamos assinar um tratado de paz?

- com uma condição.

- Qual?

- Quando chegar o momento e o pobre Henry tiver que Ir para Templehall, você não pedirá e nem esperará que eu o leve. Porque acho que fisicamente não conseguirei suportar. Mais tarde talvez, quando tiver me acostumado a ficar sem ele. Mas não na primeira vez.

- Eu estarei lá na hora - respondeu Edmund. - Eu o levarei. Estava ficando tarde. O

outro casal já havia saído, e os garçons

esperavam, tentando não transparecer que ansiavam que Edmund e 

Virgínia também se levantassem e fossem embora para deixá-los fechar as portas.

Edmund pediu a conta e, enquanto esperava, recostou nas costas da cadeira, colocou a mão no bolso do paletó e tirou um pequeno embrulho enrolado em papel branco fino com um lacre vermelho.

- Para você. Colocou-o sobre a mesa entre os dois. É um presente pela minha alegria em tê-la de volta a Balnaid.



Se Henry não podia estar em casa, em Balnaid, a melhor coisa era ficar com Vi. Em Pennyburn ele tinha o seu próprio quarto, pequeno, por cima do que um dia fora a porta da frente, com uma janela estreita sobre o jardim, dando para o vale profundo e as montanhas além. Dessa janela, se virasse um pouco o pescoço, podia ver

até Balnaid, meio escondida pelas árvores por trás do rio e da aldeia. Pela manhã, quando acordava, podia ver o sol nascente lançando dedos compridos de luz ao longo dos campos e ouvir o canto dos melros que construíram um ninho nos galhos do antigo sabugueiro perto da clareira. Vi não gostava de sabugueiros, mas permitira que esse ficasse porque era uma boa árvore para Henry trepar. Foi por isso que descobrira o ninho.

O quarto era tão pequeno que parecia a casa de Wendy ou, mesmo, um armário, mas fazia parte do seu encanto. Havia espaço para a sua cama e uma caixa com gavetas e um espelho pendurado sobre ela, pouca coisa a mais além disso. Alguns cabides atrás da porta faziam a vez de guarda roupa e havia um ponto de luz atrás da cabeceira,

para que ele pudesse ler deitado, se quisesse. O tapete era azul, e as paredes, brancas. Havia um quadro lindo de jacintos, e as cortinas eram brancas com ramos de flores do campo espalhadas.

Era a sua última noite com Vi. No dia seguinte sua mãe viria para buscá-lo para levá-lo para casa. Havia sido uma espécie de pequenas férias, porque a escola em Strathcroy já havia reaberto as portas para a temporada de

inverno e todos os seus amigos já tinham voltado a ela. Mas Henry, destinado a ir para Templehall, não tinha ninguém com quem brincar. De alguma forma não teve importância. Edie esteve lá quase todas as manhãs, e Vi sempre tinha ideias brilhantes para divertir e entreter

um menino da sua idade. Fizeram jardinagem juntos, ela lhe ensinara a fazer bolos de fadas, e durante as noites tinham feito quebra-cabeças incríveis, disputando entre si. Uma tarde Kedejah Ishak tinha vindo para o chá depois da escola, e ele e Henry construíram um dique no rio e ficaram muito molhados. Outro dia ele e Vi fizeram um piquenique no lago e juntaram vinte e quatro flores 151

silvestres diferentes. Ela lhe ensinou como secá-las imprensando-as entre folhas de mata-borrão e livros grossos, e quando elas estivessem prontas ele as iria grudar num velho livro de exercícios com fita durex.

Tinha tomado sopa e, depois, um bom banho, e agora estava na cama, em seu saco de dormir, lendo um livro da biblioteca de Enid Blyton chamado The Famous Five. Ouviu o relógio no saguão soar oito horas e depois os passos de Vi pesados subindo a escada, o que significava que ela estava vindo lhe desejar boa-noite.

A porta se abriu. Ele colocou o livro de lado e esperou que ela se aproximasse. Ela surgiu, alta, grande e sólida, sentando-se confortavelrnente aos pés da cama.

As molas rangeram. Sentia-se aconchegado no seu saco de dormir, mas ela o envolvera num cobertor, e ele considerou aquela uma das melhores sensações-ter alguém sentado em sua cama, com o cobertor enrolado em suas pernas. Sentiu-se seguro.

Vi usava uma blusa de seda com um camafeu na gola e um cardigã macio, azul, do tom da urze, e trazia os óculos, o que significava que estava preparada, se ele quisesse,

para ler um ou dois capítulos em voz alta do The Famous Five.

- Amanhã, a esta hora, você estará na sua cama. Foi uma boa temporada, não foi? -

disse.

- Foi sim. - Pensou em todas as coisas boas que fizeram. Talvez fosse errado desejar voltar para casa e deixá-la, mas pelo menos sabia que ela se sentia segura e

feliz sozinha naquela casa. Desejou sentir o mesmo por Edie.

Nos últimos tempos Henry parara de chegar sem avisar na casa de Edie porque tinha medo de Lottie. Havia um quê de bruxa nela, com olhos escuros que nunca piscavam, com movimentos serviçais, injustificados, e o fluxo das suas palavras era tão desordenado que não podia ser chamado de conversa. Na maior parte do tempo Henry

não

tinha a menor ideia sobre o que ela falava, e sabia que isso cansava Edie. Edie lhe pedira que fosse gentil com Lottie, e ele se esforçara, mas na verdade a detestava e não suportava o pensamento da vida de Edie com aquela prima estranha, tendo que tratar dela todos os dias.

Ocasionalmente vira alguns cabeçalhos em jornais que falavam de Pessoas que tinham sido mortas com machados ou trinchantes, e tinha certeza de que Lottie, se provocada

ou contrariada, seria perfeitamente Capaz de atacar a querida Edie - talvez tarde da noite, no escuro deixando-a morta, esvaindo em sangue no chão da cozinha.

Arrepiou-se ao pensar e Vi notou o arrepio.

- Alguma coisa o incomoda? Um fantasma passou por cima da sua cova no cemitério.

Era uma brincadeira muito próxima do real para divertir.

- Pensava na prima de Edie. Não gosto dela.

- Oh, Henry.

- Acho que Edie não está segura ficando com ela. Vi fez uma pequena careta.

- Para ser honesta, Henry, eu também não gosto disso. Mas acho que é uma grande experiência para Edie. Falamos sobre a prima dela durante o café. Certamente Lottie é uma pessoa que cansa muito os outros, mas além de perturbar Edie com as suas maneiras estranhas, não acredito que ofereça um perigo real. Não do tipo que você imagina.

Ele não tinha comentado sobre o que imaginara. Mas Vi sabia. Ela sempre sabia de coisas como aquela.

- Vi, você tomará conta dela? Não deixará que nada lhe aconteça? -Claro que não deixarei. Farei um esforço para estar com Edie todos os dias e observarei como estão indo. E convidarei Lottie para o chá uma dessas tardes, o que dará a Edie uma oportunidade para respirar.

- Quando acha que Lottie irá embora?

- Não sei. Quando estiver melhor. Essas coisas levam tempo.

- Edie era feliz sozinha. E agora não é mais. E nem pode mais dormir no seu quarto.

Deve ser terrível não poder ter o seu próprio quarto.

- Edie é uma pessoa muito boa. Mais do que a maioria de nós. Está fazendo um sacrifício pela prima.

Henry pensou em Abraão e Isaac.

- Espero que Lottie não tenha que sacrificá-la. Vi riu com vontade.

- Você está deixando a sua imaginação correr à solta. Não fique pensando em Edie antes de dormir. Pense que estará novamente com sua mãe amanhã.

- Ah, isso é muito melhor. A que horas você acha que ela virá?

-bom, você terá um dia cheio amanhã, saindo para caçar com Willy Snoddy e seus furões. Acredito que na hora do chá. Quando você voltar, ela estará aqui.

- Você acha que ela me trará um presente de Londres?

- Certamente.

- Talvez ela lhe traga um presente também.

-Oh, eu não espero nenhum presente. Além disso, o meu aniversário está próximo, e então ganharei alguns. Ela sempre me traz um presente especial, algo que nunca pensei que desejasse tanto.

- Qual o dia mesmo do seu aniversário? - Ele esquecera.

- Quinze de setembro. Um dia antes da festa dos Steyntons.

- Você fará o piquenique?

Vi sempre programava um piquenique no seu aniversário. TodoS compareciam e se encontravam no lago, acendiam uma fogueira, assavam
153

salsichas, e Vi trazia o seu bolo de aniversário numa enorme caixa. Quando o cortava todos se reuniam e cantavam o parabéns. Algumas vezes o boLo era de chocolate, outras, de laranja. No último ano tinha sido de laranja.

Ele se lembrou daquele ano. Lembrou-se do dia inclemente, o vento uivante e das chuvas esparsas que não tinham tirado o entusiasmo de ninguém. Ele dera a Vi um quadro

que tinha pintado com suas canetas e que sua mãe colocara numa moldura como se fosse uma pintura verdadeira. Vi o pendurara no quarto. Este ano

ele lhe daria o vinho

de ruibarbo que ganhara na rifa na festa da igreja.

Este ano...

- Este ano - disse - não estarei aqui.

- É. Este ano você estará no colégio.

- Você poderia festejar o seu aniversário antes para que pudesse estar aqui?

-Oh, Henry, não podemos antecipar um aniversário desse jeito. Mas não será o mesmo sem você.

- Você escreverá para mim contando como foi?

-Claro que sim. E você também escreverá para mim. Haverá muitas novidades para contar, e eu quero saber de todas. Ele respondeu:

- Eu não quero ir.

-É, eu sei que não, mas seu pai acha que deve ir, e ele quase sempre sabe o que é melhor.

- Mamãe também não quer que eu vá.

- É porque ela o ama muito e sentirá a sua falta.

Ele se deu conta que essa era a primeira vez que ele e Vi conversavam sobre a sua partida. Era porque Henry não gostava nem de pensar sobre isso, nem para discutir a respeito, e Vi não tocara no assunto. Mas agora conversavam abertamente, e ele descobriu que já estava mais fácil pensar no colégio. Sabia que podia contar tudo para Vi e também que ela não falaria a ninguém sobre o que conversassem. Continuou a conversa:

- Eles discutiram sobre isso. Estão zangados um com o outro.

- Sim - disse Vi - eu sei.

- Como sabe, Vi?

- Posso estar velha, mas não sou boba. E seu pai é meu filho. As mães sabem muito sobre os filhos. As características boas e as não tão boas. Isso não as faz amá-los menos, mas as tornam ainda mais compreensivas.

- É muito difícil vê-los assim.

- Não pode ser de outro jeito.

-Eu não quero ir para o colégio, mas detesto vê-los brigados. Detesto mesmo. A casa fica toda pesada e doente. Vi observou:



-Se você quer saber o que eu penso, Henry, acho que ambos foram egoístas e não agiram com sabedoria. Mas não pude falar nada, porque não me dizia respeito. Existe uma outra coisa que uma mãe nunca deve fazer. Ela não deve nunca interferir.

- Eu realmente gostaria de ir para casa amanhã, mas...-Ele olhou para ela, a frase por terminar, porque realmente não sabia o que tentava dizer.

Vi sorriu. Quando sorria, sua face se engilhava em milhares de rugas. Colocou suas mãos sobre ele. Eram secas e quentes, e um pouco ásperas porque mexia muito no jardim. Disse:

- Há um ditado que diz que a partida faz o coração dar mais valor. Seus pais passaram alguns dias longe um do outro, com tempo para pensar sobre a questão.

Tenho

certeza de que ambos compreenderam o quanto erraram. Veja, eles se amam muito, e quando amamos uma pessoa queremos estar bem com ela, e ficar junto dela. Precisamos poder confiar, rir juntos. É tão importante quanto respirar. Tenho certeza de que já descobriram isso, tanto quanto que estão bem agora, tudo como era antes.

-Tem realmente certeza, Vi?

- Realmente certeza.

Estava tão segura que Henry sentiu-se também seguro. Era um alívio. Parecia que tinha tirado um grande peso dos ombros. E tudo ficara melhor. Até a perspectiva de deixar a casa e os pais, e a ida para o internato em Templehall não pareceu tão assustadora. Nada era pior do que o pensamento que a sua casa não mais seria a mesma.

Tranquilizado e cheio de gratidão pela avó querida, ele estendeu os braços, ela se inclinou para a frente, e ele a abraçou, apertando-a contra o pescoço e dando

beijos na sua face. Quando se afastou, viu que seus olhos brilhavam. Ela falou:

-Já é hora de dormir.

Agora ele desejava dormir, sentia-se de repente sonolento. Afundou no travesseiro e sentiu Moo debaixo dele.

Vi riu e brincou, mexendo com ele:

-Você não precisa mais dessas coisas antigas de bebé. Agora já está um rapazinho.

Sabe fazer bolos de fadas, jogar quebra-cabeças e lembrar do nome de todas aquelas flores silvestres. Sei que pode dormir sem Moo-Ele apertou o nariz:

- Mas não esta noite, Vi.

-Está bem, hoje não. Mas talvez amanhã.

- Sim - bocejou - talvez.

Ela o beijou e depois levantou-se da cama. As molas rangeram outra VeZ:

- Boa-noite, meu querido.

- Boa-noite, Vi.

155

Apagou a luz e saiu do quarto, mas deixou a porta aberta. A escuridão era suave e ventava um pouco, trazendo o odor das montanhas. Henry virou de lado, acomodou-se e fechou os olhos.

156

Quinta-feira, 26

Quando, dez anos atrás, Violet Aird comprara Pennyburn de Archie Balmerino, ela se tornara dona de uma casa pequena e desmantelada, com pouca coisa a ser preservada, exceto a vista e o pequeno regato que descia pela colina do lado oeste da propriedade. Fora desse regato que a propriedade tomara o nome emprestado.

Ficava no coração das terras de Archie, no lado da colina que descia da aldeia, e o acesso era pela estrada que passava por trás de Croy e depois por uma trilha sulcada de cardos e cercada por moirões vergados e arame farpado rompido.

O jardim original cobria a elevação do lado sul da casa. Também era cercado de moiroes carcomidos e arames farpados irregulares, e consistia de vegetação seca, tomada

pelas ervas daninhas e pelas evidências escuras de galinheiros-abrigos de madeira inclinados, várias cercas de arame e moitas altas de urtiga.

A casa fora construída com pedras de coloração desbotada, com telhas acinzentadas e uma pintura marrom em péssimo estado de conservação. Degraus de concreto uniam o jardim à porta, e do lado de dentro havia quartos pequenos e sem ventilação, cobertos com papel de parede já descolando, um cheiro pesado de umidade e um gotejar

persistente de alguma torneira com defeito.

Na verdade, a visão da propriedade tão sem atrativos fez com que Edmund Aird, quando a viu pela primeira vez, recomendasse veementemente que sua mãe abandonasse a ideia de nela morar e começasse a procurar outra casa.

Porém Violet, por razões que só ela conhecia, gostou da casa. Ela estava vazia há alguns anos, o que justificava o seu estado de abandono e apesar do mofo e do ar de tristeza, havia nela uma sensação agradável - havia o pequeno córrego nas terras, saltitando colina abaixo. E também a vista. Ao inspecionar a casa, Violet parara

uma vez ou outra, limpando o



vidro sujo das janelas, para ver a aldeia, o riacho, o vale estreito, as colinas distantes. Ela não encontraria outra casa com uma vista igual àquela. A vista eo córrego haviam-na seduzido, e resolvera não dar ouvidos ao pedido do filho.

A recuperação tinha trazido alegria. Durara seis meses, e, nesse período, Violet -

rejeitando polidamente o convite de Edmund para permanecer em Balnaid até poder se mudar para a sua nova casa-morara num trailer que alugara de um parque situado a alguma distância no vale. Nunca tinha morado num trailer antes, mas a ideia sempre instigara seus instintos de cigana, e ela aproveitara a oportunidade. Estacionou-o nos fundos da casa, próximo às misturas de concreto, carrinhos de mão e pás, e das enormes pilhas de pedras. Da porta aberta, ela controlava os operários e os

interrompia para conversar com o sofrido arquiteto desde o momento que esse estacionava

o carro. Nos primeiros um ou dois meses dessa vida alegre de cigana tinha sido verão, e os únicos problemas eram os mosquitos-pólvora e um telhado mal vedado quando

chovia. Mas quando os ventos fortes do inverno sopraram, o trailer tremeu sob sua força e balançou com instabilidade nas suas amarras, quase como um pequeno barco em meio à tempestade. Violet considerou a sensação muito excitante e saboreou as noites escuras e raivosas. Esticava-se no beliche, estreito e pequeno para uma mulher

do seu tamanho, e ouvia o vento cortante e via as nuvens correrem pelo céu frio e iluminado pela lua.

Mas ela não passava o tempo somente brincando ou brigando com os operários. Para ela o jardim era mais importante do que a própria casa. Antes mesmo de os trabalhadores

começarem a labutar, ela empregou um homem que, com um trator, arrancara os moiroes antigos e retirara todo o arame. No lugar deles, ela plantara uma cerca de faia dos dois lados do caminho e em toda a volta da propriedade. Após dez anos, ela ainda não estava muito alta, porém era firme e compacta, sempre copada, proporcionando

um bom abrigo para os pássaros.

Depois da cerca, dos dois lados, plantaria árvores. No leste, coníferas, que não eram as suas preferidas, mas que cresciam rápido e bloqueavam bastante o vento frio vindo da baía. A oeste, pendendo sobre o córrego, sabugueiros nodosos, salgueiros e cerejeiras brancas dobradas. Aos pés do jardim ela colocara plantas baixas para manter a vista. Azaléias cobertas de flores que coloriam a grama.

Havia dois canteiros, um com plantas medicinais e o outro com rosas, e entre eles um gramado. Ficava sobre a colina e era difícil de ser aparado. Violet comprara um cortador elétrico, porém Edmund-interferindo mais Uma vez - concluiu que ela provavelmente cortaria o fio e seria eletrocutada, e contratou o serviço de Willy Snoddy para vir uma vez por semana e fazer essa parte do trabalho. Violet sabia perfeitamente que Willy era bem

menos competente do que ela para lidar com um equipamento daquele tipo, mas resolvera não oferecer resistência. Quando Willy não aparecia mergulhado em uma ressaca,

Violet, feliz e com muita eficiência, cortava ela mesma toda a grama.

Mas não contava a Edmund.

Quanto à casa, ela a transformara, mudando a fachada e abrindo os quartos acanhados. Agora a entrada principal estava voltada para o norte e a antiga se transformara

numa porta envidraçada que dava para o jardim, abrindo diretamente da sua sala de visitas. Demolira a escada de concreto e no seu lugar erigira uma série de degraus semicirculares de pedras retiradas de um dique desativado. Nos espaços entre as pedras cresciam tomilhos perfumados, cujo odor envolvia os que subiam as escadas.

Após considerar por algum tempo, Violet decidiu que não suportava o tom das paredes de pedra de Pennyburn e por isso resolvera pintá-las de branco. Janelas e soleiras das portas foram pintadas de preto, o que deu à casa uma aparência bem contrastante. Para decorá-la, plantou glicínias, porém, após dez anos, não tinham crescido

acima do seu ombro. Quando chegasse na altura do telhado provavelmente Violet já teria morrido.

Aos setenta e sete anos, era melhor que preferisse as plantas que dessem flores anuais.

Faltava uma estufa. A que havia em Balnaid tinha sido construída ao mesmo tempo que a casa graças aos esforços e insistência da mãe de Violet, Lady Primrose Akenside, que não era muito voltada para a vida ao ar livre. Dizia que, se alguém era forçado a viver na parte rural da Escócia, uma estufa tornava-se imprescindível. Além do fato de ser útil para manter a casa florida e de fornecer uvas, era um local

para se ficar quando o sol brilhava forte ou quando o vento cortasse como gelo.

Dias

como esses, todo mundo sabia, aconteciam com uma frequência surpreendente durante o inverno, na primavera e no outono. E Lady Primrose passava também boa parte do verão na sua estufa, divertindo-se com os convidados e jogando bridge.

Violet adorava a estufa de Balnaid por razões bem menos sociais, deliciando-se com o calor, o cheiro e a paz vindas da terra úmida, das samambaias e das frésias.

Quando a temperatura no jardim era inclemente a ponto de não permitir qualquer trabalho, havia sempre algo a ser feito na estufa, e não havia lugar melhor para ficar

após o almoço e tentar resolver as palavras-cruzadas do The Times.

Ela sentia muita falta da estufa, mas, após pensar, concluíra que Pennyburn era muito pequena e modesta para ter um anexo desse tipo - Daria à casa uma aparência pretensiosa e tola, e ela não queria infligir tal indignidade à sua nova casa. Não seria tão difícil sentar-se em seu jardim ensolarado e abrigado para tentar resolver

as palavras-cruzadas.

Ela agora estava no jardim. Havia trabalhado durante toda a tarde puxando as moitas de margaridas nas estacas antes que os ventos do outono as curvassem para o chão.

Já era época de pensar sobre o outono. O ar estava fresco, não frio, com um certo perfume, uma alegria. Os fazendeiros haviam iniciado as colheitas, e o ruído distante

dos colonos trabalhando nos campos altos de cevada era sazonal e estranhamente tranquilizador. O céu estava azul, com algumas nuvens que

velejavam tocadas pela brisa

vinda do oeste. Um dia luminoso, como diziam os antigos habitantes da zona rural.

Violet não lamentava, como os outros, o fim do verão e a perspectiva de um longo e escuro inverno pela frente. Algumas vezes lhe perguntavam como suportava viver na Escócia. O tempo era imprevisível, com muita chuva e muito frio. Mas Violet sabia que não suportaria viver em outro lugar que não aquele, e nunca pensara em se mudar. Quando Georgie era vivo, eles viajavam muito juntos. Haviam ido a Veneza e a Istambul, frequentado as galerias de Florença e de Madri. Uma vez embarcaram num cruzeiro arqueológico para a Grécia e de outra feita foram aos fiordes da Noruega até o Círculo Polar para ver o sol da meia-noite. Sem ele, ela não sentia necessidade

alguma de viajar. Preferia permanecer onde as suas raízes eram profundas, circundadas pelas terras que conhecia desde criança. E, quanto ao tempo, ele não a incomodava,

nem mesmo quando congelava, nevava, ventava, chovia ou queimava, desde que ela pudesse lá estar e participar. O que era sustentado pela sua compleição, curtida pelo

tempo e tecida como a de uma antiga fazendeira. E com setenta e sete anos, qual a diferença que algumas rugas a mais faziam? Um preço pequeno para uma mulher tão ativa e cheia de energia.

Fincou a última estaca, prendeu o último pedaço de arame. Terminara. Levantou-se e afastou-se um pouco para olhar o seu trabalho. As varetas estavam à mostra, mas quando as margaridas crescessem elas desapareceriam. Olhou para o relógio. Quase três e meia. Suspirou, relutando ter que Parar para entrar. Retirou as luvas e colocou-as

dentro do carrinho-de-mão, recolheu o restante das ferramentas, as varetas, o rolo de arame, e, empurrando o carrinho, deu a volta na casa e entrou na garagem, onde os limparia e ficariam aguardando o próximo dia de trabalho.

Depois entrou em casa pela porta da cozinha, tirando as botas de borracha e pendurando o casaco no gancho perto da entrada. Já na cozinha, encheu a chaleira e botou-a para ferver. Numa bandeja arrumou duas xícaras, compotas, uma jarra com leite, o açucareiro e um prato de biscoitos de chocolate. (Virgínia não gostava de comer nada junto com o chá, porém sempre beliscava alguma coisa.

Subiu ao seu quarto, lavou as mãos, encontrou um par de sapatos, penteou os cabelos

e empoou o nariz que brilhava. Ouviu um carro subindo 160

a colina e dobrar na alameda. Um momento depois uma porta se abriu, a sua porta de entrada, e ouviu a voz de Virgínia.

- Vi!

- Estou descendo.

Colocou um colar, prendeu uma mecha dos cabelos e desceu. Sua nora estava no saguão à sua espera. Usava calças de veludo e colocara um casaco de couro sobre os ombros.

Cortara o cabelo, Violet notou, puxados para trás e atados na nuca com uma fita.

Como sempre, sua aparência era sensualmente elegante e estava feliz como Violet não via há muito tempo.

- Virgínia! Fico feliz em vê-la. Como está elegante! Gostei do penteado novo. -

Beijaram-se.-Você o cortou em Londres?

- Foi. Achei que era hora de mudar de imagem. - Olhou ao redor.

- Onde está Henry?

- Está por aí com Willy Snoddy.

- Não se aborreça. Ele estará aqui em meia hora.

- Não me aborreci com a hora. Referi-me ao fato de ele estar com aquele beberrão.

- Bem, não há outras crianças para ele brincar porque todas estão na escola.

Conversou com Willy essa semana quando ele veio para cortar a grama, e Willy o convidou

para caçar com os furões. Henry ficou muito interessado, por isso deixei-o ir. Você não concordaria?

Virgínia riu, balançando a cabeça.

- Claro que sim. Fiquei somente surpresa. Você acha que Henry sabia o que o esperava? É uma tarefa um tanto banhada em sangue.

- Não tenho ideia. com certeza ele nos contará assim que chegar. Sei que Willy não perderá a hora.

- Sempre pensei que você julgasse esse beberrão uma pessoa em quem não se pode confiar.

- Ele não ousaria quebrar a promessa que me fez, e não costuma beber durante as tardes. E, agora, fale-me de você. Divertiu-se muito?

-Foi muito bom. E...-Apanhou o embrulho achatado, muito bem embrulhado e colocou-o nas mãos de Violet.-Eu lhe trouxe um presente da cidade grande.

- Minha querida, não precisava.

- É uma maneira de agradecer por ter ficado com Henry.

- Eu adorei tê-lo comigo. Mas ele sentiu a sua falta e está ansioso para voltar a Balnaid. Antes do café já havia arrumado a bagagem e estava pronto para ir. Mas, quero saber como vão as coisas. E também quero abrir o meu presente.

Ela passou à frente e foi para a sala de visitas. Sentou-se confortávelmente na sua cadeira ao lado da lareira. Foi um alívio sentar-se. Virginia 161

empoleirou-se no braço do sofá e esperou. Violet desatou o laço e desembrulhou o pacote. Surgiu uma caixa achatada, laranja e marrom. Ela abriu a tampa. Dentro, dobrado e macio como seda por baixo das camadas de papel fino estava um cachecol Hermes.

- Oh, Virgínia, que lembrança cara!

- Não tanto quanto você merece.

- Mas ter Henry comigo foi uma alegria.

- Trouxe um presente para ele também. Está no carro. Pensei que ele poderia abri-lo aqui antes de irmos.

O cachecol tinha tons rosas, azuis e verdes. Perfeito para dar brilho àquele vestido cinza de lã.

-Não sei como lhe agradecer. Realmente estou encantada. Agora...

Ela dobrou o cachecol, colocou-o na caixa e sentou-se ao lado de Virgínia.- Vamos tomar uma xícara de chá e você poderá me contar tudo o que aconteceu em Londres.

Quero ouvir todos os detalhes ...

- Quando você voltou?

- Ontem à tarde, pelo voo normal. Edmund me esperou em Turnhouse e fomos a Edimburg

jantar no Rafaelli. Depois voltamos para Balnaid.

- Espero - Violet olhou com firmeza para Virgínia - que vocês tenham aproveitado o momento para aplainar as diferenças.

Virgínia ficou graciosamente embaraçada.

- Oh, Vi. É assim tão visível?

- Qualquer um pode notar. Não lhe disse nada, mas tem sido difícil para Henry sentir que você e o pai não estão muito bem.

- Henry comentou alguma coisa com você?

- Sim. Está muito preocupado. Acho que ele pensa que ir para Templehall já é difícil o suficiente, mas sentir você e Edmund em guerra é mais do que poderia suportar.

- Não estamos realmente em guerra.

- Uma polidez gelada é tão insuportável quanto uma guerra declarada.

- É, eu sei. Sinto muito. Edmund e eu chegamos a um acordo. Não quero dizer que alguma coisa tenha mudado. Edmund não muda uma

deÇisão tomada, e eu continuo a achar que essa é um grande erro. Mas Pelo menos fizemos uma trégua. - Sorriu e levantou o braço. Em torno do Pulso delgado havia um bracelete largo de ouro. - Durante o jantar 162

ele me deu isto. Um presente de boas-víndas. Seria grosseria minha se continuasse zangada.

- É um alívio para mim. consegui persuadir Henry de que vocês conversariam e resolveriam tudo, voltando a ficar bem. Sou grata a ambos porque sei que o ajudei a não se sentir tão mal. Ele precisa ficar mais confiante. Mais seguro.

- Oh, Vi. Pensa que não sei disso?

- E há outra coisa. Está muito preocupado com Edie. Tem medo de Lottie. Acha que ela poderá machucar Edie de alguma maneira.

Virgínia franziu as sobrancelhas.

- Ele disse isso?

- Conversamos sobre o assunto. -Acha que ele tem algum motivo para pensar assim?

- Crianças são sensíveis. Como os cães. Reconhecem o mal onde talvez nós, os adultos, não o vemos.

- Mal é uma palavra muito forte, Vi. Lottie sempre me provocou calafrios, mas sempre pensei que fosse uma pessoa inócua.

- Realmente não sei - respondeu Violet. - Mas prometi a Henry que ficaria atenta.

Se comentar com você, deverá ouvi-lo e tentar acalmá-lo.

- Claro.

com todos os pontos importantes resolvidos, Violet encaminhou a conversa para um lado mais prazeroso.

-Agora, conte-me sobre Londres. Você comprou algum vestido? Fez outras compras?

Esteve com Alexa?

- Sim. - Virgínia inclinou-se para encher novamente a sua xícara.

- Sim, comprei um vestido, sim, estive com Alexa. Gostaria de falar com você sobre esse encontro. Já comentei com Edmund.

O coração de Violet deu uma parada. O que estava acontecendo dessa vez?

- Ela está bem?

-Nunca esteve tão bem.-Virgínia voltou à sua posição.-Há um homem em sua vida agora.

- Alexa tem um jovem companheiro? Que ótima novidade! Começava a recear que nada de realmente excitante fosse acontecer na vida daquela querida criança.

- Eles estão vivendo juntos, Vi.

Por um momento, Violet ficou em silêncio. Depois, repetiu: - Vivendo juntos?

- É. E não estou contando nenhum segredo. Ela me pediu que lhe dissesse.

- E onde estão vivendo?

- Na Ovington Street.



- Mas ... - Violet se conteve, procurando as palavras. - Mas ... há quanto tempo?

Cerca de dois meses.

- Quem é ele?

- Chama-se Noel Keeling.

- O que faz na vida?

-Trabalha em publicidade.

- Quantos anos tem?

- Deve regular com a minha idade. Boa aparência. Muito atraente. A idade de Virgínia. Um pensamento terrível passou pela mente de Violet.

- Espero que não seja casado.

- Não, não é. É um belo solteirão.

- E Alexa..?

- Radiantemente feliz.

-Você acha que se casarão?

- Realmente não tenho a menor ideia.

- Ele é gentil com ela?

-Acho que sim. Eu só o vi por alguns minutos. Chegou em casa do trabalho e tomamos um drinque juntos. Trouxe flores para Alexa. E ele não sabia que eu estaria lá, por isso não as comprou para impressionar.

Violet ficou calada, tentando absorver aquela revelação surpreendente. Alexa estava vivendo com um homem. Partilhando sua cama, sua vida. Sem estar casada. Ela não aprovava, mas era melhor guardar sua opinião para si própria. O importante era que Alexa soubesse que todos a apoiariam, acontecesse o que tivesse que acontecer.

- O que disse Edmund quando contou a ele? Virgínia encolheu os ombros.

- Não disse muita coisa. Certamente não irá a Londres com um revólver carregado.

Mas acredito que esteja preocupado, pelo menos com o fato de Alexa ser uma moça com recursos... herdou aquela casa e algum dinheiro de Lady Cheriton. O que, como disse Edmund, é algo considerável.

- Ele teme que esse jovem esteja atrás do dinheiro de Alexa?

- É uma possibilidade, Vi.

- Você o conheceu. O que acha?

- Gostei dele...

- Mas tem suas reservas?

- É muito atraente. Frio. Como disse, elegante. Não estou certa se confiaria nele...

- Oh, querida.

- Mas são somente ideias minhas. Posso estar fazendo um juízo totalmente errado.



- O que podemos fazer?

- Nada. Alexa tem vinte e um anos, deve tomar as próprias decisões. Violet sabia que era verdade. Mas Alexa... tão longe de casa. Em Londres.

- Se ao menos pudéssemos conhecê-lo. Colocaria tudo em termos mais próximos.

- Concordo inteiramente com você, e você irá conhecê-lo. - Violet olhou para a nora e viu que ela sorria, contente consigo mesma, como um gato que comeu a sobremesa.

- Acho que me intrometi como se fosse a mãe dela. Conversei com os dois e ambos concordaram em vir à Escócia no fim de semana da festa dos Steyntons. Ficarão em Balnaid.

- Que ideia brilhante! -Violet teria beijado Virginia de tão feliz que ficou. - Você é brilhante! Foi a melhor maneira de resolver a situação sem ter que fazer uma ocasião para isso.

- Foi o que pensei. Até Edmund aprovou. Teremos que ser muito discretos e agir com tato. Sem olhares sugestivos ou comentários intencionais.

-Você quer dizer que não devo perguntar nada sobre o casamento?

- Virginia concordou com a cabeça. Violet considerou. - Sei que não devo. Sou suficientemente atualizada para segurar a minha língua. Mas com o fato de viverem juntos

os jovens criam para si próprios situações difíceis. Eles a tornam difíceis para nós. Se esperarmos muito do jovem, ele se sentirá pressionado, poderá se afastar e deixará Alexa. E se não nos importarmos, Alexa pensará que não o aprovamos e isso a magoará.

- Acho que não. Ela cresceu. Está mais autoconfiante. Mudou bastante.

- Não gostaria de senti-la magoada por nós. Não Alexa.

- Temo que não possamos mais protegê-la. O caso já foi longe demais.

- Sim - disse Violet, sentindo-se de alguma forma apreensiva. Não era o momento para ressentimentos. Se tivesse que ser útil a alguém, deveria permanecer sensível.

-Você está absolutamente certa. Todos nós.

Não houve tempo para mais nenhuma palavra. Ouviram a porta da frente se abrir e fechar com estrondo.

- Mamãe!

Henry chegara. Virginia colocou a xícara de lado e levantou-se esquecida de Alexa.

Encaminhou-se para a porta, mas Henry chegou primeiro, ansioso, as faces vermelhas pela excitação e pelo esforço de subir correndo a colina.

- Mamãe!

Ela abriu os braços, e ele voou inteiro para dentro deles.

Sábado, 27

Perguntavam com frequência a Edmund se ele não achava as longas viagens entre Edimburg e Strathcroy uma tarefa quase insuportável, cada manhã e cada tarde da semana

em que trabalhava em Edimburg. A verdade era que Edmund não se importava com os quilómetros que cruzava. Chegar à casa em Balnaid ao encontro da família era muito mais importante do que o esforço dispendido, e somente um jantar demorado de negócios, um voo bem cedo ou uma estrada intransponível no inverno o faziam ficar na

cidade e passar a noite no apartamento em Moray Place.

Além disso, gostava de dirigir. Seu carro era possante e seguro, e a estrada, que dividia Forth, passava por Fife até Relkirk. tornara-se tão familiar quanto a palma da mão. Depois de Relkirk ele entrava nas estradas rurais, quando precisava diminuir a velocidade e ter mais prudência, mas mesmo assim a viagem não demorava mais

do que uma hora.

Usava esse tempo para desligar-se no final de um dia extenuante e repleto de decisões a serem tomadas, e deixava a mente se ocupar das outras inúmeras facetas, igualmente

absorventes, de sua vida ocupada. No Inverno ouvia o rádio. Não as notícias e nem as discussões políticas... já tinha tido a sua quota quando limpava a mesa e trancava

os documentos confidenciais... mas a Rádio Três, com concertos clássicos e peças eruditas.

O restante do ano, quando as horas do dia se encompridavam e não viajava no escuro, descobria mais prazer e conforto simplesmente em olhar a cessão das estações no campo. A lavra, a semeadura, as árvores encorpando com as folhas, os primeiros

cordeirinhos, as sementes amadurecendo douradas ao sol, os homens colhendo framboesas, a colheita, as folhas

no outono, as primeiras neves.

Agora era o tempo das colheitas, numa tarde linda e de vento. O cenário, além de espetacular, trazia uma paz imensa. Os campos e as fazendas estavam lavados na luz solar, e o ar, tão limpo, que os penhascos e as depressões na colina distante se apresentavam numa visibilidade 166

brilhante. A luz escorria nas montanhas, tocando os cumes, o rio ao longo da estrada brilhava e cintilava, e o céu, pontilhado de nuvens, era infinito.

Sentia-se bem como há muito tempo não acontecia. Virgínia voltara, revigorando-o. O

presente era o mínimo para um pedido de desculpas pelo que havia falado no dia da explosão inicial: acusá-la de sufocar Henry, querer mantê-lo ao lado dela por razões egoístas, pensar somente nela própria. Ela aceitara o bracelete com gratidão e amor, e o prazer que demonstrara significava o perdão.

Na noite anterior, após o jantar no Rafaelli, ele a havia levado para casa em Balnaid pelos campos mergulhados no crepúsculo e sob um céu espetacular, rosado a oeste

e riscado de nuvens escuras como carvão, como se tivesse sido pintado com um pincel

gigantesco.

Haviam retornado para uma casa vazia. Não se lembrou de uma outra ocasião que isso tivesse acontecido, o que tornou a chegada ainda mais especial. Sem cães, sem crianças, somente os dois. Edmund cuidara da bagagem e depois tomaram dois uísques maltados no quarto. Sentara-se na cama para vê-la desembrulhar os pacotes. Não havia nenhuma premência porque toda a casa, a noite, a doce intimidade pertencia a ambos. Mais tarde tomara uma ducha e Virgínia um banho. Ela se chegara a ele, perfumada e com a pele fria, e fizeram um amor maravilhoso e pleno.

Sabia que ainda havia entre eles um travo de briga. Virgínia não queria perder Henry, e Edmund estava determinado que o menino deveria ir para o internato. Mas agora

tinham cessado de rosnar um para o outro e, com um pouco de sorte, a questão permaneceria enterrada e esquecida.

Além disso, havia outras coisas interessantes a serem conversadas. Esta tarde ele veria o filho após uma semana de separação. Haveria muito a ouvir e muito a falar.

No mês seguinte, em setembro, Alexa traria o seu companheiro para passar um fim de semana.

A bomba que Virgínia contara sobre Alexa havia pego Edmund desprevenido, e o deixara confuso, mas não chocado e sem a desaprovar. Sentia muito orgulho da filha, e reconhecia nela várias qualidades valiosas, mas nos últimos um ou dois anos ele desejara particularmente, mais de uma vez, que ela começasse a amadurecer e a realmente

se desembaraçar dele. com vinte e um anos, sua falta de sofisticação, a timidez excessiva e sua forma desgraciosa haviam-se tornado uma preocupação. Estava acostumado

com as mulheres elegantes e sociáveis (até a sua secretária era estonteante) e não se sentia bem com a própria impaciência e irritação em" relação a Alexa. Mas, agora, por si só, ela havia encontrado um parceiro, com boa aparência, na opinião de Virgínia.

Talvez o seu ponto de vista fosse muito resistente, mas nunca se vira com uma imagem paternal, estando mais voltado para o lado humano da situação do que para o moral.



Como sempre, quando se deparava com um problema, planejava seguir as próprias leis.

Agir positivamente, planejar negativamente, esperar nada- O pior que poderia acontecer seria Alexa se magoar. Para ela seria uma experiência nova e assustadora, porém, pelo menos sairia dela mais adulta e, provavelmente, mais forte.

Chegou a Strathcroy quando o relógio da torre da igreja soava as sete horas.

Pensava, com prazer antecipado, na chegada à casa. Os cães estariam todos lá, retirados

dos canis por Virginia, e Henry estaria tomando banho ou comendo na cozinha.

Sentaria com ele, enquanto estivesse se deliciando com o peixe ou hamburgers, ou qualquer

outro horror que tivesse escolhido para jantar. Ouviria o menino relatar tudo o que acontecera durante a semana. Enquanto isso tomaria um generoso gim tónica.

Lembrou-se de que estava sem a água tónica. Na despensa não havia mais nenhuma, e Edmund pretendera parar para comprar algumas garrafas antes de deixar Edimburg, mas esquecera. Por isso não entrou na ponte que levava a Balnaid, mas na aldeia, dirigindo-se para o supermercado dos paquistaneses.

Àquela hora todas as outras lojas já haviam cerrado as portas, mas eles pareciam não se incomodar com o horário. Bem depois das nove ainda vendiam leite, pão, pizzas

e comida congelada para qualquer um que os procurasse.

Saiu do carro e entrou na loja. Havia outros fregueses que se serviam diretamente das prateleiras, enchendo suas cestas sozinhos ou ajudados pelo Sr. Ishak, por isso foi a Sra. Ishak quem atendeu Edmund. Era uma mulher agradável, com olhos imensos pintados com kohl. Estava vestida com uma roupa de seda amarelo-manteiga e um xale amarelo-pálido drapeado em torno da cabeça e dos ombros.

- Boa-noite, Sr. Aird.

- Boa-noite, Sra. Ishak. Como está?

- Estou muito bem, obrigada. "

- Como está Kedejah?

- Assistindo à televisão. - Soube que ela passou uma tarde com Henry em Pennyburn.

- É verdade. Voltou para casa encharcada. Edmund riu. "

- Eles construíram diques. Espero que não se tenha zangado.

- Não. Ela se divertiu muito. . - Preciso de algumas garrafas de água tónica.



- Quantas gostaria?

- Duas dúzias.

- Se puder esperar, eu as apanharei no depósito.

- Obrigado.

Ela saiu. Edmund, com paciência, acomodou-se para esperá-la. Uma voz falou por trás dele:

- Sr.Aird.

Estava tão próxima, logo acima do seu ombro, que ele se assustou. Virou-se e deparou-se com o rosto da prima de Edie, Lottie Carstairs. Desde que viera morar com

Edie, ele a vira de relance uma ou duas vezes, zanzando pela aldeia, e cuidara para ficar afastado, evitando o encontro. Mas agora parecia que ela o encurralara e não havia como escapar.

- Boa-noite.

- Lembra-se de mim? - Ela falou quase com recato. Edmund não gostou de se ver tão próximo dela, com a pele pálida e descorada, e uma forte sugestão de um bigode sobre o lábio. O cabelo era da cor-e também da textura - da palha de aço, e sob as sobrancelhas largas e arqueadas seus olhos eram escuros como groselhas, e mexiam-se vigilantes. Fora isso, a aparência era razoavelmente normal. Usava saia e blusa, um longo cardigã verde, seguro por um broche faiscante e sapatos de saltos altos sobre os quais cambaleava enquanto entabulava a conversa com Edmund. Costumava estar com lady

Balmerino enquanto morava com Edie, como estou agora novamente. Eu o vi na aldeia, mas não tive a oportunidade de encontrá-lo para uma conversa...

Lottie Carstairs. Devia ter perto de sessenta anos agora, embora não tivesse mudado muito de aparência desde a época em que trabalhara em Croy quando gerava desconforto

e contrariedades em todas as pessoas na casa com seus passos silenciosos e o hábito de aparecer sempre quando era menos desejada ou esperada. Archie jurava que ela ouvia atrás das portas, e as abria de repente na expectativa de encontrá-la agachada, escutando. Edmund lembrava que, na parte da tarde, ela usava sempre um vestido

de lã marrom com um avental de musselina jogado sobre ele. O avental não fora ideia de lady Balmerino, mas de Lottie. Archie dizia que era porque ela queria parecer servil. O vestido marrom tinha manchas nas axilas, e a pior coisa de Lottie era o seu odor.

A família reclamara bastante, e Archie exigiu que sua mãe tomasse alguma providência para melhorar a situação. Ou despedir a mulher ou fazer alguma coisa que assegurasse

um pouco de limpeza pessoal. Mas a pobre Lady Balmerino, ocupada com o casamento de Archie, a casa cheia de hóspedes e uma festa planejada para Croy na noite do grande dia, não teve força suficiente para despedir a arrumadeira. E era também boa demais para olhar Lottie cara a cara e dizer-lhe que não cheirava bem.

Acuada, murmurou algumas desculpas.

Tenho que ter alguém para arrumar os quartos e fazer as camas.

- Nós mesmos as faremos.

- Coitada, ela tem somente um vestido. . "

- Pois então nós lhe compraremos um outro. -Talvez esteja nervosa.

- Não tanto que lhe impeça de tomar banho. Dê a ela um sabonete. -Acho que não fará muita diferença. Talvez... no Natal... eu lhe darei umpóanti-séptico.

Porém, nem mesmo esta tímida investida surtiu algum resultado, pois, logo após o

casamento, Lottie deixou cair a bandeja e quebrou a porcelana Rockingham, e Lady Balmerino foi finalmente compelida a despedi-la. No Natal Lottie se fora de Croy.

Agora, aprisionado na loja dos Ishak, Edmund perguntava-se se ela ainda cheirava mal. E nem queria descobrir. Tentando disfarçar, ele deu um ou dois passos para trás.

- Claro - disse, tentando soar o mais amigável possível. - Naturalmente que me lembro.

- Ah, aquela época em Croy. O ano em que Archie se casou com Isobel. Que época maravilhosa. Lembro-me de você vindo de Londres para o casamento e ficando por uma semana, ajudando Lady Balmerino em algumas coisas.

- Parece que foi há muito tempo.

- E foi.

-Todos eram tão jovens. E Lorde e Lady Balmerino tão bons e gentis. Croy está mudada agora, e não para melhor, ouvi dizer. Mas os tempos estão difíceis para todos.

Foi um dia triste o da morte de Lady Balmerino. Ela foi tão boa para mim. Era boa para os meus pais também. Meu pai e minha mãe morreram. Você sabia disso, não sabia?

Tenho querido falar com o senhor, mas não consegui encontrá-lo na aldeia. E vocês eram tão jovens. E Archie com as suas duas pernas boas... e levou um tiro na perna!

Nunca ouvi coisa mais ridícula...

Oh, Sra. Ishak, venha logo. Por favor, Sra. Ishak volte.

-... soube das novidades por Edie, naturalmente, estou preocupada com ela. Ela engordou muito, e isso pode não ser bom para o coração. E

vocês eram tão jovens. E Pandora! Voa por cima de tudo, como um fio.

Que maneira horrível a que ela se foi, não? É engraçado que ela nunca tenha voltado para casa. Sempre pensei que viesse para o Natal, mas ela não veio. E nem esteve nos funerais de Lady Balmerino. Não queria ter falado nisso, mas a minha opinião é que não foi uma atitude cristã. Mas ela sempre foi uma pessoinha que não merece confiança... em vários pontos... você ê e eu sabemos disso, não é?

Nesse momento irrompeu num acesso de riso maníaco e deu um tapa, 170

sonoro, mas indolor, no braço de Edmund. A reação imediata e instintiva dele foi devolver-lhe a agressão, um bom soco, direto sobre o comprido e inquiridor nariz.

Ele o imaginou amassado de encontro à face. E também as manchetes nos jornais locais: "Proprietário de Terras em Relkirkshire Atinge uma Senhora em Strathcroy no Supermercado da Aldeia." Apertou as mãos, cerrou os punhos e colocou-as dentro dos bolsos das calças.

-... e a sua esposa esteve em Londres? Que beleza! E o menininho ficou com a avó.

Eu o vi algumas vezes. Ele é meio doente, não é? Edmund pôde sentir o sangue ardendo

na face. Perguntou-se por quanto tempo mais conseguiria se controlar. Não se lembrava de alguma outra pessoa que tivesse conseguido deixá-lo tão confuso pela raiva

impotente. -... pequeno para a sua idade, eu diria... não muito forte...

- Sinto muito, Sr. Aird, tê-lo feito esperar tanto. - Foi a voz macia da Sra. Ishak que finalmente conteve o fluxo da malícia estúpida de Lottie. A Sra.

Ishak, graças a Deus, tinha vindo salvá-lo com a embalagem de água tónica diante dela, como uma oferenda votiva.

- Oh, muito obrigado, Sra. Ishak. - E sem demora ofereceu-se. Deixe-me segurar a embalagem. - Queria aliviá-la da carga pesada. Gostaria que colocasse na minha conta.

- Poderia pagar com dinheiro, mas não queria ficar nem mais um minuto.

- Eu colocarei, Sr. Aird.

- Obrigado. -Já estava com a embalagem segura em seus braços. Virou-se para escapulir de Lottie.

Mas essa já não estava mais ali. De maneira abrupta e desconcertante, simplesmente desaparecera.

171

Terça-feira, 30

- Essa sua tia sempre viveu em Maiorca?

-Não. Veio para cá somente nos dois últimos anos. Antes disso vivia em Paris, e antes em Nova York, e antes ainda na Califórnia - respondeu Lucilla.

- Uma pessoa que não cria raízes.

- É, acho que podemos chamá-la assim, exceto pelo fato de ter acumulado muito musgo.

Jeff riu.

- Como ela é?

-Não sei porque nunca a vi. Quando nasci, ela já se fora e se casara com um americano imensamente saudável e vivia em Palm Springs. Parecia-me ser a mulher mais

charmosa do mundo. Tão travessa e sofisticada como um personagem das peças dos anos 30, com os homens caindo por ela como peças de boliche, sempre descaradamente insultante. Fugiu de casa com o namorado quando tinha dezoito anos. Um ato de coragem. Eu não teria tido. E era muito bonita.

-Ainda é?

- Não vejo por que não. Afinal, tem só uns quarenta e poucos anos, e ainda não começou a descer a montanha. Temos um retrato dela na sala m Croy. Foi pintado quando

estava com quatorze anos e já era deslumbrante. E também fotografias espalhadas, em molduras ou em álbuns que

meu avô gostava de montar com instantâneos. Eu gostava das tardes de chUva porque ficava folheando os álbuns antigos. E quando as pessoas começaram a falarem dela, mesmo os que não aprovaram a sua atitude, achando-a sem consideração com os pais, terminavam lembrando-se de alguma história engraçada sobre Pandora, e todos riam muito.

- Ela ficou surpresa de ouvi-la ao telefone?

- Ficou, mas não pareceu aborrecida. Pude perceber. No princípio custou a acreditar que era eu, mas depois disse "Claro que sim, venha. Logo 172

que lhe for possível. E fique por quanto tempo quiser." Deu-me as indicações de como chegar e desligou. - Lucilla sorriu. - Portanto, seremos bem recebidos por, pelo menos, uma semana.

Haviam alugado um carro, um pequeno Seat, o mais barato que conseguiram, e estavam atravessando a ilha, dirigindo na zona rural bem plana, intensamente cultivada, salpicada de lentos moinhos de vento. Estavam no meio da tarde, e a estrada estendia-se diante deles tremeluzente de calor. À esquerda, distante e nebulosa, uma

cadeia de montanhas impassíveis. Do outro lado, não muito visível, o mar. Em busca de algum ar, tinham aberto todas as janelas do carro, mas o vento queimava, muito seco e cheio de pó. Jeff dirigia, e Lucilla estava no banco

ao lado dele, segurando o pedaço de papel onde anotara as indicações que Pandora lhe dera ao telefone.

Ela havia ligado de Palma, tendo chegado pela manhã com Jeff num barco vindo de Ibiza. Haviam passado lá uma semana, na casa do amigo de Jeff, Hans Bergdorf. Ele era pintor e fora um pouco difícil descobrir a casa dele, no alto da cidade velha, dentro das paredes antigas da cidade fortificada. Finalmente a encontraram, e ela era muito pitoresca. Caiada, com paredes muito grossas, e mais primitiva do que se mostrava. A vista do balcão de pedras salientes englobava todo o panorama da cidade velha, da cidade nova, a baía e o mar, mas mesmo esta beleza não fazia frente ao fato de que toda a comida era preparada num pequeno fogão a gás, e a única

água corrente vinha de uma torneira fria. Consequentemente, tanto Lucilla quanto Jeff, estavam sujos, para não dizer fedorentos, e o assento traseiro estava repleto de roupas mal cheirosas, sujas e suadas. Lucilla, que não era uma pessoa de perder tempo preocupando-se com a aparência, começara a desejar lavar os cabelos, e Jeff, em desespero, deixara a barba crescer. Era loura, como o seu cabelo, porém irregular e desigual, o que lhe dava a aparência mais de um mendigo do que de um

víking.

Na verdade, os dois formavam uma dupla nada respeitável, e ficaram surpresos quando o homem da loja concordara em lhes alugar o Seat. Lucilla notou nele um ar de suspeita, mas Jeff mostrara um maço de pesetas e, com o dinheiro vivo na mão, ele não pôde recusar.

- Espero que Pandora tenha uma máquina de lavar roupa-Lucilla comentou.

- Eu prefiro uma piscina.

- Você não conseguirá lavar a roupa nela. - Quer apostar?

Lucilla olhou para fora pela janela do carro. Observou que as montanhas tinham ficado mais próximas, e a terra, mais luxuriante. Havia pinheiros, e o odor de resina

entrava pelas janelas junto com a poeira.

Tinham atravessado um cruzamento com outra estrada principal. Esperaram para entrar. Na estrada havia uma tabuleta: Puerto del Fuego.

- Bem, estamos na estrada certa. E agora?

- Entramos na estrada de Puerto del Fuego e teremos que virar à esquerda daqui a mais ou menos uma milha. É uma estrada pequena e está assinalada como Cala San Torre.

O trânsito diminuiu. Aproveitando a oportunidade, Jeff aproximou-se do cruzamento cuidadosamente:

- Se nos depararmos com o porto estaremos perto.

- Isso mesmo.

Ela podia sentir o cheiro do mar. Surgiram casas, um novo bloco de apartamentos, uma garagem. Passaram por estábulos com aparência duvidosa, onde cavalos tristes e esquálidos tentavam pastar.

- Oh, pobres criaturas - lamentou a compassiva Lucilla, mas Jeff olhava só para a estrada à frente.

- Veja a tabuleta. É a Cala San Torre.

- Ótimo.

Saíram da estrada de pista dupla, banhada pelo sol, e de repente viram-se numa zona rural verdejante, totalmente diferente da terra exposta e plana na qual viajaram.

Pinheiros em forma de guarda-chuva lançavam sombras na estrada, salpicados de manchas de sol, e de fazendas em ruínas vinha o cacarejar feliz, das galinhas e o balido

das cabras.

- De repente ficou bonito - observou Lucilla. - Oh, veja aquele burrinho.

- Mantenha os olhos no mapa. O que virá agora? Obedientemente Lucilla consultou as suas anotações.

- Bem, agora deveremos ter uma curva fechada para a direita e depois subiremos uma colina até a última casa no topo.

Viram a curva. Jeff diminuiu a marcha e entrou. O Seat, chiando como se a qualquer momento fosse ferver como uma chaleira, agarrou-se dolorosamente ao chão íngreme e sinuoso. Surgiram outras casas, grandes villas pouco visíveis por trás dos portões fechados e de jardins em botões.

-Isso-disse Lucilla-é o que os corretores chamam de vizinhança muito desejada.

-Você quer dizer esnobe.

- Não, acho que significa rica.

-Também acho. Sua tia deve ter muitos recursos.

- Ela se divorciou na Califórnia. - O seu tom de voz avisava que não havia muito mais a ser comentado.

Mais três quilómetros, uma ou duas curvas bem fechadas, e eles chegaram ao destino.

Casa Rosa. O nome, escrito em azulejos decorados, estava no alto de uma parede de pedra claramente visível a despeito de



um manto de mesembriântemos cor-de-rosa em flor. Os portões estavam abertos. Um caminho muito bem demarcado subia até a garagem. Nela havia um carro estacionado, e um outro carro - um invejável Bentley prateado- estava parado debaixo de uma oliveira retorcida. Jeff desligou o motor. Tudo era silêncio. Então Lucilla ouviu água

pingando, como de uma fonte, e o clangor distante dos sinos dos carneiros. As montanhas agora estavam bem próximas, com os cumes alvos e improdutivos, e nas primeiras

subidas eram prateadas pelos bosques de oliveiras.

Saíram lentamente do carro, esticando as pernas suadas. Havia uma brisa vinda do mar naquelas alturas, fria e refrescante. Lucilla, olhando à sua volta, viu que a Casa Rosa ficava numa encosta íngreme e rochosa acima deles. À frente da entrada principal havia um lance de degraus. A parte vertical deles era de azulejos azuis e brancos, e potes de gerânio guardavam ambos os lados. Tudo estava enlaçado por uma torrente de bunganvílias púrpuras. Cresciam hibiscos e dentelárias, e uma massa de ipoméias azul-celeste. O ar estava perfumado pelas flores, misturado com o odor úmido da terra recém-molhada.

Era tão surpreendente, tão diferente de tudo o que haviam visto anteriormente que, por um momento, nenhum dos dois pôde pensar em falar alguma coisa. Então, Lucilla murmurou:

- Não podia imaginar que fosse assim!

- Bem, uma coisa é certa. Não poderemos ficar aqui o dia todo.

- Não. - Ele estava certo. Lucilla virou-se para subir o primeiro degrau, mas antes que chegasse a ele, o silêncio foi rompido pelo som de saltos de sapatos ao longo do terraço acima deles.

-Meus queridos! - Uma figura surgiu no alto da escada, os braços abertos num gesto de boas-vindas. - Ouvi o carro. Vocês chegaram. Não se perderam no caminho. São espertos. É ótimo vê-los.

A primeira impressão que Lucilla teve de Pandora foi de uma leveza insubstancial.

Parecia etérea, como se a qualquer momento fosse voar. Abraçá-la era como envolver um pequeno pássaro. Não poderia ser estreitada mais forte, pois

poderia partir em duas. O cabelo era castanho, preso no alto e caindo em cachos cheios até os ombros.

Lucilla supôs que Pandora usava esse penteado desde a idade de dezoito anos, sem se preocupar em mudar o estilo. Seus olhos eram cinza-escuros, sombreados por cílios pretos. A boca era carnuda, doce, cheia de curvas. Na face direita, bem acima do canto do lábio superior, havia um ponto redondo e escuro, sensual demais para ser chamado de verruga. Vestia pantalonas frouxas



cOr-de-rosa brilhante como os hibiscos, e usava correntes douradas em torno do pescoço e laços de ouro nos lóbulos das orelhas. O perfume... Lucilla conhecia.

Poison.

Tentara usá-lo, mas não conseguira decidir-se se o adorava ou o detestava. Em Pandora não sabia como classificá-lo.

- Eu adivinharia que você era Lucilla mesmo que ninguém me dissesse. Parece demais com Archie... - Parecia que ela não notara a aparência mal cheirosa, os shorts suados e a T-shirt suja. E, se o fez, não deu sinais de desagrado.-E você deve ser o Jeff... - Estendeu a mão, as unhas pintadas de rosa.-Muito prazer que você tenha vindo com Lucilla.

Ele a pegou na sua manopla, parecendo envolvido pela acolhida e pelo sorriso dela.

Disse:

-Muito prazer em conhecê-la. De imediato ela sentiu o sotaque.

- Você é australiano! Que maravilha! Acho que nunca tive um australiano hospedado aqui. Foi uma viagem difícil?

- Não, não muito. Só o calor. -Vocês devem estar precisando de um drinque...

- Podemos tirar a nossa bagagem do carro...

-Façam isso depois. Primeiro o drinque. Venham, tenho um amigo que gostaria que conhecessem.

O coração de Lucilla deu uma parada. O problema não era Pandora, mas, com certeza, eles não estavam em trajes para serem apresentados a mais ninguém.

- Pandora, estamos tremendamente sujos...

- Oh, queridos, isso não importa. Ele não reparará...-Ela se virou para mostrar o caminho, sem deixar outra alternativa que não a de segui-la ao longo de um comprido terraço frondoso e arejado, com móveis de cana-da-índia brancos e almofadas manteiga, e grandes jarros de porcelana azul-e-branca plantados com palmeiras. -Ele

não

poderá demorar muito e quero que o conheçam...

Viraram num dos cantos da casa e, seguindo os passos de Pandora, entraram cegos pelo sol. Lucilla pensou nos seus óculos escuros que deixara no carro. Ofuscada, vislumbrou um terraço amplo, aberto, encoberto por trepadeiras em tiras e com chão de mármore. Degraus estreitos levavam a um jardim espaçoso, repleto de árvores e arbustos em flor. Os caminhos na grama eram marcados por pedras e circundavam a piscina, verde e espelhada como um vidro. A visão fez Lucilla sentir-se refrescada.

Uma bóia flutuava, vagando na correnteza formada pelos filtros.

Na extremidade do jardim, meio-encoberta pelos hibiscos, viu uma Outra casa, pequena, com um pavimento, o terraço virado sobre a piscina.



Era encoberto por um pinheiro, e por trás da cumeeira do telhado não havia mais nada além do céu azul e abrasador.

- Aqui estão, Carlos, são e salvos. As minhas indicações não foram tão confusas quanto temíamos.-No alto da escada, à sombra de um toldo havia uma mesa baixa.

Nela,

uma bandeja com copos e uma jarra alta. Um cinzeiro, óculos escuros e um livro.

Mais cadeiras de cana-da-índia, com almofadas amarelas, e, quando se aproximaram, um homem levantou-se de uma delas e esperou, sorrindo, para ser apresentado. Alto, tinha olhos escuros e era muito atraente.

- Lucilla querida, este é meu amigo Carlos Macaya. Carlos, esta é Lucilla Blair, minha sobrinha. E Jeff...?

- Howland - completou Jeff.

- Ele é australiano. Não é interessante? Bem, vamos nos sentar e tomar uma bebida.

Tenho chá gelado, mas posso pedir a Serafina que traga algo mais forte, se preferirem.

Talvez uma coca-cola? Ou vinho?-Começou a rir.-Ou champanha? Que boa ideia! Talvez seja cedo. Vamos esperar um pouco mais.

Disseram que chá gelado seria ótimo. Carlos trouxe uma cadeira para Lucilla e sentou-se ao seu lado. Jeff, que apreciava o sol como um lagarto, encaminhou-se para

a ponta do terraço, e Pandora seguiu-o, equilibrando-se sobre as sandálias de salto alto, uma das quais pendia aberta.

Carlos Macaya colocou o chá num dos copos e deu-o a Lucilla.

-Vieram de Ibiza?

- Sim, esta manhã, de barco.

- Há quanto tempo estavam lá? - Seu inglês era perfeito.

- Há uma semana. Ficamos com um amigo de Jeff. Era uma casinha adorável, mas muito primitiva. Por isso estamos tão imundos. Sinto muito.

Ele não fez comentários, simplesmente sorriu de maneira compreensiva. - E antes de Ibiza?

-Estivemos em Paris. Foi onde encontrei Jeff. Pretendia ser pintora, mas havia tanta coisa a ser vista, tanto a ser feito.

- Paris é uma cidade maravilhosa. É a sua primeira visita?

- Não, já estive uma vez. Fui para aprender francês.

- E como vieram de Paris para Ibiza?

-Primeiro pensamos em pedir carona, mas depois decidimos vir de ônibus. Fizemos a viagem em etapas, ficando nas estalagens e parando para conhecer um pouco cada lugar. Catedrais e o vinho da região - esse tipo de coisa.

- Vocês não perderam tempo. - Ele olhou para Pandora, tagarelando com Jeff, que a observava atentamente como se ela fosse uma espécie selvagem e rara que ele nunca tinha visto antes. - Pandora me disse que esta é a primeira vez que vocês se encontram.

- Lucilla hesitou. Esse homem provavelmente era o atual namorado de Pandora, o que significava que não era nem o local e nem o momento para falar sobre a fuga de Pandora e no seu estilo de vida.-Ela esteve sempre longe.

Quero dizer, no estrangeiro.

-É? A sua casa fica na Escócia?

Sim. Em Relkirkshire. Onde meus pais moram.-Fez uma pequena pausa. Deu um gole no chá gelado. -Já esteve na Escócia?

-Não. Estudei alguns anos em Oxford (isso explicava o seu inglês), mas nunca fui à Escócia.

- Sempre esperamos que Pandora voltasse para nos ver, mas ela nunca se animou.

-Talvez não goste da chuva e do frio.

- Não chove e faz frio o tempo todo. Só parte do ano. Ele riu.

-Mas é muito bom que esteja aqui para fazer companhia a ela. Bem...

- Puxou para trás o punho da camisa de seda e olhou o relógio. Era um relógio bonito e incomum, com os números substituídos por flâmulas de navegação e a pulseira

de ouro. Lucilla cogitou se seria um presente de Pandora. Talvez as flâmulas dissessem eu te amo em código naval -... tenho que ir agora. Espero que me desculpe,

mas tenho um trabalho a fazer...

- Naturalmente... Levantou-se novamente.

- Pandora, devo ir agora.

-Oh, querido, que pena.-Ela atou a sandália e desceu do balaústre. -Pelo menos conheceu os meus convidados. Vamos levá-lo até a porta.

- Não se incomodem.

- Eles têm que pegar a bagagem. Querem trocar de roupa e cair na piscina. Venham...

- Ela deu o braço a ele.

Foram todos até o carro estacionado à sombra da oliveira. Carlos beijou a mão de Pandora, despediram-se, e ele entrou no BMW.

Deu a partida e Pandora se afastou. Mas antes de partir, chamou:

- Pandora?

- Sim, Carlos. -Você me procurará se mudar de ideia?

Ela não respondeu logo, mas depois balançou a cabeça.

- Eu não mudarei de ideia.

Resignadamente, ele encolheu os ombros, como se tivesse aceito a decisão dela.

Manobrou o carro e saiu, atravessando o portão, descendo a colina, saindo da visão deles. Ficaram ali até não ouvirem mais o som do automóvel, somente o pingar da fonte não divisada, o tinir dos ferros.

Você me procurará se mudar de ideia.

178

O que seria que Carlos havia pedido a Pandora? Por um momento Lucilla fantasiou que ele lhe propusera casamento, mas imediatamente afastou o pensamento. Era muito prosaico para um par tão sofisticado e fascinante. O mais provável seria que ele a tivesse convidado para alguma viagem romântica, às ilhas Seychelles ou às praias bordadas de palmeiras do Taiti. Ou talvez simplesmente um convite para jantar e ela não aceitara.

Porém, Pandora não deu nenhum esclarecimento. Carlos se fora e ela voltou-se para o lado prático, batendo uma mão contra a outra. - Então mãos à obra. Onde está a bagagem? Só isso? Malas grandes, caixas de chapéu? Levo muito mais do que isso se vou passar fora somente uma noite. Venham...

Começou a subir novamente a escada em passadas grandes, e eles a seguiram, Lucilla com a bolsa de couro e Jeff carregando as duas sacolas bojudas.

-Eu os levarei para a casa de hóspedes. Por favor, fiquem à vontade e sintam-se completamente independentes. Não costumo ser muito cordial de

manhã cedo, portanto, vocês providenciarão o café. Na geladeira encontrarão tudo de que precisam, e o café e a louça estão no guarda-louça.

- Tinham chegado de novo no terraço. - Está bem assim?

- Está ótimo.

- Poderemos jantar às nove horas. Algo frio, porque não gosto de cozinhar e Serafina, a empregada, volta para casa todas as tardes. Ela sempre nos deixará uma comida

pronta. Estejam prontos às oito e meia para tomarmos um drinque. Agora tirarei um cochilo para deixá-los bem à vontade para fazer tudo que quiserem. Mais tarde, antes do jantar, descerei para nadar.

A perspectiva de Pandora trajada em roupas melhores do que pantalonas de seda amarela fê-los pensar nas roupas que haviam trazido.

- Pandora, não temos roupas para trocar. Está quase tudo já usado. Jeff tem uma camisa limpa, que não está passada.

- Vocês querem alguma coisa emprestada?

- Uma T-shirt limpa?

- Desculpem-me, mas não me lembrei desse detalhe. Por favor" esperem.

Eles esperaram. Ela desapareceu entre as portas de vidros deslisantes para o que deveria ser o seu quarto e retornou quase que imediatament com uma blusa de seda azul estampada.

-Tome, é um tanto vulgar, mas bonita. Se quiser, fique com ela para você. Eu nunca a usei. - Ela a atirou e Lucilla a pegou. - Agora, vão e acomodem-se no ninho.

Se quiserem alguma coisa, usem o telefone da casa e Serafina tomará as providências. -Jogou um beijo. - EU os verei às oito e meia.

Ela se foi, deixando-os a sós. Lucilla ainda hesitava, saboreando o que faria em seguida.

jeff, mal posso acreditar. Uma casa inteira para nós.

Então, o que estamos esperando? Se eu não chegar naquela piscina em dois minutos..

Lucilla foi na frente, descendo a escada e atravessando o jardim. A pequena casa os esperava. Atravessaram o terraço e abriram a porta que dava para uma sala. As cortinas estavam corridas e Lucilla afastou-as. A claridade entrou e ela viu um pequeno pátio do outro lado, um pedaço protegido do jardim.

-Temos até um lugar particular para tomar um banho de sol.

Havia uma churrasqueira e alguns pedaços de lenha. Algumas cadeiras confortáveis, uma bandeja com bebidas e copos, um porta-revistas bem suprido e uma prateleira com livros. Ao abrir outras portas, descobriram dois quartos duplos e um banheiro de proporções enormes.

- Acho que este é o melhor quarto. É o maior. -Jeff descarregou as sacolas no chão de cerâmica e Lucilla afastou as outras cortinas. Podemos ver o mar daqui. Um pedaço pequeno, só um triângulo. Ela abriu as portas do armário e encontrou uma fileira de cabides revestidos, rescendendo a lavanda. Pendurou a blusa emprestada num deles, onde ficou solitária.

Jeff já tinha tirado as calças e agora se ocupava com a T-shirt. -Você pode se deliciar com a casa pelo tempo que desejar. Eu vou para a piscina. Você virá?

- Daqui a um minuto.

Ele saiu. Um instante depois Lucilla ouviu o baque na água e imaginou o contato macio do corpo com a água fria. Iria mais tarde. Agora continuaria com a investigação.

À sua inspeção detalhada, a casa de hóspedes de Pandora mostrara-se Perfeitamente completa, e Lucilla admirou o planejamento meticuloso.

Alguém... e quem poderia ser, senão Pandora?... tinha pensado em tudo que um visitante pudesse querer ou precisar, de flores frescas a livros atuais, cobertores extras para as noites mais frias e sacos de água quente para uma eventual dor de barriga. No banheiro havia um sortimento de sabonetes, perfumes, xampus, loções após a barba, hidratantes e óleo para banho.

avia um jogo de toalhas de banho brancas e espessas e, pendurados atrás da Porta, um par de roupões atoalhados brancos como neve, macios.

Deixando para trás todo aquele luxo, atravessou a sala de estar e saiu em busca da cozinha. Encontrou-a reluzindo de limpeza, com armários de madeira escura onde havia louça em estilo espanhol, panelas reluzentes, e uma bateria completa de cozinha. Se o hóspede desejasse -

poderia providenciar um jantar para dez convivas. Havia um 180

forno elétrico e um outro a gás, uma máquina de lavar louças e uma geladeira.

Abriu-a e encontrou o necessário para um café da manhã farto - duas garrafas de água

Perrier e uma champanha. Viu uma segunda porta, Abriu-a e... maravilha das maravilhas... era uma lavanderia, com uma máquina de lavar roupa, uma secadora, uma tábua

de passar e um ferro. A visão daqueles aparelhos domésticos causou-lhe mais satisfação do que todos os outros luxos juntos. Afinal, eles poderiam lavar a roupa e

ficar limpos.

Começou a trabalhar sem perda de tempo. Voltou ao banheiro, tirou as roupas, enrolou-se num dos roupões felpudos e abriu uma das mochilas para retirar a roupa suja,

jogando-as no chão do quarto. Bem em cima estava a sua bolsa de artigos pessoais, a escova e o pente, o bloco de apontamentos, um ou dois livros e o envelope que recebera do pai com o cheque, a carta e o convite para a festa de Verona Steynton.

Tirou tudo do envelope e arrumou o conteúdo sobre a penteadeira vazia. Havia dobras nas pontas, mas ela decidiu que aquilo emprestava uma nota pessoal ao quarto, como se, com o seu nome, Lucilla o declarasse território seu.

Lucilla Blair

Sra. Angus Steynton

Em sua Residência

Para festejar Katy

Por que parecia tão ridículo? Ela riu. Outro modo de vida, outro mundo. Reuniu meias, shorts, jeans, calças e camisetas sujas, e rumou para a lavanderia. Sem se preocupar em separar as roupas (sua mãe teria um ataque se visse as meias vermelhas junto com as camisas brancas, mas não estava ali para falar), Lucilla levantou a tampa da máquina de lavar, colocou um pouco de detergente, fechou a porta e ligou-a. A água esguinchou e começou a bater. Ela se afastou para olhar, sentindo-se

feliz, como se fosse um programa de televisão há muito esperado.

Chutou o resto da roupa suja para um canto, voltou ao quarto para botar um biquini e saiu para unir-se a Jeff na piscina.

Nadou por algum tempo. Jeff saiu da água para secar-se ao sol- E deu mais duas voltas na piscina e viu que ele entrara na casa. Saiu da águ e espremeu os cabelos longos e escuros para retirar o excesso de água- Foi para o quarto. Achou-o estirado numa das camas. Parecia adormecido. ela não queria que ele dormisse.

Chamou-o

e, tomando um pequeno impulso, atirou-se sobre ele.

-Jeff?

-Ahh?

- Ela é linda.

- Quem?

-Pandora, naturalmente.-Ele não respondeu de imediato. Estava sonolento, quase dormindo, e não desejava conversar. Esticou o braço e descansou-o sobre a cabeça de Lucilla. A pele cheirava a cloro e a piscina.

- Você não acha que ela é bonita?

- É muito sexy.

- Você a acha muito sexy?

- Sim, mas é muito velha para mim.

- Ela não parece ter muita idade.

- E também um pouco magra demais.

- Você não gosta de mulheres magras?

- Não. Gosto das que têm seios grandes e bumbuns gordos. Lucilla, que tinha herdado o corpo do pai e era alta e magra, quase

sem seios, deu um soco com o punho fechado em Jeff. -Você não gosta. Ele riu.

- O que você quer que eu diga?

- Você sabe muito bem.

Ele puxou-lhe o rosto e deu-lhe um beijo sonoro.

- Estou perdoado?

-Acho que deve fazer a barba.

- Para quê?

- Porque o meu rosto ficará vermelho como se tivesse sido lixado.

- Então terei que parar de beijar você. Ou então beijá-la em outros locais que não ficarão à mostra.

Ficaram em silêncio. O sol estava deixando o céu, e logo, quase que de repente, seria noite. Lucilla pensou nos verões da Escócia, quando o sol não se punha antes da meia-noite. Comentou:

- Você acha que eles são amantes? Acha que eles têm um caso?

- Quem?

- Pandora e Carlos Macaya.

- Não sei.

- Ele é muito atraente.

- É mesmo.

- Acho que é gentil. Carinhoso. Tem uma conversa agradável.

- Gostei do carro dele.



-Você só pensa em carros. Para que será que ele a convidou?

- Para vir novamente?

- Ele disse: "Você me procurará se mudar de ideia?" - E ela respondeu: "Eu não mudarei de ideia." Ele pediu alguma coisa a ela. Deve querer que ela

faça alguma coisa

com ele.

- bom, seja o que for, ela não me pareceu preocupada com isso. Porém, Lucilla não ficou satisfeita.

- Creio que é algo muito significativo. Um momento muito importante na vida de ambos.

- Você tem uma imaginação fértil. É mais provável que quisesse marcar um jogo de ténis.

- Talvez. - Mas Lucilla não ficou convencida. Suspirou. O suspiro transformou-se num bocejo. - Talvez.

Às oito e meia eles estavam prontos para ir ao encontro de Pandora, e Lucilla, apesar da sua ansiedade, achou que eles não estavam com uma aparência tão má. Ambos haviam tomado banho, esfregado bem a pele, e agora rescendiam a xampu. Jeff aparara a barba com uma tesoura de ponta rombuda, e Lucilla passara a sua única camisa limpa, e salvara da pilha de roupa no chão da lavanderia uma calça jeans.

Quanto a ela, lavara e secara o longo cabelo escuro, colocara calças pretas e a blusa emprestada. O peso da seda era deliciosamente frio contra a pele desnuda, e a estamparia de moedas, vista no espelho através de seus olhos semicerrados, não era tão espalhafatosa quanto pensara antes. Talvez tivesse alguma ligação com o ambiente que não conhecia bem. Talvez o luxo da decoração ajudasse a absorver as pequenas vulgaridades. Era uma ideia interessante, e ela gostaria de se alongar sobre o assunto, mas agora não havia tempo.

- Venha - Jeff a chamou. - Estamos na hora. Preciso de um drinque.

Ele abriu a porta e se afastou, dando passagem para ela, que primeiro certificou-se de que todas as luzes estavam apagadas na pequena casa de hóspedes. Tinha certeza de que Pandora não se incomodaria se elas ficassem acesas, mas, tendo sido criada por uma mãe escocesa e económica, aqueles

pequenos detalhes de economia doméstica tinham ficado gravados em Lucilla, como se o seu subconsciente fosse um computador programado. Achava aquilo estranho, porque outras observações posteriores tinham deixado poucas impressões, como a água nas penas de um pato. Mais um assunto interessante a ser explorado em outra ocasião.

183

Ao ar livre, a noite era azul-marinho, o céu estrelado, macio e suave como veludo.

O jardim estava perfumado e os lampiões iluminavam o caminho de pedras. Lucilla ouviu o chiado incessante das cigarras, e distinguia-se uma melodia vinda da casa de Pandora.

Rachmaninoff. O Segundo Concerto-para Piano. Banal, talvez, mas perfeito para uma noite no Mediterrâneo. Pandora montara o cenário e agora os aguardava no terraço, reclinada numa cadeira com um copo de vinho numa mesa ao lado.

- Chegaram - disse quando os dois se aproximaram. -Já abri o champanha. Não consegui esperar mais.

Subiram os degraus até o ponto de luz que iluminava a anfitriã. Vestia uma roupa preta feita de um tecido fino e usava sandálias douradas. A fragrância do Poison

estava ainda mais forte do que o perfume do jardim.

- Ambos estão tão bem! Não sei por que a grande preocupação. Lucilla, a blusa parece divina em você, fique com ela. Escolham uma cadeira e fiquem à vontade. Oh, esqueci-me dos copos. Lucilla, por favor, vá até a sala e traga alguns. O bar fica atrás da porta. Lá você encontrará tudo. Há uma outra garrafa de champanha na geladeira, mas só a abriremos depois que terminarmos esta. Jeff, venha sentar-se aqui ao meu lado. Quero que me conte tudo o que vocês têm feito...

Lucilla afastou-se obedientemente à procura dos copos de vinho, entrando pelas portas ornadas com cortinas. O bar ficava bem próximo, não mais do que um grande armário guarnecido com tudo que um ser humano poderia precisar para fazer um drinque. Ela tirou dois copos da prateleira, mas não voltou de imediato ao terraço. Era a primeira vez que estava dentro da casa de Pandora. Encontrava-se numa sala tão grande e espetacular que a princípio sentiu-se meio perdida. Tudo era refrescante e claro, salpicado aqui e ali com cores mais fortes e brilhantes. Almofadas azul-celeste e turquesas, lírios cor de coral num vaso quadrado de cristal.

Nichos, habilmente iluminados, mostravam uma coleção de figuras de Dresden e pinturas esmaltadas de Battersea. Sobre uma pequena mesa de tampo espelhado havia livros e revistas empilhados, mais flores, uma cafeteira de prata. Havia uma lareira aberta ornada com cerâmica azul e branca, e por cima dela um quadro de flores com moldura de espelho. Na outra extremidade da sala estava a mesa de jantar - novamente vidro -

arrumada para o jantar com velas e cristais, e mais flores, e para os olhos confusos de Lucilla, parecia mais um palco do que uma sala para ser normalmente usada. Mas constatou que havia alguns toques da vida diária

- Um bloco de anotações virado sobre o sofá, uma tapeçaria deixada à mão para um momento livre. E fotografias. Archie e Isobel no dia do casamento deles. Os avós de Lucilla, belos em suas roupas antigas, em pé em frente a Croy, com os cães à volta.



Lucilla considerou aquelas evidências de nostalgia muito tocantes. Por alguma razão, ela não as esperava, não imaginando talvez que Pandora fosse capaz de algum sentimentalismo. Agora a via levando-as consigo para todos os lugares onde fosse, em suas andanças com os amantes e na sua turbulenta vida nómade. Viu-a desempacotando

as fotos da bolsa em casas na Califórnia, quartos de hotel, apartamentos em Nova York e Paris. E agora, Maiorca. Trazendo a marca do passado e a sua identidade para mais uma residência temporária.

(Parecia não haver fotos dos homens que eram os donos dos apartamentos e que tinham ocupado uma parte da vida de Pandora. Talvez ela as guardasse no quarto.) Uma brisa cálida entrou pelas janelas abertas, e o Rachmaninoff surgiu de algum estéreo não aparente, oculto por uma gelosia dourada. O solo de piano soltava as notas destacadas, puras como gotas de chuva. Do terraço vinha o murmúrio de uma conversa agradável. Pandora e Jeff pareciam em paz e sem pressa.

Havia outras fotografias no aparador da lareira, e Lucilla atravessou a sala para observá-las mais de perto. A idosa Lady Balmerino, resplandecente sob um chapéu de plumas, aparentemente abrindo o festival da aldeia. Um instantâneo de Archie e Edmund Aird, os dois ainda jovens, sentados num barco à beira do lago, com suas varas de pescar e os cestos pousados nos bancos. Finalmente, um retrato, feito por um profissional, dela e de Hamish, Lucilla num vestido de cambraia pregueada .e Hamish um bebé rechonchudo sentado em seus joelhos. Archie deve ter mandado a foto junto com uma de suas cartas, e Pandora a colocara numa moldura de prata para ocupar um lugar de honra. Dobrado junto à moldura, um convite cujo formato tornou-se instantaneamente familiar.

Pandora Blair

Sra. Angus Steynton

Em sua Residência

Para festejar Katy

O primeiro pensamento de Lucilla foi: que bom. E, depois: que ridículo. Perda do

convite, perda do selo, porque não havia a mais remota possibilidade de Pandora aceitar. Ela partira de Croy aos dezoito anos " nunca mais voltara. Resistira a todos os pedidos, primeiro dos pais, depois do irmão, e ficara resolutamente afastada.

Era pouco provável que

steynton, entre todos, conseguisse o que a própria família de Pandora tentara esses anos todos.

- Lucilla!

- Estou indo...

- O que houve?

Lucilla, pegando os copos de vinho, levou-os para o terraço.

- Desculpem-me. Estava entretida naquela bela sala. E ouvindo a música...

- Querida, você gosta de Rachmaninoff? É um dos meus favoritos. Sei que está entre os mais conceituados, mas parece que tenho uma tendência pelo que é vulgar.

- Eu também sou assim - Lucilla admitiu. - Músicas como "Oh, Lovely Moon" e

"Barcarolle" deixam-me enlevada. E algumas dos Beatles também. Tenho-as todas em Croy.

E, quando estou realmente na fossa, ouço uma fita do Fiddlers Rally em Oban; quando a coloco para ouvir, sinto o meu astral visivelmente subindo, como o mercúrio no termómetro quando estamos com febre. Todos aqueles homens e meninos vestindo em mangas de camisa, e uma sucessão de jigse reels, como se não soubessem como parar e nem quisessem parar. Geralmente termino dançando sozinha, girando pelo quarto como uma idiota.

- Nunca a vi assim -Jeff comentou.

- Bem, talvez se você ficar tempo suficiente, provavelmente verá. Falando sério, Pandora, esta é a casa mais maravilhosa em que já estive. E a casa de hóspedes é perfeita.

- É uma doçura, não é? Foi uma sorte consegui-la. As pessoas que moravam aqui tiveram que voltar para a Inglaterra. Eu procurava um lugar para ficar e pareceu-me que ela me esperava. Jeff, você deveria nos servir mais champanha...

- E a mobília? Toda ela é sua? Pandora riu.

-Oh, querida, não é realmente uma bela mobília, só pequenas peças que recolhi em minhas viagens e trouxe para cá. A maior parte estava na Casa, mas mudei quase tudo.

Os sofás eram de um azul horrível, e o tapete, Dançado. Livrei-me logo dele.

Consegui Serafina junto com a casa também, e ela trouxe o marido para cuidar do jardim.

Sinto falta de um cachorrinho, mas em Maiorca eles muitas vezes são baleados, ou pegam carrapatos, ou

são roubados, ou fogem. Por isso não insisti nesse assunto.

Os copos estavam cheios de champanha. Pandora pegou o seu.

- Um brinde a ambos, e pela felicidade de tê-la aqui, Lucilla. Jeff me Contou a viagem de vocês pela França. Deve ter sido fascinante. Viram Chartres, que experiência! Gostaria de ouvir mais, todos os detalhes. Mas Primeiro, e o mais importante, quero que fale sobre o meu querido Archie, 186

e Isobel, e Hamish. Hamish deve estar enorme. E Isobel, tendo que receber aqueles americanos terríveis. Soube pelas cartas de Archie, quando ele interrompe as descrições

das caçadas de tetrazes ou do tamanho do último salmão que pegou na semana anterior. É um milagre que possa fazer tudo aquilo com aquela perna. Fale-me sobre ele.

- Realmente não pode fazer muita coisa-disse Lucilla com rudeza.

- Escreve as cartas positivas para você para não a preocupar. A perna é de metal, não se dobra. Não tem como melhorar, e nós todos rezamos para que não aconteça algo pior.

- Oh, meu querido. Maldito IRA, maldito. Eles não se incomodam em fazer esse tipo de coisa nas pessoas, em qualquer um.

-Não estavam necessariamente esperando papai, Pandora. Esperavam na fronteira para dinamitar as tropas escocesas, e aconteceu que Archie era um deles.

- Ele sabia que estavam ali? Ou foi uma emboscada?

- Não sei. E, se eu perguntasse, não responderia. Não quer falar sobre o assunto.

com ninguém.

- Isso é bom?

- Acredito que não, mas não há nada que possamos fazer.

- Nunca foi de falar muito. É um homem adorável, mas mesmo quando criança guardava tudo para si. Nem soubemos quando cortejou Isobel, e quando ele disse a mamãe que queria se casar com ela. Mamãe quase desmaiou de susto porque fizera outros planos para ele junto a uma outra moça. Não tem importância, ela resolveu da melhor maneira possível. Sempre resolvia da melhor forma... - A voz falhou. Ficou em silêncio, depois esvaziou rapidamente o copo. -Jeff, ainda resta algum champanha na garrafa, ou teremos que abrir a outra?

A garrafa ainda não terminara, e Jeff encheu novamente o copo de Pandora, e completou o seu e o de Lucilla. Lucilla começava a se sentir um pouco alegre e também

desligada. Perguntava-se o quanto Pandora já bebera antes que eles chegassem.

Talvez o champanha fosse a causa de uma conversa daquele teor.

- Agora, me contem... - Ela já se controlara. - O que farão? Jeff e Lucilla se entreolharam. Fazer planos não era um hábito entre eles. Decidir no impulso de momento fazia parte da diversão.

Foi Jeff quem respondeu.

-Realmente não sabemos. Aúnica coisa de certo é que deverei voltar à Austrália no início de outubro. Tenho uma reserva no Qantas.

- De onde partirá?

- De Londres.

- Então, terão que voltar à Inglaterra.

- Sim.

- Lucilla Irá com você? Novamente eles se olharam.

-Ainda não decidimos - respondeu Lucilla.

- Estão livres. Livres como o ar. Livres para ir e vir à vontade. O mundo é a sua casa. - Fez um gesto amplo com a mão, entornando um pouco do champanha.

- É -Jeff concordou com cautela-pensamos assim também.

- Façamos alguns planos. Lucilla, você gostaria de fazer alguns planos comigo?

- Que tipo de planos?

- Quando você bisbilhotou, como confessou, a sala, viu o convite sobre a lareira?

- De Verena Steynton? Claro que vi. -Você foi convidada? - Sim. Papai mandou o meu convite para Ibiza.

- Irá à festa? " -Eu... ainda não pensei sobre o assunto. -Talvez vá?

-Não sei. Por quê?

- Porque... - Ela abaixou o copo, colocando-o sobre a mesa. Creio que eu talvez vá.

O choque daquele comunicado tirou Lucilla da sua doce embriaguez para uma fria sobriedade. Olhou para Pandora em total descrença, e essa sustentou o olhar, os olhos

cinzentos com pupilas negras e brilhantes com um estranho júbilo, deliciando-se com a expressão de total incredulidade que fizera surgir na face de Lucilla.

-Você irá?

- Por que não? -Voltará à Escócia! -Para onde mais voltaria?

- Para a festa de Verena Steynton Não faz sentido.

- É uma boa razão como outra qualquer.

- Mas você nunca mais voltou. Papai pediu e implorou a você, e você nunca o considerou. Ele me contou.

- Há que haver uma primeira vez. Talvez agora seja o momento aPropriado. - De repente, ela se levantou, afastou-se deles e parou para olhar o jardim. Ficou parada

alguns instantes, em silêncio, sua silhueta desenhando-se contra a luz que vinha da piscina. O vestido e o cabelo

moviam-se com a brisa. Ela se virou para eles, encostando-se no parapeito. Começou

a falar, dessa vez com uma voz diferente.

- Tenho pensado muito sobre Croy. Ultimamente tenho pensado muito neles. Sonho com aquela região, e, quando acordo, começo a lembrar 188

de coisas nas quais não penso há anos. Então chegou o convite. Como o seu, Lucilla, vindo de Croy. Trouxe consigo um milhão de recordações, da alegria que desfrutávamos

naquelas festas ridículas e nos encontros das caçadas. As casas preparadas para as festividades, as colinas pipocando com os tiros das espingardas, e todas as noites um enorme jantar comemorativo. Como minha pobre mãe competiu com todos nós. Nem consigo imaginar.-Sorriu para Lucilla e depois para Jeff.-E vocês dois chegando.

Telefonando de Palma, surgindo da tristeza, e Lucilla, tão parecida com Archie.

Presságios. Você acredita em presságios, Lucilla?

- Acho que não.

- Eu também não. Mas com certeza, com o sangue das Terras Altas que corre em nossas veias, pelo menos deveríamos. - Ela se voltou para a cadeira e sentou-se na ponta, com o rosto bem próximo ao de Lucilla. Por trás da beleza, Lucilla pôde discernir a marca dos anos nos lindos traços de Pandora: as linhas em torno dos olhos e da boca, a pele fina, o ângulo reto da sua mandíbula. - Portanto, vamos fazer os nossos planos. Farão os seus planos junto comigo? Posso lhes pedir isto?

Lucilla olhou para Jeff. Ele concordou com a cabeça. Respondeu: -Nós concordamos.

- Então é isto o que faremos: ficaremos aqui por uma semana, somente nós três, e vocês terão todo o tempo livre. Depois pegaremos o meu carro e tomaremos o barco para a Espanha. Atravessaremos de carro a Espanha e a França, devagar, aproveitando bem a viagem, com prazer. Depois chegaremos a Calais e atravessaremos para a Inglaterra. Rumaremos para o norte, para a Escócia e chegaremos à nossa casa. De volta a Croy. Oh, Lucilla, diga que é uma ótima ideia.

- com certeza, é totalmente inesperado - foi tudo o que Lucilla conseguiu dizer, mas, se Pandora notou uma pequena falta de entusiasmo na sua voz,

não deu mostras.

Tomada pelo próprio entusiasmo, virou-se para Jeff:

- E você? O que me diz? Acha que perdi o juízo?

- Não.

- Você se importaria de ir para a Escócia conosco?

- Se é isso que vocês querem, irei com prazer.

- Então está tudo acertado. - Ela estava triunfante. - Ficaremos todos em Croy com Isobel e Archie, e iremos à magnífica festa dos Steyntons.

- Mas Jeff não foi convidado - lembrou Lucilla.

- Oh, isso não é problema.

- E ele não tem nada adequado para usar numa festa. Pandora começou a rir.

- Querida, você me entristece. Pensei que fosse uma artista, 189

apegada às coisas mundanas, e tudo o que a preocupa são algumas roupas. Não vê que elas não são importantes? Nada disso é importante. Tudo o que importa é que estamos voltando para casa, juntas. Pense em como nos divertiremos. Agora, devemos celebrar. - Levantou-se de um salto. - O momento perfeito para abrirmos a segunda garrafa

de champanha.

# SETEMBRO

## 193

Quinta-feira, 8

Isobel Balmerino, sentada à máquina de costura, bordava o nome Hamísh Blair no último lenço. Cortou a linha, dobrou-o e colocou-o no alto da pilha de roupas na mesa

ao lado. Havia terminado. Só restavam algumas peças que teriam que ser feitas à mão, como meias, um sobretudo e um suéter cinza de gola pólo, mas essas poderiam ser feitas à tarde, num momento de lazer, ao lado da lareira acesa.

Há quatro anos, ela tivera uma sessão igual àquela, quando Hamish entrara para Templehall, e ele crescera tanto durante as férias de verão que fora forçada a levá-lo

a Relkirk, com a lista do enxoval para o colégio na mão, e obrigada a começar tudo de novo. A expedição, como sabia que seria, fora dolorosa e cara. Dolorosa porque Hamish não queria saber de voltar para o colégio, detestava fazer compras, experimentar roupas novas, e sentia-se péssimo por perder um dia de sua preciosa liberdade.

E cara porque os uniformes não podiam ser comprados em qualquer loja, somente em casas especializadas. O sobretudo, o suéter de gola pólo e as meias haviam sido caros, mas os cinco pares novos de sapatos de couro foram mais do que Isobel e o seu saldo bancário poderiam suportar.

Tivera a ideia de agradar Hamish comprando-lhe um sorvete, mas ele o tomara tão devagar e sem alegria que ambos retornaram a Croy sem se falar, num silêncio pouco amistoso. Uma vez em casa, ele saiu imediatamente, armado com a vara de pescar trutas e com uma expressão de que era implacavelmente maltratado. Isobel ficou com as caixas e pacotes para levá-

los para o andar superior, onde os colocara no fundo do guarda-roupa e fechara a porta com firmeza. Descera então para a cozinha, onde colocara um Pouco de água para ferver na chaleira a fim de preparar uma xícara de chá e começar o jantar.

A terrível experiência de gastar uma grande quantia de dinheiro fê-la sentir-se mal, e a atitude ingrata de Hamish não contribuíra em nada. EnQuanto descascava as batatas disse adeus ao sonho de comprar um



vestido novo para a festa dos Steyntons. O antigo de tafetá teria que servir.

Sentindo-se pesada e no papel de mártir, brincou com a ideia de dar ao vestido um novo

toque com um lenço branco no pescoço.

Isso acontecera há duas semanas, e agora já era setembro. Tudo ficava melhor por uma série de razões. A mais importante era que, somente em maio, ela receberia os hóspedes. A Scottish Country Tours fechava no inverno, e o último grupo de americanos, repleto de malas, lembranças, bonés de tecido xadrez, já se fora. O

cansaço

e a depressão que acompanharam Isobel durante o verão dissolveram-se quase instantaneamente pelo sentido de liberdade e porque sabia que, mais uma vez, ela e Archie

teriam Croy somente para eles.

Mas havia ainda outras novidades. Nascida e criada na Escócia, ela experimentava todos os anos aquela melhora de humor no final de agosto, quando setembro tomava conta do calendário, quando não era mais preciso pensar que havia um verão. Era verdade que, em determinados anos, podia-se sentir as diferenças nas estações, quando

os lagos secavam pela falta de chuvas e as tardes douradas eram passadas regando-se as rosas, as ervilhas doces e fileiras de alfaces claras na horta. Porém, com frequência, os meses de junho, julho e agosto nada mais eram do que um longo e encharcado teste de resistência a frustrações e desapontamentos. Céus cinzentos, ventos

frios e muita chuva eram o suficiente para eliminar o entusiasmo até de um santo. O

pior eram os dias escuros e úmidos, quando, em desespero, ficava-se dentro de casa e acendia-se o fogo para o céu instantaneamente clarear e, no final da tarde, o sol cobrir todo o jardim, atormentando, muito tarde para ser útil para alguém.

O verão em particular fora especialmente desapontador, e Isobel compreendera tardiamente que as semanas de nuvens escuras e sem sol haviam contribuído muito para

o seu mau humor e a exaustão física. A primeira geada fora muito bem-vinda, e ela guardava as blusas e saias de algodão para mais uma vez voltar, com satisfação, aos velhos tweeds e suéteres Shetland.

Mesmo depois de verões maravilhosos, o mês de setembro em Relkii era especial. As primeiras geadas limpavam o ar, as cores da terra ficavam mais fortes, e os matizes,

mais ricos. O azul profundo do céu refletia-se no lago e no rio, e, com a colheita

assegurada, os campos ficavam dourados com o restolho. Jacintos cresciam junto às valas, e a urze de odor forte floria, colorindo as colinas de púrpura.

Porém, o mais importante era que setembro significava alegria- 195

estaÇão dos contatos sociais antes que a escuridão do inverno prolongado os fechasse a todos, quando o tempo inclemente e as estradas tomadas pela neve compacta

isolasse as comunidades e impedisse qualquer forma de contato. Setembro significava pessoas. Amigos. Era a época em que Relkirk realmente vivia.

No final de julho, o último grupo dos invasores, vindo com as férias, ia embora; os acampamentos eram desfeitos, as caravanas se formavam e os turistas voltavam para as suas casas. No seu lugar, agosto trazia uma vanguarda de imigração secundária vinda do sul, visitantes regulares que retornavam a cada ano à Escócia pelos

esportes e pelas festas. Pavilhões de caça esquecidos e vazios na maior parte do ano abriam-se, e os seus donos, chegando em Range Rovers, carregados até o teto com varas, espingardas, crianças pequenas, adolescentes, amigos, parentes e cães, retomavam o lugar.

As casas locais também ficavam lotadas, não de americanos ou convidados pagantes, mas com os próprios familiares mais jovens, a quem pertenciam e que, por força da necessidade, haviam se mudado para Londres para morar e trabalhar, guardando as férias anuais para voltar para a casa naquela época. Todos os quartos ficavam ocupados, os sótãos eram transformados em acomodações temporárias para grupos de netos, e os banheiros estavam sempre ocupados. Fazia-se grandes quantidades de comida,

cozinhava-se e comia-se o dia inteiro nas mesas ampliadas por tábuas extras.

Era setembro. Em setembro, tudo voltava à vida, como se um administrador celeste tivesse chegado ao final da contagem e disparado a vida. O Station Hotel em Relkirk transformava-se do seu costumeiro ar vitoriano num alegre e lotado ponto de encontro de velhos amigos, e o Strathcroy Arms, controlado pelo sindicato de comerciantes

que pagava a Archie somas tranquilizadoras de dinheiro pelo privilégio de caçar as tetrazes no Pântano, zumbia de atividade e de conversas sobre caçadas.

Em Croy, os convites ficavam sobre o aparador da lareira na biblioteca, e abrangiam os mais variados encontros sociais. A contribuição de Isobel para os festejos era um almoço anual antes do início dos Jogos de Strathcroy.

Archie era o comandante desses jogos e conduzia a parada de abertura da aldeia, a marcha diminuída com

tato para acompanhar o seu passo. Para essa importante cerimónia, ele usava seu boné escocês e levava uma espada desembainhada. Levava a sua responsabilidade a sério,

com grande galhardia, e, no final do dia, apresentava os prémios, não somente para a melhor música executada com a gaita-de-foles e para as danças das Terras Altas, mas também para o suéter mais bonito feita de lã tecida a mão, o pão-de-ló mais leve e para o pote vencedor de geléia caseira de morangos.



Isobel guardava a máquina de costura no antigo quarto de costuras de Croy, principalmente por conveniência, mas também porque era o seu local particular favorito

e mais pessoal. Não era grande, mas espaçoso, com as janelas voltadas para o oeste, dando para o gramado onde jogavam críquete, e para a estrada que levava ao lago.

Nos dias de sol ficava resplandecente. As cortinas eram de algodão branco, o chão, coberto de linóleo marrom, e as paredes, revestidas de grandes armários pintados de branco onde eram guardados os lençóis e toalhas da casa, os cobertores extras e as colchas. A mesa sólida onde ficava a máquina servia também para cortar e montar as costuras, e a tábua de passar e o ferro ficavam bem à mão. Havia sempre um odor reconfortante de roupa lavada e passada, e dos sacos de lavanda que Isobel enfiava entre as pilhas de fronhas. Tudo isso contribuía para criar uma aura extraordinária de eternidade e tranquilidade.

Essa foi a razão pela qual, tendo terminado de bordar os nomes, Isobel não fez

menção de levantar-se. Permaneceu sentada na cadeira dura, com os cotovelos sobre a mesa e o queixo apoiado nas mãos. A vista por trás da

janela aberta, além das árvores, mostrava os cumes das colinas. Todos lavados pelo sol dourado. As cortinas levantavam com a brisa, e o mesmo movimento do ar agitava os vidoeiros prateados na ponta mais afastada do gramado.

Uma folha caiu, como uma pequena pipa.

Eram três e meia, e ela estava sozinha na casa. Tudo lá dentro era silêncio, mas vindo dos campos ela ouvia um martelar distante e os latidos de um dos cães. Por uma vez na vida, tinha um momento para si própria, sem compromissos ou pessoas requerendo sua atenção com urgência. Mal conseguia se lembrar a última vez em que tivera um momento daquele, e os pensamentos voltaram para a infância e para a época da juventude, e para a alegria dos dias de preguiça, sem objetivos impostos, simplesment vazios.

O chão estalou. Em algum lugar uma porta bateu com estrondo. Croy era uma casa antiga, com os seus ruídos próprios. O seu lar. Mas lembrava-se do dia, vinte anos atrás, quando Archie a havia levado ali pela primeira vez. Estava com dezenove anos. Havia uma festinha de adolescente, e o chá seria servido na sala de jantar.

Isobel, a filha do procurador de AnguS, nem bonita e nem segura de si, sentira-se oprimida pelo tamanho e grandiosidade do local, e pelo fascínio e sofisticação dos outros amigos de Archie, todos parecendo se conhecer bem até demais. Já desesperadamente



apaixonada por Archie, não conseguia imaginar por que ele a incluíra na lista de convidados. Lady Balmerino parecera igualmente perplexa, mas fora gentil, colocando Isobel ao seu lado à mesa, cuidando para que ela não ficasse fora da conversa.

Porém, havia uma outra moça, de pernas longas, cabelos louros, que parecia já ter reivindicado Archie para si, e tornava isso bem claro para os convidados, brincando com ele, interceptando o seu olhar à mesa, como se partilhassem de inúmeros segredos. Archie, ela dizia a todos, pertence a mim, e não permitirei que ninguém mais

se aproxime dele.

Porém, no final do dia, Archie decidira-se casar com Isobel. Os pais dele, após superarem a surpresa, mostraram visivelmente a sua alegria e receberam Isobel na família, não como a esposa de Archie, mas como uma outra filha. Ela tivera sorte.

Gentis, agradáveis, hospitaleiros, cultos e muito envolventes, os Balmerinos eram adorados por todos, e Isobel não era uma exceção.

Da fazenda, ela ouviu um dos tratores dando a partida. Uma outra folha flutuou até o chão. Ocorreu a Isobel que poderia ser uma outra tarde acontecida anos atrás, como se o tempo tivesse voltado. O tipo de tarde em que os cães procuravam uma sombra, os gatos permaneciam nas soleiras das janelas, os ventres peludos voltados para o sol. Pensou no Sr. Harris, emergindo da cozinha com uma das criadas mais jovens, rumando para a estufa a fim de encher um balde com as últimas framboesas ou pegar algumas ameixas do tipo rainha Vitória, retirando a sua doçura antes que as abelhas a sugassem.

Croy como era antes. Ninguém se fora. Ninguém morrera. Todos ainda vivos, os mais velhos tão queridos: a mãe de Archie e as suas roseiras, cortando as pontas mortas e conversando com um dos jardineiros enquanto limpava o chão de cascalho; o pai de Archie na biblioteca, tirando uma soneca com o lenço de seda aberto sobre o rosto.

Isobel podia sair para encontrá-los. Imaginou-se agindo assim, descendo as escadas, atravessando o saguão e parando diante da porta da frente aberta. Viu Lady Balmerino

com o chapéu de palha de jardinagem, carregando um balde cheio de pontas e de pétalas de rosas. Mas quando parou e viu Isobel, franziu as sobrancelhas em confusão,

porque a figura de meia-idade de Isobel não lhe era familiar como um fantasma...

"Isobel!"

A voz surgiu, impondo-se nos seus devaneios. Isobel soube que Já tinha sido chamada, mas que não ouvira. Quem a chamava? Relutante, afastou a cadeira e levantou-se.

Seria muito conseguir mais de cinco minutos a sós. Saiu do quarto de costura, passou pelo quarto das crianças e foi até a escada. Debruçou-se no corrimão e viu Verena

Steynton em dimensões reduzidas parada no meio do saguão, a porta aberta atrás dela.



- Isobel!

- Estou aqui.

Verena virou a cabeça e olhou para cima.

- Pensei que não houvesse ninguém.

- Estou só. - Isobel começou a descer as escadas. - Archie levou Hamish e os cães para o jogo de criiquete dos Buchanan-Wrights.

- Está ocupada? - Verena parecia não ter ocupações, embora as tivesse. Como de costume, apresentava-se imaculada e apropriadamente vestida, e com certeza passara no cabeleireiro.

- Estive bordando o nome de Hamish no enxoval do colégio. Instintivamente Isobel levou a mão aos cabelos, como se o gesto casual fosse colocá-los em ordem. - Mas já terminei.

- Pode me dedicar um minuto seu?

- Claro que sim.

- Tenho muitas novidades para contar e também gostaria de lhe pedir dois favores.

Pretendia telefonar, mas estive o dia inteiro em Relkirk, e, ao voltar para casa, pensei que seria bem mais simples se passasse por aqui.

- Quer uma xícara de chá?

- Gostaria.

- Vamos entrar. - Isobel levou-a para a sala de visitas, não com ideias de grandeza, mas simplesmente porque ela estava iluminada pelo sol, e a biblioteca e a cozinha

naquela parte do dia eram mais sombrias. As janelas encontravam-se abertas, a sala permanecia fresca. As ervilhas doces que Isobel colhera pela manhã e arrumara numa sopeira perfumavam o ar.

- Que maravilha! - Verena desabou num canto do sofá e esticou as longas pernas, mostrando os elegantes sapatos. - Que belo dia para o jogo de críquete. No ano passado

choveu a cântaros e eles tiveram que colocar toras em plena tarde porque o campo estava inundado. Essas ervilhas são suas? Como estão tenras! As minhas não foram boas este ano. Você sabe que eu detesto Relkirk numa tarde quente? As calçadas ficam repletas de meninas gordinhas enfiadas em calças jeans e empurrando carrinhos.

E todos parecem estar sempre aos berros!

- Sei como é isso. Como vão os preparativos?

- Oh... - Verena por um momento tornou-se dramática, gemendo como estivesse com alguma dor e fechando os olhos. - Começo a me questionar por que algum dia pensei em dar uma festa. Sabe que a metade dos convites ainda não foi respondida? As pessoas não têm consideração. Acho que elas o deixam sobre a lareira enfeitando e esperando

que desfaçam de velhice. O que torna planejar um jantar e conseguir acomodação para todos uma tarefa quase impossível.

Eu não me preocuparia. Deixaria a eles o encargo de providenciar as próprias acomodações - Isobel tentou falar com calma.

- Mas isso significaria um caos ainda maior. Isobel sabia que não, mas Verena era perfeccionista.

- É, suponho que seria terrível. - Em seguida, sentindo medo para falar, perguntou:

- Lucilla já respondeu?

- Não - respondeu Verena bruscamente.

-Nós enviamos o convite, mas ela estava viajando. Talvez ainda não o tenha recebido. Mandou-nos um endereço em Ibiza, mas não temos notícias desde Paris. Ela pensava

em ir visitar Pandora.

- Também não tenho tido notícias de Pandora.

- Eu ficaria surpresa se fosse ao contrário. Ela nunca responde às cartas.

- Alexa Aird virá, e trará o namorado. Você sabia que Alexa estava namorando?

- Vi me contou.

- Extraordinário. Tenho vontade de conhecê-lo.

- Virgínia comentou que ele é bonito.

- Mal posso esperar para vê-lo.

- Quando Katy chegará?

- Na próxima semana. Ela telefonou ontem à noite. Esse é um dos favores que queria lhe pedir. Você já tem algum hóspede para ficar após a festa?

- Até agora, ninguém. Hamish voltará para o colégio, e não sei se Lucilla virá ou não...

- Bem, você seria um anjo e aceitaria um? Katy, ontem à noite, comentou sobre um homem que conheceu. Ela o encontrou num jantar e gostou dele. É americano - acho que é advogado -, sua esposa faleceu há pouco, e ele veio para cá para passar alguns dias. Virá à Escócia de qualquer maneira para ficar com uns amigos em Borders,

e ela pensou que seria gentil enviar-lhe um convite. Não posso aceitá-lo em Corriehill porque a casa estará cheia com os amigos de Katy, e Toddy Buchanan não dispõe

de quartos livres em Strathcroy Arms, por isso pensei em você. Você se importaria?

Não sei nada sobre ele, exceto o fato da morte da esposa, mas Se Katy gostou dele, não acredito que seja algo de terrível.

- Pobre homem. Eu o aceitarei aqui.

-E você poderá levá-lo para a festa? Você é maravilhosa. Telefonarei a Katy esta noite e pedirei que diga a ele para entrar em contato com você.

- Qual o nome dele?

- É algo divertido. Plucker... ou Tucker. Acho que é isto. Conrad. Os americanos sempre têm uns nomes meio esquisitos. Isobel riu.



- Provavelmente eles acham Balmerino um tanto antiquado. Mais novidades?

- Não, acho que é só isso. Convencemos Toddy Buchanan a cuidar do bar e também a fornecer um tipo de café-da-manhã. Por alguma razão a geração de Katy tem uma fome assustadora por volta das quatro da manhã E o querido tom Drystone está organizando a banda.

-Bem, não seria realmente uma festa sem o nosso carteiro assoviador no palco.

Haverá também uma parte de discos?

- Sim. Será organizada por um jovem de Relkirk. Ele faz tudo. Luzes e amplificadores. Será uma barulheira, nem gosto de pensar. E teremos fileiras de lâmpadas ao

longo do caminho. Ficará alegre, festivo, e, se for uma noite escura, ajudará as pessoas a não se perderem.

- Parece maravilhoso. Você pensou em tudo.

- Exceto nas flores. Esse é o outro favor. Você me ajudaria com as flores? Katy estará aqui, e poderei ter um ou dois ajudantes, mas ninguém faz arranjos como você,

e ficarei feliz se ajudar nisso.

Isobel sentiu-se lisonjeada. Era bom saber que havia alguma coisa que ela fazia melhor do que Verena, e gostou de ser solicitada.

- O ponto é que não sei como decorar a tenda. -Verena começou a falar antes que Isobel tivesse uma oportunidade para responder. - A casa não é difícil, mas a tenda é um problema, porque é muito grande e os arranjos comuns simplesmente desaparecerão. O que acha? Você tem sempre ideias brilhantes.

Isobel buscou uma ideia brilhante, mas não encontrou nenhuma.

- Hortênsias?

- Pisarão nelas.

-Alugue alguns vasos com palmeiras.

-Terrível. Parecerá uma entrada de algum hotel provinciano.

- Bem, então, por que não decorar com algo realmente rural e da estação? Feixes de cevada madura e ramos de sorveira brava. Groselhas vermelhas com suas belas ramagens.

E as faias também ficarão bonitas. Mergulharemos os troncos em glicerina e cobriremos as vigas da tenda, para lembrar árvores de outono...

- Bela inspiração. Você é brilhante. Faremos tudo no dia anterior ao da festa. Na quinta-feira. Pode reservar o dia?

- É o dia do piquenique do aniversário de Vi, mas não faltarei.

- Você é um anjo. Tirou um peso da minha cabeça. Sinto-me mais aliviada. - Verena esticou-se sensualmente, bocejou e ficou em silêncio.

O relógio sobre a lareira tiquetaqueava baixinho, e a quietude do ambiente envolveu as duas mulheres. Os bocejos passavam de uma para a outra. É um erro sentar-se no meio da tarde porque depois não se tem mais vontade de levantar novamente.

Tardes de verão e nenhum compromisso.

201

Mais uma vez Isobel voou para a ilusão do tempo onde estava antes da interrupção de Verena. Pensou novamente em Balmerino que costumava sentar-se ali, como ela e Verena, lendo um livro ou bordando sua tapeçaria em paz. Agora, como fora antes.

Talvez no momento seguinte houvesse uma batida na porta, e Harris, o mordomo, entrasse

empurrando o carrinho de mogno com o bule de chá em prata e as xícaras de porcelana chinesa, os pratos repletos de biscoitos recém-saídos do forno, a tigela com creme, a geléia de morangos, o pão-de-ló com limão e o pão escuro e molhado de gengibre.

O relógio bateu quatro horas, e a ilusão se dissolveu. Harris há muito se fora e não mais voltaria. Isobel bocejou mais uma vez e com algum esforço,

levantou-se.

202

Sexta-feira, 9

-... Foi no ano que a minha prima Flora teve o bebé. Você conhece os pais dela? Tio Hector era o irmão mais moço do meu pai, naturalmente bem mais moço, e se casou com uma moça de Rum. Ele a conheceu quando era da polícia; ela sempre foi uma criatura desajeitada, e perdeu todos os dentes por volta dos trinta anos. Quando a minha avó soube dela, não havia mais como voltar atrás, e ela não queria católicos na família. Foi criada pela Wee Free. Tricotei um casaquinho leve para o bebé.

De seda rosa, mas ela o colocou na máquina junto com os lençóis. Quase me matou de desgosto...

Violet parou de ouvir. Não era necessário. Era preciso balançar a cabeça ou dizer

"é" a cada pausa que Lottie fizesse para tomar fôlego e voltar a falar sobre outro assunto.

- ... fui trabalhar quando fiz quatorze anos, numa casa grande em Fife; chorei muito, mas minha mãe disse que eu tinha que ir. Meu lugar era na cozinha, e o cozinheiro

era um grosseirão. Nunca me senti tão cansada na vida, levantava às cinco da manhã e dormia no sótão junto com um alce.

Aquilo chamou a atenção de Violet.

- Um alce, Lottie?

- Acho que era. Uma daquelas cabeças empainadas. Na parede. Muito grande para ser um veado. O Sr. Gilfillan estivera na África, fora missionário. Você não poderia imaginar que um missionário sairia por aí caçando alces, não é? No Natal eles serviam ganso assado, mas tudo o que eu ganhei foi um pedaço de presunto frio.

Quero

dizer que eles não abriam a mão para nada. O sótão era muito úmido, minhas roupas viviam molhadas, eu peguei pneumonia. O médico veio, a Sra. Gilfillan mandou-me para casa, nunca me senti tão bem em voltar. Tinham um gato. Tammy PUSS. Ele era muito quieto. Abria a porta da despensa e comia o creme; uma vez

' Igreja Livre da Escócia. (N.T.)

encontramos um camundongo morto no creme. E Ginger teve uma ninhada de gatinhos, meio vira-latas, arranharam a mão da minha mãe... ela nunca se deu bem com os animais.

Odiava o cachorro que meu pai teve...

As duas senhoras se sentaram num banco, no parque em Relkirk. Diante delas o rio corria volumoso, tingido de marrom pela turfa. Um pescador, com os pés na água, atirou a sua vara de pescar salmões. Tão longe que não veria se ela fosse fisgada.

Do outro lado do rio estavam as casas em estilo vitoriano, grandes e com jardins espaçosos, gramados que iam até a água. Uma ou duas tinham barcos ancorados. Havia patos na água. Um homem, que passeava com o seu cão, atirou algumas migalhas, e os patos vieram grasnando, gritando para apanhá-las.

-... o médico disse que tinha sido um ataque, um ataque dos nervos. Eu queria ir como voluntária, a guerra estava acontecendo, mas se eu fosse não haveria ninguém para ficar com a minha mãe. Meu pai trabalhava fora, plantava belos nabos, mas dentro de casa, sentava e tirava as botas... e era só. Nunca vi um homem que comesse

tanto quanto ele. Nunca foi de falar muito, tinha dias que não dizia uma palavra.

Apanhava coelhos em armadilhas. Comemos muitos coelhos, muitos. Claro que isso foi há muito tempo. Coisas muito sujas agora...

Violet, tendo prometido a Henry que afastaria Lottie de Edie por uma tarde, caíra em si pela tarefa que assumira, mas finalmente decidira-se e convidara Lottie para fazer compras em Relkirk e depois tomar um chá. Havia apanhado Lottie na casa de Edie, indo de carro para a cidade. Lottie vestira o seu melhor vestido para a ocasião,

um casaco bege Crimplene, e colocara um chapéu no feitio de um pão. Levava uma bolsa enorme e calçava sapatos altos meio cambaleantes. Desde que entrara no carro, Lottie não mais parara de falar. Falou enquanto andavam pelas lojas Marks e Spencer, falou enquanto aguardavam na fila para comprar legumes, falou enquanto caminhavam

pelas ruas procurando o que Lottie insistia que seria um armarinho.

-Acho que o armarinho não existe mais, Lottie...

- Existe sim, um bem pequeno no final da rua... ou fica na rua Seguinte? Mamãe vinha sempre aqui para comprar lã.

Sem acreditar que jamais o encontrariam, Violet deixou-se levar em círculos, sentindo cada vez mais calor e os pés doloridos, e sentou-se dividida entre o aborrecimento

e o alívio quando Lottie finalmente encontrou a loja. Era velha e suja, abarrotada de caixas de papelão com agulhas e croché, sedas bordadas desbotadas e modelos fora de moda. A senhora atrás da caixa parecia que tinha acabado de sair de uma casa geriátrica, e levou quinze minutos para encontrar o que Lottie pedira, um elástico

para calças. Finalmente, o pedido surgiu de uma gaveta cheia de botões esquisitos, 204

e foi colocado num envelope de papel. Lottie pagou e elas saíram para a calçada.

Lottie estava triunfante.

- Muito antiga. Você não acreditou que existisse, não foi?

com as compras feitas e como ainda não era a hora do chá, Violet sugerira um passeio no parque. Voltaram ao carro, guardaram os embrulhos e atravessaram o gramado

que levava ao rio. No primeiro banco Violet se sentou.

- Vamos descansar um pouco - dissera a Lottie. Por isso estavam ali, sentadas juntas sob um sol dourado, e Lottie ainda tinha muita coisa para contar.

- Eu estava no Relkirk Royal, você pode vê-lo entre as árvores. Era um lugar bonito, mas eu não podia suportar as enfermeiras. O médico era bom, mas não passava de um jovem estudante, não imagino que soubesse muita coisa, embora ele dissesse que sim. Jardins bonitos, como em Cremmy. Queria que mamãe fosse cremada, mas o ministro disse que ela queria ficar junto com papai no cemitério da igreja, emTullochard. Eu não sabia como ele poderia saber mais do que eu.

- Acho que a sua mãe conversou com ele...

- O mais provável é que tenha decidido por si próprio. Sempre se intrometia.

Violet olhou entre as árvores para o Relkirk Royal no alto da colina, as pequenas torres de pedras vermelhas com as pontas pouco visíveis por entre as folhas das

árvores que as circundavam.

- O hospital está muito bem localizado - disse.

- Isso dizem os médicos. Eles dizem tudo que você lhes pagar para dizer.

Violet continuou, como que casualmente:

- Como se chamava o médico jovem que cuidava de você?

- Dr. Martin. Havia outro, o Dr. Faulkner, mas ele nunca ficava perto de mim. Foi o Dr. Martin que disse que eu poderia ir morar com Edie-Queria ir de táxi, mas fui de ambulância. - Edie é muito gentil.

-Ela tem uma vida muito boa, algumas pessoas têm sorte. É diferente morar numa aldeia do que ser trancada no alto de uma colina.

- Talvez você pudesse vender a casa dos seus pais e se mudar para a aldeia.

Lottie, porém, ignorou a sugestão e continuou a falar, parecendo que Violet nada dissera. Ocorreu a Violet que Lottie era muito mais astuta do que todos supunham.

- Estou preocupada por ela estar tão gorda, um ataque do coração numa manhã pode levar todo aquele corpo dela. E ela está sempre saindo de casa para a sua ou para a de Virginia, nunca se senta para conversar um



pouco, ficar calada ou contar as novidades. Tem que pensar um pouco nela. Ela disse que Alexa virá para a festa da Sra. Steynton. E que trará um amigo. Não é bom?

Mas você deverá tomar conta, os homens são todos iguais quando querem alguma coisa...

- O que quer dizer com isso, Lottie? - Violet foi incisiva. Lottie pousou sobre ela os olhos escuros e redondos.

-Bem, ela não é pobre. Lady Balmerino nunca teve pouco dinheiro. Eu li nos Jornais.

Sei tudo sobre aquela família. Tem Tudo para fazer um homem olhar para uma mulher com olhos diferentes.

Violet sentiu-se tomada por uma raiva incontrolável que parecia brotar das solas dos seus pés, subindo até as faces, tornando-as rubras. Raiva da impertinência de Lottie, e descontrolada porque Lottie, afinal, estava somente colocando em palavras tudo o que a família de Alexa obscuramente temia.

-Alexa é muito bonita e muito querida. O fato de ser independente não tem nada a ver com os amigos que escolhe - disse.

Mas Lottie ignorou ou não entendeu a censura. Deu uma risada e virou a cabeça de lado.

- Não tenho tanta certeza. E ainda mais gente de Londres. Montes de caça-dotes.

Yupies. - Forçou a palavra, como se fosse alguma coisa suja.

- Lottie, acho que você não sabe o que está dizendo.

- Todas essas meninas são iguais. Sempre assim; quando vêem um homem bonito, ficam como uma cadela no cio.-De repente o seu corpo tremeu, como se a excitação do pensamento tivesse atingido os terminais nervosos de toda a sua estrutura desajeitada. Avançou a mão e a fechou sobre o pulso de Violet. - Existe uma outra coisa.

Henry. Eu o vi por aí. É muito pequeno, não é? Vai à casa de Edie e não diz uma palavra. Algumas vezes ele parece esquisito. Eu me preocuparia se estivesse no seu lugar. É diferente dos outros meninos...

Seus dedos ossudos eram estranhamente fortes; o aperto, firme. Violet a repeliu, com um instante de pânico. Seu instinto imediato foi de soltar os dedos dela, levantar-se e escapar, mas naquele momento aproximou-se uma moça empurrando um bebé no carrinho e o bom-senso fez Violet Parar. O pânico e o aborrecimento diminuíram. Afinal, era somente a pobre ttie Carstairs, uma pessoa a quem a vida não tinha sido das melhores, marcando-a com tristezas, frustrações sexuais, por isso a imaginação a afogueava. E se Edie podia suportá-la, trazendo-a para morar junto dela, Violet podia cooperar com muita calma, saindo com ela por uma tarde.

Sorriu para Lottie.

- Fico contente em saber da sua preocupação, Lottie, mas Henry é 206

um menino comum e saudável. Bem ... - Ela se inclinou um pouco olhando para o

relógio de pulso, sentindo os dedos de Lottie afrouxarem no aperto maníaco. Violet, sem pressa, procurou sua bolsa. - Acho qUe devemos ir procurar algum lugar agradável para tomar o nosso chá. Sinto-me faminta. Gostaria de um peixe com batatas fritas.

E você?



Assim como Isobel, desgastada pelas exigências da vida do dia-a-dia, recuperava-se na sala de costura, seu marido encontrava a sua paz na oficina. Ficava no porão de Croy, uma área com passagens decoradas com bandeiras e uma adega pouco iluminada. Ali morava a antiga caldeira, um monstro sorumbático que parecia grande o suficiente

para alimentar um avião de carreira, e que exigia atenção constante e regular, e consumia quantidades enormes de coque. Um ou dois espaços ainda eram utilizados para guardar a louça fora de uso, móveis não mais usados, o carvão e as toras, e uma adega de tamanho bem reduzido. No mais, o porão era deserto, cheio de teias de aranha e invadido a cada ano por algumas famílias de ratos do campo.

A oficina ficava próxima do quarto da caldeira, o que significava que estava sempre aquecida, tinha janelas enormes, gradeadas como uma cadeia, viradas para o sul e para o oeste, o que permitia a entrada de luz suficientemente para tornar-se alegre. O pai de Archie, muito habilidoso, arrumara-a, colocando bancos, prateleiras

para as ferramentas, grampos e ganchos. Era aqui que o velho homem gostava de passar o tempo, consertando os brinquedos quebrados das crianças, as peças quebradas

da casa, e preparando suas iscas para salmões.

Depois da sua morte, a oficina ficara vazia por vários anos, sem uso, negligenciada, juntando poeira. Mas quando Archie voltara para Croy após meses no hospital, descera dolorosamente os degraus de pedra, seus Passos desiguais ecoando na passagem, e tomara posse dela novamente.

A Primeira coisa que viu quando entrou foi uma cadeira quebrada, de esPaldar côncavo e as pernas traseiras achatadas pelo peso de algum ocupante corpulento. Fora trazida para baixo antes da morte do velho Lorde almerino. Ele iniciara os reparos, mas não terminara o trabalho, e a cadeira fOra esquecida, abandonada desde então. Archie parou e olhou para a peça abandonada. Gritou por Isobel. Ela

veio e o ajudou a tirar a sujeira, as teias de aranha, os vestígios dos ratos e os restos de serragem. As aranhas que fugiam foram apanhadas, como 208

também os potes solidificados de cola, as pilhas de jornais amarelecidos, potes antigos de tinta. Isobel limpou as janelas e forçou-as um pouco para abri-las, deixando

entrar o ar fresco.

Enquanto isso, Archie limpou e oleou as antigas ferramentas, os formões e os martelos, as serras e as plainas, recolocando-as em ordem nas prateleiras. com isso organizado, sentou-se e fez uma lista de tudo que precisava. Isobel foi a Relkirk e fez as compras.

Somente então ele desceu para trabalhar e terminar a tarefa que seu pai dera início.

Agora ele estava sentado no mesmo banco, com o sol da tarde entrando enviesado pela parte de cima da janela, terminando a escultura que começara há um mês ou dois.

Tinha cerca de dez polegadas de altura e representava a figura de uma menina sentada numa pedra com um pequeno terrier em seus joelhos. Usava uma suéter e uma saia

escocesa, e o cabelo estava despenteado pelo vento. Era, na verdade, Katy Steynton e seu cão. Verena dera a Archie uma fotografia da filha, tirada no pântano no ano anterior, e partindo dela, ele fizera os desenhos para a escultura. Depois da primeira queima, ele a pintaria, procurando reproduzir o mais fielmente possível os tons da fotografia. Seria dada a Katy como presente de vinte e um anos.

Havia terminado. Apoiou o pincel e recostou-se na cadeira, esticando os braços para

minimizar as dores e olhar para a sua criação por cima dos óculos meia-taça.

Nunca tentara antes uma figura sentada, e ficara surpreendentemente feliz com o resultado. A menina e o cão formavam uma composição elegante. No dia seguinte ela terminaria a pintura. Antecipou a satisfação dos retoques finais.

Vindo do andar de cima, ouviu os sons apagados do telefone tocando; apenas audíveis; Isobel e ele já tinham conversado sobre a necessidade de instalar uma extensão

no porão para que ele o pudesse ouvir melhor, quando estivesse sozinho na casa. Mas ainda não tinham tomado as providências, e agora ele estava sozinho, perguntando-se há quanto tempo o telefone tocara pela primeira vez e se haveria tempo de subir as escadas para atendê-lo antes que desligassem. Pensou em ignorá-lo, mas ele continuou

a tocar. Talvez fosse importante. Empurrou a cadeira e começou a sua lenta movimentação de ir até a passagem, subir as escadas para responder ao aparelho. O

mais

próximo ficava na cozinha e soava como um estrondo quando Archie atravessou o vestíbulo e o atendeu.

- Croy.



- Papai?

- Lucilla! - Seu coração pulou. Ele procurou uma cadeira.

- Onde você estava? O telefone tocou muitas vezes.

- Lá embaixo na oficina. - Ele conseguiu sentar, aliviando o peso da perna.

- Oh, sinto muito. Mamãe não está?

- Não. Ela e Hamish foram colher amoras. Lucilla, onde você está? -Em Londres. E

você nunca adivinharia de onde eu estou telefonando. Nem que tentasse mil vezes.

- Nesse caso é melhor que você me conte.

- NoRitz.

- E o que está fazendo nesse hotel caríssimo?

-Vamos passar a noite aqui. Amanhã viajaremos. Estaremos em casa amanhã à noite.

Archie tirou os óculos; podia sentir o sorriso espalhando-se no seu rosto. - Quem são o nós?

-Jeff Howland e eu. E... mais alguém... Pandora.

- Pandora?

- Sabia que ficaria surpreso...

- O que Pandora está fazendo com você?

- Está indo para casa. Diz que irá à festa de Verena Steynton, mas suspeito de que realmente está indo para rever Croy e vocês também.

- Ela está aí agora?

- Não. Estou telefonando do meu quarto. Estou só com Jeff. Tenho muito para lhe contar, mas não agora. É muito complicado. Mas Archie não a soltaria por essa desculpa.

- Quando chegou a Londres?

-Essa manhã. Pouco antes do almoço. Viajamos pela Espanha e pela França no carro de Pandora. Divertimo-nos muito. Então hoje, de manhã, tomamos o barco e viemos para Londres. Eu estava pronta para seguir a Viagem, mas Pandora preferiu parar um dia e nos trouxe para cá. Ela insistiu. E não se preocupe com a conta porque ela está financiando tudo. Ela wanciou toda a viagem desde que deixamos Palma. Pagou o combustível, os hotéis, tudo.

- Como... - a voz falhou. Era ridículo, indigno de um homem, ser tão emotivo.

Tentou novamente. - Como está ela?

- Bem, muito bem. Muito divertida. Oh, papai, você está contente Porque eu a trouxe para casa, não está? Será que ficará pesado para mamãe?

Pandora não é o que você chamaria de uma mulher doméstica, e eu acho que ela não levantará nenhum dedo para ajudar, mas está feliz por rever vocês. Você acha que ficará tudo bem assim?

- Mais do que bem, querida. É como um milagre.



- E não esqueça que estou levando Jeff comigo.

- Estaremos esperando para conhecê-lo. - Eu os verei amanhã. - A que horas?

- Acho que por volta das cinco. Mas não se preocupe se nós nos atrasarmos.

- Está bem.

- Mal posso esperar.

- Nem eu. Dirijam com cuidado, querida.

- Claro que sim. - Ela enviou um beijo estalado pelos fios há centenas de quilómetros de distância, e desligou.

Archie ficou sentado na cadeira dura da cozinha, com o fone pendurado na mão.

Lucilla e Pandora. Voltando para casa.

Recolocou o fone no gancho. O barulho cessou. O velho relógio da cozinha tiquetaqueava lentamente. Por alguns momentos continuou sentado onde estava, depois levantou-se

e saiu da cozinha, atravessando a passagem, e foi para o escritório. Sentado à sua escrivaninha, abriu uma gaveta e tirou uma chave. com ela, abriu outra gaveta menor. Dela retirou um envelope, amarelado pelos anos, endereçado com a letra insegura e imatura de Pandora para ele, no Quartel General do Real Regimento da Escócia,

em Berlim. A data era 1967. Havia uma carta dentro, mas ele não a tirou porque sabia o seu conteúdo de cor. O que significava que não havia motivo pelo qual ele não a rasgara ou queimara, exceto pelo fato de não conseguir destruí-la.

Pandora. Estava de volta a Croy.

De longe ouviu o barulho de um carro, que ficava mais alto, aproximando-se da casa, subindo pela estrada principal. O ruído era inconfundível. Isobel e Hamish voltando na caminhonete da sua excursão de colheita de amoras. Archie colocou o envelope de volta na gaveta, trancou-a, guardou a chave e saiu para os encontrar.

Isobel dirigiu a caminhonete para os fundos da casa e estacionou-a no pátio, e quando Archie voltou para a cozinha, eles já estavam lá, sua mulher e seu filho, entrando

pela porta, triunfantes, cada um com duas cestas enormes, cheias da fruta escura.

Após a sessão nas moitas às amoreira-preta, estavam ambos vergonhosamente sujos e cheios de manchas, e pareciam, Archie concluiu com orgulho, um par de tinteiros.

A cada vez que olhava para Hamish, ficava surpreso, porque o menino, naquelas férias, crescera como uma árvore jovem, ficando maior e mais crescido a cada dia.

com

doze anos, era do tamanho da mãe. Usava o suéter amarrada sobre os ombros musculosos. A camisa pendia fora das calças jeans, e o suco manchara a sua boca e as mãos,

e o cabelo louro precisava ser cortado. Archie ficou orgulhoso do filho.

211

- Oi, pai. - Descarregando as cestas no chão, Hamish gemeu. Estou faminto.

- Você está sempre faminto. Isobel baixou as suas cestas.

- Hamish, você comeu amoras-pretas durante a tarde inteira.-Ela usava calças de veludo cotelê e uma camisa que Archie não usava mais. Não pode estar com fome.

- Mas estou. Amoras não enchem a barriga. - Hamish foi até o armário onde o bolo estava guardado, retirou a cobertura de proteção com barulho e procurou uma faca.

Archie admirou-se com a colheita.

-Vocês foram muito eficientes.

- Acho que colhemos uns quinze quilos. Nunca vi tanta amora. Fomos até o outro lado do rio onde o Sr. Gladstone planta nabos. As cercas-vivas em torno do campo estavam carregadas.-Isobel afastou uma cadeira e sentou-se. - Preciso demais de uma xícara de chá.

- Tenho novidades para você - disse Archie.

Ela olhou para cima rapidamente, sempre esperando por notícias ruins.

- Boas?

-As melhores - respondeu.

- Mas a que horas ela ligou? O que disse? Por que não nos contou antes? - Isobel, animada pela excitação, não deu tempo para que Archie respondesse. - Por que não telefonou de Palma, ou da França para nos dar a notícia? Não que eu quisesse saber logo, isso não tem importância, Para mim o importante é que elas virão. E ela

está no Ritz. Acho que Lucilla nunca esteve hospedada num hotel na sua vida.

Pandora é imprevisível. Eles poderiam ir para um lugar menos chique...

- Pandora provavelmente não conhece nenhum outro.

- E eles ficarão depois da festa? O criador de carneiros virá junto? você acredita que ela realmente persuadiu Pandora a vir? É tão extraordinário após esses anos todos, e coube a Lucilla convencê-la. vou começar a arrumar os quartos. Estaremos também em festa porque teremos o amigo americano de Katy. E tenho que pensar na comida. Acho que ainda temos alguns faisões nofreezer...

Estavam todos sentados em torno da mesa, tomando uma xícara de chá. - Hamish, no desespero da fome, havia acendido o fogo e preparado o lanche.

Enquanto os pais conversavam, ele colocou a mesa, trouxe três 212

canecas, o prato com o bolo, a lata de biscoitos e um pão que se encontrava no prato de madeira. Tinha localizado a manteiga e um pote de Branston. Estava agora na época da paixão pelos picles, e os espalhava sobre quase tudo. Preparara o seu sanduíche, e o picles escuro escorria por entre duas enormes fatias de pão.

-... ela lhe falou sobre Pandora? Disse alguma coisa?

- Não muita coisa. Parecia estar de bem com a vida.

o - Oh, eu gostaria de ter estado aqui quando ela telefonou. - Poderão conversar amanhã.

-Já contou a alguém que elas estão vindo?

- Não. Somente a você.

Tenho que telefonar para Verena para lhe dizer que ela terá mais três convidados para a festa. Devo falar também com Virgínia. E Vi.

Archie estendeu a mão para o bule e encheu novamente a sua caneca.

- Estive pensando. Acho que seria uma boa ideia convidar os Airds para o almoço no domingo. O que você acha? Afinal, não sabemos quanto tempo Pandora pretende ficar, e a próxima semana será uma loucura com tantas coisas a fazer. Domingo é um bom dia.

- É uma ideia brilhante. vou telefonar para Virgínia. E vou pedir que o açougueiro guarde um lombo de vaca para nós.

Hamish murmurou hum, hum, e pegou outra fatia do pão de gengibre.

- ... e também será um bom dia para jogarmos críquete. Não jogamos desde o verão.

Você terá que cortar a grama, Archie. - Ela colocou a caneca sobre a mesa, premida pelas tarefas. - Bem, agora tenho que fazer a geléia, aprontar os quartos. E não posso esquecer de ligar para Virgínia.

- Deixe isso comigo. Eu telefono - disse Archie.

Mas Isobel, com a panela de fazer geléia sobre o fogão e as amoras começando a ferverem fogo lento, sabia que se não partilhasse com alguém aquelas tremendas novidades

explodiria, por isso descobriu um minuto de folga para telefonar para Violet. A princípio ninguém atendeu em Penny burn, por isso ela desligou e tornou a ligar meia

hora depois.

-Alo?

-Vi, é Isobel. - Oh, querida, como vai?

-Você está ocupada?

- Não, estou sentada, bebericando um pouco.

- Mas, Vi, são somente cinco e meia. Passou a gostar disso agora? - Temporariamente.

Tive o dia mais exaustivo da minha vida. Fui com 213

Lottie Carstairs a Relkirk para tomar chá. Agora tudo já terminou e fiz a minha boa ação da semana. Senti que precisava e merecia uma grande dose de uísque com soda.

- Certamente que sim. Ou até dois uísques com soda. Vi, aconteceu algo realmente excitante. Lucilla ligou de Londres avisando que virá para cá amanhã e que está trazendo Pandora com ela.

- Está trazendo quem?

- Pandora. Archie está nos céus de tanta felicidade. Pense bem. Ele tem tentado trazê-la a Croy nos últimos vinte e um anos, e agora ela está vindo.

- Nem consigo acreditar.

- Não é incrível? Venha almoçar conosco no domingo para vê-las. Chamaremos também os Airds, e você poderá vir com eles.

- Eu adoraria. Mas... Isobel, por que ela resolveu vir de repente? quero dizer, Pandora?

- Não tenho a menor ideia. Lucilla referiu-se à festa dos Steyntons, mas está me parecendo somente uma desculpa.

- É extraordinário. Como ela estará?

- Não sei, mas provavelmente maravilhosa. Está com trinta e nove anos, por isso devemos esperar algumas rugas. Logo saberemos. Tenho que desligar, Vi. Estou fazendo

uma geléia de amoras pretas e já está quase no ponto. Nos veremos domingo.

- Será uma alegria. E quero saber sobre Lucilla... Mas a geléia chamou Isobel.

- Tchau, Vi. - E desligou. Pandora.

Vi colocou o fone no gancho, tirou os óculos e esfregou os olhos que ardiam. Estava cansada, mas as novidades de Isobel haviam trazido tanta alegria que a deixaram com a sensação de estar cercada. Como se houvesse exigências imediatas sobre ela, e também decisões vitais a serem tomadas.

Recostou-se na cadeira e fechou os olhos, desejando que Edie estivesse ali, sua melhor e mais antiga amiga, para que ela pudesse confiar, discutir e ser confortada.

Mas Edie estava na casa dela, impedida pela presença de Lottie, e até mesmo um telefonema estava fora de questão, com Lottie ouvindo todas as palavras e tirando as suas próprias conclusões perigosas.

Pandora. Trinta e nove anos. E como Violet não a via desde os dezoito, havia permanecido na sua mente como uma adolescente encantadora. Como uma pessoa já falecida.

As pessoas que morrem perdem a idade, ficam na memória como foram um dia. Archie e Edmund já tinham entrado na meia-idade, mas não Pandora.

O que era ridículo. Todos envelhecem na mesma proporção, como 214

as pessoas num aeroporto lotado que são levadas na mesma direção. Pandora estava com trinta e nove anos, e tinha vivido uma vida muito diferente que, a acreditar em todas as histórias contadas, não havia sido nem um pouco calma e tranquila. A experiência teria deixado a sua marca traçando linhas, enrugando a pele, embotando o lustro dos cabelos maravilhosos.

Era quase impossível de imaginar. Violet suspirou, abriu os olhos e pegou o copo.

Não deveria se sentir daquela maneira. As implicações da situação não lhe diziam respeito. Não tomaria decisões porque não havia nada para ser decidido. Continuaria simplesmente a fazer o que sempre fizera, que era observar, avaliar e guardar para si.

Edmund Aird, vindo de Edinburg para Balnaid às sete horas, acabara de atravessar a porta da frente quando o telefone começou a tocar. Parou no saguão, mas quando ninguém atendeu, colocou a pasta sobre a mesa e foi para a biblioteca; sentando-se atrás da escrivaninha, pegou o fone.

- Edmund Aird.

- Edmund, aqui é Archie.

- Como vai, Archie?

- Isobel pediu-me para ligar. Queremos convidar você, Virgínia e Henry para virem almoçar conosco no domingo. Convidamos Vi também. Vocês estão livres?

- É muito gentil da parte de Isobel. Creio que... um momento... ele apanhou a agenda de bolso, colocou-a sobre o mata-borrão e virou as páginas. - Acho que estamos

livres, mas acabei de chegar e ainda não falei com Virgínia. Você quer que eu vá procurá-la?

- Não, não é preciso. Telefone-me mais tarde se não puderem vir. Se não telefonar, estaremos esperando ao meio-dia e quarenta e cinco.

-Será muito bom.-Edmund hesitou.-É alguma ocasião especial que deveremos saber ou só um convite simples? Archie respondeu:

- Não. - Depois continuou: - Sim, isto é, é uma ocasião especial. Lucilla estará chegando amanhã...

- Que boa notícia.

- Está trazendo um amigo australiano. -O criador de carneiros? - Esse mesmo. E

Pandora.

Edmund, com cautela, fechou a agenda. Era forrada de azul-marinho 215

tinha as suas iniciais em ouro num dos cantos. Encontrara-a na sua meia no último natal, um presente de Virgínia.

- Pandora?

- É. Lucilla e o criador de carneiros foram visitá-la em Majorca. E voltaram todos juntos, atravessando a Espanha e a França. Chegaram a londres essa manhã. -Archie fez uma pausa, esperando algum comentário de Edmund, mas ele nada disse. Após um momento, continuou. Eu enviei o convite de Verena Steynton para ela, por isso acredito

que tenha gostado da ideia de vir para a festa.

- É uma boa razão como outra qualquer.

-Acredito que sim. - Outra pausa. - Então, domingo, Edmund?

- Claro.

- Caso contrário, telefone.

- Muito obrigado.

Ele desligou. A biblioteca, a casa, estavam silenciosas. Ocorreu-lhe que talvez Virgínia e Henry estivessem fora. Estava totalmente só. Aquele sentido de solidão cresceu, tornou-se opressivo. Apurou o ouvido, precisando de uma confirmação do barulho de alguma voz, do bater de pratos, do latido de um cão. Nada. Então, além da janela aberta, veio o som longo e borbulhante de um maçarico, voando baixo sobre os campos além do jardim. Uma nuvem cobriu o sol e o ar ficou mais frio. Recolocou a agenda no bolso, alisou os cabelos com a mão e endireitou a gravata. Precisava de um drinque. Levantou-se, deixou a sala e saiu à procura da esposa e do filho.

216

Sábado, 10

-Nunca voltei para casa com tanta pompa antes - Lucilla comentou.

- Como você chegava? - Jeff estava na díreção do carro. Havia dirigido todo o caminho para o norte.

- Em trens, vindo da escola. Ou dirigindo um carro velho e sujo, de Edinburg. Uma vez vim de avião, de Londres, mas isso foi na época em que papai ainda era soldado, e o Comando de Guerra pagou a minha passagem.

Eram três e meia, uma tarde de sábado, e só restavam alguns quilómetros. Tinham feito uma viagem muito boa. A auto-estrada ficara para trás, e também Relkirk. A estrada desenrolava-se confortavelmente familiar diante deles, levando-os de Strathcroy até a casa. O rio fazia-lhes companhia, e à frente erguiam-se as colinas bem conhecidas. O ar estava limpo, o céu imenso, e o vento era fresco, entrando pelas janelas abertas, doce e impetuoso como o vinho novo.

Lucilla mal podia acreditar na sua boa sorte. Em Londres chovera e, no interior do país, o tempo estava péssimo, mas quando cruzaram a fronteira, ela vira as nuvens se desintegrarem, dispersarem, afastarem-se para o leste, e a Escócia os recebera com um céu azul e as árvores quase douradas. Considerou aquilo uma obrigação do seu país natal, e sentiu-se agradecida,

como se ela, pessoalmente, tivesse organizado aquela transformação milagrosa; porém, deliberadamente, não fizera nenhum comentário

sobre a sorte e nem sobre o cenário extraordinário. Já conhecia Jeff o suficiente para saber que ele não apreciava e nem se sentia bem com atitudes muito esfusiantes.

Haviam partido às dez daquela manhã, fechando a conta no Ritz observando os porteiros majestosos carregarem o Mercedes vermelho-es curo de Pandora com uma fileira

impressionante de malas e pacotes, todos combinando.

Pandora esquecera da gorjeta dos porteiros, e Lucilla tivera que se 217

encarregar do assunto. Sabia que não voltaria nunca mais, porém, após uma noite de luxo total com jantar e café-da-manhã, era o mínimo que poderia fazer.

Para começar, Pandora sentara-se no seu carro maravilhoso, aconchegada no casaco de mink, porque, após o calor abafado de Maiorca em agosto, sentia necessidade daquele tipo de conforto. Frio e chuva não eram agradáveis a ela. Enquanto Jeff saía da cidade, pesada de tráfego, e chegava à auto-estrada, ela manteve um fio de conversa inconsequente. Depois, caiu num silêncio, olhando a zona rural acinzentada e sem atrativos pela qual passavam a cem quilómetros por hora. Os limpadores do pára-brisas

afastavam os grossos pingos de chuva, levantando multidões de borrifos, e até Lucilla tinha que admitir que era extremamente desagradável.

- Meu Deus, é terrível. - Pandora afundou ainda mais no casaco de pele.

- Eu sei. Mas é somente este pedaço.

Pararam no restaurante da auto-estrada para almoçar. Pandora falara em sair da estrada e procurar um restaurante mais afastado, de preferência de telhado de colmo,

onde poderiam se sentar próximo a uma lareira e bebericar um uísque ou um gim. Mas Lucilla sabia que, se se permitissem aquele desvio, jamais chegariam a Croy.

-Não temos tempo. Aqui não é a Espanha, Pandora. E nem a França. Não podemos perder tempo com frivolidades.

- Querida, isso não é uma frivolidade.

- É sim. Você começará a conversar com o dono e nós ficaremos aqui muito mais tempo.

O restaurante da auto-estrada mostrou-se tão desagradável como lucilla temera.

Filas com as bandejas repletas de refrigerantes, café e sanduíches; depois sentaram-se

em cadeiras de plástico laranja e colocaram a comida sobre a mesa de fórmica, cercados de famílias com crianças barulhentas, adolescentes vestidos com camisetas pornográficas e musculosos motoristas de caminhão, todos sentindo-se à vontade entre

postas de peixe e costeletas, cremes de cor duvidosa e xícaras de chá.

Após o almoço, Pandora e Lucilla trocaram de lugar. Pandora acomodou-se no banco traseiro e quase instantaneamente pegou no sono. Desde então permanecera adormecida,

tendo perdido a bela passagem da fronteira, a abertura do céu e a milagrosa excitação de voltar para casa.

Cruzaram uma pequena aldeia.

- Que aldeia é essa? - perguntou Jeff. -Kirkthomton.

As calçadas estavam repletas dos compradores de fim de semana, e os Jardins municipais brilhavam coloridos pelas dálias abertas. Os mais velhos sentavam-se nos bancos apreciando a temperatura cálida. As crianças 218

tomavam sorvete. Uma ponte cruzava o rio. Um homem pescava. A estrada subia a colina. Pandora, enrolada no casaco, parecia uma criança com a cabeça apoiada na jaqueta

de JefF, enrolada para servir de travesseiro. Uma mecha de cabelos brilhantes caiu sobre a sua testa, e as pestanas destacavam-se sobre os ossos da face.

- Você acha que deve acordá-la agora?

- Você é quem sabe.

Aquele tinha sido o seu comportamento, a sua rotina desde Palma, atravessando a Espanha e a França. Jorros de muita energia, atividade conversa, muito riso e sugestões

repentinas e impetuosas.

"Realmente devemos ir ver essa catedral. São somente dez quilómetros daqui."

"Vejam este rio maravilhoso. Por que não saltamos e damos um mergulho? Não há ninguém para nos ver."

"Acabamos de passar por um café encantador. Vamos voltar e tomar um drinque."

Mas o drinque se transformava num longo e agradável almoço, com Pandora conversando com qualquer pessoa que se dispusesse. Outra garrafa de vinho. Café e conhaque.

E depois... dormir. Conseguia adormecer em qualquer lugar, e embora fosse algumas vezes embaraçoso, significava pelo menos que ela parava de falar, e Lucilla e Jeff aprenderam a agradecer os intervalos. Sem eles, Lucilla duvidava de que conseguissem sobreviver. Viajar com Pandora era como viajar com uma criança buliçosa, ou

um cão - divertido e um bom companheiro, mas também um tanto cansativo.

O Mercedes subiu a colina. No topo, o cenário rural se abriu e a vista tornou-se magnífica. Vidoeiros, campos, fazendas espalhadas, carneiros pastando, o rio bem abaixo deles, as montanhas distantes, púrpuras em flor, como ameixas maduras.

- Se nós não a acordarmos agora, ela dormirá até chegarmos em casa.

- Então, acorde-a.

Lucilla esticou o braço, tocou o casaco macio, segurou o ombro de Pandora e deu-lhe uma leve sacudidela.

- Pandora.

- Hum?

- Pandora. - Uma outra sacudida. - Acorde. Estamos quase chegando. Quase chegando em casa.

- O quê? - Os olhos de Pandora se entreabriram. Ela olhou sem ver, desorientada, confusa. Fechou-os novamente, bocejou, mexeu-se, esticou-se. -Ah, que sono bom.

Onde estamos?

- Chegando a Caple Bridge. Quase em casa.



- Quase em casa? Em Croy?

- Sente-se e veja. Você perdeu a melhor parte da estrada, roncando aí atrás.

-Eu não estava roncando. Eu não ronco. - Após um momento, ela fez um esforço para sentar-se, tirando o cabelo dos olhos, aconchegando-se no casaco como se estivesse com frio. Bocejou novamente e olhou pela janela. Piscou. Os olhos brilharam. -

Mas... já estamos aqui.

- Eu lhe disse.

- Você deveria ter-me acordado antes. A chuva passou. O sol está brilhando. Tudo está bem verde. Eu havia esquecido esse verde. Que recepção de boas-vindas.

"Caledónia,

rígida e selvagem, como a acompanhante de uma criança." Quem escreveu isso? Algum tolo. Não é rígida e nem selvagem, simplesmente, apenas maravilhosa. Perfeita em sua bela aparência.-Procurou a bolsa, apanhou a escova e prendeu o cabelo. Um espelho, retocou o batom. Um toque generoso do Poison. - Devo estar bonita para Archie.

- Não esqueça o problema da perna dele. Não espere que ele saia correndo na sua direção para envolvê-la em seus braços. Se ele a levantar nos braços provavelmente cairá de costas.

- Como se eu tivesse pensado numa coisa desse tipo. - Ela olhou para o pequeno relógio cravejado de diamantes. -Ainda é cedo. Dissemos que chegaríamos às cinco e ainda não são quatro.

- Fizemos um tempo excelente.

-Jeffé maravilhoso.-Pandora bateu de leve no ombro dele, como se fosse um cãozinho.

- É um motorista excelente.

Agora desciam a colina. No final, viraram na curva íngreme à esquerda para Caple Bridge e entraram no vale estreito e profundo. Pandora inclinou-se para a frente.

- É surpreendente. Parece que nada mudou. Uma família chamada Miller morava nesta casa. Eram muito velhos. O pai era pastor. Devem ter morrido. Criavam abelhas e vendiam potes de mel de urze. Estou com maus pressentimentos. Acho que devemos parar. Não, eu não quero. É só a minha imaginação. - Deu um outro tapinha no ombro de Jeff. -Jeff, você está

fazendo a sua parte em silêncio. Não pode dizer nenhuma palavra de admiração?

- Claro que sim - sorriu maliciosamente. - É maravilhoso.

- É mais do que isso. É a nossa terra. Os Balmerinos de Croy. NorMalmente faz bater forte o coração, como o troar de tambores. E estamos Voltando para casa. Deveríamos usar penas nos chapéus, e alguma gaita-de-foles soar em algum lugar. Por que não pensamos nisso, Lucilla? Por que não providenciamos? Após vinte anos, seria o

mínimo

que você poderia fazer por mim.



Lucilla riu.

-Desculpe-me.

Agora o rio, mais uma vez, corria ao longo da estrada, os bancos de areia resplandecentes com os juncos verdes, os pastos do outro lado tocados pelas manadas de

vacas frésias pacíficas. Os campos já colhidos eram tapetes de ouro à luz do sol. O

Mercedes fez uma curva e a aldeia de Strathcroy surgiu. Lucilla viu o aglomerado das casas de pedras cinzentas, as colunas de fumaça subindo retas das chaminés, a torre da igreja, os grupos das pessoas mais velhas, os vidoeiros e os carvalhos frondosos. Jeff diminuiu a marcha, e passaram pelo Memorial da Guerra, pela pequena igreja episcopal, e entraram na longa e reta rua principal.

- O supermercado é novo. - A voz de Pandora soou acusadora. -Eu sei. É de uma família chamada Ishak. São paquistaneses. Agora, Jeff... vire à direita, até os portões...

- O estacionamento acabou. Não há mais estacionamento. Eles araram toda a terra.

- Pandora, você sabia disso. Papai lhe escreveu contando.

- Acho que esqueci. Em todo caso, parece estranho.

A colina surgiu diante deles, as águas cascateantes do Pennyburn rolavam e davam saltos sob a pequena ponte de pedra. Depois, a avenida...

- Chegamos - disse Lucilla atravessando o braço na frente de Jeff para alcançar a buzina.

Em Croy, a família de Lucilla tentou preencher as longas horas de espera da tarde.

Isobel subira para verificar os detalhes finais das camas dos hóspedes, conferindo as toalhas limpas e arrumando as flores sobre as mesas, e o aparador da lareira.

Hamish decidira levar os cães para um passeio e desaparecera após o almoço, e ninguém

o vira depois disso. E Archie, Lorde Balmerino, estava na sala de jantar arrumando a mesa.

Fora forçado àquilo. Esperar alguém ou alguma coisa não era o seu ponto forte, e à medida que as horas passavam, ficara numa agitação e impaciência crescentes, e também ansioso. Detestava o pensamento daquelas pessoas muito amadas atravessando quilómetros de auto-estradas perigosas, e na imaginação não tinha dificuldade em ver detalhes pavorosos de carros virados, metal retorcido e corpos espalhados.

Consultara o relógio inúmeras vezes, dirigindo-se para a janela ao menor som de um motor, e não conseguia mais ficar sentado. Isobel sugerira que ele fosse cuidar do campo de críquete, mas ele preferiu ficar para ter a certeza de estar presente quando o carro realmente parasse na frente da casa. Finalmente, 221

decidira sentar-se para ler o The Scotsman, mas não conseguiu se concentrar nem nas notícias e nem nas palavras-cruzadas. Colocou o jornal de lado e recomeçou a perambular.

por fim, Isobel, que tinha muito a fazer sem ter que ficar com o marido colado aos seus pés, perdera a paciência.

Archie, se não consegue ficar sentado, pelo menos faça alguma coisa de útil. Arrume a mesa para o jantar. A toalha e os guardanapos limpos estão na gaveta. - Depois subira apressadamente a escada, deixando-o com uma tarefa para cumprir.

Não que se incomodasse de arrumar a mesa. Antigamente isso era tarefa de Harris, e não havia nada contrário a que um homem a realizasse. E quando havia convidados americanos que traziam dinheiro, arrumar a mesa sempre fora tarefa de Archie, e ele sentia algum prazer em fazê-lo com uma precisão militar, garfos e facas precisamente

alinhados, e os guardanapos dobrados com perfeição.

Os copos de vinho tinham uma aparência um pouco embaçada, por isso procurou uma toalha para poli-los quando ouviu um carro subindo a colina. Seu coração bateu forte.

Consultou o relógio. Eram quatro horas. Muito cedo. Baixou o copo e a toalha. Não poderia ser...

A buzina do carro soou, um gemido longo, que cortou a tarde e a sua própria incerteza em pedaços.

O sinal tradicional de Lucilla.

Não conseguia se mover muito rápido, mas fez o melhor que pôde. Atravessou a sala e chegou à porta.

- Isobel!

A porta da frente estava aberta. Atravessava o saguão quando o carro surgiu, um Mercedes radiante espalhando o cascalho sob suas rodas.

- Isobel! Eles chegaram.

Alcançou a porta, mas Pandora foi mais rápida, saindo do carro antes mesmo que ele parasse, correndo pelo cascalho na sua direção. Pandora, com os mesmos cabelos brilhantes, espalhando-se ao vento, e as mesmas Pernas maravilhosas.

-Archie!

Usava um casaco de pele que lhe chegava aos tornozelos, mas que não a impediu de subir os degraus de dois em dois, e, se ele não podia mais levantá-la e girá-la, como fazia quando criança, seus braços continuavam fortes, esperando para abraçá-

la.

Isobel... tão querida, simples, hospitaleira, a mesma Isobel... havia 222

colocado Pandora no melhor quarto vago da casa. Ficava na parte da frente com janelas altas envidraçadas dando para o sul, sobre a colina, o gramado e o rio.

Estava

mobiliado igual ao que Pandora se lembrava do tempo da sua mãe. Camas gémeas de metal, altas, cada uma tão larga quanto uma cama dupla. Um tapete desbotado com um desenho de rosas e uma penteadeira com várias gavetas e um espelho móvel.

As cortinas antigas não existiam mais, em seu lugar havia outras de linho pesado, de cor creme. A substituição fora feita provavelmente considerando-se os convidados americanos que, com certeza, não aprovariam um chintz poído com o forro queimado pelo sol. Também para eles o quarto de vestir fora transformado em banheiro. Não que tivesse mudado muito, porque Isobel simplesmente instalara uma banheira, um vaso e uma pia, e deixara os tapetes, as prateleiras cheias de livros e o grande armário no lugar de sempre.

Pandora fora deixada a sós para desfazer as malas. "Desfaça as malas e sinta-se em casa", dissera Isobel. Ela e Jeff tinham levado para cima toda a sua bagagem.

(Archie, naturalmente, não pode ajudar em virtude de sua perna. Pandora decidiu não pensar no assunto. Seu cabelo grisalho a chocara, e ela nunca vira um homem tão magro.) "Tome um banho, se quiser. Temos água quente à vontade. Depois desça para tomarmos um drinque. Jantaremos por volta das oito horas."

Aquilo fora há quinze minutos e Pandora não conseguira nada além do que levar a sua frasqueira para o banheiro de onde tirara alguns frascos e os colocara sobre o tampo de mármore da pia. Suas pílulas e poções, o Poison, óleo para banho, cremes e hidratantes. Mais tarde tomaria um banho. Não agora.

No momento queria se convencer de que estava realmente em casa. De volta a Croy.

Era difícil, porque naquele quarto ela não se sentiria como se pertencesse à casa.

Era uma convidada, um pássaro de passagem. Deixando os frascos, retornou ao quarto, para a janela, para repousar os cotovelos no peitoril, para olhar a paisagem e ficar quieta, e certificar-se de que não era um sonho. Isso lhe tomou algum tempo. Mas, o que acontecera com o seu quarto, o quarto que fora seu quando criança?

Ela decidiu descobrir.

Saiu do quarto, dirigiu-se para a escada e parou. Da direção da cozinha vinham sons domésticos, alegres, e vozes murmuradas. Lucilla e Isobel estavam ocupadas com os preparativos do jantar e provavelmente falavam de Pandora. Devia ser isso. Mas não importava. Ela não se incomodou. Atravessou o vestíbulo e abriu a porta do quarto que era de seus pais e que agora pertencia a Isobel e a Archie. Viu a imensa cama dupla, a espreguiçadeira com um suéter de Isobel nos pés, um par de sapatos jogados ao acaso. Viu as fotografias da família, as pratas e os cristais sobre a

penteadeira,

223

além dos livros. Havia um odor de pó-de-arroz e de água-de-colônia. Aromas doces e inocentes. Fechou a porta e voltou ao vestíbulo. Descobriu o quarto que fora de Archie, ocupado pela mochila de Jeff, com a jaqueta dele jogada sobre o tapete. O

quarto seguinte... era de Lucilla. Ainda com os restos dos fragmentos de uma estudante...

fotos pregadas nas paredes, bibelôs, um toca-fitas, uma guitarra com uma das cordas quebradas.

E, finalmente, o seu quarto. O seu velho quarto. Talvez agora de Hamish? Ainda não o tinha visto. com cuidado, virou a maçaneta e empurrou a porta. Ninguém. Nem Hamish. Sem traços pessoais. Mobília nova, cortinas novas. Sem vestígios de Pandora.

O que teriam feito com os seus livros, seus discos, roupas, diário, fotografias...

com a sua vida? Provavelmente removidos para algum sótão, quando o quarto fora limpo, esvaziado, repintado e depois recebido o novo tapete de cor azul.

Era como se Pandora tivesse cessado de existir e passado a ser um fantasma.

Não havia por que perguntar, era óbvio. Croy pertencia a Archie e Isobel, e para mantê-lo em funcionamento perfeito era preciso colocar cada cómodo em uso. E

Pandora

renunciara a qualquer reivindicação com o simples ato de ir embora para não voltar mais.

Ali parada, ela se lembrou das últimas semanas terríveis quando se sentiu pior do que nunca, com uma infelicidade tal que nem conseguia falar sobre ela. A infelicidade

a tornava cruel, e fora cruel com as duas pessoas de que mais gostava no mundo, vociferando com o pai, ignorando a mãe, de mau humor os dias inteiros, tornando a vida deles uma infelicidade.

Naquele quarto tinha ficado horas com o rosto metido no travesseiro, deitada na cama, o toca-discos gemendo sempre, com as canções mais tristes que conhecia. Matt Monro dizia "Vá Embora" e Judy Garland se rasgava com "O Homem Que Foi Embora".

As ruas ficaram mais difíceis, Mais vazias e duras, com a esperança que você levou, Amanhã ele virá...

Vozes.

Querida, desça para comer alguma coisa.

Não quero comer agora.

Gostaria que me dissesse o que a perturbou.

Quero somente ficar sozinha. Não seria bom conversar agora. Vocês nunca compreenderiam...



Viu novamente o rosto da mãe, confusa e muito magoada. Senti vergonha. com dezoito anos eu deveria saber mais. Pensei que fosse adulta e sofisticada, mas a verdade é que conhecia menos a vida do que uma criança. Levei muito tempo para descobrir.

Muito tempo, e muito tarde. Tudo se acabara. Ela fechou a porta e voltou para as suas malas.

O jantar terminara. Haviam se sentado, os seis, em torno da mesa com os castiçais acesos, e partilhado da refeição especial que Isobel preparara com

tanto carinho.

Se ela não conseguira uma peça gorda de carne, passara por maus momentos até produzir uma festa tão digna. Sopa fria, faisão assado, creme bruleé e, um esplêndido

Stilton, tudo regado ao melhor vinho que Archie encontrara na adega agora desprovida do pai.

Eram quase dez horas, e Isobel, ajudada por Pandora, estava na cozinha colocando as últimas peças na máquina de lavar-potes e panelas, as facas de cabo de marfim e as travessas de salada muito grandes para caberem na máquina. Pandora quisera ser útil, mas após ter secado uma ou duas facas e colocado as molheiras no armário errado, saiu do caminho, fez uma caneca de Nescafé para si mesma e sentara-se para saboreá-la.

A conversa durante o jantar fora ininterrupta, pois havia muito a ser dito e muito

para ser ouvido. A aventura de Lucilla e Jeff percorrendo a França de ônibus, partindo de Paris, a permanência curta e boémia em Ibiza e por último a bênção de Maiorca e a Casa Rosa. O queixo de Isobel caíra ao ouvir a descrição do jardim da casa feita por Lucilla.

- Oh, eu adoraria vê-lo.

- Vá visitá-lo e fique ao sol, sem fazer nada além disso. Archie riu da ideia.

-Isobel deitada ao sol sem fazer nada? Você deve estar louca. Antes que você pisque duas vezes, ela estará sobre os canteiros arrancando as ervas daninhas.

- Eles não têm ervas daninhas - disse Pandora.

Depois, as novidades da casa. Pandora estava ávida para saber tudo: Notícias de Vi, dos Airds, dos Gillocks, de Willy Snoddy. Archie sabia dos Harris? Soube com alguma tristeza da história de Edie Findhorn e Lottie.

- Deus do céu! Aquela criatura está de volta às nossas vidas. Ainda bem que me avisaram. Terei o cuidado de atravessar a rua sempre que a vir.

Soube da família Ishak, exilada da Malásia, que chegara a Strathcroy sem um centavo no bolso.

225

-... mas eles tinham alguns conhecidos em Glasgow, que os auxiliaram muito e lhes deram apoio financeiro. com isso resolveram cuidar da loja do novo agente da Sra.

McTaggart. Você não reconhecerá o lugar. Virou um supermercado. Pensamos que eles não resistiriam muito tempo, mas estávamos errados. São trabalhadores como formigas,

parecem que nunca fecham a loja, sempre incrementando os negócios. Bem, nós gostamos deles. São muito prestativos e gentis.

Em seguida passaram para os vizinhos importantes dos Balmerinos, o que significava os moradores num raio de trinta quilómetros: os Buchanan-Wrights, os Ferguson-Crombies,

os vizinhos novos que tinham vindo morar em Ardnamoy, cuja filha casara e cujo filho se tornara um corretor na City e estava ganhando milhões.

Nenhum detalhe era desprovido de importância. O único assunto que nunca era mencionado, como que por um acordo tácito, fora Pandora e o que ela tinha feito nos últimos

vinte e um anos.

Ela não se incomodou com isso. Estava de volta a Croy, e, no momento, era tudo o que importava. Os anos do capricho entraram numa irrealidade, como uma vida de uma outra pessoa e, rodeada pela família, sentia-se feliz de poder se entregar ao esquecimento.

Sentada à mesa da cozinha, ela bebericava o café olhando Isobel na pia, esfregando a assadeira. Isobel usava luvas vermelhas de borracha e um

avental azul e branco amarrado sobre o vestido limpo, e ocorreu a Pandora que ela era uma mulher excepcional, trabalhando em paz e sem ressentimento pelo fato de o resto da família a

ter deixado sozinha para limpar os detritos e a louça da refeição.

Depois do jantar os outros haviam desaparecido. Archie murmurara uma desculpa e fora para a oficina. Hamish, com uma promessa de uma recompensa em dinheiro, concordara

em aproveitar o cair da tarde para aparar a grama do campo de críquete. Saíra bem-humorado, e Pandora ficara impressionada. E não percebera o quanto impressionara o sobrinho. Ter uma tia como hóspede não era uma perspectiva interessante. Hamish tivera visões de uma pessoa do tipo muito importante, com o cabelo grisalho e sapatos

fechados, por isso tivera um grande choque ao ser apresentado a ela. Atordoante.

Como uma estrela de cinema. Por trás do faisão, tecera fantasias de apresentá-la aos colegas de sua turma em Templehall. Talvez o pai a levasse para assistir a algum jogo. A cotação de



Hamish entre os colegas subiria bastante. Perguntou-se se ela gostaria de futebol americano.

- Isobel, eu adorei o Hamish.

- Sou muito severa com ele. Espero que não cresça em demasia.

- Ele ficará muito atraente. - Bebericou novamente o café. Gostou do Jeff?

Jeff, farto pelo convívio feminino de duas semanas inteiras, e desacostumado a esse tipo de vida, fora com Lucilla ao Strathcroy Arms em busca de uma restauradora jarra de cerveja Foster num ambiente confortavelmente masculino.

- Ele parece muito agradável.

-É muito gentil. Durante a longa viagem nunca perdeu a paciência. Um pouco lacónico. Suponho que todos os australianos sejam fortes e silenciosos. Realmente não

sei. Não conheço outros.

-Acha que Lucilla está apaixonada por ele?

- Não, acho que não. São somente... uma frase comum... bons amigos. Além disso, ela é muito jovem. Você não deve pensar em relacionamento permanente quando se tem somente dezenove anos.

-Você quer dizer casamento?

- Não, nem penso em casamento.

Isobel ficou em silêncio. Pandora sentiu que talvez tivesse falado alguma coisa errada, e buscou um outro assunto menos delicado e mais divertido.

- Isobel, você não me falou sobre Dermot Honeycombe e Terence. Eles ainda têm a loja de antiguidades?

-Oh, querida.-Isobel voltou-se para ela.-Archie não lhe contou em uma de suas cartas? É triste. Terence faleceu. Há cinco anos.

- Não acredito. O que fez o pobre Dermot? Encontrou um outro sócio?

- Não, nunca mais. Ficou muito triste, mas continuou firme. Todos nós pensamos que ele deixaria Strathcroy, mas ele ficou, sozinho. Ainda tem a loja de antiguidades e ainda mora no pequeno chalé. Às vezes convida a mim e a Archie para jantar, e nos brinda com iguarias diferentes e molhos estranhos. Archie sempre volta para casa faminto, e tem que tomar uma sopa ou um leite com cereais antes de ir para a cama.

- Pobre Dermot. Devo ir visitá-lo.

- Ele adoraria. Sempre pergunta por você.

- Poderia comprar uma lembrança para Katy Steynton. Não falamos ainda sobre isso. A festa, quero dizer.-Isobel finalmente terminara, tirara as luvas de borracha e as colocara sobre o armário. Veio sentar-se junto á sua cunhada. - Teremos muitas pessoas aqui?

- Não, somente nós. Hamish não irá porque já terá voltado para 227

a escola. Nós e um americano que Katy conheceu e acha que está muito triste. Verena não tem mais quartos disponíveis em casa, por isso ele virá para cá.

- Meu Deus! Que beleza. Um parceiro para mim. Por que está triste?

- Sua esposa faleceu recentemente.

- Oh, espero que não esteja muito melancólico. Onde irá dormir?

- No seu antigo quarto. O assunto foi encerrado. - E no dia da festa? Onde jantaremos?

-Suponho que aqui mesmo. Posso chamar os Airds para virem para cá, e Vi também.

Eles virão almoçar amanhã. Achei que devia chamar Virgínia.

- Você não havia me contado.

- Que eles viriam almoçar amanhã? Bem, estou contando agora. Por isso Hamish está aparando a grama do campo de críquete.

- Tudo pronto para uma bela tarde. O que você irá usar na festa? Comprou um vestido novo?

-Não, estamos sem dinheiro para isso. Tive que comprar cinco pares novos de sapatos para Hamish para a escola...

- Mas, Isobel, você tem que ter um vestido novo. Iremos comprar um. Onde deveremos ir? A Relkirk? Passaremos lá o dia inteiro...

- Pandora, nós realmente não podemos ter essa despesa agora. -Querida, o mínimo que posso fazer é lhe dar um pequeno presente.

-A porta dos fundos foi aberta e Hamish entrou. Terminara a tarefa antes que a noite chegasse, e estava novamente no seu estado usual de fome negra. - Falaremos sobre isso mais tarde.

Hamish fez o seu lanche. Uma tigela de cereais, um copo de leite, um pacote de

biscoitos de chocolate. Pandora terminou o café e colocou a caneca sobre a pia.

Bocejou.

-Acho que devo ir para a cama. Estou esgotada. - Levantou-se. Boa-noite, Hamish.

Ela não se dirigiu a ele para beijá-lo, e Hamish ficou entre o alívio e o desapontamento.

-Será que encontrarei Archie na oficina? Quero dar-lhe uma palavra. Parou e beijou Isobel. - Boa-noite pra você também, querida. É maravilhoso estar aqui. O jantar foi divino. Nos veremos amanhã.

No porão, Archie, absorto e concentrado, trabalhava sob o círculo Projetado de uma lâmpada forte. A pintura da escultura de Katy e seu cão 228

era ao mesmo tempo complicada e divertida. A dobra da camisa, a textura do suéter, os sutis e variados matizes de cor nos cabelos, cada um apresentava um desafio que requeria toda a sua habilidade.

Ele colocou um pincel sobre a mesa e pegou outro, e ouviu Pandora chegar. O passo dela era inconfundível, descendo a escada de pedra que vinha da cozinha, como também

o bater dos saltos altos na passagem. Fez uma pausa no trabalho para olhar para cima, e viu Pandora surgir pela porta aberta.

- Estou interrompendo o seu trabalho?

- Não, venha até aqui.

- Está escuro. Não encontrei o interruptor. Lembra uma masmorra, mas você parece bem instalado. - Encontrou uma cadeira e sentou-se ao lado dele. - O que está fazendo?

-Pintando.

- Isso eu posso deduzir. É uma bela escultura. Onde a comprou? Ele respondeu, sem esconder uma ponta de orgulho:

- Eu a fiz.

- Você a fez? Archie, você é brilhante. Não sabia que era tão habilidoso.

- É para o aniversário de Katy. Ela e seu cão.

- Que ideia maravilhosa. Você não revelou essa habilidade antes. Era sempre papai quem grudava os brinquedos quebrados e emendava a porcelana partida. Você frequentou

algum tipo de aula?

- Sim. Após ter sido ferido... - Ele se corrigiu. - Após o tiro na minha perna e quando finalmente saí do hospital, fui para Headley Court. Era o centro de reabilitação

do exército para os rapazes que ficavam incapacitados. com algum membro afetado.

Por isso faziam ajustes em membros artificiais. Pernas, braços, mãos, pés. Qualquer coisa que faltasse, eles faziam. Naturalmente, dentro do razoável. Então, você passava meses infernais aprendendo a usá-los corretamente.

- Não parece um lugar agradável.

-Você tem razão. E sempre há alguém em piores condições do que as suas.

- Mas você estava vivo. Não tinha morrido.

-É.

- É assim tão terrível ter uma perna de metal?

- É melhor do que não ter uma. Acho que é a única alternativa.

- Nunca soube como aconteceu.

- É melhor não falarmos nisso.

- Foi como um pesadelo?

- Toda a violência é um pesadelo.

Campo proibido. Ela recuou.

229

- Sinto muito... continue.

- Bem... uma vez... - Ele perdera o significado do que estava falando. Tirou os óculos e esfregou os olhos com os dedos.-Uma vez eu era mais ou menos um ambulante, eles me ensinaram a usar uma serra de pedal. Terapia ocupacional e um bom exercício para a perna. Daí foi como uma bola de neve...

Tudo ficara bem. O momento crucial passara sem causar danos. Se Archie não queria

falar sobre a Irlanda do Norte, Pandora também não queria ouvir.

- Você conserta coisas, como papai fazia?

- Claro.

-E essa pequena imagem linda. Como você começou a fazer coisas como ela? Onde começou?

- Começou num bloco de madeira.

- Que tipo de madeira?

-Para esta eu usei a faia. Faia de Croy, um galho trazido pelo vento anos atrás. Eu o dividi em blocos com a serra de motor. Depois fiz dois desenhos partindo da fotografia, uma visão de frente e outra lateral. Então transferi o relevo frontal para a face do bloco e a lateral para o lado do bloco. Está compreendendo?

- Sim, tudo.

- Então eu o cortei na serra de fita.

- O que é uma serra de fita? Ele apontou uma.

- Ali está uma. É operada eletricamente, e é letalmente afiada, por isso não tente brincar com ela.

- Nem pensaria nisso. E depois?

- Comecei a esculpir. E a talhar.

- com o quê?

- com formões de xilografía. E um canivete.

- Estou surpresa. É o seu primeiro trabalho?

- Não, já fiz outros, mas este foi o mais difícil pela disposição das figuras. A menina sentada e o cão. Foi bem difícil. Antes desta, fiz algumas figuras em pé, principalmente soldados, em vários uniformes. Tirava os detalhes de um livro que descobri na biblioteca de papai. Tirei a ideia do presente desse livro. Eles fazem muitos presentes de casamento desse tipo se o noivo pertence ao Exército.

- Você tem alguma para me mostrar?

- Sim, tenho um aqui. - Levantou da cadeira, foi até o aparador e pegou uma caixa.

- Não me desfiz desse porque realmente não fiquei satisfeito com o resultado, por isso fiz um outro. Mas você terá uma ideia dele...



Pandora pegou a figura do soldado e a segurou nas mãos. Era uma réplica de um soldado do Black Watch, perfeito em cada detalhe-o sapato irlandês pesado, a saia de

pregas, as penas vermelhas no gorro caqui. Achou-o perfeito e sua admiração deixou-a sem palavras pelo talento não suspeitado de Archie, pela sua precisão, sua habilidade

indiscutível.

Era incrível.

- Archie, você quer dizer que se desfaz deles? Archie, você está caduco. Eles são lindos. Únicos. Os turistas lhe pagariam muito por uma lembrança como esta. Você já pensou em vendê-los?

- Não. - Ele pareceu surpreso com a ideia. -Já pensou nisso alguma vez?

- Não. Ela sentiu o início de uma irritação.

- Você não tem jeito. É sempre muito apegado às suas coisas, mas deve mudar. Isobel trabalha como uma escrava, tentando manter tudo em ordem, recebendo um sem-fim de hóspedes americanos enquanto você poderia se agitar um pouco e obter uma pequena fortuna.

- Duvido. De qualquer forma, não é uma coisa que possa fazer rápido.

- Bem, chame alguém para o ajudar. Contrate dois auxiliares. Dê início a uma indústria caseira.

- Não tenho espaço para isso.

- E os estábulos. Não estão vazios? Ou um dos celeiros?

-Isso significa obras, equipamento, fios, equipamentos de segurança, precauções contra incêndios.

- E daí?

- Isso tudo custa dinheiro. E não posso esquecer que serão mercadorias para as quais teria que ter licença, o que é difícil de ser obtido.

-Você conseguiria uma subvenção?

-As subvenções também estão difíceis de serem concedidas. -Poderia tentar. Não seja tão desanimado, Archie! Tenha um pouco mais de iniciativa. Acho que é uma ideia maravilhosa.

- Pandora, você está sempre cheia de ideias brilhantes. - Pegou o soldado da mão dela e o guardou novamente na caixa. - Mas está certa em relação a Isobel. Faço o que posso para ajudá-la, e sei que ela se esforça além da conta. Antes da guerra, pensei em conseguir algum emprego - como administrador ou agente comercial. Não sabia quem poderia me dar um emprego, e não queria deixar Croy e era a única coisa que sabia fazer-

- Sua voz ponderando, diminuiu até o silêncio.

- Mas agora você aprendeu um novo ofício. Aqui está. Talentos escondidos que surgiram para a vida. Tudo que precisa é de um pouco de iniciativa e muita determinação.



- E muito dinheiro.

- Archie - ela falou com raiva - o fato de ter uma perna ou duas não lhe dá o direito de fugir da responsabilidade.

- Está falando por experiência própria?

- Touché.-Pandora riu e sacudiu a cabeça.-Sou a última a querer lhe pregar um sermão. Falo somente o que me passa pela cabeça. - De repente, abandonou o assunto, bocejou e espreguiçou-se, abrindo os dedos. - Estou cansada. Vim para lhe dizer boa-noite. vou me deitar.

- Desejo-lhe bons sonhos.

- E você?

- Quero terminar isto. Então todos os meus momentos livres serão dedicados a você.

-Meu querido. -Já de pé, ela parou para beijá-lo.-Estou contente por estar em casa.

- Eu também.

Ela foi até a porta, abriu-a, hesitou um momento e virou-se.

- Archie?

- O que é?

- Eu às vezes me pergunto. Você recebeu a carta que enviei de Berlim?

- Sim.

-Você nunca respondeu.

- Quando me decidi sobre o que lhe diria, era muito tarde. Você já havia partido para a América.

- Contou a Isobel?

- Não.

- Contou a... alguém?

- Não.

Ela sorriu. "

- Os Airds virão almoçar amanhã. - Eu sei. Fui eu quem os chamou.

- Boa-noite, Archie. - Boa-noite.

A tarde deslizou para a noite. A casa preparou-se para um outro dia atarefado.

Hamish viu um pouco de televisão e subiu para o quarto. Isobel, na cozinha, arrumou a mesa para o café da manhã - a última tarefa do dia - e soltou os cães para a última volta pelo jardim já escuro, alertas Para descobrir o cheiro de um coelho. As luzes foram apagadas, e ela também foi para a cama. Mais tarde, Jeff e Lucilla voltaram da aldeia e giraram pela porta dos fundos. Archie ouviu as vozes deles no andar de Cima. Depois fez-se o silêncio.

Passava da meia-noite quando ele terminou. Mais um dia e o esmalte 232

estaria seco. Arrumou tudo, colocou as tampas nos potes, limpou os pincéis, apagou as luzes e fechou a porta. Lentamente subiu as escadas e atravessou o saguão, fazendo o que chamava de sua ronda noturna, botando a casa na cama. Conferia se as portas estavam trancadas e as janelas fechadas, as tomadas desligadas. Na cozinha encontrou os cães adormecidos. Encheu um copo com água e bebeu-a. Finalmente, encaminhou-se para a escada.

Não foi diretamente para o seu quarto. No vestíbulo viu a luz que vinha do quarto de Lucilla. Bateu na porta e abriu-a. Encontrou-a deitada lendo.

- Lucilla.

Ela levantou os olhos, marcou a página e colocou o livro de lado. Pensei que estivesse dormindo.

- Não, eu estava trabalhando. - Ele se aproximou e sentou-se na beira da cama. -

Vocês se divertiram?

- Sim, foi muito divertido. Toddy Buchanan estava em sua melhor forma.

- Queria lhe dar boa-noite. E também lhe agradecer.

- Porquê?

- Por voltar para casa. E por trazer Pandora.

A mão dele estava sobre o edredão. Ela a encobriu com a sua. As camisolas de Isobel eram de tecido branco enfeitadas com fitas, mas Lucilla usava uma camiseta verde com os dizeres "Salvem as Florestas Tropicais" pintados no peito. O longo cabelo escuro estava espalhado como seda sobre o travesseiro, e ele sentiu amor por ela.

- Você está decepcionado? - ela perguntou.

- Por que decepcionado?

- Muitas vezes, quando esperamos anos que alguma coisa aconteça, quando ela se torna realidade ficamos um pouco decepcionados.

- Não me sinto assim.

- Ela é linda.

- Mas terrivelmente magra, não acha?

- Acho. Mas é tão incrível que incendeia tudo o que toca.

- O que quer dizer com isso?

-Só isso. Dorme muito, mas quando acorda, carrega tudo à sua volta com eletricidade. Supercarregada, eu diria. Estar com ela muito tempo é realmente exaustivo. E

então ela continua como se o sono fosse a única coisa que recarregasse as suas baterias.

- Sempre foi assim. A Sra. Harris costumava dizer: essa é a Pandora! Num minuto está nas nuvens, no seguinte, no chão.

-Maníaco-depressiva.

- Não tão sério.



- Pelo menos uma tendência.

Ele franziu as sobrancelhas. Então fez a pergunta que estava remoendo no fundo da sua mente durante toda a noite:

- Você acha que ela está envolvida com drogas?

- Oh, papai. Imediatamente desejou não ter mencionado os seus medos.

- Perguntei somente porque acho que você conhece mais essas coisas do que eu.

- Certamente ela não é nenhuma boba. Talvez tome alguma coisa que a mantenha em efervescência. Muitas pessoas tomam.

- Mas não é viciada?

- Oh, papai. Não sei. Qualquer preocupação em relação a Pandora não levará a nada.

Você tem que aceitá-la como ela é. A pessoa que é agora. Divirta-se com ela.

Aproveite

a companhia.

- Em Maiorca... você acha que ela é feliz?

- Parece que sim. E por que não seria? Uma casa maravilhosa, um jardim, uma piscina, muito dinheiro...

- Tem amigos?

-Tem Serafina e Mário que cuidam dela...

- Não quis dizer isso.

- Eu sei. Nós não conhecemos os seus amigos, por isso não sei se os tem.

Encontramos somente um homem. Estava lá no dia em que chegamos, mas não o vimos novamente.

-Pensei que tivesse um companheiro fixo.

- Provavelmente ele era o seu companheiro, e não voltou porque nós estávamos lá. -

Ele não disse nada, e Lucilla sorriu. - Lá fora existe um mundo bem diferente, papai.

- Eu sei. Eu sei.

Ela colocou os braços em torno do pescoço dele, puxou-o para si e deu-lhe um beijo.

- Não se preocupe - disse. -Tentarei.

- Boa-noite, papai.

- Boa-noite, querida. Deus a abençoe.

234

Domingo, 11

Domingo de manhã. Nublado, muito calmo, muito tranquilo, silenciado pela inércia semanal de um sabá irlandês. Chovera durante a noite, o que deixara

poças nos lados da estrada, e o jardim, gotejante de umidade. Em Strathcroy, os chalés descansavam, as cortinas permaneciam arriadas. Lentamente, seus ocupantes se espreguiçavam, levantavam, abriam as portas, acendiam o fogo, faziam o chá. Colunas de fumaça de turfa subiam retas das chaminés. Os cães eram levados para passear, as cercas aparadas,

os carros lavados. O Sr. Ishak abriu as portas da loja para as compras matinais, leite, cigarros, os jornais de domingo e qualquer outro item que a família fosse precisar para passar o dia livre. Na torre da igreja presbiteriana o sino tocou.

Em Croy, Hamish e Jeff desceram antes dos outros e prepararam o café para os dois.

Bacon com ovos, salsichas e tomates, torradas, geléia e mel, tudo regado a grandes xícaras de chá forte. Isobel desceu mais tarde

- e encontrou a pia cheia com as pilhas de pratos usados e um bilhete de Hamish.

Querida mamãe. Jeff e eu fomos levar os cães até o lago. Ele quer conhecê-lo.

Voltaremos meio-dia e meia. A tempo de almoçar.

Isobel fez café, sentou para bebê-lo, pensou em descascar batatas para fazer um puré. Cogitou se haveria creme suficiente para fazer uma torta de frutas. Lucilla apareceu, e depois Archie, metido no terno novo de tweedporque era o seu dia de dar aula na igreja. Nem a esposa e nem a filha se ofereceram para acompanhá-lo. com dez pessoas para almoçar, elas tinham muita coisa para fazer.

Pandora dormiu a manhã inteira e só apareceu depois do meio-dia, quando todo o trabalho da cozinha já tinha sido feito. Ficou logo visto que ela não ficara à toa, mas ocupada cuidando de si própria: pintara as unhas, lavara os cabelos, cuidara da pele e fora generosa na porção do poison. Usava um vestido de jérsei estampado com diamantes de cores brilhantes. Era tão fino,

tão macio e elegante que deveria ser italiano- Ao encontrar Lucilla na biblioteca, jurou que dormira a noite inteira,

mas pareceu extremamente feliz em afundar numa poltrona e aceitou com prazer o oferecimento de um cálice de xerez.

Em Pennyburn, Vi sentou-se em sua cama, tomou o seu chá e planejou o dia. Talvez fosse até a igreja. Havia muitas preces a serem feitas. Pensou melhor e decidiu não ir. Preferia a auto-indulgência. Ficaria onde estava, conservando a energia.

Terminara o livro que estava lendo e, depois de um café da manhã tardio, sentou-se à escrivaninha para verificar as contas vencidas, fundos de pensão e a incompreensível exigência do imposto rural. Fora convidada para almoçar em Croy.

Edmund, com

Virgínia e Henry, viriam apanhá-la.

Pensou sobre o assunto mais com inquietação do que com prazer e olhou pela janela para avaliar o tempo: chovera a noite toda, mas agora estava úmido, pesado e quente.

Talvez mais tarde melhorasse. Era o tipo de dia que precisava ser alegrado. Decidiu usar o vestido de lã cinza, pelo conforto. Para sentir-se encorajada, colocaria o cachecol Hermes.

Em Balnaid, Virgínia procurou Henry.

- Venha se vestir.

Henry estava sentado no chão, montando o seu Space Lego e "não gostou de ser interrompido.

Por que tenho que me vestir? -Porque iremos almoçar fora e você não poderá ir do jeito que está.

- Por que não?

Somente Porque as suas calças estão sujas e a sua camiseta também, e você está sujo também. - Tenho que me arrumar todo?

Claro! Mas deVerá colocar uma camiseta limpa, calças limpas e Meias limpas.

Ele suspirou, difícil de ser levado.



- Terei que desmontar o Space Lego?

-Não, não precisa. Deixe-o como está. Venha agora ou seu pai ficará impaciente.

Levou-o para o quarto bem devagar. Sentou-o na cama e tirou-lhe a camiseta.

- Haverá outras crianças?

- Hamish.

- Ele não gosta de brincar comigo.

- Henry, você parece bobo quando está com Hamish. Se não se comportar assim, ele brincará com você. Tire os jeanse e os sapatos.

- Quem mais estará lá?

- Nós. E Vi. E os Balmerinos. E Lucilla, porque chegou da França. E um amigo dela chamado Jeff. E Pandora.

- Quem é Pandora?

- É a irmã de Archie.

- Eu a conheço?

- Não.

- Você a conhece?

- Não.

- Papai a conhece?

- Sim. Ele a conhece desde pequeno. Vi também a conhece.

- Por que você não a conhece?

-Porque ela já está longe de casa há muito tempo. Viveu na América. É a primeira vez que retorna a Croy. -Alexa a conhece?

- Não. Alexa era somente um bebé quando ela foi para a América.

- Pandora conhece vovô e vovó em Leesport?

- Não. Eles moram em Long Island, e Pandora morou na Califórnia. Exatamente do outro lado dos Estados Unidos.

- Edie a conhece?

- Sim. Edie também a conheceu quando ela era uma menininha.

- com quem ela se parece?

- Pelo amor de Deus, Henry, eu nunca a vi, por isso não posso lhe dizer. Você se lembra daquela fotografia na sala de jantar de Croy? De uma menina bonita? É de Pandora quando era jovem.

- Espero que ela ainda seja bonita.

- Você gosta de moças bonitas.

-Bem, claro que eu não gosto das feias. - Fez uma careta, imitando um monstro. -

Como Lottie Carstairs.

Apesar da pressa, Virgínia parou para rir.

- Sabe, Henry, você me diverte. Agora, dê-me o seu pente e vá lavar o rosto e as mãos.



Do andar de baixo Edmund chamou:

- Virgínia!

- Estamos indo.

Ele esperou, já pronto para a ocasião, vestindo calças de flanela cinza, uma camisa esporte, um suéter de cashmere azul e sapatos Gucci bem polidos.

- Devemos ir logo.. Chegando até ele, Virgínia o beijou.

- Você está muito elegante, sabia disto, Sr. Aird?

- Você também está muito bonita. Venha, Henry.

Entraram no BMW e saíram. Pararam um momento na aldeia, e Edmund foi até a loja dos Ishak de onde saiu com uma pilha dos jornais de domingo. Depois rumaram para Pennyburn.

Vi ouviu-os chegando e já estava pronta, faltando somente trancar a porta da frente. Edmund saltou para segurar a porta do carro para ela. Henry achou-a muito elegante.

- Obrigada, Henry. Este belo cachecol foi presente de sua mãe quando esteve em

Londres.

- Eu sei. Ela me trouxe um bastão e uma bola de críquete.

- Você já me mostrou.

- E trouxe um cardigã para Edie. Edie o adorou. Diz que o guarda para as ocasiões especiais. Parece um azul meio rosado.

- Lilás - Virgínia ensinou.

- Lilás. - Repetiu a palavra para si mesmo porque achou-a bonita.

- Lilás.

O carro possante deixou Pennyburn para trás e começou a subir a colina.

Ao chegarem, encontraram o antigo Land Rover de Archie estacionado defronte à casa.

Assim que Edmund parou ao lado e a família desceu, Archie surgiu na porta para cumprimentá-los. Eles subiram os degraus da entrada.

- Que bom que chegaram.

- Archie, você me parece muito formal - Edmund comentou. Espero não estar inadequado.

- Estive na igreja. Foi o meu dia de dar aula. Pensei em trocar esta roupa por algo mais leve, mas vocês chegaram, e não tive tempo. Por isso não se impressione, terá que me aguentar desse jeito. Vi. Virgínia. Que bom ver vocês. Olá, Henry.

Hamish está no quarto se aprontando. Ele

montou o Scalectrix Road Race no chão do quarto de brinquedos. Se você quiser ir até lá...

A sugestão, feita de maneira casual, foi sagaz, e pegou Henry de 238

surpresa, como Archie pretendia. Ele conhecia bem o filho, e o avisara que Henry viria, deixando claro que o convidado deveria ser muito bem tratado.

Quanto a Henry, esse não levou mais do que um minuto para lembrar que Hamish, quando não havia mais ninguém para lhe desviar a atenção podia

ser uma boa companhia,

mesmo Henry sendo quatro anos mais moço. E Henry não tinha um Scalectrix Road Race.

Seria um dos itens da sua lista de Natal.

Sua face se iluminou.

- Estou indo - disse, e saiu acelerado, deixando os adultos entregues aos seus próprios interesses.

- Maravilhoso-murmurou Vi para si mesma.-Quantos havia na congregação hoje?

- Dezesseis, incluindo o pároco.

- Eu deveria ter ido para colaborar. Sentirei uma sensação de culpa pelo resto do dia...

- Tivemos algumas notícias boas. O bispo pesquisou sobre alguma crença obscura, estabelecida há muitos anos. Acha que conseguirá levantar uma boa soma, que servirá para equilibrar as contas de luz...

- Seria esplêndido...

- Mas - acrescentou Virgínia - pensei que seria esse o motivo da quermesse...

- Poderemos desviar os fundos...

Edmund não fez comentários. Tinha sido uma manhã trabalhosa, deliberadamente preenchida com tarefas pequenas e insignificantes, mas que exigiam a sua atenção há algumas semanas. Cartas para serem escritas, contas pagas, uma dúvida levantada pelo contador que foi esclarecida e respondida. Sentia agora uma impaciência crescente.

No final do corredor as portas duplas abertas da biblioteca eram um convite.

Procurou um gim tónica, porém Archie, Virgínia e Vi continuavam reunidos no começo da

escada, envolvidos com os problemas da igreja. Nesses, Edmund tinha pouco interesse, tendo tido sempre o cuidado de não se envolver.

-... sem dúvida, precisamos de novas almofadas.

- Vi, o pagamento do coque para o aquecedor é mais urgente do que as almofadas novas...

A verdadeira razão da visita a Croy fora esquecida pela sua esposa e pela sua mãe.

Abafando a irritação, Edmund escutava. Mas não ouvia. Um outro som chamou a sua atenção. Da biblioteca vinha o ruído de saltos altos. Olhou por cima da cabeça de

Virgínia. Pandora apareceu.

Fez uma pausa, parando para avaliar a situação, emoldurada pela porta aberta.

Cruzando o longo espaço que os separava, seus olhos encontraram os de Edmund. Ele esqueceu

a impaciência e viu as palavras formando-se na mente como se tivesse sido repentinamente solicitado a



produzir algum tipo de registro, que buscou freneticamente e depois abandonou, adjetivos apropriados para descrever: mais velha, mais magra, enfraquecida, elegante,

mundana, amoral, vivida. Bela.

Pandora. Ele a teria visto, reconhecido em qualquer lugar do mundo. Os mesmos olhos enormes e perscrutadores, a boca em curva, com uma pequena

verruga provocante no canto do lábio superior. Os traços, a estrutura dos ossos, permaneciam intocados pelos anos que haviam passado, a profusão dos cabelos castanhos ainda jovens.

Sentiu o rosto mais gelado. Não conseguia sorrir. Como se fosse um cão de caça apontando um pássaro. A força da sua imobilidade, do seu silêncio, atingiram subrepticiamente

os outros. O problema desvaneceu-se, as vozes emudeceram. Vi virou a cabeça.

- Pandora.

A igreja e os seus problemas foram abandonados. Ela saiu do lado de Virgínia, atravessou o corredor com as costas eretas e os braços soltos ao longo do corpo, com

a bolsa pequena de couro pendendo do ombro.

- Pandora, minha querida. Que alegria ver você novamente!

-... mas Isobel, não deveremos ficar para jantar. Somos muitos. -Não. Se as minhas contas estão certas, seremos onze. Somente um a mais do que agora.

-Verena não lhe pediu que recebesse algum hóspede?

- Somente um... Pandora acrescentou:

- Ele é conhecido como o "Americano Triste" porque Isobel não consegue lembrar o nome dele.

- Pobre homem - disse Archie sentado à cabeceira da mesa. Parece que está condenado antes mesmo de ter chegado.

- Por que ele está triste?-perguntou Edmund, pegando o copo de cerveja. Em Croy o vinho não era servido às refeições. Não por razões de parcimônia, mas por uma tradição

de família, que remontava aos pais de Archie e aos seus avós. Archie continuara com a tradição porque a considerava boa. O vinho deixava os convivas muito falantes e letárgicos, e as fardes de domingo, na sua opinião, eram feitas para serem aproveitadas em atividades ao ar livre, e não dormitando sobre um jornal e afundado numa poltrona.

- Provavelmente ele não é tão triste assim - acrescentou Isobel. Deve ser sensível e alegre, mas ficou viúvo recentemente, por isso resolveu tirar uns meses de férias e vir até aqui.



-Verena já o conhece?

- Não. Somente Katy. Sentiu pena dele e pediu a Verena que convidasse.

Pandora comentou:

- Espero que não seja aterradoramente solene e sincero. Vocês sabem como podem ser.

Mostre-lhes algo interessante e eles entrarão num êxtase polido. Juram que tudo é muito importante e querem saber quando foi construído.

Archie riu.

- Pandora, quando foi que você mostrou uma construção antiga a um americano?

- Querido, nunca. Estou somente dando um exemplo. Estavam sentados em torno da mesa de jantar. O rosbife tenro,

perfeitamente assado, rosado no centro, fora consumido com prazer, acompanhado de vagens e ervilhas frescas, batatas coradas, molho de raiz forte e o molho da própria

carne delicadamente aromatizado com vinho tinto. Agora enfrentavam a torta de

amoras pretas com molho quente, coberta com creme fresco.

Lá fora o dia, como uma mulher inconstante, mudara de humor, e decidira, sem nenhuma razão aparente, clarear. Surgira um vento, refrescando o ar. Ocasionalmente a luz do sol desenhava losangos no tampo polido da mesa, vindos da prataria e dos copos lavados.

- Bem, se todos vierem para o jantar - Virgínia com firmeza reconduziu a conversa para os pontos importantes - você me deixará ajudá-la. Farei uma entrada ou um pudim, alguma coisa.

-Isso me ajudaria muito-Isobel admitiu.-Porque no dia anterior eu estarei em Corriehill auxiliando Verena com os arranjos de flores.

- Mas é o dia do meu aniversário. - Vi estava indignada. - O dia do meu piquenique.

- Eu sei, Vi. Sinto muito, mas pela primeira vez eu não poderei estar com você.

- Espero que os outros também não desistam. Você não terá que ir ajudar, não é, Virgínia?

- Não, ela me pediu somente os vasos e os jarros emprestados. Mas eu poderei deixá-

los em Corriehill na quarta-feira.

- Quando chegará Alexa? - Lucilla perguntou.

- Na quinta-feira pela manhã. Ela e Noel viajarão à noite. Noel não poderá se ausentar antes. E, naturalmente, eles trarão o cachorro de Alexa. Por isso, todos irão

ao seu piquenique, Vi.

- Preciso começar a contar quantos irão. Do contrário farei comida demais ou de menos - disse Vi. Ela percorreu com o olhar a mesa até encontrar os olhos de Henry.

Eles estavam tristes. Henry não gostou

que as pessoas fizessem comentários sobre o aniversário de Vi, quando todos sabiam que ele não estaria presente. Ela acrescentou: - Mandarei dois grandes pedaços de bolo de aniversário para Templehall. Um para Henry e outro para Hamish.

- Bem, verifique se o bolo não se desmanchará com facilidade. Hamish colocou a última colher de molho no seu prato.-Uma vez mamãe mandou um bolo para mim, e o creme

desmanchou e melou o pacote. A diretora ficou aborrecida. Jogou tudo fora na lata de lixo.

- Que diretora zelosa - Pandora disse sorrindo.

- Ela é uma chata. Mãe, posso tirar outra fatia?

- Sim, mas primeiro troque o prato da torta.

Hamish levantou para obedecer, com um prato em cada mão. Lucilla disse:

- Nós temos um pequeno problema. -Todos se voltaram para ela, interessados no que seria, mas sem demonstrar uma preocupação. -Jeff não trouxe uma roupa apropriada.

Quero dizer, para a festa.

Os olhos se voltaram agora para Jeff, que estava sentado próximo, sem tomar parte na conversa. Pareceu um pouco embaraçado e alegrou-se com a chegada de Hamish, oferecendo-lhe uma segunda fatia da torta. Mergulhou a colher no que restava do molho de amoras.

- Quando saí da Austrália não poderia supor que seria convidado para uma festa formal. Além disso, não havia espaço na mochila para trazer o meu dinnerjacket.

Todos consideraram o problema.

- Posso lhe emprestar o meu. - ofereceu Archie.

- Papai, o seu não entrará em Jeff.

- Ele poderá alugar um. Há uma loja em Relkirk.

- Oh, papai. Ficará muito caro.

- Sinto muito. Eu não sabia. - Archie encolheu-se, humilde. Do outro lado da mesa, Edmund olhou para o jovem australiano.

- Você parece ser do mesmo tamanho que eu. Posso lhe emprestar alguma coisa, se quiser.

Violet, ao ouvir aquilo, ficou surpresa. Sentada ao lado do filho, virou a cabeça para observá-lo. Ele pareceu não perceber o seu espanto, e a sua fisionomia não se alterou. Tentando analisar a sua surpresa nem um pouco maternal, ela compreendeu que jamais esperaria que Edmund tivesse uma Sugestão tão impulsiva e gentil.

Mas, por quê? Ele era seu filho, o filho de Geordie. Sabia que quando havia problemas importantes ele sempre era generoso - tanto em relação ao tempo dispendido quanto ao dinheiro - preocupado e interessado.

Alek podia recorrer a ele - como fizera tantas vezes - com a certeza de 242

que ele enfrentaria todos os tipos de empecilhos para resolver um problema ou ajudá-la a tomar uma decisão.

Mas com as coisas pequenas... as coisas pequenas eram diferentes - um pequeno gesto, uma palavra carinhosa, um presente trivial que custará muito pouco e um momento

do seu tempo, porém significativo pela lembrança que trazia. Os olhos de Vi cruzaram a mesa buscando Virginia e também o pesado bracelete de ouro preso em torno

do pulso. Fora presente de Edmund - e Violet nem queria saber o quanto havia custado

- como um tubo de cola para consertar um desentendimento. Teria sido muito melhor se não tivessem se desentendido, não tivessem perdido o tempo com semanas de infelicidade.

E agora ele oferecia um favor ao amigo de Lucilla, Jeff. Não seria difícil para ele, mas o fizera de maneira tão espontânea que Violet lembrou-se de Geordie. O que deveria tê-la enchido de prazer, mas pelo contrário, ficou triste, porque não conseguiu se lembrar da última vez que olhara para Edmund e reconhecera alguma característica

herdada do pai.

Quanto a Jeff, esse ficou tão sem graça quanto ela.

- Não. Não se incomode. Eu alugarei alguma roupa.

- Não recuse a minha oferta. Tenho algumas peças em Balnaid. Vá experimentá-las.

- Elas não lhe farão falta?

- Eu estarei muito bem-vestido, como o homem no anúncio, com o meu kilt.

Lucilla, entretanto, estava profundamente agradecida.

- Você é ótimo, Edmund. Que alívio! Tudo o que preciso agora é encontrar uma roupa para mim.

- Isobel e eu iremos a Relkirk fazer algumas compras - Pandora disse. - Por que não vem conosco?

Lucilla surpreendeu a todos dizendo que adoraria. Mas a surpresa teve pouca duração.

- Há uma loja maravilhosa em Relkirk, e uma barraca na igreja com peças dos anos trinta. Tenho certeza de que faremos boas compras.

- Sim - concordou sua mãe. - Também tenho certeza.

- Papai, você é mau. Me jogou no meio dos rododendros.

-Queria tirá-la do caminho.

- Não precisava me atingir tanto.

- Precisava sim. Você é um jogador muito esperto para ser deixado solto perto do arco. Agora, Virginia, você precisa vir até aqui.

243

- Que tipo de grama você tem em mente?

Após o café, os convidados do almoço se tinham dispersado. Os meninos abandonaram o Scalectrix e foram brincar na casa da árvore de Harnish e balançar no trapézio.

Isobel levara Vi para ver o seu jardim... não tão grandioso como era antes, mas ainda algo de que se orgulhava de mostrar e de ser admirado. Archie, Virginia, Lucilla

e Jeff decidiram aproveitar o esforço de Hamish e jogavam etiquete. Edmund e Pandora sentavam no antigo balanço no alto do aclive gramado e os observavam.

O almoço transforma-se numa tarde agradável e fresca. As nuvens, em camadas, corriam pelo céu, deixando espaços azuis entre elas, e quando o sol aparecia, ficava

quente. Apesar disso, Pandora, quando saíra para o jardim, apanhara no guarda-roupa uma antiga jaqueta de caça de Archie, impermeável, forrada de tweed. Envolveu-se nela e sentou-se com as pernas dobradas por baixo do corpo. De tempos em tempos,

Edmund empurrava o balanço com o pé para que ele não parasse. Precisava ser oleado, e chiava a cada vez.

Dos rododendros veio um lamento.

- Não consigo encontrar essa bola abominável e já me arranhei na amoreira.

- Basta um momento e o verniz da família se rompe. -Acontece sempre. É um jogo letal.

Ficaram em silêncio, balançando para frente e para trás. Virginia deu um golpe violento na sua bola, que rolou placidamente no mínimo uns três metros além do ponto

que Archie indicava.

- Oh, sinto muito, Archie.

- Você bateu com muita força.

- É tão óbvio que os comentários são desnecessários - disse Edmund.

Pandora não disse nada. O balanço continuou a gemer. Observaram em silêncio quando Jeff preparava a sua jogada.

- Você me detesta, Edmund?

- Não. -Mas me despreza. Não me considera.

- Por que faria isso?

-Porque provoquei muita confusão. Fugindo com o marido de uma conhecida, ele com idade suficiente para ser meu pai. Sem deixar uma explicação, magoando meus pais, não voltando. Enviando ondas de choque e de horror para reverberarem contra todos.

- Foi isso mesmo que aconteceu?

- Você sabe que sim.

- Não estava aqui na época. - Sim, estava em Londres.

- Nunca soube por que fugiu.

- Fui uma pessoa terrível. Não sabia o que fazer da minha vida. Archie tinha se casado com Isobel, e eu sentia a sua falta. Parecia não haver nada a fazer. Então, surgiu uma diversão, tudo parecia muito fascinante e assustador, e adulto.

Excitante. Meu ego precisava ser lustrado, e foi isso que ele fez.

- Como o conheceu?

-Em alguma festa. Sua esposa tinha uma cara de cavalo e se chamava Gloria, e sumiu assim que sentiu de que lado vinha a tempestade. Foi para Marbella e não voltou.

O que foi outro motivo para fugirmos para a Califórnia.

Lucilla, com pedaços de folhas no cabelo, surgiu dos rododendros e retornou ao jogo.

- Quem passou pelo arco e quem ainda não?

O balanço parou o vaivém aos poucos. Edmund empurrou-o outra vez. O gemido recomeçou.

- Você é feliz? - Pandora perguntou.

- Sou.

- Não creio que eu tenha sido algum dia.

- Sinto muito.

- Gostei de ser rica, mas não fui feliz. Tinha saudades da casa e dos cães. Sabe como chamavam o homem com quem fugi?

- Acho que nunca me disseram.

-Harold Hogg. Pode imaginar alguém fugindo com um homem que se chamasse Harold Hogg? Após o nosso divórcio, a primeira coisa que fiz foi

mudar o meu nome de volta para Blair. Não mantive o nome dele, só uma parte do seu dinheiro. Tive sorte de me divorciar na Califórnia.

Edmund não fez comentário algum.

- Então, depois de ter mudado novamente o meu nome para Blair, sabe o que fiz?

- Não tenho a menor ideia.

- Fui para Nova York. Nunca tinha estado lá antes, e não conhecia ninguém. Mas procurei um dos melhores hotéis que encontrei e depois desci a Quinta Avenida.

Descobri

que podia comprar tudo que quisesse, Tudo para mim. Mas não comprei nada. Que tipo de felicidade é essa,

Edmund? Saber que você pode comprar tudo o que quiser e descobrir Que não quer comprar nada?

- Está feliz agora?

- Estouemcasa.

- Por que voltou?



- Não sei. Várias razões. Lucilla e Jeff podiam vir comigo. Queria rever Archie. E

também a atração irresistível da festa de Verena.

-Tenho uma sensação de que Verena Steynton não tem muito a ver com isso.

-Talvez. Mas é uma boa desculpa.

-Você não veio nem quando seus pais faleceram.

- Isso foi imperdoável, não foi?

- Você é quem está dizendo, Pandora. Não eu.

-Não tive coragem suficiente. E nem nervos. Não consigo enfrentar um funeral, a sepultura, as condolências. Não podia enfrentar ninguém. E a morte significa o final,

como a juventude significa o início. Não podia aceitar que tudo tivesse terminado.

- É feliz em Maiorca?

- Também sinto-me em casa lá. Já se passaram todos esses anos, e a Casa Rosa é a primeira casa que é realmente minha.

-Vai voltar para lá?

Durante todo o tempo em que conversaram, não tinham se olhado. Pelo contrário, observavam, com intenções claras, os jogadores de críquete. Mas agora se voltaram, e os olhos dela, ornados pelos cílios escuros e espessos, pararam nos dele. Talvez porque ela estivesse tão magra, mas para Edmund eles pareceram enormes e brilhantes,

mais do que tinham sido antes.

-Por que pergunta?-ela disse.

- Não sei.

-Talvez eu também não saiba.

Ela recostou a cabeça nas almofadas listradas e voltou a atenção para o jogo. A conversa parecia que havia terminado. Edmund olhava para a esposa. Ela estava no meio do gramado, apoiada no bastão, enquanto Jeff se alinhava para atirar a bola.

Usava um shirt xadrez e uma blusa azul de sarja, suas pernas eram longas e queimadas

pelo sol, e as alpargatas de lona muito brancas. Bem à vontade, esbelta, ela irrompeu em risos com a jogada mal-sucedida de Jeff, de fazer a bola atravessar o arco.

Irradiava o tipo de vitalidade que Edmund associava às revistas de roupas esportivas, relógios Rolex ou óleos de bronzear.

Virgínia. O meu amor, disse para si mesmo. Minha esposa. Mas, por alguma razão, as palavras eram vazias como os encantamentos que nunca funcionarão, e ele descobriu-se

torturado pelo desespero. Pandora quedara em silêncio. Ele não podia imaginar o que ela pensava. Virou-se para ela, e não levou mais de um momento para compreender que Pandora adormecera.

Uma parte devido à sua encantadora companhia. Sentiu-se dividido entre o desapontamento e a diversão, e essa reação saudável à perfídia dela serviu para afastar

a sensação mortal de que tinha chegado ao final das suas forças.

246

Segunda-feIra, 12

A manhã de segunda-feira era um dos dias em que Edie ajudava Virgínia em Balnaid, e Virginia sentia-se grata por isso. Não gostava das segundas-feiras, o fim de semana terminado e Edmund mais uma vez longe dela, saindo de terno, deixando a casa às oito horas para chegar a Edimburg e ao escritório antes de o trânsito ficar realmente intenso. Sua partida deixava um vazio, uma insipidez, um sentido de anticlímax, que exigia um esforço seu para descer e iniciar as atividades do dia a dia novamente e cooperar com todas as exigências tediosas de simplesmente manter a casa funcionando. Mas o barulho da porta dos fundos sendo aberta e a entrada de Edie tornavam instantaneamente tudo mais fácil de ser suportado. Saber que Edie

estava ali. Havia alguém com quem conversar, com quem rir junto, alguém para limpar a biblioteca e passar o aspirador no tapete para retirar os pêlos dos cachorros. O

ruído dos pratos na cozinha era reconfortante. Edie cuidava da louça do café da manhã e enchia a máquina de lavar pratos com os pratos sujos do fim de semana, e também conversava com os cachorros.

- Bem, cuidem de não botar o rabo debaixo dos meus pés, porque eu pisarei neles, ouviram?

Virginia, no quarto, trocou os lençóis da sua cama de casal, tarefa regular das segundas-feiras. Henry saíra para fazer compras. Havia-lhe dado cinco libras, e ele fora à aldeia até a loja de Ishak para comprar balaS, chocolates e biscoitos que lhe permitiram levar para Templehall em sua lancheira, e que deveria durar o período

inteiro. Nunca antes havia tido tanto dinheiro para gastar com as guloseimas, e, por algum tempo, a novidade havia desviado a sua atenção do fato de que no dia seguinte

ele estaria deixando a casa pela primeira vez. Oito anos, afastando-se não para sempre, mas mesmo assim era difícil. E Virginia sabia que quando o visse novamente, ele seria um Henry diferente porque teria visto coisas e feito coisas e aprendido coisas totalmente dissociadas da vida da mãe.



Partíria no dia seguinte. O primeiro dia de dez anos de separação dos pais, da casa. O início do seu crescimento. Para longe dela.

Dobrou as fronhas. Teriam somente mais vinte e quatro horas. Durante todo o fim de semana resolutamente afastara aquele assunto da mente, dizendo para si mesma que a terça-feira não chegaria nunca, desejou que Henry tivesse feito o mesmo, e o seu coração condoeu-se da inocência dele. Na noite anterior, ao ir desejar-lhe boa-noite,

revestira-se de forças para conter as lágrimas e lamentações. O fím de semana terminara. Nosso último fim de semana. Não quero ir para a escola. Não quero me afastar

de você. Mas Henry simplesmente dissera que tinha gostado de brincar com Hamish, que tinha se balançado com uma perna só no trapézio de Hamish, e então, cansado pelas brincadeiras do dia, caíra quase instantaneamente no sono.

Esticou os lençóis perfumados e passados a ferro. Tornarei o seu último dia bem divertido, disse para si mesma. Eu, de alguma maneira, sobreviverei até amanhã.

Após

Edmund sair com ele, após estarem longe e eu não poder mais ouvir o barulho do carro, pensarei em alguma coisa divertida ou trabalhosa para fazer. Irei visitar Dermot

Honeycombe e passarei horas procurando um presente para Katy Steynton. Uma peça de porcelana ou um lampião antigo, ou uma peça de prata georgiana. Escreverei uma longa carta para vovô e vovó. Arrumarei o armário das roupas brancas, pregarei botões nas camisas de Edmund... E, então, Edmund voltará para casa, e o pior já terá

passado, e eu contarei os dias até o primeiro fim de semana que Henry virá para casa.

Fez uma trouxa dos lençóis usados e atirou-os ao chão, separou algumas roupas e sapatos ao acaso, e arrumou uma almofada. O telefone tocou. Ela foi atendê-lo, sentando

na borda da cama recém-feita.

- Balnaid.

- Virgínia. - Era Edmund. Às quinze para as nove da manhã? -Você está no escritório?

- Sim. Cheguei há dez minutos. Virginia. Terei que ir a Nova York. Ela não ficou particularmente preocupada. A ida dele para Nova York era um acontecimento comum.

- Quando?

Agora. Hoje. Pegarei o primeiro voo para Londres. E depois pegarei outro que sai de Heathrow esta tarde.

- Mas...

Voltarei a Balnaid na quinta-feira, a tempo de irmos à festa, provavelmente às seis da tarde. Se puder, chegarei mais cedo.

- Você quer dizer que... - Era muito difícil captar o que ele iria lhe dizer. -

Você quer dizer que ficará fora a semana toda?

- Terá que ser assim.



- Mas... a mala... as roupas... - O que era ridículo, pois ela sabia que ele mantinha um guarda-roupa de emergência no apartamento em Moray Place, com ternos, camisas

e roupas brancas adaptadas para qualquer cidade e qualquer clima.

- Resolverei isso aqui mesmo.

-Mas... -A implicação, a verdade do que ele estava dizendo surgiu finalmente. Ele não pode fazer isso comigo. A janela do quarto estava aberta e o ar que chegava não estava frio, mas Virgínia, curvada sobre o telefone estremeceu. Viu os nós dos dedos da sua mão, agarrando com força o fone ficarem brancos. - Amanhã - disse.

-Terça-feira. Você irá levar Henry a Templehall.

- Não poderei.

- Mas prometeu que levaria. -Tenho que ir para Nova York.

-Mande alguém. Você tem um compromisso.

-Não há ninguém que eu possa mandar. Temos uma emergência e a pessoa indicada para resolvê-la sou eu.

-Mas você prometeu. Disse que levaria Henry. Eu disse a você que era a única coisa que eu não faria. Foi a minha condição e você a aceitou.

-Eu sei e sinto muito. O que aconteceu está além do meu controle.

- Mande alguém a Nova York. Você é o patrão. Mande algum assistente.

- É por ser quem eu sou que terei que ir.

-Você é quem você é.-Ouviu a própria voz, aguda pelo sofrimento. - Edmund Aird. Só pensa em você e nesse seu trabalho. Sanford Cubben. Odeio Sanford Cubben.

Compreendi

que estou num dos últimos lugares na sua lista de prioridades, mas achava que Henry ocupava uma posição um pouco melhor. Você não prometeu somente a mim, prometeu também a Henry. Isso significa alguma coisa para você?

- Eu não prometi nada. Disse somente que o levaria, e agora não poderei.

- Chamo isso de compromisso. Se você assume um compromisso de trabalho, fará o impossível para cumpri-lo.

- Virgínia, seja razoável.

- Não serei razoável. Não ficarei sentada aqui para ouvir você me dizer para ser razoável. E não levarei o meu filho para um internato que eu nunca quis que ele fosse. É como me pedir para levar um dos cachorros ao veterinário para ser sacrificado. Eu não levarei!

Ela agora parecia uma feirante, mas não se importou. Mas a voz de Edmund, como sempre, continuava enfurecedoramente fria e desapaixonada.



- Nesse caso, sugiro que chame Isobel Balmerino e peça-lhe que leve Henry. Ela levará Hamish. Terá um lugar no carro para Henry.

- Se você acha que vou enganar Henry mandando-o com Isobel... - Então leve-o você mesma.

- Você é um monstro, Edmund. Sabe disso, não sabe? Está se comportando como um monstro egoísta.

- Onde está Henry? Eu gostaria de falar com ele antes de ir. -Não está aqui.- Com uma certa satisfação maliciosa Virgínia disse - Foi comprar doces na loja dos Ishaks.

- Bem, quando chegar, peça-lhe que me telefone.

- Você pode telefonar se quiser. - Com essa frase, ela bateu com o fone e terminou com a discussão desgastante.

O seu tom alto chegara até a cozinha.

- O que aconteceu? - perguntou Edie, virando-se da pia quando Virgínia, com a face transtornada e os braços cheios de roupa branca, atravessou a cozinha e entrou na rouparia e arremessou a trouxa na direção da máquina de lavar roupa.

-Alguma coisa errada?

- Tudo. - Virgínia puxou a cadeira e sentou-se com os braços cruzados, a expressão de rebeldia nos olhos. - É Edmund, está indo hoje para Nova York. Hoje. Ficará fora a semana inteira e tinha prometido... prometido, Edie... para mim que levaria Henry amanhã para a escola. Eu lhe disse que era a única coisa que não faria.

Detestei toda a ideia de Templehall desde o início, e a única razão pela qual concordei foi porque Edmund prometeu que ele levaria Henry amanhã.

Edie reconhecia um temperamento difícil quando estava diante de um deles.

Acrescentou, tentando acalmar os ânimos:

- Bem, coloque-se no lugar de um homem de negócios com esses Problemas que não podem ser contornados.

- Isso acontece só com Edmund. Os outros homens conseguem resolver suas vidas sem serem tão egoístas.

- Você não quer levar Henry?

-Não, não quero. É a última coisa que faria no mundo. É desumano QUe Edmund espere isto de mim.

Edie, espremendo o pano de enxugar louça, considerou o problema.

- Você não poderia pedir a Lady Balmerino que o levasse com Hamish?

Virgínia não comentou que Edmund já fizera a mesma sugestão e repelira as suas lamentações.

- Não sei. - Considerou a ideia. - Acho que sim - admitiu mal-humorada.

- Isobel é muito compreensiva. E tem que contar com ela mesma.

- Não, não tem. - Ficou claro para Edie que nada do que dissesse pareceria certo. -

Hamish nunca foi como Henry. Você pode mandar Hamish para a lua, que a sua única preocupação será quando poderá conseguir uma refeição extra.

- Bem, isso é verdade. Mas se eu fosse você, conversaria com Isobel. Não é bom para você pensar que não existe nada que possa ser feito, o que...

-Já sei, Edie. O que não tem remédio, remediado está.

- É um ditado muito certo - confirmou Edie placidamente, e pegou a chaleira para enchê-la com água. Uma xícara de chá cairia bem. Não há nada melhor num momento de tensão do que uma xícara de chá quente.

Estavam tomando o chá quando Henry chegou, com um pacote de gulodices.

-Mãe, veja o que comprei. - Despejou o conteúdo do pacote sobre a mesa da cozinha.

- Olhe, Edie. Barras de chocolate, e balas, chocolate ao leite, jujubas, bolos, chocolates digestivos e balas toffee, e rocambole. E o Sr. Ishak me deu um pirulito. Não tive que pagar por ele. Posso chupá-lo agora?

Edie veio espiar aquele saque à loja de doces.

- Espero que você não coma tudo de uma vez, porque não vai restar nenhum dente na sua boca.

- Não. - Ele já estava desembrulhando o pirulito.-Tem que durar muito tempo.

A ira de Virgínia já diminuíra agora. Passou o braço em torno de Henry e disse, num tom de voz conscientemente alegre:

- Papai ligou.

Ele lambeu o pirulito. - O que houve?

- Ele tem que viajar para a América. Hoje. Irá hoje à tarde para Londres. Não poderá estar aqui amanhã para levá-lo para a escola. Eu pensei...

Henry parou de lamber o pirulito. O prazer desapareceu do seu rosto, e ele olhou com apreensão para a mãe. Ela hesitou, mas depois continuou.

- ...pensei em ligar para Isobel e pedir que ela leve você junto com Hamish...

Não foi possível continuar. A reação dele foi pior do que ela esperara. Um choro triste e lágrimas rolaram...

- Não quero ir com Isobel...

- Henry... Ele a empurrou e jogou o pirulito no chão.

251

- Não quero ir com Isobel e Hamish. Quero que a minha mãe ou o meu pai me levem. -

Como você se sentiria se fosse eu...

- Henry...

-... e se tivesse que ir para longe com pessoas que não fossem a sua mãe ou o seu pai? Acho que não estão sendo bons comigo...

- Eu levarei você.

-E Hamish não falará comigo porque eu sou calouro e ele não. Não sou bom.

Chorando muito, saiu e bateu a porta.

- Henry, eu levareivocê...

Mas ele se fora. Seus passos eram audíveis subindo a escada e indo para o santuário do seu quarto. Virgínia, cerrando os dentes, fechou os olhos e desejou poder fechar os ouvidos também. Então, ouviu-o fechar a porta do quarto. Depois, o silêncio.

Ela abriu os olhos e viu Edie do outro lado da mesa. Edie suspirou:

- Oh, minha querida.

- Tudo por causa daquela ideia..

- Pobre criança. Está fora de si.

Virgínia apoiou o cotovelo na mesa e passou a mão pelos cabelos. De repente, a situação ficara pior do que ela supôs que aguentaria.

- Era a última coisa que eu gostaria que acontecesse. - Ela sabia, Edie sabia, que os acessos de mau humor de Henry o deixavam vulnerável e sensível por horas. -

Queria que fosse um dia bom, não ruim. Nosso último dia juntos. E agora Henry irá passá-lo debulhando-se em lágrimas e me culpando por tudo. Como se tudo já não estivesse difícil. Culpa de Edmund. E agora, o que faço, Edie?

-Como seria-disse Edie-se eu voltasse esta tarde e ficasse com Henry? Ele sempre fica bem comigo. Você já terminou de fazer as malas dele? Bem, eu poderia terminá-

las

e faria outras pequenas coisas. Ele ficaria Por perto e faria algumas coisas também. Um dia calmo, é o que ele precisa.

- Oh, Edie. - Virgínia sentia-se agradecida. - Você faria isso?

- Sem nenhum problema. Eu só terei que ir até em casa para ver Lotie e fazer o jantar. Voltarei às duas.

- Lottie não sabe fazer o jantar?

- Sabe, mas ela faz uma mixórdia tão grande, queima as panelas e deixa a cozinha tão suja que eu prefiro fazer.

Virgínia sentiu-se arrependida.

- Oh, Edie, você é tão amiga. Desculpe por ter gritado.

Foi bom eu estar aqui e você ter com quem gritar. - Levantou-se em dificuldade por causa das pernas inchadas. - Bem, tenho que fazer coisas, senão a casa não ficará arrumada. Vá falar com Henry. Diga a ele



que ficará comigo durante a tarde e que eu gostaria de ver os desenhos dele.

Virgínia encontrou-o onde sabia que o encontraria, debaixo do edredão agarrado a Moo.

- Sinto muito, Henry. - disse.

Tomado pelos soluços, ele não respondeu. Ela se sentou na cama.

- Foi uma bobagem. Papai pediu que perguntasse se você poderia ir com Isobel, e eu pensei que não deveria lhe perguntar. Nem deveria ter mencionado aquela ideia.

Claro que você não irá com Isobel. Você irá comigo. Eu o levarei de carro.

Esperou. Depois de algum tempo, Henry virou-se e ficou deitado de costas. O rosto estava inchado e molhado pelas lágrimas, mas havia parado de chorar.

- Não me importo com Hamish, mas quero você.

- Eu irei. Talvez leve Hamish conosco. Seria bom para Isobel. Ela não precisará ir.

Ele fungou o nariz.

- Está bem.

-Edie voltará hoje à tarde. Disse que queria passar a tarde com você. Quer que você faça um desenho para ela.

- Você já guardou as minhas canetas? -Ainda não.

Ele tirou os braços debaixo da coberta e ela o puxou. Apertou-o de encontro ao seu peito e beijou-lhe os cabelos. Depois, ele saiu da cama, procurou um lenço e assoou o nariz.

Foi, então, que ela se lembrou do recado de Edmund.

- Papai quer que você telefone para ele no escritório. Você sabe o número.

Henry foi até o quarto dela para telefonar. Mas Virginia demorara muito para dar o

recado e Edmund já havia saído.

O quarto de brinquedos estava calmo e confortável. O sol entrava pelas janelas abertas, e o vento fazia os galhos da glicínia baterem contra os vidros. Henry sentou-se

à grande mesa no meio do quarto para brincar. Edie estava sentada ao lado da janela e pregava o último nome nas meias novas. Durante as manhãs Edie usava as suas roupas mais velhas e um avental, mas naquela tarde ela voltara mais arrumada e colocara o seu novo cardigã lilás. Henry ficou encantado porque sabia que ela se vestira

para ficar com ele. Assim que chegou, armou a tábua de passar para passar as 253

roupas que tinham sido lavadas naquela manhã. Elas agora estavam empilhadas na outra extremidade da mesa, e exalavam um odor agradável. Henry largou a caneta hidrográfica

e procurou uma outra, resmungando.

- Que diabo! - disse.

- O que foi, querido?

- Quero uma caneta preta. Desenhei pessoas com balões saindo de suas bocas e quero escrever o que estão dizendo.

- Veja na minha bolsa. Tenho uma caneta lá.

A bolsa de Edie estava na cadeira defronte à lareira. Era grande, feita de couro, e continha coisas muito importantes: um pente, a carteira de dinheiro, o talão de pensionista, uma carteira de selos, o passe do trem, o passe do ônibus. Ela não tinha carro, por isso ia para todos os lugares de ônibus. Por isso tinha uma tabela com o horário dos ônibus, a "Relkirk Bus Company".

Henry, esmiuçando atrás da caneta, encontrou-a. Ocorreu a ele que poderia ser uma coisa muito útil para ele.

Edie

provavelmente teria outra em casa.

Ele olhou para ela. Edie estava absorta na costura, com a cabeça branca um pouco inclinada. Ele tirou a tabela da bolsa e colocou-a no bolso da sua calça. Encontrou a caneta, fechou a bolsa e voltou para o desenho.

- O que gostaria de comer hoje no jantar? - Edie perguntou.

- Macarrão com queijo - respondeu ele.

A loja de antiguidades de Dermot Honeycombe ficava no final da rua da aldeia, depois dos portões de Croy, no início de uma pequena ladeira situada entre a estrada

e o rio. Fora a ferraria da aldeia e o chalé onde Dermot viveu, a casa do ferreiro.

O chalé de Dermot era dolorosamente pitoresco. Tinha barricas de begônia na porta, janelas de gelosia e um telhado espesso de sapé. Porém, a loja permanecera como sempre fora, com as paredes de pedra escura e as vigas escurecidas. Do lado de fora havia um pátio de pedras arredondadas onde os cavalos ficavam à espera de serem ferrados, onde Dermot colocara a tabuleta com o nome de sua loja num pedaço de madeira

envelhecida pintada de azul: DERMOT HONEYCOMBE ANTIQUES, em caracteres bem bonitos.

Chamava muita atenção, e também favorecia a um comércio paralelo casual. Servia também para amarraras coleiras dos cachorros. Virgínia amarrou as correias nos spaniels e a outra extremidade na roda da carroça. Os cães ficavam sentados, satisfeitos.

- Eu não me demorarei - disse-lhes. Eles abanaram a cauda e 254

fizeram-na sentir-se como um algoz, mas assim mesmo atravessou o pátio e entrou na antiga ferraria. Dermot estava sentado na gaiola repleta de papéis que lhe servia de escritório. Estava ao telefone, e olhou para ela através dos óculos. Levantou a mão, à procura do interruptor.

Dentro da loja, quatro globos pendurados encheram-na de luz, aliviando a tristeza, mas não muito. O local estava repleto de quinquilharias. Cadeiras empilhadas sobre as mesas, as gavetas das arcas, abertas. Armários imensos cresciam assustadores.

Havia batedeiras de leite, panelas para geléias, montes de porcelana de jogos diferentes,

grades de lareira de metal, armários de canto, trilhos de cortinas, almofadas, cortes de veludo, tapetes poídos. O odor era úmido e de mofo, e Virgínia arrepiou-se

antecipadamente. As visitas a Dermot eram como uma loteria porque nunca se sabia

- e nem Dermot - o que se poderia encontrar.

Ela andou entre pilhas oscilantes de móveis empilhados, com a cautela de quem carrega uma porcelana. Sentiu-se um pouco mais alegre. Investigar sempre fora uma ótima

terapia, e Virgínia permitiu-se a auto-indulgência de esquecer Edmund, os traumas da manhã e o dia seguinte.

Um presente para Katy. Seus olhos vaguearam. Olhou o preço de uma arca com gavetas e de uma cadeira desdobrável. Procurou o contraste numa colher de batedeira, esquadrinhou

uma caixa repleta de chaves antigas e maçanetas de metal, virou as páginas de um livro antigo quase desfeito. Descobriu um jarro vitrificado para creme e limpou a poeira em busca de lascas ou pequenas rachaduras. Não havia nenhuma.

Dermot desligou o telefone e aproximou-se. "

- Bom-dia, querida.

- Oh, olá, Dermot.

- Procurando alguma coisa em particular? -Um presente para Katy Steynton.- Ela segurou o jarro para creme. - É muito bonito.

- É mesmo uma beleza, não é? O Jardim do Éden. Adorei o tom escuro do azul. - Era um homem corpulento, de face gentil, de idade avançada, porém indefinida. As faces eram rosadas, e o cabelo, pálido, leve como um dente-de-leão. Usava uma jaqueta de veludo cotelê verde desbotada, com os bolsos enfeitados de caçador, com um lenço de bolas vermelhas atado ao pescoço. - Você é a segunda pessoa que atendo hoje à procura de um presente para Katy.

- Quem mais esteve aqui?

- Pandora Blair. Apareceu essa manhã. Foi bom vê-la novamente. Mal pude acreditar quando entrou. Foi como nos velhos tempos,

depois de todos esses anos.

- Almoçamos em Croy ontem. - Virgínia pensou no dia anterior e sentiu como fora bom, do tipo que todos se lembrariam quando estivessem 255

mais velhos e não houvesse muito mais além de reminiscências. Foi na época em que Pandora voltou de Maiorca, e Lucilla também, com um jovem australiano. Não consigo lembrar o nome dele. Jogamos críquete. E Edmund e Pandora sentaram-se juntos no balanço, e Pandora começou a dormir, e todos nós brincamos com Edmund por ele ter sido uma companhia tão desinteressante.

- Foi a primeira vez que vi Pandora.

- Oh, eu me esqueci. Como os anos passaram ligeiros.

- O que ela comprou para Katy? Tenho que levar um presente diferente.

- Um abajur. Porcelana chinesa, e eu fiz a cúpula, de seda branca guarnecida de rosa pálido. Depois tomamos uma xícara de café e botamos as novidades em dia. Ela ficou muito triste quando eu lhe contei sobre Terence.

- Eu sei. - Virgínia temeu que os olhos de Dermot se enchessem de lágrimas e prosseguiu logo com a conversa. - Dermot, acho que vou levar este jarro. Katy poderá

usá-lo para colocar o creme ou então flores, pois ele é muito bonito e se presta para ambas as coisas.

-Não pense que poderá encontrar algo mais bonito. Mas, fique mais um pouco. Procure outra coisa...

- Eu gostaria muito, mas trouxe os cachorros para passear. Pegarei o jarro quando voltar e farei o cheque para o pagamento.

- Está bem. - Ele pegou o jarro das mãos dela e conduziu-a até a porta. - Você irá ao piquenique de Vi na terça-feira?

- Sim. E Alexa também. Ela está trazendo um amigo para a festa.

- Oh, que ótimo. Não vejo Alexa há meses. vou ver se consigo alguém para tomar conta da loja para mim nesse dia. Se não encontrar, vou fechá-la. Não perderia por

nada o piquenique de Vi.

- Espero que faça bom tempo.

Passaram pela porta e saíram ao sol. Os cachorros, assim que os viram, levantaram-se felizes, abanando as caudas.

- Como está Edmund? - perguntou Dermot.

- Indo para Nova York.

-Não acredito! Que aborrecimento! Eu não aceitaria por nada nesse mundo um trabalho assim.

- Não diga isso. Ele gosta muito de você.

Ela desatou as coleiras, acenou com a mão para Dermot e caminhou, afastando-se dos últimos chalés de Strathcroy. Mais um quilómetro e chegaria à ponte que se estendia sobre o rio na extremidade oeste da aldeia. A ponte era antiga, íngreme e bem curva, e nos velhos tempos era usada pelos boiadeiros. Na ponta mais afastada havia uma árvore frondosa torcida, que seguia as circunvoluções do rio e que levava de volta a Balnaid.



No alto ela parou para soltar os cachorros e deixá-los correrem livres. Dispararam de imediato, com os narizes farejando coelhos, mergulhando nas moitas de samambaias e amoreiras pretas. De tempos em tempos, como para provar que não estavam perdendo tempo, emitiam os latidos de caça ou esticavam-se acima das moitas, com as orelhas flutuando como asas abertas.

Virgínia deixou-os ir. Eram os cães de caça de Edmund, pacientemente treinados, inteligentes e obedientes. Bastava um assovio e eles voltavam correndo para ela.

A antiga ponte era um local aprazível para demorar-se. As pedras estavam aquecidas pelo sol, e ela apoiou os braços na parede, olhando o fluxo da água turva. Algumas vezes ela e Henry brincavam ali, atirando gravetos de um lado e correndo para ver qual seria o vencedor, o primeiro a aparecer do outro lado. Havia ocasiões que eles não apareciam, ficando presos em alguma obstrução não visível.

Como Edmund.

Sozinha, somente com o rio por companhia, sentiu-se forte o suficiente para pensar em Edmund, agora provavelmente voando sobre o Atlântico rumo a Nova York, atraído, por algum imã, para longe da esposa e do filho, justamente no momento em que a sua presença era muitíssimo necessária em casa. O imã era o seu trabalho, e Virgínia sentiu-se com ciúmes, ressentida e só, como se ele estivesse indo ao encontro de uma amante.

O que era estranho, porque ela nunca sentira ciúmes de outra mulher, e nunca se torturara com imagens e infidelidade durante os longos períodos em que Edmund estava

longe dela, em cidades do outro lado do mundo. Uma vez, para importuná-lo, disse que não se importava com o que ele fazia, desde que não tivesse que ver. O

importante

era que ele voltasse para casa. Mas hoje, ela desligara o telefone com força, sem dizer adeus, e esquecera de dar a Henry o recado do pai, e quando o fizera, já era tarde demais. Experimentou uma pontada de culpa. Depois permitiu-se viver os seus sentimentos magoados. É culpa dele. É melhor que se preocupe um pouco. Quem sabe de uma outra vez...

- Passeando?

Virgínia não identificou de onde vinha a voz. Pensou: oh, meu Deus, deixou passar alguns segundos e se virou lentamente. Lottie estava a alguns passos dela. Tinha subido a ladeira vinda da aldeia, no mesmo percurso de Virgínia, com passos leves, inaudíveis. Teria visto Virgínia na rua, espiando pela janela de Edie, e pegara a sua horrível boina, o cardigã verde para segui-la? Teria esperado enquanto Virgínia estava com Dermot, meio escondida, para depois seguir os passos dela sem ser

ouvida? A própria ideia era fantasmagórica. O que será que ela queria? Por que não deixava as pessoas a sós? E por que, além da irritação de Virgínia, havia espreitado,



como um fantasma, trazendo um tipo de pressentimento, um agouro de medo?

Ridículo. Dominou-se. Imaginação. Era somente a sobrinha de Edie, ávida por companhia. com algum esforço, Virgínia estampou uma expressão amiga no rosto.

- O que está fazendo aqui, Lottie?

- O ar fresco pertence a todos, eu digo sempre. Olhando a água? Chegou-se para o lado de Virgínia, para debruçar-se sobre a murada, como ela o fizera. Mas não era tão alta quanto Virgínia, e teve que ficar na ponta dos pés e espichar o pescoço. -

Viu algum peixe?

-Eu não prestei atenção a eles.

- Esteve na loja do Sr. Honeycombe, não foi? Ele tem muito refugo lá. A maioria serve só para uma fogueira. Mas, há gosto para tudo. E eu estava dando um passeio, o mesmo que você. Quanto a você, Edie me disse que Edmund foi para a América.

- Só por alguns dias.

- Isso não é bom. Foi a negócios? -Não teria outra razão para ir.

- Oh, ho, ho, ho, isso é o que você pensa. Vi Pandora Blair essa manhã. Está magra, não está? Como um espantalho. E, aquele cabelo! Parece pintado. Eu a chamei, mas ela não me viu. Usava óculos escuros. Poderíamos ter conversado sobre os velhos tempos. Eu morava em Croy, você sabe, como empregada. Na época da antiga Lady Balmerino. Era uma senhora adorável. Senti pena dela, com uma filha daquelas. Já estava na fase do casamento, Lorde e Lady Balmerino, mas pelo menos houve Archie e Isobel. Houve uma festa em Croy naquela noite. Que trabalheira! Tinha tanta gente que não dava para se mexer. A Sra. Harris cozinhava, Lady Balmerino não teve que ir para a cozinha. Tudo correu muito bem, sem dúvida lhe contaram.

- Sim - disse Virgínia, pensando em alguma coisa para dizer e escapar daquela torrente de palavras.

-Tinha acabado de sair da escola, Pandora, mas já conhecia algumas coisas da vida.

Posso lhe afirmar. Homens. Ela os tinha à vontade, levava-os na conversa, uma pequena prostituta.

Sorria, o tom de voz inconsequente, quase aprovando, de modo que a palavra pegou Virginia desprevenida, e, surpresa, ela reagiu dizendo com aspereza:

- Lottie, não acho que você deveria falar desse jeito sobre Pandora. -Oh, você acha que não?- Lottie ainda sorria.-Não é agradável

ouvir a verdade? Por trás dela todos comentam. Se eu fosse você não ficaria tão despreocupada. Não com o seu marido. Não com ela. Eram amantes, ela e Edmund. Por isso ela voltou, anote as minhas palavras. Voltou para 258

ele. Dezoito anos depois, Edmund casado e com um filho pequeno, mas isso não os impedirá. Isso não os impedirá de irem para a própria cama dela. Foi na noite do casamento, enquanto todos dançavam. Mas eles não dançavam. Oh, não. Estavam lá em cima, achando que ninguém havia notado. Mas eu notei, eu vi. - Pontos vermelhos surgiram nas faces amareladas de Lottie, os olhos escuros como um par de alicates, forçados nas órbitas. - Eu os segui. Parei na porta. Estava escuro. Mas eu os ouvi. Nunca ouvi uma coisa como aquela. Você nem imagina? Aquele Edmund é como um peixe frio. Nunca diz nada, nem um comentário. Como o resto deles. Todos sabem.

Não é óbvio? Edmund de volta a Londres e Pandora se esfregando na sua cama, a face inchada pelas lágrimas, sem comer. E a maneira que falava com a mãe! Mas eles se faziam de cegos. Por isso Lady Balmerino me despediu. Não me queria por perto.

Eu sabia demais.

Ainda sorria. Fervendo pela excitação. Louca. "Tenho que falar com ela", Virgínia disse para si mesma.

- Lottie, acho que você está inventando tudo isso. A atitude de Lottie de repente mudou.

-Estou?-O sorriso sumiu da face. Afastou-se de Virginia, e mirou-a de alto a baixo como se fossem entrar em luta corporal.-E por que acha que o seu marido foi de repente para a América? Pergunte a ele quando voltar para casa, e duvido que goste da resposta que vai ouvir. Sinto muito por você, sabia? Porque faz você de boba, como fez com a primeira mulher, pobre moça. Não há nenhum traço de decência nele.

Então, repentinamente, tudo terminou. O veneno acabara, Lottie se fechou em si mesma. A cor escoou de sua face. Enrugou os lábios, tirou um pedaço de líquen do cardigã,

enfiou uma mecha de cabelos debaixo da boina. A expressão tornou-se complacente, como se tudo estivesse bem agora, pronta para ir embora.

-Você está mentindo - Virginia insistiu.

Lottie virou a cabeça e deu uma risada. - Pergunte a qualquer um. - Você está mentindo.

- Diga o que quiser. O pior cego é aquele que não quer ver... - Eu não direi mais nada. Lottie encolheu os ombros.

- Nesse caso, então, por que reclamou tanto?

- Eu não direi mais nada e você está mentindo.

O coração batia forte no peito, e os joelhos tremiam, mas ela virou as costas para Lottie e começou a caminhar, com firmeza e sem pressa, sabendo que Lottie a acompanhava

com o olhar, determinada a não lhe dar nenhuma satisfação. O pior era não olhar para trás. Os cabelos da nuca se arrepiaram pela apreensão, pelo medo de que, a qualquer

momento,

sentisse o peso da mão de Lottie sobre seus ombros, jogando-a no chão com a força inumana de um monstro dos sonhos infantis.

Mas não aconteceu. Chegou até o banco do rio e sentiu-se um pouco mais segura.

Lembrou-se dos cães e juntou os lábios para assoviar, mas a boca e os lábios estavam

secos demais e ela teve que tentar outra vez. Produziu um som semelhante a um pipilo, um esforço patético, mas os cães de Edmund, sem ter encontrado nenhum coelho,

apareceram quase imediatamente, surgindo entre as samambaias, afastando as potentilhas, com brotos de amoreira preta presos no pêlo.

Ela nunca antes sentira tanta alegria em vê-los, tão agradecida pela sua obediência instantânea. "Bons companheiros". Abaixou-se para acariciá-los. "Muito bem. É

hora de voltarmos para casa."

Eles correram à frente, descendo a ladeira. Deixando a ponte para trás, Virginia seguiu-os, num passo sem pressa. Não se permitiu olhar para trás até ter chegado à curva do rio, onde a estrada fazia uma curva por baixo das árvores. Lá ela parou e se virou. A ponte ainda era visível, mas não havia mais sinal de Lottie.

Ela se fora. Tudo terminara. Virginia inspirou profundamente e deixou-a sair junto com um soluço, não distante de um pânico. Então, o pânico venceu e, sem nenhuma vergonha ela correu para casa. Correu para Edie, para Henry, para o santuário de Balnaid.

De volta ao começo.

Você está mentindo.

Duas horas da manhã e Virginia continuava acordada, olhando para a escuridão à sua frente. Revolvia-se na cama, ora muito quente, ora fria,

lutando contra os travesseiros,

esmurrando as protuberâncias. Ocasionalmente levantava-se e vagava pelo quarto de camisola, procurava um copo com água, bebia-a e tentava novamente dormir.

Alguma coisa estava errada.

No outro lado da cama, o lado de Edmund, Henry dormia pacificamente. Virginia, desafiadoramente rompendo uma das regras básicas de Edmund, levara o filho para a sua cama De vez em quando. como para conferir, ela esticava a mão para tocá-lo, para sentir a respiração compassada, o seu calor sob o pijama de flanela listrada.

Na cama imensa ele Parecia um bebé.

Ela os tinha à vontade, levava-os na conversa. Uma pequena prostituta.

Não conseguia tirar a cena da cabeça. As palavras de Lottie iam e 260

vinham, como um disco num gramofone antigo, arranhando sem tocar. Círculos de tormento, que nunca cessavam e nem levavam a alguma conclusão.

Eram amantes. Edmund, casado e com um filho pequeno.

Edmund e Pandora. Se fosse verdade, Virgínia sabia que nunca imaginara ou suspeitara por um único momento. Na sua inocência, não procurara evidências, nem

vira outros

significados nas palavras casuais de Edmund, na sua conduta. "A casa de Pandora", ele dissera, servindo-se de uma bebida e dirigindo-se à geladeira em busca de gelo.

"Fomos convidados para almoçar em Croy." E Virgínia concordara: "Que ótimo" e fora fritar os bifes para o jantar de Henry. Pandora era simplesmente a irmã pródiga de Archie, que voltara de Maiorca. E quando a

reunião começara ela não dera atenção ao beijo fraterno de Edmund no rosto de Pandora, aos seus risos, ao compreensível afeto do reencontro. E pelo restante do dia Virgínia tivera o interesse voltado para o jogo e não ficara curiosa para saber o que Edmund e Pandora, sentados lado a lado no balanço, conversavam.

E, o que importava que eles tivessem falado? Seja sensata. E se eles tiveram um romance impetuoso que terminara na cama de Pandora? Pandora, aos dezoito anos, devia

ser sensacional, e Edmund estava no auge da sua virilidade. Hoje, um adultério não recebe mais esse nome, mas é chamado de sexo extracasamento. Além disso, tudo aconteceu há muito tempo. Há mais de vinte anos. E Edmund não fora infiel a Virgínia, mas à sua primeira esposa, Caroline. E Caroline está morta. Por isso não era

importante. Não há nada para ficar agoniada. Nada...

Todos sabiam. Se faziam de cegos. Não me queriam por perto. Eu sabia demais.

Quem sabia? Archie? Isobel? Vi? E Edie? Porque, se soubessem, todos estariam observando, temendo que acontecesse novamente. Observariam Edmund e Pandora.

Observariam

Virgínia, com os olhos cheios de pena, com um sentimento que ela nunca vira antes.

Será que ficaram preocupados com Virgínia como ficaram com Caroline? Será que comentaram entre si, como conspiradores, concordando em não revelar a verdade para a segunda esposa de Edmund? Se o fizeram, então Virgínia fora traída pelas pessoas mais chegadas e nas quais ela mais confiava.

E por que acha que o seu marido foi de repente para a América? Ele afaz de boba como fez com a primeira mulher, pobre moça.

Isso fora o pior. Era a pior dúvida. Edmund se fora. Teria realmente que ter viajado daquela forma, ou Nova York fora simplesmente uma desculpa inventada para sair

de Balnaid e de Virgínia para ter tempo para resolver esses problemas? Os problemas seriam que ele amava Pandora, sempre a amara e agora ela voltara, bela como antes, e Edmund mais uma vez sentira-se aprisionado num casamento com outra mulher.

261

Edmund estava com cinquenta anos, uma idade vulnerável a inquietações e a crises da meia-idade. Não era homem de revelar suas emoções. Na maior parte do tempo Virgínia não tinha ideia sobre os seus sentimentos. A sua própria dúvida crescia a proporções terríveis. Talvez dessa feita ele rompesse os laços, deixando Virgínia, o casamento

e a sua vida em ruínas. Deixando-a e Henry imersos em problemas que uma vez pensara serem totalmente improváveis.

Não deveria pensar assim. Rolava na cama, comprimindo o rosto contra o travesseiro, lutando contra a horrível perspectiva. Ela não a aceitaria. Não deixaria que acontecesse.

Você está mentindo, Lottie.

Terminava desse jeito. Voltando ao princípio.

262

Terça-feIra, 13

A chuva fora cruel, implacável, além de não ser bem-vinda. Começara antes de o dia amanhecer. Virgínia acordou com o barulho e sentiu um peso no coração. Como se os próprios fatos não fossem suficientes para tornar o dia pesado. Talvez parasse.

Mas os deuses não estavam do seu lado, e o diluvio continuou, despejando-se monotonamente

do céu cinzachumbo, por toda a manhã e início da tarde.

Agora eram quatro e meia, e eles estavam a caminho de Templehall. Levava os dois meninos e toda a sua bagagem-malas, caixas dobráveis, edredões, bolas de futebol

e pastas-por isso deixara o seu pequeno carro na garagem e pegara o de Edmund, um Subaru de tração nas quatro rodas que ele usava quando ia para o campo ou para as montanhas. Não tinha o hábito de dirigir aquele carro, e sua não familiaridade e a própria incerteza serviram somente para aumentar o sentido da condenação e da desesperança que a haviam consumido nas últimas vinte e quatro horas.

As condições eram péssimas. Os últimos vestígios de luz já deixavam o céu, e ela dirigia com os faróis acesos e os limpadores de pára-brisas ligados na velocidade máxima. Os pneus chiavam na estrada inundada, e os carros e caminhões que passavam levantavam ondas de água lamacenta. A visibilidade era quase nenhuma, o que era frustrante, pois, sob condições normais, a estrada que ligava Relkirk a Templehall apresentava paisagens excepcionalmente bonitas, cortando fazendas prósperas, ao longo dos baixios de um rio majestoso e largo, famoso pelos salmões e pelas grandes propriedades, com visões distantes de casarões imensos.

Teria ficado mais fácil se eles pudessem observar esse cenário - Chamariam a atenção para os pontos mais bonitos, distinguiriam uma montanha, e Virgínia poderia fazer comentários. Mas, com aquele tempo, ela tentara interessar Hamish em alguma conversa, esperando que aquilo tirasse Henry do seu estado lastimável e, talvez, até o fizesse participar. Mas Hamish estava de mau humor. O fato de a liberdade das férias de verão



ter terminado já era difícil o suficiente, e pior ainda era voltar à escola na companhia de um aluno novo. Um bebé. Era como chamavam os novos. Bebés. Viajar com um bebé era demais para a sua dignidade, e ele rezara para que nenhum dos seus colegas estivesse por perto para testemunhar a sua chegada humilhante. Ele não se responsabilizaria por Henry Aird, e esclarecera esse ponto, vociferando com a mãe enquanto ela o ajudava a

descer a mala pela escada em Croy e ele achatava com uma escova o cabelo horrível e bem curto.

Portanto, decidira-se por uma viagem incomunicável e interrompera as tentativas de Virgínia ao responder-lhe somente com grunhidos incompreensíveis. Ela compreendera, e, desde então, os três caíram num silêncio duro e sem palavras.

O que fez Virgínia desejar não ter trazido o ignóbil adolescente. Deveria ter deixado Isobel encarregada do filho rabugento. Mas, sem a presença dele, talvez Henry

tivesse explodido em lágrimas que durariam a viagem inteira, e chegaria a Templehall encharcado e num estado não condizente para lidar com os rigores do seu novo

e ameaçador futuro.

A perspectiva lhe era insuportável. Estou odiando tudo isso, disse para si mesma. É

ainda pior do que tudo que consegui imaginar. É desumano, infernal, não natural.

E a parte pior era a ida, porque viria o momento de dizer adeus a Henry e ir embora, deixando-o sozinho, num lugar estranho. Odeio Templehall, odeio o reitor, e poderia estrangular Hamish Blair. Nunca na minha vida fiz algo que odiasse tanto.

Estou odiando essa chuva, todo o sistema educacional, a Escócia, Edmund.

- Tem um carro atrás de nós que quer ultrapassar-disse Hamish.

-Bem, ele terá que esperar-Virgínia respondeu, e Hamish voltou a ficar em silêncio.

Uma hora depois, ela estava de volta na mesma estrada, dirigindo na direção oposta.

Tudo terminara. Henry se fora. Ela se sentia entorpecida, não existindo, como se o trauma da separação tivesse levado a sua identidade. Não queria pensar em Henry, porque, se o fizesse, choraria, e a combinação das lágrimas com a semi-escuridão e a chuva implacável provavelmente a faria perder o controle do carro, atirando-o para fora da estrada ou enfiando-o na traseira de um caminhão. Imaginou o metal engelhando, o Próprio corpo sendo jogado, como uma boneca quebrada, para a lateral da estrada, o piscar de faróis, a sirene da ambulância e o carro da polícia.

Não queria pensar em Henry. Aquela parte da sua vida terminara.



Mas, o que aconteceria a ela agora? O que faria? Quem era ela? Qual a razão que a levava a dirigir de volta a uma casa escura e vazia? Não queria ir para casa. Não queria voltar a Strathcroy. Mas para onde iria? Para algum lugar perfeitamente maravilhoso, a quilómetros de distância de Archie e Isobel, Edmund, Lottie e

Pandora

Blair. Um lugar com a luz do sol e muita calma, sem responsabilidades, onde as pessoas lhe diriam que era fantástica e onde poderia ser jovem novamente em vez de se sentir com cem anos de idade.

Leesport. Era lá. Ela dirigia o carro para o aeroporto, a fim de pegar um avião para o Aeroporto John Kennedy, e uma limusine a esperaria. Não choveria. Seria outono

em Long Island, com o céu azul e folhas douradas nas árvores, e uma brisa fresca vinda da baía derramando-se do Atlântico. Leesport, imutável. As ruas largas, os cruzamentos, as lojas, as confeitarias com os meninos espiando a vitrine, rodando de bicicleta. Depois, Harbor Road. Cercas de estacas, árvores frondosas e irrigadores

nos gramados. A estrada que levava à praia, o cais do clube com uma multidão de barcos ancorados. Os portões do clube, e a casa da avó. E vovó

no jardim, fingindo que varria as folhas, mas, na verdade, esperando o carro, para que pudesse estar ao seu lado assim que descesse.

"Oh, querida, você voltou." A face macia e enrugada, recendendo a lírio branco.

"Faz muito tempo. Fez boa viagem? Que bom ter vocês!"

Dentro de casa, outros odores. Fumaça de madeira, óleo solar, cedro, rosas. Tapetes bordados e capas esmaecidas. Cortinas de algodão levantadas nas janelas abertas.

E vovô surgindo dos fundos da casa, com os óculos no alto da cabeça e o The New York Times debaixo do braço...

"Onde está a minha querida?"

Na escuridão à sua frente, luzes brilharam. Relkirk. De volta à realidade , Virgínia compreendeu que deveria parar por algum tempo. Precisava sair, esticar o corpo,

descobrir um bar, tomar alguma coisa, sentir-se novamente um ser humano. Precisava do calor e do conforto doce do Musak e de suas luzes. Não havia pressa para chegar a casa. Não havia ninguém à sua espera. Talvez um tipo de liberdade. Ninguém para se importar se chegasse tarde, ninguém para se preocupar com o que faria.

Dirigiu para a parte antiga da cidade. As ruas pavimentadas estavam inundadas, a chuva tremeluzia à luz das lâmpadas que iluminavam pouco; as calçadas estavam repletas

de pessoas, com galochas, capas impermeáveis, guarda-chuvas e embrulhos, todas correndo para casa, para o conforto de uma lareira e de uma xícara de chá.

Dirigiu-se ao King's Hotel, porque o conhecia e sabia onde era o lavatório. Era um prédio antigo, no Centro da cidade, e, por isso, não tinha estacionamento próprio.

Virgínia encontrou uma vaga do outro lado da rua, onde estacionou o grande Subaru, debaixo de uma árvore gotejante.

265

Quando fechou a porta, um táxi parou ao lado da entrada do hotel. Um homem saltou, usando uma capa e um chapéu. Pagou a corrida e, carregando uma mala de viagem, subiu os degraus que levavam da calçada à porta giratória. Depois desapareceu.

Virgínia esperou os carros passarem para atravessar a rua e também entrou no hotel.

O lavatório das senhoras ficava do outro lado do salão. O homem estava na recepção.

Tirara o chapéu e o sacudia para retirar os pingos da chuva.

- Pois não. - A recepcionista era uma moça mal-humorada, com os lábios pintados de rosa forte e os cabelos cor de palha.

- Boa-noite. Tenho um quarto reservado. Fiz a confirmação há uma semana, de Londres.

Um americano. Sua voz era rouca, com um ligeiro sotaque. Alguma coisa despertou a atenção de Virgínia, como se uma mão tivesse puxado o seu ombro. Do outro lado, ela parou e olhou na díreção dele. Viu um homem alto, de ombros largos, de cabelos escuros riscados de cinza.

- Qual o nome que o senhor falou?

- Eu ainda não falei. Conrad Tucker.

- Ah, sim. Por favor, assine aqui... Virgínia chamou:

- Conrad.

Surpreso, ele se virou para olhá-la. No espaço entre eles, seus olhos se cruzaram.

Conrad Tucker. Mais velho, começando a embranquecer os cabelos. Mas era Conrad.

Os mesmos óculos de armação de chifre, o mesmo bronzeado indelével. Por um segundo a sua expressão permaneceu inalterada, depois, lenta, incredulamente, sorriu.

- Virgínia.

- Não acredito no que estou vendo...

- Bem, é inevitável.

- Pensei ter reconhecido a sua voz.

- O que está fazendo aqui?

A moça na recepção não parecia apreciar a interrupção.

- Por favor, senhor, queira assinar a ficha.

- Moro próximo daqui.

- Eu não sabia.

- E você?

- Ficarei hospedado por algum tempo.

- E como será o pagamento, senhor? - Novamente a moça da recepção. - Cartão ou cheque?

- Olhe - disse Conrad a Virginia -, deixe-me terminar isso aqui. Depois, dê-me cinco minutos e eu a encontrarei no bar para tomarmos um drinque juntos. Pode esperar?



- Sim, posso.

-vou deixar a mala no quarto, lavar as mãos e descerei em seguida. Está bem assim?

- Somente cinco minutos.

- Não preciso mais do que isso.

O lavatório das senhoras, cheio de babados e cortinas, estava misericordiosamente vazio. Virgínia deixara de lado o mau humor e agora se olhava no espelho, admirando a sua figura, sentindo-se mais desorientada do que nunca, pela surpresa inesperada do seu encontro com Conrad. Conrad Tucker, em quem não pensava há doze anos ou mais. Aqui, em Relkirk. Vindo de Londres, por qual razão, ela não podia imaginar.

Sabia somente que nunca antes havia ficado tão feliz em encontrar um rosto conhecido,

porque agora, pelo menos, tinha alguém com quem conversar.

Não estava vestida apropriadamente. Calças jeanse, uma antiga suéter de cashmere com um cachecol. A aparência também não era das melhores. O cabelo, escorrido pela chuva, a face sem pintura. Viu as marcas na testa e nos cantos da boca, e as olheiras escuras por baixo dos olhos, uma evidência da noite mal dormida. Pegou a bolsa,

encontrou o pente. Passou-o pelos cabelos e afastou-os do rosto.

Conrad Tucker.

Doze anos. Ela tinha vinte e um. Tanto tempo, e muita coisa acontecera desde então, por isso esforçou-se para lembrar dos detalhes daquele verão em particular. Haviam-se

encontrado no clube campestre em Leesport. Conrad era advogado num escritório em Nova York que dividia com o tio. Possuía um apartamento em East Fifties, mas seu pai comprara uma casa antiga em Southampton, e Conrad vinha de lá para Leesport para participar de um campeonato de ténis.

Até aqui, tudo bem. Mas, como ele se saíra no campeonato? Isso se perdera nas brumas do tempo. Virgínia se lembrava somente de que assistira ao jogo e que torcera

por ele, e, depois, ele a procurara para lhe oferecer uma bebida, que era exatamente o que ela pretendera.

Procurou em vão um batom na bolsa; encontrou um perfume, e colocou algumas gotas.

Tinha sido um verão muito bom. Conrad retornara a Leesport na maioria dos fins de semana, e houve churrascos à meia-noite na praia de Fire Island. Jogaram ténis, velejaram na antiga chalupa do avô de Virgínia, nas águas azuis da baía. Lembrou-se das noites de sábado no clube, quando



dançou com Conrado no terraço amplo, o céu estrelado e a pequena orquestra tocando

"The Look of Love".

Uma vez, no meio da semana, ela fora com a avó até a cidade para ficar no Colony Club, fazer algumas compras e ir a um show. E Conrad telefonara e a apanhara para levá-la para jantar no Lespleiades, e depois foram ao Café Carlyle, onde ficaram até bem tarde ouvindo Bobby Short.

Doze anos. Pareciam quase nada. Pegou a bolsa e saiu do lavatório em direção ao bar. Conrad ainda não aparecera. Ela pediu um uísque com soda,

um maço de cigarros e dirigiu-se para uma mesa vazia no canto da sala.

Bebeu metade da dose de um só gole, e sentiu-se aquecida de imediato, confortada, e mais forte. O dia ainda não terminara, e pelo menos ela tivera uma pausa. E não mais se sentia sozinha.

- Comece você, Conrad - ela disse.

- Por que eu?

- Porque antes que eu diga uma única palavra, preciso saber por que você está aqui.

O que o trouxe à Escócia, a Relkrik? Deve haver uma explicação lógica, mas não consigo pensar em nenhuma.

Ele sorriu.

- Na verdade, não estou fazendo nada em especial. Somente em férias. Não exatamente sabáticas, somente uma parada prolongada.

- Ainda advoga em Nova York? -Ainda.

- com o seu tio?

- Não. Agora eu dirijo um escritório.

- Impressionante. Continue.

- Bem... estou fora da América há cerca de seis meses. Viajando pela Inglaterra, ficando com amigos. Somerset, Berkshire, Londres. Depois fui para o norte e estive em Kelso por alguns dias com uns primos distantes de minha mãe. É um belo lugar.

bom para pescar. Saí hoje após o almoço. Peguei o trem e aqui estou.

- Quanto tempo ficará em Relkirk?

-Somente hoje. Amanhã de manhã alugarei um carro e partirei para o norte. Tenho uma festa para ir.

- Onde é a festa?

-Num lugar chamado Corriehill. Mas ficarei em outra casa, chamada Croy. com...

- Eu sei - Virgínia o interrompeu. - Archie e Isobel Balmerino.



- Como você sabe?

- Porque eles são os nossos melhores amigos. Moramos todos na mesma aldeia. E...

você conhece Katy Steynton?

- Eu a encontrei em Londres.

-Oh, então, você é o americano triste. - Virgínia falou sem pensar, e arrependeu-se.

- O que disse?

- Nada, Conrad. Não devia ter mencionado. Ninguém conseguiu lembrar o seu nome, por isso eu não sabia que era você o convidado.

- Você não se lembrou de mim?

- Almoçamos com os Balmerinos no domingo. Isobel comentou a seu respeito.

Conrad balançou a cabeça.

- Sei que se casou, com um escocês, mas só isso. Nunca imaginei que fôssemos nos encontrar dessa maneira.

- Bem, aqui estou; Sra. Edmund Aird. -Pelo menos penso que sou. Hesitou. - Conrad, não o quis ofender. O americano triste, quero dizer. Isobel não sabe nada sobre você. Exceto que Katy o conheceu em Londres. E que sua esposa faleceu.

Conrad mexia o copo com uísque. Virou-o na mão, observando o líquido âmbar girar.

Após um momento, disse:

- É isso mesmo. Ela faleceu.

- Eu sinto muito.

Ele olhou para ela sem palavras.

- Posso perguntar o que aconteceu?

- Ela teve leucemia. Esteve doente por um longo tempo. Por isso vim para cá. Após o funeral.

- Como ela se chamava?

- Mary.

- Por quanto tempo estiveram casados?

- Sete anos.

- Tem filhos?

- Uma filha, com seis anos. Emily. Está agora com a minha mãe em Southampton.

-Afastar-se tornou as coisas... mais suaves para você?

- Saberei quando voltar.

- E quando voltará?

- Talvez na próxima semana. - Ele bebeu o último gole e levantou-se. - vou pegar uma segunda dose para nós.

Ela o observou enquanto ele pedia as bebidas e pagava a segunda rodada, e tentou decifrar por que ele era incontestavelmente americano e não mascava chicletes e nem andava gingando. Talvez fosse o tipo de



corpo, os ombros largos, quadris estreitos, pernas longas. Ou, quem sabe, as roupas. Sapatos brilhantes, uma camisa da Brooks Brothers, um suéter azul da Shetland

com um símbolo discreto de Ralph Lauren.

Ela o ouviu pedir ao barman algumas nozes. Ele o fez num tom baixo e educado, e o barman encontrou um pacote e o despejou num pequeno prato. Virgínia lembrou-se de que Conrad elevava a voz e sempre era gentil com alguém que o estivesse servindo. Atendentes, o homem do bar, garçons, motoristas de táxi, porteiros. O

homem

que recolhia o lixo e fazia outros pequenos serviços no cais de Leesport era muito grato a Conrad porque esse fizera questão de saber o seu nome, que era Clement, e sempre o tratara bem.

Um homem educado. Pensou na sua esposa já falecida, com certeza havia sido um casamento feliz, e ficou zangada por ele. Por que as tragédias sempre atingem os casais

que menos as merecem, enquanto outros são preservados para permanecer infelizes e fazer os outros também infelizes? Sete anos. Não era muito. Pelo menos havia a filha. Pensou em Henry e sentiu-se melhor sabendo que ele tinha uma filha.

Ele voltou para a mesa. Ela colocou um sorriso na face. Os uísques estavam escuros.

- Eu deveria beber somente um. vou dirigir ainda hoje.

- Quantos quilómetros?

- Cerca de sessenta.

- Quer que eu chame seu marido?

-Ele não está em casa. Foi para Nova York. Trabalha para a Stanford Cubben. Não sei se você sabia disso ou não.

- Acho que sim. E o restante da família?

- Se por família você se refere a filhos, não há ninguém em casa, Tenho um único filho, e essa tarde eu o abandonei na escola para o seu primeiro semestre longe de casa. Por isso tive um dia tão pesado. O pior da minha vida. Por isso entrei aqui. Para me refazer e reunir forças para continuar a dirigir. - Até para si própria

ela pareceu dramática.

- Quantos anos ele tem? - Oito.

- Meu Deus. - Sua voz soou desolada, o que Virgínia achou reconfortante. Pelo menos uma alma irmã, alguém que pensava da mesma forma que ela.

- Ele é muito pequeno. Eu não queria que fosse e lutei todos os minutos do dia. Mas o pai parece uma pedra. É a tradição. A velha tradição dos britânicos de linhagem superior. Pensa que é a coisa correta a ser feita, e estava decidido que ele levaria Henry. Mas teve que ir para Nova York. Por isso coube a mim levá-lo. Não sei qual de nós se sentia pior, Henry ou eu. Não sei qual de nós sentirá mais.



- Henry ficou bem? Quero dizer, disse adeus bem?

- Conrad, eu não sei. Honestamente não sei. Foi a despedida mais rápida que você pode imaginar. Durou um segundo. Nem mais um momento, sem

oportunidade para

lágrimas.

Mal parei o carro e surgiram dois camaradas corpulentos que abriram o porta-malas e retiraram toda a bagagem e a colocaram num carrinho. Então a diretora... jovem e bonita... pegou Henry pela mão e o levou. Acho que ele nem olhou para trás.

Fiquei lá, parada, com a boca aberta, preparada para uma cena, e, de repente, a diretora

surgiu do nada, apertou-me a mão, dizendo adeus Sra. Aird. Entrei no carro novamente e fui embora. Sabe de uma coisa? Sinto-me como uma galinha morta numa esteira

de entregas. Você acha que eu deveria ter falado alguma coisa?

- Não, acho que não. Você agiu da maneira correta.

-Nada poderia tornar o momento melhor. - Ela soltou um suspiro, bebeu o resto do uísque e colocou o copo sobre a mesa. Pelo menos nenhum de nós dois tornou as coisas

piores.

- Acho que tudo já acabou. - Sorriu. - E você ainda pode ter um pouco de alegria.

Por que não jantamos juntos?

- ... nunca pensei que eu moraria na Escócia. Para mim era um lugar de diversão para vir num final de verão e participar de uma ou duas caçadas, mas nunca um lugar para passar o resto da vida...

O King's Hotel não adquirira fama pela comida, mas era cálido e confortável, e a escuridão e a chuva forte não induziam uma saída pelas ruas molhadas em busca de um local mais sofisticado. Já tinham tomado um caldo

escocês, e agora enfrentavam as costeletas, cebolas, batatas e legumes. Havia alguns pudins para serem escolhidos

e sorvetes. A garçonete já avisara que os outros doces não estavam muito frescos.

Conrad pedira um vinho, o que talvez fora um erro, e Virgínia o bebera, o que fora um erro ainda maior, porque, em geral, não falava tanto quanto agora, e também não sabia como parar. Mesmo se quisesse. Conrad era um ouvinte atento e não se mostrava aborrecido com aquilo. Pelo contrário, parecia fascinado.

Ela já falara sobre Edmund e a primeira mulher dele, e Vi, e Alexa. Contara sobre Henry e Balnaid, sobre fatos mais remotos e indescritíveis, embora íntimos, da sua existência em Stratttcroy.

- O que costuma acontecer lá?

- Realmente, nada. É somente um lugar no caminho para outros lugares. Mas também é tudo... Sabe como são as comunidades pequenas.



Temos um pub e uma escola, lojas, duas igrejas, e um homem estranho, mas muito querido, que vende antiguidades. Parece sempre haver algo acontecendo. Um bazar, um novo jardim ou uma peça na escola. - Soou terrivelmente desinteressante. - Parece muito desinteressante.

- Nem tanto assim. Quem mora lá?

- As pessoas da aldeia, e os Balmerinos, o ministro da igreja e sua esposa, o pároco e a esposa, e os Airds. Archie Balmerino é o proprietário das terras, o que significa que ele é o dono da aldeia e de milhares de acres de terra. Croy é imenso, mas Archie não assume ares mais imponentes, e nem Isobel. Isobel trabalha mais

do que qualquer outra mulher que conheço, o que na Escócia tem um grande significado, porque todas as mulheres têm ocupações infindáveis. Se não

estão cuidando das

casas enormes, ou dos filhos, ou do jardim, estão organizando eventos para angariar fundos ou se ligam a alguma indústria. Como montar uma loja com os produtos da fazenda, ou secar flores, ou criar abelhas, ou restaurar antiguidades, ou fazer as cortinas mais bonitas que existem.

- Não tem nenhum divertimento?

- Sim, mas não é como em Long Island. Nem mesmo como em Devon. Em agosto e setembro tudo fervilha, e há festa quase todas as noites, e caçadas e bailes. Você chegou no momento certo, Conrad, embora não consiga acreditar numa noite tão desalentadora como esta. Mas depois o inverno nos aprisiona e todos hibernam.

- Como os namorados se vêem?

- Não sei. - Ela tentou uma solução. - Não é como nos outros lugares. Moramos muito longe uns dos outros, e não há vida social num clube. Quero dizer, clubes campestres,

como nos Estados Unidos. E os pubs não são como os do sul. As mulheres não os frequentam. Existem clubes de golfe, naturalmente, mas são basicamente voltados para

o lado masculino, e as mulheres sãopersonae non grata. Você poderá ir a Relkirk para encontrar uma namorada, mas a parte social é realizada dentro das casas.

Almoços

para as moças e jantares para os casais. Todos bem-vestidos com as roupas especiais, e, como eu disse, dirigimos por oitenta quilómetros ou mais. Essa é uma das

razões pelas quais a vida quase pára durante o inverno. É a época em que as pessoas escapolem. Vão para a Jamaica, se puderem, ou para Vai dlsère para esquiar.

- E o que você faz?

-Eu não me incomodo com os invernos. Detesto os verões quentes, mas os invernos são lindos. Esquio no vale. Existe uma área para esquiar a uns vinte quilómetros de Strathcroy, com algumas correntes para rebocar e alguns locais de corrida muito bons. O único obstáculo é quando neva muito e não conseguimos subir a estrada.

A neve realmente é um obstáculo.

- Você costumava andar a cavalo?



- Eu costumava caçar. Para mim, era o objetivo principal. Quando vim pela primeira vez a Balnaid, Edmund disse que eu poderia ter alguns cavalos, mas, se não haveria caçadas, não havia motivos de manter os animais.

- Então, como preenche os seus dias?

-Até agora-ela esclareceu-eu os preenchi com Henry. - Olhou para Conrad em desesperança, um olhar que atravessou a mesa, porque ele, numa única pergunta, resumira

toda a sua apreensão. Henry se fora, afastado dela contra a sua vontade. Você o sufoca, Edmund dissera, e ela se sentira furiosamente ferida e zangada, mas os cuidados

maternos e a sufocação tinham sido a sua ocupação diária e a sua maior alegria.

Afastada de Henry, restara somente Edmund.

Mas Edmund estava em Nova York, e, se não fosse Nova York, seria Frankfurt, Tóquio ou Hong Kong. Antes ela enfrentara bem estas separações, em parte porque havia Henry confortando-a e fazendo-lhe companhia, e também porque tinha uma confiança irrestrita, onde quer que ele estivesse, na força de Edmund, na sua constância e no seu amor.

Mas agora... as dúvidas e as terríveis possibilidades dos pesadelos das últimas noites a assaltaram novamente. Lottie Carstairs, aquela mulher louca... talvez não tão louca assim... dizendo a Virgínia coisas que ela nunca pensou que fosse ouvir.

Edmund e Pandora Blair. Porque acha que ele foi para a América? Ele a faz de boba, como fez com aprimeira mulher,pobre moça.

De repente, ficou muito difícil.

Para horror seu, a boca tremeu e os olhos brilharam com as lágrimas. Do outro lado da mesa Conrad a observava, e por um instante ela cogitou em confidenciar a ele, dando vazão às suas terríveis incertezas. As lágrimas boiaram nos olhos, e a sua face ficou molhada. Virgínia pensou que ele deveria ter notado, mas precisava se controlar. Era o momento exato. O minuto de misericórdia passara, e a tentação perigosa fora ultrapassada. Ela não deveria nunca falar a ninguém sobre aquilo, porque,

se o fizesse, as palavras, ditas em voz alta, se tornariam verdade. Talvez realmente acontecesse.

- Desculpe, sou uma tola. - disse. - Fungou alto e procurou um lenço na bolsa, mas não o encontrou. Do outro lado, Conrad ofereceu o seu, branco, imaculado, bem passado. Ela o pegou e assoou o nariz. Acrescentou: - Estou cansada e não me sinto bem. - Tentou tornar as coisas mais leves. - E também estou molhada.

- Você não deve dirigir nesse estado. Não deve ir para casa agora.

- Eu tenho que ir.

-Passe a noite aqui e vá amanhã bem cedo. Pedirei um quarto para você.



- Eu não devo.

- Por que não? As lágrimas caíram novamente.

- Os cachorros estão sozinhos. Ele não riu.

- Espere aqui - disse. - Pediu um café. - Tenho que dar um telefonema.

Colocou o guardanapo sobre a mesa, afastou a cadeira e levantou-se. Virgínia esfregou os olhos, assoou novamente o nariz e olhou à volta, esperando que ninguém tivesse

notado o ataque repentino de emoção chorosa. Porém, as pessoas estavam ocupadas com os seus jantares, mastigando impassivelmente o peixe frito ou perdendo-se entre os outros doces "não muito frescos". As lágrimas misericordiosamente cessaram. A garçonete aproximou-se para retirar os pratos.

- Gostou da costeleta?

- Sim, estava deliciosa.

- Quer alguma sobremesa?

- Não, acho que não. Obrigada. Mas gostaria de um café.

Ela trouxe a bebida, e Virgínia começou a sorvê-la antes que Conrad voltasse. Ele retornou e se sentou. Ela o olhou inquiridora e ele respondeu:

- Está tudo resolvido.

- O que está resolvido?

- Cancelei a reserva do quarto e o carro para amanhã. Eu dirigirei para você. vou levá-la para casa.

- Você irá para Croy?

- Não, eles estão me esperando somente amanhã pela manhã. Poderei ir para o pub que você mencionou.

- Não, porque eles não têm quartos disponíveis. Estão lotados com os visitantes que vieram caçar tetrazes no pântano de Archie.-Ela fungou o

restante das lágrimas e tomou o café. - Irá para Blanaid. Passará a noite lá. As camas do quarto de hóspede estão prontas. - Ela olhou para ele, compreendendo a expressão na sua face.

- Não há problema. - Mas sabia que havia.

Conrad dirigia no escuro. Parara de chover, como se os céus tivessem esgotado a água, mas o vento continuava vindo do sudoeste, ainda úmido, e a noite permanecia nublada. A estrada subia e descia, bem irregular. Os buracos estavam encobertos pela água da chuva que corria das valas inundadas. Virgínia, enrolada no casaco, pensou na última vez que fizera



aquela viagem na tarde que Edmund a encontrara na estação e eles haviam ido jantar em Edinburgh. O céu parecia pintado por um artista, com tons de rosa e cinza.

Agora, a escuridão era sombria e ameaçadora. As luzes que vinham das janelas das fazendas espalhavam-se sobre os declives de Strathcroy, trazendo algum alívio, parecendo

distantes e inalcançáveis como estrelas.

Virginia bocejou.

-Você está com sono - comentou Conrad.

- Não é sono, mas o vinho. - Ela se esticou e abaixou o vidro da janela. Sentiu o ar fresco e úmido contra a face. Os pneus do Subaru cantaram sobre Tramac. Lá fora, na escuridão, ouviram o pio de um maçarico.

- O som que avisa que estamos chegando - disse Virginia.

- Certamente você mora longe de tudo.

- Estamos quase chegando.

A rua da aldeia surgiu vazia. Até o Sr. Ishak fechara as portas da loja, e as únicas luzes vinham de detrás das cortinas puxadas. Numa noite como aquela, as pessoas

permaneciam em suas casas, assistiam à televisão, tomavam chá.

- Vire à esquerda, sobre a ponte.

Atravessaram o rio, viraram para a alameda coberta pelas árvores, passaram pelos

portões abertos e dirigiram-se para a casa. Como era previsível, tudo estava às escuras.

- Não dê a volta para ir até a frente, Conrad. Estacione nos fundos. Não costumo usar a porta da frente quando estou sozinha. Estou com a chave dos fundos.

Ele foi até os fundos e desligou o motor. com os faróis ainda acesos, ela saiu e foi abrir a porta, entrou e acendeu as luzes. Os cachorros ouviram o carro e estavam

esperando. Mostraram a sua satisfação, levantando-se, abanando a cauda e soltando alguns sons de boas-vindas do fundo de suas gargantas.

- Oh, bons companheiros. - Ela se abaixou para os acariciar. Fiquei fora por muito tempo, vocês devem ter pensado que eu não voltaria. Vão, saiam um pouco, e eu lhes darei biscoitos depois.

Saíram felizes para a escuridão e começaram a latir para a figura desconhecida ao lado do Subaru, aproximaram-se para cheirá-lo, foram acariciados e, então, mais tranquilos, correram para as árvores.

Virginia continuou a entrar pela casa, acendendo as luzes. A grande cozinha descansava, o fogão Aga estava morno, e a geladeira zumbia baixinho. Conrad a alcançou,

levando a bolsa de viagem.

- Você quer que eu estacione em outro lugar?

275

- Não, não se preocupe. Vamos deixá-lo no pátio por esta noite. Somente tire as chaves...

- Eu já as tirei. - Ele as colocou sobre a mesa.

Na claridade não comprometedora eles se olharam, e Virgínia sentiu-se de repente tomada por uma timidez ridícula. Para superá-la, procurou alguma coisa para fazer e incorporou o papel de anfitriã.

- Você quer beber alguma coisa? Um nightcap? Edmund tem um uísque maltado que guarda para essas ocasiões.

- Estou bem.

- Mas gostaria de uma dose?

- Sim, gostaria.

- vou prepará-la. Não demorará mais do que um minuto. Quando ela voltou com a garrafa, ele já tinha tirado o casaco e o

chapéu. Os cães retornaram da expedição noturna e se enroscavam próximo às pernas arqueadas do fogão Aga. Conrad acocorou-se e tentou conquistá-los falando baixo, acariciando suas cabeças bem proporcionadas. Quando Virgínia voltou, ele se levantou. -Já fechei e tranquei a porta.

- Oh, muito obrigada. Realmente não nos preocupamos em trancar as portas. Ladrões e gatunos não são um problema em Strathcroy. Colocou a garrafa sobre a mesa e pegou um copo. - É melhor você se servir.

- Não me acompanha?

Ela sacudiu a cabeça, pesarosa.

- Não, Conrad, já bebi o suficiente por hoje.

Ele despejou a bebida até encher o copo. Virginia deu alguns biscoitos para os cachorros. Eles os agarraram sem quebrar e sem movimentos bruscos, e depois os trituraram

devagar, apreciando-os.

- São belos spaniels.

- São os cães de caça de Edmund, e são muito bem-treinados. com Edmund à frente, eles não ousam sair da linha. - Os biscoitos acabaram. -Se você quiser levar a bebida

lá para cima, eu lhe mostrarei o quarto em que ficará. - Ela pegou o casaco e o chapéu, e Conrad, a maleta. Virginia passou à frente para deixar a cozinha e apagou as luzes ao sair. Atravessou a passagem, o grande vestíbulo, e subiu a escada.

- Que bela casa.

- É grande, mas gosto dela.

Ele a seguiu. Abaixo deles, o relógio de família marcou os minutos, e os passos não foram ouvidos sobre o tapete grosso. O quarto de hóspedes dava para a frente

da casa. Ela abriu a porta e acendeu a luz. O quarto se iluminou com o brilho frio do lustre suspenso. Era grande, tinha uma cama com a cabeceira em metal e um móvel de mogno em estilo vitoriano, que



Virgínia herdara de Vi. Sem intenção, ele parecia impessoal, sem flores ou livros.

O ar era abafado, antigo.

- Creio que não parece muito atraente. - Ela depositou o casaco e o chapéu sobre uma cadeira e foi abrir as janelas de caixilhos altos. O vento noturno entrou, agitando

as cortinas. Conrad foi até o seu lado e ambos se debruçaram para olhar a escuridão de veludo. A luz da janela desenhou um retângulo no chão do pátio, e tudo o mais continuou escuro.

Ele respirou fundo.

- O odor é doce e limpo. Como a água fresca da fonte.

- Precisa acreditar em mim, temos uma vista maravilhosa. Você verá pela manhã.

Depois do jardim, os campos e as montanhas.

Das árvores próximas à igreja uma coruja piou. Virgínia estremeceu e afastou-se da janela.

- Está frio. Quer que a feche?

- Não, deixe como está. Está muito agradável para fechá-la.

Ela puxou as cortinas pesadas e arrumou-as para que não houvesse aberturas entre elas.-O banheiro é ali.-Ele foi investigar.-Deve haver toalhas penduradas, e a água é sempre quente, se quiser tomar um banho.

- Ela acendeu as luzes sobre a penteadeira e as da mesinha de cabeceira, e desligou as do lustre. Logo o quarto ficou mais aconchegante, mais íntimo. Não temos chuveiro.

A construção não é moderna.

Ele surgiu do banheiro quando Virgínia acabara de dobrar a colcha pesada que cobria a cama, revelando travesseiros fofos e quadrados com fronhas bordadas e um edredão florido. - Há um cobertor elétrico, se quiser. Ela colocou a colcha sobre uma cadeira.

Não havia mais nada para ocupar as mãos. Ela olhou para Conrad. Por um momento nenhum dos dois disse uma palavra. Os olhos dele, por trás dos óculos de armação de chifre, estavam sombrios. Ela viu as rugas, as linhas fundas nos cantos da boca.

Ainda segurava o copo nas mãos e andou até uma cadeira ao lado da mesa, próxima da cama. Ela o acompanhou com o olhar, e pensou naquela mão afagando gentilmente os cães de Edmund. Um homem gentil.

- Você ficará bem, Conrad? - Foi uma pergunta inocente, e assim que ela a ouviu, sentiu a sua inconveniência.

- Não sei.

Não há problema algum, ela dissera, mas ambos sabiam que havia, e a sombra deles os espreitara durante toda a noite e agora não mais podia ser evitada. Prevaricar não seria correto. Eram duas pessoas adultas, e a vida não era fácil.

- Estou grata a você. Precisava de um apoio.

- Eu preciso de você...

- Sonhei com Leesport. A minha volta para vovô e vovó. Não lhe contei isto.

- Naquele verão, eu me apaixonei por você...

- Eu me vi chegando lá, numa limusine vindo do aeroporto. Nada mudara. As árvores e os gramados, o cheiro do Atlântico soprando sobre a baía.

- Você voltou para a Inglaterra...

-Queria que alguém me dissesse que eu estava ótima. Que eu estava agindo corretamente. Não queria ficar sozinha.

- Sinto-me um covarde...

-São dois mundos, não são, Conrad? Chocando-se e depois afastando-se. Anos-luz de distância entre eles. -... porque desejo você.

- Por que tudo tem que acontecer quando já é tarde da noite? Por que tudo tem que ser tão impossível?

- Não é impossível.

- Sim, é, porque já terminou. A juventude já acabou. No momento em que temos um

filho, a juventude acaba.

- Quero você.

- Não sou mais jovem. Sou uma pessoa completamente diferente.

- Não durmo com uma mulher desde...

- Não continue, Conrad.

- Isso é solidão.

- Eu sei, Conrad.

Lá fora, no jardim, nada se movia. Nada agitava as folhas gotejantes dos rododendros. Finalmente, uma figura deslizou pelos caminhos estreitos entre as sebes, deixando

marcas na grama cortada, recortes de sapatos de saltos altos.



Quarta-feira, 14

Isobel sentou-se à mesa da cozinha, tomou o café e fez as listas. Era aficcionada em fazer listas e os pequenos inventários das tarefas a serem realizadas, comida a ser comprada, refeições a serem preparadas, telefonemas a serem dados e lembretes para si mesma, como separar as primaveras-dos-jardins ou enterrar os gladíolos, os quais eram constantemente pregados no quadro de notas da cozinha, junto com os cartões dos amigos e das crianças, e os endereços de homens que faziam consertos e limpavam o lado de fora das janelas. No momento ela trabalhava em três listas.

Hoje, amanhã e sexta-feira. com tudo aquilo, de repente a vida ficara muito complicada.

Escreveu: jantar hoje à noite. Havia algumas galinhas no freezer. Poderia assá-las ou fazer uma caçarola.

Escreveu: tirar os pés das galinhas. Descascar as batatas. Debulhar as vagens.

Amanhã seria mais complicado com a casa compromissada em três direções diferentes.

Ela mesma estaria em Corriehill na maior parte do dia, ajudando Verena e o grupo de senhoras a arrumar as flores e a decorar a enorme tenda.

Escreveu: tesouras de podar; fios; arames; alicates. Ramos de faia. Ramos de sorveira-brava. Colher todas as dálias.

Mas havia também o piquenique de Vi no lago para pensar a respeito, e o dia de caça de Archie, porque amanhã eles tocariam as tetrazes para Creagan Dubh, o que significa,

que ele se juntaria aos outros caçadores.

Escreveu: bolo e presunto frio para a parte de Archie. Pão de gengibre. Maçãs. Sopa quente?

Quanto ao piquenique de Vi, Lucilla, Jeff, Pandora e o americano triste provavelmente quereriam ir, o que significava uma contribuição maciça de guloseimas de Croy.

Escreveu: salsichas para o churrasco de Vi. Fazer alguns hamburguers.

Tomates em fatias para uma salada. Pão francês. Duas garrafas de vinho. Seis latas de cerveja.

Despejou mais café e passou para sexta-feira. Onze pessoas para jantar, escreveu, sublinhando as palavras, indecisa entre faisão ou tetraz. O faisão à Theodora era espetacular, cozido com aipo e bacon e servido com um molho de gemas e creme. Além de ser espetacular, podia ser preparado com antecipação, o que evitava um sem-número

de detalhes de última hora enquanto os convidados se entretinham com os coquetéis.

Escreveu: faisão à Theodora. A porta se abriu, e Archie entrou.

Isobel nem levantou a cabeça.

- Gosta de faisão à Theodora, não gosta?

- Não no café-da-manhã.

- Não quis dizer isso. Refiro-me ao jantar na noite da festa.

- Por que não poderemos ter tetrazes assadas?

- Porque exige muitos preparativos de última hora, como torradas e molho batido.

- Então, faisões assados?

- Os problemas continuam Os mesmos.

- O faisão à Theodora é aquele que parece que está doente?

- Não é bem assim, e eu posso fazê-lo antecipadamente.

- Por que não faz somente com cabeça?

- O que temos para o café?

- Está na parte de cima do forno. Archie foi até o fogão e abriu a porta do forno.

- Hoje é o dia do vermelho! Bacon, salsichas e tomates. O que aconteceu com o mingau de aveia e os ovos cozidos?

- Temos hóspedes. O cardápio, quando temos visitas, é sempre bacon, salsichas e tomates.-Ele trouxe o prato até a mesa e sentou-se ao lado dela, servindo-se de café,

torradas e manteiga.

- Pensei que Agnes Cooper viesse para ajudar na sexta à noite.

- Ela virá.

- Por que não pode assar o faisão?

- Porque ela não é cozinheira. É arrumadeira.

- Você poderia pedir que ela cozinhasse.

- Tudo bem. Pedirei. Deixo o picadinho para o jantar, porque é o que ela sabe fazer.

Isobel escreveu: ver os candelabros de prata. Comprar oito velas cor-de-rosa.

Jogo de palavras. Ahead significa antecipado, e a head significa uma cabeça.



- Gostaria que o faisão à Theodora tivesse uma aparência melhor.

- Se disser que ele parece doente na frente dos nossos convidados eu lhe cortarei a língua, com uma faca especial.

- O que teremos de entrada?

- Que tal truta defumada? Archie colocou metade de uma salsicha na boca e mastigou-a cuidadosamente.

- E para sobremesa?

- Sorvete de laranja.

- Vinho branco ou vermelho?

- Dois de cada, acho. Ou, então, champanha. Ficaremos com o champanha pelo resto da noite. Talvez seja melhor assim.

- Não tenho nenhum champanha.

- Comprarei algumas hoje em Relkirk. -Você vai a Relkirk?

-Oh, Archie-Isobel levantou os olhos e mirou-o com exasperação. -Você nunca presta atenção ao que eu lhe falo? Por que acha que estou com as minhas roupas melhores?

Sim, irei a Relkirk hoje. com Pandora, Lucilla e Jeff. Iremos fazer compras.

- O que irá comprar?

- Várias coisas para sexta-feira à noite. - Não acrescentou "um vestido novo"

porque ainda não havia decidido quanto à extravagância.

- Almoçaremos no Wine Bar e, depois, voltaremos para casa.

- Pode trazer alguns cartuchos para mim?

-Trarei o que quiser, desde que me faça uma lista.

- Então, não esperam que eu os acompanhe. - Sentiu-se aliviado. Detestava compras.

- Você não poderá vir conosco porque terá que estar aqui aguardando a chegada do Americano Triste. Ele virá num carro alugado em Relkirk e provavelmente chegará durante a parte da manhã. E não vá ficar andando por aí, porque senão ele chegará e se deparará com uma casa deserta. Poderá pensar que não está sendo esperado e irá embora.

- Está certo. O que teremos para o almoço?

- Tem sopa e patê na despensa.

- Em qual quarto ele ficará?

- No antigo quarto de Pandora.

- Qual o nome dele?

- Não consigo me lembrar.

- Como poderei cumprimentá-lo? Alo, Americano Triste. - Archie achou graça.

Engrossou a voz: grande chefe Nariz Escorrendo fala com Língua Partida.

281

-Você tem assistido muito à televisão. - Ela também achou graça.

- Ele pensará que veio para uma casa de malucos.

-Até que não é tão estranho. A que horas sairão para Relkirk? -Às dez e meia.

- Lucilla e Jeff parecem que já acordaram, mas é melhor que você vá verificar o quarto de Pandora, ou, então, esperarão até as quatro da tarde.

- Eu já fui acordá-la há meia hora.

-Provavelmente ela voltou para a cama, para dormir mais um pouco.

Mas Pandora não voltara para a cama. Archie tinha acabado de falar quando ouviram o barulho dos saltos altos atravessando o vestíbulo. A porta foi aberta, e ela entrou na cozinha. Os cabelos brilhavam como fogo, e o rosto estava contorcido pelo riso.

- Bom-dia, bom-dia, estou aqui, embora você tenha pensado que eu havia voltado para a cama. - Beijou o alto da cabeça de Archie e sentou-se ao seu lado. Usava calças de flanela cinza-escuro e um suéter cinza-claro estampado com pequenos carneiros cor-de-rosa, e trazia uma revista nas mãos. Parecia ser esse o motivo do seu riso.

- Não me lembrava dessa revista. Papai costumava recebê-la todos os meses. The Country landotvner's journal.

-Ainda a compramos. Continuei com a assinatura.

- Achei esta no meu quarto. É simplesmente fantástica, cheia de artigos incríveis sobre algo chamado Poeira de Besouro e como devemos ser gentis com os texugos.

Virou as páginas enquanto Isobel servia café.

- Obrigada, querida. Mas o melhor são os anúncios na última página. Ouçam só isto: Senhora nobre deseja desfazer-se de roupas íntimas. Calças modelo diretório rosa-pêssego

e coletes de seda Opera-Top. Pouco usadas. Aceitam-se ofertas.

Archie acabou de mastigar a torrada. -A quem devo escrever?

-Para a caixa postal. Você acha que o fato de ser uma senhora nobre fez com que ela parasse de usar roupas íntimas?

- Talvez alguém tenha morrido - Isobel sugeriu. - Uma tia mais velha. A herança está sendo convertida em dinheiro.

- Que herança. Acho que ela está numa crise da meia-idade e quer mudar a imagem.

Submeteu-se a uma dieta e perdeu muitos quilos. As roupas ficaram largas. Ela agora quer corpetes de cetim e espartilhos, e o seu Senhor não sabe o que o espera. Temos outro maravilhoso. Ouça, Archie: Precisa-se de trabalho. Filho de fazendeiro de boa aparência. (Quem teria a boa aparência, o fazendeiro ou o filho?) Trinta anos. Alguma experiência em drenagem. Motorista. Gosto de caçar e pescar. Pense nisso.

Os olhos de Pandora se arregalaram. Ele tem somente trinta anos e sabe 282

dirigir. Acho que seria maravilhoso para você, Archie. Alguma experiência com drenagem. Poderá cuidar dos encanamentos. Válvulas das bóias e outras

coisas parecidas.

Por que não lhe escreve oferecendo uma vaga? -Acho melhor não.

- Por que não? Archie pensou.

-Tem qualificações em excesso.

Simultaneamente, o sentido de ridículo partilhado borbulhou em ambos, e irmão e irmã irromperam em risos. Isobel os observava, balançando a cabeça aos paroxismos idiotas de hilaridade, mas não se sentiu tocada. Desde a chegada de Pandora, Archie estava no seu melhor humor, coisa que Isobel não via há anos, e agora, sentada à mesa do café, reconheceu uma vez mais o atraente e abençoado homem por quem ela se apaixonara vinte anos atrás.

Pandora não era uma convidada perfeita. Falando em termos domésticos, era um fracasso, e Isobel passava muito tempo arrumando por onde ela passava; fazia a sua cama,

limpava o banheiro, dobrava as roupas e lavava as que precisavam. Mas perdoaria tudo, porque sabia que era ela quem operara o milagre em Archie, e por isso, o máximo

que poderia fazer era sentir-se grata, porque, de alguma maneira, Pandora reacendera a juventude em Archie e trouxera, como uma lufada de ar fresco, o riso de volta

a Croy.

O grupo das compras finalmente reuniu-se. Jeff, após ter devorado toda a sua parte

do café, fora retirar o Mercedes de Pandora da garagem e estacionou-o em frente da casa. Isobel, com as sacas de compras e as inevitáveis listas, entrou no carro.

Pandora foi a próxima a aparecer, com um casaco de mink, óculos escuros e uma ponta de Poison.

Era mais um dia de vento, com clarões de luz surgindo ocasionalmente. Ficaram esperando Lucilla. Ela veio após o pai ter gritado por ela, descendo os degraus da porta com ele atrás, como fazia com os cães. Mas ela se virou para beijá-lo e abraçá-lo, como se não fosse mais vê-lo novamente.

- Desculpem, não sabia que estavam esperando.

Lucilla trajava uma calça jeans velha e desbotada, com cortes nos joelhos que tinham sido mal remendados com uma fazenda de bolinhas vermelhas. Usava uma blusa de

algodão cheia de pregas e bordados, e mangas largas. As pontas da blusa saíam por baixo de um colete de couro com franja nas pontas. Parecia, pensou Isobel, que tinha acabado de vir do meio dos sioux.

- Querida, você vai vestida desse jeito?

- Mamãe, eu me troquei para vir. São os meus melhores jeans. Comprei-os em Maiorca quando estava na casa de Pandora.



-Oh, sim, naturalmente.-Todos entraram no carro.-Sinto muito, Lucilla.

Ao chegarem a Relkirk estacionaram e separaram-se. Lucilla e Jeff queriam ir para os antiquários e perambular pelo famoso mercado livre na rua.

- Nós nos encontraremos para o almoço no Wine Bar - Isobel combinou. - À uma hora.

- Você reservou alguma mesa?

- Não, mas vamos reservar.

- Está bem. Estaremos lá.

Atravessaram a rua pavimentada. Isobel olhou-os, afastando-se, e viu Jeff colocar o braço em torno dos ombros estreitos de Lucilla. Ficou surpresa,

porque ele passara a impressão de ser um jovem que não demonstrava os seus sentimentos.

- Livramo-nos deles - disse Pandora como uma criança mimada que gosta de mandar nos adultos e que ficara pronta para fazer todos os estragos. - Bem, onde estão as lojas de roupas?

- Pandora, eu ainda não me decidi...

- Nós vamos comprar um vestido para você ir à festa, está resolvido. E pare de ficar horrorizada porque será um presente meu para você. Eu assumo. Estou pagando uma dívida.

- Mas... não devemos fazer as outras compras primeiro? A comida para a sexta-feira...

-O que pode ser mais importante do que um vestido novo? Podemos deixar o resto para a tarde. E pare de tremer ou perderemos o dia inteiro. Vamos logo...

- Bem... temos o McKay's... - disse Isobel em dúvida.

-Não uma loja de departamentos. Não existe uma loja de confecções exclusivas, mais caras?

- Sim, mas nunca estive nela antes.

- Bem, será a primeira vez. Vamos. - E Isobel, pela primeira vez sentindo-se livre e agradavelmente pecadora, abandonou as tendências calvinistas e seguiu Pandora.

A loja era estreita e comprida, acarpetada, com espelhos pendurados nas paredes e agradavelmente perfumada, como uma mulher. Eram as únicas freguesas, e, quando entraram pela porta de vidro, uma mulher surgiu por detrás de uma invejável mesa de marchetaria e veio encontrá-las. Trajada profissionalmente, ela vestia um costume que Isobel com alegria teria vestido para o jantar.

- Bom-dia.

Disseram-lhe o que procuravam.

- Qual o seu tamanho, senhora?



- Oh - Isobel enrubesceu. - Acho que é doze. Ou quatorze.

- Oh, não - Um olhar profissional a avaliou. Isobel desejou que as suas roupas não estivessem muito apertadas. - Tenho certeza de que é doze. Os vestidos estão aqui, por favor me acompanhem.

Seguiram a vendedora até o final da loja. Ela afastou uma cortina e mostrou uma coleção de vestidos para a noite. Alguns curtos, outros longos, seda e veludo, cetim

brilhante e chiffon, e de todas as cores maravilhosas. Ela afastou os cabides com barulho.

- Estes são os de tamanho doze. Mas, se preferir algum modelo de outro tamanho, poderei ajustá-lo ao seu corpo.

-Não temos tempo-disse Isobel. Seus olhos pararam nos modelos escuros. As cores escuras não saem de moda, e podemos sempre colocar algum enfeite para fazê-los parecer

diferentes. Havia um cetim marrom. Ou um de seda azul-marinho com nervuras. Ou talvez um preto. Tirou um de crepe preto com os botões azeviches e foi para frente do espelho, segurando-o na sua frente... parecia uma governanta, mas ela o avaliou para os próximos anos... Tentou dar uma olhada no preço, mas estava sem os óculos.

- Este é bonito. Pandora olhou de lado.

-Preto não, Isobel. Nem vermelho.-Empurrou os cabides e pegou um. - Este aqui.

Isobel, ainda desatenta segurando o de crepe preto, olhou... para o vestido mais bonito que já vira na vida. Seda chinesa azul-safira com enfeites pretos,

de modo que quando a luz batia sobre a fazenda, eles pareciam asas de alguns insetos exóticos. A blusa era enorme, armada por uma combinação, com um decote baixo. As mangas

terminavam nos cotovelos, com nervuras estreitas da mesma fazenda, e com o mesmo acabamento na bainha.

Sem conseguir imaginar-se dentro dele, Isobel olhou para a cintura do vestido.

- Não entrarei nele.

- Tente.

Foi como se perdesse a vontade própria. Foi para a cabine, tirou a roupa com algum sacrifício. Ficou de sutiã e combinação. Uma profusão de seda farfalhante desceu pela sua cabeça, enfiou as mangas, fechou o zip...

Prendeu a respiração, mas não houve problemas. A cintura estava justa, mas ela conseguia respirar. A vendedora ajeitou os ombros, afofou a blusa e afastou-se para admirar.

Isobel viu-se de corpo inteiro no espelho, e foi como se olhasse uma outra pessoa.

Uma mulher de uma outra idade, emoldurada num retrato 285

do século dezoito. A bainha do vestido tocava o chão, a seda se arrumava em pregas.

As mangas eram flutuantes, e o decote profundo revelava o colo bonito de Isobel, a queda dos ombros bonitos e a curva dos seios. Oprimida pelo desejo, tentou permanecer prática.

- Está muito comprido.

- Não quando você colocar os saltos altos - Pandora lembrou. A cor azul torna os seus olhos ainda mais azuis.

Isobel olhou e viu que era verdade. Colocou as mãos no rosto curtido e marcado pelo tempo.

- O meu rosto não combina.

- Querida, você não está maquilada.

- E o meu cabelo.

-Eu farei o seu cabelo.-Pandora estreitou os olhos.-Precisa de uma jóia.

- Posso usar os brincos dos Balmerinos. Gotas de diamante com pérolas e safiras.

- Sim, perfeito. E a gargantilha de pérolas de mamãe. Ela está com você?

- Está no banco.

- Iremos apanhá-la esta tarde. Está linda nele, Isobel. Todos os homens na sala se apaixonarão por você. Não poderíamos encontrar nada melhor.-Ela se virou para a vendedora que, embora satisfeita, permanecia em silêncio. - Nós vamos levá-lo.

O vestido foi aberto e gentilmente retirado e levado para ser embrulhado.

-Pandora-Isobel sussurrou com urgência, pegando a combinação do Marks & Spencer. -

Você nem perguntou o preço.

-Se você perguntar o preço, nunca se permitirá dar o luxo-Pandora sussurrou de volta e desapareceu. Isobel, dividida entre a excitação e a culpa, foi deixada para

se vestir, colocar a jaqueta e amarrar os sapatos. Quando terminou, o cheque já havia sido preenchido, a etiqueta com o preço removida e o vestido encantador embrulhado

numa caixa enorme.

A vendedora foi até a porta para abri-la.

- Muito obrigada - disse Isobel.

- Fiquei feliz por ter achado uma peça ao seu gosto.

Toda a transação não durara mais do que dez minutos. Pandora e Isobel pararam na calçada sob o sol brilhante.

- Nem sei como lhe agradecer...

- Não me agradeça...

- Nunca na minha vida tive um vestido como esse...

- Então já é tempo de ter. Você o merece...

- Pandora...



Mas Pandora não queria ouvir mais. Deu uma olhada no relógio. Quinze para o meio-dia. Onde iremos agora e o que compraremos?

- Você já não gastou o suficiente?

-com os céus, não. Apenas comecei. O que Archie irá usar na festa? O seu kilt?

Começaram a descer a rua devagar.

- Não. Ele nunca mais a usou depois que perdeu a perna. Diz que um coto pendente é uma obscenidade. Ele usará o dinnerjacket.

Pandora parou de chofre.

- Um Lorde Balmerino não pode ir a uma festa das Highlands** usando um dinnerjacket.

- Ele faz isso há anos.

Uma senhora gorda, segurando uma bolsa, ficou aborrecida com a obstrução da passagem e disse por favor, forçando o caminho entre elas. Pandora a ignorou.

- Por que ele não usa as trews?

- Porque ele não tem.

- Por que não?

Isobel pensou porque aquela solução óbvia não resolvera o problema há tantos anos, e compreendeu que, junto com a perna, Archie perdera o orgulho e o prazer da sua aparência. Era como se ele não mais se importasse consigo mesmo. Além disso, roupas luxuosas custavam caro, e sempre parecia haver algo mais premente para ser comprado.

- Não sei.

- Mas ele sempre se arrumou muito para ir às festas. E sabia que tinha uma boa aparência. Num dinnerjacket ele parecerá com um dono de uma empresa funerária ou um garçom contratado. Ou pior, um saxão. Vamos, vamos comprar-lhe uma roupa. Sabe qual o tamanho?

- Não, mas o alfaiate sabe.

- Onde é a sua loja?

- Na próxima rua.

- Será que ele terá alguma no mostruário?

- Talvez sim.

- Então, o que estamos esperando? - E Pandora começou a andar rápido, com o casaco de mink aberto, esvoaçante. Isobel, abraçando o embrulho, teve que correr para alcançá-la.

-Mesmo que você encontre as trews, o que ele usará com elas? Não poderá ser o paletó do dinnerjacket.

* Saiote usado pelos homens da Alta Escócia (N.T.)

** Terras Altas da Escócia. (N.T.)

*** Calças escocesas feitas de tecido xadrez. (N.T.) 287

-Papai tinha um paletó de veludo muito bonito. Verde garrafa. Que fim foi dado a ele?

- Está no sótão.

- Bem, quando chegarmos iremos procurá-lo. Oh, que maravilha. Imagine como ele

ficará elegante.

Encontraram o antigo alfaiate trabalhando em sua mesa nos fundos da loja.

Fornecedores de Roupas Para Cavalheiros Especializados em Trajes das Terras Altas Para

Todas as Ocasiões". Interrompido, levantou a cabeça de uma peça desenrolada de tweed, viu Isobel, colocou a tesoura sobre a mesa e esboçou um sorriso.

- Lady Balmerino.

- Bom-dia, Sr. Pittendriech. Sr. Pittendriech, lembra-se de minha cunhada, Pandora Blair?

O homem olhou para Pandora por cima dos óculos.

- Sim, eu me lembro. Mas foi há muito tempo. A senhora era uma menininha. Ele e Pandora apertaram as mãos por cima da mesa. - Prazer em vê-la novamente. E como está

Lorde Balmerino?

- Está bem.

- Conseguirá subir a colina para a caçada?

- Acho que não, mas... Pandora interrompeu impaciente.

- Viemos para comprar um presente para ele, Sr. Pittendriech. Queremos uma trews. O

senhor sabe as medidas. Poderia nos ajudar a escolher uma?

- com certeza. Será um prazer. Abandonou o que estava fazendo e saiu de trás da mesa para levá-las de volta à loja, onde uma abundância de xadrezes, bolsas de couro,

punhais, calças estreitas, camisas com babados, sapatos com fivela de prata e broches de quartzo amarelo eram absolutamente deslumbrantes.

O Sr. Pittendriech, obviamente, sentiu que tudo aquilo era muito pouco digno de um lorde.

- Não seria melhor se eu mesmo cortasse uma trews para Lorde Balmerino? Ele é mais do que um simples cavalheiro para comprar uma roupa pronta.

- Não temos tempo. - Isobel repetiu a mesma frase do início da manhã.

- Nesse caso, será com o padrão do regimento ou com o da família?

- Oh, o da família - disse Pandora com firmeza. Ele é muito bonito. Não demorou muito para que encontrassem um adequado, e mais tempo gasto medindo para saber se o comprimento estava correto. Finalmente o Sr. Pittendriech fez a sua escolha.



- Este par cairá muito bem no Lorde.

Isobel as avaliou.

-Não parecem um pouco estreitas? Ele precisa que sejam largas para poder vesti-las com a perna de metal.

-Acredito que sejam espaçosas o suficiente.

- Nesse caso nós as levaremos - finalizou Pandora.

- E a faixa, Srta. Blair?

- Ele usará a que pertenceu ao pai, Sr. Pittendriech - Ela lançou o seu sorriso mais encantador. - Mas talvez uma nova camisa imaculadamente branca?

Mais pacotes, mais cheques. Novamente na calçada.

-Hora de almoçar-disse Pandora, e foram, mutuamente satisfeitas, na direção do Wine Bar. Ao passar pela porta giratória, depararam-se com o primeiro obstáculo do dia. Não havia sinal de Lucilla e Jeff, a maioria das mesas estava ocupada, e as que se encontravam vagas ostentavam a placa de "Reservado".

- Queremos uma mesa para quatro-Pandora dirigiu-se à supervisora que estava atrás de uma mesa alta.

- Fizeram reserva?

- Não, mas queremos uma mesa.

- Sinto muito, se não fizeram reserva terão que esperar a vez. Pandora abriu a boca para argumentar, mas, antes que pudesse dizer uma palavra, o telefone sobre a mesa começou a tocar ruidosamente, e a mulher se virou para atendê-lo.

- Wine Bar.

Por trás, Pandora cutucou com o cotovelo as costelas de Isobel e, com uma aparência despreocupada, aproximou-se silenciosamente de uma mesa vazia

reservada perto de uma janela. com um movimento rápido pegou a tabuleta escrita "Reservado" e

afundou-a no bolso do casaco. Um gesto hábil, profissional e brilhante. Sentou-se com

graça, arrumou os pacotes e embrulhos, e pendurou o casaco de mink nas costas da cadeira. Depois, pegou o cardápio.

Isobel, horrorizada, estava indecisa.

- Pandora, você nãopode...

-Eu posso. Simplesmente, sente-se.

- Mas alguém a reservou.

- E nós a pegamos. Posse está em noventa por cento das leis. Isobel, temendo qualquer tipo de cena, continuava a hesitar, mas Pandora não deu atenção ao seu mal-estar,

e, após alguns segundos, sem outra alternativa, ela também se sentou, de frente para a sua espalhafatosa e criminosa cunhada.



- Nós podemos pedir um drinque. E, depois, comeremos quiche e salada ou uma omelete de ervas finas.

- Aquela mulher vai ficar danada.

- Detesto coquetéis, e você? Será que têm champanha? Esperemos que ela venha descarregar a raiva sobre nós.

O que aconteceu quase imediatamente.

- Desculpe-me, senhora, mas esta mesa está reservada.

- Oh, está? - Os olhos de Pandora espelhavam inocência. - Mas não há nenhuma tabuleta de reserva.

- Esta mesa está reservada e havia uma tabuleta avisando.

- Onde estará?-Pandora abaixou a cabeça para procurar debaixo da mesa. - Não caiu no chão.

- Sinto muito, mas as senhoras terão que se levantar e aguardar a sua vez.

- Sinto muito, mas acho que não levantaremos. Você vai anotar os pedidos ou pedirá a uma garçonete que nos atenda?

O pescoço da mulher começou a ficar vermelho, como as barbelas de um peru. A boca se contorcia. Isobel sentiu pena dela.

-A senhora sabe perfeitamente que havia uma tabuleta de reservado sobre a mesa. O

gerente a colocou hoje pela manhã.

As sobrancelhas de Pandora subiram.

- Oh, vocês têm um gerente aqui? Então talvez seja melhor você ir buscá-lo para dizer-lhe que LadyBalmerino está aqui e deseja almoçar.

Isobel, paralisada pela cena, sentiu a face arder. A adversária de Pandora parecia que ia romper em lágrimas. A humilhação estava estampada no seu rosto. - O gerente não fica aqui durante a tarde - admitiu.

- Nesse caso, obviamente a encarregada é você, e fez tudo o que lhe cabia. Agora, mande uma garçonete vir nos atender.

A pobre mulher, reduzida a uma massa informe por uma autoridade tão impassível, hesitou ainda um momento, mas finalmente cedeu, e deixou a sua ira ir diminuindo, como um balão de gás que esvazia devagar. Em silêncio, juntando os pedaços da sua dignidade, os lábios pressionados um contra o outro, virou-se e afastou-se. Mas Pandora não teve misericórdia.

- Só mais uma coisa. Por favor, diga ao encarregado do bar que queremos uma garrafa de seu melhor champanha. - Seu sorriso era deslumbrante. - Gelado.

Sem objeções, sem argumentos. Estava resolvido. Isobel parou de se sentir constrangida.

- Pandora, você não tem vergonha.

- Eu sei, querida.

- Pobre moça, ficou prestes a chorar.

- É uma tola.

290

-E Lady Balmerino...

-Esse foi o truque. Esse tipo de gente é o mais fácil de ser intimado.

Não era fácil brigar com ela. Afinal, ela era Pandora, generosa, adorável, divertida... e implacável se não conseguisse o que queria. Isobel balançou a

cabeça.

- Eu atrapalho você.

- Oh, querida, não complique. Tivemos uma manhã maravilhosa e continuaremos bem, e eu me submeterei a ir a todos os armazéns com você. Veja, Lucilla e Jeff estão chegando, carregados de embrulhos. O que será que compraram? - Abanou a mão, as unhas pintadas de vermelho. -Estamos aqui!-Eles a viram e se aproximaram.-Pedimos uma garrafa de champanha, Jeff, e você não se sentirá desanimado pensando que poderia tomar pelo menos uma lata de Foster's.

Refrescados pelo champanha, Lucilla e Jeff souberam, entre risos baixos, tons misteriosos e muita alegria, a saga da mesa reservada.

Lucilla achou engraçado, mas, ao mesmo tempo, ficou chocada como a mãe, e Isobel ficou feliz ao constatar o fato.

- Pandora, isso é horrível. O que acontecerá com as pessoas que realmente reservaram a mesa?

- Isso é problema deles. Oh, não se preocupe, eles os alojarão em qualquer outro canto.

- Mas não é honesto.

- Acho que estão sendo mal-agradecidos. Se não fosse a minha rápida intervenção, nós estaríamos de pé, com dores nos pés, após termos andado tanto. De qualquer maneira,

ela foi desagradável e rude comigo. E não gosto que me digam que não posso ter uma coisa que eu realmente quero.

Archie, deixado a sós, e proibido pela esposa de ultrapassar os limites da casa, decidiu preencher o tempo antes da chegada do hóspede, juntando as folhas caídas no gramado que ficava depois do caminho de cascalho. Talvez tivesse tempo até de apará-lo, para que tivesse uma aparência bonita para o jantar de sexta-feira.

Acompanhado

dos cães, tirou o trator da garagem e começou a trabalhar. Os cães labradores, que pensaram que ele os fosse levar para passear, sentaram-se desinteressados. Mas a diversão estava a caminho, pois Archie só completara algumas voltas com o trator quando um Land Rover se aproximou, subindo pela estrada da frente, passou pela cerca do gado e parou a alguns metros de onde estavam.

Era Gordon Gillock, o capataz de Croy, com os dois spaniels na parte 291

de trás do carro. Instantaneamente iniciou-se uma cacofonia de latidos dos que estavam dentro do carro acompanhados pelos que estavam fora, mas todos quatro silenciaram

ao comando da voz de Gordon, e a quietude voltou a imperar.

Archie parou e desligou o motor, mas permaneceu onde estava, pois era um bom lugar para conversar.

- Olá, Gordon.

- Bom-dia, senhor.

Gordon era um escocês das Terras Altas, flexível e resistente, entrando nos cinquenta anos, embora a sua aparência, com os cabelos e olhos escuros, fosse de alguém

jovem. Viera para Croy como subcapataz na época do pai de Archie e, desde então, trabalhara para a família. Estava com as roupas de trabalho, isto é, uma camisa aberta no colarinho e um chapéu enterrado na cabeça, com várias iscas de pesca que resistiam a vários anos de temporada tempestuosa. Nos dias de caça ele usava colarinho

fechado, gravata e um calção preso abaixo dos joelhos e um chapéu de feltro e, de certa forma, ficava mais bem-vestido do que muitos outros senhores que se embrenhavam

no pântano.

- Está vindo de onde?

- De Kirkthornton, senhor. Levei trinta casais abatidos para o entreposto.

- Conseguiu um bom preço?

- Mais ou menos.

- E como será amanhã?

-É por isso que estou aqui, senhor. Preciso da sua orientação. O Sr. Aird não estará conosco. Ele foi para a América.

- Eu sei. Ele me telefonou antes de ir. A caçada será em Creagan Dubh, não é?

- Sim, senhor, no vale principal. Pensei que primeiro deveríamos ir por Clash e depois voltar pelo outro lado" passando por Rabbie's Naup.

- E à tarde? Deveremos tentar Mid Hill?

- É o senhor quem decide. Mas os pássaros estão muito selvagens. Eles vêm em voos rápidos logo acima das árvores. Precisamos ficar atentos.

- Eles sabem que são responsáveis por todos os pássaros atingidos e que devem apanhá-los e trazê-los? Não quero investigadores da polícia nos incomodando. Não quero

pássaros feridos deixados para morrer depois.

- Oh, sim, todos sabem disso. E, além do mais, temos bons cães este ano.

- Você esteve pesquisando na segunda-feira. O que encontrou?

- bom vento e muita água. Uma águia e um bútio começaram a 292

perturbar, e isso assustou as tetrazes. Elas não podiam sair de onde estavam ou, então, voavam em todas as direções. Mas demos bons tiros. Terminamos com trinta e dois casais.

- Algum veado?

- Oh, sim. Um bando grande. Eu os vi no horizonte, esticando as cabeças sobre a Clareira de Balquhidder.

- E a ponte quebrada sobre o córrego Taitnie?

- Eu já verifiquei isso, senhor. Está somente um pouco baixa, com toda a chuva que tivemos e as águas engrossadas.

- Muito bom. Não queremos nenhum dos senhores de Londres dando um mergulho sem querer. Quantos batedores teremos amanhã?

- Consegui dezesseis.

- E os flanqueadores? Na última vez que dirigimos, muitos pássaros escaparam porque a cobertura nos flancos foi fraca.

- É, eles eram um par de velhacos. Mas para amanhã consegui o filho do mestre-escola e Willy Snoddy. - O capataz olhou para Archie e os dois sorriram.-É um patife

conhecido, mas um flanqueador excelente.

- Gordon mudou o peso do corpo de uma perna para outra, tirou o chapéu, coçou a nuca e enfiou novamente o chapéu na cabeça. - Estive no lago ontem pela manhã.

Peguei-o

com aquele cão mestiço, tirando as trutas da água. Ele vai para lá às tardinhas, para aproveitar os últimos raios do sol.

- Você o viu?

-Ele se esgueirou pelo caminho atrás da aldeia, mas eu o vi mais de uma vez.

- Eu sei que ele pesca e caça ilegalmente, Gordon, assim como o policial da aldeia.

Ele fez isso a vida inteira, e não vai parar agora. Eu não reclamo-Archie sorriu

-, se ele for preso, ficaremos sem o flanqueador.

- Isso é verdade, senhor.

- E o pagamento dos batedores?

- Foram ao banco essa manhã, e já receberam,

- Parece que você organizou tudo muito bem, Gordon. Muito obrigado pelo trabalho na ponte. Eu o verei amanhã...

Gordon e seus cães se foram, e Archie continuou a tarefa de juntar as folhas.

Acabara de completá-la quando ouviu um segundo carro vindo da aldeia e pensou que havia,

agora, possibilidade de ser o Americano Triste no seu carro alugado. Gostaria realmente de saber o nome do hóspede. Preparando-se, ele parou o trator e desligou o motor, e terminara de descer quando o carro surgiu na alameda e viu que era o Subaru de Edmund. Novamente não era o Americano Triste. Virgínia estava ao volante e havia um homem sentado ao seu lado. O Subaru parou, e, enquanto Archie, meio 293

desajeitadamente, tentava permanecer ereto, coxeando para frente, os dois saltaram

do carro e vieram até ele.

- Virginia.

- Olá, Archie. Trouxe-lhe o seu convidado. - Archie, com algum esforço, virou-se para o estranho. Alto, um corpo bem proporcionado, bem apessoado, bronzeado. Não era jovem, e usava um par de óculos de armação de chifre. - Conrad Tucker; Archie Balmerino.

Os dois homens apertaram-se as mãos.

- Pensei que viesse sozinho, num carro alugado...

- Era a minha pretensão, mas... Virginia os interrompeu.

- Eu explico. É uma coincidência extraordinária, Archie. Encontrei Conrad ontem à noite no King's Hotel, em Relkirk. Inesperadamente. Somos velhos amigos. Conhecemo-nos

em Long Island quando éramos jovens. Por isso, em vez de passar a noite no hotel, ele veio comigo para Balnaid.

Tudo ficou esclarecido.

- Que bela coincidência, e que boa ideia - disse Archie. E depois acrescentou: - Ou não disseram à minha esposa, ou esqueceram de dizer o seu nome, por isso Virginia nunca saberia que o nosso convidado seria o senhor. Espero que não nos classifique de descuidados.

-Foi muito gentil da parte dos senhores aceitarem-me como hóspede.

- De qualquer forma... - Archie hesitou, desejando que Isobel estivesse ali. - Tudo isso foi maravilhoso. Venham. Vamos entrar. Não há mais ninguém, porque todos foram fazer compras. Você tem alguma bagagem, Conrad? Quinze para o meio-dia! O sol ainda não cruzou o céu, mas nós poderemos tomar uma dose de gim tónica...

Virginia respondeu:

-Não, Archie.-Sua voz soou apressada e diferente. Archie olhou-a com mais atenção e constatou, por baixo da maquilagem, as rodas escuras sob os olhos. Parecia um pouco perturbada, e ele ficou preocupado. Depois lembrou-se de que na véspera, ela levara Henry para Templehall para deixá-lo. Isso explicava tudo.

Sentiu uma espécie de compaixão e acrescentou gentilmente:

- Por que não? Tenho certeza de que lhe fará bem.

-Não que eu não queira ficar, mas preciso levar algumas coisas para Verena em Corriehill. Vasos de plantas. E outros apetrechos. Se não se importar, é melhor que eu me apresse.

- Como queira, Virginia.

- Ver-nos-emos amanhã no piquenique de Vi.

- Eu não irei. Estarei com os outros na caçada, mas Lucilla, Jeff e Pandora irão e levarão Conrad.

Esse tirara a sua mala do carro de Virgínia e aguardava o que deveria fazer em seguida. Virgínia foi até ele e deu-lhe um beijo.

- Eu o verei amanhã, Conrad.

- Obrigado por tudo.

- Foi um ótimo reencontro.

Ela entrou novamente no Subaru e afastou-se, passando por baixo das árvores e descendo a montanha. Quando já não estava mais visível, Archie virou-se para o seu hóspede:

- Que bom que você já conhece Virgínia. Venha, vou lhe mostrar o seu quarto...

Ele o conduziu para a porta de entrada, e Conrad, diminuindo o seu passo para não ultrapassar o anfitrião, acompanhou-o.

De volta a Balnaid, na sua estufa, procurando jarros, vasos, tigelas, terrinas antigas, Virgínia apreciou as ocupações domésticas. Naquele momento ela não precisava

de mãos desocupadas e nem de mente vazia. Especialmente de uma mente vazia. Avaliou o que juntara e pegou alguns pinos e pedaços de arame farpado essenciais para manter os arranjos mais altos no lugar. Fez duas ou três viagens para levar tudo para o carro e arrumou na mala sem se sujar.

Enquanto isso, fazia planos. No dia seguinte de manhã, Alexa, Noel e o cachorro de Alexa chegariam, tendo viajado à noite vindos de Londres. Chegariam a Balnaid

para tomar o café da manhã. Quando voltar de Corriehall, disse para si mesma, terei que aprontar os quartos. Quartos, não, um quarto. Em Londres, eles dormiam juntos na mesma cama, mas Virgínia sabia que, se os colocasse juntos em Balnaid, Alexa ficaria embaraçada, mais do que o próprio pai.

Amanhã. Era melhor pensar no amanhã. Não no ontem, nem no dia anterior ao ontem.

Nem na noite passada. Tudo já terminara. Acabara. Estava feito. Nada poderia ser mudado ou alterado.

Quando terminasse com os quartos, competiria com Isobel e faria listas, visitaria a Sra. Ishak e faria muitas compras. Teria que sair com os cães. Depois, cozinharia alguma coisa, faria um bolo ou uma sopa. Ou biscoitos para o piquenique. Então já seria noite, e o longo dia, solitário, em busca de uma alma irmã, teria terminado.

Dormiria na cama vazia, na casa vazia. Sem Edmund, sem Henry. E o dia seguinte traria Alexa e Noel, e com eles por companhia, certamente as coisas seriam melhores,

a vida pareceria menos impossível de ser levada, mais fácil de ser enfrentada.

Foi até Corriehill e encontrou o local em grande tumulto. Caminhões 295

e furgões estranhos estacionados no pátio, e, dentro, a casa parecia tomada por batalhões de trabalhadores, como se a família estivesse de mudança, chegando ou saindo.

Na entrada, os móveis e os tapetes tinham sido afastados, cabos elétricos cruzavam em várias direções, e as portas abertas da sala de jantar revelaram, em virtude das armações em preto e branco das grinaldas, que tudo se transformaria numa caverna escura. Uma boate. Ela parou para olhar, mas, de imediato, um jovem, de cabelos

compridos, de joelhos, meio vacilante sob o peso de um equipamento de som, pediu-lhe que se afastasse.

- Sabe onde posso encontrar a Sra. Steynton?

- Tente a tenda lá fora.

Encontrando uma saída em meio à confusão, Virgínia chegou à biblioteca e viu, pela primeira vez, a imensa tenda armada no dia anterior sobre o gramado. Era muito alta e muito ampla, e tirava quase toda a luz de dentro da

casa. As portas francesas da biblioteca tinham sido retiradas, e a casa e a tenda haviam sido ligadas

pelo cordão umbilical de uma passagem ampla. Ela passou pela abertura e penetrou a escuridão úmida e filtrada do interior da tenda, identificando as armações que subiam, altas como mastros, e a cobertura amarela e branca. No topo dos mastros, os eletricistas esticavam fios de lâmpadas, e, na extremidade mais afastada, homens corpulentos montavam, com cavaletes e pranchas de madeira, uma plataforma onde ficaria a banda. No ar havia um odor de grama pisoteada, como numa apresentação agrícola,

e no meio daquilo tudo, ela descobriu Verena junto com o Sr. Abberley, o encarregado de toda aquela operação, aparentemente recebendo alguma reprimenda de Verena.

- ... é ridículo dizer que nós tomamos as medidas erradas. Foi o senhor quem tomou as medidas.

- O problema é que a pavimentação vem em unidades pré-fabricadas. Seis por três. Eu lhe expliquei quando a senhora pediu a tenda maior.

- Nunca imaginei que haveria um problema.

- E existe outro problema. O gramado não é nivelado.

- É claro que é. Antigamente era usado como quadra de ténis.

- Sinto muito, mas não está nivelado. Está afundado naquela extremidade, um pé ou mais. Isto significa que preciso de cunhas.

- Bem, use as cunhas e verifique que não irá afundar. O Sr. Abberley ficou ofendido.

- Os pavimentos que eu monto nunca afundam - respondeu, afastando-se para melhorar aquela confusão.

-Verena-Virgínia chamou-a-parece que não cheguei num bom momento.

- Oh, Virgínia. - Verena passou os dedos pelos cabelos, num gesto

que não lhe era peculiar. - Acho que vou enlouquecer. Já viu uma confusão como esta?

-Acho tudo fantástico. Terrivelmente impressionante.

- Mas é grande demais.

- Bem, você está dando uma grande festa. Quando tudo estiver coberto com as flores, as pessoas e a banda, ficará bem diferente.

-Você acha que não será um grande fracasso?

-Por que seria? Será a festa do século. Veja, trouxe alguns vasos. Se você me disser onde os colocar, eu os trarei e depois irei embora para não importuná-la.

-Você é maravilhosa. Se for até a cozinha, encontrará Katy e alguns amigos. Estão fazendo alguns enfeites para decorar a tenda. Ela lhe dirá onde colocar os vasos.

- Se precisar de mais alguma coisa...

Mas a atenção de Verena já tinha sido desviada.

- Se precisar, eu lhe falo... - Tinha muitas coisas na cabeça. - Sr. Abberley!

Lembrei-me de outro detalhe. Preciso lhe perguntar...

Virgínia voltou para casa. Quando chegou novamente a Balnaid eram quase duas horas.

Começava a se sentir avidamente faminta, e decidiu que antes de fazer qualquer outra coisa teria que comer. Talvez um sanduíche de carne fria, alguns biscoitos e queijo, uma xícara de café. Estacionou o Subaru no pátio dos fundos e entrou pela cozinha.

Todos os pensamentos sobre comida evaporaram-se instantaneamente. Ela parou, o estômago vazio contraiu-se num espasmo de choque e afronta.

Lottie estava lá sentada. Esperando-a. Sentada à mesa da cozinha. Ela não pareceu envergonhada, mas sorriu, como se Virginia a tivesse convidado, e ela, aceitado o convite.

- O que está fazendo aqui? - Dessa vez Virginia não se esforçou para esconder a irritação na voz. Estava surpresa, mas também enraivecida.

- O que quer aqui?

-Estou somente esperando-a. Quero dar uma palavrinha com você. - Você não tem nenhum direito de entrar na minha casa.

- Então deve aprender a trancar as portas.

- Elas se encararam sobre a mesa.

- já a quanto tempo está aqui?

- Oh, mais ou menos meia hora.-Onde mais estivera? O que mais fizera? Teria estado bisbilhotando em torno da casa de Virginia, ido ao andar de cima, aberto armários, gavetas, visto as roupas de Virginia? Achei que não demoraria, porque deixou as portas abertas. Naturalmente os cães ladraram, mas eu os sosseguei. Eles sempre reconhecem

um amigo.

Um amigo.



- Acho que deve ir agora, Lottie. E, por favor, não volte, a não ser que seja convidada.

- Ah, dona Convencida. Não sou tão boa quanto a senhora, não é?

- Por favor, saia.

- Eu irei depois de falar tudo o que tenho a dizer.

- Você não tem nada a me dizer.

- Oh, a senhora está errada. Sra. Edmund Aird. Tenho muito a lhe dizer. Você ficou zangada quando a encontrei passeando na ponte. Não gostou do que lhe disse, não foi? Eu notei, não sou estúpida.

- Você só falou mentiras.

- E por que eu diria mentiras? Não tenho razão para mentir, porque a mentira tem pernas curtas. Chamei Pandora Blair de "prostituta", e você se encrespou porque eu disse uma palavra suja, pretendendo ser muito pura, imaculada, sagrada.

- O que você quer?

-Não quero ver o mal e nem fornicação-Lottie trovejou e pareceu um ministro da igreja prometendo a danação eterna para a sua congregação. - Homens e mulheres vis.

Práticas de luxúria...

Furiosa, Virgínia a interrompeu.

- Está dizendo tolices!

- Tolices, é mesmo? - Lottie voltou a si. - Também é tolice o seu homem estar fora, e você se livrar do menino e trazer o seu belo amante para a sua casa e ir com ele para a cama?

Era impossível. Ela estava inventando. Deixava a sua imaginação tortuosa correr nas fantasias carnais.

- Ah, bem sei que taparia a sua boca. Sim, senhora, Sra. Edmund Aird. Não é melhor do que uma mulher da rua.

Virgínia segurou a borda da mesa. Manteve a voz bem calma e fria.

- Você não sabe o que está dizendo.

- E quem está mentindo agora, posso saber? - Lottie, com as mãos cruzadas sobre o peito, inclinou-se para a frente, os olhos estranhos fixos, no rosto de Virgínia.

A pele era branca, como cera, e a sombra de um bigode escurecia o lábio superior. -

Eu estava ali, Sra. Edmund Aird. - A voz falhou, e agora falava num tom de uma pessoa que conta uma história de fantasmas, tornando-a tão assustadoramente quanto possível.-Estava do lado de fora da sua casa quando a senhora chegou ontem à noite.

Vi a senhora chegando. Vi a senhora acendendo as luzes e subindo as escadas com o seu amante. Eu os vi pela janela do quarto, como um casal de amantes, sussurrando um para o outro. Eu a vi puxar as cortinas, escondendo-os, com a luxúria e o adultério.

-Você não tem o direito de entrar no meu jardim. Da mesma maneira 298

que não tem o direito de entrar na minha casa sem ser chamada. Isso é invasão de propriedade. Se eu quiser, chamo a polícia.

-A polícia.-Lottie emitiu um cacarejo à guisa de riso. - São todos uns bobos gordos. Eles não estão interessados no que está acontecendo enquanto o Sr. Aird se encontra

na América. Está sentindo falta dele? Pense nele e em Pandora! Eu lhe falei sobre eles, não falei? Fiz a senhora pensar, não fiz? Pense em quem pode confiar.

- Quero que vá embora agora, Lottie.

- Ele não ficará satisfeito quando souber o que está acontecendo.

- Vá. Agora.

-Fique certa de uma coisa. A senhora não é melhor do que os outros, e não tente me convencer de que não tem nenhuma culpa, porque o seu rosto diz o contrário.

Virgínia finalmente perdeu a calma. Através dos dentes cerrados ela gritou para Lottie:

-VÁ EMBORA.-Esticou o braço, apontando a porta. -Vá embora e fique longe, não volte nunca mais, sua velha futriqueira.

Lottie ficou em silêncio. Não se mexeu. Do outro lado da mesa ela encarou Virgínia com os olhos fervendo pelo ódio. Virgínia, esperando o que iria acontecer em seguida,

retesou-se, como um arame esticado. Se Lottie fizesse um movimento para atingi-la, ela viraria a mesa sobre aquela lunática e a achataria como um inseto. Mas, em vez de ficar fisicamente violenta, o rosto de Lottie assumiu uma expressão de profunda complacência. O brilho nos olhos sumiu. Tinha falado tudo o que queria e conseguira

atingir Virgínia. Sem pressa, no seu ritmo, levantou-se e abotoou o cardigã.

- Bem, estou indo - anunciou.-Até logo, cachorrinhos. bom ter visto vocês.

Virgínia olhou-a sair. Lottie, calçada em sapatos de saltos altos, atravessou alegremente a cozinha. Quando chegou à porta, parou e olhou para trás.

- Foi muito bom. Sem dúvida vou encontrá-la novamente. Depois, saiu, fechando silenciosamente a porta atrás dela.

Violet, em sua cozinha em Pennyburn, parou, com o avental amarrado firme às costas, e cobriu o seu bolo de aniversário. Edie fizera o bolo, grande, com três camadas, mas Violet encarregara-se da decoração. Fizera uma cobertura de chocolate com a qual unira as camadas. Cobriu todo o bolo com o restante. Não tinha prática em decorar

bolos, mas, quando

terminou, ele não estava mal, parecendo um campo recém-arado. Mas,após ter espalhado os confeitos coloridos e colocado uma única vela, mostrou uma aparência bem

alegre.

Ela se afastou para olhá-lo, os dedos ainda sujos com a glace. Naquele momento, ouviu um carro subindo a colina e entrando pelo seu portão.

Pela janela viu que o visitante era Virgínia, e ficou contente. Virgínia era muito querida, e Violet sempre ficava feliz quando a nora aparecia de repente, sem ter combinado, porque significava que ela queria estar ali. E

hoje era especialmente importante porque teriam tempo para se sentar e conversar, e Violet saberia tudo sobre Henry.

Foi lavar as mãos na pia. Ouviu a porta da frente abrir e fechar.

Vi!

- Estou na cozinha. - Secou as mãos e desamarrou o avental.

- Vi!

Violet atirou o avental para um lado e foi para o vestíbulo. Sua nora estava parada aos pés da escada, e ficou imediatamente claro para Violet que alguma coisa estava muito errada. Virgínia estava pálida, como uma folha de papel, os olhos fixos e brilhantes, como se fossem queimar com as lágrimas não vertidas.

Ficou apreensiva.

- Minha querida. O que foi?

-Precisava ver você, Vi.-Sua voz estava controlada, mas não havia firmeza. Parecia prestes a chorar. - Precisava falar.

- Então venha. Entre e sente-se. - Colocou o braço em torno dos ombros de Virgínia e levou-a para a sala. - Sente-se e acalme-se. Não há nada aqui que

possa nos perturbar. -Virgínia afundou na poltrona macia de Vi, encostou a cabeça para trás, fechou os olhos, e quase imediatamente os abriu de novo.

- Henry estava certo. Lottie Carstairs é um diabo. Não pode ficar entre nós. Não pode ficar com Edie. Deve ir embora.

Vi sentou-se na sua confortável poltrona ao lado da lareira.

- Virgínia, o que aconteceu?

- Estou assustada.

- Que ela faça algum mal a Edie?

- Não a Edie, mas a mim.

- Conte-me o que aconteceu.

- Nem sei bem como começar.

- Comece pelo início.

O seu tom de voz tranquilo exerceu o efeito. Virgínia acalmou-se, visivelmente esforçando-se para manter o controle, e permaneceu alerta e objetiva. Continuou sentada,

a cabeça para trás, os dedos pressionando as



têmporas como se já tivesse chorado e ainda houvesse lágrimas a serem derramadas.

-Nunca pude gostar dela. Como todos nós, que nunca a apreciamos e nem aprovamos o fato de ela estar morando com Edie. Mas, como todos nós, pensei que ela não nos fosse fazer mal.

Violet lembrou-se das próprias reservas em relação a Lottie. E os arrepios que sentira ao estar com Lottie próximo do rio em Relkirk, com a mão dela

prendendo o seu pulso, os dedos fortes e duros, como um torno.

- E agora você acredita que todos nós estávamos errados?

- No dia que levei Henry para a escola... segunda-feira... levei os cães para passear. Fui até a loja de Dermot para comprar um presente para Katy e depois segui até a ponte. Lottie surgiu do nada. Tinha estado me seguindo. Disse-me que todos sabiam-todos-você e Archie, Isobel e Edie. Disse que você sabia.

Violet pensou: Oh, meu Deus.

- Sabia o quê, Virginia?

-Sabia que Edmund e Pandora Blair tinham tido um caso. Eles foram amantes.

- E como Lottie soube disso?

-Porque ela trabalhava em Croy na época do casamento de Archie e Isobel. Houve uma festa à noite, não foi? Disse que seguiu os dois até o andar superior, no meio da festa, e ouviu-os por trás da porta do quarto de Pandora. Disse que Edmund era casado e tinha uma filha, mas não fazia diferença porque amava Pandora. Disse que todos sabiam porque era claramente óbvio. Disse que os dois ainda se amam e que esse foi o motivo pelo qual Pandora voltou.

Foi pior do que Violet imaginara, e, pela primeira vez na sua vida, ela ficou sem palavras. O que poderia dizer? O que poderia dizer para confortar Virginia? Como conseguir uma pequena semente de conforto naquelas profundezas pantanosas de um escândalo agitado por uma mulher louca que não tinha mais nada a fazer na sua patética

vida do que causar problemas?

No pequeno espaço entre as duas os seus olhos encontraram os de Virginia. E os de Virginia estavam repletos de lágrimas, porque tudo o que ela queria

era que Violet afirmasse que tudo aquilo não passava de um monte de mentiras.

Violet suspirou. Totalmente incapaz, disse somente:

- Oh, minha querida.

- Então, é verdade. E todos vocês sabiam.

-Não, Virginia, nós não sabíamos. Tínhamos alguma ideia, mas não sabíamos, e nunca nos falamos sobre isso e nos comportamos como se nunca tivesse acontecido.



-Mas, por quê?- Era um pranto de desespero. - Por que não me falaram? Eu casei com Edmund. Sou sua esposa. Como imaginaram que eu ficaria sabendo? Por intermédio de uma mulher terrível, pelas outras pessoas. É um tipo de traição, como se não confiassem em mim. Como se me considerassem um tipo de criança inocente, imatura para encarar a verdade.

- Virginia, como poderíamos lhe contar? Não tínhamos certeza. Havia simplesmente uma suspeita, e pessoas como nós varrem esse tipo de suspeita para debaixo do tapete,

esperando que ela fique lá esquecida. Ela tinha dezoito anos, e Edmund a conhecia desde criança. Mas ele fora para Londres, casara-se e tivera Alexa, e não via Pandora

há vários anos. Então, ele veio para o casamento de Archie, e ela estava lá. Não mais uma criança, mas a criatura mais adorável e perigosa que você possa imaginar.

Eu tinha uma sensação de que ela sempre fora apaixonada por Edmund. Quando se encontraram novamente foi como uma explosão de fogos de artifício. Tudo o que pudemos

fazer foi olhá-los até que terminassem. E não foi como se não houvesse uma oportunidade de continuar para sempre. Edmund tinha compromissos em

Londres. A esposa,

a filha, o trabalho. Quando o casamento terminou, ele voltou para Londres, para as suas responsabilidades.

- Ele foi de boa vontade? Violet encolheu os ombros.

-com Edmund é impossível saber. Eu o vi saindo de carro de Balnaid e dizendo adeus e mais alguma coisa. Algo ridículo como sinto muito ou o tempo é um grande remédio, ou perdão, mas no final do dia eu estava sem forças e não disse nada.

- E Pandora?

- Ela entrou num tipo de declínio da adolescência. Lágrimas, mau humor, infelicidade. A mãe dela conversou comigo, profundamente apreensiva com tudo aquilo, mas

na verdade, Virginia, o que podíamos fazer? Ou dizer? Sugeri que ela enviasse Pandora para fora... para fazer algum curso ou uma viagem para Paris ou para a Suíça.

com dezoito anos, ainda era jovem em muitos sentidos, e quem sabe algum projeto proveitoso... aprender uma outra língua ou trabalhar com crianças... talvez diminuísse

a tristeza. Ter uma oportunidade de encontrar pessoas jovens e superar a figura de Edmund. Mas ela sempre fora muito mimada, e de alguma maneira a mãe tinha receio dos seus acessos de raiva. Porque nunca nenhuma palavra foi dita a respeito, eu não

sei. Tudo o que sei é que Pandora ficou vagando em Croy por um mês ou dois, fazendo todos se sentirem péssimos, e depois fugiu com aquele homem horrível, Harold é rico como um Creso, e com idade suficiente para ser seu pai, Tragicamente esse foi o fim de Pandora.



-Até agora.

- Sim. Até agora.

-Você ficou preocupada quando soube que ela viria?

- Sim. Um pouco.

-Você acha que ambos ainda se amam?

- Virgínia, Edmund ama você. - Virgínia não respondeu. Violet franziu as sobrancelhas. -Você, com certeza, sabe disso.

-Existem muitos tipos diferentes de amor. E, algumas vezes, quando preciso dele, Edmund parece não o ter para me dar.

- Não compreendo.

-Ele tirou Henry de mim. Disse que eu o sufoco. Disse que eu queria manter Henry perto porque o menino era um tipo de posse, um brinquedo que eu queria manter. Pedi e implorei, e finalmente houve aquela briga terrível, que não mudou nada. Eu argumentava com uma parede de tijolos. Paredes não amam, Vi. Isso não é amor.

-Eu não deveria dizer, mas estou ao seu lado no problema de Henry. Mas ele é filho de Edmund, e eu verdadeiramente acredito que Edmund esteja fazendo o que pensa ser o melhor para Henry.

- E nesta semana, quando eu mais precisava dele, ele viajou para Nova York. Levar Henry para Templehall e deixá-lo lá foi a pior coisa que já tive que fazer na minha vida.

- Sim, sim, eu sei.

Elas ficaram em silêncio. Violet considerou a situação delicada, lembrando-se de tudo que fora dito. Então compreendeu que havia uma pequena discrepância.

- Virgínia, isso aconteceu na segunda-feira. E você veio me ver somente hoje. O que mais aconteceu?

- Oh, sim, aconteceram mais coisas. - Virgínia mordeu o lábio.

- Lottie novamente?-Violet ousou perguntar.

- Sim, Lottie. Vi, lembra-se do último domingo, no almoço em Croy, todos nós brincando com Isobel sobre o seu hóspede, o Americano Triste? Bem, quando voltava de

Templehall, eu parei no King's Hotel para ir ao lavatório e o encontrei lá. Eu o conheço muito bem. Chama-se Conrad Tucker. Costumávamos jogar ténis em Leesport, há doze anos.

Foi o único detalhe alegre desde que Virgínia chegara. Violet comentou:

- Que interessante.

- bom, jantamos juntos, e depois achamos que seria bobagem ele ficar em Relkirk, já que viria para Croy no dia seguinte de manhã; por isso ele veio para Balnaid comigo e passou a noite lá. Levei-o para Croy esta manhã e deixei-o com Archie.

Depois fui a Corriehill levar alguns vasos de



planta para Verena. Quando cheguei em casa encontrei Lottie sentada na minha cozinha. - Na cozinha de Balnaid?

- Sim. Esperando por mim. Disse que na noite anterior estivera em Balnaid, no jardim, escuro e na chuva, quando nos viu, eu e Conrad, chegar. Ela nos viu. Pela janela.

As cortinas estavam afastadas. Viu quando subimos a escada... - Virgínia viu o olhar horrorizado de Violet, abriu a boca e depois fechou-a novamente. Finalmente continuou a falar. -Chamou-me de prostituta. Chamou Conrad de belo amante.

Vociferou sobre luxuria e fornicação...

- Ela está obcecada.

- Ela terá que ir embora ou falará a Edmund.

Diante de Violet, Virgínia desmontou em pedaços, a face enrugando-se como a de uma criança, os olhos cheios de lágrimas que transbordavam pela face.

- Eu não suporto mais, Vi. Não aguento uma coisa tão terrível. Ela parece uma bruxa

e me odeia... Não sei por que me odeia tanto...

Procurou um lenço, mas não o encontrou. Vi emprestou-lhe o seu, de cambraia, pequeno para suportar tamanho fluxo de infelicidade.

-Tem ciúmes de você. Tem ciúmes de qualquer felicidade normal... E, se contar a Edmund, ele saberá, como todos nós, que isso não passa de um monte de mentiras.

-Esse é que é o problema-Virgínia gemeu.-É verdade. Por isso é tão terrível. É

verdade.

- É verdade?

- Eu dormi com Conrad. Fui para a cama com ele porque eu quis e quis que ele fizesse amor comigo.

- Mas, por quê?

- Oh, Vi, acho que precisávamos um do outro.

Era uma confirmação desesperada, e, ao ver a nora num estado tão deplorável, Violet descobriu-se cheia de compaixão. Se Virgínia fora levada a um ponto daqueles, era uma indicação clara do estado em que o casamento chegara. Pensando mais um pouco, era perfeitamente compreensível. O homem, Conrad Tucker, ou qualquer que fosse

o nome, perdera a esposa. Virgínia, num redemoinho quanto às motivações de Edmund, acabara de perder o filho adorado. Eram velhos amigos. Em busca de conforto, as pessoas procuram os velhos amigos. Ela era uma mulher desejável, sensual e atraente, e o Americano, provavelmente um homem bonito. Porém, Violet desejou, acima de

tudo, que não tivesse acontecido. Mais ainda, desejou não ter sabido.

Havia somente um ponto acima de todos que permanecia claro como Um cristal.



- Não conte nunca a Edmund-Violet disse. Virgínia assoou o nariz no lenço encharcado.

- É tudo o que tem a dizer?

- É a única coisa importante a ser dita.

- Sem repreensões? Sem recriminações?

- O que aconteceu não me diz respeito.

- Foi errado.

- Porém, sob essas circunstâncias, compreensível.

- Oh, Vi. - Virgínia deslizou da poltrona, ajoelhou-se em frente a Vi, abraçou-a e enterrou a face no peito de Violet.-Sinto muito tudo isso.

Violet passou a mão sobre a sua cabeça. Disse, com tristeza:

- Somos todos seres humanos.

Por alguns momentos permaneceram como estavam, confortadas pela proximidade. Os soluços de Virgínia diminuíram gradualmente. Depois, afastou-se de Violet e sentou-se

sobre os calcanhares. Assoou mais uma vez o nariz, num gesto mais pessoal.

- Há somente mais uma coisa, Vi. Quando Edmund voltar e a festa estiver terminada, acho que irei para Long Island passar algum tempo. Ficarei com meus avós. Preciso me afastar um pouco. Estou esperando essa oportunidade há algumtempo, mas ela não apareceu. Agora, não tenho mais Henry. Parece um momento propício.

- E quanto a Edmund?

- Pensei que... Edmund poderia ficar com você.

- Quando pensa em partir?

- Na próxima semana. -Acha aconselhável?

- Por favor, diga se é.

- Lembre-se de que não pode fugir da realidade, assim como não pode fugir da culpa.

-A realidade é Edmund e Pandora?

- Eu não disse isso.

-Mas é o que pensa, não é? Você disse que ela sempre foi apaixonada por ele. E

tenho certeza de que ela não está menos bonita agora do que foi aos dezoito anos.

E eles partilham alguma coisa que eu não posso dividir com Edmund. As memórias da juventude. É engraçado, mas elas são as mais duradouras e as mais importantes.

-Você é importante e não acho que deva deixar Edmund logo agora.

- Eu nunca me preocupei antes. Todas as vezes em que ele me deixou, eu nunca senti

ciúmes ou me preocupei com o que estaria fazendo. Sempre disse a ele que eu não me importava com o que ele tivesse que fazer, desde que eu não tivesse que vê-lo fazer. Era uma piada. Mas agora



não é mais. Se alguma coisa tiver que acontecer, eu não quero estar presente para testemunhar.

-Você subestima os seus amigos, Virgínia. Imagina que Archie ficaria somente observando, sem tomar uma providência? - Se Edmund quiser, Archie não será um impedimento

para ele. - Pandora não ficará em Croy para sempre. - Mas está agora. Esse agora é que é o meu problema. -Você não gosta dela?

-Acho-a elegante.

- Mas não confia.

-Neste momento não confio em ninguém, somente em mim. Preciso me afastar um pouco, fazer uma retrospectiva, ter uma nova perspectiva. Por isso quero voltar aos Estados

Unidos.

-A minha opinião continua a mesma. Não acho que deva se afastar agora.

- Creio que devo.

Parecia não haver mais nada a ser dito. Violet encolheu os ombros.

- Nesse caso, não falemos mais sobre o assunto. Pelo contrário, devemos ser práticas e tomar providências. Uma coisa está muito clara. Lottie não deve ficar.

Precisa

voltar para o hospital. É uma terrível fonte de desentendimentos, e eu temo por Edie. Devo providenciar isso imediatamente. Enquanto telefono, sugiro que lave o rosto, penteie os cabelos e pegue a minha garrafa de conhaque, que está no armário na sala e traga dois copos. Precisamos ambas de uma dose medicinal. Ficaremos mais fortes e muito melhor.

Virgínia fez o que lhe foi dito. Quando saiu, Violet levantou-se e foi até a escrivaninha. Procurou o número do telefone do Relkirk Royal, discou, e pediu que chamassem

o Dr. Martin. Aguardou um pouco enquanto a telefonista o localizava.

- Dr. Martin?

Violet explicou com alguns detalhes quem era e a sua ligação com Lottie Carstairs.

- O senhor sabe de quem estou falando, não sabe, doutor?

- Sim, claro que sei.

-Acredito realmente que ela não está em estado de permanecer fora do hospital.

Comporta-se de forma irracional, assustando e transtornando as pessoas. E quanto a Sra. Findhorn, na casa de quem ela está, penso que é uma carga muito grande para ela. Não é uma pessoa jovem, e Lottie é Uma responsabilidade para ela.

- Sim, compreendo. - A voz do médico soou pensativa.

- O senhor não me parece surpreso?

- Não, não estou. Eu a entreguei aos cuidados da Sra. Findhorn 306

porque pensei que talvez o fato de voltar à vida comum e viver numa casa de família a ajudassem a restaurar algum tipo de normalidade. Mas é sempre um risco.

- Mas parece um risco que não deve ser assumido.

- Entendo que não.

- Poderá recebê-la novamente?

- Sim, naturalmente. Falarei com a Irmã Responsável. Poderá trazer a Srta.

Carstairs ao hospital? Será melhor do que enviar uma ambulância. E traga também a Srta.

Findhorn. É importante que ela esteja presente. Ela é o parente mais próximo.

- Eu as levarei. Chegaremos aí hoje à tarde.

- Se houver algum problema, telefone.

-Farei isso, doutor-prometeu Violet. Depois, desligou o telefone.

Saber que o dilema da prima de Edie já estava tratado e que Lottie provavelmente voltaria para o Relkirk Royal naquela mesma tarde teve um efeito melhor do que a dose do melhor conhaque de Violet para restaurar o equilíbrio de Virgínia.

- Quando você pretende levá-la?

- Agora. -Já mudara de sapatos e estava abotoando o casaco.

- E se Lottie se recusar a ir?

- Ela não fará isso.

- Suponha que ela tenha um ataque no carro e tente estrangulá-la.

- Edie estará comigo e a segurará. Sei que isso será um grande alívio para a pobre Edie. Ela não poderá objetar.

- Eu irei com você...

- Não. Acho que você deve ficar longe disso. - Você me telefona quando tudo tiver terminado? -Sim.

- Cuide-se. - Virgínia abraçou Violet e beijou-a. - E, muito obrigada. Eu a admiro.

Sempre estarei com você.

Violet sentiu-se sensibilizada, mas tinha outras coisas a fazer.

- Minha querida. - com a mente distante, deu uma palmadinha no ombro de Virgínia, enquanto traçava os planos para conversar com Lottie e Edie. - Eu a verei amanhã no piquenique.

- Noel e Alexa irão também.

Alexa e Noel. Mais família. Mais família, mais amigos chegando. Tantas pessoas, tantas exigências, tantas decisões, tanto a ser resolvido. Amanhã farei setenta e oito anos, Violet lembrou para si mesma e perguntou-se por que não estava pacificamente sentada numa cadeira de rodas com Um chapéu amarrado sob o queixo.

Pegou

a bolsa, tirou as chaves do carro e abriu a porta da frente. Alexa e Noel.

- Eu sei - disse Virginia. - Não me esqueci deles.



Temia uma cena terrível com Lottie, mas no final do dia não haveria muita dor.

Encontrou Lottie sentada na poltrona de Edie assistindo à televisão, parecendo incapaz

de praticar um mal. Violet parou para fazer alguns comentários, mas Lottie parecia mais interessada na mulher gorda na tela que estava ensinando como fazer um abajur em dobradura com um pedaço aproveitado de papel de

parede. Pela janela da cozinha, Violet viu Edie no jardim, lavando algumas peças de roupa. Foi até ela e contou, numa voz baixa, fora do alcance da prima, tudo que fora decidido e resolvido.

Edie, que a princípio parecia cansada pelos trabalhos do dia, parecia agora prestes a chorar.

- Não quero mandá-la embora.

- Edie, está ficando muito pesado para todos nós. Sempre foi muito para você e agora ela começou a perseguir Virgínia e a espalhar os piores boatos. Você sabe sobre

o que eu estou me referindo.

Claro que Edie sabia a que Violet se referia, e nada precisou ser dito entre elas.

- Eu tinha receio - Edie admitiu.

- Ela está doente, Edie.

- A senhora já falou com ela? -Ainda não.

- O que dirá?

- Que o Dr. Martin quer vê-la novamente. Que ela terá que ficar um dia ou dois no Relkirk Royal.

- Ela ficará furiosa.

- Acredito que não.

Edie deu a última enxaguada, parou e pegou a cesta para colocar a roupa lavada.

Parecia que a roupa pesava uma tonelada, como se ela, Edie, aguentasse todas as preocupações

do mundo.

- Tenho procurado tomar conta dela.

- E como poderia estar com ela durante todo o tempo?

- A culpa é minha.

- Ninguém faria melhor do que você tem feito. - Violet sorriu. Vamos tomar uma xícara de chá e depois eu conversarei com ela enquanto você arruma a valise.

Juntas percorreram o caminho pelo jardim e entraram no chalé.

- Sinto-me como uma assassina-disse Edie.-Ela é minha prima, e eu falhei com ela.

- Foi ela quem não correspondeu, Edie. Você não falhou com ela. Como nunca falhou com nenhum de nós.

Por volta das seis horas da tarde todo o desgastante episódio terminara e Lottie estava outra vez internada no Relkirk Royal sob os cuidados de 308

uma dedicada Irmã Responsável e do incrivelmente jovem Dr. Martin. Milagrosamente ela não fizera objeções quando Violet lhe disse o que iria acontecer, simplesmente comentara que esperava que o Dr. Faulkner cuidasse dela mais um pouco e depois gritara para que Edie não esquecesse de colocar na mala o cardigã verde.

No final, até voltara à porta do hospital, junto com a Irmã Responsável, para dar adeus enquanto Violet passava com Edie de carro entre os jardins tristes que Lottie achava tão bonitos.

- Não se preocupe com ela, Edie.

- Não consegui ajudá-la.

- Fez o melhor que pôde. Foi uma santa. Poderá visitá-la sempre. Isso não é um fim.

- É uma pobre alma.

- Precisa de cuidados médicos. E você tem muitas outras coisas a fazer. Agora, deixe tudo isso para trás e não se preocupe. Amanhã é o dia do meu piquenique. Não quero caras tristes no meu aniversário.

Edie, por um instante, permaneceu em silêncio. Depois perguntou:

- A senhora já cobriu o bolo? - Fizeram juntas planos para o piquenique, e Violet, quando a deixou no chalé, sentiu que o pior já passara.

Voltou para Pennyburn, entrou pela porta dos fundos e deu um suspiro de alívio por encontrar-se novamente segura em casa. O bolo de aniversário estava sobre a mesa, onde o havia deixado. Setenta e oito anos. Sentia-se totalmente cansada. A cobertura já estava bastante endurecida para colocar os confeitos, por isso teria de ficar

como estava. Colocou-o numa lata e foi para a sala. Serviu-se de uma dose generosa de uísque e soda, sentou-se e deu o último telefonema do dia, vitalmente importante.

- Templehall.

-Boa-noite. Sou a Sra. Geordie Aird. Sou avó de Henry Aird e preciso falar com o reitor.

- Sou a secretária dele. Poderia dizer qual o assunto?

- Preciso falar diretamente com ele.

- Bem, o reitor está ocupado no momento. Eu pedirei a ele que lhe telefone.

-Não. Preciso falar com ele agora. Por favor, vá procurá-lo e diga-lhe que estou aguardando.

A secretária hesitou, e depois disse com relutância:

- Muito bem, mas isso levará alguns minutos.

- Eu esperarei. - A voz de Violet foi enfática.

Esperou. Após vários minutos ouviu, distante no corredor sem tapete, passos que se aproximavam.

- Aqui fala o reitor.

- Sr. Henderson?

309

- Sim.

-Sou a Sra. Geordie Aird, a avó de Henry Aird. Sinto muito incomodá-lo, mas é importante que dê a Henry um recado meu. O senhor fará isso?

- Qual é o recado?

- Diga-lhe que Lottie Carstairs voltou para o hospital e que não está mais morando com Edie Findhorn.

- Só isso? - Ele pareceu não acreditar.

- Sim, é só isto. -

- É tão importante assim?

-Vitalmente importante. Henry estava muito preocupado com a Srta. Findhorn. Ficará aliviado ao saber que Lottie Carstairs não está mais morando com ela. Tirará um peso da cabeça dele.

- Nesse caso, é melhor que eu anote.

-Sim, acho que é melhor. Eu repetirei. - Ela elevou a voz e repetiu tudo bem devagar, como se o reitor fosse surdo. LOTTIE CARSTAIRS VOLTOU PARA O HOSPITAL E

NÃO

MORA MAIS com EDIE FINDHORN. Pegou os nomes?

- Num tom alto e claro - disse o reitor, com um toque de humor.

- O senhor dará o recado a ele?

- Irei vê-lo agora.

-O senhor é muito gentil. Sinto muito tê-lo incomodado.-Pensou em perguntar sobre Henry, se ele estava bem, depois decidiu-se pelo contrário. Não queria parecer intrometida.-Até logo, Sr. Henderson.

-Até logo, Sra. Aird.

No topo da longa subida onde a estrada pouco aplainada coroava o cume do Creagan Dubh, Archie parou o Land Rover, e os dois homens desceram para inspecionar a vista maravilhosa.

Tinham vindo, esta tarde, de Croy pela trilha que passava pela fazenda e pela cerca dos veados, junto do lago, e subiram pela parte mais selvagem das montanhas.

Agora o vale oeste estava bem atrás, e abaixo deles, as águas do lago pareciam azuis, como uma jóia. Na frente, o vale principal de Creagan precipitava-se numa sucessão

de flancos e aguilhões para onde as águas em remoinho de um córrego estreito escoavam, como um fio resplandecente, à luz espasmódica do sol. Ao norte, plataformas

de terras Vazias desdobravam-se até o infinito. A claridade era vacilante, mudando constantemente, de modo que os picos mais distantes ficavam encobertos Por uma exuberância azul, e as nuvens pairavam como fumaça.



Nos jardins de Croy a temperatura ficara agradável, com a luz do sol escorrendo pelas árvores douradas, e havia uma ligeira brisa para refrescar o ar. Mas aqui, no alto onde estavam, o mesmo ar soprava mais puro e mais

frio, como água gelada, e o vento noroeste era cortante, soprando pelo campo coberto de urze sem árvores e sem impedimentos no seu caminho.

Archie abriu a porta traseira do Land Rover, e as duas cadelas, que esperavam há algum tempo aquele momento, saltaram. Tirou dois casacos velhos, de aparência meio gasta e suja, forrados de lã, bem resistentes às intempéries.

- Pegue. - Atirou um para Conrad e, apoiando-se na traseira do Land Rover, vestiu o outro. Os bolsos estavam rasgados e havia manchas de sangue, testemunhas de uma antiga caça da lebre ou um coelho.

-Vamos sentar para descansar um pouco. Há um local perto daqui... poderemos ficar fora do alcance do vento...

Ele foi na frente, atravessando a superfície de pedras da estrada e entrando na urze alta, usando o bastão como uma terceira perna para ajudá-lo a ultrapassar as partes mais espessas. Conrad o seguia, observando o progresso doloroso do seu anfitrião, sem oferecer ajuda. Depois de algum tempo chegaram a uma pedra de granito,

gasta por milhões de anos de exposição às intempéries, cheia de líquem, saliente como um antigo monolito em sua cama de urze. Sua forma natural fornecia um local para sentar, com um encosto não muito confortável mas que oferecia alguma proteção contra o vento.

As cadelas receberam ordens de não se afastar, porém, a mais jovem, não tão obediente quanto a mãe, quando Archie se acomodou o melhor que pôde e alcançou o binóculo,

farejou a caça e disparou pela excitação e fez levantar voo um bando de tetrazes.

Oito pássaros surgiram da urze, perto de onde eles estavam sentados. Voltem, voltem,

gritaram, descendo para a parte profunda do vale, esquivando-se com agilidade além do horizonte, descendo, desaparecendo.

Conrad, extasiado, olhou-as voarem. Mas Archie brigou com a cadela, e essa, envergonhada, aproximou-se, deitando a cabeça no ombro dele, como que pedindo

desculpas.

Ele a abraçou, apertando-a, perdoando seu pequeno delito.

-Você as seguiu? - perguntou a Conrad.

- Creio que sim. Archie passou-lhe o binóculo.

- Veja se as consegue encontrar.

Usando o binóculo, Conrad procurou-as. À distância os detalhes se misturavam.

Procurou-as entre as moitas espessas de urze no vale, mas não viu nenhuma marca, nenhum

movimento. Elas haviam desaparecido. Devolveu o binóculo a Archie.



- Nunca imaginei que iria ver uma tetraz tão próxima.

-Após uma vida inteira, elas continuam a me surpreender. Selvagens e corajosas.

Conseguem voar a cem quilómetros por hora, e usam de todos os truques para lograr um homem com uma espingarda. São o adversário mais exigente, por isso propiciam uma caçada incomparável.

- Mas você as mata...

- Durante a minha vida inteira eu cacei tetrazes. Embora, à medida que fui envelhecendo, a frequência tenha diminuído e, devo admitir, surgiram algumas limitações.

Meu filho Hamish até agora não mostrou

escrúpulos, porém Lucilla detesta e se recusa a vir comigo. - Aconchegou-se ao velho casaco surrado, com a perna boa dobrada e o cotovelo repousando sobre o joelho.

O gorro estava puxado para a testa, protegendo os olhos dos raios ofuscantes do sol. - Ela os vê como pássaros selvagens ! e, como tal, parte da criação divina.

Por selvagem quero dizer autopreservação. É impossível criá-las como se criam faisões, porque colocar os ovos para serem chocados nestes pântanos significaria morte

certa e instantânea pelos predadores. - De que elas se alimentam?

- Da urze. Amoras. Mas principalmente urze. Por isso, um pântano bem cuidado é regularmente queimado em tiras. Por lei a queimada é controlada. É permitida somente

em algumas semanas de abril, e se você não queimar nessa época, terá que esperar o ano seguinte.

- Por que fazem as queimadas?

- Para encorajar o novo crescimento. - Apontou com o bastão. Você pode ver as tiras escuras no Mid Hill, onde queimamos este ano. Deixamos a urze mais comprida para dar uma boa proteção de cobertura

para os pássaros.

Conrad olhou um pouco desnorteado para os quilómetros e quilômetros à sua volta.

- A mim parece muita terra para poucas aves. Archie sorriu.

- Parece um anacronismo nestes tempos atuais, mas, se não fossem os esportes rurais na Escócia, grandes porções de terra permaneceriam jogadas, sem trato, ou dizimadas por uma agricultura intensa de um tipo

ou de outro, ou por uma atividade florestal.

- Plantar árvores não é uma boa medida?

- É um assunto melindroso. O pinheiro escocês é a nossa árvore nativa, diferente do abeto-vermelho da Noruega e do pinheiro norte-americano. E depende de como a terra silvestre é aproveitada. Um grupo compacto de abetos destrói a área de criação dos pássaros das regiões montanhosas, porque eles não farão os ninhos a menos

de novecentas jardas. As árvores abrigam vários predadores, como as raposas e as corujas.



Não me refiro somente às tetrazes, mas também aos fuselos, às tarambolas e aos maçaricos. E outras formas de vida selvagem. Besouros, insetos, rãs, cobras. E

vegetais.

Faia, gramíneas, musgos e cogumelos raros, natércia. com os cuidados apropriados, o pântano é uma casa-de-força de ecologia racional.

- Mas a imagem de um ricaço num pântano em busca de tetrazes é objeto de escárnio.

- É sim. O aristocrata afetado segurando uma espingarda e notas de dez libras. Mas acredito que essa imagem esteja sendo esquecida, pois até mesmo os políticos mais ligados à ecologia estão se conscientizando de que o elo entre os esportes rurais e a conservação é de grande importância para a sobrevivência do ecossistema básico das Terras Altas.

Ficaram em silêncio. Secretamente, aquele silêncio encheu-se de pequenos sons, como uma água vazante. Os sons agudos e graves do vento. O sussurro de um córrego distante, na enchente. Pelo vale, espalhados pelo flanco da colina, os carneiros pastavam, corriam, baliam. À medida que esses sons enchiam o silêncio, Conrad, tranquilo

com a companhia de Archie, deixou-se invadir pela quietude, uma paz que esquecera que existia.

Talvez tudo aquilo estivesse errado. Talvez, após o que acontecera na noite anterior, ele devesse estar sofrendo as agonias do remorso e da culpa. Mas a sua consciência

estava adormecida, até auto-satisfeita.

- Sinto-me mal por desejar você - dissera a Virgínia.

E ele se sentira culpado, o corpo doendo pela necessidade física do desejo pela mulher de um outro homem, por trás desse homem, na casa desse homem. Pouca coisa podia ser feita para subjugar esse desejo, e menos ainda quando ficou perfeitamente claro que a necessidade de Virgínia de calor e amor era tão grande quanto a sua.

Fora, para ele, uma noite de liberação após meses de solidão forçada. Para ela, talvez um alívio da solidão e um último sabor impetuoso da juventude perdida.

Na noite anterior, indo para Balnaid, ela se tornara tímida, mantendo Conrad à vista, sob as ocupações de ser a anfitriã, consciente, como um animal jovem, dos perigos

existentes. Mas naquela manhã estava recomposta. Ele acordara tarde, tendo dormido pesado, como não fazia há meses, e não a encontrara na cama. Vestira-se e descera.

Encontrou-a na cozinha preparando o café e conversando com os dois spaniels. Ainda estava pálida, porém menos tensa, e brindou-o com um sorriso. Conversaram, por cima do bacon com ovos, sobre trivialidades, e ele respeitou a sua reticência.

Talvez fosse melhor assim, sem que nenhum dos dois tentasse uma indulgência ou uma racionalização dos acontecimentos da véspera.

Uma única noite. Talvez para Virgínia fora somente isso. Conrad não tinha certeza.

Quanto a ele, sentia-se imensamente grato pelo destino que 313

os havia unido num momento em que ambos estavam tão vulneráveis, carentes, numa necessidade profunda um do outro. Os fatos aconteceram numa progressão natural, básicos,

como a respiração

Sem arrependimentos. Quanto a Virgínia, ele realmente não se preocupara. Quanto a ele, sabia somente que há doze anos apaixonara-se por ela, e agora não tinha tanta certeza de que alguma coisa mudara.

Um movimento desviou a sua atenção. Um bútio apareceu, flutuando no céu, depois começou a descer, em movimento espiral, contra a luz. Um segundo mais tarde outro bando de tetrazes irrompeu da urze em meio à colina e voou na direção do sul, numa velocidade surpreendente, o vento batendo nas suas caudas. Os dois homens o observaram.

- Espero que possamos ver outras aves - comentou Archie. Amanhã caçaremos no vale, na área de caça.

- Você irá?

- Sim, é tudo o que posso fazer, desde que eu consiga chegar até a parte mais baixa. É uma das coisas de que realmente me ressinto: não ser mais capaz de subir a colina. Eram os melhores dias, subindo com o grupo de amigos e meia dúzia de cães.

Não é somente um fato do passado.

Conrad hesitou. Os dois tinham passado a maior parte do dia um em companhia do outro, e Conrad, não querendo parecer curioso ou impertinente, deliberadamente não tocara no problema da incapacidade de Archie. Entretanto, agora parecia uma

oportunidade adequada.

- Como perdeu a perna? - perguntou num tom casual. Archie olhou para o bútio.

- com um tiro.

- Um acidente?

- Não, não foi um acidente. - O bútio pairou no céu, mergulhou e subiu novamente, com a sua presa, um pequeno coelho, preso no bico. Um incidente na Irlanda do Norte.

- O que fazia lá?

- Era soldado regular. Estava com o meu Regimento.

- Quando foi isso?

- Há sete, oito anos. - O bútio se fora. Archie virou a cabeça para olhar Conrad. -

O Exército está na Irlanda do Norte há vinte anos agora. Às vezes penso que o resto do mundo se esquece há quanto tempo esse conflito sangrento perdura.

- Vinte anos é muito tempo.

- Fomos para lá a fim de impedir a violência e manter a paz. Não impedimos a violência, e a paz continua bem distante.-Mudou de posição e abaixou o binóculo.

Apoiou-se

no cotovelo. - Durante o verão recebemos hóspedes americanos, mas que nos pagam.

Fornecemos camas, divertimentos, alimentação e muita conversa. Durante esses encontros

o

assunto da Irlanda do Norte surge com frequência, e inevitavelmente algumas piadas sobre a Irlanda do Norte ser o Vietnã da Grã-Bretanha. Aprendi a mudar rapidamente de assunto e a falar sobre outros interesses.

- Eu não diria isso, quero dizer, Vietnã. Não seria tão presunçoso. -E eu não quis ser agressivo.-Olhou para Conrad. -Você esteve no Vietnã?

- Não. Eu uso óculos desde os oito anos, por isso fui considerado incapaz.

-Você teria ido lutar sem ser aprovado?

-Não sei.-Conrad balançou a cabeça.-Mas meu irmão foi. Serviu na Marinha. Num navio. E foi morto.

- Uma guerra extravagante, sangrenta, inútil. Mas todas as guerras são extravagantes, sangrentas e inúteis. E a da Irlanda do Norte é a pior delas, porque os problemas

começaram no passado, e ninguém quer tocar essas raízes para arrancá-las e exterminá-las, para plantar algo novo e decente.

- Por passado você se refere a Cromwell?

-Refiro-me a Cromwell, Guilherme de Orange e à Batalha de Boyne, e aos jovens que morreram de fome. Refiro-me às memórias antigas e amargas, ao desemprego, à segregação,

às áreas não permitidas e à intolerância religiosa. Pior do que tudo isso, à impossibilidade de aplicar a lógica à situação.

- Por quanto tempo ficou lá?

- Três meses. Deveriam ter sido quatro, mas fui para o hospital quando o batalhão veio para casa.

- E o que aconteceu?

- A mim ou ao batalhão?

- A você.

A resposta de Archie foi um silêncio profundo, relutante, cheio de significado.

Olhando para ele, Conrad viu que mais uma vez a sua atenção fora desviada por algum movimento distante, na direção da colina oposta. Seu perfil era sombrio, parecendo franzido pela concentração. Conrad sentiu a relutância do outro homem em falar, e rapidamente desculpou-se pela pergunta.

- Sinto muito. "

- Porquê?

- Parece curiosidade. Não gostaria de parecer curioso.

- Está tudo bem. Foi um incidente. Esse é o termo eufemístico para bombas, assassinatos, emboscadas, mutilações. Escutamos o termo sempre entre as notícias da tarde.

Um incidente na Irlanda do Norte. Eu estava envolvido.

- Em operação?



- Todos estavam em operação, mas o meu posto era de Oficial Comandante da Companhia Real.

- Lemos sobre esses incidentes, mas é difícil imaginar como eles realmente acontecem... Ouvi dizer que é um país muito bonito. - Conrad esteve a ponto de retratar-se

outra vez, mas pensou melhor e deixou Archie prosseguir.

- Há partes da Irlanda do Norte bem bonitas. Algumas vezes o meu serviço levava-me a ficar fora da Companhia pela maior parte do dia, visitando

unidades nos seus postos por todo o país. Alguns da fronteira ficavam em fortes sitiados em antigos postos policiais, onde só era possível chegar de helicóptero pelo medo de emboscadas

nas estradas. Era lindo sobrevoar aquele país. Eu vi parte dele na primavera e no início do verão. Fermanagh, com seus lagos, e as montanhas do Mourne.-Parou, olhando

de esguelha, sacudindo a cabeça. - Temos que compreender que eles não correm somente para o mar, mas também para as terras improdutivas. A fronteira.

- Era lá que você estava?

-Sim, bem no meio dela. Novamente um país diferente. Muito verde, campos pequenos, estradas rurais espiraladas, lagos e regatos. Pouco povoada. Pequenas fazendas salpicadas, pequenas propriedades rurais rodeadas de máquinas antigas e quebradas, carros e tratores antigos apodrecendo. Muita área pastoril. Tranquila. Algumas vezes acho impossível relacionar o cenário com o que estava acontecendo.

- Deve ter sido muito difícil.

-Era. Estávamos sempre juntos. com o nosso Regimento. Estar com o Regimento é como estar com a sua família. Você pode cooperar com quase tudo quando tem a sua família por perto.

Archie caiu novamente em silêncio. O granito era um local desconfortável para ficar, e não propiciava um bom descanso. Ele mudou de posição mais uma vez, aliviando

a perna. A cadela mais jovem moveu-se, alerta ao seu lado, e Archie acariciou a sua cabeça.

- Vocês tinham barracas?

- Sim, se você admitir as lonas requisitadas como barracas. Eram duras. Vivíamos sob arame farpado, placas de ferro corrugado e sacos de areia,

raramente víamos a luz do sol, e tínhamos poucas oportunidades de fazer exercícios. Trabalhávamos num pavimento, descíamos para comer e subíamos para dormir. Quase igual ao Ritz Hotel. Eu tinha um ordenança que estava sempre comigo e, mesmo em trajes simples, portávamos uma arma. Vivíamos em estado de alerta. Nunca fomos realmente atacados, mas havia sempre o medo de alguma emboscada ou assalto, por isso vivíamos preparados para explodir um posto policial ou militar, anulando-o da face da Terra.

Um

desses assaltos era roubar um Land Rover armado dos 316

contrabandistas, carregá-lo com explosivos fortes e, então, colocar uma pobre alma atrás do volante para dirigir passando pelos portões abertos do acampamento, estacioná-lo

bem distante. Isso realmente aconteceu uma ou duas vezes, por isso idealizou-se um mecanismo para lidar com essa contingência. Um fosso de concreto sólido com uma rampa em declive. A ideia era levar o veículo para o fosso e então sair correndo e gritando como um louco antes que tudo explodisse. A devastação era incrível, mas salvava muitas vidas.

- Isso aconteceu com você?

-Não, não aconteceu. Tenho pesadelos com esses fossos explodindo, embora nunca tenha sido uma experiência que tivesse que enfrentar. É estranho, não é? Mas algumas

vezes não há explicações para os caminhos do subconsciente.

Agora Conrad já havia abandonado as suas inibições sobre curiosidade.

- Então, o que aconteceu?

Archie abraçou a cadela mais jovem, e ela colocou a cabeça sobre o joelho do dono.

- Era o mês de junho. Início do verão. Luz do sol e flores para todos os lados.

Então, um incidente na fronteira, nas estradas próximas de Keady. Uma bomba explodiu

debaixo da estrada, num bueiro. Dois veículos armados-nós os chamávamos de Porcos-estavam fora, numa patrulha de fronteira, quatro homens em cada Porco. A bomba foi detonada por controle-remoto do outro lado da fronteira. Um Porco explodiu em pedaços e, junto com ele, os quatro homens. O outro ficou muito danificado. Dois homens morreram e dois ficaram feridos. Um dos feridos era o sargento responsável e foi ele quem contatou a companhia para relatar o ocorrido. Eu estava na Sala de Operações quando a mensagem e os detalhes chegaram. Nessas ocasiões, por razões de segurança, os nomes não eram mencionados pelo rádio, mas cada homem no Batalhão tinha o seu próprio nome em código, um número de identificação. Portanto, quando o sargento nos deu os números, eu soube exatamente quem havia morrido e quem estava vivo. Todos eram homens meus.

- Seus homens?

- Eu lhe disse que era Oficial Comandante à frente da Companhia Administrativa e não das tropas armadas. Isso significa que era o responsável pelo Rádio, Central de Comando, Posto de Pagamento e pelo Regimento de Gaita-de-Foles e Tambores.

- Gaita-de-Foles e Tambores? - Conrad não conseguiu disfarçar a descrença na voz.

-Você quer dizer que você tinha uma banda?

- Claro que sim. As gaitas-de-fole e os tambores são uma parte importante de um regimento escocês. Tocam o toque de alvorada e de 317

recolher nas cerimónias, nas festas e nos concertos, nas festas de convidados dos oficiais e dos sargentos. E nos lamentos, durante os funerais. "As Flores da Floresta",

a música mais triste que existe na Terra. Além de ser parte integrante do batalhão, cada músico é também um soldado no serviço ativo, e treinado para matar. Foram alguns desses homens que estavam naquela emboscada. Eu os conhecia a todos. Um deles chamava-se Neil MacDonald, tinha vinte e dois anos e era filho do chanceler-mor

de Ardnamore - logo acima do nosso vale, depois de Tullochard. Eu o ouvi tocar pela primeira vez nos jogos de Strathcroy, quando ele tinha quinze anos. Naquele ano ele ganhou todos os prémios, e eu sugeri que, quando tivesse idade suficiente, se juntasse ao regimento. Naquele dia eu ouvi os códigos chegando pelo rádio e soube que ele morrera.

Conrad não encontrou nenhum comentário plausível para fazer, por isso permaneceu em silêncio. Fez-se uma pausa, solitária, e depois, de repente, Archie prosseguiu.

- Para lidar com esse tipo de emergência havia a Força Aérea de Reação em alerta total. Dois blocos de homens...

- Blocos?

- Pode chamá-los de pelotão, e um helicóptero Lynx prontos, esperando para partir.

Naquele dia pedi ao sargento que ficasse em terra, e eu assumi o seu lugar e fui com os homens. Éramos oito no helicóptero, o piloto e um tripulante, cinco soldados escoceses e eu. Levamos menos de dez minutos para chegar ao local do atentado.

Quando chegamos, entendemos logo o que acontecera. O explosivo, que destruíra totalmente o primeiro Porco, deixara um buraco na estrada, do tamanho de uma cratera,

e o segundo Porco estava mergulhado nele. Por toda a volta havia pedaços de metal, roupas, chapas de ferro, pedaços de coberturas de camuflagem, corpos, mais roupas, pneus queimando. Muita fumaça, chamas e o cheiro ruim de borracha, combustível e pintura queimando. Não havia sinais de movimento. De ninguém.

Mais uma vez Conrad ficou surpreso com o que classificava de uma discrepância óbvia.

- Você quer dizer pessoas do local, fazendeiros ou lavradores que tivessem ouvido a explosão e corrido ao local para ver?

- Qualquer um. Naquela parte do mundo nenhuma pessoa se aproxima desse tipo de problema, a menos que deseje morrer ou ser baleado na semana seguinte. Não havia ninguém,

só a fumaça e os corpos. Havia uma parte gramada, como um acostamento, ao lado da estrada. O helicóptero desceu e nós pulamos. Nossa primeira tarefa era demarcar a área e retirar os feridos enquanto o helicóptero voltava à base para trazer o oficial médico e a sua equipe. O helicóptero mal subira e, antes que tivéssemos tempo

de qualquer movimento, fomos pegos por uma saraivada 318

de metralhadora vinda do outro lado da fronteira. Estavam esperando por nós.

Esperando, de tocaia. Três dos meus soldados morreram na hora, um outro foi ferido no

peito e eu na perna. Ela ficou estilhaçada. Quando o helicóptero voltou com a equipe médica, eu e o pior ferido fomos levados para o hospital em Belfast. O

sargento

não conseguiu suportar e morreu no caminho. No hospital amputaram a minha perna acima do joelho. Fiquei lá algumas semanas e depois voltei para a Inglaterra, para começar um longo trabalho de recuperação. Finalmente, voltei para Croy, fui reformado com a patente de tenente-coronel.

Conrad esforçou-se para fazer um registro mental de todas as casualidades, mas perdeu a contagem e desistiu.

- E em que deu esse incidente em particular? - perguntou.

-Em nada. Um buraco na estrada. Mais alguns soldados britânicos mortos. Na manhã seguinte, o IRA assumiu oficialmente a responsabilidade.

- Sente amargura? Ou raiva?

- Por quê? Porque perdi a minha perna? Porque coxeio com este pedaço de alumínio?

Não. Eu era um soldado regular, Conrad. Ser atingido por um inimigo implacável é um dos riscos de ser soldado. Eu poderia ser um cidadão comum, responsável por um moinho, tentando pacificamente levar a vida. Um velho pai, talvez, indo para Enniskillen prantear o filho morto no Dia do Armistício e terminar morrendo soterrado por uma pilha de entulho. Um jovem, levando a sua namorada a umpub em Belfast

para tomar um drinque e vê-la voando para os céus atingida por uma bomba escondida.

Poderia ser um membro das forças armadas de folga, no carro errado, no local errado, no momento errado, arrastado por um veículo, despido, sentindo a morte próxima, para finalmente levar um tiro.

Conrad estremeceu. Mordeu o lábio, envergonhado pela própria náusea.

- Há artigos sobre isso. Faz-me sentir enjoado.

- Violência sangrenta, insípida, negligente. Existem outros ultrajes que nunca chegam até a imprensa ou ao público em geral. Uma vez, um homem foi a umpub tomar algumas cervejas. Um homem comum, jovem, exceto pelo fato de ser um membro do IRA.

Um dos jovens sugeriu que seria divertido se ele atirasse no joelho de alguém.

Ele nunca fizera isso antes, mas, após três cervejas, estava pronto para tentar.

Deram-lhe uma espingarda e ele saiu, dirigindo-se para o alojamento local. Viu uma moça que voltava para casa vindo da casa de uma amiga. Escondeu-

se num beco e empurrou-a para o chão. Depois, atirou nos dois joelhos dela. A moça nunca mais poderá

andar. Outro incidente. Fico boquiaberto, porque poderia ter sido com a irmã de qualquer pessoa, mas pessoalmente poderia ter sido com a minha Lucilla. Não me sinto

amargo e nem zangado, somente



desesperadamente triste pelo povo da Irlanda do Norte, pelas pessoas comuns, decentes, que tentam ter uma vida decente e têm que criar seus filhos sob esta sombra

permanente, terrível, de sangue, vingança e medo. Sinto-me triste pela raça humana inteira, porque essa crueldade insensível é aceita como normal, e não consigo ver um futuro para nós. É assustador. Estou assustado também por mim porque, como

uma criança, ainda tenho pesadelos que me horrorizam e me fazem gritar. E o pior são a culpa e o remorso por esse jovem de quem lhe falei. Neil MacDonald. Vinte e dois anos, morto. Não restou nada do seu corpo, nada que pudesse ser enterrado.

Seus pais não tiveram nem o conforto de um enterro ou um túmulo para visitar.

Conheci Neil como soldado, também. Era um bom soldado, mas eu me lembro dele como um

menino, no palco dos Jogos de

Strathcroy, tocando sua gaita-de-foles. Lembro-me daquele dia, o sol fazendo a grama brilhar, o rio, as montanhas, ele e sua gaita fazendo parte daquilo. Um menino,

com toda a vida diante dele, tocando muito bem o seu instrumento. -Você não pode se culpar pela morte dele.

- Foi por minha causa que se tornou soldado. Se não tivesse me intrometido, ele ainda estaria vivo.

-Não, Archie. Se ele estava destinado a entrar para o Regimento, ele entraria, mesmo sem o seu conselho.

- Essa é a sua opinião? Acho difícil ser fatalista. Gostaria de ser, porque só assim deixaria a sua alma ir em paz, e pararia de me perguntar o porquê. Por que eu estou aqui, no topo do Creagh Dubh, vendo, respirando, tocando, sentindo, quando Neil MacDonald está morto?

- É sempre pior para aquele que fica.

Archie virou a cabeça para olhar Conrad. Os olhos dos dois homens se encontraram.

- Sua esposa faleceu? - Archie perguntou.

- Sim. De leucemia. Eu a vi morrer, e isso durou um tempo muito grande. Durante todo esse tempo eu me senti ressentido e amargo porque não era eu quem estava morrendo.

E, quando ela morreu, odiei-me por estar vivo.

- Você também.

- Acredito que é uma reação inevitável. Temos simplesmente que passar por isso. E

leva tempo. Mas, no final do dia, todas essas perguntas auto-acusadoras e buscadoras

da alma permanecem sem resposta. E, como dizem vocês, britânicos, é ainda pior fazê-las.

Houve uma longa pausa. Depois Archie forçou um sorriso.

- Sim, você está certo. É bobagem. - Virou o rosto para cima e Perscrutou o céu. -

Você está certo, Conrad. Escurecia, tinham ficado lá em cima muito tempo e agora começava a esfriar.

- Talvez fosse melhor irmos para casa. Devo desculpar-me. Por um 320

momento esqueci que você tem os seus próprios problemas para enfrentar. Espero que me acredite. Eu não o trouxe aqui em cima para descarregar os meus problemas sobre os seus ombros.

Conrad sorriu.

-Eu fiz a pergunta-ele lembrou a Archie. Sentiu, então, que estava enrijecido por ter ficado tanto tempo sentado e com frio, contraído naquele poleiro duro e inóspito.

Levantou-se vagarosamente esticando as pernas entorpecidas. Fora do abrigo da rocha, o vento envolveu-o, cortando-lhe a face, intrometendo-se pela camisa.

Estremeceu

de leve. As cadelas agitavam-se com a promessa de atividade, e, pensando no jantar, sentaram-se e olharam ansiosas para Archie.

- É, você fez as perguntas. Agora é melhor esquecermos tudo isso e não falarmos mais a respeito. Vamos, minhas amigas - disse para as cadelas -, eu as levarei para casa para a comida.-Ele levantou uma das mãos. - Dê-me uma ajuda, Conrad.

Desceram a colina, caminhando, descrevendo pequenas voltas, até chegar ao vale principal e voltar a Croy. Quando entraram pela porta da frente, o grande relógio antigo do tempo dos avós, ao lado da cristaleira, bateu a meia-hora. Seis e meia.

As cadelas estavam famintas. Já passara muito da hora de elas comerem, e elas foram direto para a cozinha. Archie deu uma espiada na biblioteca, mas não viu ninguém.

- O que gostaria de fazer? - perguntou ao seu convidado. - Em geral, jantamos às oito e meia.

-Se você concordar, acho que irei para o quarto desarrumar a mala. E talvez tome uma chuveirada.

-Está ótimo. Use qualquer dos banheiros que não estiver ocupado. E, quando estiver pronto, desça. Se os outros ainda não tiverem chegado, tomaremos um drinque na biblioteca. Fique à vontade.

- Muito obrigado. - Conrad começou a subir a escada. Depois de alguns degraus, parou, virou-se e disse: - Muito obrigado pela conversa de hoje à tarde. Foi um momento

especial.

- Talvez seja eu quem deva agradecer a você.

Conrad continuou a subir. Archie seguiu as cadelas e encontrou Lucilla e Jeff na cozinha, respectivamente na pia e no fogão, ambos por trás de grandes aventais, parecendo ocupados; Lucilla mexia alguma coisa em uma vasilha. .

- Papai. Que bom que chegaram. Onde estiveram?

- No pântano. O que estão fazendo?

- Preparando o jantar.

- Onde está mamãe?

- Foi tomar um banho.

-Poderia alimentar as cadelas para mim?



- Num minuto. - Ela se virou novamente para a vasilha. -Terão que esperar, pois, do contrário, este molho desandará.

Ele as deixou na cozinha, saiu, fechou a porta e voltou para a biblioteca. Serviu-se de uma dose de uísque com soda e, levando o copo consigo, subiu para procurar a esposa.

Encontrou-a na banheira, mergulhada em espuma perfumada e com a aparência cómica que tinha, sempre que usava a touca azul de bolinhas brancas.

- Archie. - Ele abaixou a tampa do vaso e se acomodou. - Onde foram?

-Ao topo do Creagan Dubh.

- Deve ter sido maravilhoso. O Americano Triste está bem?

- Sim, e ele não é triste. É uma excelente companhia. Chama-se Conrad Tucker, e é um velho conhecido de Virgínia.

- Não acredito! Você quer dizer que eles se conhecem? Que coincidência extraordinária. E que sorte! Isso contribuirá para que ele não se sinta um estranho, numa

casa estranha. - Ela procurou o sabonete. - Parece que você gostou dele.

- É um homem muito agradável. Excepcionalmente gentil.

- Como você.

-Já tinha estado antes na Escócia?

- Acho que não.

- Eu estive pensando. Nem ele e nem Jeff saberão dançar as danças típicas na sexta-feira à noite. Você acha que seria uma boa ideia uma pequena aula hoje, depois do jantar? Se eles conseguirem pegar o reelde oito compassos e mais uma ou duas danças, pelo menos entrarão em algumas rodadas para se divertir.

- Por que não? Acho uma ótima ideia. vou procurar algumas fitas. Onde está Pandora?

- Acho que está aos pedaços. Só chegamos em casa às cinco horas. Archie, você se importaria se ela fosse para a montanha, amanhã com você? Falei a ela sobre o piquenique

de Vi e ela prefere ficar com você. Diz que ficará sentada sobre a coronha de uma espingarda e que conversará pouco.

- Não há problema, desde que não faça muito barulho. É melhor verificar se ela tem algumas roupas mais quentes.

- Eu emprestarei as minhas. Deu um gole na bebida e depois bocejou. Estava cansado.

- Como foram as compras? Conseguiu os meus cartuchos?

- Sim. E também o champanha, e as velas, e comida suficiente para alimentar um batalhão faminto. E tenho um vestido novo para a festa.

- Você comprou um vestido novo?

- Não, Pandora comprou um para mim. É maravilhosamente lindo 322

e ela não me deixou saber quanto custou, mas provavelmente foi muito caro. Ela parece ser muito rica. Você acha que eu não deveria aceitar esse tipo de presente tão extravagante?

- Se ela quis lhe dar um vestido, não haveria como evitar. Sempre gostou de dar presentes. É uma gentileza. Posso vê-lo?

-Não, só na sexta-feira, e você ficará surpreso com a minha beleza.

- O que mais fizeram?

-Almoçamos no Wine Bar...-Isobel, enquanto espremia a esponja para retirar o excesso de água, considerou contar a Archie sobre Pandora e a mesa reservada, depois

decidiu que não contaria, porque sabia que ele não aprovaria. - E Lucilla comprou um vestido no mercado.

- Oh, meu Deus, deve estar cheio de pulgas.

- Eu a fiz deixá-lo na lavanderia. Alguém terá que ir a Relkirk na sexta-feira de manhã para pegá-lo. Mas guardei para o final a parte mais interessante. Pandora também comprou um presente para você. Se você me passar a toalha, eu acabarei de me enxugar e lhe mostrarei.

Ele lhe passou a toalha.

- Um presente para mim?-Tentou imaginar o que a irmã poderia ter encontrado para trazer para ele. Esperou que não fosse um relógio de ouro, um cortador de charutos, nem um alfinete de gravata, porque não usava nenhum deles. O que realmente precisava era de um novo cinturão para colocar os cartuchos...

Isobel terminou de se secar, tirou a touca de banho, ajeitou os cabelos, enrolou-se no roupão de seda, atou a tira na cintura.

- Venha ver. - Ele a seguiu até o quarto deles. - Aqui está. Estava tudo esticado sobre a cama. As calças, a camisa branca nova

ainda no envoltório de celofane, a faixa de cetim preto e o paletó de veludo verde do seu pai, que Archie não via desde a morte dele.

- De onde veio tudo isso?

- Estava guardado no sótão, cheio de naftalina. Eu o estiquei para tirar as pregas.

As calças e a camisa são presentes de Pandora. E eu engraxei os sapatos.

Archie ficou boquiaberto.

- Mas, para que tudo isso?

-Para sexta-feira à noite, seu bobo. Quando eu disse a Pandora que você não usaria o seu kilte que iria de dinnerjacket, ela ficou horrorizada. Disse que você pareceria

um garçom contratado. Por isso, fomos até a loja do Sr. Pittendriech e ele nos ajudou a escolher. - Ela pegou as calças. Não são lindas? Oh, por favor, Archie, experimente.

Quero ver como você ficará nelas.

A última coisa que Archie desejava naquele exato momento era experimentar as calças novas, mas Isobel estava tão excitada que não teve 323

coragem para recusar. Colocou o copo sobre a penteadeira e obedientemente começou a tirar as suas velhas calças.

- Fique com a camisa. Não precisa experimentar a nova para não sujá-la. Tire os sapatos e essas meias fedorentas. Agora...

com a sua ajuda, ele vestiu as calças novas. Isobel subiu o fecho e abotoou os botões, enfiou as pontas da velha camisa azul e ajeitou tudo, como se estivesse vestindo

uma criança para uma festa. Ajustou a faixa e amarrou os sapatos, e trouxe o paletó. Ele enfiou os braços nas mangas forradas de seda. Ela o virou e ajeitou-o.

-Veja.-Passou as mãos pelos cabelos dele. - Vá se verno espelho.

Por alguma razão ele se sentiu um idiota. O coto doía e ele ansiava por um banho quente, mas coxeou obedientemente e foi até o guarda-roupa de Isobel, onde havia um espelho de corpo inteiro na porta do meio. Ver-se em espelhos não era a sua ocupação predileta, porque a sua aparência de hoje era uma transmutação da pessoa

que fora antes, a pele sem brilho, muito magro, sem graça nas roupas gastas, tão estranho na sua perna pesada, de alumínio.

Mesmo agora, com Isobel olhando-o com orgulho, custava-lhe olhar-se. Mas ele o fez, e não foi tão mal quanto pensava. Não estava mal. Parecia bem. Na verdade, muito bem. As calças, estreitas, imaculadamente talhadas e com vincos perfeitos, tinham um toque militar. E o paletó, de veludo bom e

brilhante, dava o toque exato de elegância masculina, o verde combinando bem com o tom da risca verde das calças.

Isobel afofara os seus cabelos, mas ele os afofou novamente. Virou-se para ver os outros lados da sua elegância refletida. Desabotoou o paletó para admirar o brilho da faixa de cetim marcando a sua cintura. Abotoou-o novamente. Olhou-se nos olhos, sorriu obliquamente, sentindo-se um pavão orgulhoso.

Virou-se para a esposa.

- O que acha? "

- Está esplêndido. Levantou os braços.

- LadyBalmerino, me concederia esta valsa?

Ela veio para ele, e ele a enlaçou, sua face roçando o alto da cabeça dela, da maneira como costumavam dançar, namorando nos clubes. Através da seda do roupão, suas

mãos sentiram a pele dela, ainda tépida do banho, a curva das nádegas, a cintura bem marcada. Os seios, macios, soltos, pressionaram-no, deixando subir o odor suave do sabonete.

Trocavam o peso gentilmente de um pé para o outro, girando, dançando da melhor maneira que lhes era possível, seguindo uma música que somente os dois ouviam.

- Você tem agora alguma coisa urgente para fazer?



- Nada que eu me lembre.

- Não há jantar a ser feito, cães para alimentar, aves para limpar, nem jardim para cuidar?

- Nada.

Pressionou os lábios sobre os cabelos dela.

- Então venha para a cama comigo.

Ela ficou parada, mas Archie empurrou-a gentilmente. Após um momento, ela se virou e olhou-o no rosto. Ele viu que os olhos dela, de um azul profundo, estavam brilhando,

sem lágrimas.

- Archie...

- Por favor.

- E os outros?

- Estão todos ocupados. Nós trancaremos a porta. Pendure um cartaz: "Não Perturbe".

- Mas... e o pesadelo?

-Pesadelos são coisa de criança. Estamos muito velhos para permitir que um pesadelo nos impeça de continuar a nos amar.

- Você está diferente. - Franziu as sobrancelhas, o rosto demonstrando surpresa. -

O que aconteceu?

- Pandora me deu um presente.

- Não é isso. Aconteceu alguma outra coisa.

- Descobri uma pessoa que me ouviu. No topo do Creagan Dubh, acompanhado somente do barulho do vento, da urze e dos pássaros. Sem ninguém para perturbar. Por isso consegui falar.

- Sobre a Irlanda do Norte? -É.

- Tudo?

- Tudo.

- A explosão da bomba, os corpos estraçalhados e os soldados mortos?

- Sim.

- E Neil MacDonald? E o pesadelo? ,

- Contei tudo.

- Mas você falou comigo também. Contou tudo. E nada mudou.

- É porque você é parte de mim. com um estranho é diferente. Mais objetivo. Nunca houve alguém assim antes. Somente conhecidos e velhos amigos, que me conhecem há

longo tempo. Todos muito íntimos.

- O pesadelo ainda está aqui. Ele não passará.

- Talvez não. Mas as suas presas talvez tenham sido afastadas. - O que o faz ter certeza?

- Minha mãe costumava dizer que, quando o medo bate à porta, a 325

fé vai atender e não encontra ninguém. Teremos que enfrentar. Amo-a mais do que a minha própria vida, e isso é tudo que importa.

- Oh, Archie. -As lágrimas finalmente transbordaram dos olhos e ele as beijou, desfez o laço do roupão e deslizou a mão por baixo da seda fria, acariciando diretamente

a pele. Seus lábios procuraram a boca de Isobel, os lábios dela entreabertos para ele...

- Vamos tentar?

- Agora?

-Sim. Agora. Logo que você conseguir me ajudar a me desembaraçar dessas malditas calças.

326

Quinta-feira, 15

Virgínia despertou às cinco horas e esperou o amanhecer. Era quinta-feira. Dia do septuagésimo oitavo aniversário de Vi.

Vi, como prometera, ligara na véspera, pouco antes do noticiário das nove. Lottie estava de volta ao Relkirk Royal, dissera à Virgínia. Não fora difícil, ela a havia convencido com facilidade. Edie ficara muito aflita, mas Vi a persuadira, e ela aceitara o inevitável. E Vi telefonara para Templehall e instruíra o reitor para afirmar a Henry que ele não precisava mais se preocupar com a sua amada Edie.

Finalmente o terrível episódio terminara. Virgínia poderia tirá-lo da cabeça.

A conversa deixou Virgínia num estado de emoções confusas. As mais importantes eram a de gratidão e de um imenso alívio. Agora podia enfrentar a escuridão da noite, ir para a cama naquela casa grande e vazia, e dormir, com alguma certeza de que nenhum fantasma habitaria as sombras do jardim, pairando, olhando, esperando para atacar. Lottie não voltaria, estava trancada longe, com os seus segredos. Virgínia livrara-se dela.

Mas, sentia uma certa intranquilidade. Era terrível imaginar a aflição de Edie tendo que admitir que fracassara, a relutância em entregar a prima mais uma vez aos cuidados profissionais, porém impessoais, de um hospital. Mas no fundo ela devia ter sentido algum alívio, pelo menos pelo fato de ter se livrado daquela responsabilidade

quase insustentável, e não mais teria que suportar aquela conversa interminável de Lottie.

Finalmente havia Henry, e, nesse ponto, Virgínia sentia-se cheia de culpa. Sabia como ele se sentia em relação a Lottie, como temera por Edie, e mesmo assim a ideia tocante de telefonar para a escola não lhe ocorrera, e compreendeu que a razão vergonhosa daquilo era que Henry havia saído da sua mente, tão absorta ficara consigo

mesma e com os acontecimentos dos últimos dias.

Primeiro, Edmund e Pandora. Agora, Conrad.



Conrad Tucker. Aqui, na Escócia, em Strathcroy, já como hóspede dos Balmerinos e um personagem importante no drama a se desenrolar nos próximos dias. Sua presença mudara a forma de tudo. Principalmente ela mesma, como se alguma faceta insuspeita e escondida da sua própria personalidade tivesse sido revelada por ele. Tinha ido para a cama com Conrad. Fizeram amor com um desejo mútuo, mais ligado a conforto do que paixão, e ela ficara com ele, passara a noite em seus braços. Um ato

de infidelidade, adultério. Mesmo recebendo o pior nome possível, Virgínia não se arrependia de nada.

Não importa o que você tenha feito, não conte nunca a Edmund.

Vi era uma mulher de idade e sábia, e a confissão não fora uma penitência, mas uma

auto-indulgência. Fora como o descarregar de um pecado em outra pessoa, dividindo a culpa. Porém, a sua total falta de remorsos tomara Virgínia de surpresa, e ela sentiu que nas últimas vinte e quatro horas crescera de alguma forma, não fisicamente,

mas por dentro. Era como se estivesse lutando para subir uma escarpa numa montanha e agora tivesse dado uma parada para respirar, descansar, apreciar os aspectos ocultos que os seus esforços alcançaram.

Até então sentira-se contente em ser a mãe de Henry, a esposa de Edmund, uma dos Airds, sua existência moldada pelo clã, todo o seu tempo, energia e amor canalizados

para fazer da casa um lar para a família. Mas agora Alexa crescera, Henry se fora e Edmund...? Naquele momento perdera Edmund de vista. E restava somente ela mesma.

Virgínia. Uma pessoa, uma entidade com passado e futuro, ligada pelos anos dedicados ao casamento. A partida de Henry não terminara somente com uma era, mas também

a libertara. Nada a impedia de esticar as asas e voar. O mundo inteiro era dela.

A visita a Long Island, que por tantos meses fora somente um sonho guardado em algum recendido da mente, era agora possível, positiva, até imperativa.

Independente

do que Vi dissera, era o momento de ir, e, se precisasse de alguma desculpa, recorreria à idade avançada dos avós e à sua própria necessidade de vê-los novamente

antes que ficassem muito idosos para que pudesse desfrutar da sua companhia, antes que ficassem doentes, antes que morressem. Essa seria a desculpa. Mas a verdadeira razão estava ligada a Conrad.

Ele estaria lá. Por perto. Na cidade ou em Southampton, e sempre à distância de um telefonema. Poderiam estar juntos. Um homem que seus avôs conheciam e de quem gostavam. Um homem gentil. Não era uma pessoa de sair de repente, nem de romper compromissos e nem deixá-la só quando ela precisasse da sua companhia, nem de amar outra mulher. Ocorreu-lhe que talvez a confiança fosse mais importante do que o amor para que uma relação realmente durasse. Para lidar com essas incertezas, 328

ela precisava de tempo e de espaço, algum tipo de interlúdio para parar e rever a situação. Precisava de consolo, e sabia que o encontraria na companhia de alguém que sempre fora seu amigo, e agora amante. O seu amante. Uma palavra ambivalente, repleta de significados. Mais uma vez buscou na consciência uma pontada obrigatória de culpa, mas só encontrou segurança, uma força reconfortante, como se Conrad tivesse trazido um tipo de segunda oportunidade para ela, um outro sabor de juventude,

uma liberdade inteiramente nova. O que quer que fosse, ela a agarraria, antes que se iludisse. Leesport estava ali, precisava somente pegar o avião. Sem mudanças, porque era um lugar que não mudava. Sentiu o odor do ar frio de outono, viu as ruas largas com folhas escarlates caídas, pintalgando o chão, a fumaça dos primeiros fogos subindo das chaminés das casas de madeira branca descrevendo curvas no céu de azul profundo de um verão de Long Island.

Recordando outros tempos, ela fez uma avaliação. O Dia do Trabalho já terminara, as crianças tinham voltado para o colégio, o trem não ia mais para Fire Island, os bares da orla marítima haviam fechado. Mas seus avós ainda não tinham tirado o barco a motor da água, e as grandes praias do Atlântico estavam ali, à pequena distância, as dunas, alisadas pelo vento, as areias sem fim com conchas espalhadas, rodeadas pela arrebentação das ondas trovejantes. Sentiu a espuma salpicada no rosto. Viu-se, como se estivesse muito longe, andando pelas partes mais rasas, uma silhueta contra o céu do anoitecer, com Conrad ao lado...

Então, apesar de tudo, Virginia pegou-se sorrindo, não com um prazer romântico, mas com um auto-ridículo saudável. Era uma imagem de adolescente, vista em algum programa de televisão. Ouviu a música envolvente, a voz masculina sincera incitando-a a usar algum xampu, ou desodorante, ou sabão biodegradável. Muito fácil, compulsivo,

num dia de fantasias. Não que os devaneios fossem uma prerrogativa somente dos

adolescentes, porém, os mais velhos não tinham tempo para perder com fantasias.

Tinham

muita coisa a ver, a fazer, a organizar. Como ela. Aqui e agora, a vida, e exigente imediatamente, reivindicando a sua atenção. Resolutamente expulsou Leesport e Conrad da mente, e pensou em Alexa. A primeira prioridade era Alexa. Deveria estar chegando a Balnaid em uma ou duas horas, e, há um mês, Virginia, em Londres, fizera uma promessa a ela.

-... Você e papai-Alexa pedira. - Não continuarão brigados. Eu não suportarei se houver uma atmosfera pesada...

- Não, claro que não - Virginia afirmara. - Esqueça isso. Nós teremos momentos excelentes...

As promessas não são feitas para serem quebradas, e ela se orgulhava em saber que essa não seria uma exceção. Na sexta-feira Edmund estaria 329

de volta. Pensou se ele lhe traria um outro bracelete de ouro e esperou que não, porque agora não era somente Henry quem estava entre eles, como um osso para se brigar pela posse, mas o conhecimento de Virgínia sobre ela mesma e sobre o marido.

Sentiu que nada mais seria simples ou direto novamente, mas de alguma forma, para segurança de Alexa, ela faria parecer que continuava tudo como sempre fora.

Basicamente era uma questão de superar os próximos dias. Imaginou uma série de obstáculos.

A chegada de Alexa, o piquenique de Vi, a chegada de Edmund, o jantar de Isobel, a festa de Verena, tudo para ser enfrentado, um por um, sem trair nenhuma emoção.

Nenhuma dúvida, nenhuma cobiça, nenhuma suspeita, nenhum ciúme. Finalmente, tudo seria superado. E, quando os visitantes de setembro se fossem, e a vida voltasse ao normal, Virgínia, livre dos compromissos, faria planos para a sua saída.

Esperou o amanhecer, virando-se várias vezes para acender a luz da cabeceira e conferir as horas, e, em torno das sete, ela chegou ao limite daquele passar sem graça

do tempo e ficou feliz em abandonar a cama com os lençóis amarfanhados.

Afastou as cortinas e deparou-se com um céu azul-pálido, um jardim riscado pelas compridas sombras matinais e uma névoa fina sobre os campos. Eram sinais de um bom dia. Quando o sol saísse, a névoa se dispersaria e, com um pouco de sorte, talvez fizesse calor.

Sentiu um certo alívio. Deparar-se com o frio, o cinza e a chuva especialmente hoje seria mais do que ela poderia suportar. Não simplesmente porque o seu humor estivesse

baixo independente de outros aspectos depressivos, mas porque, apesar dos fatores ambientais, haveria o piquenique do aniversário de Vi. Vi era apegada às tradições e não se importava que os convidados tivessem que chegar debaixo de grandes guarda-chuvas, calçando galochas desconfortáveis e tentassem cozinhar suas salsichas num braseiro enfumaçado e molhado pela chuva. Este ano, parecia, eles ficariam livres desses prazeres masoquistas.

Virgínia desceu, tratou dos cachorros e fez uma xícara de chá. Pensou em fazer um café da manhã, mas abandonou a ideia e subiu novamente para trocar de roupa e fazer a cama. Ouviu um carro, foi até a janela, mas não viu nada. Deveria ser alguém passando pela alameda.

Voltou para a cozinha e fez uma caneca de café. Às nove horas o telefone tocou e ela correu para ele, esperando alguma explicação de Alexa, presa em alguma cabine telefónica. Mas era Verena Steynton.

- Virgínia. Desculpe chamar tão cedo. Você já levantou?

- Claro, querida.

-Que dia maravilhoso. Você tem alguma toalha de mesa adamascada branca e grande?

Foi a única coisa que não pensei e naturalmente Toddy Buchanan não as produz mais.

330

- Creio que tenho meia dúzia, mas preciso conferir. Eram de Vi. Ela as deixou quando se mudou.

- São realmente grandes?

- Tamanho banquete. Ela as guardava para as festas.

- Você seria um amor se pudesse trazê-las para Corriehill ainda na parte da manhã.

Seria possível? Eu deveria ir apanhá-las, mas estarei ocupada fazendo os arranjos das flores e não terei um momento livre.

Virgínia ficou feliz por saber que Verena não podia ver a expressão no seu rosto. -

Sim, sim, eu posso fazer isso - disse com a voz mais delicada possível.-Mas não poderei sair antes que Alexa e Noel cheguem. E depois tenho o piquenique de Vi...

- Está tudo bem... se você puder trazê-las. Muito obrigada, você é um amor.

Encontre Toddy e entregue-as a ele... eu a verei amanhã, talvez antes disse. Até logo.

Verena desligou. Virgínia suspirou exasperada porque, naquela manhã, a última coisa que gostaria de fazer era dirigir trinta quilómetros até Corriehill e depois voltar. Mas, após anos de convivência na Escócia, ela se acostumara aos hábitos locais, e um desses rezava que, em caso de dificuldade, todos se ajudavam-mesmo que fosse o problema do outro

- e descartavam qualquer inconveniência. Imaginou o problema de uma festa como um momento difícil, mas, mesmo assim, desejou que Verena tivesse pensado nas toalhas de mesa antes.

Escreveu "toalhas de mesa" no bloco ao lado do telefone. Pensou no piquenique e colocou uma galinha no forno. Quando essa já estivesse assada e fria, talvez Alexa já tivesse chegado e ela a entregaria para que Alexa, muito habilidosa, a trinchasse.

O telefone tocou novamente. Dessa vez era Edie.

- Você me daria uma carona para o piquenique?

- Lógico, Edie. Eu a apanharei. Sinto muito sobre Lottie.

- Eu sei. - A voz de Edie soou áspera, como acontecia quando ela estava aborrecida e não queria falar sobre o assunto. - Eu também sinto muito.-E Virgínia não teve certeza se ela sentia muito porque Lottie tivera que ir ou pelo envolvimento de Virgínia no caso desagradável. - A que

horas devo esperá-la?

-Tenho que ir a Corriehill levar umas toalhas de mesa, mas tentarei chegar aí por volta do meio-dia.

- Alexa já chegou? -Ainda não.

Edie, pensando em morte e destruição, ficou imediatamente ansiosa.

- Oh, meu Deus, espero que ela esteja bem.

- Acho que sim. Deve ser por causa do trânsito.

- Essas estradas estão desanimadoras.



- Não se preocupe. Eu estarei aí ao meio-dia, e a essa hora eles já terão chegado.

Virgínia serviu-se de outra caneca de café. O telefone tocou novamente.

- Balnaid.

- Virgínia. Era Vi.

- Feliz aniversário.

- Eu tive sorte com o tempo. Alexa já chegou? -Ainda não.

- Pensei que já tivessem chegado.

- Eu também, pela hora, mas até agora nenhum sinal deles. - Mal posso esperar para vê-la. Por que não vem para Pennyburn mais cedo? Tomaremos um café e conversaremos antes de ir para a colina.

- Eu não posso.-Virgínia explicou o caso das toalhas de mesa. Eu nem tenho certeza de que elas estejam aqui.

- Elas estão na prateleira de cima do seu armário de roupa branca, envoltas em papel azul. Que aborrecimento! Por que Verena não pensou nisso antes?

- Ela está muito ocupada.

- Então, a que horas virão?

Virgínia fez os cálculos e planejou as saídas. -Noel e Alexa irão para Pennyburn no Subaru. Eu irei para Corriehill no carro pequeno e na volta apanharei Edie para levá-la para Pennyburn. Então, todos nós e mais os pertences do piquenique nos apertaremos no Subaru e partiremos daí mesmo.

- Você é uma excelente organizadora. Deve ser pelo lado da sua mãe americana. Não esqueça os acolchoados. E também os copos de vinho. - Abaixo de "toalhas de mesa",

Virgínia escreveu acolchoados, copos de vinho. - Eu esperarei Noel e Alexa por volta das onze horas.

- Espero que eles não cheguem muito cansados.

- Não chegarão. - Vi falou com segurança. - São jovens.

Noel Keeling era uma criatura urbana, nascido e criado em Londres; seu habitat era as ruas da cidade e as incursões de fins de semana restritas à área diminuta da zona rural dos condados conhecidos. De tempos em tempos seu lazer o levava mais longe, e ele voava até a Costa Esmeralda na Sardenha, ou ao Algarve, no sul de Portugal,

convidado a participar de alguma festa, onde jogava golfe ou ténis, ou até velejava. Excursões pelas



cidades, visitas a igrejas ou chalés, passeios por vinhedos não entravam nos seus planos de diversão, e, se um passeio desses fosse sugerido, em geral encontrava uma boa desculpa para ficar e aproveitar o tempo numa piscina ou ir até a cidade mais próxima e sentar-se sob um toldo numa calçada de um bar e observar os transeuntes.

Certa vez, anos atrás, ele viera à Escócia com uns amigos para a pesca do salmão.

Voara de Londres para Wick e lá encontrara um outro convidado, seguindo de carro para Oykel Bridge. Chovera. E continuou a chover por todo o caminho até o hotel e durante todo o tempo. O dilúvio fora pontilhado de intervalos frequentes quando a névoa melhorava um pouco e revelava um terreno pantanoso marrom e sem árvores.

Suas lembranças daquele fim de semana eram misturadas. Os dias eram passados mergulhados no rio, atirando repetidamente a vara de pescar nas águas engrossadas pela

chuva em busca do peixe fugidio. As noites eram passadas à mesa, repletas das deliciosas iguarias escocesas e tomando-se grandes quantidades de uísque maltado. O

cenário à volta não deixara outras marcas.

Agora, atrás do volante do seu Volkswagen Golf, dirigindo os últimos quilómetros da longa viagem, ele compreendeu que estava não somente em

solo familiar como também num território inesperado.

O solo familiar era metafórico. Era um convidado experiente, com vários anos de fins de semana rurais em festas familiares, e não era a primeira vez que se dirigia a uma casa cheia de pessoas desconhecidas. Nos últimos anos instituíra um escore para os fins de semana, atribuindo estrelas pelo conforto e prazer. Mas isso quando ele era mais jovem e mais pobre, e não podia recusar nenhum convite. Agora, mais velho e mais próspero, com vários amigos e conhecidos, podia permitir-se uma seleção.

Raramente ficava desapontado.

Mas o jogo, para ser jogado de maneira correta, tinha o seu próprio ritual. Na sua maleta, além do dinnerjacket e de roupas em estilo rural, havia, para qualquer eventualidade, uma garrafa de Famous Grouse para o anfitrião e uma grande caixa de bombons da Bendick para a anfitriã. E para aquele fim de semana havia os presentes de aniversário. Para a avó de Alexa, celebrando os seus setenta e oito anos, havia uma bela caixa de sabonetes e óleo para banho da Floris - o presente padrão de Noel para as senhoras de idade, conhecidas e desconhecidas, e para Katy Steyntom, a quem nunca vira, uma gravura emoldurada de um spaniel de olhos tristes com um faisão morto na boca.

Levando os presentes, Noel cumpria as regras do jogo.

O território inesperado era o aspecto físico, o belíssimo e surpreendente condado de Relkirkshire. Nunca imaginara as propriedades prósperas, as fazendas verdejantes,

imaculadamente cercadas e abrigando manadas



de um gado muito bonito. Não esperava as alamedas de faia, os jardins margeando as estradas, cheios de flores, numa profusão de cores. Dirigira à noite, e pudera observar a luz insinuando-se num amanhecer escuro e com névoa, mas agora o sol irrompera, e o cinza dissolvera-se numa manhã clara e brilhante. Relkirk ficara

para

trás, a estrada estava limpa, os campos eram dourados, os riachos faiscavam, as samambaias mesclavam os tons do açafrão ao amarelo, o céu estava bem alto, o ar claro

como cristal, sem a poluição da fumaça e da neblina ou de qualquer outro horror produzido pela mão do homem. Era como entrar novamente num mundo que pensava não mais existir. Será que ele conhecera um mundo como aquele? Ou o conhecera, mas esquecera-se de que existia?

Caple Bridge. Atravessaram um rio, preso num desfiladeiro bem abaixo deles, e viraram na tabuleta escrita Strathcroy. As colinas ainda mostravam as flores da urze

e desdobravam-se dos dois lados da estrada estreita. Viu fazendas espalhadas, um homem conduzindo um rebanho de carneiros pelos campos verdes em direção a uma outra pastagem. Alexa, com Larry no colo, estava ao seu lado. Larry dormia, mas Alexa estava sensivelmente tensa, e não disfarçava a excitação de voltar para casa. Na verdade, estivera num estado de felicidade antecipado há semanas, contando os dias na folhinha, procurando um vestido novo nas lojas. Cortara o cabelo e comprara presentes. Nos últimos dois dias ela não parara um minuto, envolvida nas arrumações de última hora: fizera os embrulhos, passara as camisas de Noel, esvaziara a geladeira e deixara com uma vizinha um jogo de chaves no caso de um vândalo qualquer invadir a casa. Em tudo deixava transparecer o entusiasmo e a energia de uma

criança, e Noel testemunhara a sua atividade furiosa com tolerância prazerosa, recusando-se a permitir uma mesma sensação.

Mas, agora, com a longa viagem já chegando ao fim, o brilho do sol descendo em jorro do céu prístino, o ar puro entrando pelas janelas abertas do carro, as belas perspectivas revelando-se a cada curva da estrada, o entusiasmo dela de repente o contagiou e ele se sentiu encher de júbilo - não exatamente felicidade, mas um bem-estar físico que talvez fosse a sensação mais próxima disso. Impulsivamente tirou uma das mãos do volante e descansou-a sobre o joelho de Alexa, e ela imediatamente

cobriu-a com a sua.

- Eu não estou repetindo a todo momento que é lindo porque, se o fizesse, seriam somente palavras muito banais para descrever tudo isso.

- Concordo - disse Noel.

-E voltar é sempre especial, porém, desta vez é mais especial, porque você está comigo. Estive pensando nisso. - Os dedos dela entrelaçaram os dele. - Nunca foi assim antes.

Ele sorriu.



- Tentarei me portar da melhor forma possível. Alexa inclinou-se sobre ele e beijou-lhe o rosto.

- Eu amo você.

Cinco minutos depois, chegaram. Passando pela pequena aldeia, atravessaram outra ponte, cruzaram os portões abertos e subiram uma alameda. Noel notou os gramados, as margens de rododendros e azaléias, e deu uma olhada nas colinas que subiam do lado sul. Parou na frente da casa, familiar pela fotografia de Alexa, agora realidade,

diante dele, sólida e substancial, a torre conservada, destacando-se de um lado. A videira silvestre, agora vermelha, emoldurava a porta aberta, e, antes que Noel tivesse desligado a chave da ignição, os dois spaniels chegaram, não obedientemente no alto dos degraus, mas despencando-se por eles, latindo, as orelhas voando, vindo investigar os recém-chegados. Larry acordou de repente, latindo nos braços de Alexa quando ela saiu do carro.

Logo atrás dos cães surgiu Virgínia, usando calças jeans, uma blusa de gola aberta branca, com a mesma aparência agradável de quando estava com as sofisticadas roupas londrinas, na primeira e única vez que Noel a vira.

-Alexa, querida. Pensei que não chegaria mais. -Abraços e beijos. Esticando as pernas e os braços, Noel observava o encontro. - E Noel - Virginia virou-

se para

ele-que

bom ver você novamente.-Ele também recebeu um beijo, o que foi muito agradável.-

Tiveram uma viagem difícil? Alexa, não pude conter os cães. Coloque Larry no chão para que se conheçam logo aqui no jardim e não sobre os meus tapetes. Por que demoraram tanto? Eu os estou esperando há horas.

Alexa explicou.

-Nós paramos em Edinburgh para tomar café. Noel tem uns amigos lá, chamados Delia e Calum Robertson. Eles moram numa antiga cavalariça, atrás de Moray Place. Nós os acordamos atirando pedras na janela. Eles desceram, nos fizeram entrar, fritaram bacon e ovos. Não ficaram nem um pouco aborrecidos de ter sido acordados. Eu deveria ter telefonado, mas não me lembrei. Sinto muito.

- Não tem importância. Vocês já estão aqui. Mas não temos um minuto livre porque Vi os espera às onze para tomarem café juntos antes de subirmos a colina para o piquenique.-Olhou para Noel com simpatia. -Pobre rapaz, não sabe onde irá parar, mas Vi os aguarda ansiosa. Vocês estão em condições de ir? ou se sentem muito cansados?

-Não, não estamos cansados-ele afirmou.-Nós nos revezamos, e quem não estava na direção tirava um cochilo... -Abriu o porta-malas e Virginia arregalou os olhos.

- Céus, quanta bagagem! Venha, traga tudo para dentro...

335

Estava no seu quarto, com a bagagem diante dele. A porta encontrava-se aberta e, pela passagem, podia ouvir as vozes de Alexa e Virgínia, cheias de novidades para trocar. De vez em quando irrompiam em risadas. Fechou a

porta, sentindo necessidade de um momento de privacidade antes que o próximo lote de exigências se iniciasse.

Deveria dirigir o Subaru. Havia algumas complicações quanto a algumas toalhas de mesa, mas ele e Alexa tomariam café com a avó de Alexa, e mais tarde Virgínia e Edie se juntariam a eles, e todo o grupo subiria a colina para celebrar o piquenique.

Não se sentia desanimado com a perspectiva, pelo contrário, queria aproveitar tudo que o dia iria trazer. Abriu a maleta e começou a enfadonha tarefa de desfazê-la.

Pendurou o dinnerjacket no imenso armário vitoriano, procurou o presente de Vi, a escova de cabelos e os apetrechos de higiene. Colocou a escova sobre a penteadeira e foi dar uma olhada no banheiro. Deparou-se com uma enorme banheira com torneiras de metal, chão de mármore, espelhos altos, toalhas brancas e fofas, cuidadosamente dobradas sobre a grade aquecida. Sentiu-se amassado e pegajoso após uma noite de direção e, num impulso, abriu as torneiras, tirou as roupas e tomou o banho mais rápido e mais quente da sua vida. Refeito, vestiu roupas limpas e foi até a janela para olhar a vista além do jardim. Campos, carneiros, colinas. Cortando a quietude, ouviu o grito de um maçarico. O grito surgiu e se desfez, e Noel tentou se lembrar quando ouvira pela última vez aquele som evocativo, cortante, mas não conseguiu.

Virginia Aird era meio-americana, jovem, cheia de vida, elegante. Uma vez, numa viagem aos Estados Unidos, Noel ficara na casa de um amigo que morara lá. A casa era do tipo rural, em meio a um gramado que terminava no gramado do vizinho, e fora planejada de modo a facilitar a sua manutenção como uma das prioridades.

Aquecimento

central, bem dividida e equipada com os aparelhos mais modernos, era o lugar mais confortável do mundo para se passar um fim de semana. Mas nada dera certo porque a anfitriã, embora agradável, não se preparara para receber convidados. Apesar de possuir uma cozinha que quase falava por si própria, ela jamais fizera algum tipo de comida. Todas as noites eles se

vestiam e iam ao clube local para jantar. A única comida que saía daquela cozinha eram ovos fritos e hamburguers feitos no forno

microondas. E isso não era tudo. Na sala de estar havia uma lareira aberta, com várias plantas, e no lugar de um calor agradável, as terrivelmente confortáveis poltronas

e cadeiras acolchoadas estavam dispostas em torno da televisão, e a tarde de sábado fora passada assistindo-se a uma partida de futebol, cujas regras 336

e vocabulário eram incompreensíveis para Noel. Havia outra televisão no seu quarto,

e o banheiro era meticulosamente equipado com chuveiro, aparelho de barbear e até um bidé, porém, a maior das toalhas azul-marinho, todas combinando, era tão pequena que mal dava para cobrir as suas partes íntimas. Aquele pequeno inconveniente

fizera Noel ansiar pelo conforto das suas imensas e sujas toalhas brancas. Porém, o pior de tudo isso era o desconforto e a dor de um nariz entupido decorrente de uma noite dormida num quarto aquecido e sem ventilação, cuja janela se recusava a abrir.

Era rudeza e ingratidão de sua parte apontar aquelas faltas, porque eles tinham sido imensamente gentis, mas nunca em sua vida ele ficara tão feliz em deixar um lugar.

O maçarico piou novamente. Paz. E... virou-se para olhar o quarto, empurrando as fraldas da camisa para dentro do jeans... uma maravilhosa opulência eduardiana.

Tão opulento quanto a Ovington Street, porém, em escala maciça e masculina. A grande banheira, feita para um homem grande. As toalhas monstruosas, as cortinas pesadas,

ornadas com puxadores de seda. Pensou novamente em Virgínia, e viu que, embora não tivesse receado a repetição daquela excursão a uma propriedade rural americana, ele não esperara que ela fosse a anfitriã de uma casa que

parecia ter sido decorada e mobiliada há cinquenta anos, e que não mudara depois disso.

Ele aprovou. Sentiu-se em casa. Gostou da sensação do local, do conforto sólido, do odor agradável, do brilho da mobília polida, do frescor da roupa de cama e de banho, do sentido de família. Ao colocar as meias limpas, um suéter grosso e pentear os cabelos, descobriu-se assoviando. Pegou-se olhando nos próprios olhos no espelho e sorriu da sua figura. Começou a divertir-se.

Finalmente aprontou-se e, segurando o presente de Vi, saiu do quarto, desceu as escadas e, seguindo o som das vozes femininas, chegou até a cozinha de Virgínia.

Não falava por si própria, mas era grande e familiar, cheia de sol, e também do aroma do café recém-feito. Alexa profissionalmente destrinchara uma galinha fria e arrumava os pedaços numa caixa plástica, e Virgínia enchia com café uma garrafa térmica. Quando Noel surgiu ela pousou a garrafa e desligou a máquina.

- Está tudo bem com você?

- Está tudo ótimo. Tomei um banho e estou pronto para qualquer coisa que me pedirem.

- É um presente para Vi? Coloque aqui, junto com os nossos. Estavam numa caixa de papelão grosso, repleta de embrulhos de formas estranhas e enrolados em papel brilhante.

-Alguém vai presenteá-la com uma garrafa - Noel acrescentou.



- É o presente de Henry. Vinho de ruibarbo. Ele o ganhou no bazar da igreja. Noel, o Subaru está no pátio dos fundos. Você poderia levar a caixa e as outras coisas para já ir colocando no carro e entregá-las a Vi quando você e Alexa chegarem a Pennyburn.

Noel pegou a caixa de presentes, atravessou a cozinha e saiu pela porta dos fundos.

No pátio, o Subaru, uma máquina potente, com tração nas quatro rodas, estava estacionado, e o porta-malas já cheio pela metade. Para Noel, um piquenique significava um sanduíche comido no campo, ou talvez um cesto grande com iguarias escolhidas

no Fortnum e uma garrafa de champanha para ser cerimoniosamente aberta no gramado de Glyndebourne. Os preparativos que vira pareciam mais uma manobra do exército.

Acolchoados, guarda-chuvas, varas de pescar, cestos para peixes e embrulhos; um saco de carvão, outro de gravetos, grelhas e pinças, bolas para os cães, uma garrafa

com água, latas de cerveja, uma cesta cheia de pratos, de colorido brilhante e copos de vinho. Havia um rolo de toalhas de papel, um pacote de material à prova d'água,

a máquina fotográfica de Alexa e

um par de binóculos.

Ele carregou a caixa de presentes e logo foi seguido por Alexa com

outra caixa, contendo a garrafa de café e o plástico com os pedaços de galinha fria, algumas canecas para cerveja, correias para cães e um apito.

- Parece - disse ele - que vamos acampar por duas semanas.

- Temos que estar preparados para qualquer eventualidade. - Ele pegou a cesta das mãos dela e arranjou um lugar onde colocá-la. - Precisamos ir. Já estamos atrasados.

- E os cachorros?

- Irão todos conosco. - Temos que apertá-los aí.

- Não podem ir no banco de trás?

- Não, porque seremos cinco no carro, e nem Vi, nem Edie são magras.

- Podemos levar também o meu carro.

- Poderíamos, mas não iríamos muito longe. Espere até ver o caminho. É bem íngreme e irregular. Este é o único carro que consegue subir.

Noel cuidava muito do seu Volkswagen e não apresentou mais argumentos. Os três cães subiram e se acomodaram, e as portas foram fechadas. A expressão deles era de resignação. Alexa e Noel entraram na frente, Noel ao volante. Virgínia, ainda usando o avental, veio até a porta para se despedir. - Estarei com vocês ao meio-dia

e quinze - disse. Divirtam-se com Vi.

Eles saíram, contornaram a casa, atravessaram os portões e passaram pela ponte.

Enquanto andavam, Alexa colocou-o a par das novidades locais.



- Papai está em Nova York. Soube de tudo enquanto cortava a galinha. Mas pretende chegar amanhã, de modo que estará aqui para a festa. E Lucilla Blair está em Croy...

veio da França... e Pandora Blair também. Ela é a irmã de Archie Balmerino. Você conhecerá as duas.

- Elas irão ao piquenique?

- Espero que sim. Não tenho certeza quanto a Pandora. Quero vê-la porque não a conheço. Somente sei de ouvir falar. É a ovelha negra da família Balmerino, com uma reputação meio picante.

- Parece interessante.

- Bem, não se entusiasme. Ela é bem mais velha do que você.

- Sempre me dei bem com mulheres mais maduras.

-Não acho que "madura" seja um termo aplicável a Pandora. E temos um outro desconhecido em Croy chamado Conrad Tucker. É americano, um velho amigo de Virgínia. Não

é extraordinário? E a pobre Virgínia teve que levar Henry para a escola porque papai não estava. Ela disse que foi horrível e que não quer falar sobre o assunto.

Ainda não teve notícias dele, e por isso não sabemos como ele está se saindo. Ela não quer telefonar para o reitor para que ele não pense que ela é uma mãe intrometida.

Agora estavam rodando pela rua principal da aldeia. - Não sei por que ela não telefona. Não vejo o porquê de ela não falar com Henry se ela quer tanto. Vire à esquerda,

Noel, atravesse os portões e suba a colina. Estamos em Croy. Propriedade de Archie Balmerino. Acho que ele está caçando hoje, mas nós jantaremos com ele amanhã, antes da festa. Você então terá oportunidade de o conhecer...

A estrada subia atravessando a fazenda, em terras que antigamente foram um parque.

As folhas das árvores plantadas a intervalos regulares estavam ficando douradas, e mais à frente os cumes das colinas forçavam o caminho no céu brilhante do outono.

Embora houvesse um pouco de calor, soprava uma brisa fria. Noel ficou feliz por ter colocado o suéter.

- Agora, vire nessa alameda. Antigamente era uma gruta, um final de estrada que levava ao chalé de um antigo jardineiro, mas Vi remodelou tudo quando comprou este pedaço de terra de Archie. Tem mania de jardinagem. Já lhe

disse isso. Basta olhar à volta. Naturalmente ela recebe muito vento, mas agora está melhor, depois que a cerca de faia cresceu...

A pequena casa resplandecia à luz do sol em meio ao gramado e canteiros coloridos.

Assim que Noel parou diante da porta, ela se abriu e surgiu uma senhora de constituição

grande e forte para recebê-los, os braços abertos e os cabelos agitados pela brisa.

Usava uma blusa bem velha de tweed, um cardigã, meias, e os fortes sapatos irlandeses.

Alexa pulou do carro e quase instantaneamente estava envolvida pelo imenso abraço da avó.

- Alexa. Minha criança querida, que alegria vê-la.



- Feliz aniversário.

- Setenta e oito, minha querida. Não é terrível? Velha como Matusalém. Beijou Alexa e depois, olhando por cima da cabeça da neta, viu Noel dando a volta pela frente do Subaru. Seus olhos se encontraram, e ambos sustentaram o olhar. O olhar de Vi era firme e forte, penetrante, sem deixar de ser gentil. "Estou sendo", disse Noel para si mesmo, "avaliado." Colocou no rosto o seu melhor sorriso.

- Como está? Sou Noel Keeling.

Violet soltou Alexa e estendeu a mão. Ele a pegou na sua, um aperto de mão saudável, a palma quente e seca, os dedos fortes. Não era uma senhora bonita, e provavelmente

nunca fora, mas ele viu muita vivência e sabedoria nos traços curtidos pelo tempo, e todas as linhas do rosto pareciam que tinham se reunido pela

alegria. Gostou dela, sua imediata identificação sem palavras foi instintiva, e viu que ela era do tipo de pessoa que, embora capaz de uma inimizade implacável, podia ser a mais verdadeira e leal amiga. Imediatamente a quis do seu lado. Então, ela disse uma coisa estranha:

- Nós já nos conhecemos?

- Acredito que não!

- Seu nome. Keeling. Não me parece desconhecido. - Encolheu os ombros e afrouxou a mão.-Não importa. - Sorriu, e Noel compreendeu que, embora nunca tivesse sido bonita, ela já fora dona de uma grande atração física. - Muito gentil da sua parte vir nos conhecer a todos.

- Quero lhe desejar um feliz aniversário. Temos uma caixa de presentes para lhe entregar.

- Traga-a para dentro. Eu a abrirei mais tarde.

Ele voltou ao carro, abriu o porta-malas, acalmou os cães, retirou a caixa com os presentes e fechou a porta novamente. Quando terminou, Alexa e a avó haviam desaparecido

dentro da casa e Noel seguiu-as, atravessando o pequeno vestíbulo e entrando numa sala cheia de luz, com uma porta envidraçada dando para o invejável jardim da velha senhora.

- Coloque a caixa aqui. Não vou abrir os presentes agora, porque quero que me contem as novidades. Alexa, o café e as xícaras estão na cozinha. Você me traz a bandeja?

- Alexa desapareceu para fazer o que lhe fora solicitado. - Bem, Noel, ... não vou chamá-lo de Sr. Keeling, porque ninguém usa mais isso hoje em dia, e você deve me chamar de Violet... onde gostaria de sentar?

Mas ele não queria se sentar. Como sempre, quando em um ambiente desconhecido, gostava de pesquisar, sentir os odores, ver os detalhes. Era Uma sala encantadora, com paredes de cor manteiga, cortinas de chintz rosa

e tapetes creme, e lambris bem colocados. Violet Aird não morava ali há muito tempo, ele sabia, e havia um frescor e uma luminosidade em tudo,



evidências de uma troca recente de mobiliário, mas os móveis, os quadros, os enfeites, livros e porcelana obviamente tinham vindo com ela de um outro local, provavelmente

Balnaid. As poltronas e o sofá eram forrados de um linho coral, e o escritório em ébano, cujas portas estavam abertas, tinha as cadeiras forradas do mesmo linho coral, e ostentava uma coleção de porcelana Famille Rose. Para todos os lugares que olhava, Noel constatava uma confusão de objetos práticos e invejáveis, o tesouro

acumulado de uma velha senhora, reunidos em torno dela, como uma provisão de nozes feitas por um esquilo, o resultado reconfortante de uma vida inteira. Aqui, almofadas

feitas a mão; ali, uma cesta de vime cheia de toras, um guarda-fogo de lareira de metal, um par de foles, a caixa de costura, o pequeno aparelho de televisão, revistas,

tigelas com objetos variados. Cada superfície horizontal estava repleta de objetos pequenos e decorativos. Caixas de esmalte, jarros com flores frescas; uma tigela de cobre cheia de urze de cor púrpura, fotografias em molduras de prata, pequenos arranjos de porcelana de Dresden.

Ela o observava. Ele olhou para ela e sorriu.

- A senhora segue as regras de William Morris.

- O que quer dizer com isso?

- A senhora não tem nada na sua casa que não lhe seja útil ou que não ache bonito.

Ela ficou agradavelmente surpresa.

- Quem lhe ensinou isso?

- Minha mãe.

- É um conceito fora de moda.

- Porém, ainda viável.

Ela acendera o fogo pequeno. Na prateleira sobre a lareira havia um par de cães Staffordshire, e sobre a lareira...

Ele franziu as sobrancelhas e chegou-se para observar o quadro mais de perto. Era uma velha pintura de uma criança num campo de botões-deouro. O campo estava na sombra, mas atrás dele o sol brilhava nas pedras e no mar, e havia duas figuras distantes de duas meninas mais velhas. O efeito da luz e da cor chamara a sua atenção,

não somente porque exalava calor, mas pela técnica, a apresentação factual da forma tridimensional apanhou-o com toda a familiaridade de uma face conhecida na infância.

Tinha que ser. Noel nem precisava conferir a assinatura para saber de quem era.

Disse, admirado:

- É um Lawrence Stern.

-Você é muito esperto. Gosto dele mais do que de todos os outros. Ele se voltou para olhá-la.

- Como o conseguiu?

- Você parece surpreso.



- E estou. Existem muito poucos dele.

-Meu marido me deu há muitos anos. Ele estava em Londres e o viu na vitrina de uma galeria. Entrou e o comprou para mim, não se importando por ter que pagar por ele muito mais do que poderia.

- Lawrence Stern era meu avô. - disse Noel.

- Seu avô? - Ela franziu as sobrancelhas.

- Sim. O pai de minha mãe.

- O pai de sua mãe...? - Ela parou, ainda com as sobrancelhas franzidas, e depois sorriu, toda a confusão resolvida, a face novamente brilhando pelo prazer. - Por isso eu conhecia o seu nome! Noel Keeling. Mas eu a conheci... eu a vi. Onde está Penelope?

- Ela morreu há quatro anos.

- Eu não sabia. Era uma pessoa encantadora. Nós nos encontramos uma só vez, mas...

Foram interrompidos por Alexa voltando da cozinha de Violet com a bandeja com a garrafa de café, as xícaras e os pires.

- Alexa, é uma coincidência extraordinária. Imagine que Noel não me é de todo desconhecido, porque eu conheci a mãe dele... e ficamos amigas. Eu sempre quis que nós nos encontrássemos novamente, mas isso nunca aconteceu...

Aquela descoberta, aquela revelação, aquela coincidência de um mundo tão pequeno, chamou a atenção de todos. O piquenique e o aniversário foram por um momento esquecidos,

e Alexa e Noel sentaram e tomaram o café escaldante, e ouviram fascinados a

história de Vi.

- Foi por intermédio de Roger Wimbush, o pintor de retratos. Quando Geordie voltou da guerra, do campo de prisioneiros, e foi para Relkirk

trabalhar, ficou decidido que, como presidente da firma, deveria ter o seu retrato pintado para a posteridade. E Roger Wimbush recebeu a incumbência. Ele veio para Balnaid e ficou conosco,

e pintou o retrato na estufa, que foi devidamente pendurado com toda a cerimónia na Sala da Diretoria. Até onde sei, ele ainda está lá. Fez grandes amigos, e quando Geordie morreu, Roger me escreveu uma bela carta e enviou-me um convite para a Amostra dos Pintores de Retratos em Burlington House. Eu não ia a Londres com frequência,

mas achei que a ocasião valia a longa viagem, então fui até lá e encontrei Roger, que me mostrou toda a exposição. E logo ele se deparou com as duas senhoras. Uma era a sua mãe, Noel, e a outra, acho, que uma tia dela, que ela trouxera para ver a 342

amostra como divertimento. Uma senhora de muita idade, pequena e enrugada, mas cheia de vitalidade...

- Tia-avó Ethel-disse Noel, porque não poderia ser outra pessoa. - Isso mesmo, Ethel Stem, a irmã de Lawrence Stem.

- Ela faleceu há alguns anos, mas enquanto viva ela nos proporcionou muita alegria.

- Posso imaginar. De qualquer maneira, Roger e sua mãe eram obviamente velhos amigos. Acho que ele fora inquilino dela quando era um jovem estudante sem um tostão

no bolso, lutando para abrir um caminho próprio. Fizeram um grupo, e, depois das apresentações, contaram-me a respeito da ligação com Lawrence Stern, e pude falar à sua mãe sobre o quadro. Já então estávamos todos entrosados e tínhamos visto todos os retratos, por isso decidimos almoçar juntos. Pensei num restaurante, mas sua mãe insistiu que fôssemos para a casa dela onde nos prepararia uma refeição.

- Oakley Street.

- Isso mesmo, Oakley Street. Dissemos que daria muito trabalho, mas ela contornou todos os obstáculos que colocáramos, por isso os quatro entramos num táxi e fomos para Chelsea. Estava um dia lindo. Lembro-me muito bem. Ensolarado e com uma temperatura agradável, e você sabe como Londres fica num dia de início de verão.

Almoçamos

no jardim, que era grande, bem sombreado e perfumado pelo odor dos lilases. Parecia até que estávamos em outro pais, talvez o sul da Franç ou Paris, com os barulhos da cidade encobertos pelas árvores, tudo permeado por luz e sombra. Havia um terraço, com uma mesa e cadeiras de jardim, onde sentamos e tomamos um vinho enquanto

sua mãe estava ocupada naquela cozinha no porão, surgindo de tempos em tempos para conversar ou servir um pouco mais de vinho, ou colocar uma toalha sobre a mesa e arrumar as facas e os garfos.

- O que almoçaram? - perguntou Alexa, fascinada com a cena descrita por Vi.

- Deixe-me lembrar. Tenho que pensar. Estava delicioso. Perfeitamente correto e delicioso. Sopa fria - gaspacho, acho-e um pão crocante feito em casa. E salada.

E patê. E queijo francês. Uma tigela de pêssegos, que ela colhera naquela manhã do pé próximo ao muro no final do jardim. Ficamos lá a tarde inteira. Não tínhamos outro compromisso e, se tínhamos, esquecemos por completo. As horas passaram rápidas, como uma tarde num sonho delicioso e nebuloso. Então eu me lembro de que Penelope

e eu deixamos Ethel e Rose à mesa, tomando café e conhaque e fumando cigarros Gauloise, e sua mãe me levou para dar uma volta no jardim e me mostrou todos os pequenos

detalhes deliciosos. Enquanto andávamos, conversávamos sem parar nem para respirar, embora seja difícil lembrar o

que conversamos. Acho que ela falou sobre a Cornualha e a sua infância lá, a casa da família e a vida que tinham antes da guerra. Tudo me pareceu tão diferente da minha vida. Quando chegou a hora de irmos embora, eu não queria que o dia

terminasse. Não queria dizer adeus. Quando cheguei em casa, em Balnaid e Strathcroy, o

quadro, que sempre amei, adquirira um significado ainda mais profundo, porque eu conhecera a filha de Lawrence Stern.

-Você voltou a vê-la novamente?-perguntou Alexa.

- Não. Eu raramente ia a Londres, e acredito que ela tenha ido para a zona rural.

Perdemos o contato. Foi uma bobagem e um descuido meu perder o contato com uma pessoa de quem eu gostara tanto, que me despertara tamanha afinidade.

-Como ela era?-Alexa, naturalmente fascinada pela visão inesperada da família de Noel, estava ávida pelos detalhes. Vi olhou para Noel.

- Diga você a ela.

Mas ele não conseguiu. Traços, olhos, lábios, sorriso, os cabelos escaparam dele.

Ele não teria conseguido descrevê-los nem que alguém tivesse apontado um revólver para a sua cabeça. O que ficara, permanecera com ele após quatro anos de ausência da mãe, fora a sua presença, o seu calor, o seu riso, a generosidade, a obstinação e as maneiras enlouquecidas, sua cornucópia infinita de hospitalidade e doação. As memórias de Vi, de um almoço ocorrido há tanto tempo, espontâneo e informal, permeado

de um estilo tal que fizera com que ela nunca esquecesse a ocasião, trouxeram de volta os antigos dias em Oakley Street tão vividamente, que ele

foi tomado por uma nostalgia por tudo que conhecera e nunca encontrara tempo para apreciar.

Balançou a cabeça.

- Não consigo.

Vi olhou-o nos olhos. Então, aceitando e compreendendo o dilema dele, não o pressionou mais. Voltou-se para Alexa.

- Ela era alta e muito atraente. Eu diria bonita. O cabelo era cinza escuro, puxado para trás num coque preso por pregadores de tartaruga. Os olhos eram escuros e brilhantes, a pele suave e escura, como se vivesse sempre ao ar livre, como uma cigana. Não estava trajada na última moda ou de maneira muito elegante, mas o porte era orgulhoso, o que emprestava uma verdadeira elegância. Esbanjava alegria. Uma mulher inesquecível. Ela se virou para Noel.-E você é filho dela. Imagine. A vida é tão estranha. Aos setenta e oito anos você pensa que as surpresas já acabaram, e acontece uma coisa como essa, como se o mundo tivesse apenas começado.

344

O lago de Croy ficava escondido pelas montanhas, cinco quilómetros ao norte da casa, acessível somente por uma trilha primitiva muito íngreme que cortava o pântano

numa série de curvas fechadas.

Não era uma superfície natural de água. Há muitos anos, este vale, rodeado pelas montanhas ao norte e pelo enorme e tosco Creagan Dubh, fora um local ermo de solidão,

morada de águias e veados, gatos selvagens, tetrazes e maçaricos. Em Croy, ainda havia fotografias em tom sépia do vale como fora antes, com um regato atravessando-o,

flanqueado por margens íngremes onde cresciam juncos, e havia perto as ruínas de uma pequena casa, com um estábulo e um curral de carneiros

reduzidos e paredes de pedra caídas e sem telhado. Então, o primeiro Lorde Balmerino, avô de Archie, com uma fortuna para gastar e aficcionado pela pesca de trutas, decidiu criar um lago para si próprio. Para isso ele construiu uma represa, firme como uma fortaleza, com doze ou mais pés de profundidade e larga o suficiente para permitir a passagem de uma carruagem para ir até ao topo. Montaram-se com portas de eclusas para cuidar de qualquer enchente, e quando a represa ficou pronta, as comportas foram fechadas e o riacho ficou aprisionado. Lentamente, as águas subiram e as terras abandonadas foram inundadas para sempre. Pelo tamanho da parede da represa, as pessoas que se aproximavam pela primeira vez não viam a água até chegarem à última comporta, quando, então, a imensa extensão do lago-quatro quilómetros de comprimento por quatro

de largura-surgia diante dos olhos. Dependendo da hora e da estação, resplandecia de azul à luz do sol, ficava agitado levantando ondas cinzas ou parecia um espelho

à luz do entardecer, com uma lua pálida refletida em sua superfície, perturbada ocasionalmente por algum peixe.

Fora construída uma cobertura forte, grande o suficiente para abrigar dois barcos, com um apartamento em um dos lados, onde poder-se-iam realizar os piqueniques quando o tempo não estivesse bom. E não eram somente pescadores que se dirigiam para o lago. Gerações de crianças o elegeram como um lugar especial. Carneiros pastavam

ao redor, e a grama compacta que descia até a borda do lago formava locais esplêndidos para se armar uma tenda, jogar bola, organizar campeonatos de críquete.

Blairs

e Airds, em companhia de jovens amigos, aprenderam a pescar trutas e a disputar campeonatos da natação em suas águas geladas. Dias maravilhosos foram passados, construindo-se

balsas ou canoas, as quais, colocadas intrepidamente nas águas profundas, inevitavelmente afundavam.

O Subaru sobrecarregado, com Virgínia ao volante, pulava e batia no chão do último estirão da trilha, a capota apontava o céu. Noel, após meia hora de total desconforto,

decidira que, na volta, viria a pé. Virgínia tomara a direção dizendo que já conhecia o caminho e ele não. E Violet-também acertadamente - sentara ao lado de Virgínia,

com o bolo de aniversário no colo, dentro de uma grande caixa. No banco de trás as coisas não estavam muito fáceis. Edie Findhorn, de quem Noel tanto ouvira falar, era uma senhora de compleição larga, e ocupava tanto espaço que Noel fora forçado a colocar Alexa sobre os seus joelhos. Ela se encolhera, alguns momentos, pesando mais e sentindo as coxas retesarem-se com cãibras. A cada salto na trilha sua cabeça batia no teto do carro, por isso ele decidira não juntar protestos às queixas

naturais dela.

Tinham feito duas paradas. A primeira na grande casa em Croy, onde Virginia saltara para verificar se os Balmerinos já tinham ido. A porta estava trancada, e obviamente

eles já haviam partido. A segunda fora para abrir e fechar a porta dos veados, e Alexa soltara os spaniels que subiram correndo o resto da trilha atrás do carro que andava com lentidão. Noel desejara ter saltado junto com os cães, mas era tarde agora para esse tipo de sugestão.

Parecia que estavam chegando. Violet, pela janela aberta, procurou algum sinal deles.

- Eles já acenderam o fogo-anunciou. Alexa contorceu-se para ver, causando mais desconforto a Noel. -Como você sabe? - Posso ver a fumaça. - Devem ter trazido um fogareiro próprio - disse Edie.

-Provavelmente arranjaram dois gravetos-comentou Alexa.-Ou os apetrechos dos escoteiros. Espero que Lucilla tenha se lembrado de trazer a chave da

coberta dos barcos.

Você poderá pescar, Noel.

-No momento, tudo o que desejo é voltar a sentir as minhas pernas.

- Oh, sinto muito. Estou pesando demais?

- Não, não muito. Meus pés é que estão dormentes.

-Talvez você esteja com gangrena. .

-Talvez.

- Pode começar num piscar de olhos, e se espalha como fogo na mata pelo corpo todo.

Edie estava indignada.

- Pelo amor de Deus, Alexa, que brincadeira boba.



- Oh, ele sobreviverá - Alexa disse, rindo. - Além disso, já chegamos.

A terrível trilha era agora bem nivelada, não havia mais calombos, e o Subaru deslizou na grama até parar. Virgínia desligou a ignição. Noel abriu imediatamente a porta, empurrou Alexa gentilmente e seguiu-a agradecido. Ao ficar em pé para

esticar as pernas doloridas, foi envolvido por uma rajada de vento leve, limpa, brilhante,

azulada, úmida, aberta, perfumada. Era fria... mais fria do que o vento no vale, mas ele ficou tão deslumbrado com tudo o que viu que nem a notou. Ficou tão impressionado

quanto ficara com a grandeza de Croy. Não pensara que o lago pudesse ser tão grande, tão belo, e não conseguia avaliar como aquele imenso pedaço de

terra, as colinas

e os pântanos, tudo pertencia a um mesmo homem. A escala era impensável, abundante, rica. Olhando à volta, divisou o abrigo, espigado, com janelas corrediças. O

Land Rover estava estacionado um pouco afastado. O local do churrasco já deixava escapar uma fumaça que subia rósea para o céu.

Viu dois homens perto da margem coberta de seixos, procurando pedaços flutuantes de madeira. Ouviu uma tetraz piando alto na colina, e depois, bem distante, em algum ponto do vale, o pipocar das espingardas.

Os outros desceram do carro. Alexa abrira a porta traseira e Larry saíra feliz. Os dois spaniels de Virginia ainda não tinham aparecido. Violet já se encaminhava para o abrigo, e logo uma moça surgiu.

- Olá - ela gritou. - Vocês chegaram. Feliz aniversário, Vi. Foram feitas as apresentações, e logo todos se puseram a trabalhar, e ficou claro para Noel que havia uma divisão de trabalho bem organizada para aquelas ocasiões tradicionais. O Subaru fora descarregado, e o fogo aceso com gravetos

e carvão. Do abrigo trouxeram duas mesas desdobráveis que foram montadas próximas e cobertas com toalhas axadrezadas. Sobre elas arrumaram pratos, saladas e os copos.

Os dois spaniels surgiram ofegantes, com a língua de fora, e correram pelo topo da colina direto para a água, onde refrescaram as patas e beberam avidamente. Depois deitaram, exaustos. Edie Findhorn botou um grande avental branco, abriu pacotes de salsichas e hamburguers, e começou a fritá-los. A fumaça ficou mais espessa. Sua face rosada ficou mais rosada ainda, e o vento levantou o cabelo branco, formando uma auréola.

Um por um surgiram outros carros despejando mais convidados. O vinho foi aberto, e todos receberam um copo. Acomodaram-se nos tapetes escoceses. O sol continuou a brilhar. Então, Julian Gloxy, pároco de Strathcroy, apareceu no canto do topo da colina com a esposa e Dermot Honeycombe. Como nenhum deles possuía um carro resistente

o suficiente para enfrentar a trilha que partia de Croy, tinham subido a pé, chegando ofegantes, em suas botas de andarilhos e apoiando-se nos cajados. Dermot 347

tinha uma mochila nas costas, e dali tirou a sua contribuição para a festa: seis ovos de codorniz e uma garrafa de vinho de sabugueiro.

Lucilla e Alexa sentaram-se à mesa e passaram manteiga nos baps, as tranças de massa de pão imprescindíveis em qualquer piquenique escocês. Violet afastava as abelhas

do bolo, e o cachorro de Alexa roubou uma salsicha bem apimentada, queimando a boca.

A festa estava em pleno andamento.

- Eu lhe farei um presente. - Arrancou alguns juncos, um por um, de uma moita que crescia num banco de terra.

- O que é? - perguntou Conrad a Virgínia.

- Espere e verá.

O piquenique terminara e, após terem tomado café, eles andaram para longe dos outros, ao longo da parede da comporta, e subiram pela margem leste do lago onde, com o passar dos anos, os ventos e as águas engrossadas pelas chuvas haviam erodido um banco de turfa e formado uma praia estreita de seixos. Ninguém os seguira, e, a não ser pelos dois spaniels, estavam sós.

Ele parou, sem impaciência, e a observou. Do bolso da calça de veludo cotelê ela tirou pedaços de lã de carneiro retirados de uma cerca de arame farpado. Ela os

teceu num fio e, com ele, uniu os juncos num ramo. Depois espalhou-os e começou a trançá-los e a dobrá-los. Os juncos se mexiam como os raios de uma roda. Nos seus dedos surgiu uma pequena cesta, que, quando terminada, ficou do tamanho de uma xícara de chá. Ele ficou fascinado. - Quem lhe ensinou isto.

- Vi. Quando ela era criança, a mulher de um funileiro ambulante lhe ensinou. Aqui está. - Ela dobrou a última extremidade de um junco e a segurou para que ele a admirasse.

- Muito bem-feita.

- Agora vou enchê-la com musgo e flores para que você coloque o arranjo sobre a sua secretária.

Ela procurou à volta e viu o musgo que crescia sobre uma pedra, arrancou-o e o desfez com as unhas e encheu o fundo da pequena cesta. Começaram a andar sem rumo, e Virgínia parava para apanhar pequenas flores e brotos de urze ou um galho de grama que eram adicionados ao seu trabalho. Finalmente satisfeita, ela o apresentou.

- Aqui está. Um momento, Conrad. Uma lembrança da Escócia. Ele a pegou.



- Realmente muito bem-feita. Obrigado. Mas eu não precisava de uma lembrança porque jamais a esqueceria.

- Nesse caso, você poderá se desfazer dela.

- Eu não faria isso.

- Então, coloque-a numa vasilha com um pouco de água, e as flores não murcharão e nem morrerão. Poderá levá-la para a América com você. Terá que escondê-la, porque os guardas da alfândega poderão confiscá-la dizendo que você está importando germes.

- Talvez eu a possa secar, e assim ela durará para sempre.

- Sim, talvez possa.

Eles caminharam contra o vento, pequenas ondas de coloração marrom levantavam-se da superfície do lago. Na água, dois barcos de pesca derivavam soltos, seus pescadores em silêncio, lançando as redes. Virginia parou e abaixou-se para pegar um seixo.

Atirou-o com perícia, fazendo-o tocar a superfície da água algumas vezes antes de afundar.

- Quando você pretende voltar?

- Não entendi.

- Quando você pretende voltar para a América?

- Tenho um voo marcado para a próxima quinta-feira. - Ela procurou um outro seixo.

-Talvez eu vá com você. - Encontrou-o e o atirou. Não conseguiu. Ele afundou direto, assim que tocou a água. Virou-se para ele. O vento agitou seus cabelos. Ele olhou direto nos seus belos olhos.

- Por que resolveu ir?

- Preciso sair um pouco daqui.

- Quando decidiu isto?

- Tenho pensado a respeito já há alguns meses.

- Isto não respondeu a minha pergunta.

- Eu decidi ontem. Ontem.

- O que eu tenho a ver com essa decisão?

- Não sei. Mas não é somente por você. Também por Edmund e por Henry. Por tudo.

Estou cansada de tudo. Preciso de um tempo para mim. Preciso parar para rever determinados

pontos e ter uma outra perspectiva dos fatos.

- Para onde irá?

- Para Leesport Para a velha casa de vovô e vovó.

- Poderei ficar por perto?

- Se quiser. Eu espero que queira.

- Não estou certo se você apreciaria as implicações.

- Não está certo?

- Estaremos esquiando sobre gelo fino.

349

- Não precisaremos ir para o centro do gelo. Poderemos ficar nas bordas.

- Não sei se quero.

- Também não estou segura se é isso que eu quero.

- com seu marido e a sua família a um oceano de distância, não me sentirei como um aproveitador, mas certamente agirei como se fosse.

- É um risco que eu estou preparada para assumir.

- Nesse caso, não tenho mais nada a acrescentar.

- Era isso que eu esperava que dissesse.

-Falta ainda dizer que o meu voo é pela Pan Am, às onze da manhã, saindo de Heathrow.

- Verei se consigo um lugar no mesmo voo.

A pior parte do envelhecer, Vi concluiu, era que a felicidade iludia as pessoas nos momentos mais impróprios. Ela deveria estar feliz agora, mas não estava.

Agora era a tarde do dia do seu aniversário, e em tudo e em todos os propósitos ele estava perfeito. Nenhuma mulher poderia pedir mais. Sentou-se, acomodando-se sobre a urze, na parte superior do lago e, apesar de um acúmulo sinistro de nuvens no lado oeste, o sol continuava a brilhar, lançando os seus raios num céu prístino de outono. Mais abaixo, embora claramente visível, como se observado pelo lado errado de um telescópio, o piquenique continuava a acontecer; pequenos grupos se haviam

reunido em atividades separadas. Os dois barcos estavam na água. Julian Gloxby e Charles Ferguson-Crombie pescavam num deles, e Lucilla e o seu jovem amigo australiano

no outro. Dermot passeava em busca de flores silvestres. Virgínia e Conrad Tucker andavam no caminho ao lado da parede da comporta e agora podiam ser vistos um ao lado do outro na estreita margem no lado mais afastado do lago. Os dois spaniels de Edmund os acompanhavam. De tempos em tempos paravam, talvez em virtude dos comentários

da conversa, ou se abaixavam para apanhar um seixo achatado para atirá-lo sobre a superfície brilhante da água para vê-lo quicar. Os outros preferiram ficar onde estavam, reunidos em torno dos restos do fogo, descansando à luz do sol. Edie e Alexa sentaram juntas. A Sra. Gloxby, raramente encontrada fora da igreja, trouxera o seu tricô e um livro, e desfrutava de um pouco de paz.

Sons chegavam até Vi. Uma lufada de vento, uma voz mais alta, o bater dos remos, o piado de um pássaro. Às vezes chegavam os ruídos dos 350

tiros no vale distante, trazidos pelo vento, atravessando o cume do Creagan Duhn.

Tudo como deveria ser, mas o seu coração estava pesado. Era porque, disse para si mesma, ela sabia demais. Sou um depósito de várias confidências. Gostaria de ignorá-las,

seria mais fácil. Gostaria de não saber do caso de Virgínia e ConradTucker... o americano bem-apessoado e atraente... eram amantes. Que Virgínia chegara a uma crise

em sua vida, que com a ida de Henry para a escola, ela seria capaz de tomar uma decisão desastrosa. Gostaria de não saber que Edie ainda se ressente da decisão tomada

em relação à pobre Lottie.

E ao mesmo tempo havia incertezas as quais preferiria ver resolvidas. Gostaria de ter a certeza de que Alexa não se decepcionaria com o namorado, de que Henry não morreria de saudades da mãe. Gostaria de saber exatamente o que se passava na mente insondável de Edmund.

A sua família. Edmund, Virginia, Alexa, Henry e Edie. Amor e envolvimento trazem alegria, mas podem também se tornar uma pedra pesada como a de um moinho, atada ao seu pescoço. O pior era que se sentia inútil, pois não havia nada que pudesse fazer para ajudar na resolução dos problemas.

Bocejou. Foi um bocejo audível, e Violet, sabendo disso, com algum esforço acomodou-se melhor e assumiu uma expressão alegre, virando-se para o homem que se apoiava

sobre o cotovelo ao seu lado.

Disse a primeira coisa que lhe veio na mente:

- Adoro os matizes do pântano porque lembram um belo tweed. Todo vermelho e púrpura, e verde-escuro e marrom. E adoro os belos tweeds porque eles me lembram o pântano.

Como as pessoas conseguem competir tão perfeitamente com a natureza.

- Era nisso que estava pensando? Ele não era tolo. Ela sacudiu a cabeça.

- Não - admitiu. - Pensava... não é a mesma coisa.

- O que não é a mesma coisa?

Violet não sabia por que ele viera com ela. Ela não o havia convidado para acompanhá-la na caminhada e ele não sugerira que a acompanharia. Ela simplesmente começara

a subir a montanha e ele se sentara ao seu lado, como se, sem palavras, tivessem feito um acordo prévio. Subiram juntos, Violet tomando a dianteira na estreita trilha

de carneiro, parando para admirar a vista, observar o voo de uma tetraz, pegar um broto de urze branca. Ao chegar ao cume, ela se sentara para tomar fôlego e ele se acomodara confortavelmente ao seu lado. Ela gostara de ter sido escolhida por ele, e um pouco mais das suas reservas contra ele se desmancharam.

O fato de o estar vendo pela primeira vez fez com que fosse cautelosa. Embora preparada para gostar do homem que Alexa escolhera para amar,


mantivera as suas defesas armadas, determinada a não ser tomada de nenhuma aparência insegura por um encanto muito óbvio. Sua boa aparência, a boa compleição, os

brilhantes e inteligentes olhos azuis haviam-na tirado ligeiramente um pouco do equilíbrio, e o fato de ser filho de Penelope Keeling contribuíra para piorar ainda mais a insegurança. Tinha havido ainda um outro fato que ajudara a toldar o dia.

Noel lhe dissera que Penelope falecera, e por alguma razão isso a tocara fundo.

Cheia de remorsos pela própria omissão, compreendeu que não havia outra pessoa que não ela própria para ser culpada do fato de não ter mantido contato com aquela mulher fascinante e cheia de vida. Agora era muito tarde.

- O que não é a mesma coisa? - insistiu gentilmente.

Ela procurou reunir os pensamentos dispersos.

- O meu piquenique.

- Ele está sendo esplêndido.

- Mas diferente. Há pessoas faltando. Henry não está aqui, nem Edmund, nem Isobel Balmerino. É a primeira vez que ela falta ao meu aniversário, porque teve que ir a Corriehill ajudar Verena Steynton a arrumar as flores para a festa de amanhã à noite. E, quanto ao meu pequeno Henry, estará preso na escola pelos próximos dez anos e, quando estiver livre para vir, provavelmente estarei com seis palmos de terra sobre mim. Espero que esteja. Nem é bom pensar em oitenta e oito anos. É

idade

demais. Talvez dependente de uma das crianças. É o meu único receio.

- Não consigo vê-la dependendo de ninguém.

- A senilidade chega um dia para todos nós.

Ficaram em silêncio. Além deles chegaram ecos dos tiros distantes e esporádicos das espingardas nas outras montanhas. Violet sorriu.

- Parece que pelo menos eles estão tendo um dia de sucesso.

- Quem está caçando?

- Acredito que os membros do sindicato que estão na aldeia agora. E Archie Balmerino está com eles. - Ela se virou para olhar Noel. - Você caça?

- Não. Nem nunca tive uma espingarda. Não recebi esse tipo de criação. Vivi em Londres toda a minha vida. - Naquela bela casa na Oakley Street?

-Lá mesmo.

-Você foi um homem afortunado. Ele balançou a cabeça.

- O problema é que eu nunca me considerei uma pessoa feliz. Fui estudar num externato, e me sentia relegado porque minha mãe não podia me colocar em Eton ou Harrow.

Meu pai já tinha ido embora quando eu entrei para a escola, e se casara com uma outra mulher. Eu não sentia

realmente falta dele porque o conheci muito pouco, mas de alguma forma isso me machucava.

Ela não desperdiçou a sua simpatia com ele. Pensou imediatamente em Penelope.

- Não é fácil para uma mulher cuidar sozinha da família.

- Crescer, acho que isso nunca me ocorreu. Violet riu, apreciando a honestidade dele.

- A juventude é perdida com os jovens. Mas você aproveitou a companhia de sua mãe?

- Sim, embora às vezes houvesse brigas feias. Em geral sobre dinheiro.

-Em geral esse é o motivo das brigas de família. Mas eu não a imagino sofrendo de materialismo.

-Exatamente o oposto. Tinha a sua própria filosofia de vida e alguns gestos de altruísmo caseiros que ela executava num momento de tensão ou no meio de alguma argumentação

cáustica. Uma delas era que felicidade é fazer o melhor com o que você tem e riqueza é fazer o melhor com o que você conseguiu. Parece plausível, mas eu nunca entendi

essa lógica.

- Talvez você precise mais do que palavras sábias.

- Sim, preciso de muito mais. Preciso não me sentir um intruso. Gostaria de fazer parte de um tipo diferente de vida, de ter tido uma experiência anterior diferente.

A Instituição. Casas antigas, famílias antigas, nomes antigos, dinheiro antigo.

Somos criados acreditando que o dinheiro não é importante, mas sei que ele realmente

não é importante somente quando você o tem em quantidade.

- Eu desaprovo, mas compreendo. A grama do vizinho é sempre mais verde, e é da natureza humana ansiar pelo que não pode ter. - Ela pensou na bela casa, linda como uma jóia, de Alexa na Ovington Street, e a segurança financeira que herdara da avó materna, e sentiu uma pontada de inquietação.- O pior é-ela continuou-que quando você consegue chegar ao gramado mais verde, com frequência descobre que realmente você nunca o quis. - Ele ficou em silêncio e ela franziu as sobrancelhas. -Diga-me-disse

bruscamente, indo direto ao ponto-o que pensa de todos nós?

Noel chegou a perder o equilíbrio com a rudeza das palavras.

- Não tive... tempo ainda de formar uma opinião.

- Tolice. Claro que teve. Você acha, por exemplo, que nós somos a Instituição, como você a chama? Acha que todos nós somos antigos?

Ele riu. Talvez o riso ajudasse a desmanchar o embaraço. Ela não teve certeza.

- Não sei quanto a antigo. Mas devo admitir que vivem num estilo 353

pródigo. Para conseguir um estilo desses no sul é preciso ser milionário, ter dez vezes mais dinheiro.

- Mas aqui é a Escócia.

- Exatamente.

- Então, acha que somos antigos?

- Não, é diferente.

- Não diferente, Noel, mas comum. Somos pessoas comuns que foram abençoadas pela sorte de ter sido criadas e viver neste país incomparável. Admito que existem títulos,

terras, casas enormes e um certo feudalismo, mas é só arranhar a superfície de qualquer um de nós, uma geração ou duas para trás, e você encontrará arrendatários humildes, trabalhadores de moinhos, pastores, pequenos fazendeiros. O sistema escocês dos clãs foi uma coisa extraordinária. Nenhum homem era empregado de ninguém,

fazia parte da família. Por isso nenhum habitante médio das Highlands anda com um pedaço de madeira sobre os ombros. Ele é orgulhoso. Sabe que é tão bom quanto você, provavelmente até um pouco melhor. Claro que a Revolução Industrial e o dinheiro vitoriano criaram uma imensa e abastada classe média entre os artífices. Archie é o terceiro Lorde Balmerino, mas o avô dele juntou as suas economias trabalhando

duro na indústria têxtil, e foi criado nas ruas da cidade. Quanto ao meu pai, ele começou a vida como um filho sem sapatos de um arrendatário da Ilha de Lewis. Foi abençoado com um cérebro brilhante e um talento para os estudos. Sua ambição o levou a conseguir bolsas de estudo e, finalmente, a estudar medicina. Tornou-se cirurgião, prosperou e conseguiu um lugar para si - a Cadeira de Anatomia na Universidade

de Edinburg e um título de nobreza. Doutor Akenside. Um nome imponente, não acha?

Mas ele sempre permaneceu um homem sem orgulho e sem pretensões, e por essa razão era não somente respeitado, mas amado.

- E a sua mãe?

-Minha mãe veio de um ambiente completamente diferente. Tenho que admitir que ela era realmente antiga. ladyPrímrose Mary, filha de uma família antiga e bem-relacionada

da fronteira que ficara, por deméritos próprios, totalmente empobrecida. Era muito bonita. E famosa também. Pequena e elegante, o cabelo era louro-

prateado, puxado para o alto da cabeça, de modo que o pescoço fino parecia que iria quebrar sob o peso dele. Meu pai a conheceu em alguma festa ou recepção nos Salões da Assembleia e ficou instantaneamente apaixonado. Acredito que ela nunca tenha se apaixonado por ele, mas ele já era conhecido, uma pessoa de quem se podia tirar proveito, e ela era inteligente o suficiente para saber de que lado soprava o vento. A família, embora nada pudesse objetar com a união, não levantou obstáculos... provavelmente ficaram felizes em se livrar da filha.



- Eles foram felizes?

-Acho que sim. Acredito que se entendiam muito bem. Viviam numa casa alta e bem projetada em Heriot Row, onde nasci. Minha mãe gostava de Edinburg, com a sua vida social, as idas e vindas dos amigos, os teatros e concertos, as festas e recepções.

Porém, meu pai continuou a ser um homem do campo, com o coração nas montanhas e colinas. Sempre amara Strathcroy, e vinha todos os verões para a pescaria anual.

Quando eu estava com cinco anos, ele comprou as terras ao sul do rio e construiu Balnaid. Ainda trabalhava e eu frequentava o colégio em Edinburg, por isso no início Balnaid era somente a casa para passar as férias, uma residência temporária.

Para mim era o paraíso, e eu esperava ansiosamente as férias de verão. Quando ele finalmente se aposentou, foi para Balnaid. Minha mãe achou a ideia horrorosa, mas ele era turrão, e no final ela fez o melhor que pôde. Enchia a casa de convidados, assegurando a parceria para o bridge e um jantar com convidados a cada noite.

Mantivemos a casa em Heriot Row, e quando a chuva caía como um veneno ou os ventos cortantes do inverno ficavam insuportáveis, ela invariavelmente encontrava alguma desculpa para voltar a Edinburg, ou para ir à Itália ou ao sul da França.

- E a senhora?

-Já lhe disse. Para mim era o paraíso. Era uma criança solitária, e um grande desapontamento para a minha mãe porque era não somente assustadoramente grande e gorda

como também muito simples. Eu me enclausurava, e era um fracasso total nas aulas de dança porque nenhum menino queria ser o meu par. Na sociedade de Edinburg, ficava alijada como um dedão ferido, mas em Balnaid a minha aparência não agredia ninguém.

Eu podia ser eu mesma.

- E o seu marido?

- Meu marido? - Um sorriso calmo de Violet transformou suas feições envelhecidas. -

Meu marido foi Geordie Aird. Veja, eu me casei com o meu melhor amigo, e depois de trinta anos de casamento continuava a ser o meu melhor amigo. São poucas as mulheres que podem dizer isso.

- Como o conheceu?

- Numa festa, durante a caçada, nos pântanos de Creagan Dugh. Meu pai fora convidado por Lorde Balmerino para caçar, e como minha mãe estava num cruzeiro pelo Mediterrâneo,

ele me pediu que o acompanhasse. Ir caçar com meu pai era um dos melhores programas, e eu me esforcei para ser útil, carregando a sua bagagem e ficando sentada quieta

como um rato perto dele.

- Geordie era um dos caçadores?

- Não, Noel. Geordie era um dos batedores. O pai dele, Jamie Aird, era o capataz principal de Lorde Balmerino.

-Você se casou com o filho do guarda-caça?-Noel não conseguiu disfarçar a surpresa em sua voz, onde havia também uma admiração.

-Casei. Lembra um pouco Lady Chatterley, não é, mas asseguro-lhe que foi diferente.

- Quando isso tudo aconteceu?

- Nos anos vinte. Eu tinha dez anos e Geordie quinze. Decidi que era o rapaz mais bonito que eu já vira, e quando chegou o momento do almoço no campo, eu levei os meus sanduíches para o local onde estavam os guarda-caças e os batedores. Sentei-me junto deles e almocei ali com ele. Você pode pensar que eu me impus a ele, mas, afinal, ele era meu amigo. Eu era a sua sombra, e ele me acolheu. Não me sentia mais só. Estava com Geordie. Passávamos dias inteiros juntos, sempre ao ar livre.

Ensinou-me a pescar salmão e truta. Em alguns dias nós andávamos quilómetros e quilómetros, e ele me mostrava os flancos escondidos das montanhas, onde os veados pastavam, e os altos picos onde as águas faziam os ninhos. Depois de um dia inteiro no pântano, ele me levava para a pequena casa onde os pais moravam... onde Gordon Gillock, o capataz de Archie, mora agora... e a Sra. Aird me dava pão de aveia e biscoitos e servia um chá preto bem forte do seu bule mais polido.

- Sua mãe não fazia objeções a essa amizade?

- Acho que ela ficava feliz em me ver fora do caminho dela. Sabia que eu não corria perigo.

- Geordie seguiu o caminho do pai?

- Não. Como o meu pai, era esclarecido e gostava de estudar, e se saiu bem no colégio. Meu pai o encorajou em suas ambições. Acho que reconheceu alguma coisa de si mesmo em Geordie. Por isso, Geordie conseguiu uma vaga na escola secundária em Relkirk, e depois foi aprendiz numa firma de contadores.

- E a senhora?

-Infelizmente, tive que crescer. De repente estava com dezoito anos, e minha mãe compreendeu que o seu patinho feio havia se tornado uma pata feia. Apesar do meu tamanho e da minha fatia de predicados físicos, ela decidiu que eu tinha que aparecer - passar uma temporada em Edinburg e ser apresentada à nobreza em Holyroodhouse.

Era a última coisa que eu queria, mas Geordie se fora para longe, estava morando nos alojamentos em Relkirk. Pensei comigo mesma que, se eu aceitasse o esquema dela,

talvez, com o tempo, ela aceitasse o fato de que Geordie Aird era o único homem no mundo com quem eu pensaria em me casar. A estação e a apresentação foram, como pode imaginar, um fracasso total. Uma charada. Vestida em trajes de gala, de cetim brilhante, eu parecia uma pantomima. No final da temporada eu continuava sem ser procurada, querida ou comprometida. Minha mãe, com vergonha, me trouxe de volta 356

a Balnaid, onde cuidava das flores e exercitava os cães... e esperava Geordie.

- Quanto tempo teve que esperar?

- Quatro anos. Até que ele conseguisse uma posição com a qual pudesse sustentar uma esposa. Naturalmente eu tinha os meus rendimentos. Uma quantia que me foi confiada quando fiz vinte e um anos, e nós poderíamos tê-la administrado com facilidade, mas Geordie não queria ouvir falar daquilo. Por isso, tive que esperar. Até que finalmente

chegou o grande dia, quando ele passou em todos os exames finais. Lembro-me de que estava dando banho num dos cachorros. Eu o levara para dar um passeio e ele rolara sobre algo repugnante. Colocara um avental grande e o estava ensaboando, cheirando a ácido fênico. A porta da lavanderia se abriu e lá estava Geordie pedindo-me que me casasse com ele. Foi um momento muito romântico. Desde então eu tenho uma queda pelo cheiro do ácido fênico.

- Qual foi a reação dos seus pais?

- Oh, eles pressentiram a situação anos antes. Meu pai ficou feliz, minha mãe,

resignada. Depois que ela superou a agonia de pensar o que os amigos iriam dizer, acho que concluiu que para mim seria melhor casar com Geordie do que ficar solteirona, sob as suas asas e interferindo na sua vida. Por isso, num dia no início do

verão em 1933, Geordie e eu finalmente nos casamos. Para agradar a minha mãe, eu me submeti a ser espremida entre dois espartilhos, e metida num vestido de cetim branco, tão duro e brilhante como um papelão. Após a recepção, Geordie e eu entramos no Baby Austin dele e rumamos para Edinburg e passamos a nossa noite de núpcias

no Caledonian Hotel. Lembro-me de como eu tirei o meu vestido no banheiro, desatando os espartilhos e jogando-os na cesta de lixo. E fiz uma promessa.

"Ninguém mais

vai me fazer usar um corpete como esse novamente." E ninguém realmente o fez.-Ela irrompeu numa gargalhada e bateu de leve no joelho de Noel. - Na minha noite de núpcias dei adeus à minha virgindade e também aos espartilhos. É difícil saber o que me deu maior satisfação.

Ele riu também.

- E viveu feliz depois disso?

-Muito feliz. Anos felizes numa casa com terraço em Relkirk. Então, Edmund nasceu e Edie entrou em nossas vidas. Dezoito anos, filha de um marceneiro de Strathcroy.

Veio para trabalhar como babá, e desde então estamos juntas. Foi uma época boa. Tão boa que não notei as nuvens da guerra se reunindo sobre o horizonte. Mas ela veio. Geordie foi para a Highland Division e embarcou

para a França. Em maio de 1940 foi feito prisioneiro em Saint-Valéry e eu não o vi por cinco anos e meio.

Edie,

Edmund e eu voltamos para Balnaid e passamos a guerra com os meus pais. Eles estavam velhos, e, quando a paz foi declarada, ambos já tinham morrido. Por isso, quando

Geordie voltou para nós, veio para Balnaid e foi lá que passamos o resto de nossas vidas.

- Quando ele morreu?

- Cerca de três anos após Edmund ter-se casado; pela primeira vez, isto é, com a mãe de Alexa. Tudo aconteceu com uma rapidez surpreendente. Tínhamos uma vida boa.

Fiz planos para o jardim, para a casa, para as férias e as viagens que poderíamos fazer juntos, como se ambos fossemos viver para sempre. Por isso fui pega de surpresa

quando de repente compreendi que Geordie estava doente. Perdeu o apetite, emagreceu. queixava-se de dores e desconfortos indistintos. A princípio recusei-me a recear

alguma coisa. Disse para mim mesma que seria algum distúrbio digestivo, consequência dos seus anos como prisioneiro de guerra. Mas, finalmente, consultamos um médico

e depois um especialista. Geordie foi hospitalizado no Relkirk General para o que, na época, chamavam "testes". Os resultados desses testes me foram entregues pelo especialista. Ele, se sentou do outro lado da

mesa de um consultório ensolarado, foi muito gentil, e quando terminou de me falar, eu lhe agradeci, levantei-me e saí da sala e atravessei os corredores compridos com tapetes de borracha no chão e fui até onde Geordie estava, numa divisão lateral do hospital escorado pelos

travesseiros, deitado na cama alta do hospital. Eu lhe trouxera narcisos de Balnaid e os arrumei numa jarra com muita água para que não murchassem e morressem. Mas Geordie morreu duas semanas depois. Edmund estava lá comigo, mas não sua esposa Caroline. Engravidara e sofria de enjoos. Saber que Alexa estava a caminho foi uma das coisas que me ajudaram a suportar aqueles dias escuros e terríveis. Geordie se fora, mas uma outra vida estava a caminho para selar os elos de continuidade. Essa é uma das razões pelas quais Alexa sempre foi tão especial para mim.

Após alguns instantes Noel respondeu:

- A senhora também é especial para ela. Ela fala muito sobre a senhora.

Violet ficou em silêncio. Um vento chegou, tocando a grama. Trouxe com ele o cheiro

da chuva. Ela levantou os olhos e viu as nuvens vindas do oeste, encobrindo as colinas e escurecendo as encostas com as sombras.

-Já passamos a melhor parte do dia. Espero que não ache que foi totalmente desperdiçado. Espero não o ter aborrecido.

- Nem por um instante.

- Comecei tentando lhe provar um ponto de vista e terminei contando a história da minha vida.

- Sinto-me privilegiado com isso. -Alexa está vindo.



Ele se sentou, limpando uns fiapos de grama da manga da suéter.

Ficaram olhando Alexa se aproximar, com a velocidade e a energia da juventude.

Usava calças jeans e uma suéter azul-escuro. O cabelo louro-escuro estava despenteado,

as faces, rosadas pelo vento e pelo sol, e também pelo esforço de subida. Parecia -

Violet pensou - absurdamente jovem. De repente, sentiu que devia falar.

-Tive sorte. Casei-me com o homem a quem amava. Espero que o mesmo aconteça com Alexa. - Noel virou lentamente a cabeça e seus olhos encontraram os de Vi.

-Virgínia

disse que devo me manter distante e não interferir. Mas sei que você sabe o quanto ela o ama e não poderei suportar vê-la ferida. Não o estou pressionando. Mas peçolhe

que seja cuidadoso. E, se tiver que magoá-la, faça-o já, antes que seja tarde.

Gosta dela o suficiente para ser capaz de fazer isso?

A face dele estava sem expressão, mas o olhar era firme. Após um momento, respondeu:

- Sim, gosto.

Talvez por misericórdia não havia tempo para se dizer mais alguma coisa. Alexa estava próxima, ao alcance da voz dos dois, vencendo os últimos passos que a separava

deles. Jogou-se sobre a urze ao lado de Noel.

- Sobre o quê conversavam? Estão aqui há séculos.

- Oh, sobre detalhes - disse a avó despreocupadamente.

-Pediram-me para lhes dizer que já é tempo de pensarmos em voltar. Os Ferguson-Crombies têm um jantar para ir e ofereceram-se para dar uma carona aos Gloxbys e a Dermot Honeycombe até Croy. Daqui a pouco começará a chover, o céu está começando a fechar.

- É mesmo - concordou Violet. Olhou para os barcos e viu que estavam sendo retirados da água. Alguém já apagara, o fogo, e seus convidados realmente já tinham começado

a dobrar os acolchoados e a colocar a bagagem nos carros. - Sim, é hora de ir.

Ela começou a se levantar, mas Noel levantou-se mais rápido e prontamente deu-lhe uma ajuda.

- Obrigada, Noel. - Passou a mão pela saia de tweed para tirar os fiapos da urze e lançou um último olhar demorado. Tudo acabara. Tudo pronto para mais um ano. -

Venha.

Ela tomou a dianteira no caminho, descendo até os outros.

Noel acordou no escuro, com muita sede. E havia também uma outra urgência.

Devidamente analisada, revelou-se como um desejo físico de amor e de Alexa. Ficou parado

um instante, a boca seca, sozinho e frustrado,



na cama estranha, num quarto não familiar, com as janelas abertas para a noite escura e tempestuosa, sem nenhuma luz acesa, sem carros passando. O único som era o vento tocando os galhos mais altos das árvores. Pensou com nostalgia em Londres, na Ovington Street, onde tinha estado nos últimos meses, rodeado de cuidados e carinho. Se acordava com sede em Londres, era só esticar o braço para encontrar o copo com água que Alexa trazia para ele todas as noites, aromatizada com uma fatia de limão. Se, durante as horas mais escuras, ele a desejasse, era só virar o corpo e puxá-la para ele. Uma vez despertada, ela nunca ficava ressentida ou com sono

para resistir ao seu ardor, correspondendo com a paixão tranquila que ele lhe ensinara, maravilhosa no seu conhecimento recém-descoberto, confiante na sua própria

vontade de tê-lo.

Essas reflexões não se mostraram úteis. Finalmente, sem mais poder resistir à sede, ele se levantou e saiu da cama. Foi ao banheiro, abriu a torneira fria e encheu um copo com água. Estava bem fria e tinha um gosto adocicado, de água limpa. Esvaziou-o e encheu-o novamente, e depois voltou para a cama, levando-o junto, sentou-se olhando para a escuridão.

Bebeu mais água. A sede foi aplacada, mas a outra necessidade continuou a incomodá-lo. Água fresca e Alexa. Ocorreu-lhe que as duas necessidades básicas, que de repente eram mais urgentes do que qualquer outra coisa na sua vida, constituíam, de maneira estranha, uma reflexão da outra. Os adjetivos passaram atropelados pela sua mente. Limpa, doce, pura, transparente, boa, inocente, imaculada. Eram aplicáveis ao elemento e ao ser humano. Então, o elogio final. Doadora de vida.

Alexa.

Ficou orgulhoso de si mesmo por ser o responsável pelo desdobrar de uma adolescência desajeitada numa mulher confiante - descobrindo que o fato de ela ser virgem

tinha sido uma das experiências surpreendentemente desarmantes da sua vida - como também compreendeu que a experiência fora dos dois, pois ele se tornara o receptor final de uma cornucópia de amor e companheirismo, com aceitação e sem exigência, pois embora ela tivesse sido abençoada com as riquezas do mundo, seus dotes não eram todos materiais. Sua ligação com Alexa fora um bom interlúdio em sua vida, um dos melhores, e independente do que acontecesse no futuro, sabia que sempre se lembraria dela com gratidão.

Mas, o que aconteceria? Não queria considerar esse ponto agora. Queria permanecer concentrado no agora. Alexa. Ela dormia na sua própria cama, a sua cama da infância,

a alguns passos de distância, bastava atravessar o corredor e uma passagem. Pensou em ir procurá-la, abrindo e fechando portas silenciosamente, para dormir entre os lençóis ao seu lado. Ela lhe cederia espaço, se voltaria para ele, os braços enlaçando-o, o corpo despertando para ele...

360

Considerou todos os fatos por um momento, e decidiu-se por não ir, mais por razões práticas do que altruístas. Sabia por experiência própria que era muito fácil perder-se nos corredores das casas de campo dos outros, e não queria ser apanhado em algum armário de vassouras junto com o aspirador e outros trastes velhos. E

em Balnaid ele nem teria a desculpa da sede porque tinha um belo banheiro à sua disposição.

Mas, mesmo sem as desculpas e buscando razões mais plausíveis, ainda pensava se aguentaria aplacar os nervos para sair em busca de Alexa. Tinha alguma coisa a ver com a casa. Uma atmosfera que ele sentira assim que atravessara a porta, uma sensação de família, que impedia a noção de uma saída clandestina, colocando-a simplesmente

fora de questão. Sua longa conversa com Vi, na colina durante a tarde, reforçara ainda mais aquela concepção de Balnaid. Era como se todas as gerações que viveram ali ainda estivessem presentes, morando, vivendo e respirando, com as suas ocupações diárias, observando, e talvez julgando. Não somente Alexa e Virgínia, mas Violet,

e o seu robusto e muito amado Geordie. E antes dele, Sir Hector e Lady Primrose, solidamente entrincheirados, com elevados princípios, ainda donos da casa, cheia de crianças, crianças em seus quartos, convidados nos quartos de hóspede e arrumadeiras e atendentes ocupadas no sótão. Era esse tipo de negócios domésticos que,

quando menino, aprisionado em Londres, Noel ansiava por fazer parte. Um estilo de vida bem-ordenado e intenso, com todos os prazeres do ar livre. Campeonatos de ténis e piqueniques, numa escala ainda mais elaborada do que a dessa tarde. Póneis,

caçadas e pescarias e capatazes e ajudantes de caça devotados, ansiosos e prontos para ajudar os jovens fidalgos.

Naquela manhã, dirigindo para Strathcroy, com Alexa ao seu lado, deslumbrado com a paisagem, as cores e o ar limpo, fora tomado pela sensação de que, de alguma forma, estava dirigindo para o passado, para um mundo que conhecera e já esquecera. Agora aceitava que nunca conhecera esse mundo, e que, tendo-o encontrado, relutava em deixá-lo. Pela primeira vez na sua vida, sentia-se parte de alguma coisa.

E Alexa?

Ouviu a voz de Violet. Se tiver que magoá-la, faça-o já, antes que seja tarde.

As palavras tinham um tom agourento. Era possível que já fosse muito tarde e, nesse caso, já atingira a linha divisória da sua relação com Alexa, e com o aviso de Vi em sua mente, sabia que chegara o momento de avaliar. Antes que o fim de semana terminasse, teria que tomar alguma decisão.

Viu-se, como se estivesse a uma grande distância, oscilando nessa divisória, buscando a escolha vital de qual caminho deveria seguir. Podia voltar pelo caminho que

viera, o que significava deixar Alexa, dizer adeus, tentando explicar, fazendo as malas, saindo de Ovington Street, voltando



para o apartamento em Pembroke Gardens, conversando com os inquilinos, informando-os de que deveriam procurar outro lugar para morar. Significava voltar à vida antiga,

de alguma forma ao círculo social. Telefonar para os amigos, marcar encontros nos bares, comer em restaurantes, tentando encontrar o número do telefone daquelas mulheres belas e extenuadas, alimentá-las, ouvir suas conversas. Significava dirigir para a zona rural nas sextas à tarde, e depois voltar para Londres, em estradas

tomadas pelos carros no domingo à noite.

Bocejou. Fizera tudo isso antes, e não havia razão pela qual não fizesse tudo novamente.

A outra alternativa, o outro caminho, levava ao compromisso. E quanto a Alexa, e a tudo o que ela representava, sabia que dessa vez teria que ser integral. Uma vida de responsabilidade assumida - casamento e, provavelmente, filhos.

Talvez tivesse chegado a hora. Estava com trinta e quatro anos, mas ainda era atormentado pelas incertezas da imaturidade, as inseguranças básicas enraizadas em seus ossos, como um esqueleto repulsivo espreitando num esconderijo esquecido.

Talvez fosse a hora, mas a perspectiva o encheu de terror.

Sentiu um calafrio. Era o suficiente. Uma rajada de vento estremeceu a armação da janela. Descobriu que sentia frio, e o ar, como uma chuveirada fria, finalmente aquietara o seu ardor insatisfeito. Pelo menos um problema resolvido. Voltou para a cama, enrolou-se nos lençóis e apagou a luz. Ficou acordado por um longo tempo e, quando finalmente conseguiu adormecer, ainda não tomara nenhuma decisão.

362

Sexta-feira, 16

A chuva começara logo após ele ter deixado Relkirk. À medida que as estradas rurais subiam, indo para o Norte, a névoa descia dos cumes das colinas, enchendo o pára-brisas

com gotículas de umidade. Ligou os limpadores. Era a primeira chuva que via em uma semana, pois Nova York esbanjara o calor de um verão indiano, o sol se refletindo nas torres de vidro, e as bandeiras drapejavam na brisa do lado de fora do Rockefeller Center, com as pessoas desocupadas aproveitando o último calor do verão, estiradas

no gramado do Central Park, com suas bolsas e parcos embrulhos reunidos à volta.

Edmund atravessara dois mundos num mesmo dia. Nova York, Aeroporto Kennedy, o Concorde, Aeroporto de Heathrow, Turnhouse e agora Strathcroy. Sob circunstâncias normais,

teria tido tempo de passar no escritório em Edinburg, mas era a noite da festa dos Steyntons e, por essa razão, optara por dirigir direto para casa. Levaria algum tempo para aprontar os trajes típicos e havia a possibilidade de que nem Virginia e

nem Edie se tivessem lembrado de polir os botões de prata da jaqueta e do colete, e, nesse caso, ele mesmo teria que limpá-los.

Uma festa. Muito provavelmente não iriam se deitar antes das quatro horas da manhã.

Ele perdera a noção da hora e sentia um pouco de cansaço - Nada que uma dose de uísque não conseguisse afastar. O relógio de pulso marcava a hora de Nova York, mas o do painel lhe disse que eram cinco e meia. O dia ainda não terminara de todo, mas as nuvens baixas tiravam muito da claridade. Ligou as lanternas.

Caple Bridge. O carro possante zunia nas curvas fechadas da estrada estreita do vale. O Tramac reluzia na neblina, e o asfalto e os tojos pareciam entrelaçados na névoa. Abriu a janela e respirou o ar frio e incomparável. Pensou que veria Alexa novamente E que não estaria com Henry. Pensou em Virginia...

A ténue trégua terminara, e o último combate, quando ele fora para 363

Nova York, tinha sido cáustico. Ela perdera o controle ao falar ao telefone com ele, acusando-o de egoísmo, negligência, de romper os compromissos. Recusara-se a ouvir as suas explicações perfeitamente razoáveis, e finalmente batera com o fone.

Ele esperara falar com Henry, porém ela esquecera ou deliberadamente evitara dar o seu recado. Talvez, após uma semana longe, se tivesse acalmado, mas Edmund não tinha muitas esperanças. Ultimamente ela se queixara da falta de atenção dele, como se ambos fossem bebés.

Sua salvação era Alexa. Por ela, ele sabia que Virginia colocaria no rosto o melhor sorriso, e, se necessário, disfarçaria durante todo o fim de semana, numa pantomima de alegria e afeto. Por essa pequena misericórdia ele se sentia grato.

A placa na estrada surgiu em meio à névoa. Strathcroy. Diminuiu a velocidade, trocou de marcha, atravessou a ponte ao lado da igreja presbiteriana e entrou na estrada

coberta pelos galhos dos olmos, barulhenta por causa das gralhas, e atravessou os portões abertos de Balnaid.

O seu lar. Ele não deu a volta pela frente da casa, preferiu ir por trás, e estacionou o BMW junto ao estábulo. Havia somente um carro na garagem, o de Virginia,

e a porta dos fundos, que levava à cozinha, estava aberta. Mas aquilo não significava necessariamente que havia alguém em casa.

Desligou a ignição e esperou, aguardando se não uma família alegre irrompendo pela porta para recebê-lo, pelo menos algum tipo de boas-vindas dos seus cães. Mas só encontrou o silêncio. Parecia não haver ninguém.

Saltou do carro, sentindo o cansaço, e abriu o porta-malas para apanhar a bagagem.

A mala de viagem, a pasta de couro, a capa de chuva e o saco amarelo do Free-Shop.

Estava pesada com as garrafas de gin Gordon e de uísque escocês, e grandes embrulhos de perfumes franceses para a esposa, a filha e a mãe. Carregou tudo para dentro,

ao abrigo da chuva. Encontrou uma cozinha quente, enxuta, ordenada, mas vazia, e o único sinal dos cães eram as suas cestas desocupadas. O fogão Aga zumbia. Na pia, uma torneira pingava. Depositou a mala e a capa no chão, e a saca do Free-Shop sobre a mesa, e foi até a pia para apertar a torneira. O gotejar cessou. Procurou ouvir outros sons, mas nada perturbava a quietude.

Sem deixar a pasta, saiu da cozinha, atravessou o corredor e foi até a entrada.

Parou um momento, à espera do barulho de uma porta se abrindo, de passos, vozes, uma outra pessoa. O velho relógio tiquetaqueava. Somente ele. Prosseguiu, mas os seus passos eram camuflados pelo grosso tapete, atravessou a sala e abriu a porta da biblioteca.

Ali também não havia ninguém. Viu as almofadas, macias e altas sobre o sofá, uma lareira vazia, uma pilha bem-arrumada do Country Life, um arranjo de flores secas com as cores já esmaecidas, desbotadas. A janela 364

estava aberta e deixava entrar as lufadas de ar úmido e fresco. Ele largou a pasta e foi fechá-la. Depois voltou para a secretária onde estava a correspondência da semana toda o aguardando. Pegou um ou dois envelopes, mas sabia que não havia nada que não pudesse esperar até o dia seguinte.

O telefone tocou. Ele pegou o fone.

- Balnaid.

O telefone fez um dique e depois zumbiu. A pessoa desligara. Provavelmente discara o número errado. Ele desligou e, de repente, não conseguiu mais suportar a atmosfera

vazia. A biblioteca de Balnaid, sem a lareira acesa, era como uma pessoa sem coração, pois somente ficava fora de uso nos dias mais quentes do verão. Encontrou os

fósforos, acendeu um papel bem no meio dos gravetos e esperou que pegassem. As chamas logo subiram pela chaminé, aquecendo e iluminando,

trazendo vida. Ele mesmo fizera a recepção de boas-vindas e se sentiu marginalmente feliz.

Olhou as chamas, colocou a grade de segurança e voltou para a cozinha. Tirou o uísque e o gim da sacola, colocou-os no armário e levou a mala e a sacola do FreeShop

para cima. O tiquetaquear do relógio de seu avô o acompanhou. Ele atravessou o corredor e abriu a porta do quarto.

- Edmund.

Ela estava ali, na casa, durante aquele tempo todo, sentada diante da penteadeira, pintando as unhas. O quarto, espaçoso e bem feminino dominado pela imensa cama de casal decorada com linho e renda -, contrariando um pouco o comum, encontrava-se desarrumado. Sapatos jogados, uma pilha de roupas dobradas sobre a cadeira, as portas do armário abertas. Em uma delas, pendurado num cabide, viu o novo vestido de noite de Virgínia, o que ela comprara em Londres para aquela noite especial.

A saia, cintilante, em camadas, de uma fazenda fina, era salpicada de confetes negros. Sem ela, parecia triste e vazia.

Do outro lado do quarto, ele disse olá.

Virgínia estava usando o seu robe atoalhado branco e lavara os cabelos e os enrolara. Henry dizia que ela ficava parecida com um monstro espacial.

-Você chegou! Eu não ouvi o carro.

- Eu estacionei perto da garagem. Pensei que não havia ninguém em casa.

Ele levou a pasta para o seu quarto e colocou-a no chão. Suas roupas para a festa estavam arrumadas sobre a cama de solteiro. O kilt, as meias, o punhal antigo, a camisa, a jaqueta e o colete. Os botões brilhavam, como estrelas, tanto quanto as fivelas dos sapatos.

Ele voltou ao quarto dela.

- Você poliu os botões.

365

- Foi Edie.

-Muito gentil. - Dirigiu-se para ela e parou para lhe dar um beijo.

- Um presente para você. - Colocou a caixa sobre a penteadeira.

- Oh, muito obrigada. - Ela terminara de pintar as unhas, mas o esmalte ainda não secara. Os dedos estavam bem abertos, e, de tempos em tempos, ela os soprava para apressar o processo de secagem.-Como estava Nova York?

- Tudo bem.

- Não o esperava tão cedo.

- Eu peguei o primeiro voo.

- Está cansado?

- Ficarei melhor depois de um drinque. - Ele se abaixou ao lado da cama. - Há alguma coisa errada com o telefone?

-Acho que não. Ele tocou há uns cinco minutos, mas somente uma vez e depois parou.

- Eu o peguei lá embaixo, mas ninguém disse nada.

- Isto acontece uma ou duas vezes todos os dias. Mas está funcionando para fora.

-Você fez alguma reclamação?

- Não. Você acha que devemos?

- Eu farei mais tarde. - Recostou-se na pilha de travesseiros, com a cabeça encostada na guarda acolchoada da cama.-Como passou esses dias?

Ela inspecionou as unhas.

- Está tudo bem.

- E Henry?

-Não sei dele. Eu não soube e nem telefonei para saber.-Ela olhou Para ele. O seu olhar profundamente azul era frio. - Pensei que talvez um telefonema não fosse correto. Talvez não tradicional.

O que deixou muito claro que ele não fora perdoado. Mas não era o momento de procurar um motivo e precipitar uma outra discussão.

- Você o levou a Templehall?

- Sim. Ele não quis ir com Isobel, por isso nós levamos Hamish. Hamish estava com o pior dos humores, e Henry não disse uma palavra a viagem inteira, e choveu o dia todo. Fora isso, houve o piquenique.

- Ele não levou Moo com ele, levou?

- Não, ele não levou.

- Graças a Deus. E Alexa?

- Chegou ontem pela manhã com Noel.

- Onde estão agora?

- Acho que levaram os cachorros para dar uma volta. Depois do almoço irão a Relkirk para pegar o vestido de Lucilla na lavanderia. Tivemos 366

um pedido de socorro de Croy. O vestido ficou esquecido, e todos estão atarefados preparando o jantar desta noite, por isso ninguém está com tempo disponível para ir a Relkirk.

- E quais são as outras novidades?

- O que mais poderia acontecer? Vi realizou o seu piquenique, Verena nos mantém às suas ordens, como escravos, e a prima de Edie foi para o hospital.

Edmund levantou ligeiramente a cabeça, como um cão em alerta levantando as orelhas.

As unhas de Virgínia atingiram um estado satisfatório, e ela pegou o embrulho que ele trouxera para abri-lo, rasgando o celofane.

- Ela voltou para o hospital?

- Sim. - Virginia abriu a caixa, retirou o frasco, quadrado e largo, com a tampa pendendo por uma tira de veludo. Ela o abriu e colocou um pouco do líquido no pescoço.

- Delicioso. Fendi. Você foi muito gentil. Eu sempre desejei tê-lo, mas era muito caro.

- Quando foi isso?

- Você se refere a Lottie? Há uns dois dias. Ela ficou tão difícil que Vi insistiu na internação. Ela nunca deveria ter saído do hospital. É uma doente mental.

- O que ela fez?

- Falou demais. Criou confusão. Não me deixava sozinha. É uma pessoa má.

- O que ela disse?

Virginia lentamente se virou para o espelho, tirando os grampos dos rolos no cabelo. Um por um ela os colocou numa bandeja pequena sobre a penteadeira. Ele olhava

para o seu perfil, a linha do maxilar, a curva do belo pescoço.

- Você quer mesmo saber?

- Eu não perguntaria se não quisesse.

-Está bem. Disse que você e Pandora Blair foram amantes. Há anos, na época do casamento de Archie e Isobel, quando ela era empregada em Croy. Você sempre disse que

ela escutava atrás das portas. Parece não ter perdido nada. Descreveu tudo para mim, de maneira bem detalhada. Ficou muito excitada. Tomada, eu diria. Disse que foi por sua causa que Pandora fugiu com o marido e nunca voltou. Tudo culpa sua. E

agora... - Um dos rolos prendeu e Virginia o sacudiu, tentando liberá-lo, esticando o cabelo claro. -... e agora... disse que você é a razão pela qual Pandora voltou a Croy. Não tem nada com a festa. Nem com Archie. Somente você. Quer recomeçar tudo novamente. Para tê-lo de volta.

Mais um puxão e o rolo se soltou. Os olhos de Virginia estavam 367

molhados pela agonia. Edmund a olhou, sem ter como ajudar a amenizar a dor que ela se impusera.

Lembrou-se da noite em que encontrou Lottie no mercado da Sra. Ishak e de como ela

o fizera ouvi-la. Lembrou-se de como recuou com a presença desagradável, os olhos, a pele pálida, o bigode, a fúria inútil que ela incutira, quase o levando a perder a fleuma e a agredi-la fisicamente. Lembrou-se do arrepio de uma terrível apreensão.

Uma apreensão com fundamento, pois chegara àquele ponto.

- Ela está mentindo - disse friamente.

- Está, Edmund?

- Você acredita nela?

- Não sei... -Virginia...

- Oh... - num impulso de desespero, ela puxou outro rolo até libertá-lo, arremessou-o contra a sua própria figura no espelho e se virou para ele. - Eu não sei, eu

não sei. Não consigo mais raciocinar direito. E não me importo. Por que me importaria? O que me importa que você e Pandora tenham sido amantes um dia? Até onde eu

sei, está perdido nas brumas do tempo e absolutamente nada tem a ver comigo.

Somente sei que aconteceu quando você estava casado - casado com Caroline - e que tinha

uma filha, O simples fato é que isso não me faz sentir muito segura.

-Você não confia em mim?

-Algumas vezes acho até que não o conheço.

- Isso é ridículo.

- Está bem, é. Mas infelizmente nem todos conseguem ser tão frios e objetivos quanto você. E, se é ridículo, você poderá creditar à fragilidade humana, embora eu suponha que você não saiba o que isso significa.

- Começo a compreender que somente eu me conheço bem.

- Estou falando de nós, Edmund. Você e eu.

-Nesse caso, talvez seja melhor adiarmos essa conversa até que você esteja menos exausta.

- Eu não estou exausta. E não sou mais uma criança e nem a sua Pequena esposa. E

talvez seja o melhor momento para lhe dizer que eu Pretendo sair por uns dias. Irei para Long Island, para Leesport ficar com meus avós. Já conversei com Vi. Ela disse que você poderá ficar com ela. Nós fecharemos a casa.

Edmund não disse nada. Ela olhou para ele e viu a sua fisionomia impassível, sem expressão, os traços bonitos parados, os olhos profundos não deixando nada escapar.

Sem dor, sem ira. Deixou o silêncio prolongar-se, esperando que ele reagisse ao que dissera. Por um momento, ela o



imaginou deixando de lado todas as reservas, vindo para ela, tomando-a nos braços, cobrindo-a de beijos, amando-a, fazendo amor com ela...

- Quando planejou tudo isso?

As lágrimas saltaram dos seus olhos, mas ela cerrou os dentes e as secou resolutamente.

- Tenho pensado nisso há meses. Finalmente tomei a decisão após a partida de Henry.

Sem ele, não há razão para que eu não vá.

- Quando partirá?

- Reservei um lugar num voo da Pan Am que sai de Heathrow na próxima quinta-feira pela manhã.

- Quinta-feira? A menos de uma semana?

- É. - Ela se virou para o espelho, retirou o último dos rolos e, pegando a escova, começou a desfazer os cachos, soltando as mechas. Existe uma razão e é melhor que eu lhe diga agora, porque se eu não disser uma outra pessoa lhe dirá. Aconteceu um fato estranho. Você se lembra quando Isobel, no último domingo, nos disse que um americano que ninguém conhecia viria para a festa? Esse homem se chama ConradTucker e nós nos conhecemos há muitos anos em Leesport.

- O Americano Triste.

- Ele mesmo. E ele está triste. Sua esposa faleceu de leucemia, e ele ficou só, com uma filha. Veio para cá há mais ou menos um mês e voltará para os Estados Unidos na quinta-feira. - Ela colocou a escova sobre a penteadeira, afastou o cabelo do

rosto e se virou para olhá-lo.-Acho que é uma boa ideia - disse - fazermos a viagem juntos.

- Foi ideia sua ou dele?

- Isso importa?

-Não, acho que não faz nenhuma diferença. Quando planeja voltar?

- Não sei. O retorno está em aberto.

- Acho que não deve ir.

- Você fala num tom duro, Edmund. Isso é um aviso? - Você está fugindo.

- Não. Simplesmente estou usando a liberdade que me foi imposta. Sem Henry, sinto-me numa espécie de limbo, e preciso me recompor de ter sido afastada dele, e não consigo fazer isso aqui. Preciso de um tempo para me arrumar por dentro. Ser eu mesma. Você precisa tentar, pelo menos uma vez na sua vida, ver a situação do ponto de vista da outra pessoa Neste caso, o meu. E também talvez tentar me dar algum crédito por ser

honesta com você.

- Eu ficaria surpreso se você agisse diferente.

Depois disso, não havia nada mais a ser dito. Além das janelas abertas, o entardecer úmido do outono caiu definitivamente. Virgínia acendeu as luzes da penteadeira

e depois levantou-se para fechar as pesadas cortinas de chintz. Do andar inferior chegaram sons. Uma porta sendo aberta e fechada, cães latindo, vozes.

- Noel e Alexa. Eles voltaram do passeio.

- Eu vou descer. - Levantou-se, esticou os braços e engoliu um bocejo. - Preciso de um drinque. Você quer um?

- Mais tarde. Foi até a porta.

-A que horas deveremos estar em Croy?

- Oito e meia.

-Você tem tempo para tomá-lo na biblioteca antes de irmos. -A lareira está apagada.

- Eu a acendi. Ele saiu do quarto. Virgínia seguiu o ruído dos passos atravessando a passagem e descendo a escada. E depois a voz de Alexa:

- Pai.

- Olá, minha querida.

Ele deixara a porta aberta. Ela foi fechá-la e voltou para a penteadeira" pensando em fazer alguma coisa com o seu rosto. Porém, as lágrimas, controladas por tanto tempo, surgiram nos olhos, inundando-os, rolando pela face.

Ela se sentou e olhou o próprio reflexo.

O ônibus estadual, parando em cada ponto na hora determinada, rodava pela estrada rural ao anoitecer. Desde que deixara Relkirk estava cheio, com todos os lugares ocupados, e com um ou dois passageiros em Pé. Alguns passageiros retornavam para as suas casas após um dia de trabalho, outros, das compras. Muitos pareciam se conhecer,

sorrindo e conversando entre si assim que subiam no ônibus. Provavelmente viajavam juntos todos os dias. Havia um homem que levava um cão pastor. O cão se sentou entre os joelhos dele e olhava sem parar para os olhos do homem. O passageiro não teve que pagar uma passagem especial para ele.

Henry sentou-se na frente, logo atrás do motorista. Ficou imprensado contra a janela porque uma senhora gorda escolheu sentar-se junto com ele.

- Olá, querido - disse quando terminou de se aboletar no assento com as coxas enormes ocupando quase todo o espaço. Trazia duas maletas, Uma das quais colocou entre

os pés e a outra sobre o colo. Dessa emergiam folhas de aipo e um brilhante moinho de vento de celulóide cor-de-rosa. Henry concluiu que ela o levava para o neto.

370

Tinha um rosto redondo e alegre, parecido com o de Edie, e, por baixo da aba do seu chapéu, seus olhos o perscrutavam amigavelmente Mas quando ela se dirigiu a ele, preferiu não responder, simplesmente voltando para a janela a fim de olhar para fora, embora não houvesse nada a ser visto, exceto a chuva.

Usava as meias e os sapatos da escola e o casaco novo de tweed, que era muito

grande para ele, e a touca Balaclava. A touca fora uma boa ideia e ele se orgulhava da sua decisão de trazê-la. Era azul-marinho e grossa, e ele a puxara para a frente, como um terrorista, de modo que somente os olhos ficavam de fora. Era o seu disfarce, porque não queria que ninguém o reconhecesse.

O ônibus progredia lentamente, e já viajavam há quase uma hora. Mais ou menos a cada quilómetro eles paravam, em algum cruzamento ou ponto de descida, para que os passageiros pudessem saltar. Henry olhou para os lugares vazios, os passageiros reuniam suas bagagens e saltavam um por um para cobrir a pé o último pedaço de estrada

que os separava de suas casas. A senhora gorda ao seu lado descera em Kirkthomton e não teve que andar, porque seu marido a esperava com o pequeno furgão da fazenda.

Quando se levantou, despediu-se com um "até logo, querido". Henry a achou muito educada, porém, mais uma vez, não lhe deu resposta. Não era fácil dizer alguma coisa

com a touca encobrindo a boca.

Pararam mais uma vez. Agora só havia uma meia dúzia de pessoas no ônibus. O motor emitiu um lamento quando subiram a colina depois do pequeno mercado da cidade, e no alto havia muita névoa. O motorista acendeu os faróis, e as cercas de espinheiro e as faias inclinadas pelo vento competiam com eles vindas da neblina, entrelaçadas

pela umidade, com aparência fantasmagórica. Henry pensou nos dez quilómetros solitários entre Caple Bridge e Strathcroy que teria que andar; porque saltaria do ônibus

em Caple Bridge. A perspectiva o assustou um pouco, mas não muito, porque conhecia o caminho, e o pensamento passou quando chegou no ponto onde saltaria.

Em Pennyburn, Violet preparou-se para a noite difícil que teria pela frente.

Não era convidada para uma festa há mais tempo do que conseguia se lembrar, e, aos setenta e oito anos, provavelmente não seria convidada para uma outra. Por essa razão, decidiu dar o melhor de si para a ocasião. Por isso, durante a tarde dirigiu até Relkirk e entregou os cabelos aos cuidados de um profissional. Fora também a uma manicure, e a moça levara

muito tempo cuidando de suas unhas, afastando as cutículas há muito negligenciadas.

Após aquela sessão de embelezamento, fora ao banco e retirara do cofre a caixa de couro gasta pelo tempo e pelo uso, onde estava a tiara de diamantes de Lady Primrose.

Não era muito grande, e fora guardada presa por um elástico, mas ela a trouxera para casa e a limpara com uma escova de dentes velha molhada comgim puro. Era uma dica caseira que aprendera há muito tempo com a

Srta. Harris, que fora cozinheira em Croy. Funcionava muito bem, mas, mesmo assim, parecia a Violet um tremendo desperdício

da bebida.

Depois retirara do armário o seu vestido de festa, de veludo preto, com pelo menos quinze anos de existência. O babado de renda preta em torno do pescoço estava um pouco esgarçado e precisava de uns reparos, e os sapatos de cetim preto com fivelas de stross, a um exame mais atento, revelaram alguns fiapos na parte da frente.

Ela pegou uma tesoura e os cortou.

Quando tudo ficou pronto, ela se permitiu relaxar. Teria que estar em Croy somente às oito e meia. Era o momento de tomar uma dose restauradora de uísque com soda e sentar-se ao lado do fogo para assistir ao noticiário na televisão e ao Wogan.

Ela gostava de Wogan. Gostava do seu charme irlandês, dos seus elogios. Naquela tarde ele entrevistava um jovem artista pop que, por alguma razão, se envolvera na preservação das cercas vivas do campo. O programa de Wogan terminou e começou um outro, de perguntas. Quatro pessoas tentavam acertar o valor de peças de antiguidade. Violet resolveu participar por conta própria e descobriu que as suas avaliações

eram bem mais precisas do que as dos participantes. Começava a se divertir quando o telefone tocou.

Que aborrecimento. Por que o infeliz sempre tocava no momento menos oportuno? Tirou

os óculos, levantou-se da poltrona. desligou a televisão e levantou o fone.

- AlÔ.

- Sra. Aird?

-Sim.

- Aqui fala o Dr. Martin. Do Relkirk Royal.

- Pois não.

- Sra. Aird, acho que temos um pequeno problema. A Srta. Carstairs desapareceu.

-Como desapareceu?- As palavras soaram como uma conjuração 372

pavorosa, despertando cenas de explosão, fumaça e Lottie sumindo. - Como ela desapareceu?

- Ela saiu. Saiu para passear no jardim com uma outra paciente e não voltou.

- Isso é terrível.

-Pensamos que ela simplesmente tivesse atravessado os portões. Já chamamos a polícia, naturalmente, e acredito que ela não deva estar longe. Provavelmente voltará

por vontade própria. Tem estado feliz, respondendo ao tratamento e sem causar nenhum problema. Não há razão para que não retorne. Mas tenho que informá-la do acontecimento...

Violet achou que ele estava sendo muito ineficaz.

- O senhor deveria ter tomado mais cuidado com ela.

-Sra. Aird, estamos com muitos pacientes e um quadro reduzido de funcionários. Sob essas circunstâncias, fazemos o melhor que podemos, mas os pacientes do ambulatório que consideramos aptos até certo ponto a se cuidarem, sempre receberam um pouco de liberdade.

- O que devemos fazer agora?

-Não há nada a ser feito. Como disse, achei que deveria saber o que aconteceu.

-O senhor comunicou-se com a Srta. Findhorn, que é a parenta mais próxima?

-Ainda não. Achei que deveria falar primeiro com a senhora.

- Nesse caso, eu comunicarei à Srta. Findhorn.

- Eu ficaria agradecido.

-Dr. Martin...-Violet hesitou.-O senhor acha que Lottie Carstairs tentaria vir para Strathcroy?

- É possível.

- Iria para a casa da Srta. Findhorn? -Possivelmente.

- Serei honesta com o senhor. Não gosto dessa perspectiva. Receio pela Srta.

Findhorn...

-Acredito que os seus receios não têm fundamento.

- Gostaria - Violet acrescentou com certa aspereza - de ter essa certeza, mas, em todo caso, obrigada por ter telefonado, Dr. Martin.

- Se tiver alguma novidade, eu telefonarei novamente.

- Eu não estarei em casa, mas poderá falar comigo em Croy. Estarei jantando com Lady Balmerino.

- Eu a chamarei lá. Obrigado. Até logo, Sra. Aird. Sinto muito tê-la incomodado.

- Sim, o senhor me incomodou bastante. Até logo.

Estava muito mais do que aborrecida. Toda a paz da sua mente fora. Estava não somente aborrecida como temerosa. O mesmo pânico sem 373

razão que experimentara junto ao rio com Lottie naquele dia em Relkirk, com os dedos dela crivados em torno do seu pulso. Na ocasião sentira-se tentada a levantar e correr. Agora, a sensação era a mesma, com o coração batendo forte no peito. Era o medo do desconhecido, do inimaginável, do perigo escondido.

Após analisar, compreendeu que o medo não era por si mesma, mas por Edie. A imaginação correu solta. Uma batida na porta do chalé de Edie, Edie levantando-se para

atender, e Lottie, com as mãos torcidas como garras, fechando-se sobre ela...

Era melhor não pensar. Na tela da televisão uma mulher, que recebera um urinol florido de presente, abriu-se num riso silente, embaraçado, a boca aberta, a mão sobre

os olhos. Violet desligou o aparelho e pegou o fone. Discou para Balnaid. Edmund devia ter chegado de Nova York. Saberia exatamente o que fazer.

Ouviu o ruído do telefone tocando. Continuou a tocar. Aguardou, ficou impaciente.

Porque ninguém o atendia? O que estavam fazendo todos eles?

Finalmente, exasperada e agora num estado de agitação nervosa, desligou o fone, pegou-o novamente e discou para Edie.

Edie também estava assistindo à televisão. Um belo programa escocês, uma música típica, um cómico, contando histórias. Colocara uma bandeja com um prato de sopa, um outro com coxas de frango, batatas e puré de ervilhas. Como sobremesa havia um último pedaço de torta de maçãs na geladeira. Decidira jantar mais tarde naquela noite. Uma das boas coisas de morar só era poder comer na hora que quisesse, sem Lottie atrás, perguntando quando seria a próxima refeição. Havia outras coisas boas.

O silêncio era uma delas. E poder ter uma boa noite de sono em sua própria cama em vez de no sofá-cama. Uma boa noite de sono era capaz de restaurar a energia e trazer o bom humor. Ainda se sentia culpada por Lottie, pelo seu

retorno ao hospital, mas não havia dúvidas de que a vida era bem melhor sem ela.

O telefone tocou. Colocou a bandeja de lado e foi atender. -Alo!

- Edie. Ela sorriu.

- Olá, Sra. Aird.

- Edie ... - Havia algo errado. Edie podia sentir de imediato pelo jeito que a Sra.

Aird dissera o seu nome. - Edie, acabei de falar com o Dr. do hospital. Lottie desapareceu. Ela saiu, e eles não sabem para Onde ela foi.

Edie sentiu o coração dar um salto. Após um momento, conseguiu murmurar: 374

- Oh, meu Deus. - Foi tudo o que pôde dizer.

- Eles já notificaram a polícia e têm certeza de que ela não foi para longe, mas o Dr. Martin concordou comigo que há uma forte possibilidade de que ela volte para Strathcroy.

-Ela tem algum dinheiro com ela?-perguntou Edie, sempre prática.

- Não sei. Nem pensei nisso. Mas tenho certeza de que ela não irá longe sem a sua bolsa.

-Não. Isso é verdade.-Lottie tinha paixão pela bolsa e a mantinha ao seu lado até quando se sentava diante da lareira. - Pobre criatura. Alguma coisa deve tê-la assustado.

- Talvez. Edie, estou preocupada com você. Se ela vier para Strathcroy, não quero que fique sozinha em casa.

-Mas tenho que ficar aqui. Se ela vier, tenho que estar para recebê-la.

- Não, Edie. Ouça. Ouça com atenção. Você tem que compreender. Não sabemos o que se passa na mente de Lottie. Pode pensar que você a abandonou. Que lhe fez algum mal, que a rejeitou. Se estiver tendo um dos seus ataques, provavelmente você não conseguirá lidar com ela.

- E qual o mal que poderá me fazer?

-Não sei. Só sei que deve sair de casa... venha passar a noite comigo, ou vá para Balnaid até que ela seja localizada e volte em segurança para o hospital.

- Mas...

O protesto foi subjugado.

- Não, Edie. Não aceitarei um não, pois, do contrário, não ficarei sossegada.

Apanhe uma camisola e vá para Balnaid. Ou venha para cá. Você decide. E, se não concordar,

serei forçada a pegar o carro para ir buscá-la eu mesma. E como tenho que estar em Croy às oito e meia e ainda não tomei banho e nem me vesti, isso será extremamente inconveniente para mim. Decida-se.

Edie hesitou. A última coisa que desejava era ser inconveniente. Além disso, conhecia bem Violet. Quando decidia alguma coisa, nada a fazia mudar de ideia. E...

-Eu devo ficar aqui, Sra. Aird. Sou a parenta mais próxima dela. Está sob a minha responsabilidade.

- Você também é responsável por você. E, se for ameaçada, ou perseguida, ou ferida, eu nunca me perdoarei.

- E o que acontecerá se ela chegar e encontrar a casa fechada?

- A polícia foi alertada. Estou certa de que haverá um carro deles próximo. Não será difícil para eles a apanharem. .

Edie não encontrou outros argumentos. Fora vencida, o destino selado. Suspirou e respondeu meio atravessada:



- Oh, muito bem. Mas, na minha opinião, a senhora está fazendo tempestade num copo d'água.

- Talvez. Eu até espero que sim.

- Em Balnaid sabem que eu estou indo para lá?

-Não. Não consegui falar com eles. Acho que o telefone deve estar com defeito.

-Já comunicou à Companhia?

-Ainda não. Telefonei logo para você.

- Bem. Eu chamarei a Companhia e lhes direi que o número não está atendendo. Eles devem estar em casa. Arrumando-se para a festa.

- Sim, Edie. Chame a Companhia Telefónica. E, depois disso, prometa-me que irá para Balnaid. O seu quarto lá está sempre pronto, e Virgínia compreenderá. Explique a ela o que aconteceu. Se houver alguma inconveniência, coloque a culpa em mim.

Sinto muito, Edie, não queria ser tão mandona. Mas eu realmente não teria sossego sabendo que você estaria aí sozinha.

- A mim me parece que a senhora está vendo perigo onde não há nada demais, mas uma noite em Balnaid não me fará nenhum mal.

- Obrigada, querida. Boa-noite.

- Divirta-se na festa.

Edie desligou. Antes que esquecesse, pegou novamente o fone e discou para comunicar a linha defeituosa. Foi atendida por um homem muito prestativo

que disse que investigaria o problema e telefonaria dando notícias.

Lottie fugira. O que aconteceria agora? Era terrível pensar em Lottie vagando entregue a si própria, talvez perdida e com medo. O que pensaria? Por que não ficou onde estava, cuidada por pessoas especializadas? Qual a ideia que se imiscuíra em sua mente?

Edie precisava ir para Balnaid, mas não imediatamente. A bandeja estava à sua espera com os restos frios da sopa. Ela terminaria a refeição, lavaria os pratos, daria

um jeito na cozinha e colocaria uma garrafa de coca-cola na geladeira. Depois, pegaria uma camisola, a bolsa de imitação de couro e sairia.

Suspirou exasperada. Lottie era realmente um incómodo, sem dúvida. Perturbava a vida de todos. Ela se sentou mais uma vez para comer, mas a galinha esfriara e perdera

o sabor. Até o programa escocês perdera a atração.

O telefone tocou outra vez. Mais uma vez, colocou a bandeja de lado e foi atendê-

lo. O homem da seção de consertos disse que o número de Balnaid estava com defeito, e um engenheiro iria vê-lo amanhã pela manhã.

Edie agradeceu. Não havia mais nada que pudesse ser feito. Ela pegou a bandeja e levou-a para a cozinha. Limpou os restos que estavam no prato e


na lata de lixo, lavou as poucas peças sujas e colocou-as no escorredor. Durante todo o tempo pensava aonde a sua prima meio louca poderia ter ido.

Archie Balmerino tomou banho, fez a barba, arrumou-se para o jantar e recebeu um beijo de aprovação da esposa. Deixou Isobel sentada diante da penteadeira, tentando resolver um problema de maquilagem nos cílios e saiu pela porta do quarto.

Por um momento parou, esperando outros sinais de atividade, mas só havia ele ali.

Então, começou a descer a escada, um degrau de cada vez, com a mão segurando o corrimão. Durante o dia todo os moradores de Croy tinham estado ocupados em inúmeros trabalhos e tarefas. Havia muitos detalhes, todos importantes. Agora a casa

estava pronta, arrumada para a festa, um palco pronto para entrar em ação, esperando que a cortina fosse levantada para permitir a entrada dramática dos personagens.

Ele foi o primeiro. No final da escada parou para admirar com satisfação o cenário à sua frente. O grande saguão de entrada, limpo, arrumado, sem os sinais do seu dia-a-dia normal, era impressionante e receptivo. A lareira imensa, com a grade esculpida e as toras já acesas. A mesa de jantar no centro do tapete turco refletia em sua superfície polida o belo arranjo de crisântemos brancos e botões de rosas vermelhas que Isobel arrumara em algum momento essa tarde.

Croy engalanara-se para a festa. Havia uma excitação no ar, uma promessa de momentos agradáveis, de prazer. Por uma vez a austeridade e a economia necessárias deram

lugar a gastos não previstos, e a velha casa revelara-se na indulgência de uma rara extravagância.

Ele pensou nas outras noites. Nos seus vinte e um anos, na noite em que ele e Isobel haviam celebrado o seu casamento. Aniversários, natais, caçadas, as bodas de prata de seus pais...

Então, com um estremecimento, afastou as recordações. A nostalgia era a sua grande fraqueza. As pessoas podiam olhar para trás, mas isso era uma tarefa de pessoas idosas, e ele ainda não era um velho. Não tinha nem cinquenta anos. Croy era e não era dele. Chegara até ele, vinda do seu Pai e do seu avô, e deveria ser passada para Hamish. A força de uma corrente era a força do seu elo mais fraco.

Ele mesmo. Os horrores da guerra da Irlanda do Norte permaneceriam com ele até o dia da sua morte, mas os fantasmas e os pesadelos tinham sido colocados de lado e, uma vez afastados, não havia mais desculpas para serem usados. Chegara o tempo de parar com os vacilos e de comeÇar



a construir alguns planos práticos para a sua herança, para a sua família e para o futuro. Ele permanecera parado por muitos anos, e não havia mais tempo a ser perdido.

Não sabia bem o que faria, só que faria alguma coisa. Pediria dinheiro emprestado para estabelecer a fábrica que Pandora dissera ser uma ideia brilhante. Ou plantaria

frutas, framboesas e morangos, em escala comercial. Ou um ponto de pesca. Havia oportunidades e possibilidades à volta. Tudo o que tinha a fazer era decidir-se e meter mãos à obra.

Realizar. A palavra era um estímulo. Sentiu um pouco da sua antiga confiança da juventude. Sabia que o pior passara e que nada poderia ser tão ruim novamente.

Recomeçou a andar e entrou na sala. Ele e Pandora tinham arrumado a mesa juntos, como sempre fora para as ocasiões importantes, quando Harry estava no comando e ensinara aos jovens Blairs o procedimento correto e tradicional. Tinham levado quase toda a tarde, com Archie polindo os finos copos de vinho e Pandora dobrando os guardanapos como mitras, todos bordados com uma pequena coroa e a letra B.

Observava agora, com um olhar crítico, o trabalho deles. O efeito era esplêndido.

Os quatro candelabros de prata pesados no centro da mesa, e a luz do fogo brilhante e cintilando nas pratas e nos copos de cristal, pois aqui também a lareira estava acesa, e Jeff Howland recebera a incumbência de manter o suprimento de toras. O

aroma do pinheiro seco estalando era forte e aconchegante. Archie andou pela sala, conferindo tudo, endireitando um garfo, alterando um pouco a posição de um saleiro.

Quando se deu por satisfeito, foi para a cozinha.

Lá encontrou Agnes Cooper, vinda da aldeia para ajudar. Em geral Agnes trabalhava com roupas comuns de trabalho, porém, esta noite, ela colocara por baixo do avental seu melhor vestido de sair e arrumara o cabelo.

Estava na pia, lavando uma panela de cabo, mas se virou logo que ele entrou.

- Agnes, está tudo sob controle?

- Tudo, Lorde Balmerino. Tenho só que tomar conta da cassarola e colocar os pequenos pedaços de truta defumada quando Lady Balmerino disser.

- Foi muita gentileza sua vir nos ajudar.

-Estou aqui para isso. - Ela o olhou com admiração.-Espero que não se incomode que eu diga, mas o senhor está fantástico.

- Oh, muito obrigado, Agnes. - Sentiu-se um pouco constrangido, e, Para disfarçar, ofereceu-lhe um drinque. - Tomaria um cálice de sherry ?

Agnes admirou-se.

- Sim, seria muito bom.



Ela pegou a toalha para enxugar as mãos. Archie segurou um cálice e a garrafa de Harvey's Bristol Cream. Colocou uma dose generosa. -Aqui a tem...

- Obrigada, Lorde Balmerino... - Levantou o cálice num voto dizendo: - Que sejam momentos felizes. - Então tomou um pequeno gole, unindo os lábios,

apreciando o sabor. - Adorável. Como costumo dizer, dá uma sensação de calor.

Ele a deixou e voltou, atravessando a sala de jantar e o vestíbulo e entrou na sala de visitas. Outra lareira acesa, mais flores, luzes, mas nenhum convidado. Ainda não chegara o momento. A bandeja com os copos estava arrumada sobre o piano.

Considerou a situação. Tomaria champanha durante a noite, mas agora precisava de um scotch. Serviu uma dose, depois outra e, carregando os dois copos com cuidado, subiu dolorosamente a escada.

No saguão superior encontrou a filha que, por alguma razão, estava só com as roupas íntimas.

- Lucilla! - gritou em reprovação.

Mas ela se preocupou mais com a aparência dele do que com a própria.

- Meu Deus, pai, você está esplêndido. Realmente romântico e fantástico. Lorde Balmerino em forma total. São as calças novas? São divinas. E o paletó de veludo de vovô. Perfeito.-Rodeou-o com os braços desnudos e deu-lhe um beijo na face bem barbeada.-O perfume também está ótimo. A face está macia, bem escanhoada. - Para quem

são os drinques?

- Pensei que seria melhor eu me certificar de que Pandora está acordada. Por que não está vestida?

- Estava indo pedir uma anágua emprestada à mamãe. Meu vestido novo é de uma fazenda bem fina.

- É melhor se apressar. São oito e vinte e cinco.

-Estou quase pronta.-Entrou pela porta aberta no quarto dos pais.

Mãe, tenho que colocar uma anágua...

Archie atravessou o saguão e foi até a entrada do quarto de hóspedes. Ouviu uma música abafada, o que significava que Pandora ligara o rádio, mas não necessariamente

que estava acordada. Pegou os dois copos numa das mãos, deu uma batida leve na porta e a abriu.

- Pandora?

Ela não estava deitada, mas recostada na cama, envolta num roupão de renda e seda.

Havia roupas espalhadas por todo o quarto, e no ar um perfume estranho que se tornara parte da presença dela.

- Pandora.



Ela abriu os belos olhos cinza. Já se maquilara, e os cílios grossos estavam pesados. Olhou para ele, sorriu e disse:

- Não estou dormindo.

- Eu lhe trouxe um drinque. Ele avançou para se sentar na borda da cama e colocar o copo na

mesinha ao lado, junto do abajur. O rádio tocava baixo, um programa de música para dançar, e parecia vir de um ponto indistinto.

- Quanta gentileza.

- Já é hora de descermos. - O cabelo brilhante de Pandora se espalhara sobre a fronha, como se tivesse vida própria. Deitada, ela parecia tão magra, tão insubstancial,

sem peso, que ele ficou preocupado.-Está cansada?

- Não, só com um pouco de preguiça. Onde estão todos?

-Isobel está lutando com a maquilagem, e Lucilla, vestida somente com a roupa de baixo, foi pedir à mãe uma anágua emprestada. Até agora, nenhum sinal dos homens.

- O momento antes da festa é sempre especial, não é mesmo? Um momento de parar e ouvir músicas nostálgicas. Você se lembra desta? É tão bonita. Um pouco triste.

Não consigo me lembrar da letra.

Ouviram juntos. O saxofone estava magistral. Archie franziu o cenho, tentando captar o lirismo. A música o transportou para vinte anos atrás, a Berlim, ao baile do regimento. Berlim era a chave.

-Algo sobre um longo tempo, entre maio e dezembro.

- Sim, Kurt Weill, naturalmente. Porém, os dias ficam mais curtos quando setembro chega. E, então, as folhas do outono, os dias correndo, sem tempo para o jogo da espera. Terrivelmente doloroso.

Ela se sentou, socando os travesseiros. Apanhou o copo, e ele viu o seu pulso fino, a mão fina e pálida, com os riscos azuis das veias, parecendo quase transparente.

- Está quase pronta?

- Quase. Tenho só que vestir o vestido e fechar o zíper. - Encheu a boca com o uísque.-Delicioso. Isto me fará andar mais rápido.-Sobre a borda do copo seus olhos pareciam enormes.-Está maravilhoso, Archie. Tão elegante como sempre foi.

- Agnes disse que eu estou fantástico!

-Já foi cumprimentado. Querido, eu não estou dormindo. Somente Pensava um pouco sobre ontem. Foi tudo tão perfeito. Como sempre foi. Nós dois.Sentados no toco da árvore, conversando. Até sem falar. Talvez eu fale demais, mas vinte anos é muito tempo. Você se aborreceu?

- Não. Você me fez rir. Sempre me faz rir.

- E o sol e o céu azul, os galhos da urze cantando, as espingardas esPocando, e as pobres tetrazes cruzando o espaço. E os belos cães.

380

Tivemos sorte por ter um dia como esse. É como receber um presente deslumbrante.

- Eu sei.

- É bom pensar que dias assim estão de volta. Que não se foram para sempre.

- Precisamos mudar. Acabar com esse péssimo hábito de família de viver no passado.

- Foi um passado muito bom, é difícil sair dele. Além disso, o que temos mais para pensar a respeito?

- No agora. O passado está morto, e o futuro ainda não nasceu. Temos somente o hoje.

- É.

Ela tomou um outro gole. Depois ficaram em silêncio. Além da porta fechada vieram sons. Uma porta sendo aberta e depois fechada. A voz de Lucilla.

-Conrad. Como você está bonito. Não sei onde papai está, mas pode descer. Estaremos com você em um minuto...

-Espero-disse Archie-que ela esteja usando a anágua de Isobel.

- Conrad é tão educado que, se Lucilla estiver sem roupa, ele não olhará para ela.

É um homem muito gentil. Teria sido horrível para todos nós se ele fosse desagradável.

- Você deverá dançar com ele.

- Eu dançarei com ele pela sala ao som do Dashing White Sergeant e o apresentarei a todos que acenarem enquanto estivermos girando. É o único ponto desta noite que me deixa um pouco infeliz. Você não poderá dançar.

- Não se preocupe com isso. com o passar dos anos eu me aperfeiçoei na arte de agitar as conversas...

Foram interrompidos por Lucilla, que abriu a porta e colocou a cabeça para dentro do quarto.

- Sinto muito incomodá-los, mas temos uma crise. Papai, Jeff não consegue atar a gravata-borboleta de Edmund. Ele só usou uma gravata dessas uma vez na vida, e ela era presa por um elástico. Tentei ajudar, mas fui um fracasso total. Pode vir ajudar?

- Claro que sim.

O dever chamava. Ele era necessário. Os momentos tranquilos haviam terminado. Deu um beijo em Pandora. - Eu a encontro daqui a pouco. Levantou-se e seguiu Lucilla.

Pandora, ao se ver a sós, terminou lentamente

o uísque.

Esses dias maravilhosos que eu passarei com você. A música terminara.



Violet, com o sangue escocês das Terras Altas correndo em suas veias, sempre assegurara que não era supersticiosa. Passava debaixo de escadas, não tinha medo da sexta-feira treze, e nunca batia três vezes na madeira para isolar o mau-olhado. Se havia algum tipo de presságio, em geral dizia a si mesma que seria para o melhor, e buscava notícias boas. Era grata por não ter sido abençoada - ou amaldiçoada -

pelo dom da previsão. Era melhor não saber o que o futuro reservara.

Após ter falado com Edie e obtido dela a promessa de sair de casa, esperou que as suas ansiedades se resolvessem e que a cabeça pudesse relaxar. Mas isso não aconteceu,

e ela retornou para a poltrona ao lado da lareira num estado de apreensão grave. O

que havia de errado? Por que se sentia assaltada por medos obscuros, sem nome?

Enrolada em sua camisola, ela chegou para a frente e olhou as chamas, buscando a raiz daquele calafrio repentino, do nó que, como um peso, se abatera sobre ela.

Ouvir que Lottie estava solta, vagando, sabe Deus por onde, fora péssimo, porém, ridiculamente, o fato de não ter conseguido falar com Balnaid e com Edmund a perturbara

ainda mais. Não era somente a frustração de não se ter comunicado. com frequência, durante as nevascas de inverno, Violet ficava isolada em Pennyburn por um dia ou mais, e aquilo não a incomodava. Mas a interrupção ocorrera no momento mais impróprio. Como se houvesse uma força malévola e incontrolável trabalhando contra.

Não era supersticiosa. Mas os infortúnios geralmente acontecem em número de três.

Primeiro, Lottie, depois o telefone com defeito. Qual seria o próximo?

Deixou a imaginação mover-se à frente, na noite que começava, e sabia que havia um campo minado de desastre em potencial. Pela primeira vez os jogadores do drama que começara a ferver na última semana estariam todos juntos, reunidos em torno da mesa de jantar em Croy. Edmund, Virgínia, Pandora, Conrad, Alexa e Noel. Todos, cada um à sua maneira, confusos e cansados, buscando alguma felicidade ilusória, como se ela pudesse ser encontrada num pote de ouro no final do arco-íris. Em seus esforços, haviam desenterrado um lote de emoções destrutivas. Ressentimento, desconfiança, egoísmo, ira e deslealdade. Também adultério. Parecia que somente Alexa

permanecera imaculada. Para Alexa havia somente a dor do amor.

Uma tora totalmente consumida desmanchou-se com um som fino no leito das cinzas. Uma interrupção. Violet consultou o relógio e ficou 382

horrorizada ao ver que se deixara tomar pelas preocupações por muito tempo. Já eram oito e quinze. Chegaria atrasada em Croy. Sob circunstâncias normais, isto a teria aborrecido, pois era extremamente pontual, mas , àquela noite, com tantos pensamentos na cabeça, não se importou muito , Não sentiriam a sua ausência por quinze

minutos de atraso, e Isobel não os conduziria para a mesa antes das nove horas.

Compreendeu também que a última coisa que queria fazer era sair.

Sorrir, conversar, ocultar as suas apreensões. Não queria deixar o refúgio, o calor da lareira. Alguma coisa, em algum lugar, estaria espreitando, e o seu frágil instinto lhe dizia para ficar em casa, em segurança, ao lado do telefone, esperando.

Mas ela não era supersticiosa.

Reuniu as forças e levantou-se da poltrona, colocou a grade de segurança no fogo que se apagava e subiu. Rapidamente banhou-se e se vestiu para a festa. Roupas íntimas

de seda e meias de seda preta, o venerável vestido de veludo preto e os sapatos de cetim. Penteou os cabelos e pegou a tiara de diamantes para prendê-la, fixando a alça de elástico na nuca. Colocou um pouco de pó sobre o nariz, encontrou um lenço de renda e perfumou-se com uma colónia. Afastando-se do espelho, mirou-se com um olhar crítico para avaliar o efeito. Deparou-se com uma viúva alta e corpulenta para quem a palavra "digna"era a melhor das descrições.

Alta e corpulenta. E velha. De repente sentiu-se cansada. O cansaço faz coisas engraçadas com a nossa imaginação, e num plano mais atrás no

espelho, por trás do próprio reflexo, a imagem nebulosa de outra mulher.

Não era bonita, porém mais magra, com cabelos castanhos e cheia de energia pela vida. Ela mesma, num vestido de festa de cetim vermelho que fora o seu favorito. E ao lado dessa outra mulher estava Geordie. Por um instante a imagem se manteve tão real que a poderia tocar. Depois desvaneceu-se e sumiu. Fora deixada a sós. Há anos não se sentia tão sozinha. Mas não havia tempo para perder em autocompaixão. Os outros a aguardavam, como sempre, precisando da sua companhia, da sua atenção. Afastou-se do espelho, pegou o casaco de pele e vestiu-o. Apanhou a bolsa de festa e apagou as luzes. Já embaixo, saiu pela porta da cozinha, trancando-a em seguida. A noite estava escura e úmida, e caía uma garoa. Foi até a garagem e entrou no carro. Todos haviam se oferecido para apanhá-la, mas ela preferira ir no seu carro até Croy, e após o jantar iria para Corriehill. Dessa forma ficaria totalmente independente e poderia voltar para casa quando quisesse.

Você sempre deve deixar uma festa no momento em que mais estiver se divertindo. Era uma das máximas de Geordie. Pensando nele, ouviu a sua voz em sua mente, tão querida, o que trouxe um certo conforto. Nessas ocasiões ela nunca o sentia tão distante. Como ele estaria feliz ao seu lado,



agora, aos setenta e oito anos, toda enfeitada de veludo e diamantes, e um casaco de pele, dirigindo o seu carro para ir... que surpresa... a uma festa.

Ao subir a colina, com a atenção voltada para a estrada iluminada pelos faróis, ela fez uma promessa a Geordie.

Sei que esta é uma situação ridícula, meu amor, mas é a última vez. Depois desta noite, se alguém for suficientemente gentil para me tirar para dançar, eu direi não. E a minha desculpa será que eu realmente estou muito velha.

Henry andava. A noite já caíra, e uma chuva fina molhava o seu rosto.

O rio Croy fizera-lhe companhia, correndo ao longo da estrada. Não o podia ver, mas ouvia durante todo o tempo a presença da água em movimento, o

som murmurado quando a água batia nos lugares mais rasos e descia numa série de pequenas piscinas e quedas d'água. Era reconfortante saber que o Croy estava ali. Os outros ruídos que lhe chegavam eram todos familiares, porém, estranhamente, aumentavam a sua própria solidão. O vento, vergando os galhos das árvores,

o chamado solitário do maçarico. Seus passos soavam fortes. Algumas vezes imaginava que ouvia outros passos, atrás dele, mas provavelmente eram o eco dos seus próprios.

Qualquer outra alternativa seria muito aterradora para ser cogitada.

Somente três carros tinham passado por ele à medida que se aproximava do vale. Em cada vez, consciente da aproximação deles por causa dos faróis, ele se afastara da estrada e entrara na vala lateral, esperando que passassem com os pneus cantando sobre o pavimento. Não queria ser visto e nem que lhe oferecessem uma carona.

Aceitar carona de desconhecidos era não somente muito perigoso como totalmente proibido, e naquela altura da sua viagem Henry não queria correr o risco de ser levado

para algum lugar que não quisesse ou ser morto.

Contudo, quando estava a menos de um quilómetro de distância de Strathcroy e já podia ver as luzes da aldeia brilhando como estrelas de boas-vindas em meio à neblina,

ele pegou uma carona. Um caminhão de cabine dupla de transporte de carneiros surgiu pesado por trás dele na estrada e Henry não conseguiu pular a tempo para a vala antes de ser visto. a esteira dos faróis. Quando passou por Henry, o caminhão estava diminuindo a velocidade. Deu uma pequena parada, e o motorista abriu a Porta da cabine e esperou que Henry se aproximasse para o pegar. Olhou Para ele com os olhos meio fechados através da escuridão e deparou-se com o rosto de Henry encoberto

pela touca Balaclava encarando-o.

-Olá, filho.-Era um homem grande e forte com um boné de tweed.

384

Um tipo familiar, não um estranho. Além disso, as pernas de Henry começavam a ficar cambaleantes, como um espaguete cozido, e ele não tinha mais certeza de conseguir andar o último pedaço de estrada até Strathcroy.

- Olá.

- Para onde vai?

- Strathcroy.

- Perdeu o ônibus? Parecia uma boa desculpa.

- Sim - mentiu Henry.

- Quer uma carona?

- Quero, sim.

- Então, suba.

O homem abaixou a sua mão calosa. Henry lhe deu a sua e foi içado como se não pesasse mais do que uma mosca até o joelho do homem, e depois até o outro assento.

A cabine era quente, confortável e muito suja. Estava abafada e recendia a cigarros velhos e a carneiro, e havia papéis de bala e fósforos queimados espalhados pelo chão, mas Henry não se importou porque era bom estar ali, com outra pessoa por companhia, como também saber que não precisaria mais continuar a andar.

O motorista bateu a porta com força, engatou a marcha, e eles partiram.

- De onde está vindo?

- Caple Bridge.

- É uma longa caminhada para uma noite chuvosa.

- É sim.

- Você mora em Strathcroy?

- vou visitar uma pessoa. - Antes que lhe fosse feita uma outra pergunta, Henry decidiu fazer uma.

- De onde você está vindo?

- Do mercado, em Relkirk.

- Está levando um lote de carneiros?

- Estou.

- São seus?

- Não, eu não tenho carneiros. Sou somente um motorista.

- Onde você mora?

- Em Inverness.

- Pretende chegar ainda hoje lá?

- Oh, sim.

- Falta muito.

- Pode ser, mas gosto de dormir na minha própria cama.

Os limpadores de pára-brisas iam de um lado para o outro. AtraVés 385

do vidro limpo Henry viu as luzes de Strathcroy se aproximando. Eles passaram por uma placa que dizia: sessenta quilómetros por hora e depois pelo Memorial da Guerra.

Fizeram a última curva da estrada, e logo a comprida rua principal da aldeia estendeu-se diante deles na escuridão.

- Onde quer que o deixe?

- Aqui mesmo está bom. Muito obrigado.

Mais uma vez o caminhão de carga deu uma parada.

- Está tudo bem com você agora? - O homem inclinou-se sobre Henry para abrir a porta.

-Claro que está. Mais uma vez muito obrigado. Você foi bom comigo.

- Cuide-se bem, então.

- Eu cuidarei. - Ele pulou para a estrada. - Adeus.

- Adeus, filho.

Ele bateu a porta, e o pesado caminhão continuou o seu caminho. Henry ficou parado vendo-o afastar-se, as luzes traseiras vermelhas parecendo um olho amigo. O barulho do motor sumiu na escuridão, e depois disso, tudo ficou em silêncio.

Henry recomeçou a andar, pelo meio da rua deserta. Sentia-se extremamente cansado, mas isso não importava, porque estava quase chegando. Sabia exatamente para onde

ia e o que faria, porque elaborara seus planos secretos com muito cuidado.

Ponderara sobre todas as eventualidades e não deixara nada ao acaso. Não iria para Balnaid,

nem para Pennyburn, mas para a casa de Edie. Não ia para Balnaid porque não haveria ninguém lá. A mãe, o pai, Alexa e o amigo dela estariam todos em Croy, jantando com os Balmerinos antes de ir para a festa dos Steyntons. E não ia para Pennyburn, porque Vi também estaria em Croy. E mesmo que

todos estivessem em casa, ainda assim teria preferido a casa de Edie, porque ela sempre estava em casa.

E sem Lottie. A horrível Lottie voltara para o hospital. A notícia lhe fora trazida pelo Sr. Henderson, e o alívio ao saber que Edie estava novamente em segurança enchera Henry de coragem e finalmente precipitara o seu voo ilegal. A grande diferença era que sabia de um lugar seguro Para onde ir. Edie o abraçaria, não faria

perguntas e prepararia um chocolate quente. Edie o ouviria. E o compreenderia.

Ficaria do lado dele. E com ela do seu lado, certamente todos ouviriam o que ela teria

a dizer e não ficariam zangados com ele.

As luzes ainda estavam acesas no mercado da Sra. Ishak, e ele se manteve na outra calçada, de modo que, se por acaso ela olhasse pela Janela, não o veria passar.

O resto da rua estava às escuras, iluminado somente pela claridade vinda das janelas encortinadas das casas que a Margeavam. Por trás dessas cortinas Henry podia

ouvir as vozes abafadas



das pessoas ou a música que vinha da televisão ligada. Edie estaria sentada em sua poltrona, assistindo à televisão e fazendo o seu tricô.

Foi até o chalé coberto de palha, agachado para não ser visto pelos vizinhos. A janela da sala estava às escuras, o que significava que ela não estava assistindo à televisão, mas do quarto vinha uma réstia de luz. Parecia que ela esquecera de puxar as cortinas.

Havia outras cortinas, de renda, para o lado mais íntimo, e era perfeitamente possível ver através delas. Henry aproximou-se da janela e olhou para

dentro, colocando

uma das mãos de cada lado do rosto, como vira os adultos fazerem. As cortinas de renda velavam um pouco o interior do cómodo, mas viu Edie de imediato. Estava parada

ao lado do guarda-roupa, de costas para ele. Usava o novo cardigã lilás e parecia empoar o rosto. Talvez fosse sair. Usava o cardigã novo.

Fechou o punho e bateu-o contra o vidro para chamar-lhe a atenção. Ela se virou e veio até ele. A luz num plano superior lançava uma sombra sobre o seu rosto, e o coração de Henry saltou num espasmo de horror porque uma coisa pavorosa acontecera com ela. O seu rosto estava diferente, os olhos eram escuros e a boca vermelha

de batom, espalhado como se fosse sangue. O cabelo era outro, as faces pálidas como papel...

Era Lottie.

Aqueles olhos hipnotizantes. Uma contração mais forte do que o medo lançou-o fora da janela. Caiu de costas na rua, fora do facho de luz amarelada sobre a calçada molhada. Os membros exaustos do seu corpo tremiam, e o coração batia contra o peito, como se quisesse pular para fora. Petrificado pelo terror, pensou que não seria

capaz de se mover. O terror era por ele, mas principalmente por Edie.

Lottie fizera alguma coisa a ela. Seu pior pesadelo transformara-se em verdade, acontecera. De alguma forma, Lottie voltara arrastando-se para Strathcroy e caíra sobre Edie quando ela não estava vendo. Edie estava em algum lugar do chalé. Talvez no chão da cozinha, com um cutelo de açougueiro enterrado na nuca e o sangue espalhado à sua volta.

Abriu a boca para gritar por socorro, mas o único som que conseguiu produzir foi um fraco assovio.

E agora Lottie estava ali, na janela, afastando a cortina de renda para olhar para a rua, sua face horrível espremida contra o vidro. Num momento chegaria até a porta e cairia sobre ele.

Forçou as pernas para que se movessem, virou-se para a estrada e começou a correr.

Era como correr num sonho pegajoso, pavoroso, maS sabia que dessa vez não acordaria.

Os ouvidos captavam o ruído dos próprios passos e o resfolegar da respiração.

Sentia dificuldade parA respirar. Arrancou a touca Balaclava da cabeça, e o ar frio bateu em cheio em sua cabeça e na face. A mente clareou e ele viu o seu refúgio bem 387

adiante. As brilhantes janelas da Sra. Ishak, mostrando a sua coleção usual de sabões em pó e pacotes de cereal e outras ofertas.

Correu para a Sra. Ishak.

O longo dia da Sra. Ishak estava terminando. Seu marido esvaziara a caixa registradora e desaparecera nos fundos da loja onde, diariamente conferia a féria e a trancava

em segurança. A Sra. Ishak andava entre as gôndolas do mercado repondo as mercadorias, preenchendo as lacunas deixadas pelos fregueses. Agora, estava ocupada varrendo

o chão.

Quando a porta se abriu tão de repente e com tanta força, ela ficou surpresa.

Levantou os olhos, as sobrancelhas franziram sobre os olhos pintados de kohl, e ficou

ainda mais espantada quando viu quem era.

- Henry.

A aparência dele era péssima, com um casaco de tweedcor de barro, duas vezes maior do que ele, as meias caindo e os sapatos sujos de lama. Mas a Sra. Ishak não se importou tanto com os trajes, porém mais com o menino. Sem fôlego, branco como papel, ele parou um minuto antes de bater a porta com força e escorá-la com o próprio

corpo.

-Henree. -A Sra. Ishak largou a vassoura. - O que aconteceu?- Mas ele estava ofegante demais para conseguir falar. - Por que não está na escola?

A boca de Henry moveu-se.

-Edie está morta. - Ela mal conseguiu ouvi-lo. Então, novamente, dessa vez quase gritando, repetiu: - Edie está morta.

- Mas...

Henry irrompeu em lágrimas. A Sra. Ishak abriu os braços e Henry correu para eles.

Ela vergou com o peso dele, apertando-o contra o peito, com a mão segurando a cabeça do menino.

-Não - murmurou. - Não é verdade. - E quando ele continuou a chorar, afirmando histericamente que estava, tentou acalmá-lo, falando em katchi, o dialeto íntimo e sem palavras escritas que toda a família Ishak Usava quando falavam entre si. Henry ouvira antes aqueles sons, quando a Sra. Ishak confortava Kedejah ou a sentava sobre o joelho para consolá-la, não entendeu nenhuma palavra, mas sentiu-se confortado. O odor que vinha da Sra. Ishak era de almíscar, delicioso, e a sua adorável

túnica cor-de-rosa era fria contra a sua face.

Mas ele precisava fazê-la entender. Saiu do abraço e olhou para a face dela, confusa e apreensiva.

- Edie está morta.

388

- Não está, Henry.

-Está, sim.-Ele lhe deu um pequeno piparote no ombro, zangado por ela ser tão ignorante.

- Por que diz isso?

-Lottie está na casa dela. Ela a matou. Estava roubando o seu cardigã novo.

A Sra. Ishak pareceu confusa. A face se iluminou. Franziu o rosto.

- Você viu Lottie?

- Sim. Ela está no quarto de Edie e... A Sra. Ishak levantou-se.

- Shamsh! - chamou o marido. A voz era forte e com um tom de urgência.

- O que é?

-Venha rápido. - Ele surgiu. A Sra. Ishak, numa sucessão de frases em katchi, colocou-o a par dos fatos. Ele fez perguntas, ela as respondeu. Ele voltou para os fundos da loja e Henry ouviu quando discou um número.

A Sra. Ishak pegou uma cadeira e fez Henry se sentar. Ajoelhou-se ao seu lado e segurou-lhe as mãos.

- Henree, eu não sei o que você está fazendo aqui, mas precisa me ouvir. O Sr.

Ishak está telefonando para a polícia agora. Eles virão numa patrulha, pegarão Lottie

e a levarão de volta para o hospital. Eles já tinham sido avisados que ela deixara o hospital sem permissão e a estavam procurando. Você compreendeu?

- Sim, mas Edie...

com os dedos, a Sra. Ishak enxugou as lágrimas que escorriam pelas faces de Henry.

com a ponta do cachecol de chiffon rosa, que usava em volta do cabelo escuro brilhante,

apertou-lhe o nariz.

- Edie está em Balnaid. Vai passar a noite lá. Está em segurança. Henry ficou em silêncio, olhando para a Sra. Ishak, com receio de que ela não estivesse dizendo a verdade para ele.

- Como a senhora sabe disso? - perguntou finalmente.

- Porque, no caminho, ela parou para me ver, para comprar um jornal da tarde.

Disse-me que a sua avó, a Sra. Aird, contara-lhe sobre Lottie e também que não a queria

sozinha em casa.

- Vi também receava Lottie?

- Não receava. A Sra. Aird não receava, penso, mas preocupava-se com a sua querida Edie. Portanto, está tudo bem. Você pode ficar tranquilo.

Dos fundos da loja eles puderam ouvir o Sr. Ishak falando ao telefone. Henry virou-se para ouvi-lo, mas não conseguiu compreender o que dizia. Depois, o Sr. Ishak parou de falar e desligou o fone. Henry esperou. O senhor Ishak apareceu na porta.

- Tudo bem? - perguntou a Sra. Ishak.

- Sim. Falei com a polícia. Eles vão enviar uma patrulha. Chegará à aldeia em cinco minutos.

- Sabem para onde devem ir?

- Sim, eu lhes disse. - Ele olhou para Henry e sorriu com amizade. Pobre menino.

Você passou por maus momentos. Mas tudo já acabou.

Eles estavam sendo muito gentis. A Sra. Ishak ainda estava de joelhos segurando as mãos de Henry, e ele parara de tremer. Após um momento, perguntou:

- Posso telefonar para Edie?

- Não porque o seu telefone em Balnaid está com defeito. Edie registrou a queixa antes de sair de casa e eles disseram que só poderão atender amanhã pela manhã.

Nós ficaremos mais um pouco, eu lhe farei uma bebida quente. Depois irei com você até Balnaid e você ficará com a sua Edie.

Foi somente então que Henry convenceu-se de que Edie não estava morta. Estava em Balnaid, esperando-o, e o fato-de saber que logo estaria com ela foi demais para ele. Sentiu a boca tremer e os olhos encherem-se de lágrimas, mas estava muito cansado para fazer alguma coisa para contê-las. A Sra. Ishak repetiu o seu nome e mais uma vez apertou-o contra o peito um pouco escorregadio pelo vestido de seda, abraçou-o, e ele chorou por um longo tempo.

Finalmente, tudo terminou, exceto por alguns soluços. A Sra. Ishak trouxe uma caneca com chocolate quente, muito doce e escuro, e fez um sanduíche de geléia.

- Agora diga-me - quando viu Henry mais forte e refeito -, por que você ainda não respondeu à minha primeira pergunta? Por que não está na escola?

Henry, com os dedos firmes em volta da caneca quente, olhou-a diretamente nos olhos escuros.

- Eu não gostei de lá. Por isso eu fugi. Voltei para casa.

O relógio sobre a prateleira da lareira marcava vinte para as nove quando Edmund

entrou na sala em Croy. Esperava encontrá-la repleta de Pessoas, mas deparou-se somente com Archie e um homem desconhecido, que pelo simples processo de eliminação, concluiu ser o Americano Triste, Conrad Tucker, a principal causa do seu desentendimento

com Virgínia.

Ambos estavam esplêndidos em seus trajes, Archie com a melhor aparência que Edmund se lembrava em anos. Estavam sentados ao lado da lareira, numa atitude amigável, com copos nas mãos. Conrad Tucker



ocupava uma poltrona, e Archie empoleirado, com as costas para o fogo na grade de segurança. Quando a porta se abriu, eles pararam de falar, olharam, viram Edmund e se levantaram.

- Edmund.

- Estamos atrasados, desculpem. Tivemos alguns problemas.

- Como pode ver, nem tanto assim. Ainda não apareceu ninguém. Onde está Virgínia?

-Subiu para deixar o casaco. E Alexa e Noel chegarão daqui a pouco. No último momento, Alexa decidiu lavar os cabelos e os estava secando quando saímos. Só Deus sabe por que ela não pensou nisso antes.

- Elas nunca pensam - disse Archie desconsolado, falando pelos anos de experiência.

- Edmund, você não conhece Conrad Tucker.

- Sim, não me lembro de ter sido apresentado. Como está? Apertaram-se as mãos. O

Americano era tão alto quanto Edmund, de

compleição forte. Seus olhos, por trás da pesada armação de chifre, encontraram-se com os de Edmund num olhar firme, e Edmund sentou-se, tomado por um desconforto que não lhe era característico.

Bem no íntimo, oculto pelas boas maneiras civilizadas, queimavam em fogo lento uma raiva e um ressentimento contra aquele homem, aquele Americano que surgira enquanto Edmund estava longe, e se aproveitara, reacendendo a juventude nunca esquecida de Virgínia, e agora calmamente planejava voar de volta para os Estados Unidos com ela - a esposa de Edmund - subjugada. Sorrindo polidamente para o rosto de Conrad Tucker, Edmund divertiu-se com a adorável ideia de fechar o punho e esmagá-lo contra

aquele nariz queimado pelo sol de alpinista. Imaginar a mutilação, o sangue e a confusão encheu-o de um apetite vergonhoso.

Mas, por outro lado, sabia que, sob circunstâncias diferentes, era o tipo de pessoa de quem possivelmente gostaria de imediato.

A expressão amistosa de Conrad Tucker espelhou a de Edmund.

- Muito prazer em conhecê-lo. - Para os diabos com esses olhos. Archie aproximou-se da bandeja de copos.

- Edmund, um uísque?

- Sim. Somente uma dose.

O anfitrião pegou a garrafa do The Famous Grouse. Quando chegou de Nova York?

- Por volta das cinco e meia. - fez boa viagem? - perguntou Conrad.

- Mais ou menos. Alguns contratempos, algumas soluções eficazes. Acredito que você seja o antigo amigo da minha esposa.

Se pretendia balançar o desconhecido, não obteve sucesso. Conrad Tucker nada demonstrou nem ficou desconcertado.

- Isso mesmo. Fomos companheiros de festas na nossa distante e sempre relembrada juventude.

- Ela me disse que viajarão de volta para os Estados Unidos juntos.

Nenhuma reação. Se o Americano sentiu que estava sendo espicaçado, não deu nenhum sinal de reconhecimento. - Ela conseguiu lugar no mesmo voo? - foi tudo o que disse.

-Aparentemente, sim.

- Eu não sabia. Mas será ótimo. É uma longa viagem. Eu irei direto para o Aeroporto Kennedy, mas poderei acompanhá-la no serviço de imigração para retirar a bagagem e depois colocá-la numa condução para Leesport.

- É muita gentileza sua.

Archie trouxe o uísque de Edmund.

- Conrad, eu não sabia desses planos seus. Nem sabia que Virgínia pretendia ir aos Estados Unidos..

- Ela irá visitar os avós.

- E quando você partirá?

-Ficarei aqui até domingo, se estiver bem para você, e depois partirei de Heathrow na quinta-feira. Preciso de um dia ou dois em Londres para verificar alguns negócios.

- Há quanto tempo está aqui na Grã-Bretanha?

- Há alguns meses.

- Espero que tenha gostado da visita.

- Muito obrigado. Aproveitei bastante.

- Fico feliz com isso. - Edmund ergueu o copo. - Saúde. Neste momento foram interrompidos pela chegada de Jeff Howland,

que finalmente resolvera o problema da gravata-borboleta, e conseguira se aprontar para descer. Obviamente sentia-se desconfortável e consciente do fato naqueles trajes, e a expressão do seu rosto revelava uma não-familiaridade enquanto atravessava a sala, mas sua aparência era apresentável nas roupas que ele e Lucilla haviam

escolhido no guarda-roupa de Edmund. Edmund achou graça ao ver que Jeff escolhera um paletó creme comprado num momento de crise em Hong Kong. Não fora uma boa compra,

pois Edmund o usara somente uma vez.

-Jeff.

O jovem esticou o pescoço e passou o dedo por dentro do colarinho apertado.

Comentou:

- Realmente não estou acostumado a esse tipo de traje. Sinto-me como um peixe fora d'água.

- Você está ótimo. Venha tomar um drinque conosco. Preferimos o Uísque, enquanto as senhoras não exigirem o champanha.



JefF relaxou um pouco. Sempre ficava feliz numa companhia estritamente masculina.

- Não teria uma lata de Foster?

-Sirva-se. Está na bandeja.

Jeff relaxou ainda mais, pegou a lata e encheu o copo alongado. Virou-se para Edmund.

- Foi muito gentil em ajudar-me. Muito obrigado.

- Foi um prazer. O paletó está perfeito. Bem-vestido, com um traço de informalidade.

- Foi o que Lucilla disse.

-Ela está certa. E você está bem melhor nele do que eu mesmo. com ele pareço um barmanidoso... do tipo que não sabe nem como preparar um Martini seco.

Jeff sorriu, deu um grande gole e olhou à volta.

- Onde estão as meninas?

- É uma boa pergunta - disse Archie. - Só Deus sabe. - Empoleirou-se outra vez sobre a grade, não encontrando uma razão para permanecer de pé.- Tentando entrar nos vestidos de gala, imagino. Lucilla procurava uma anágua. Pandora decidiu ir se deitar e Isobel estava num estado de pânico quanto aos sapatos. - Ele se virou para Edmund. Você comentou que teve problemas. O que aconteceu em Balnaid?

Edmund contou.

- O telefone está mudo. Podemos fazer chamadas para fora, mas ninguém consegue ligar para lá. A reclamação já foi feita e alguém virá vê-lo amanhã pela manhã.

Essa

foi a menor das preocupações. Edie chegou para passar a noite com a novidade de que Lottie Carstairs está solta novamente. Fugiu do Relkirk Royal e não mais foi vista.

Archie balançou a cabeça preocupado.

- Essa mulher é um problema, pior do que uma cadela no cio. Quando isso aconteceu?

- Não sei. Acho que essa tarde. O médico ligou para Vi para comunicar. Então, Vi

tentou me localizar, mas não conseguiu. Por isso chamou Edie e mandou que ela passasse

a noite fora do chalé, que viesse ter conosco. Edie obedeceu.

- Vi acha que aquela lunática é perigosa?

- Não sei. Pessoalmente acho que é capaz de quase tudo, e, se Vi não tivesse dito a Edie para ir para Balnaid, eu mesmo o teria feito. De qualquer maneira, Alexa passará a tranca e deixará os cães com ela. Como pode ver, tudo isso nos tomou algum tempo.

-Não tem importância.-Com os problemas domésticos resolvidos, Archie procurou um assunto mais absorvente. - Sentimos a sua falta



ontem, Edmund. Foi um ótimo dia. Trinta e três casais e meio, os pássaros voando ao vento...

Violet foi a última a chegar. Sabia que seria a última porque, quando fez a curva sobre o chão de cascalho em frente a Croy, viu cinco carros já estacionados. O

Land Rover de Archie, a caminhonete de Isobel, o BMW de Edmund, o Mercedes de Pandora e o Volkswagen de Noel. Parecia o estacionamento dos voos domésticos, veículos

demais para duas famílias.

Saltou do carro, segurou a saia longa para não a deixar tocar o chão molhado e encaminhou-se para a porta da frente. Quando subiu os degraus, a porta se abriu e ela viu Edmund esperando-a, de pé contra as luzes acesas do saguão. O cabelo grisalho, o kilte, o gibão de tecido xadrez lhe davam uma aparência mais distinta do

que o usual, e apesar das suas terríveis ansiedades, Violet encontrou um tempo para experimentar uma ponta de orgulho materno, e o alívio de sabê-lo ao alcance da sua voz novamente encheu-a de gratidão.

- Oh, Edmund.

- Eu ouvi o seu carro. - Deu-lhe um beijo.

- Que momentos difíceis eu tive.-Ela entrou, e ele fechou a porta atrás dela.

Aproximou-se para ajudá-la a despir o casaco de pele. - O seu telefone não está funcionando...

- Já está tudo providenciado, Vi. Será consertado amanhã pela manhã.

Ele colocou o casaco sobre a cadeira enquanto Vi sacudia a ampla saia de veludo e ajustava o babado de renda nos ombros.-Graças a Deus. E a minha querida Edie? Já chegou em Balnaid?

- Sim. Sã e salva. Você está fantástica. Pare de se preocupar, senão não poderá se divertir.

- É impossível não ficar preocupada. Aquela infeliz da Lottie. Uma coisa atrás da outra. Mas você chegou e está bem. É tudo o que me importa agora. Estou terrivelmente

atrasada, não estou?

-Esta noite todos estão. Isobel desceu somente agora. Venha tomar uma taça de champanha e se sentirá melhor.

- A minha tiara está direita?

- Perfeita. - Ele a pegou pelo braço e a levou para a sala.

- Acho que Verena não se lembrou. Deveríamos ter recebido um cartão com as danças programadas e um pequeno lápis...

- Isso mostra - disse Archie - que você está afastada há muito tempo. Cartões com as danças são coisas do passado...

-É uma pena. Eram muito divertidos. E nós os guardávamos presos a uma fita e chorávamos sobre o namorado perdido.

-Servia-Isobel comentou-para as que eram borboletas sociais com muitos admiradores.

Não era divertido se ninguém quisesse dançar com você.

-Estou certo-disse Conrad, com uma certa galanteria transatlântica - que isso nunca lhe aconteceu.

- Oh, Conrad, você é muito gentil. Mas ocasionalmente acontecia uma noite desastrosa quando se tinha uma espinha na ponta do nariz ou um vestido horrível.

- Então, o que faziam?

- Escondíamo-nos no vestuário feminino. Estava sempre repleto de moças sem par.

- Como Daphne Brownfield? - Pandora lembrou. - Archie, você se lembra de Daphne Brownfield? Era grande como uma casa, e sua mãe sempre a vestia de malha branca...

era loucamente apaixonada por você, e ficava vermelha como uma lagosta sempre que você se aproximava...

Mas Archie era mais caridoso.

- Ela jogava ténis muito bem.

- com raquete de hóquei-Pandora zombou.

A sala, repleta de vozes, agora se encheu de gargalhadas. Violet, sentada à direita de Archie, já tendo bebido uma taça de champanha, sentia-se um pouco menos irritada.

Ouvia a conversa de Pandora somente com um ouvido, porque lhe agradava muito mais olhar do que ouvir. A sala de jantar de Croy àquela noite era um espetáculo esplêndido.

A longa

mesa, coberta como um couraçado para uma cerimónia, resplandecia com a prata polida, o linho engomado, a porcelana verde e dourada, os cristais tinindo. No centro, faisões de prata, tudo iluminado pelas chamas do fogo na lareira e pelas velas.

- Não eram somente as moças que sofriam - Noel chamou a atenção. - Para um jovem, as danças programadas podiam ser terrivelmente limitadoras. Não havia espaço para atacar, e quando você identificava alguém que lhe interessava, já era muito tarde para poder fazer alguma coisa...

- Como você conseguiu tanta experiência? - perguntou Edmund.

- No meu circuito pelos bailes de debutantes, mas graças a Deus esses dias já acabaram...

Comeram a truta defumada com fatias de limão e pão integral 395

com manteiga. Lucilla percorria a mesa servindo o vinho branco. Para Violet parecia que ela invadira um camarim. O vestido que comprara no mercado era cinza metálico, sem mangas, e caía reto dos ombros, com a saia batendo abaixo dos joelhos em pontas, como lenços. Era tão horrível que a aparência dela deveria ser péssima, mas por alguma razão parecia perfeitamente bem.

E os outros? Violet recostou-se na cadeira e os observou disfarçadamente por cima dos óculos. Familiares, velhos amigos, novos amigos, juntos para aquela celebração há tanto esperada. Afastou as correntes subterrâneas da tensão que podia sentir carregando a atmosfera como ondas elétricas, e manteve os seus objetivos. Viu os cinco homens: dois vinham de outros lados do mundo. Idades diferentes, culturas diferentes, todos arrumados, barbeados e bem-vestidos. Olhou para as cinco mulheres,

cada uma bela à sua maneira.

As cores chamaram a sua atenção. Vestidos de festa de seda preta ou chintz florido.

Virgínia, fria e sofisticada em branco e preto. Pandora, etérea como uma dríade num chiffon verde-água. Observou as jóias. As pérolas e diamantes herdados de Isobel, a corrente de prata e turquesa em torno do pescoço fino de Pandora, o brilho

do ouro proveniente das orelhas e dos pulsos de Virgínia. Viu o rosto de Alexa, rindo do outro lado da mesa por conta de algum comentário de Noel. Alexa não usava jóias, mas o cabelo vermelho claro brilhava como uma chama, e a sua face cor de pêssego estava iluminada pelo amor...

De repente as coisas mudaram. Violet estava envolvida demais com todos eles para permanecer objetiva e continuar a observá-los de uma perspectiva desapaixonada como a de um estranho. Seu coração apertava por Alexa, tão vulnerável e transparente. E

Virgínia? Olhou para a nora do outro lado e soube que, embora Edmund estivesse novamente em casa, nada havia sido resolvido entre os dois. Para Virgínia, aquela noite seria animada. Havia uma aura frágil e brilhante em torno dela, e um reflexo perigoso em seu olhar.

Posso imaginar o pior, disse Violet para si mesma. Posso simplesmente esperar o melhor. Pegou o copo e tomou um pequeno gole do vinho.

O primeiro prato chegara ao fim. Jeff levantou-se para ajudar a tirar os pratos. Ao fazê-lo, Archie voltou-se para Virgínia.

- Virgínia, Edmund me disse que você irá aos Estados Unidos para visitar seus avós.

- vou sim, Archie. - Seu sorriso foi muito rápido, os olhos muito abertos. - Será divertido. Mal posso esperar para revê-los.

Portanto, apesar dos conselhos de Violet, ela se decidira pelo contrário. Era definitivo, oficial. Sabendo que o pior dos seus medos estava Confirmado, Violet sentiu

o coração parar.

- Então, você irá? - Não tentou disfarçar a desaprovação na sua voz.

- Sim, Vi, eu irei. Eu lhe disse que pretendia ir. Agora já está tudo determinado.

Partirei na quinta-feira. Conrad e eu iremos juntos.

Por um instante, Vi não disse nada. Seus olhos cruzaram a mesa. o olhar de Virginia era desafiador e sem indecisão.

- Por quanto tempo pretende ficar fora? - Violet perguntou. Virginia sacudiu os ombros morenos.

- Ainda não sei. O voo está em aberto. Ela se virou para Archie. Sempre desejei levar Henry, mas agora ele não está mais conosco, por isso decidi que iria sozinha.

É diferente poder fazer as coisas no impulso do momento. Sem responsabilidades, sem ligações.

- E Edmund? - Archie perguntou.

- Oh, Vi tomará conta dele para mim-disse despreocupadamente.

- Não tomará, Vi?

- Naturalmente que sim. - Reprimiu um impulso de tomar a nora pelos ombros e sacudi-la até que os dentes chocalhassem. - Não haverá nenhum problema.

com isso, Violet virou-se para o outro lado e começou a conversar com Noel.

- ... meu avô tinha um subcapataz bem jovem que se chamava Donald Buist. Vinte anos, jovem, bem-educado, ambicioso...

Estavam agora no segundo prato, o faisão à Theodora, de Isobel. Jeff trouxera os pratos com os legumes, e Conrad enchera os copos com vinho.

Archie, instruído e instigado por Pandora, contava uma história clássica da família que, como a saga da Sra. Harris e a meia na temporada de caça, se tornara, com o passar dos anos, uma anedota familiar sempre repetida. Blairs e Airds já a tinham ouvido várias vezes, mas havia os outros convidados, e Archie fora persuadido a recontá-la mais uma vez.

- ... era um capataz excelente, mas tinha um problema, um ponto fraco, cujo resultado era que todas as moças nos quarenta quilómetros ao redor, ficavam, infelizmente,

grávidas. A filha do pastor em Ardnamore, a filha do açougueiro em Strathcroy, até a criada de quarto de minha avó desmaiou na hora do almoço quando servia o suflê de chocolate. Ele fez uma pausa. Por trás da porta que dava para a copa e para a cozinha pôde claramente ser ouvida a campainha do telefone tocar. Tocou duas vezes e depois parou. Agnes Cooper o atendera. Archie continuou a sua história.

- Finalmente minha avó não aguentou mais e insistiu com meu avô para que chamasse Donald Buist para uma conversa. Ele veio, sem compreender o motivo, para a entrevista

no escritório do meu avô. Esse nomeou uma meia dúzia de moças que estavam ou estiveram grávidas, os pequenos



bastardos e finalmente indagou o que Donald teria a dizer em favor próprio e qual a desculpa para o seu comportamento. Houve um longo silêncio enquanto Donald pensava, mas depois conseguiu falar em defesa própria.

"Bem, senhor, é que eu tenho uma bicicleta."

Quando as risadas serenaram, ouviram uma batida apressada na porta da copa. Ela foi aberta e Agnes Cooper colocou a cabeça na abertura.

- Sinto muito incomodá-los, mas Edie Findhorn está ao telefone e deseja falar com a Sra. Geordie Aird.

Os infortúnios sempre acontecem em número de três.

Violet sentiu-se instantaneamente hirta, pois pela porta aberta, além de Agnes, entrara também uma lufada gelada de ar. Ela se levantou de modo tão abrupto que teria

batido contra a cadeira, se Noel não a tivesse segurado com firmeza.

Ninguém disse uma palavra. Todos olhavam para ela, os rostos espelhando a sua preocupação. Ela respondeu:

-Por favor, desculpem-me...-e envergonhou-se porque a voz saiu tremida. - Eu voltarei em um minuto.

Ela se afastou e virou à esquerda. Agnes segurou a porta aberta para que ela passasse, e Violet entrou na grande cozinha de Isobel. Agnes a seguiu, mas isso não teve importância... a privacidade, no momento, era o que menos importava. O

telefone estava sobre o aparador. Ela pegou o fone.

- Edie.

- Oh, Sra. Aird...

- Edie, o que foi?

- Sinto muito incomodá-la na festa...

- Lottie está aí?

- Está tudo bem com Lottie, Sra. Aird. A senhora estava certa. Ela foi até Strathcroy. Pegou um ônibus. Foi para o meu chalé. Entrou pela porta dos fundos...

- Você não estava lá?

- Não, não estava. Estava em Balnaid.

- Graças a Deus. Onde está ela agora?

- O Sr. Ishak telefonou para a polícia, e eles chegaram em cinco minutos e a levaram.

- Então, onde está ela agora? - Em segurança, no hospital. O alívio fez Vi se sentir um pouco enfraquecida. Os joelhos dobraram.

Procurou uma cadeira para se sentar, mas não havia nenhuma próxima. Agnes acudiu-a, trazendo-lhe uma, e Violet pôde tirar o peso das suas Pernas.

- Você está bem, Edie?



-Estou, Sra. Aird.-Parou. Violet esperou. Havia mais alguma coisa. Teve um estremecimento. - Como o Sr. Ishak soube de Lottie? Ele a viu?

- Não, não exatamente. - Outra longa pausa. - Tem mais uma coisa que quero lhe dizer. Precisa contar a Edmund. Ele e Virgínia devem voltar. Henry está aqui. Ele fugiu da escola, Sra. Aird. Ele voltou para casa.

Edmund dirigiu muito rápido, em meio à chuva e à escuridão, afastando-se de Croy, descendo a colina e atravessando a aldeia. Virgínia, com o queixo enterrado na gola de pele do seu casaco, sentada ao lado dele, acompanhava o vaivém do limpador de pára-brisas. Não tinham dado uma palavra. Não porque não houvesse nada a ser dito, mas porque tinham ficado muito distantes entre si e também pelo inusitado da situação em que se encontravam. Não havia nenhum acesso para um diálogo.

A pequena viagem levou somente alguns minutos. Passaram pelos portões de Croy e pela rua principal da aldeia. Mais cem metros e atravessaram a ponte. As árvores, os portões abertos, Balnaid.

Finalmente Virgínia falou.

- Você não deve zangar com ele.

- Zangar? - Ele mal podia acreditar que ela pudesse ser tão imperceptível.

Ela não disse mais nada. Ele virou o BMW para os fundos, pisou firme nos freios e desligou o motor. Saiu do carro antes dela e dirigiu-se para casa, lançando-se contra a porta.

Eles estavam na cozinha, Edie e Henry, sentados à mesa. Esperando. Henry olhava para a porta. Seu rosto estava branco, seus olhos arregalados pela apreensão. Usava o suéter cinza da escola e parecia pateticamente pequeno e sem defesa.

- Olá, Henry - disse Edmund.

Henry hesitou somente um instante, depois deslizou da cadeira e disparou para os braços do pai. Edmund o levantou, e o menino parecia não pesar quase nada, não mais do que um bebé. Os braços de Henry fecharam-se no seu pescoço, e ele pôde sentir as lágrimas molharem a sua própria face.

- Henry. - Virgínia estava ali, ao seu lado. Após um momento" Edmund, com muito

cuidado, abaixou o menino até o chão. O aperto dos braços dele afrouxou. Ele se virou

para a mãe, e Virgínia, num movimento gracioso, ficou de joelhos, sem se importar com o vestido, e abraçou-o, o rosto ainda mais macio por causa da pele do casaco.

Ele enterrou-ce na gola.

- Querido, querido. Está tudo bem. Não chore. Não chore... Edmund virou-se para Edie. Ela se levantara e olhava para Edmund

do outro lado da mesa bem esfregada em silêncio. Ela o conhecera durante toda a vida dele, e ele se sentiu grato por não encontrar uma reprovação nos olhos dela.

Pelo contrário, ela disse:

- Sinto muito.

- Porquê, Edie?

- Por ter estragado o seu jantar.

-Não seja ridícula. Como se o jantar fosse muito importante. Quando ele chegou?

- Há uns quinze minutos. A Sra. Ishak o trouxe.

- Alguém ligou da escola?

- O telefone está quebrado. Ninguém pode ligar. Ele esquecera.

- Nem me lembrei, Edie. - Havia coisas que precisavam ser feitas, medidas práticas da maior urgência. - Nesse caso, preciso sair para dar um telefonema.

Ele os deixou, Henry ainda chorando. Atravessou a casa silenciosamente e foi até a biblioteca. Acendeu as luzes e sentou-se atrás da secretária. Discou para Templehall.

O telefone tocou uma só vez antes de ser atendido. -Templehall.

- O reitor, por favor.

- Sou eu mesmo.

- Colin, é Edmund Aird.

- Oh... - O som veio como um suspiro de alívio. Edmund perguntou-se há quanto tempo o pobre homem tentava fazer algum contato. Estou quase louco tentando entrar em contato com o senhor.

- Henry está aqui e está bem.

- Graças a Deus. Quando ele chegou?

- Há uns quinze minutos. Ainda não soube dos detalhes. Acabamos de chegar.

Estávamos fora num jantar. Fomos procurados lá.

- Ele desapareceu logo após ir se deitar às sete horas. Tentei me comunicar com o senhor desde então.

- O nosso telefone está com problemas. Não está recebendo chamadas.

- Achei que estava quebrado, por isso liguei para a sua mãe, mas ninguém respondeu também.

- Ela estava no mesmo jantar.

- Henry está bem?

- Parece que sim.

- Como conseguiu chegar até aí?

-Ainda não sei. Como lhe disse, acabei de chegar e ainda não falei com ele. Preferi falar primeiro com o senhor.

- Muito obrigado.

- Sinto muito que ele tenha lhe causado tantos problemas.

- Sou eu que devo me desculpar. Henry é seu filho, e eu me responsabilizei por ele.

- O senhor - Edmund recostou-se no encosto da cadeira - sabe se algum fato em particular precipitou a fuga?

-Não, e também nenhum dos outros alunos mais velhos. E também nenhum dos meus funcionários. Ele não parecia nem feliz, nem infeliz. Sempre é necessário uma ou duas

semanas para que um aluno novo se adapte e se acostume ao novo estilo de vida, aceite a mudança e o ambiente não familiar. Naturalmente eu o observei, mas ele não mostrou sinais que indicassem uma ação tão dramática.

Ele parecia tão desconcertado e confuso quanto o próprio Edmund. Esse respondeu:

- Sim, sim, eu compreendo.

O reitor hesitou, mas resolveu perguntar:

- O senhor vai enviá-lo de volta para cá?

- Por que pergunta?

- Eu me pergunto se o senhor quer que ele volte.

- Há alguma razão contrária?

-No meu ponto de vista, não há nenhuma. É um menino muito bom, e sei que posso fazer muito por ele. Pessoalmente, eu o receberia muito bem em qualquer momento, porém...

- Fez uma pausa, e Edmund teve a impressão de que escolhia as palavras com muito tato... - Sr. Edmund, às vezes chegam meninos em Templehall que realmente não deveriam

ainda se afastar de casa. Não convivi com Henry o tempo suficiente para estar totalmente seguro, mas acho que ele é uma dessas crianças. Não por ele ser imaturo para a idade, mas por não estar pronto para enfrentar as exigências de um internato.

- Sim, sim, compreendo.

- Por que não espera um ou dois dias para pensar sobre o assunto? Mantenha Henry por perto até se decidir. Lembre-se, eu o quero de volta. Não estou tentando fugirás

minhas responsabilidades e nem renegar meus compromissos, mas realmente sugiro que reconsidere a situação.

- E então?

- Leve-o de volta ao colégio local. Obviamente é um bom colégio" e ele já está adaptado ao ambiente. Quando estiver com doze anos" considere novamente o problema.

401

- O senhor está me dizendo exatamente o que minha esposa tem me falado durante o último ano.

- Sinto muito. Embora tenha compreendido tardiamente, creio que ela está certa. E

acredito que o senhor e eu devemos nos responsabilizar por ter errado...

Eles se falaram mais alguns momentos, combinaram entrar em contato em um ou dois dias e finalmente desligaram.

Ele é uma dessas crianças. Não está pronto para enfrentar as exigências de um internato. Ambos erramos.

Erramos. Essa fora a palavra que martelou o seu orgulho, como um prego num bloco de madeira. Sua esposa está certa, e o senhor, errado. Precisou de um tempo para aceitar a palavra, aceitar as implicações. Recostou-se outra vez, tentando lentamente aceitar o fato de que quase cometera um erro desastroso. Não era uma atitude

costumeira, por isso levou algum tempo para conseguir.

Porém, após uns instantes, levantou-se. O fogo, constatou, apagara. Ele atravessou a sala e colocou novas achas, como fizera mais cedo. Quando a madeira seca pegou e as chamas reconfortantes mais uma vez brilharam, deixou a biblioteca e voltou à cozinha.

Encontrou tudo quase normal novamente. Mais uma vez, estavam todos sentados em torno da mesa, Henry sobre os joelhos da mãe. Edie fizera um bule de chá e chocolate

para Henry. Virgínia ainda estava com o casaco de pele. Quando entrou, todos olharam para ele, e viu que as lágrimas de Henry tinham secado e que a cor voltara um

pouco ao seu rosto.

Edmund colocou uma expressão mais alegre em seu rosto.

- Está tudo resolvido... - Passou a mão pelos cabelos do filho, desarrumando-os, e puxou uma cadeira para se sentar. - Há algum chá para mim?

- O que foi fazer?-Henry perguntou.

- Fui telefonar para o Sr. Henderson.

- Está muito aborrecido?

- Não, não está aborrecido. Só um pouco preocupado.

- Sinto muito - disse Henry.

- Vai nos contar o que aconteceu?

- Sim, acho que devo.

- Como chegou em casa de volta?

Henry encheu a boca com um gole do chocolate bem quente e doce, e depois colocou a caneca sobre a mesa.

- Peguei um ônibus - disse.

- Mas como saiu da escola?

Henry explicou, e tudo pareceu ridiculamente simples. Na hora de ir 402

para a cama, ele se vestiu embaixo das cobertas e botou por cima o pijama. E, quando as luzes se apagaram levantou-se para ir ao banheiro. Lá ele havia escondido por trás de um armário o seu casaco. Trocou o pijama pelo casaco e saiu pela janela, chegando até a saída de incêndio. Depois foi até a porta dos fundos e chegou

à estrada principal onde passam os ônibus. - Mas, quanto tempo teve que esperar?-

Virginia perguntou.

- Só um pouquinho. Eu sabia que viria um.

- Como sabia?

- Eu tinha a tabela. - Olhou para Edie. - Eu tirei a sua da sua bolsa e a guardei.

- Eu me perguntei se a tinha perdido.

- Eu a peguei. Procurei o ônibus para Relkirk e sabia que viria. E veio.

- E ninguém lhe perguntou o que fazia sozinho?

- Não. Eu coloquei a minha touca Balaclava. Foi o meu disfarce. Somente os olhos estavam de fora. Não parecia um estudante, porque não usava o quepe.

- Como pagou a passagem?

-Vi me deu duas libras quando se despediu de mim. Eu não as gastei e guardei-as no bolso interno do casaco. Coloquei a tabela ali também para que ninguém a encontrasse.

- E então voltou para Relkirk.

- Sim, saltei na estação final. Estava ficando escuro e eu tinha que encontrar o outro ônibus, o que passa por Caple Bridge. Havia um para l Strathcroy, mas eu o peguei porque não queria que me vissem, ou que

alguém me reconhecesse. Foi um pouco difícil encontrá-lo porque há muitos ônibus e tive que ler todos os nomes. Mas, eu o encontrei. Tivemos que esperar bastante até que ele desse a partida.

- Onde saltou?

- Eu já disse, em Caple Bridge. Depois, andei.

-Você andou desde Caple Bridge?-Virginia olhou para o filho. Mas, Henry, são dez quilómetros.

- Eu não andei o caminho todo - admitiu. - Sabia que não podia aceitar caronas, mas peguei uma na parte final, de um homem muito gentil, num caminhão cheio de carneiros.

E ele me deixou em Strathcroy. Então - Sua voz até então clara e confiante começou a tremer. - Então..- Seus olhos voltaram-se para Edie.

Edie o socorreu.

- Não chore, criança. Nós não falaremos sobre isso se você quiser.

- Eu quero que você conte.

403

Então, Edie contou, na sua maneira prática e direta, e nem assim o horror da experiência de Henry foi amenizada. À menção de Lottie, a cor desapareceu do rosto de

Virginia, que apertou Henry de encontro ao peito, a face no alto da cabeça do menino e a mão cobrindo os seus olhos, como se pudesse afastar definitivamente o espectro

de Lottie Carstairs atravessando o quarto de Edie para vir espiar quem estava olhando pela janela.

-Oh, Henry-ela o embalou como a um bebé.-Não consigo nem imaginar. Que coisa mais terrível foi acontecer com você.

Edmund, igualmente abalado, manteve a voz calma.

- O que você fez então, Henry?

O tom de voz do pai restaurou um pouco a coragem de Henry. Desvencilhou-se do

abraço de Virginia e contou:

- Fui para a loja da Sra. Ishak. Ainda estava aberta, e ela varria o chão. Foi muito gentil. E o Sr. Ishak telefonou para a polícia. Eles vieram com a sirene ligada

e as luzes azuis piscando. Nós os vimos de dentro da loja. Depois que eles se foram de volta para Relkirk, a Sra. Ishak botou o casaco e me trouxe até aqui. Tocou a campainha porque a porta estava fechada, os cães latiram, e

Edie apareceu. - Ele pegou a caneca e deu outro gole, esvaziando-a, e colocou-a de volta sobre a mesa.-

Pensei

que ela tivesse sido morta. Lottie colocara o cardigã lilás e a boca estava vermelha, e eu pensei que ela tivesse matado Edie...

A face de Henry contraiu-se. Era muito para ele. Recomeçou a chorar, e eles o deixaram chorar. Edmund não lhe disse para que fosse um homem. Ficou simplesmente sentado

olhando o filho soluçar, cheio de admiração e orgulho. Henry, aos oito anos, não somente fugira da escola, como o fizera em grande estilo. Planejara toda a operação com uma coragem inegável, bom senso e previsão. Preparara-se para qualquer contingência, e fora somente o reaparecimento desastrado e inesperado da bruxa Lottie

Carstairs que finalmente o impedira de prosseguir.

Por fim, as lágrimas cessaram. Henry esgotara a sua quota. Edmund passou-lhe o seu lenço de linho bem passado, e Henry sentou-se para assoar o nariz.

-Acho que gostaria de ir para a cama agora.

- Sim, meu filho, vamos-Virginia sorriu para ele. - Você gostaria de tomar primeiro um banho? Deve estar se sentindo frio e sujo.

- Gostaria.

Levantou-se. Assoou novamente o nariz e foi até o pai para devolver o lenço. Edmund o apanhou, deu um abraço em Henry e inclinou-se para beijar-lhe o alto da cabeça.

- Há somente uma coisa que não nos contou. - Henry olhou para cima. - Por que fugiu?

Henry pensou, e depois respondeu.

- Não gostei de lá. Tudo estava errado. Como se eu estivesse doente. com dor de cabeça.

- Sim - disse Edmund após alguns instantes. - Sim, eu compreendo. - Hesitou, mas depois prosseguiu. - Companheiro, por que você não sobe com Edie para tomar o banho?

Mamãe e eu devemos voltar para aquela festa, mas primeiro telefonarei para Vi para lhe dizer que você está ótimo. Nós subiremos para lhe dar boa-noite.

- Está bem. - Henry apertou a mão do pai, e ele e Edie dirigiram-se para a porta.

Ali parou e virou-se. - Vocês subirão mesmo?

- É uma promessa.

A porta se fechou atrás deles. Edmund e Virgínia ficaram a sós.

com a saída de Henry, ela se sentou pesadamente na dura cadeira da cozinha. Não havia mais necessidade de ocultar o trauma e o choque. Por baixo da maquilagem, ele viu a sua face pálida e tensa, os olhos sombrios, sem o brilho do riso do início da noite.

Parecia esgotada. Ele parou ao lado dela, pegou-lhe a mão e fê-la levantar-se.

- Venha - disse, e conduziu-a até a biblioteca vazia. O fogo que ele cuidadosamente reacendera ainda brilhava, e a sala na penumbra estava aquecida. Ela sentiu o conforto do calor. Foi até a lareira, sentou-se no banco ao lado e esticou os braços para as chamas. A saia de várias camadas espalhou-se em volta, e a gola do casaco

de pele sustentou a cabeça, o perfil bem recortado.

- Parece uma Cinderela bem-calçada. Ela olhou para ele e tentou um esboço de sorriso. - Gostaria de um drinque?

Ela balançou a cabeça.

- Não, estou bem.

Ele foi até a escrivaninha, acendeu o abajur e discou o número de Croy. Foi Archie

quem atendeu.

- Archie. É Edmund.

- Henry está bem?

- Sim, está. Passou por uma boa experiência, mas não conte para Vi. Diga-lhe somente que ele está com Edie aprontando-se para dormir.

- Vocês vão voltar?

Edmund olhou para a esposa sentada de costas para ele, a silhueta cortada contra o brilho das chamas. - Acho que não. Iremos direto para Corriehill e nos encontraremos

lá.

- Certo. Direi a todos. Até mais tarde, Edmund.

- Até mais tarde. Desligou o fone, voltou para a lareira e parou, um pé na grade e a mão

na prateleira, olhando fixamente para as chamas, como a esposa. O silêncio que havia agora não era mais de animosidade, mas de pacífica comunhão


de duas pessoas que, tendo sobrevivido a uma crise, não sentiam a necessidade de palavras.

Foi Virgínia quem quebrou o silêncio.

- Sinto muito.

- O que sente muito?

- Sinto muito pelo que disse. No carro. Pedindo-lhe para que não ficasse zangado.

Foi uma estupidez. Eu deveria saber que você nunca ficaria zangado com Henry.

- Pelo contrário, senti orgulho dele. Ele agiu muito bem.

- Ele deve ter-se sentido péssimo.

-Acho que deve ter-se sentido perdido. Eu estava errado. Você está certa. Colin Henderson acha o mesmo. Ele ainda não está pronto para ir para um internato.

- Você não deve se culpar.

- Está sendo generosa comigo.

-Não, não é generosidade. É agradecimento. Porque agora podemos parar de argumentar e discutir, e de nos destruir. Você teve somente as melhores intenções. Pensou que seria o melhor para Henry. Todos nós cometemos erros uma vez ou outra. Um homem que não comete erros não é nada na vida. Tudo já passou. Vamos deixar para trás.

Devemos estar agradecidos de não ter acontecido nada de grave a Henry. Ele está bem.

- Lottie o assustou muito. Acredito que essa experiência o fará ter pesadelos pelo resto da vida..

- Mas ele lidou bem com a situação. Foi para a loja da Sra. Ishak. Comportou-se bem, deu o alarme. Não há mais com o que se preocupar, Edmund.

Ele não respondeu. Após um momento, afastou-se do fogo e sentou-se na outra extremidade do grande sofá, esticando as pernas, fazendo aparecer as meias de tecido

xadrez da Escócia e os sapatos de fivela de prata. A luz das chamas fez brilharem as fivelas polidas e o fecho da bolsa de couro.

- Você deve estar exausto.

- Sim. Foi um longo dia. - Esfregou os olhos. - Mas acho que devemos conversar.

- Poderemos conversar amanhã.

- Não. É melhor que seja agora. Antes que seja tarde. Eu deveria ter-lhe dito essa tarde, quando cheguei e você me falou de Lottie. Lottie e sua tagarelice. Eu disse que ela mentira, mas isso não é toda a verdade.

- Você vai me falar sobre Pandora? - A voz de Virgínia estava fria e distante.

- Devo falar.

- Você estava apaixonado por ela.

- Sim.



-Tenho medo dela.

- Porquê?

- Porque ela é muito bonita. Misteriosa. Por trás daquela aparência, você nunca sabe o que está pensando. Nem consigo imaginar o que passa naquela cabeça. E porque

ela sempre o conheceu, quando eu não o conhecia ainda. Isso me faz sentir deixada de fora e insegura. Por que ela voltou a Croy, Edmund? Você sabe por que ela veio?

Ele balançou a cabeça.

- Não.

- Tenho medo de que ela ainda esteja apaixonada por você, que ainda o deseje.

- Não.

- Por que é tão seguro ao afirmar isto?

- Os motivos de Pandora, quaisquer que sejam eles, não importam. Para mim tudo o que importa é você. E Alexa. E Henry. Você parece ter esquecido essa prioridade básica.

-Você era casado quando se envolveu com Pandora. Estava casado com Caroline. Tinha uma filha. Qual a diferença? Era uma acusação, e ele a aceitou.

- Sim, e fui infiel às duas. Mas Caroline não era como você. Se, em primeiro lugar, eu tentar explicar por que me casei com ela, não acredito que você entenderia.

Está ligado às coisas como eram naquela época, nos anos sessenta, e todos nós éramos jovens, com um certo materialismo inquietante no ar. Eu procurava o meu lugar,

ganhando dinheiro, abrindo o meu espaço na sociedade londrina. Ela era parte das minhas ambições, parte do que eu queria. Seus pais eram imensamente ricos, e ela, filha única. Eu ansiava pela segurança de estar bem estabelecido e pela fascinação consequente do sucesso.

- Mas você a amou? Edmund sacudiu a cabeça.

- Não sei. Nunca pensei muito sobre isso. Sabia que era linda de se olhar, imensamente elegante, o tipo de mulher que os homens viram a cabeça quando passa, e que

desperta uma certa inveja. Gostava de ser visto com ela. Tinha orgulho. A parte amorosa e sexual da nossa relação não era muito suave. Não sei definir quando começou

a dar errado. Sei que a culpa foi minha e de Caroline. Ela era estranha. Usava o sexo como uma arma, e a frigidez como uma punição. Antes do final do primeiro ano, eu dormia a metade das noites no quarto de vestir, e, quando ela descobriu que estava grávida de Alexa, não houve alegria, só ressentimentos e lágrimas. Não queria

o bebé porque temia o parto, e mais tarde houve razões reais para que sentisse esse medo. Após o nascimento de Alexa ela teve uma depressão pós-parto, que durou meses. Esteve no hospital por bastante tempo,



e, quando ficou apta a viajar, sua mãe a levou para a Ilha da Madeira para passar um inverno. No início do verão daquele ano, Archie e Isobel se casaram. Ele era o meu amigo mais íntimo e mais antigo. Eu pouco o via após a ida para Londres, mas sabia que deveria comparecer ao casamento. Consegui uma semana de férias e vim para casa. Tinha vinte e nove anos. Voltei para Strathcroy por conta própria.

Fiquei aqui em Balnaid, com Vi, mas Croy estava repleto, cheio de convidados rodopiando.

No dia em que cheguei fui visitar Archie e me envolvi na alegria. E Pandora estava lá. Não a via há cinco anos. Ela estava com dezoito, terminara a escola e também a infância. Eu a conhecia desde pequena. Fora parte da minha vida, sempre juntos.

Um bebé no carrinho, uma menininha seguindo a mim e a Archie, não se afastando por nada. Mimada, caprichosa, perversa, mas profundamente encantadora e envolvente.

Eu a vi novamente, e senti que não mudara. Tudo o que acontecera fora que ela crescera. Eu a vi encaminhando-se na minha direção, atravessando o saguão de Croy, vi seus olhos e o seu sorriso, suas longas pernas, com uma aura de sexualidade potente, quase visível. Colocou os braços em torno do meu pescoço, beijou a minha boca e disse: "Edmund, seu terrível. Por que não esperou por mim?" Foi tudo o que disse. Senti como se estivesse

afundando, com as águas profundas cobrindo a minha cabeça. - Vocês foram amantes.

- Eu não a seduzi. Tinha somente dezoito anos, mas em algum momento do caminho perdera a virgindade. Não era difícil ficarmos juntos. l Havia tanta coisa acontecendo,

tanta gente na casa, que ninguém deu pela nossa ausência.

- Ela estava apaixonada por você.

- Ela disse isso. Disse que sempre estivera, desde pequena. O fato de que eu estava casado somente a tornou mais obstinada. Nunca nada do que quisera lhe fora negado, e, quando tentei argumentar, tapou os ouvidos com as mãos, fechou os olhos e recusou-se a ouvir. Não conseguia acreditar qUe eu não ficaria com ela. Não conseguia acreditar que eu não voltaria para ela. - O casamento foi num sábado. Eu teria que voltar para Londres no domingo à tarde. No domingo de manhã Pandora e eu subimos a colina, pela estrada, até o lago. Paramos no Corrie e nos deitamos na grama, com o som do regato borbulhando aos nossos pés. Finalmente eu a convenci que teria que ir. Ela chorou, protestou, agarrou-se a mim, mas, para acalmá-la, prometi que voltaria, que escreveria, que a amava. Todas as coisas tolas que dizemos quando não temos a coragem de colocar um ponto final. Quando não temos coragem para sermos fortes. Quando não se quer destruir os sonhos da outra pessoa.

- Oh, Edmund.

- Fiz uma grande tempestade com tudo aquilo. Fui um grande 408

covarde. Voltei para Londres, e, quando a distância começou a aumentar comecei a me odiar pelo que tinha feito a Caroline e a Alexa, e pelo que estava fazendo com Pandora. Determinei-me a escrever para ela quando chegasse a Londres, tentando explicar que todo o episódio fora um tipo de fantasia, dias que agora não tinham mais

significado, sem futuro, uma bolha de sabão. Mas não escrevi. Porque na manhã seguinte fui para o escritório e, na mesma tarde, estava num avião

com o meu chefe, voando para Hong Kong. Havia uma perspectiva de um grande negócio, e eu fui escolhido para fechá-lo. Fiquei fora durante três semanas. Quando cheguei de volta a

Londres, a época passada em Croy dissolvera-se numa improbabilidade distante, como dias roubados à vida de uma outra pessoa. Nem conseguia acreditar que aquilo se passara comigo. Eu era um homem bem-sucedido às próprias custas, não aquele romântico indeciso, apanhado por uma paixão sexual louca. E havia muita coisa em risco.

Por exemplo, o meu casamento. Uma vida que eu me esforçara para conseguir. Alexa. A perda de Alexa era impensável. E Caroline. Minha esposa não fazia muita diferença.

Voltara da Madeira, queimada do sol, recuperada. Tínhamos passado por tempos difíceis, e sairíamos dele. Estávamos juntos novamente, não era o momento de criar confusão.

Recuperáramos as rédeas da vida, o fio de um casamento conveniente.

- E Pandora?

- Nada aconteceu. Terminado. Nunca escrevi a tal carta.

- Oh, Edmund. Isso foi uma crueldade.

- Sim. Um pecado de omissão. Você conhece a sensação terrível de que existe uma coisa imensamente importante que você deve fazer e que não fez? E a cada dia que passa, torna-se mais e mais difícil realizá-la, até que finalmente ela ultrapassa a barreira da possibilidade e torna-se impossível. Tudo terminara. Archie e Isobel foram para Berlim, e os laços com Croy ficaram prejudicados. Não soube de mais nada. Até o dia que Vi telefonou para avisar que Pandora se fora. Fugira, com um americano

rico, com idade suficiente para ser seu pai.

- Você se culpou?

- Sim, muito.

- Alguma vez contou tudo para Caroline?

- Nunca.

- Foi feliz com ela?

-Não. Não era uma mulher que procurasse a felicidade. O casamento funcionava bem porque cada um cumpria a sua parte. Éramos esse tipo de pessoa. Mas o amor sempre foi muito ténue. Gostaríamos que tivéssemos sido felizes. Teria sido mais fácil

aceitar a sua morte. Eu teria a certeza de que não fora somente-ele procurou pelas palavras-uma perda de dez bons anos.

409

Parecia não haver mais nada a ser dito. Na distância que os separava, marido e mulher se olharam, e Virgínia viu os olhos encobertos de Edmund cheios de desespero e tristeza. Ela se levantou do banco e foi sentar-se ao lado dele. Tocou a sua boca com os dedos. Beijou-o. Ele levantou o braço e a envolveu.

- E nós? - ela perguntou.

- Nunca soube que poderia acontecer, até que conheci você.

- Gostaria que tivesse me contado tudo isso bem antes.

- Sentia vergonha. Não queria que soubesse. Daria a minha mão direita para mudar tudo isso. Mas não podia, porque já havia acontecido. Tornara-se parte de mim, ficara

para sempre.

-Falou com Pandora sobre isso?

- Não. Eu pouco a vi. Não houve oportunidade.

-Você deve conversar, resolver tudo com ela.

- Sim, eu sei.

- Acho que ela ainda é importante para você.

- Sim, mas faz parte de uma vida que já passou. Não a de agora.

- Sabe, eu sempre o amei. Acredito que se não o amasse tanto, você não conseguiria me fazer sentir tão infeliz. Mas agora compreendo que é humano e frágil, e que comete os mesmos erros de todas as pessoas e até outros mais. Nunca pensei que precisasse de mim. Sempre o vi como auto-suficiente. Ser necessário é mais importante

do que tudo.

- Eu preciso de você. Não vá embora. Não me deixe. Não vá para a América com Conrad Tucker.

- Eu não estava fugindo com ele.

- Pensei que estivesse.

- Mas não estou. Ele realmente é um homem muito interessante.

- Desejo matá-lo.

Não deve dizer nunca a Edmund. Ainda intocada pela culpa, sentiu-se protegida do marido, guardando um segredo como um troféu particular. Disse, em tom baixo:

- Isso seria lamentável.

- Seus avós ficarão sentidos?

- Nós iremos em outra época. Você e eu juntos. Deixaremos Henry com Vi e Edie, e iremos só nós dois. Ele a beijou e recostou a cabeça da almofada do sofá e bocejou.

- Gostaria de não ter que ir a essa festa.

- Eu sei, mas devemos. Ficaremos pouco tempo.

- Gostaria muito mais de ir com você para a cama.

- Oh, Edmund. Temos muito tempo para nos amar. Anos e anos, o resto das nossas vidas.

410

Edie veio procurá-los, batendo na porta primeiro. A luz do saguão brilhou por trás dela, e transformou o cabelo branco numa auréola.

- É para avisar que Henry está na cama esperando vocês...

- Oh, obrigada, Edie...

Eles subiram. Henry estava no quarto, já deitado. A lâmpada da mesinha era fraca, e o ambiente estava mergulhado nas sombras. Virgínia sentou-se na beira da cama e inclinou-se para beijá-lo. Ele estava meio adormecido.

- Boa-noite, querido.

- Boa-noite, mamãe.

- Você ficará bem?

- Sim, ficarei.

- Nada de maus sonhos.

- Não sonharei.

- Se acontecer alguma coisa, Edie está lá embaixo.

- Eu sei.

- Estou indo para a festa com papai. Ela se levantou e dirigiu-se para a porta.

- Divirtam-se - Henry desejou.

-Obrigada, querido. Nós nos divertiremos. - Ela passou pela porta e Edmund entrou.

- Bem, Henry, você voltou para a sua casa.

- Sinto muito sobre a escola. Não me sentia bem.

- Eu sei. Já compreendi. O Sr. Henderson também.

- Eu terei que voltar?

-Acho que não. Teremos que verificar se o colégio em Strathcroy o aceitará de volta.

- Você acha que eles me recusarão?

- Acho que não. Você ficará com Kedejah.

- Será ótimo.

- Boa-noite, filho. Sinto-me orgulhoso de você.

Os olhos de Henry estavam quase fechando. Edmund levantou-se e saiu. Mas, parou na porta, virou-se e compreendeu, com alguma surpresa, que os seus olhos estavam úmidos.

- Henry?

- Sim? -Moo está aí com você? - Não, não preciso mais dele.

411

Ao sair de casa, Virgínia viu que a chuva parara. De algum lugar soprava um vento frio como a neve, cortando a escuridão, fazendo os altos olmos de Balnaid sussurrarem

e estalarem. Olhou para o céu e viu estrelas porque o vento espalhara as nuvens para o leste, deixando o céu claro, infinito, salpicado de milhões de constelações.

Doce e frio, o ar bateu em sua face. Inspirou profundamente e sentiu-se revigorada.

Não se sentia mais cansada. Nem infeliz, zangada, ressentida ou perdida. Henry voltara para casa, e Edmund, de várias maneiras, voltara para ela. Ela era jovem e sabia que era bonita. Muito bem-vestida e pronta para a festa, poderia dançar a noite toda.

Dirigiram seguindo a luz dos faróis nas estradas estreitas. Quando se aproximaram de Corriehill, o céu estava claro pelo reflexo das fortes lâmpadas dirigidas para a frente da casa. Ao chegarem mais perto viram os fios de pequenas lâmpadas indo de árvore em árvore ao longo do caminho, e também as chamas brilhantes das velas romanas que assomavam na borda do gramado.

O BMW fez a última curva, e a casa surgiu em sua glória total, elevando-se contra o céu. Era impressionante, e imponente.

Virgínia comentou:

- Ela deve estar realmente se sentindo orgulhosa esta noite.

- Ela quem?

- Corriehill. Como um monumento. Em memória a todas as festas, jantares, festas de casamento e encontros que devem ter acontecido ao longo da sua história. E natais, e funerais também. Mas, principalmente, festas.

Três holofotes potentes estavam virados para cima, iluminando Corriehill desde as suas bases até as chaminés. Por trás, a tenda toda acesa por dentro, como num teatro

de sombras. Silhuetas moviam-se contra a lona branca. Eles ouviram a música. As danças já tinham iniciado.

Havia outro holofote do lado esquerdo, iluminando todo o recinto. Os carros estavam estacionados em filas compridas, bem organizadas, até onde conseguiam ver. Uma figura aproximou-se com uma tocha na mão. Edmund parou o carro e baixou o vidro. O

homem aproximou-se. Hughie McKinnon, antigo empregado diarista dos Stentons, fora requisitado para ajudar no estacionamento dos carros, já rescendendo a uísque.

- Boa-noite, senhor.

- Boa-noite, Hughie.

- Oh, é o senhor, Sr. Aird. Eu não reconheci o carro. Como está? Ele se afastou para olhar para Virginia, e os vapores do uísque diminuíram. - Sra. Aird. Como está a senhora?

- Muito bem, obrigada, Hughie.



- Muito bem, muito bem. Estão terrivelmente atrasados. O resto dos convidados chegou há mais de uma hora.

-Tivemos um contratempo inevitável.

- Bem, isso agora não é mais importante. A noite ainda está no começo. Agora, senhor-após os cumprimentos ele esticou as pernas - se o senhor quiser deixar a sua dama na parte da frente da casa e depois voltar, eu estarei aqui e o ajudarei a estacionar o carro lá adiante. - o portador da tocha oscilou perigosamente na direção

do campo e sussurrou discretamente: - Então poderão se divertir muito, nesta noite especial.

Ele se afastou. Edmund subiu o vidro.

- Duvido que Hughie consiga manter-se de pé a noite inteira.

- Pelo menos mantém-se aquecido. Não morrerá de hipotermia.

O carro voltou para a parte da frente da casa e parou atrás de um grande Audi com placa personalizada, que despejava a sua carga de moças e rapazes, todos afogueados e rindo muito daquela festa tão pródiga. Virgínia os seguiu enquanto Edmund voltava para encontrar Hughie e estacionar o carro.

Ela entrou na casa e foi envolvida pela luz, calor, música, o odor das flores, folhagens e pela fumaça da madeira. Ouviu os sons das vozes cumprimentando-se, rindo,

conversando. Quando subiu lentamente a escada, olhou pelo corrimão. Havia pessoas em todos os lugares. Muitos ela conhecia, outros eram estranhos, vindos de vários lugares do país para a festa. Havia uma grande fogueira, e em torno dela rapazes vestidos com os kilts conversavam, segurando as bebidas nas mãos. Dois eram oficiais

de Relkirk, flamejantes em seus uniformes vermelhos.

Da sala de jantar, com as portas ornadas com seda azul-escuro, vinha a batida forte da música. Havia um fluxo constante nas duas direções. Rapazes ansiosos, com um par a reboque, desapareciam na escuridão, enquanto outros emergiam, os jovens afogueados e suarentos como se tivessem acabado de jogar uma partida de squash, e as moças, com um olhar casual de sofisticação, passavam os dedos pelos cabelos e buscavam um cigarro. As luzes suaves ajudavam a formar uma aura de excitação.

Em um dos sofás próximos à entrada da biblioteca estava o general Grant-Palmer, de kilt, com os joelhos indecentemente separados. Conversava com uma senhora de seios amplos que Virginia não reconheceu. Muitas pessoas passavam por eles para entrar na biblioteca, e outras para a tenda na parte da frente da casa.

- Virginia! - Algum homem a chamava.

Ela acenou e continuou a subir a escada. Foi até o quarto com a placa de Ladies na porta, tirou o casaco de pele e colocou-o no alto da pilha de

abrigos sobre a cama. Depois foi até o espelho para pentear o cabelo. Por trás dela, a porta do banheiro foi aberta de repente e surgiu uma moça.

413

Tinha um cabelo claro que parecia um tufo de dentes-de-leão, e os olhos escuros como os de um panda. Virgínia quase lhe mostrou que o vestido estava preso inadvertidamente

na calça, mas compreendeu que ela usava uma saia balão. Desejando que Edmund estivesse ao seu lado para partilharem do engano, ela deu uma volta rápida para sentir

a saia bem solta, guardou o pente na bolsa e saiu do quarto. Edmund a esperava no pé da escada. Pegou sua mão: - Está tudo bem?

- Quero lhe contar uma cena engraçada que aconteceu lá em cima. Conseguiu estacionar o carro?

- Hughie descobriu um lugar para mim. - Venha, vamos ver o que está acontecendo.

Ela já tinha visto, na manhã em que trouxera os vasos, a tenda vazia e ainda não totalmente montada, com empregados por todos os lados. Agora tudo se transformara. Os meses de planejamento de Verena, o trabalho duro, as agonias mostravam

os seus frutos. Corriehill, Verena decidira, teria que ser especialmente projetado para aquela ocasião. Partindo da biblioteca, o caminho que levava à tenda era

de pedras quadradas usadas nos jardins. Os vasos tinham muita folhagem e crisântemos brancos, e as lâmpadas que os iluminavam oscilavam no desenho fino que lançavam

por baixo da lona.

No alto dos degraus, num local naturalmente privilegiado, eles pararam para apreciar e admirar a cena diante deles.

Os mastros da tenda tinham sido transformados em árvores com feixes de cevada, galhos de faia e sorveiras carregados de frutos vermelhos. No alto penduraram quatro

candelabros brilhantes. No fundo ergueram uma plataforma e penduraram bolas de gás prateadas onde estavam tom Drystone e sua banda tocando alto a dança escocesa

"The Soldier's Dance". tom ficava no centro com a sua sanfona e os outros em volta dele. Um pianista, dois rabequistas e um menino com um tambor. Paletós brancos e calças escocesas de tecido xadrez eram uma visão bonita. tom viu Virgínia, piscou para ela inclinando a cabeça. Seu copo de cerveja cheio até a borda estava ao seu lado no chão.

Grupos de dançarinos, em oito ou dezesseis, dançavam em círculos, dando-se as mãos, trocando de parceiros, batendo palmas e os pés no ritmo hipnótico da música.

No meio de um grupo havia um jovem enorme exibindo-se. Parecia forte o suficiente para ser um lançador ou um jogador de futebol, mas àquela noite colocava toda a energia na dança. O kilt voava, braços elevados acima dos ombros largos, a camisa saindo por baixo do colete, entregue inteiramente à música, os músculos da perna destacando-se quando marcava o compasso, lançando gritos e subindo do chão.



- Se não se cuidar - comentou Edmund - ele mesmo vai se machucar.

- É mais provável que mate a sua parceira.

Mas as moças o adoravam, gritando alegres quando eram levantadas do chão ou giradas no alto. Virgínia esperou para ver uma delas ser lançada, como uma boneca, quase até o teto da tenda.

Edmund cutucou-a:

- Veja Noel.

Virginia seguiu a direção apontada pelo dedo, encontrou Noel e deixou escapar uma risada. Ele estava com uma expressão confusa no rosto bonito, no centro de um dos grupos, tendo claramente perdido a referência, sem qualquer ideia do que deveria fazer. Alexa, imperturbada, tentava mostrar para ele os movimentos do outro parceiro,

enquanto ela, por sua vez, não tentava cooperar e mostrava um olhar de aborrecimento.

Procuraram os amigos. Encontraram Vi, Conrad e Pandora, Jeff e Lucilla, todos dançando juntos. O parceiro de Vi era um magistrado aposentado, com a metade da altura

dela e talvez a única pessoa mais velha do que ela no ambiente. Vi, grande e corpulenta, movia-se, quando dançava, leve como uma pluma, passando graciosamente de

um parceiro para outro sem perder o ritmo. Quando eles olharam, ela tomou o lugar novamente na corrente, e duas outras senhoras destacaram-se para o centro. Vi olhou por cima das cabeças, e viu Edmund e Virginia de mãos dadas no alto da escada.

Por um instante sua face corada e alegre anuviou-se. Levantou as sobrancelhas numa pergunta temerosa. Em resposta, Edmund levantou as mãos de ambos juntas, como num triunfo. Ela percebeu a mensagem. Um sorriso iluminou-lhe as feições. O ritmo da música acelerou-se ainda mais, e ela e o juiz deram-se as mãos para dançar novamente.

Violet fê-lo rodopiar tanto, que ele quase saiu voando nas próprias pernas.

No final, fizeram a Grande Corrente, deram uma volta final, a banda tocou o último acorde, e a dança terminou. Aplausos para os músicos especaram instantaneamente, palmas, alegria, pés batendo no chão. Os dançarinos, afogueados, suados, queriam mais. Houve pedidos exigentes de bis, uma outra rodada.

Mas para Violet era suficiente. Desculpando-se, ela deixou o parceiro e dirigiu-se, atravessando o salão, para Edmund e Virginia. Eles desceram

para encontrá-la,

e Violet abraçou a nora.

- Finalmente chegaram. Estava preocupada. Está tudo bem?

- Tudo, Vi. -Henry?

- São e salvo.

Violet olhou o filho com os olhos grandes e redondos.

- Edmund, você vai mandá-lo de volta?

- com este seu olhar eu não ousaria. Não, nós vamos mantê-lo em casa por mais algum tempo.

-Oh, graças aos céus. Você parou para pensar. E, se não me engano, pensou em mais de um problema. Posso dizer, somente olhando para vocês. - Abriu a bolsa, tirou o lenço e enxugou a testa.-Por mim, já tive o suficiente. Irei para casa.

- Mas, Vi - protestou Edmund -, eu ainda não dancei com você. -Então, ficará desapontado, porque já estou de saída. Tive uma noite esplêndida, um belo jantar e dancei muito. Fiz a minha parte. Diverti-me muito. É o momento de ir embora.

Ela era obstinada. Edmund ofereceu-se:

- Se quiser, posso ir pegar o seu carro e trazê-lo até a porta da frente.

- Seria ótimo. vou subir para pegar o meu casaco. - Ela beijou Virginia novamente.

- Temos muito o que conversar, mas em outro local e em outra hora. Mas estou feliz por vocês dois. Boa-noite, queridos. Divirtam-se.

- Boa-noite, Vi.

Edmund, após muito procurar, finalmente encontrou Pandora na sala de visitas, onde fora montado um grande bar em um dos lados com sofás e poltronas dispostos em grupos para facilitar as conversas. Ali estava Comparativamente calmo, embora fosse impossível escapar totalmente do ritmo da música que permeava tanto da banda quanto do aparelho de som. Em pé na porta, ele viu que vários convidados de Verena haviam escolhido descansar um pouco, recobrar o fôlego e tomar um drinque. Moças bem jovens sentaram-se no chão... uma boa posição para observar os jovens criados.

Uma delas chamara a atenção de Edmund, pois usava o menor vestido preto estampado com moedas antigas que ele já vira, com a parte da saia mal cobrindo as coxas. Ao perguntar quem era ela, foi informado de que se tratava de uma antiga amiga de escola de Katy, o que era difícil de acreditar. O modelo provocante e as longas pernas metidas em meias de seda preta não pareciam confirmar a idade.

Finalmente, deparou-se com Pandora enfiada num canto de sofá Próximo da lareira, entretida numa conversa com um homem. Edmund dirigiu-se para eles, e ela, sentindo a sua aproximação, virou a cabeça para recebê-lo.

- Edmund.

- Venha dançar.



- Oh, querido, estou exausta. Andei para cima e para baixo como um iô-iô.

- Vamos dançar aqui dentro. Estão tocando "Lady in Red".

- É maravilhoso. Edmund, você conhece Roberto Bramwell? Naturalmente que sim, ele pertence ao sindicato. Eu me esqueci.

- Desculpe-me, Robert, mas você não se importa se eu a roubar um pouco?

- Não, claro que não... - Ele teve alguma dificuldade em levantar do sofá, pois era corpulento. - ... Preciso procurar a minha esposa. Prometi-lhe

dançar e nem sei como vou começar, mas creio que seja meu dever...

-Muito obrigada pelo drinque-Pandora agradeceu meio distante.

- Foi um prazer.

Eles o olharam afastar-se. Atravessou a sala cheia de pessoas. Então, Edmund, sem cerimónia, sentou-se no lugar dele.

- Oh, querido, você está sendo malcriado. Pensei que quisesse dançar.

- Pobre homem. Provavelmente fez acrobacias para conseguir estar com você e eu vim para estragar tudo.

- Quanto a mim não estragou nada. Você não está bebendo nada.

- Preferi dar uma parada. Já bebi o suficiente pela noite.

-Oh, querido, você passou por maus momentos. Como está Henry?

- Considerando o que passou, está ótimo.

- Foi muito corajoso em fugir da escola. Realmente é preciso muita coragem para se

fugir de qualquer coisa.

- Você teve essa coragem.

- Querido, vamos voltar a esse assunto? Pensei que já tivéssemos terminado.

- Sinto muito.

- Sente muito por falar a respeito?

-Não. Por tudo o que aconteceu. Pela maneira como me comportei. Eu nunca me expliquei, e suponho que seja muito tarde para tentar fazê-lo.

- Sim, é muito tarde.

- Você nunca me perdoou?

- Edmund, eu não perdoo as pessoas. Não sou boa o suficiente para isso. Perdoar é uma palavra que não existe no meu vocabulário. Como eu posso perdoar, se durante a minha vida fiz tantas pessoas desesperadamente infelizes?

- Não é sobre isso que estamos falando.

- Se você quer tocar no assunto, sejamos objetivos. Você disse que escreveria, que entraria em contato, que me amava, e não fez nenhuma 417

dessas coisas. Não era um hábito seu não manter a sua palavra, por isso nunca consegui entender...

-Se tivesse escrito seria para lhe dizer que as minhas promessas não seriam mantidas e que estava desistindo delas. Mas eu protelei por muito tempo e, quando finalmente

decidi-me a escrever, já era tarde demais... Por isso optei pelo caminho mais fácil.

-Isso foi terrível. Nunca pensei que você optasse pelo caminho mais fácil. Pensei que o conhecesse bem, por isso eu o amei tanto. E não pude acreditar que não me amava. Eu o desejava. Foi uma tolice, mas durante toda a minha vida, tudo o que eu queria eu conseguia. Algo me ser negado foi uma experiência nova e cruel. E eu não consegui aceitá-la. Acreditei que ocorreria algum milagre e que tudo o que você havia feito - ido para Londres, casado com Caroline e tido Alexa-seria magicamente desfeito, absorvido, escondido debaixo do tapete. Outra tolice. Mas eu tinha somente dezoito anos, sem muita cabeça.

- Eu sinto muito.

Ela sorriu para ele e tocou-lhe o rosto com a ponta dos dedos.

-Você se culpa pela grande confusão que fiz? Não se culpe. Eu nasci desastrada.

Ambos sabemos disso. Se não fosse você teria sido outro homem. E se Harold Hogg não estivesse ali, transpirando riqueza e luxo, certamente eu encontraria outro homem igualmente impossível para fugir. Eu nunca o teria feito feliz. Acho que Caroline tampouco conseguiu, mas agora, com Virgínia, acho que encontrou a felicidade. Por isso me sinto feliz.

- O que mais a faz feliz?

-Mesmo que soubesse, eu não lhe diria.

- Por que voltou a Croy?

- Um capricho, um impulso. Para ver vocês todos novamente.

- Ficará por aqui agora?

-Acho que não. Sou muito impaciente.

- Isto me faz sentir culpado.

- Por quê?

- Não sei. Todos nos sentimos culpados.

- Eu também. Mas por motivos diferentes.

-Não gosto de vê-la sozinha.

- É melhor assim.

- Você é parte de todos nós. Sabe disso.

- Obrigada. É a melhor coisa que poderia me dizer. É a maneira que quero ser. É o que quero que perdure. - Ela se inclinou e beijou-lhe o rosto. Ele se sentiu ameaçado

pela sua proximidade, pelo toque dos lábios, pelo odor do perfume.

-Pandora...

- Agora, querido, já estamos há muito tempo sentados... Não seria melhor irmos

procurar os outros?

Passava de uma hora da manhã, com a festa no auge da animação quando Noel Keeling, incapaz e não desejando mais enfrentar uma dança chamada Duke of Perth, descobrindo-se

abandonado e sozinho, decidiu que precisava de um reforço líquido e procurou o bar.

Ofereceram-lhe champanha, mas a sua boca estava seca e ele preferiu uma cerveja gelada. Acabara de encostar os lábios no copo para dar o primeiro gole, quando, de repente, Pandora Blair surgiu diante dele.

Desde o jantar ele não a via, o que era um desastre, porque a achava a mulher mais bonita e divertida que encontrara nos últimos tempos.

- Noel.

Foi gratificante ser chamado por ela. Instantaneamente baixou o copo para que ela se aproximasse. Pandora sentou-se ao lado dele no banco vazio do bar, recostou-se e sorriu, com um ar de conspiração.

- Preciso de um favor seu - disse.

- Pois não. Deseja beber alguma coisa?

Ela pegou num copo bem cheio de champanha e bebeu-o como se fosse água. Ele riu.

- Este tem sido o seu ritmo durante toda a noite?

- Claro que sim.

- Qual é o favor?

- Acho que já é tempo de voltar para casa. Você me levaria? Noel, na verdade, foi apanhado de surpresa. Era a última coisa que poderia esperar.

- Por que quer ir embora?

-Acho que já permaneci o tempo suficiente. Dancei com todos, falei as coisas certas e agora anseio por me esticar em minha cama. Pensei em pedir a Archie para me levar, mas ele está se divertindo tanto, grudado no escritório de Angus Steynton com o general Grant-Palmer e uma garrafa de Glen Morangie, que fico acanhada de acabar com a alegria. Todos os outros estão pulando na tenda, nas danças tribais.

Até Conrad Tucker, o Americano Não-Tão Triste.

- Fiquei surpreso ao ver que conhece as danças.

- Archie e Isobel deram uma aula em Croy na quarta-feira, mas eu nunca imaginei que ele conseguisse se soltar tanto. Você pode me levar, Noel? Ou será muito horrível para você?



- Não, claro que não. Eu a levarei.

- Eu vim no meu carro, mas realmente não conseguirei dirigir, porque tenho certeza de que adormecerei logo depois da primeira curva e cairei numa vala. E os outros precisam chegar em casa também. Por isso seria melhor que eu deixasse o carro aqui.

- Eu a levarei no meu.

- Você é um anjo. - Ela terminou o champanha. - vou pegar o meu casaco e o encontrarei na porta da frente.

Ele pensou em dizer a alguém o que iria fazer, mas decidiu não falar porque a ida até Croy não levaria mais de meia hora e provavelmente ninguém notaria a ausência dele. No pé da escada, ele a esperou e achou graça por encontrar-se num estado agradável de antecipação, como se ele e Pandora estivessem embarcando num acordo partilhado

e secreto, com possíveis conotações românticas. O que, sob análise, compreendeu que tinha muito a ver com ela, e que provavelmente sempre exercia aquele efeito sobre qualquer homem a quem ela escolhesse para dedicar a sua atenção.

- Estou pronta. - Ela desceu a escada envolta no seu voluptuoso mink. Ele lhe segurou o braço, saíram pela porta e atravessaram a entrada de cascalho. O

pavimento

estava frio e molhado, enlameado. Ele se ofereceu para levantá-la nos braços e carregá-la até o carro, mas ela riu, tirou as sandálias e andou com os pés descalços.

O velho Hughie desaparecera, mas conseguiram encontrar o carro de Noel. Ele ligou o aquecimento para esquentar os pés dela.

- Quer que eu ligue o rádio?

- Prefiro que não. Irei num interlúdio com as estrelas. Ajeitou-se no banco, deu a

volta e saiu de Corriehill pela estrada pouco iluminada, entrando na zona mais escura. O interior cálido do carro rescendeu ao perfume dela, e ele teve a estranha sensação de que no futuro, sempre que sentisse aquele odor, se lembraria daquele momento, do pequeno percurso, daquela mulher. Ela começou a falar.

- Foi uma festa maravilhosa. Perfeita do princípio ao fim. Como era antigamente, talvez até melhor. Costumávamos ter festas dançantes em Croy, há muitos anos, quando

éramos todos jovens. Natais e aniversários. Era mágico. Você deve voltar a Croy porque as coisas ficarão melhores agora. Não haverá mais melancolia. Archie está melhor. Voltou a ser ele mesmo. Passou por um longo pesadelo, mas agora acabou.

Conseguiu resolvê-lo.

Por um minuto ela permaneceu em silêncio. Estava sentada com a face voltada para a direção oposta a ele, com o cabelo espalhando-se sobre 420

o casaco. Olhava pela janela para a estrada vazia e sem luz que ficava para trás à medida que passavam.

- Você voltará a Croy, Noel? - ela perguntou.

- Por que pergunta?

-Talvez eu esteja perguntando por mais alguma coisa. Talvez esteja perguntando por Alexa.

Ele foi cauteloso.

- Por que me pergunta?

- Acho que está oscilante, incerto. Não sabe o que fazer.

Ele ficou surpreso pela percepção dela.

- Conversou com Vi?

-Querido, nunca falo com ninguém. Não sobre assuntos como esse.

-Alexa é importante.

-Foi por isso que pensei. Veja, tenho uma estranha sensação de que você e eu somos bem parecidos. Eu nunca soube realmente o que queria, mas quando conseguia, descobria

que realmente não queria. Porque eu procurava uma coisa que não existia.

-Está falando de um homem em particular ou de um modo de vida?

- Acho que sobre ambos. Não andam juntos? É a perfeição. O final. Mas não acontece porque não existe. O amor não é encontrar a perfeição, mas perdoar

as faltas terríveis.

Acho que é uma questão de compromisso. E de reconhecer o momento de decidir, sair para pescar ou seduzir.

-Eu amo Alexa, mas não estou apaixonado por ela.-Pensou sobre o que dissera e então sorriu. - Sabe, eu nunca disse essas palavras em tom alto antes. Nem para mim mesmo. Nem para ninguém. E nem sobre ninguém.

- Como se sente tendo falado dessa forma?

- Assustado. Tenho medo de fazer promessas porque nunca fui muito bom em mantê-las.

- O medo é o pior motivo para fazermos alguma coisa ou para não fazermos nada. É

negativo. Como não fazer alguma coisa pelo medo do que as pessoas dirão. "Pandora, você não pode se comportar dessa forma!" O que as pessoas dirão? Como se eu me importasse. Não funciona. Temos que procurar uma desculpa melhor.

-Tudo bem. Que tal sem compromisso? Eu tomarei conta da minha própria vida.

- Funciona enquanto você é jovem. Mas os homens descompromissados na cidade, em geral, terminam como solteirões patéticos e solitários se não forem muito cuidadosos.

Do tipo que é convidado para os jantares para completar a mesa. E depois da festa eles voltam para o apartamento vazio com um cãozinho fiel para levar para a cama.

- É uma perspectiva engraçada.



- Você tem somente uma vida. Não existe uma outra oportunidade. Se deixar uma coisa boa escapulir por entre os seus dedos, ela nunca voltará. E, então,

passará a vida tentando encontrá-la novamente... passando de uma ligação insatisfatória para

outra. E logo chegará o tempo em que concluirá que isso não o levou a lugar algum.

Algo inútil. Só perda de tempo e de esforço.

- Então, qual é a sua resposta?

- Não sei. Não sou você. É preciso um pouco de coragem e muita fé. - Ela pensou no que dissera. - Pareço uma diretora no dia da formatura. Ou um político. "Vamos arregaçar as mangas e procurar, porque há muito trabalho a fazer." - Começou a rir.

- Vote em Blair e ganhe sementes de milho.

- Você está defendendo um compromisso. O riso dela desvaneceu-se.

- Existem coisas piores. Esta noite foi a primeira vez que vi Alexa, mas eu a observei durante o jantar... olhando para você, seus olhos cheios de amor. Ela é uma

doadora. Vale ouro.

- Sei disso.

- Portanto, nada mais tenho a acrescentar.

Mais uma vez fez-se o silêncio e agora faltava pouco para chegarem. No vale estreito as luzes de Strathcroy estavam meio apagadas, somente as da rua brilhavam.

O

interior do carro estava muito aquecido. Noel abaixou um pouco o vidro e sentiu o ar fresco bater-lhe no rosto, e ouviu o barulho do riacho correndo ao longo da estrada.

Chegaram aos primeiros chalés e atravessaram os portões de Croy. Ele mudou de marcha e começou a subir a colina. A casa os esperava, com as janelas às escuras.

Somente

o Land Rover de Archie estava estacionado solitário em frente à porta principal.

Noel parou o carro e desligou a ignição. A noite estava silenciosa, havia somente o barulho do vento.

- Aqui estamos.

Ela se virou para ele com um sorriso cheio de gratidão. -Você foi um doce. Espero não ter estragado a sua diversão. E sinto muito se interferi.

-Ainda não compreendi bem por que me disse todas essas coisas.

- Provavelmente porque bebi muita champanha. - Ela se inclinou para beijá-lo. -

Boa-noite, Noel.

- A porta está aberta?

- Claro que sim. Nunca fica trancada.

- Eu entrarei com você.

- Não é preciso. - Ela o reprimiu, colocando a mão sobre o braço dele. - Não precisa saltar. Volte para Alexa.

Ela saltou do carro e bateu a porta com força. Seguindo pela luz dos 422

faróis, atravessou a entrada de cascalhos e subiu os degraus, afastando-se dele.

Ele a olhou ir. A grande porta se abriu, ela se virou para acenar e desapareceu.

A porta se fechou. Ela se fora.

Até mesmo tom Drystone não conseguia tocar indefinidamente. Após o término de duas rodadas de "The Duke of Perth", finalizando com a dança distintamente não-escocesa de "The Girl I Left Behind Me", ele puxou um longo acorde do acordeão, colocou-o no chão, levantou-se e anunciou no microfone que ele e os colegas iriam jantar.

A despeito dos gritos de desespero e de muitos gracejos, manteve a palavra e conduziu o grupo de músicos pingando de suor pela pista de dança para fora da tenda.

Na calmaria que se seguiu, os dançarinos, abandonados por um momento, ficaram desanimados, mas quase instantaneamente foram assaltados pelas ondas inebriantes do cheiro de bacon frito e café fresco de dar água na boca que vinham da casa. Aquilo lembrou a todos que já fazia algumas horas que haviam se alimentado pela última vez e iniciaram um êxodo em busca da nova refeição. Mas, à medida que a tenda lentamente se esvaziava, um jovem - espontaneamente ou talvez previamente instruído por Verena - subiu na plataforma, sentou-se ao piano e começou a tocar.

- Virgínia... - Ela estava quase no meio da escada de degraus de pedra que conduzia para a casa. Virou e viu Conrad atrás dela. - Venha dançar comigo.

- Não quer bacon com ovos?

- Mais tarde. A música está muito bonita para ser perdida. Estava mesmo muito bonita. O tipo de música suave, envolvente,

tranquila, que evocava um longo tempo atrás, em restaurantes caros e sofisticados, boates escuras e filmes sentimentais que deixam os olhos cheios de lágrimas e um pacote de lenços de papel encharcado. Enfeitiçada - Estou preso novamente, novamente encantado... Ela capitulou.

-Está bem.

Foi envolvida pelos braços dele. Conrad a segurou mais próxima e apertou o rosto contra os cabelos dela. Dançaram, movendo-se pouco, mas notando os outros casais que, sucumbindo à sedução do piano pungente, voltaram mais uma vez à pista.

-Você acha que ele sabe tocar "The Look of Love"?-ele perguntou.

Ela sorriu para si mesma.

423

- Não sei. Pergunte a ele.

- A festa está ótima.

- Estou impressionada com a sua desenvoltura nas danças folclóricas.

- Acho que se você consegue dançar uma quadrilha, consegue dançar qualquer coisa.

- Precisa somente de coragem.

- Eles ainda fazem os encontros dançantes de sábado à noite no clube de Leesport?

-Espero que sim. Toda uma nova geração deslizando no terraço sob as estrelas.

- Estamos nos saindo bem agora.

- Conrad, eu não irei mais viajar. Não voltarei com você. - ela acrescentou.

Ela sentiu a mão dele movendo-se nas suas costas, gentil, como um carinho. Olhou-o.

- Você já sabia, não sabia?

- Sim - admitiu.

- Achei que não iria.

- Tudo mudou. Henry está em casa. Nós conversamos. Tudo ficou diferente. Estamos juntos novamente, Edmund e eu. Está tudo bem novamente.

- Fico contente.

- Edmund é a minha vida. Eu me perdi dele, mas ele voltou e nós estamos juntos.

- Fico feliz por você.

-Agora não é o momento de sair e deixá-lo.

- Ele é um homem de sorte.

- Não de sorte. Somente especial.

- É um bom sujeito.

- Sinto muito, Conrad. Não quero que pense que eu o usei. -Acho que nós nos usamos.

Nós aplainamos as nossas necessidades

mútuas. No momento exato, com a pessoa correta. Pelo menos para mim foi com a pessoa correta. Foi com você.

- Você também é um homem especial. Sabe disso, não sabe? E um dia, mais cedo ou mais tarde, encontrará alguém. Alguém tão especial quanto você. Ela não preencherá o lugar de Mary, porque ela sempre terá o lugar dela. Ela o preencherá pelas razões corretas. Lembre-se disso. Para sua própria segurança e para a segurança de sua filha.

- Foi bom ouvir isso. "

- Não quero que continue a se sentir triste.

- Não serei mais o Americano Triste.

- Oh, não me lembre do que falei sem pensar.

424

- Quando a verei novamente?

- Logo. Nós iremos aos Estados Unidos, Edmund e eu. Nós todos estaremos juntos novamente.

Ela apoiou a cabeça no ombro dele. "Enfeitiçado, preocupado, confuso eu estou." As últimas notas soaram vagarosas no piano.

- Eu a amo - ele disse.

- Eu também o amo. Foi maravilhoso - disse Virgínia.

Noel voltou para Corriehill. com o vento entrando pela janela aberta, o Volkswagen enfrentou as colinas, e ele resolveu ir devagar. Estar a sós era estranhamente calmo, um pequeno espaço para respirar e reunir os pensamentos, e deixar alguns

vagarem. Ao deixar Croy pensara em colocar uma fita para ter companhia, mas depois desistiu ao sentir que preferia o silêncio. Além disso parecia quase uma blasfémia cortar a escuridão da noite com os acordes de um rock.

A zona rural à sua volta estava obscura, desolada, pouco habitada, mas sentia que a sua passagem era, de alguma forma, inexplicavelmente observada. Era uma terra antiga. Os topos das montanhas que empurravam o céu tinham assumido aquela forma desde o começo dos tempos, e a paisagem de agora provavelmente permanecera a mesma por centenas de anos.

Logo à frente, a estrada estreita fazia uma curva pronunciada. Há muito tempo quando fora projetada, seguia os limites de uma fazenda, evitando a represa de pedras

de uma pequena propriedade. Agora os donos eram outros, e os tratores, os carros do leite e os ônibus vinham por ali, embora a estrada fosse cheia de vento, subisse e descesse sem um propósito aparente, como sempre fizera.

Incapaz de superar a sensação de estar sendo observado, ele pensou nos antigos proprietários, entregando suas energias para lutar contra o clima cruel, a terra obstinada,

o solo estéril. Arar o solo improdutivo atrás de um cavalo, colhendo, com a segadeira, as poucas sementes. Enfrentar as nevascas em busca de uma ovelha, cortar a

madeira para queimar - Imaginou aquele homem voltando para casa, como ele agora, atravessando o vale vazio, talvez a cavalo, porém mais provavelmente a pé. Subindo a colina, vergado pelo vento vindo do oeste. A estrada, então, parecia muito longa, e o trabalho pela sobrevivência, interminável.

Descobriu que era impossível imaginar aquela vida tão dura, com tarefas pesadas.

Noel nunca pensara na segurança do século vinte, com as necessidades e os luxos supridos, e o problema da sobrevivência resolvido.



Nunca tivera que lidar com aquilo e, comparando com as suas próprias incertezas, elas lhe pareceram tão sem importância que ele se sentiu inferiorizado pela sua trivialidade.

Mas era a vida dele. Você tem somente uma vida, Pandora dissera. Não terá outras oportunidades. Se deixar uma coisa boa escapulir por entre os seus dedos, ela nunca voltará.

Isso o fez pensar em Alexa. Alexa era como ouro. Pandora estava certa, e ela sabia disso. Se for magoá-la, faça-o agora... A velha Vi, sentada na colina, acima do lago, abrindo o seu coração com ele.

Pensou em Vi e em Pandora, nos Balmerinos e nos Airds. Juntos constituíam um modo de vida que ele nunca experimentara verdadeiramente antes. Família, vizinhos, amigos,

envolvidos, interdependentes. Pensou em Balnaid e mais uma vez foi assaltado pela convicção irracional de que pertencia àquele lugar. Alexa era a chave.

Agora, para surpresa sua, era sua mãe quem se juntava aos argumentos. A felicidade é fazer o melhor com aquilo que se tem. O tom firme e seguro de Penelope soava claro em sua mente, arruinando todos os argumentos, estabelecendo a lei, como fazia sempre quando se sentia firme a respeito de algum assunto. Então, o que restava a ele?

A resposta estava dolorosamente à sua frente. Uma moça. Sem sofisticações e que não era particularmente bonita. Na verdade, a própria antítese de todas as mulheres que tivera anteriormente. Uma moça que o amava. Que não era somente para distrair-se, que não reclamava das suas exigências, com uma constância que brilhava como uma chama permanente. Pensou sobre os últimos meses, durante os quais vivera com Alexa na sua pequena casa em Ovington Street, e uma séria de imagens ao acaso flutuou

livre em sua mente. Novamente foi tomado pela surpresa, porque, por alguma razão, o seu subconsciente não trouxe nenhuma das posses materiais que lhe haviam chamado a atenção de imediato naquela noite, há tanto tempo, quando Alexa o convidara para tomar um drinque. Os quadros, a mobília, os livros e a louça de porcelana. Os belos descansos o guarda-louças e os dois faisões de prata no centro da mesa de

jantar. Ele viu os deliciosos objetos domésticos. Um prato com maçãs frescas, uma fatia de pão feito em casa, um vaso com tulipas, o brilho do sol poente nas Panelas de cobre penduradas na cozinha.

E, então, as outras boas coisas que eles partilharam. Kiri te Kanawa cantando no Covent Garden, a Galeria Tate numa manhã de domingo. O almoço no San Lorenzo. O

amor na cama. Pensou na sensação de paz de voltar para casa à noite, vindo do escritório, virando na Ovington Street e sabendo que ela o esperava.

Era o que ele tinha. Alexa. Ali. Esperando-o. Tudo o que ele queria. Tudo o que importava. Então, por que se questionava? O que procurava mais? De repente, todas as perguntas perderam a importância, e nem tentou encontrar as respostas.

Porque a perspectiva de um futuro sem ela era inimaginável.

Conscientizou-se, então, de que estava sobre uma linha divisória, a caminho de um compromisso. Para o melhor e o pior. Até que a morte os separasse. Mas as palavras intimidantes não mais o aterrorizaram. Pelo contrário, sentiu-se encher de um sentimento inesperado ao qual não estava acostumado, de propósito e júbilo.

E uma urgência. Não havia mais razão para protelar. Surgia uma nova impaciência.

Respirou fundo e acelerou. O motor respondeu, e o carro aumentou a velocidade, mesmo

subindo a colina. Na estrada que levava a Corriehill.

Sua mãe ainda permanecia próxima. Tudo bem, disse. Eu a ouvi. A senhora defendeu o seu ponto de vista muito bem. Eu estou a caminho para tomar as providências. Disse as palavras em tom alto, e o vento as arrebatou de sua boca e as atirou para trás.

Ele gritou:

- Estou indo. - E a certeza veio para ambos, sua mãe já morta e o seu amor bem vivo.

Os primeiros convidados se despediam. Os faróis acesos dos carros podiam ser vistes à distância, afastando-se de Corriehill, passando por entre as árvores, atravessando

os portões. Subindo a colina, Noel passou por alguns deles, mas havia espaço suficiente na estrada larga e tempo para algumas pilhérias, comentários irónicos sobre

a chegada aparentemente tardia de Noel, é melhor tarde do que nunca.

Os convidados mostravam a sua satisfação pela festa.

Como o êxodo já começara, Noel não se preocupou em estacionar nos fundos. Parou ao lado da porta principal. Quando subiu os degraus, surgiu um casal de meia-idade; ele se afastou e segurou a porta para deixá-los passar. O marido lhe agradeceu e desejou-lhe boa-noite, depois pegou delicadamente o braço da esposa para ajudá-la a descer os degraus. Ele os olhou irem embora, andando com cuidado e entretidos na conversa. Ouviu o riso deles. Já idosos, mas haviam se divertido muito, e agora voltavam juntos para casa. Pensou novamente: até que a morte os separe. E, afinal, a morte era parte da vida, e a parte viva era que importava.

Atravessou a porta à procura de Alexa. Não estava na sala do som 427

nem na sala de visitas. Ao sair daquela sala, ouviu o seu nome sendo chamado:

- Noel.

Parou, virou e viu uma moça a quem não fora formalmente apresentado, mas que sabia ser Katy Stenton porque Alexa lhe mostrara. Era loura e magra, com as feições caracteristicamente inglesas: uma estrutura bem proporcional, face alongada, olhos azuis pálidos e uma boca fina. Usava um vestido de cetim no tom exato dos olhos e segurava a mão de um rapaz que estava obviamente impaciente para levá-la para a sala atordoante de onde vinha o som.

- Olá.

- Você é Noel Keeling, não é? O amigo de Alexa? Por alguma razão, Noel sentiu-se como um tolo.

- Sou sim.

- Ela está na tenda. Sou Katy Steynton.

- Sim, eu sei.

- Ela está dançando com Torquil Hamilton - Scott.

- Obrigado. - A resposta soou um tanto rude. - É uma bela festa. Você deve estar feliz. Foi muito gentil em me convidar.

- Não precisa agradecer. Foi ótimo... - Ela foi puxada pelo rapaz -... você ter vindo.

Um garçom surgiu com uma bandeja repleta de taças brilhantes com champanha. Quando passou, Noel tirou uma para si e dirigiu-se à biblioteca para ir até a tenda.

O ritmo atingira um crescendo, pois a banda já estava na segunda rodada da música, e aumentava a cada compasso. No alto dos degraus, parou para procurar Alexa, mas, então, apesar da sua ansiedade em descobri-la, da sua impaciência, foi desviado por uma visão diante dele. Nunca fora muito interessado pelas danças folclóricas, nem pelas danças escocesas, mas a atmosfera tornara-se elétrica, com uma carga que não podia ser ignorada. Seus instintos profissionais, criativos, responderam automaticamente

ao assalto visual, aos seus sentidos, aos círculos girantes de cor e movimento, e desejou ter sido possível captá-los numa fotografia. Aquela dança possuía uma simetria

agressiva que o lembrou da precisão de algum toque de recolher militar muitas vezes ensaiado. O chão falso da tenda gemia audivelmente quando uma centena de pares de sapatos golpeavam numa total precisão, e no centro de cada roda havia um vórtex, que sugava o dançarino do lado do grupo e o atirava um segundo mais tarde com o impacto total da força centrífuga. As moças, com os cabelos em desalinho, mostravam contusões obliquamente dispostas, infligidas pelos botões de prata da jaqueta

do parceiro, porém estavam mesmerizadas pelos passos intricados do reel, concentradas e esperando a próxima vez de serem apanhadas pelo inferno rodopiante.

Finalmente viu Alexa, no seu vestido estampado de flores, as faces afogueadas e o cabelo solto. Ela não sabia da sua presença e dançava com um dos jovens soldados, uma figura atraente, de cabelos escuros metido numa jaqueta vermelha já amassada.

Noel a viu absorta, excitada, em grande felicidade, a face voltada para o parceiro, rindo.

Alexa.

- É uma dança dos diabos, não acha?

Surpreso, Noel olhou à volta e viu o homem que parara ao seu lado, presumivelmente apreciando, como ele, o espetáculo.

- Certamente. O que estão dançando?

- O reel da 51a divisão das Highlands.

- Nunca ouvi falar dela.

- Foi inventada num campo de prisioneiros na Alemanha durante a guerra.

-Parece extremamente complicada.

- Sim, por que não? Tiveram cinco anos e meio para inventá-la. Noel sorriu polidamente e voltou a observar Alexa. Agora a sua paciência diminuíra, e ele ansiava para que a dança terminasse. O que só aconteceu um ou dois minutos depois. Mais alguns compassos num crescendo e finalmente um rufar de tambores. Aplausos, palmas e assovios tomaram o lugar da música, e Noel não perdeu tempo. Deixou o copo num vaso de plantas próximo e abriu com os ombros o caminho entre os pares que enchiam o salão até Alexa, que recebia os agradecimentos e era abraçada pelo parceiro suarento.

-Alexa.

Ela se virou e o viu; sua face afogueada acendeu-se, e ela se desvencilhou do rapaz e estendeu a mão para ele.

- Noel. Onde esteve?

- Eu explicarei. Vamos beber alguma coisa... - Ele pegou a mão dela e puxou-a com firmeza enquanto ela se despedia do soldado por cima do ombro, sem resistir ao gesto de Noel. Ele a tirou da tenda e atravessou a biblioteca; procurava um lugar onde houvesse mais paz, e decidiu-se pela escada.

- Mas Noel, pensei que fôssemos beber alguma coisa.

- Nós iremos logo.

- Você está me levando para o banheiro das senhoras.

- Não, não estou.

A meio caminho de subida havia mais calma e pouca iluminação. Ele sentou-se sobre o degrau atapetado e puxou-a para que sentasse ao seu lado, segurou-lhe a cabeça com as duas mãos e beijou-lhe as faces vermelhas, as sobrancelhas, os olhos e depois a boca meio aberta, doce, silenciando seus protestos.



Levou bastante tempo nisso. Finalmente afastaram-se. Depois de um momento, ele falou:

-Eu vi você dançando, já que era tudo o que podia fazer. -Não entendi, Noel.

Ele sorriu.

-Nem eu.

-O que aconteceu?

- Levei Pandora até Croy.

- Não sabia para onde tinha ido.

- Eu amo você.

- Eu o procurei, mas...

- Eu quero você para sempre.

- Você me tem.

- Até que a morte nos separe.

Ela olhou para ele, pega de surpresa, quase assustada.

- Oh,Noel...

-Por favor.

- Mas isso é para sempre.

Pensou no casal idoso, de braços dados, saindo da escuridão para voltar para casa.

Juntos.

- Eu sei.

Nunca se sentira tão confiante, sem medo, com tanta certeza do propósito da sua vida.

- Sabe, Alexa, eu estou pedindo que se case comigo.

Pandora fechou a porta atrás dela. Dentro da casa, com as cortinas estendidas e a porta fechada, estava muito escuro, o grande saguão iluminado somente pelo brilho das toras em brasa do fogo que se apagava. Estava sozinha. Era a primeira vez na sua vida que tinha Croy para si mesma. Sempre havia outras pessoas à volta. Archie, Isobel, Lucilla, Conrad, Jeff. Antes deles, seus pais, os criados, a corrente constante de visitantes e amigos, sempre alguém, indo ou vindo. Vozes distantes, risos

distantes.

Ela acendeu as luzes e subiu até a passagem para o seu quarto. Achou-o como o tinha deixado, cheio de roupas jogadas, a cama desfeita. O copo vazio de uísque na mesa de cabeceira, junto com o rádio e o Pequeno livro com as pontas viradas. A penteadeira estava cheia de vidros e potes, suja de pó-de-arroz, a porta do guarda-roupa

aberta, e sapatos espalhados pelo chão.

Atirou a bolsa sobre a cama e foi até a escrivaninha bombé. Ali estava 430

a carta que escrevera até sucumbir à exaustão e ir para a cama para tirar um dos seus cochilos. Ela a pegou para reler. Não levou muito tempo. Dobrou-a e meteu-a num envelope, umedeceu a ponta para colá-lo. Deixou-o sobre o mata-borrão.

Foi até o banheiro. Esse também, se encontrava no estado habitual de desordem, com as toalhas molhadas no chão e o sabonete empapado e esquecido no fundo da banheira.

Encheu um copo com água e bebeu inteiro, olhando para o seu reflexo no espelho. O

vidro com as pílulas ficava na prateleira logo abaixo. Estendeu a mão para pegá-lo, mas, desajeitadamente, ou talvez sua mão tivesse tremido, bateu inadvertidamente no vidro de Poison que estava no caminho. Ele balançou e caiu, e ela observou a queda, que pareceu acontecer lentamente, como num filme em câmera lenta. Somente quando ele chegou ao chão e se despedaçou foi que ela estendeu a mão para ampará-

lo.

Era tarde. O chão encheu-se de estilhaços do vidro, e Pandora sentiu-se quase anestesiada pelo odor concentrado do precioso perfume dourado...

Que aborrecimento.

Mas não importava. Nem tentou limpar o chão, porque cortaria os dedos. Isobel trataria de tudo. Pela manhã. Amanhã pela manhã Isobel cuidaria da

limpeza.

Ela colocou o frasco com as pílulas num lugar mais seguro, no fundo do bolso do seu casaco de mink, e, então, tendo o cuidado de apagar as luzes e fechar a porta do quarto, desceu e foi para a sala de visitas. Acendeu as luzes principais e o grande candelabro, suspenso no meio do teto, brilhou em milhares de facetas do cristal

resplandecente. Ali também o fogo estava quase apagado, mas o ambiente permanecia aquecido e confortavelmente gasto e familiar, com suas paredes revestidas de damasco

carmesim, cobertas com retratos antigos e pinturas a óleo que Pandora conhecera por toda a sua vida. Tudo era muito querido. As poltronas e sofás, as almofadas diversas,

o pequeno banco forrado de veludo verde onde se sentara quando era criança, enquanto o pai lia em voz alta para ela antes de ir para a cama. E o piano. Mamã costumava

tocá-lo à noitinha, e Pandora e Archie cantavam cantigas antigas. Cantigas escocesas. Cantigas de lealdade e amor, e morte... quase todas assustadoramente tristes.

As ladeiras e declives do bonito Doon,

Como podem florir frescas e belas...

Como era adorável tocar como Mama. Mas, ao tomar aulas, a jovem Pandora logo se cansou delas, e sua mãe, como sempre, a deixara escapulir. Por isso ela nunca aprendera.



Outra mágoa para se juntar às outras. Outra oportunidade perdida de alegria.

Foi até o piano e levantou a tampa. Casualmente tocou com um dedo só as notas de uma canção.

É um longo tempo

Entre maio e dezembro

Mas os dias ficam mais curtos...

Tocou uma nota errada. Tentou outra vez.

curtos... ?

Quando setembro chega.

Não era uma boa performance.

Ela fechou o piano, saiu da sala, atravessou o saguão e foi até a sala de jantar.

Mais detritos. A mesa ainda posta, jarras vazias, copos, guardanapos amassados, raspas de chocolates, cheiro de cinza de cigarro. O aparador estava carregado de garrafas de cristal. Encontrou uma garrafa aberta de champanha, ainda com três quartos

de líquido, que Archie tapara para um consumo posterior com um possível visitante.

Pegou-a, atravessou novamente o saguão e saiu pela porta da frente.

O Land Rover de Archie a esperava. Ela subiu por trás da roda e sentou-se no banco gasto e não muito perfumado. Nunca o dirigira antes, e foram precisos alguns minutos

para decifrar as complexidades da ignição, engrenagem e faróis. Finalmente compreendeu todo o mecanismo. Acendeu os faroletes, deu partida e saiu.

Desceu entre as massas compactas dos rododendros, passou pela cerca do gado, dobrou à direita e subiu a colina. Dirigia devagar, com imenso cuidado, perscrutando o caminho por entre as luzes mortiças, como se andasse na ponta dos pés. Passou pela fazenda, entrou nos campos. Surgiu a casa de Gordon Gillock. Ela receou que o barulho do motor acordasse os

cães de Gordon, pois eles começariam a latir e a fazer barulho, acabando por acordar o dono. Mas isso não aconteceu.

Acendeu os faróis altos e pôde andar um pouco mais rápido. A estrada fazia curvas, contorcia-se, mas ela conhecia cada pedaço do caminho. Logo chegou a uma cerca de veados, com os portões altos. O último obstáculo. Deu uma parada, puxou o freio de mão e, deixando o motor ligado, desceu para abrir os portões. O pino estava enferrujado, difícil de manejar, mas finalmente conseguiu, e os portões maciços

abriram pelo próprio peso. Voltou para o Land Rover, passou pela abertura e começou tudo novamente - descer, fechar os portões e voltar para o carro.



Livre. Agora estava livre. Nada mais a temer. Nada mais com que se preocupar.

Balançando e pulando, o Land Rover andou devagar pela trilha não delimitada, os faróis

apontando o céu, e o ar úmido e adocicado penetrando pelas janelas mal ajustadas, esfriando o rosto.

Para trás o mundo ficara menor ainda, infinitesimal, sem importância. As colinas cerravam as fileiras, protegendo-a, como um abraço reconfortante. Era a terra de Pandora. Ela a carregara durante todos aqueles anos perdidos no coração, e agora voltava para sempre. Era realidade. A escuridão, a sensação de pertencer. Aquecida e segura, confortável como num ventre.

- Vocês são o meu ventre - disse para as montanhas. - Retornei ao ventre. - Começou a cantar.

As ladeiras e declives do bonito Doon,

- Como podem florir frescas e belas...

Sua voz, fina, desafinada, fora do tom, ecoou solitária como Q pio do maçarico.

Muito banal. Algo alegre.

Oh, o gato preto urinou no olho do gato branco. E o gato branco disse: - Gorblimey.

Desculpe-me senhor se urinei no seu olho Mas não sabia que estava atrás de mim.

Foi em algum momento antes de chegar ao lago, mas o tempo não importa, porque agora não havia pressa, nem estresse, nem urgência, nem pânico. Tudo fora cuidado, não esquecera de nada. As marcas de terra familiares vieram e foram. O Corrie foi uma delas. Pensou em Edmund, depois afastou o pensamento.

Soube que estava chegando ao lago quando os pulos do carro cessaram e a terra se elevou mais e as rodas do Land Rover correram suaves sobre a grama fechada.

À luz dos faróis, as águas escuras se revelaram, as margens distantes invisíveis, perdidas na bruma. Viu a forma escura do abrigo dos barcos, o pálido doentio da praia de cascalho.

Desligou o motor e os faróis, apanhou a garrafa de champanha e pulou para a grama.

Os saltos das sandálias afundaram na turfa macia, e o ar estava bem frio.

Aconchegou-se

no casaco e parou por um momento para ouvir o silêncio. Ouviu o ruído do vento, da água no cascalho, o zunido dos pinheiros altos na extremidade mais afastada da represa.

Sorriu, porque se sentiu como sempre se sentira. Andou até a água e sentou-se no banco de turfa acima da pequena praia. Colocou a garrafa ao 433

seu lado e tirou o frasco de comprimidos para dormir do bolso do casaco, destapou-o e colocou todos os comprimidos na palma da mão. Eram muitos. Colocou a mão na boca e empurrou-os todos de uma vez.

O gosto e a textura fizeram-na estremecer com um soluço. Impossível mastigá-los ou engoli-los. Pegou a garrafa de champanha, tirou a rolha, levou-a aos lábios e lavou com ela o gosto ruim da boca. O líquido ainda fervia e borbulhava. Era importante não vomitar. Bebeu mais champanha, limpando a boca como se tivesse saído de uma sessão no dentista.

Veio-lhe à mente um pensamento divertido. Fora inteligente ao usar o champanha.

Como ser envenenado por uma ostra ou fugir num RollsRoyce. O que mais era esperteza?

Uma vez ouvira falar da mãe de alguém que morrera no Salão de Alimentos, no Fortune e Mason. Presumivelmente fora arrumada...

Sua mente divagava. Realmente não era o lugar para se lembrar da velha senhora morta.

... arrumada por algum homem gentil; acondicionada atrás dos vasos de Línguas de Rouxinóis no Aspicus...

Parou para arrancar as sandálias de salto alto e, na proporção direta, sentiu a cabeça girar como se alguém lhe tivesse batido na nuca. Não havia tempo a perder.

Largou o casaco, levantou-se e atravessou a pequena distância que a separava do

lago. As pedras machucaram os seus pés desnudos, mas foi de certa forma uma agonia separada, como se estivesse acontecendo com uma outra pessoa.

O lago estava frio, porém, não mais frio do que em outras ocasiões, outros verões nunca esquecidos, outras nadadas no meio da noite. Aqui a margem inclinava-se abruptamente.

Um passo, e mergulhou os tornozelos, mais outro e foi até os joelhos. Os panos do vestido a puxavam pelo peso da água. Outro passo. Mais outro, e foi tudo.

Mergulhou mais, perdendo o pé, a água fechando-se no alto da sua cabeça. Ela veio à tona, ofegante, debatendo-se à procura de ar. Os cabelos compridos grudaram nos ombros nus, e ela começou a nadar, mas seus braços ficaram fracos e as pernas, envoltas e embaraçadas nas camadas de chiffon encharcadas. Talvez ela pudesse se libertar

delas, mas estava muito cansada... sempre muito cansada... para fazer um esforço.

Um pouco de repouso, somente para flutuar com a maré.

As colinas não estavam mais distintas, porém continuavam ali, o que era reconfortante.

Sempre cansada. vou tirar só um cochilo.

Viu, com gratidão, o céu noturno pontilhado de estrelas. Virou a cabeça para trás para vê-las, e a água escura cobriu a sua face.

434

Sábado, 17

Eram cinco e meia da manhã quando Archie Balmerino olhou para o relógio e se deu conta da hora. Ergueu-se com relutância do sofá onde estivera sentado bebendo placidamente

o seu uísque maltado conversando com o jovem Jaime Ferguson-Crombie.

A festa terminara. Não havia sinal de Isobel e nem dos outros convidados que restaram hospedados na casa; a banda se fora, e a tenda estava deserta. Do toca-discos

ainda vinha algum som e, observando à volta, ele viu dois ou três casais deslizando no escuro como se tivessem adormecido de pé. Nem havia sinais dos anfitriões.

Podia ouvir vozes na cozinha, e ele se perguntou se deveria ir procurar Verena.

Decidiu não ir. Era hora de ir para casa. Poderia escrever os agradecimentos sinceros

num bilhete a ser colocado junto com o café da manhã no dia seguinte.

Saiu da casa, desceu os degraus e foi para o estacionamento. A noite cedia lugar ao dia, e o céu estava cinza. O amanhecer não tardaria. Ocorreu-lhe que talvez não encontrasse nenhuma forma de transporte. Os outros, talvez retornando a Croy em grupos, se haviam esquecido dele, não deixando nenhum carro que pudesse dirigir.

Então, viu a pequena caminhonete de Isobel parada solitária no meio do campo, e soube que ela não o esquecera. Sentiu-se cheio de gratidão pelo seu cuidado.

Saiu de Corriehill. As velas romanas tinham se extinguido, e com elas as luzes.

Sabia que estava levemente embriagado, mas, por alguma razão, a mente estava clara.

Dirigiu lentamente, com cuidado concentrado, atento à improbabilidade de ser parado pela polícia, sem nenhuma esperança de passar pelo bafômetro. Por outro lado, se encontrasse um policial, provavelmente seria o jovem Bob McCrae, de Strathcroy, que certamente não apreenderia a caminhonete por ele estar dirigindo alcoolizado.

Totalmente errado, somente uma das insolências e privilégios, refletiu, das pessoas do local.

Fora uma boa festa. Havia se divertido em cada momento dela. Revira 435

velhos amigos e fizera vários novos. Bebera um uísque excelente e tivera um café da manhã esplêndido de ovos com bacon e salsichas e pudim de chocolate, cogumelos, tomates e torradas. Café forte também. Por isso sentia-se tão desperto e entusiasmado.

Somente uma coisa lhe fizera falta: a dança. Mas tivera grande prazer ao olhar o reel sendo dançado e ao ouvir a música de ritmo bem marcado. O único momento em que se sentira um pouco saudoso fora quando tocaram o Duke of Perth. O Duke of Perth fora a dança da época em que, pela tradição, sua esposa fora o seu par, e fora

um pouco penoso ver Isobel ser rodopiada nos braços de um outro homem. Mas ela e Archie tinham aberto um caminho entre os pares em outras rodadas de maneira muito satisfatória e bem romântica, de rosto colado, como nos velhos tempos.

O sol começava a despontar no horizonte ao leste quando ele chegou a Croy e começou a subir a colina. Não havia nenhum carro no pátio em frente da casa. Nem o Land Rover. Jeff, um bom camarada, devia tê-lo guardado na garagem.

Saiu da caminhonete e entrou na casa. Fisicamente estava muito cansado e o coto ardia como fogo, como sempre acontecia quando ele ficava muito tempo de pé.

Claudicando,

segurando-se no corrimão, subiu a escada. No quarto encontrou Isobel adormecida, os adereços da festa no chão, formando uma pequena trilha. Sapatos, ligas, o belo vestido azul abandonado sobre o sofá aos pés da cama, as jóias sobre a penteadeira, a bolsa de festa na cadeira. Sentou-se na beirada da cama e olhou-a adormecida.

Havia um resto de pintura nas pálpebras e o cabelo estava em desordem. Inclinou-se e a beijou, mas ela nem se mexeu.

Deixou-a dormir, saiu para o quarto ao lado e lentamente despiu-se. No banheiro, abriu a torneira. A água quente encheu o ar de vapor. Sentou-se no tampo do vaso, soltou o aparelho da perna fina e baixou o coto até a água. Depois, com uma experiência aperfeiçoada pelos anos, abaixou-se até mergulhar na água escaldante.

Ficou deitado por muito tempo, abrindo a água quente sempre que começava a esfriar.

Ensaboou-se, barbeou-se, lavou os cabelos. Pensou em ir para a cama, mas depois decidiu-se pelo contrário. O novo dia começara, e ele deveria ir vê-lo.

Mais tarde, já metido nas velhas calças de veludo e num suéter de gola pólo tão antiga quanto grossa, desceu e foi para a cozinha. As cadelas o esperavam, prontas para o passeio matinal. Encheu a chaleira para que quando voltasse pudesse fazer uma xícara de chá. Levou as cadelas pelo saguão e saiu pela porta da frente. Elas correram à sua frente, passaram pelo pátio, entraram pela grama, farejando coelhos que ali tinham estado durante a noite. Ele parou no alto dos degraus e as observou afastando-se. Sete horas. O sol já estava nítido no céu. Uma manhã perolada, somente



uma pequena nuvem branca vinda do oeste. Os pássaros cantavam, e o silêncio era tanto que pôde ouvir o barulho de um carro lá embaixo no vale sendo colocado em movimento

na direção da aldeia.

Outro som. Passos no cascalho, aproximando-se na direção da cerca do gado. Olhou e viu, com alguma surpresa, a figura inconfundível de Willy Snoddy, com seu cão mestiço junto dele, encaminhando-se em sua direção, desacreditado como sempre, com sua capa remendada, cachecol, e a velha jaqueta de caçador com os bolsos estufados.

- Willy - Archie desceu os degraus para ir ao encontro dele. - O que o traz aqui?-

uma pergunta ridícula porque sabia perfeitamente bem que Willy Snoddy àquela hora do dia só podia estar por uma coisa e que não era boa.

-Eu...-o velho homem abriu a boca e em seguida fechou-a. Seus olhos procuraram os de Archie e se afastaram novamente.-Eu... eu estava no lago...

eu e o cão... eu...

Parou de falar.

Archie esperou. Willy colocou as mãos nos bolsos e tirou-as de novo. Então, o cão, como que sentindo alguma coisa, começou a ganir. Willy gritou com ele e depois bateu na sua cabeça, e um arrepio correu a espinha de Archie. Ele ficou tenso, consumido por uma terrível apreensão.

- Bem, o que foi? - exigiu com rispidez.

- Eu estava no lago... -Já me disse isto...

- Só uma ou duas trutas...-Mas não era isso o que queria dizer. O seu Land Rover.

Está lá. E o casaco de pele da senhora...

Então Willy fez uma coisa estranha. Tirou o chapéu, num gesto instintivo e tocante de respeito. Segurou-o, torceu-o entre as mãos. Archie nunca o vira assim antes.

O chapéu de Willy fazia parte dele e havia rumores de que até dormia com ele. Via agora que a cabeça de Willy era calva, o cabelo branco e ralo caindo só dos lados da cabeça. Sem o toque ladino do boné era como se o caçador tivesse sido desarmado, não mais o vilão andando despreocupado com os bolsos cheios de pele de furão,

mas simplesmente um velho homem do campo, sem instrução, sem encontrar as palavras para contar o incontável.

- Lucilla. A voz veio de muito longe. Lucilla. decidiu ignorá-la.

- Lucilla.

Uma mão no seu ombro, sacudindo-o com gentileza.

- Lucilla, querida.

Sua mãe. Lucilla suspirou, afundou a cabeça no travesseiro e lentamente acordou.

Ficou parada por um momento e depois virou-se e abriu os olhos. Isobel estava sentada

na beirada da cama, com a mão no ombro dela.

- Querida. Acorde.

- Estou acordada - Lucilla resmungou. Bocejou e espreguiçou-se. Piscou uma ou duas vezes. - Por que me acordou?-perguntou aborrecida.

- Sinto muito.

- Que horas são?

- Dez horas.

- Dez horas. Oh, mãe, eu queria dormir até a hora do almoço.

- Eu sei. Sinto muito.

Lucilla acabou lentamente de acordar. As cortinas tinham sido puxadas, e a luz do sol entrava obliquamente num canto do quarto. Ela olhou a mãe com os olhos ainda pesados de sono. Isobel já se vestira. Usava um suéter, mas os cabelos não estavam bem penteados, como se ela não tivesse tido tempo de um maior esmero, somente de passar um pente sobre eles. Sua expressão estava tensa, mas podia estar somente cansada. Seria pela falta de sono. Nenhum deles se deitara antes das quatro da manhã.

Mas não sorria.

Lucilla franziu as sobrancelhas.

- Há alguma coisa errada?

- Querida, precisei acordá-la. Sim, há uma coisa errada. Aconteceu algo. Muito triste. Tenho que lhe contar. Terá que ser forte. - Os olhos de Lucilla se arregalaram

pela apreensão. - É Pandora... - Sua voz falhou.

- Oh, Lucilla, Pandora está morta...

Morta. Pandora morta?

- Não. - A reação instintiva foi de negação. - Não pode ser. - Querida, ela está morta.

Lucilla agora estava bem desperta. Todos os traços de sonolência haviam sido afastados pelo choque.-Mas quando?-Noel Keeling levara Pandora para casa. - Como? -

Imaginou Pandora como um espectro, sem respirar, parada, na cama. Talvez um ataque do coração.

Mas não morta. Não Pandora.

- Ela se afogou, Lucilla. Achamos que ela se matou...

- Se matou? - As implicações eram por demais terríveis.

- No lago. Ela pegou o Land Rover do papai. Deve ter dirigido até lá. Passou pela casa de Gordon Gillock, mas eles não costumam prestar atenção aos barulhos. Os portões da cerca dos veados estavam trancados. Ela deve tê-los fechado depois de ter passado.



Pandora afogada. Lucilla pensou em Pandora em algum lugar na França mergulhando num rio profundo e de corredeiras rápidas, nadando contra a correnteza, chamando Lucilla e Jeff, dizendo que estava delicioso, que a água estava ótima, por que não entravam?

Pandora afogada. Trancando os pesados portões atrás dela. Esse detalhe não seria a prova de que ela não atentara contra a própria vida? Certamente ninguém, sob esta circunstância, se importaria com o detalhe de trancar os portões.

Não.

- Deve ter sido um acidente. Ela nunca se mataria. Oh, mamãe, não Pandora.

- Não foi um acidente. Gostaríamos de que fosse. Ela veio para casa da festa e teve

a ideia de ir nadar. É o tipo de decisão amalucada que ela é bem capaz de tomar.

Um capricho impulsivo. Perto do lago eles encontraram o casaco de mink e as sandálias, e um frasco de pílulas para dormir, e o resto de uma garrafa de champanha.

E o resto de uma garrafa de champanha. O resto do vinho. Como uma celebração final, terrível.

-... e quando nós fomos até o quarto dela, encontramos uma carta para papai.

Lucilla compreendeu então que era verdade. Ela estava morta. Pandora se matara. Ela tremeu de frio. O velho cardigã estava sobre a cadeira ao lado da cama. Sentou-se, apanhou-o e enrolou-o nos ombros.

- Conte-me o que aconteceu - disse: Isobel pegou as mãos de Lucilla nas suas.

- Willy Snoddy foi hoje cedo até o lago para pegar algumas trutas ao amanhecer.

Saiu da aldeia com o seu cão. Viu o Land Rover estacionado próximo do abrigo dos barcos. Depois o casaco sobre o banco de turfa. Pensou, como nós, que talvez alguém viera para tomar um banho à noite. Então viu o corpo, contra as portas da represa.

- Não posso confiar nele. Pobre velho.

- Sim. Pobre homem. Mas pelo menos uma vez na vida ele fez a coisa certa e veio direto para Croy para encontrar Archie. Já eram sete horas e papai estava lá fora com as cadelas. Ele nunca vai para a cama após uma festa. Tomou um banho e se vestiu. Estava lá fora com as cadelas e viu Willy chegar. Willy lhe contou o que havia

encontrado.

Lucilla pôde imaginar com clareza a cena. Pensou no pai, e depois não conseguiu mais pensar sobre ele, porque Pandora era irmã dele, e ele a amava, e ansiava que ela voltasse para Croy. E ela viera, e agora se fora para sempre.

- O que papai fez? - perguntou.



- Eu ainda estava dormindo. Ele me acordou. Fomos até o quarto de Pandora. Ela quebrou o vidro de perfume no chão do banheiro.

O chão estava cheio de estilhaços de vidro e o odor enchia o quarto, oprimindo como um tipo de droga. Então, afastamos as cortinas e abrimos todas as janelas, e pensamos que deveríamos procurar algum sinal. Não precisamos procurar muito porque ela deixou um envelope sobre a penteadeira com uma carta para papai.

- O que diz a carta?

- Não muita coisa. Só que sentia muito. E... algo a respeito de dinheiro. Sua casa em Maiorca. Dizia que estava cansada e que não queria continuar mais a lutar.

Mas não disse o motivo. Deve ter sido muito infeliz, mas nenhum de nós sabia.

Nenhum de nós teve a menor suspeita, a menor ideia do que se passava na sua mente.

Se eu soubesse. Deveria ter sido mais perceptiva, mais chegada. Deveria ter sido capaz de conversar com ela... de ajudar...

-Como poderia? Não deve nem por um minuto se culpar. Claro que não sabia o que Pandora pensava. Ninguém podia saber o que ela pensava.

-Pensei que fôssemos íntimas. Pensei que eu fosse uma amiga para ela...

-E foi. Tanto quanto uma mulher podia ser. Eu sei que ela a amava. Mas não creio que permitisse que alguém se aproximasse muito dela. Acho que era assim que ela se defendia.

- Não sei. - Isobel estava claramente perturbada e confusa. Suponho que sim.-

Apertou mais ainda as mãos de Lucilla.-Tenho que lhe contar o resto. - Tomou uma inspiração

profunda. - Depois que encontramos a carta, papai ligou para a polícia em Relkirk.

Explicou o que acontecera e as dificuldades do local, a estrada do lago. Eles mandaram não uma ambulância, mas um Land Rover da polícia, com tração nas quatro rodas. O médico da polícia veio com eles. Eles foram até o local.

- Eles quem?

- Willy. E papai. E Conrad Tucker. Conrad foi com eles. Ele havia acordado por volta das dez horas e ofereceu-se para ir com papai. Foi muita gentileza dele, porque

Archie não queria que eu fosse e eu não queria que ele fosse sozinho.

- Onde estão agora?

- Ainda não voltaram de Relkirk. Foram levá-la - o corpo - para o hospital de Relkirk. Suponho que para o necrotério.

-Terá que haver um inquérito?

- Sim. Uma investigação de acidente fatal.

Um acidente fatal. As palavras soaram com um tom burocrático. Lucilla imaginou a corte reunida, as frias e objetivas palavras de evidência e a conclusão. Os jornais com registros do acidente. Algumas fotografias



antigas do rosto adorável de Pandora. Os cabeçalhos. "A Morte da Irmã de Lorde Balmerino."

A inevitável publicidade, sabia, seria o horror final. - Pobre papai.

Isobel comentou:

- As pessoas falam sempre que tudo passará. O tempo cura tudo. mas momentos como este custam a passar. É o agora. E é insuportável. Não há palavras que confortem.

- Não consigo entender. Nada tem sentido.

- Eu sei, minha querida. Eu sei.

A voz de Isobel era calma, mas a de Lucilla não. Pelo contrário, sua aflição irrompeu numa explosão de indignação.

- Parece uma grande perda. Por que ela teve que fazer isso? O que poderia tê-la levado a tomar uma atitude dessas?

- Não sabemos. Não temos nenhuma ideia.

A pequena explosão de raiva diminuiu e passou. Lucilla suspirou.

- Alguém mais já sabe? Alguém já foi avisado?

-Não há realmente ninguém para ser comunicado. Exceto Edmund. E Vi. Acho que papai vai ligar para ele quando voltar de Relkirk. Mas Vi não deve receber a notícia por telefone. Alguém terá que ir lá. - É um choque muito grande para uma senhora de idade...

- E Jeff?

-Jeff está lá embaixo na cozinha. Desceu há uns cinco minutos. Eu me esqueci dele.

A recepção não foi muito boa. Descer para tomar café e saber de uma notícia dessas.

E nem havia café preparado porque eu não consegui fazer nada. Acho que está preparando alguma coisa para ele.

- Tenho que descer para ver como ele está.

- Ele lhe fará um pouco de companhia. - Quando papai e Conrad voltarão?

-Acho que lá pelas dez e meia, onze horas. Estarão famintos, porque não houve tempo para comer alguma coisa antes de ir. Eu farei alguma coisa quando voltarem.

Enquanto

isso... - Levantou-se. - Começarei a limpar a sala. A mesa ainda está posta, com os pratos sujos de ontem à noite.

- Parece que foi há muito tempo, não é? Por que não deixa isso de lado? Eu e Jeff faremos tudo mais tarde ou pegaremos Agnes na aldeia...

- Não, eu preciso fazer alguma coisa. As mulheres têm mais sorte do que os homens.

Em momentos terríveis como este acham sempre alguma coisa com a qual ocupar as mãos, mesmo que seja esfregar o chão da cozinha. Lavar copos ou polir a prata também serve...

441

Lucilla estava só. Saiu da cama e se vestiu. Colocou uma calça jeans e um suéter.

Escovou os cabelos e foi para o banheiro escovar os dentes e lavar o rosto.

Pressionou

uma toalha encharcada com água quente sobre os olhos e a face. O calor limpou, refrescou e clareou sua cabeça. Depois, desceu.

Jeff sentara-se em uma das extremidades da mesa da cozinha, com uma caneca de café e um prato cheio de bacon e salsichas. Olhou para ela quando entrou e engoliu o que tinha na boca. Baixou a faca e o garfo, e levantou-se. Ela foi até ele, e ele a tomou nos braços fortes. A grossa lã de carneiro do suéter dele tinha um odor amigável e familiar. Da copa veio o barulho de água correndo e de copos. Isobel já começara a trabalhar.

Ele não disse nada. Após um momento, separaram-se. Ela sorriu com gratidão pelo seu apoio e foi até uma cadeira para se sentar. Colocou os cotovelos sobre o tampo

da mesa esfregado.

- Quer comer alguma coisa?

- Não.

-Vai se sentir melhor se comer.

- Não consigo.

- Então, só uma xícara de café. - Ele foi até o fogão Aga e encheu uma caneca, trouxe-a para a mesa e colocou-a defronte dela. Depois, sentou-se novamente e voltou

a comer as salsichas.

Ela bebeu um pouco de café.

- Estou feliz por termos passado algum tempo junto com ela. -É.

- Estou contente por ela ter vindo para casa conosco.

- Foi muito bom. - Ele se esticou e pegou a mão dela. - Lucilla, acho que devo ir embora.

- Ir embora?- Ela olhou para ele com desânimo. - Ir para onde? -Bem, este não é o momento de seu pai e sua mãe terem um estranho como hóspede...

- Mas você não é um estranho...

- Sabe o que quero dizer. Acho que devo pegar minhas coisas e sair...

- Oh, mas não deve, não pode... - A sugestão encheu Lucilla de pânico.-Você não pode nos deixar... - Ela quase gritou. Ele gentilmente fez um sinal para que falasse

mais baixo, consciente da presença de Isobel ao lado, não desejando que ela ouvisse a conversa. Lucilla baixou o tom para um murmúrio furioso. - Você não pode me deixar. Não agora. Eu



preciso de você, Jeff. Não conseguirei ajudar sentindo-me totalmente só. Só comigo mesma.

- Sinto-me como um intruso.

- Você não é. Não é. Oh, por favor, não vá. Ele olhou para o rosto dela, suplicante e compassivo.

- Bem, se puder ajudar, ficarei. Mas não ficarei por muito mais tempo porque no início de outubro terei que voltar para a Austrália. - Sim, eu sei. Mas nem pense em nos deixar agora.

- Se você quiser, poderá ir comigo. - ele disse.

- Não entendi.

- Eu disse que você poderá ir comigo. Para a Austrália. Os dedos de Lucilla se fecharam em torno da caneca.

- O que eu faria lá?

-Poderíamos ficar juntos. Continuar juntos. Há espaço suficiente na casa de meus pais. E sei que eles a receberão muito bem.

- Por que está me fazendo essa proposta agora?

- Me parece uma boa ideia.

- E o que eu farei na Austrália?

- Tudo o que quiser. Arranjar um emprego. Pintar. Ficar comigo. Poderíamos encontrar um lugar para nós.

-Jeff... não estou entendendo bem o que você está me propondo.

- Não estou propondo nada. Somente estendendo um convite.

- Mas... não é bem assim. Você e eu. Não é para sempre.

- Pensei que poderíamos considerar esse fato.

- Oh, Jeff. - Sentiu um nó na garganta, os olhos nadando nas lágrimas, o que era ridículo, porque não era por Pandora, mas sentia-se assim porque Jeff estava sendo terno, convidando-a para voltar para a Austrália com ele, e porque ela não iria, porque não o amava, e sabia que ele não a amava.

- Vamos, não chore.

Pegou a ponta da toalha, e, sem se preocupar com a higiene, assoou o nariz.

- É porque você está sendo muito doce comigo. E eu adoraria ir Mas não agora. Agora tenho que ficar. Além disso, acho que você realmente não me quererá ao seu lado quando chegar em casa. Terá muito sobre o que pensar quando estiver sozinho. Voltar a trabalhar, retornar à sua vida, tomar resoluções... - Assoou novamente o nariz

e ensaiou um sorriso pálido.-E, além disso, acho que não sou a pessoa certa para você. Quando você se estabelecer, e irá se estabelecer logo, encontrará

alguma adorável

garota australiana. Uma garota bronzeada com uma nádega bem gorda e seios grandes...

Ele lhe deu um pequeno tapinha na orelha.

- Eu não estou brincando. - Mas sorria. -Foi o melhor convite que já recebi na minha vida. E você é o homem

mais adorável que conheci. E passamos momentos maravilhosos desde que nos encontramos em Paris. E um dia eu irei à Austrália e espero encontrar a maior recepção

de boas-vindas, com tapete vermelho, uma bela programação, o melhor tratamento. Mas agora... e para sempre... não posso.

- Bem, se mudar de ideia, o convite está em aberto...

Ele terminou de comer, colocou a faca e o garfo juntos no prato e levou-os até a pia. Da sala de jantar vinham sons variados. Jeff atravessou a cozinha e fechou a porta que dava para a copa. Voltou para a mesa e sentou-se de frente para Lucilla.

-Não gosto de fazer esse tipo de pergunta, e nem é assunto que me diga respeito, mas Pandora deixou alguma carta?

- Sim deixou. Para papai. Na penteadeira do quarto.

- Disse por que ia se matar?

- Não. Aparentemente, não.

- O que pensa sua mãe?

- No momento está tão perturbada que nem tenta pensar.

- Então, não há uma razão óbvia?

- Nenhuma.

- E você, o que pensa?

- Não tenho opinião formada, Jeff. - O silêncio dele chamou a atenção dela. - Por quê? O que você acha?

- Eu estava pensando. Lembra-se do homem que encontramos no primeiro dia quando chegamos na vila? Carlos Macaya?

- Carlos? Aquele homem suave, de maneiras educadas e elegante, com aquele belo relógio de pulso. Claro que lembro. -Ela não compreendeu por que não se lembrara dele

antes. -Jeff, você acha que ele pode saber de alguma coisa?

- Provavelmente, não. Mas obviamente era íntimo de Pandora. Talvez ela tivesse confiado alguma coisa, dito a ele alguma coisa que não sabemos...

Lucilla lembrou-se do comentário enigmático que ele fizera ao ir embora... Me procure se mudar de ideia, ele dissera. E ela respondera que não mudaria de ideia.

E Lucilla e Jeff discutiram sobre isso e chegaram a conclusão que Carlos e Pandora provavelmente estavam se referindo a algo bem trivial - uma partida cancelada de ténis ou um convite rejeitado.

-Sim. Você está certo. Acho que eram bem íntimos. Amantes, talvez. Talvez realmente ele saiba de alguma coisa...

-Mesmo que não saiba, se foram íntimos, deve ser notificado sobre o que aconteceu.



- Sim. - Era uma sugestão perfeitamente viável. - Mas como poderemos encontrá-lo?

- Telefonando para ele.

- Não sabemos o número.

-Pandora deve ter um caderno de endereços... e talvez encontremos o número de Macaya nele.

- Sim. Isso mesmo. Você está certo.

- Se vamos telefonar, é melhor que façamos isso agora, antes que seu pai e Conrad voltem e enquanto sua mãe está ocupada. Existe algum telefone onde poderemos falar sem ser incomodados?

- Não, nenhum. Exceto, talvez, o do quarto de mamãe. Usaremos o que fica ao lado da cama.

- Vamos, então. - Ele se levantou. - Vamos agora.

Isobel ainda estava lavando a louça. Eles saíram da cozinha, subindo, sem fazer barulho, pela escada atapetada. Lucilla foi na frente para guiá-lo até o quarto de Pandora. Entraram, e ela fechou a porta.

O quarto, com a cama desfeita e os apetrechos femininos em desordem, estava frio.

As janelas tinham sido deixadas abertas, e as cortinas puxadas, pareciam grávidas pela brisa. E o perfume ainda oprimente, como uma mortalha: o odor do Poison.

Lucilla comentou:

-Nunca soube, nunca consegui concluir se eu gosto ou detesto esse perfume.

- Por que está tão forte?

- Ela quebrou o frasco no chão do banheiro. - Ela olhou à volta e viu a camisola atirada sobre a cama, a bolsa de festa de Pandora, o guarda-roupa lotado com as roupas dela, a cesta de papéis transbordante, a penteadeira cheia, os sapatos espalhados no tapete.

Os sapatos, caros, de couro espanhol, de saltos altos, pouco práticos, eram de alguma forma a lembrança mais pessoal e dolorosa, porque só poderiam pertencer a Pandora.

Lucilla fechou os olhos para não os ver.

- O caderno de endereços. Onde poderemos encontrá-lo? - perguntou.

Eles o encontraram sobre a mesa, perto do mata-borrão. Era grande, de couro, com as iniciais de Pandora em ouro, com os acabamentos em papel florentino. Lucilla sentou-se, passou o dedo pelo índice e abriu na letra M.

Mademoiselle, loja.

Maitland,Lady Letitia.

Mendoza, Philip e Lúcia.

445

Carlos Macaya. Ela ficou parada, olhando fixamente para a página. Não disse uma palavra. Depois de algum tempo, Jeff perguntou:

- Encontrou?

-sim.

- O que há de errado? -Jeff. - Ela olhou para ele. -Jeff, ele é médico.

- Um médico? - ele franziu as sobrancelhas. - Deixe-me ver. Ela apontou:

- Aqui. Macaya, Dr. Carlos e Lisa. Lisa deve ser a esposa dele. Jeff, você acha que ele era o médico de Pandora?

- Provavelmente. Logo descobriremos. - Olhou para o relógio. Dez e meia. São oito e meia em Maiorca. Vamos encontrá-lo em casa ainda. É uma manhã de sábado.

Provavelmente

vamos pegá-lo em casa.

com o caderno nas mãos, Lucilla levantou-se. Saíram do quarto de Pandora e foram para o quarto dos pais dela onde, naquela manhã tão irreal e desorientada, havia outra cama ainda por fazer. O telefone estava na mesa de cabeceira. Jeff procurou o catálogo para saber o código internacional da Espanha e, cuidadosamente, dígito por dígito, Lucilla discou o longo número.

Aguardou. Houve vários cliques e zumbidos. Depois o som de uma campainha. Pensou na manhã de Maiorca, o sol do Mediterrâneo já quente, o céu claro, com a promessa de mais um dia quente e sem nuvens.

- Ola-Uma voz feminina.

-Senhora...-algo falhava na voz de Lucilla. Pigarreou e recomeçou - Senhora Macaya?

Senora Macaya?

- Sim.

- Por favor, a senhora fala inglês?

- Sim, um pouco. Quem é?

-Meu nome é Lucilla Blair.-Ordenou a si mesma que se acalmasse, e deliberadamente falou devagar e com clareza. - Estou falando da Escócia. Gostaria de falar com seu marido. Ele está?

- Sim, está. Uno momento...

O fone foi colocado sobre alguma superfície. Barulho de passos se afastando, atravessando um chão de cerâmica polida. Lucilla a ouviu chamar. Carlos E depois algumas

frases inteligíveis em espanhol.

Ela esperou. Levantou a mão e Jeff a pegou entre as suas.

Ele veio.

- Dr. Macaya.

- Oh, Carlos. Sou Lucilla Blair. A sobrinha de Pandora Blair. Eu o encontrei na casa dela em agosto. Cheguei com um amigo de Palma e o senhor estava lá tomando chá.

Lembra-se?

446

- Claro que me lembro. Como está?

- Estou bem. Estou telefonando da minha casa na Escócia. Carlos, desculpe-me, mas era médico de Pandora?

- Sim, era. Mas por quê?

- Porque... sinto muito, mas não tenho boas notícias. Ela morreu. Ele não falou imediatamente. Então, perguntou:

- Como ela morreu?

- Afogada. Ela se matou. Tomou um vidro inteiro de pílulas para dormir e se afogou.

Ontem à noite...

Outra pausa.

- Sim, compreendo. - Não disse mais nada.

- O senhor não parece surpreso.

- Lucilla. Estou arrasado com o que me contou, mas não muito surpreso. Receava que uma coisa como essa pudesse acontecer.

- Por quê?

Ele contou tudo para ela.

Acima do barulho da máquina, Isobel ouviu o Land Rover de Archie chegando de Relkirk, o som familiar do velho motor gemendo, subindo a colina, vindo da aldeia e entrando na alameda. Ela desligou a máquina de lavar pratos, e o ruído parou devagar. Olhando pela janela alta, viu o Land Rover fazer a volta, com Conrad ao volante.

Esqueceu-se da máquina ainda funcionando e saiu para encontrá-los. Passou pela porta da frente e desceu os degraus. Os dois homens ainda desciam do Land Rover, com

Archie mancando pronunciadamente, o que não era um bom sinal. Ela foi até ele, abraçou-o e beijou-o. A face dele estava cadavérica, acinzentada pela fadiga e muito

fria.

- Finalmente chegaram. Entrem.

Ela pegou o braço dele e Conrad os seguiu. Olhando para o americano, Isobel viu que ele também apresentava os sinais da tensão. Ela afastou as perguntas e concentrou-se

nos aspectos práticos.

- Devem estar exaustos e também famintos. Não preparei nada porque esperava a chegada de vocês, mas não vai levar mais do que um minuto. Ambos sentir-se-ão melhor

após terem colocado alguma coisa no estômago.

- É uma boa ideia - Conrad respondeu. Mas Archie balançou a cabeça.

- Isobel, espere um pouco. Preciso dar um telefonema. Devo falar com Edmund Aird.

- Querido, isso pode esperar...

-Não.-Ele levantou a mão.-Preciso acabar com isso. Vocês dois podem ir para a cozinha. Eu irei em seguida.

Isobel chegou a abrir a boca para argumentar, mas depois preferiu ficar em silêncio. Archie virou-se lentamente, dolorosamente, e atravessou o saguão. Foi para o

escritório. Em silêncio, Conrad e Isobel viram-no afastar-se e fechar a porta atrás dele.

Olharam um para o outro.

- Acho que ele quer ficar sozinho - disse Isobel.

-É compreensível.-Conrad usava um par emprestado de galochas verdes e uma antiga

jaqueta de Archie. A cabeça estava descoberta e os olhos por trás dos óculos, pesados,

cheios de simpatia.

- Foi terrível? - ela perguntou.

- Sim, foi. - A voz dele era gentil. - Foi muito triste.

- Onde a encontraram?

- Onde Willy disse que estaria. Perto da porta.

- Ela...? - Isobel tentou novamente. - Quero dizer, há quanto tempo estava lá?

- Somente há algumas horas.

-Sim.-Somente algumas horas. Sem tempo suficiente para mudar, inchar, putrefar. -

Fico contente que Willy a tenha encontrado logo. Foi muita bondade sua ir com Archie

e trazê-lo de volta. Não tenho palavras para lhe agradecer o suficiente.

- Era o mínimo que podia fazer.

- É, não é muito o que podemos fazer nessas horas, não é?

- Acho que não.

- Bem...-Naquele momento não havia mais o que falar a respeito. Comida. - Você deve estar faminto.

- Estou sim. Mas gostaria de primeiro tirar estas galochas e de lavar as mãos.

- Oh, claro. Estarei na cozinha.

Lucilla e Jeff haviam desaparecido. Isobel pegou uma frigideira, mais salsichas, bacon, tomates e ovos. Colocou o pão na torradeira, fez café fresco e colocou dois pratos na mesa. Quando Conrad chegou, estava quase tudo pronto. Ela encheu uma caneca com café e colocou-a diante do prato.

- Beba-o enquanto está quente. Estou fritando um ovo. Como o prefere? Bem passado?

Não é assim que perguntam nos Estados Unidos?

- É assim mesmo. Isobel... Ela se virou para ele.

- Sim?

- Acho que irei embora hoje à tarde. Vocês já têm muita coisa com o que se preocupar para ter um hóspede estranho à volta.



Ela ficou horrorizada.

- Pensei que só fosse amanhã! -Posso pedir um táxi e ir para o hotel... - Oh, Conrad, não pense que está incomodando... - Não é o momento para visitantes...

- Não o vejo como um mero hóspede. Penso em você como um amigo. E não me sentiria bem se você achar que deve nos deixar mais cedo do que o pretendido. Mas, se você preferir, eu compreenderei.

- Não que eu prefira...

-Eu sei. Está pensando em nós. Mas, sabe, no momento é bom para nós ter amigos por perto. Esta manhã, por exemplo. O que teríamos feito sem você? E estou certa de que Archie gostaria que ficasse. Pelo menos por mais uma noite.

- Se realmente é assim, eu gostaria de ficar.

- Eu realmente penso assim. E quando disse que o vejo como um amigo, é porque realmente o vejo dessa forma. Chegou a Croy como um estranho, e nenhum de nós sabia alguma coisa sobre você. Mas, agora, após somente alguns dias, sinto como se o conhecesse há muito tempo. Espero que volte e que venha nos visitar outras vezes.

- Eu gostaria. Muito obrigado. Isobel sorriu.

- E traga sua filhinha. Aqui é um bom lugar para crianças.

- Cuidado. Eu poderei aceitar o convite.

Isobel quebrou profissionalmente o ovo sobre a frigideira.

- Quando viaja?

- Na quinta-feira.

-Virgínia irá com você?

- Não. Henry voltou. Ela cancelou o voo e telefonou para os avós, explicando.

Talvez ela e Edmund viagem na primavera e nós todos nos reuniremos lá.

- Foi um desapontamento para ela, mas talvez tenha sido melhor. Será mais divertido ir com o marido nas férias. - Ela parou para pegar o prato dele e colocar o ovo junto com as outras iguarias, e deu-o para ele. -Agora, mãos à obra, como diz meu filho Hamish.-Olhou para o relógio.

- O que Archie estará fazendo? vou levar uma caneca de café para ele. Você se importa se eu o deixar sozinho?

- Não. Estou bem servido. Parece o melhor café da manhã que tive nos últimos anos.

- Você o mereceu - disse Isobel.

449

Archie postou-se atrás da escrivaninha no seu escritório, e sentou-se na cadeira de seu pai, rodeado de objetos que tinham pertencido a ele. O ambiente era voltado para o oeste, e, portanto, naquela manhã de sol brilhando, não o refletia. Por um momento, sentiu-se grato pelo silêncio e pela solidão. Enfraquecido pela fadiga e pelo próprio desespero, esperou um pouco até conseguir reunir coragem moral suficiente para pegar o fone, discar o número de Balnaid e falar com Edmund Aird.

Desde o momento em que Willy Snoddy finalmente encontrara as palavras para relatar os terríveis acontecimentos, Archie sentira o aperto de embotamento mental que impede a iniciativa inteligente. De alguma maneira, como um sonâmbulo nas agonias de um pesadelo, fizera aquilo que sabia que precisava ser feito.

Acordara Isobel, mantendo-a ao seu lado, fora a primeira prioridade. Somente com ela pôde dividira sua tristeza. Depois, juntos, foram ao quarto de Pandora, na desordem

que lhe era característica, como se ela tivesse acabado de deixá-lo. Fora Isobel quem puxara as cortinas pesadas e abrira a janela para liberar o odor

sufocante do perfume derramado. Fora Isobel quem encontrara o envelope sobre a penteadeira e o entregara a ele.

E juntos leram a última carta de Pandora.

Depois disso, os procedimentos dolorosos, inevitáveis. Chamar a polícia, numa espera interminável até que chegassem, trazendo o médico. O longo trajeto até o lago,

rastejar com lentidão agonizante até a colina, subir aos solavancos. A operação pesada e repulsiva de retirar do lago o corpo da irmã.

A ironia da situação fora a sua própria desesperança. Custara tanto a resolver as lembranças da Irlanda do Norte, e, quando conseguira, o destino enviava esse novo terror. A visão de Pandora, como uma boneca encharcada, empurrada para as portas da represa. A face esbranquiçada, o cabelo molhado, separado como cordas de seda em torno do pescoço. Os braços brancos, finos e descorados como galhos soltos, a saia enrolada junto com galhos e juncos quebrados.

Como seria maravilhoso se o impossível se tornasse possível e ele pudesse apagar a imagem da mente para sempre.

Suspirou e olhou para a carta diante dele. O papel azul e grosso impresso com o endereço de Croy e a letra de Pandora, irregular como a de uma criança. A sombra de um sorriso passou-lhe pelos lábios porque lembrou-se de como ela nunca se importara de aprender inteiramente alguma coisa, e até no final sua letra não era bonita.

450

Sexta-feira, à noite.

Meu querido Archie. Uma vez fui a um serviço fúnebre e, no final, um homem levantou-se e leu uma coisa muito bonita, sobre as pessoas mortas terem simplesmente passado

para a sala ao lado, sem a sensação de miserabilidade e nem de pesar, e que continuavam a sorrir das mesmas piadas. Se, por acaso, você me proporcionar um belo serviço

cristão (e, quem sabe, você não estará de mau humor e simplesmente me lançará em alguma pilha de roupa de Isobel), será bom se alguém puder ler alguma coisa sobre mim.

Abaixou a carta e olhou sem ver, por cima dos óculos, para a parede oposta. Era estranho, mas sabia exatamente a passagem a qual Pandora se referia. Sabia porque a lera na igreja em voz alta durante o serviço do seu pai. (Mas Pandora não sabia disso, porque não estivera presente.) Além do mais, querendo ser perfeito e sem deixar que a emoção atrapalhasse a sua tarefa, ele ensaiara várias vezes, e terminara por aprendê-la de cor.

A morte não é tudo. Não é o final. Eu somente passei " para a sala seguinte. Nada

aconteceu. Tudo permanece exatamente como sempre foi. Eu sou eu, você é você, e a antiga vida que vivemos tão maravilhosamente juntos permanece intocada, imutável.

O que quer que tenhamos sido um para o outro, ainda somos. Chame-me pelo antigo apelido familiar. Fale de mim da maneira como sempre fez. Não mude o tom. Não use nenhum ar solene ou de dor. Ria como sempre

o fizemos das piadas que desfrutamos juntos. Brinque, sorria, pense em mim, reze por mim. Deixe que o meu nome seja

uma palavra comum em casa, como foi. Faça com que seja falado sem esforço, sem fantasma ou sombra. A vida continua a ter o significado que sempre teve. Existe uma continuidade absoluta e inquebrável. O que é esta morte senão um acidente desprezível? Por que ficarei esquecido se estiver fora do alcance da visão? Estou simplesmente à sua espera, como num intervalo, bem próximo, na outra esquina. Está tudo bem.

Está tudo bem.

Mas Lorde Balmerino não dera cabo da própria vida.

Archie, eu tenho sido bem prática e sensível, fiz um testamento, e deixei todos os meus bens para você. Talvez você deva entrar em contato com o meu advogado em Nova



York. Chama-se Ryan Tyndall. Você encontrará o endereço e o telefone no meu caderno de endereços. (Ele é lindíssimo.) Sei que parece que eu gastei dinheiro como água, mas existe muito no banco, e também muitas ações e até um pouco no Califórnia Real Estate. E naturalmente a casa em Maiorca. Fará o que quiser disso tudo, vender ou manter. (Será adorável para você e Isobel.), mas decida

o que decidir, saiba que Serafina e Mário são ótimos.

Gostaria que usasse uma parte desse dinheiro para reativar os estábulos e o celeiro, iniciar um negócio com as suas pequenas esculturas de madeira, e vendê-las para

todos com um bom lucro. Sei que pode fazê-lo. É preciso somente começar. E, se o lado comercial parecer um tanto assustador, estou certa de que Edmund poderá ajudar e aconselhar.

Querido, estou profundamente amedrontada com tudo isso. Mas tudo de repente ficou tão complicado. Preciso de muita energia para lutar, mas eu não a tenho. Nunca fui muito firme e nem corajosa.

A vida antiga foi muito divertida.

Adoro vocês, e deixo-lhes todo o meu amor.

Pandora.

Estou certa de que Edmund poderá ajudar e aconselhar.

O que o levava de volta a Edmund.

Pensou na outra carta, guardada a salvo na gaveta da escrivaninha. Encontrou a chave e destrancou a gaveta. Pegou a carta. O envelope aéreo estava dobrado e com orelhas, endereçado a ele em Berlim. A data era

1967. Ele tirou as duas folhas finas, cobertas com a mesma letra irregular.

Desdobrou-as.

Meu querido Archie. Foi um casamento maravilhoso. Espero que você e Isobel sejam felizes, tenham uma adorável lua-de-mel e sejam felizes em Berlim, mas eu sinto muito a sua falta. Tudo é terrível porque todos a quem amo se foram, Não tenho ninguém com quem conversar. Não posso falar com mamãe e papai porque é sobre Edmund.

Isso não lhe causa surpresa porque já sabia. Não sei quando comecei a saber, mas acho que sempre o amei, porque quando o vi novamente, poucos dias antes do casamento,

compreendi de repente que nunca houve, nem poderia haver, um outro, nunca. Mas o trágico, horrível, inconcebível é que ele se casou com outra. Mas nós nos amamos, posso escrever em letras



grandes. NÓS NOS AMAMOS. Mas não posso dizer para ninguém porque ele está casado com Caroline e tem um bebé a caminho. Ele voltou para ela, mas não a ama, Archie.

Ele me ama. E eu estou sem ele, agarrada aqui, precisando tanto de você, e você está em Berlim. Ele disse que escreveria, mas já se foi há um mês e não tive nenhuma

notícia.

É difícil suportar, e não sei o que fazer. Sei que é errado acabar com o casamento de alguém, mas não estou fazendo isso, porque tive Edmund muito antes dela. Sei que você não pode fazer nada para me ajudar, mas precisava falar com alguém. Nunca pensei que Croy poderia ser tão horrível para

mamãe e papai, e não tenho como ajudá-los. Não poderei ficar aqui para sempre, acho que vou enlouquecer. Só existe você para me ouvir. com muito amor e muitas lágrimas, Pandora.

Anteriormente ele achava o desespero de adolescente imensuravelmente perigoso.

Agora, à luz da tragédia da manhã, assumia um significado ainda mais grave. Cobriu os olhos com a mão. Por trás dele, a porta se abriu.

-Archie?

Era Isobel.

- Eu lhe trouxe café.

Ele não se virou. Ela se aproximou com a xícara quente que exalava um aroma agradável e depositou-a na frente dele sobre a escrivaninha. Depois colocou os braços

em torno do pescoço dele e pressionou o rosto de encontro ao dele.

- Por que demora tanto? O que está fazendo?

- Somente lendo. - Baixou a carta. Ela hesitou, e depois continuou.

-Esta é a carta que Pandora lhe enviou depois do nosso casamento.

- É.

- Não sabia que a tinha guardado. Por quê, Archie?

- Não tive coragem de rasgá-la e botá-la fora.

- Tudo é muito triste. Pobre Pandora. Já telefonou para Edmund?

- Não, ainda não.

- Você não sabe o que dizer, não é?

- Não sei o que pensar.

-Talvez ela ainda o amasse. Talvez por isso tenha voltado. Então o viu com Virgínia e Alexa, e Henry, e compreendeu que não havia esperanças.

Ela colocara em palavras o seu próprio receio, seus medos não revelados. Não conseguira falar sobre eles, mas, ao ouvir Isobel dizer as palavras em voz alta, partilhando abertamente as suas suspeitas, encheu-se de gratidão pelo bom senso dela. Porque agora poderia falar sobre o assunto.

- Sim, é esse o meu receio.

-Ela era um pouco bruxa. Sempre encantando. Generosa e divertida. Mas você sabe, Archie, ela podia ser cruel. Se quisesse uma coisa, seria até cruel para consegui-la.

Se voltasse o coração para alguém ou alguma coisa, os outros não tinham nenhuma importância.

- Sei disso. Foi a nossa falha. Nós todos sempre a mimamos, e perdoamos...

-Acho que seria impossível ser ao contrário...

-Tinha somente dezoito anos quando teve esse caso. Edmund tinha vinte e nove. Era casado e tinha uma filha. Sei que Pandora se insinuou, mas em vez de recuar, ele traiu as suas responsabilidades, atirou-as ao vento. Ela era como fogo, e ele trouxe o combustível forte para a fogueira. O resultado foi uma explosão.

-Alguma vez falou com Edmund sobre isso?

- Não. Tive uma oportunidade. Só uma. Ele foi a razão da sua fuga: Era a razão pela qual ela nunca voltou.

- Você nunca o perdoou?

- Não. - Era uma confissão gélida.

- Por isso hesita agora? Por isso ainda não telefonou?

-Se todas as nossas conjecturas estiverem certas, não tenho vontade de descarregar esse peso de culpa no meu pior inimigo.

-Archie, isso...

Parou de repente, e levantou a cabeça para ouvir melhor. Ouviu passos atravessando o saguão.

- Mamãe? - Era Lucilla.

- Estamos no escritório. A porta se abriu de chofre.

-Posso entrar? Estou incomodando?

- Não, querida, claro que não. Entre.

Lucilla fechou a porta atrás dela. Parecia ter chorado, mas enxugara as lágrimas.

Archie esticou o braço para ela, e ela segurou sua mão, inclinando-se para beijá-

lo.

-Estou profundamente triste. - Sentou-se na borda, de frente para os pais. - Tenho uma novidade para contar. E é muito triste. Espero não desgostá-los mais ainda...

- É sobre Pandora?

-É. Descobri por que ela se matou. - Eles esperaram, olhando para a filha - Ela estava... com câncer em estágio terminal.

A voz de Lucilla era baixa, mas calma e firme. Isobel olhou para o 454

rosto dela e viu, além dos traços de juventude, uma grande força interior, e soube que, aos dezenove anos, ela de repente crescera. A criança se fora para sempre.

Lucilla nunca mais seria a sua criança.

- Câncer?

- Câncer.

- Como soube?

- Quando Jeff e eu fomos para Maiorca, na tarde em que chegamos havia um homem na casa, chamado Carlos Macaya. Eu falei sobre ele com você, papai. Era muito atraente,

e eu e Jeff ficamos convencidos de que ele era amante de Pandora. Mas não era. Era seu médico. Foi Jeff quem se lembrou dele e sugeriu que telefonássemos para ele.

Quem sabe ele saberia alguma coisa que não era do nosso conhecimento. Descobrimos o nome e o endereço no caderno de telefone de Pandora. Foi então que descobrimos que era médico, e não um amigo. Telefonamos para Maiorca e ele nos contou tudo.

- Ele tratou dela?

- Sim. Mas acho que descobriu que era uma tarefa difícil e ingrata. Compreendeu que havia alguma coisa de errado quando ela começou a emagrecer, mas levou muito tempo para conseguir convencê-la a se submeter a uma consulta. Mas, mesmo então, ela não conseguiu enfrentar a realidade e faltava às consultas. Quando finalmente decidiu marcar a cirurgia, a doença já estava totalmente estabelecida. Descobriu também um carcinoma em um dos seios. Retirou material para biópsia e enviou para o hospital em Palma, para a patologia. Era maligno, e podia ter-se espalhado. Por isso foi visitar Pandora e disse-lhe que precisaria operar, fazer uma mastectomia, e depois quimioterapia. Era isso que ele lhe dizia quando Jeff e eu chegamos. Mas ela recusou sem outros argumentos. Disse que nada a induziria a fazer a cirurgia e nem o tratamento subsequente, radiação, quimioterapia. Ele não podia lhe dar uma esperança real de cura total... a doença já era antiga, acho... mas disse que, se continuasse como estava, a expectativa de vida não seria muito longa.

- Ela sentia dores?

- Algumas. Tomava medicamentos. Drogas fortes. Por isso estava sempre tão cansada.

Não acho que sofresse muito, mas claro que com o tempo tudo pioraria.

- Câncer. - Archie repetiu a palavra, e ela teve o peso de término Ou fim. A linha dupla no final de uma fileira de números. - Nunca pensei. Nunca tive a menor suspeita.

Mas deveríamos ter pensado. Sem que ela falasse. Deveríamos ter sabido...

- Oh, papai...

- Por que não nos contou? Nós a teríamos ajudado...

- Não, nós não teríamos ajudado. E ela nunca lhe diria. Não vê que 455

a última coisa que ela queria era que você e mamãe soubessem? Ela somente quis voltar a Croy, como era antigamente. Setembro. Festas, compras em Relkirk, farras.

Sem tristezas. Nem morte. Foi isso que deram a ela. A festa de Verena foi perfeita, a desculpa perfeita para Pandora voltar para casa e realizar o que penso que planejou por muito tempo.

- O médico sabia de tudo?

- Não tenho certeza. Mas disse que nunca teria permitido a viagem pela Espanha e pela França sem que eu e Jeff estivéssemos com ela.

- Mas sabia o que ela planejara?

- Não sei. Não pude perguntar. Mas acho que sim. Ele a conhecia bem. E acho que gostava muito dela.

- Como ele simplesmente a deixou ir? - perguntou Archie.

- Não deve culpar Carlos, papai. Fez o que pôde para persuadi-la a ir para o hospital, tentou fazê-la agarrar a única oportunidade, embora fosse ténue. Mas ela era

simplesmente inflexível.

- Portanto, ela veio para morrer?

- Não somente para isso. Veio para casa para estar com você, para estar em Croy.

Para nos fazer felizes, dar presentes, nos ver rir. Voltou para a infância e para lugares de que se lembrava e amava. A casa, o vale, as colinas, o lago. Se pensar sobre isso, verá que foi necessário coragem. Isso não torna as coisas mais fáceis para você. Sinto muito. Detesto ter que lhe dizer.

Espero que, pelo menos, facilite a compreensão de todo o caso. Lucilla calou-se, pensativa. Depois recomeçou a falar, com a voz, anteriormente forte, de repente suavizada. - Não que a compreensão ajude. Isobel viu-lhe o rosto contorcido como o de uma criança, os olhos encheram-se de lágrimas, que caíram em cascata pelas faces.-Foi tão doce para mim e para Jeff... passamos ótimos momentos juntos...

agora

parece que uma luz se apagou em nossas vidas...

- Oh, querida - Isobel não se conteve. Foi até Lucilla e colocou o braço em torno dos ombros finos e vergados da filha.-Eu sei. Eu também sinto muito. Você foi muito corajosa... mas não está só, porque todos nós sentiremos falta dela. E acho que devemos nos sentir agradecidos por ela ter voltado para casa. Seria mais terrível se não a tivéssemos visto novamente. Você a trouxe de volta para nós, mesmo que por pouco tempo...

Depois de alguns momentos, Lucilla se acalmou e parou de chorar. Isobel deu-lhe um lenço e ela assoou o nariz.

-Eu já tinha chorado bastante, pensei que já era o suficiente. Jeff me chamou para voltar para a Austrália com ele, mas eu não irei. Por alguma razão idiota isso também me fez chorar...

- Oh, Lucilla...

- Quero ficar em casa por algum tempo. Se você e papai puderem me suportar.

456

- Não posso imaginar algo de que gostaríamos mais.

- Nem eu.

Lucilla enviou à mãe um sorriso minguado, assoou o nariz e levantou-se.

-vou deixá-los a sós. Mas, papai, venha logo para tomar o seu café. Irá se sentir melhor depois.

- Eu irei - Archie prometeu. Ela foi até a porta.

-vou tomar conta para que esses dois homens famintos não acabem com o bacon. -

Sorriu novamente. - Não demore.

- Não demorarei, querida. E, obrigado.

Ela saiu, deixando Isobel e Archie a sós. Depois, Isobel saiu do lado de Archie e foi até a janela. Viu o jardim, o campo de críquete e o balanço que soltava guinchos

quando balançava. O sol ainda não atingira o gramado, que estava molhado pelo orvalho da noite. Viu os plátanos prateados, as folhas começando a ficar douradas.

Logo cairiam, e os galhos ficariam nus para o inverno.

- Pobre Pandora, mas acho que a compreendo.

Olhou, para as colinas, para o céu, e viu as nuvens de chuva surgindo, vindas do oeste. Sol às sete, chuva às onze. A melhor parte do dia já se escoara.

- Archie?

- Sim.

- Isso exonera Edmund, não é?

- Sim.

Ela se virou na janela. Ele a olhava. Ela sorriu.-Acho que deve telefonar agora. E

também que é tempo de perdoar. Tudo acabou, Archie.

Edie, sem fôlego após ter subido a colina, apressou-se no caminho que conduzia a Pennyburn.

Parecia uma coisa agradável a ser feita num sábado. Sábado era um dos dias da semana que Edie guardava para si, para cuidar da casa, fazer um pouco de jardinagem,

limpar armários, fazer bolo. Naquela manhã, como o sol estava brilhando, pendurara algumas roupas que lavara e depois fora até o mercado da Sra. Ishak para fazer algumas compras e pegar o jornal. Comprara como sempre o People's Friend e uma caixa de chocolates para Lottie, porque planejara pegar o ônibus da tarde para Relkirk

e visitar a pobre prima. Não se sentia bem em relação a Lottie, ficara um pouco aborrecida porque ela levara o seu cardigã lilás novo. Naturalmente a 457

polícia não sabia que não era dela, e Edie estava determinada a pegá-lo de volta.

Daria uma boa lavada nele antes de usá-lo novamente. Pobre Lottie. Talvez junto com a caixa de chocolates e uma revista, ela colhesse algumas margaridas no jardim para quebrar o ar impessoal. Não que esperasse agradecimentos pelos cuidados, mas a consciência ficaria aliviada. O fato de tudo ter sido tão errado com Lottie não justificava um abandono da pobre alma.

Tudo muito bem organizado.

Mas, então, enquanto preparava um prato de sopa para o jantar, Edmund aparecera para vê-la. Viera direto de Pennyburn para a casa de Edie, e antes disso estivera em Croy. Trouxera novidades terríveis, e, após contá-las, todos os pensamentos sobre Lottie afastaram-se de sua cabeça, e foi deixada com o seu dia reduzido a pedaços.

Reunira alguns, mas agora tinham uma forma diferente. Uma sensação estranha.

Desconcertante.

Às vezes lia no jornal sobre uma família, que saíra para um passeio inocente e agradável no carro, talvez para visitar amigos ou simplesmente aproveitar o ar do campo, somente para ter suas vidas destroçadas por um acidente; uma pilha de carros, os motoristas sob as ferragens, veículos estraçalhados, espalhados pela estrada.

Sentia como se tivera sido não participante, mas uma testemunha de um desastre desses, envolvida pelos destroços, sabendo somente que deveria haver alguma coisa que pudesse fazer para ajudar.

- Já falei com minha mãe - Edmund dissera -, mas ela está só. Pedi-lhe que viesse para Balnaid para almoçar conosco e passar o dia, mas não aceitou. Disse que preferia

ficar em sua casa.

- Eu irei ter com ela.

- Eu ficarei agradecido. Se existe uma pessoa no mundo com que ela gostaria de ficar, essa pessoa é você.

Edie colocou o prato de sopa na estufa do fogão, vestiu o casaco e os sapatos de sair. Na sua bolsa ampla, colocou os óculos e o tricô, fechou a casa e saiu para Pennyburn.

E logo chegara. Entrou pela porta da cozinha. Tudo estava limpo e arrumado. A Sra.

Aird lavara os pratos do café e os enxugara. Passara até um pano no chão.

- Sra. Aird? - Pousou a bolsa sobre a mesa, e ainda com o casaco fora até a sala de visitas.

Ela estava ali. Sentada na sua cadeira, parada, olhando o fogo apagado. Sem tricotar, sem fazer a tapeçaria, sem ler o jornal-somente sentada. A sala estava fria.

A manhã, que começara tão brilhante, era agora sombria, sem o calor do sol entrando pelas janelas, estranhamente desconfortável.

- Sra. Aird?

Interrompida, Violet virou a cabeça, e Edie ficou chocada porque, 458

pela primeira vez na vida, via Vi envelhecida, perdida, confusa, até enferma. Por um momento sua expressão permaneceu vazia, como se não reconhecesse Edie. Então, finalmente, seus olhos brilharam e uma expressão de alívio imensurável encheu-lhe a face.

- Oh, Edie. Edie fechou a porta.

- Sim, sou eu.

- Mas, por que veio aqui?

- Edmund parou para me ver. Para falar sobre Pandora. Que tarefa difícil. Disse que a senhora estava sozinha. Talvez eu pudesse lhe fazer

companhia....

- Somente você, Edie, mais ninguém. Ele queria que eu fosse para Balnaid com ele.

Foi gentil, mas eu não me sentiria bem lá. Não me sinto forte o suficiente. com os filhos temos que colocar uma máscara de coragem e ser a pessoa certa para consolá-los. E creio que não tenho mais energia para confortar ninguém. Só a necessária

para suportar o momento. Amanhã estarei melhor.

Edie olhou à volta.

- Está muito frio aqui.

- Acho que sim. Nem tinha notado. - Violet olhou para a lareira.

- Eu me levantei cedo. Fiz todo o serviço. Limpei as cinzas, substituí a lenha. Só não me levantei para acender.

- Não levarei mais de um minuto. - Edie desabotoou o casaco e tirou-o, deixando-o sobre a mesa, ajoelhou-se no tapete em frente à lareira, apoiando o corpo sobre os joelhos gordos, e procurou os fósforos. O papel pegou. Depois os gravetos e a pequena pilha de carvão. As chamas subiram.

Violet comentou:

-Estou aqui cheia de culpa, Edie. Deveríamos ter sido mais perceptivas. Deveríamos ter compreendido que Pandora estava doente, quase morrendo. Estava assustadoramente magra. Pele e ossos. Deveríamos ter visto que alguma coisa não andava bem. Mas eu estava tão envolvida com a minha própria família que não me detive para pensar nela. Talvez, se tivesse estado menos auto-absorta, teria sentido que havia algo diferente.

- Suspirou e encolheu os ombros. - Ela estava da mesma maneira que sempre foi.

Bela, flertando, divertida. Encantadora.

- Ela nunca teve um caráter muito forte.

Edie pegou duas achas e colocou-as sobre a pilha de carvão em brasa. Depois, com algum esforço, levantou-se e sentou-se na cadeira defronte a Violet. Usava sua melhor

saia de tweede. um cardigã Shetland, de cores brilhantes na gola, e sua face querida estava rosada pelo esforço de subir a colina. com o fogo brilhando e Edie ali,

sentada do outro lado do tapete, Violet sentiu-se aquecida e não tão desolada.

459

- Ouvi dizer - Edie bisbilhotou - que foi Willy Snoody quem a encontrou.

-Sim. Pobre Willy. Não duvido de que fique bêbado por alguns dias após uma experiência como essa.

- O câncer é uma doença terrível. Mas tirar a própria vida... - Edie sacudiu a cabeça. - Não consigo entender como alguém faz uma coisa dessas.

-Acho que temos que compreendê-la, Edie, senão não conseguiremos perdoá-la...

-... mas os Balmerinos. E Lucilla. Ela não pensou neles?

- Tenho certeza de que sim. Talvez não tenha pensado muito nos outros, e mais em si própria. E ela era tão bonita, atraía tanto os homens. Os casos sempre foram um atrativo em sua vida. Para compreender, devemos tentar imaginar o futuro dela, como obviamente o via. Doente, mutilada pela cirurgia, a luta contra a doença, a perda de todo o cabelo, sem esperanças. - O fogo agora estava mais forte. Violet esticou as mãos para aquele conforto. - Não. Não, Edie, ela não conseguiu suportar.

Não ela, da maneira como era.

- E Edmund? - perguntou Edie.

Não tinham segredos uma para outra. Era uma boa relação. -Você viu Edmund, Edie. -

Mas ele não falou muito.

- Falou muito comigo. Está naturalmente atingido, como todos nós, mas acredito que agora fique bem porque tem Virgínia, Alexa e Henry. O querido Henry. E, quem sabe, Noel Keeling também. Tive um pressentimento de que logo Noel será um novo membro da família.

-Já é certo?

- Só um pressentimento, Edie. Vamos esperar para ver. Além disso, Edmund me disse que tirará uns dias de folga. Quer dedicar algum tempo a Virgínia e a Henry, e naturalmente terá que estar por perto para auxiliar Archie Balmerino. Haverá muita coisa para ser resolvida. Um processo de acidente fatal será inevitável. E depois que tudo isso estiver ultrapassado, virão o funeral e as providências finais.

Depois de tudo, ele e Archie irão pescar juntos, no sul talvez, por alguns dias.

Você

sabe que isso me traz satisfação. Sempre amei Edmund, mas ultimamente não tenho apreciado as atitudes dele. Acho que tudo mudou agora. Talvez ele finalmente tenha compreendido que os pequenos detalhes na vida são às vezes infinitamente mais importantes do que os maiores. É reconfortante saber que, de uma tragédia desnecessária

e apavorante, surgirá pelo menos uma boa consequência, que Edmund e Archie serão bons amigos novamente, como eram antes.

460

- Isso levou muito tempo - Edie lembrou, com os pés no chão, como sempre, e sem medo de falar o que pensava. - Mais de vinte anos.

- É. Edmund se comportou de maneira errada. Ambas sabemos. Edie ficou em silêncio, e depois fez só um comentário.

- A mãe de Alexa era uma mulher muito fria.

Não era uma boa desculpa, mas a lealdade dela a Edmund encheu Violet de gratidão.

- Bem, Edie, você a conheceu bem. Morou com eles em Londres. Você talvez a conhecesse melhor do que todos nós.

- Era boa, mas muito fria.

No aparador sobre a lareira, o relógio dourado de Violet bateu as horas. Uma hora.

Edie ficou surpresa. O tempo passara voando.

- Olhe - disse - já é uma hora. A senhora deve estar precisando de comer alguma coisa. vou até a cozinha ver o que posso fazer. No último sábado deixei uma vasilha com carne cozida. vou aquecê-la. Há o suficiente para nós duas. O que acha? Eu trarei aqui, fique perto do fogo.

- Para mim está ótimo. E, quem sabe, um cálice de sherry para brindarmos a nós duas. - Edie estalou a língua em desaprovação, mas estava sorrindo. Levantou-se e rumou para a porta. - Edie, você ficará aqui comigo? Vamos passar a tarde juntas para falar sobre os velhos tempos.

- Gosto da ideia - disse Edie. - Não tenho nenhum plano especial para hoje. E eu trouxe o meu tricô.

Ela saiu. Um minuto mais tarde, Violet ouviu o barulho dos pratos, o abrir e fechar da porta da despensa. Sons reconfortantes e que faziam uma boa companhia. Levantou-se,

amparou-se no aparador, esperando que os joelhos se firmassem. Por trás do relógio, viu o convite que estava ali há várias semanas. Já enrugara e havia um pouco de sujeira vinda da fumaça do fogo da lareira.

Angus Stenton

Em sua Residência Para festejar Katy

Pegou-o e leu-o pela última vez. Depois rasgou-o e atirou os pedaços no fogo. Eles queimaram, viraram cinzas, desapareceram.

Foi até a porta que levava ao jardim, abriu-a, desceu os degraus e caminhou pelo gramado. O sol se fora, e o céu estava cheio de nuvens de cor cinza. Fazia frio.

Mais frio do que em todo o outono. Setembro estava acabando, e logo chegariam as tempestades de inverno.

Atravessou o jardim e foi até a abertura na cerca, olhou para o lado sul, uma vista incomparável. O vale, o rio, as colinas distantes, sem sol 461

hoje, sombrias, porém belas. Sempre muito belas. Nunca se cansaria delas. Nunca se

cansaria da vida.

Pensou em Pandora. E em Geordie. Geordie, onde quer que estivesse, olharia por Pandora. Pensou em Edie, e pela primeira vez ocorreu-lhe a terrível possibilidade, que talvez a amiga querida morresse antes dela e ela ficasse sem ninguém da mesma faixa de idade, sem ninguém para quem se voltar, para dar um conforto; ninguém para conversar, para relembrar o tempo, o passado.

Disse uma prece:

- Sei que sou uma mulher terrivelmente egoísta, mas, por favor, deixe-me ir antes de Edie, porque sem ela não sei se conseguirei suportar a vida. Não sei se conseguirei

suportar a velhice.

Um som chamou-lhe a atenção. Um grito e um grasnar distantes, comum e familiar, bem acima das nuvens. Outro ganso selvagem respondeu. O

primeiro que ouvia desde que tinham voado para o norte no final da primavera. Perscrutou o céu, abrindo bem os olhos, procurando-os. Então, momentaneamente, as nuvens se abriram, e ela os viu de relance, um único bando em formação para o sul, os vanguardistas de milhares que estariam a caminho.

Estavam adiantados. Tinham ido mais tarde, e retornavam mais cedo. Talvez fizesse muito frio. Talvez o inverno fosse muito rigoroso.

Mas ela sobrevivera a vários invernos pesados antes, e este não seria pior. Na verdade, seria o melhor, porque sentia, de uma maneira meio estranha, que a sua família

lhe havia sido restaurada de volta, e sabia que, juntos, os Airds teriam força suficiente para suportar o que o destino escolhera para arremessar em sua direção.

Era o mais importante. A união. Ali estava a maior força. A sua família, deixando para trás o passado, sem esquecer que, depois do inverno, haveria uma nova primavera

a caminho.

- Sra. Aird?

Ela se virou e viu Edie parada na porta aberta. Atara um avental seu sobre a roupa de sair, e o cabelo branco estava desfeito pela brisa.

- A comida está pronta.

Violet sorriu e acenou com a mão.

- Estou indo, Edie. -Andou... a princípio lentamente, depois mais rápido... subindo o gramado em direção à casa. - Estou indo.

Fim